Sérgio Mattos

VIDA PRIVADA NO CONTEXTO PÚBLICO

Quarteto Editora
2015

Copyright © by Sérgio Augusto Soares Mattos
E-mail: sasmattos@gmail.com

Projeto Gráfico: Quarteto Editora
Capa: Atelier Casa de criação
Fotografia: Rafael Oliveira

Conselho Editorial
Célia Marques Telles (Universidade Federal da Bahia)
Edivaldo Boaventura (Universidade Federal da Bahia)
Edleise Mendes (Universidade Federal da Bahia)
João Carlos Salles (Universidade Federal da Bahia)
Sérgio Mattos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)
Suzana Alice Marcelino Cardoso (Universidade Federal da Bahia)

M435 Mattos, Sérgio
Vida privada no contexto público. Sérgio Mattos. – Salvador: Quarteto, 2015.
648 p. Il
Inclui referências
ISBN: 978.85.8005.090.5
1. Mattos, Sérgio. – Dados biográficos. 2. Contexto histórico e social. I. Título

CDD 920.5

Todos os direitos desta edição reservados à
Quarteto Editora
Av. Antônio Carlos Magalhães, 3213.
Ed. Golden Plaza, sala 702 - Parque Bela Vista - Brotas
40.280-000 - Salvador - Bahia
[71] 3452.0210
quarteto.livros@compos.com.br
www.editoraquarteto.com.br

Este livro vem a lume no ano em que comemoro 50 anos de Jornalismo, 50 anos de literatura e 40 anos de dedicação ao ensino universitário.

Dedico este livro, a minha história de vida, a:

Minha esposa, Denise Orrico de Araújo Mattos, pelo apoio, compreensão e paciência com que sempre tratou os momentos roubados e dedicados à produção intelectual, um trabalho solitário e egoísta;

A meus filhos, Paula e Rafael, e netos;

À memória de meus pais;

E a todos os que fizeram e fazem parte de minha vida, uma história de quem tentou, mas nem sempre acertou nas decisões tomadas e que, mesmo assim, ainda acredita que o futuro pertence àqueles que amam e que ainda sabem sonhar.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE (1948-1962)

1. Apresentação

Em busca das raízes 11

2. A origem de tudo

Sêo Zebinha, meu pai 23

Meus avós paternos 32

Dona Helena, minha mãe 38

Meus avós maternos 43

3. A infância em três etapas (Fortaleza, Recife, Salvador)

Aparado pelas mãos de uma parteira 49

Criatividade e liderança 52

Traquinagens em Recife 66

O portal da magia baiana 75

O mundo mágico da leitura 87

SEGUNDA PARTE (Adolescência - 1963-1967)

4. Colocando os pés no chão

Trabalho e consciência política 105

Aventuras e descobertas (A Pedra dos Pássaros) 130

Engajamento político e teatro 137

Meu envolvimento na Ação Católica 148

TERCEIRA PARTE (1968-1977)

5. Os sonhos perseguidos

O mundo em transformação 157

Iniciando o jornalismo profissional 191

JU, o meu primeiro projeto jornalístico 225

Pioneirismo na criação de alternativas para os livros 246

O embrião da Associação Nacional dos Jornais 256
Atuação como editor local 263
Paternidade: sentimento composto de alegria e medo 279

QUARTA PARTE (1978-1982)

6. Lapidação e aperfeiçoamento

Desafios e conquistas no exterior 291
Vencendo obstáculos 297
Aprendendo inglês 302
Realizando pós-graduação 311
Mantendo o espírito jornalístico 321
Oportunidades aproveitadas e perdidas 324
Ocupando espaços na literatura 330

QUINTA PARTE (1982-1984)

7. Convivência com os contrários

Transpirando política na universidade 341
Enfrentando desafios 346
Sem perder o entusiasmo 367
Rotulado, qualificado e desqualificado 394

SEXTA PARTE (1985-1999)

8. Em busca de novos caminhos

Descobertas, sucessos e perdas 405
Atuando como agitador cultural 421
Um projeto de integração (*A Tarde Municípios)* 439
Candidato a Reitor da UFBA 474
Presidindo instituições culturais 487
Instituto Baiano do Livro (IBL) 487
Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS) 499

SÉTIMA PARTE (2000-2014)

9. Construção e desconstrução

Novos projetos editoriais e musicais 513
Como fui envolvido pela música 522
Atividade acadêmica e a INTERCOM 534
O desenlace de um projeto jornalístico 549
Promovendo a Cultura Baiana(Revista de Arte e Cultura NEON) 565
Abuso do poder político 574
Novos desafios educacionais 584

ANEXOS

1. Esboço da genealogia da família paterna 607
2. Esboço da genealogia da família materna 617
3. Breve perfil de Cosme de Farias 625
4. Relatório do Encontro de Jornalistas de Vitória - ES 631
5. Relatório do Encontro de Jornalistas e Repórteres de Salvador 637
6. Conclusão do Encontro de Jornalistas e Repórteres de Salvador 641
7. Curso de Pós-Graduação do IRDEB 643

PRIMEIRA PARTE
(1948-1962)

ORIGEM DE TUDO

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado 'tal como foi', e que se faria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Eclea Bosi

1

APRESENTAÇÃO

EM BUSCA DAS RAÍZES

É escrevendo o que se viveu que se cria o passado. O passado é o pai da memória. E a memória é a mãe da história.

Dirceu Lindoso

Cada ser humano nasce com uma história própria, um código genético específico, dentro de um contexto histórico diferente e só atingirá a plenitude se a história de vida dele tiver relações com o passado e com o ambiente no qual está inserido e vive o seu presente. Como diz Carl Jung "se um indivíduo cresce sem ligação com o passado, é como se tivesse nascido sem olhos nem ouvidos e tentasse perceber o mundo exterior com exatidão. É o mesmo que mutilá-lo".

Exatamente por isso, começo este livro registrando a razão de minha existência, o amor que uniu meus pais, do qual sou o fruto primogênito. Minha história começa com os nascimentos de meu pai, José de Castro Mattos (Sêo Zebinha), em 4 de maio de 1923 e o de minha mãe, Maria Helena Soares Mattos, Dona Helena, em 15 de abril de 1929. Casaram-se muito jovens: ele com 23, e ela com 17 anos, em 29 de março de 1947. Meu nascimento aconteceu no ano seguinte em primeiro de julho de 1948, na cidade de Fortaleza, Ceará. Geraram sete filhos, cinco homens e duas mulheres: Sérgio Augusto, Amarílio Adérson, Mauro César, Maria da Penha, Cláudio, Lúcia Helena e Daniel.

Até os sete anos de idade não fiz outra coisa que não fosse brincar com meus irmãos, primos e a criançada da vizinhança. Naquela época, criança só começava a estudar a partir dos sete anos. Encontrava-me no meio do terceiro ano primário, quando sofri o primeiro impacto de minha vida: meu pai foi transferido em meados de 1958 para Recife, logo após a Copa do Mundo de

Futebol e, no ano seguinte, para Salvador. Como resultado das transferências, descobri que o mundo era muito maior do que eu imaginava.

Como se integrasse um grupo precursor, apenas eu, como filho homem mais velho, viajei com meu pai para Recife, até que a casa, posteriormente alugada, no bairro da Encruzilhada, permitisse a chegada de minha mãe e de meus irmãos junto com a mudança providenciada pela IBM, multinacional na qual meu pai trabalhava. Passei um longo período como hóspede do Grande Hotel de Recife, sozinho num quarto, com vista para um dos rios que banha a capital pernambucana, lendo pilhas de revistas, histórias em quadrinhos, à espera de meu pai para almoçar e jantar nos restaurantes da Guararapes, no centro da cidade. Chegamos a Recife, não me recordo bem se foi em um avião Constellation da Panair ou num Caravelle da Cruzeiro do Sul, mas tenho certeza de que foi do tipo pinga-pinga, pois fez inúmeras escalas no percurso entre Fortaleza e Recife. Roupas novas foram providenciadas e trajava uma calça comprida escura e uma camisa de manga curta branca trespassada de listras cor de rosa, um presente de minha tia Glícia, casada com um dos irmãos de minha avó, tio Gerardo Aguiar. Ganhei uma caneta compacto tinteiro que vazou e manchou minha camisa nova.

Pela primeira vez fui afastado de tudo o que eu conhecia: do colégio, dos amigos e dos demais parentes. Meus estudos foram interrompidos e na capital pernambucana tive que me esforçar para não perder de ano, tendo sido submetido a um exame de qualificação para ser aceito no quarto ano. Não tinha me adaptado ainda à nova vida quando tivemos que mudar novamente, para Salvador. Novo desafio com relação aos estudos, pois não podia me atrasar, nem decepcionar meus pais que me queriam no ginásio na idade exata. Prestei exame de admissão e fui matriculado no primeiro ano do curso ginasial no Seminário Central da Bahia, em fevereiro de 1960, em regime de internato, com 11 anos de idade.

Essas mudanças de ambiente muito influenciaram e contribuíram para abrir meus horizontes e alimentar meu espírito inquieto e empreendedor, além de criar bases sólidas que até hoje me ajudam na adaptação rápida às situações adversas e a descobrir novos caminhos para alcançar meus objetivos, sempre seguindo em frente. Desde cedo aprendi a tomar decisões, assumindo inteira responsabilidade pelos meus atos. Aprendi a viver distante e independente da tutela e da vigilância materna e paterna, apesar de reconhecer a influência que

exerciam sobre minha concepção de vida, do que é certo e errado, dos compromissos familiares, dos meus deveres e direitos.

No internato aprendi a cumprir rotinas e a disciplinar meus atos objetivamente, além de desenvolver o senso de responsabilidade pelo bem comum. O ganho maior que obtive dessa experiência foi desenvolver o hábito obstinado pela leitura, a gostar de livros e a produzir meus primeiros escritos.

A saída do Seminário, as mortes de João XXIII e de John Kennedy e o meu primeiro emprego no ano de 1963, seguido pelo Golpe Militar de 1964, foram acontecimentos impactantes na formação e processo de conscientização política na adolescência. Logo me engajei em movimentos político-religiosos e culturais da cidade de Salvador, atuando nos grupos de jovens, no bairro do Rio Vermelho, e nas atividades da Juventude Estudantil Católica (JEC), um dos braços da Ação Católica.

Preocupado com as tendências políticas que estava assumindo e com as leituras de livros proibidos, ou de orientação marxista, que fazia – meu pai, funcionário da IBM, multinacional norte-americana, em plena era da Guerra-Fria – tratou de me ocupar e assim consegui meu primeiro emprego aos 14 anos de idade, sem deixar de estudar, como representante de roupas íntimas. O que não me impediu de continuar com minhas leituras.

À época do ginásio e colegial, de autores estrangeiros, eu lia: Ernesto Che Guevara, *La Guerra de Guerrillas*, de 1960. Um manual prático das ações de guerrilha e técnicas de sobrevivência. O *Livro Vermelho da Revolução Chinesa*, de Mao Tsé-tung. Lia também filósofos e pensadores como Karl Marx, Keynes, Max Weber, Georges Politzer, Nietzsche, Schopenhauer, Teilhard de Chardin, Marcel Proust e Régis Debray.

Alguns autores, de difícil assimilação, obrigando-me a ler mais de uma vez para obter a compreensão exata que só passei a ter, já adulto, ao reler várias dessas obras. O livro *A Revolução na Revolução*, de Debray, exerceu forte influência sobre minha geração, estimulando alguns a se engajarem na luta armada contra a ditadura. Li muitos outros livros e autores consagrados e, na maturidade, fiz releituras. Recordando os nomes dos autores e dos títulos lidos fiquei surpreso com a quantidade e a qualidade dos livros que li intensamente durante a juventude.

Dediquei à literatura a maior parte de minhas horas de lazer da juventude. Li todos os gêneros. Li os romances do ativista russo Máximo Gorki, como *Mãe* e sua trilogia autobiográfica. Gorki foi marcante em minha adolescência pela carga de emoção que dava aos seus personagens. Outros autores russos a que tive acesso na época foram Fiodor Dostoievski, com *Os Irmãos Karamazov*; Leon Tolstoi, com *Guerra e Paz* e *Anna Karenina*. Tolstoi impressionava pela maneira de denunciar a hipocrisia de sua época. Os poemas de Boris Pasternak (autor de *Doutor Jivago*) e de Vladimir Maiakovski me fizeram companhia nas horas dedicadas ao lazer.

A leitura de autores russos engajados era contrabalançada com outros como Fernando Pessoa, William Shakespeare, Ezra Pound, T. S. Eliot, Ernest Hemingway (*O Velho e o Mar*, *O Sol também se levanta* e *Por Quem os sinos dobram*), Alexandre Dumas, Julio Verne, Agatha Christie, William Somerset Maugham, Erich Fromm, Antoine Saint-exupéry, Hermann Hesse, além de muitos outros, principalmente os autores de livros de aventuras. Isso sem falar dos autores nacionais, clássicos e contemporâneos.

Desde a juventude nunca fui sectário ou dependente de uma corrente ideológica. Talvez eu tenha seguido o conselho de Thich Nhat Hanh que diz: "Não idolatre nem se limite a nenhuma doutrina, teoria ou ideologia. Todos os sistemas do pensamento estão oferecendo meios; não a verdade absoluta...". E assim, tanto em minhas leituras como em minhas posições de ordem política, social e cultural, sempre procurei encontrar novos caminhos que atendessem minhas expectativas e curiosidade.

Os livros de autores marxistas, leninistas e stalinistas foram foco de minha atenção durante os anos do colegial principalmente porque estavam em moda, todos liam e desfilavam com os exemplares debaixo do braço para reforçar os argumentos quando comentavam os conteúdos. Lembro de alguns colegas, militantes, que inclusive se apresentavam com muito "verniz de orelha" e faziam citações "por ouvir dizer", sem nunca ter lido os livros completamente. Eles exibiam o chamado "conhecimento de sovaco" e aproveitando-se da memória e de habilidades da oratória chamavam atenção pelas intervenções que faziam, até mesmo em rodas de amigos, ao expor pontos de vistas repletos de frases prontas.

Confesso que, à época, a leitura dos filósofos era muito carregada e de difícil assimilação, mas continuei lendo. Apesar do sonho dos comunistas ter

desabado com as denúncias feitas contra Stalin, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética[1], no ano de 1956, a arregimentação e cooptação de jovens para o Partido Comunista no Brasil continuou muito ativo nos anos 1960. Quando tomei consciência das perseguições e dos assassinatos praticados na União Soviética, sob o comando de Stalin, tão nocivo à humanidade quanto Hitler, foi que compreendi as razões porque inúmeros intelectuais romperam com os princípios do Partidão: Stalin tinha mesmo que ser execrado!

Por influência da família trabalhei na IBM como digitador, programador e operador de computadores, quando participei de vários cursos promovidos pela própria empresa. Quando me demiti, abandonando uma carreira promissora pela aventura do jornalismo, foi uma verdadeira frustração para meu pai e os irmãos dele. Eles, que ocupavam importantes funções na IBM, tinham a esperança de que a segunda geração da família Mattos brilhasse também na multinacional norte-americana. Meu pai, com uma habilidade notável, trabalhando em Salvador conseguia se destacar mundialmente como um dos responsáveis pela ampliação da carteira de clientes da IBM, contribuindo para a disseminação de moderna tecnologia no Brasil. Seus irmãos, Alípio e Geraldo, ocuparam funções gerenciais, sendo o primeiro responsável pela região Nordeste e o outro, por todo o país. Com a chegada dos computadores, a IBM passou a viver uma nova fase, primando pela qualificação de seus quadros. A partir de então quem não possuía diploma de nível superior começou a ser substituído e esta política atingiu meus tios que ocupavam posições de gerenciamento.

Trabalhar, estudar e participar de movimentos políticos e culturais continuou sendo minha escolha. Participei de todos os movimentos e passeatas estudantis a partir de meados da década de 1960, exercendo a liderança estudantil principalmente no Colégio Estadual da Bahia (Central), aonde cheguei a coordenar o grupo de JEC – Juventude Estudantil Católica, e integrei o GA-

[1] Em fevereiro de 1956 foi realizado o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, quando Nikita Kruschev, então Secretário Geral do Partido, apresentou um relatório nominando os crimes cometidos por Stalin, quando à frente do governo soviético, contra a legalidade socialista e os princípios do marxismo-leninismo. O relatório deveria ser secreto, mas vazou, tendo sido publicado pelo *New York Times* e por vários outros jornais do mundo, inclusive pelos jornais brasileiros *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo, e *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Naquele mesmo ano outro fato contribuiu para decepcionar, ainda mais, parte dos intelectuais que acreditava nas propostas socialistas dos soviéticos: a invasão da Hungria pelo exército soviético com o objetivo de sufocar uma rebelião contra um governo de linha stalinista. Com a invasão, milhares foram mortos e centenas de húngaros confinados em campos de concentração.

TEB – Grupo Amador de Teatro Estudantil da Bahia, um grupo que congregava, coincidentemente, também integrantes e lideranças de todos os partidos e movimentos políticos da época do Central. A palavra de ordem era "ocupar espaços". Líamos, discutíamos textos e ensaiávamos várias peças, de Gil Vicente, Martins Pena a Bertolt Brecht com o clássico "A exceção e a regra", sem, contudo, chegarmos a encená-las. Nos anos anteriores, antes de minha entrada no Central, em 1965, o grupo chegou a encenar algumas peças.

Dom Eugênio Sales, Cardeal Primaz do Brasil, acabou com a JEC, JOC e JUC em Salvador, da mesma forma que ocorreu no resto do país devido ao momento político que vivíamos. Mas, na verdade, a JUC – Juventude Universitária Católica, e a JOC – Juventude Operária Católica, estavam muito mais embrenhadas na política do que a JEC, com exceção de meu grupo no Colégio Central da Bahia. Inúmeros membros da Ação Católica em todo o país ingressaram na AP – Ação Popular, para lutar contra a ditadura.

Participei ativamente de grupos de lideranças estudantis até 1969 quando, como jornalista profissional, antes mesmo de concluir o curso universitário, e por ter casado em 1970, decidi que não dava mais para exercer minhas funções com isenção e ao mesmo tempo ter uma participação política mais engajada. Preferi dar minha contribuição à luta da sociedade contra a ditadura de outra forma, procurando divulgar, denunciar, quando possível devido à censura, o que fosse permitido no sentido de conscientizar a comunidade das necessidades do país. No entanto, não perdi os contatos nem as amizades da militância.

O ingresso no Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Bahia, em 1968, e a minha participação na equipe fundadora da *Tribuna da Bahia*, sob a orientação do jornalista Quintino de Carvalho, foram acontecimentos de grande importância na minha vida profissional como jornalista. O Jornalismo, juntamente com o magistério, sempre foi minha primeira opção. Quando me iniciei no magistério, o fiz na UFBA, como professor do Curso de Jornalismo.

Outro acontecimento de grande impacto em minha vida pessoal e profissional em todos os sentidos, além do primeiro casamento, aos 22 anos de idade, e a chegada dos dois filhos (Paula e Rafael), foi a busca do aperfeiçoamento acadêmico, com a viagem aos Estados Unidos, onde realizei estudos de pós-graduação, obtendo os títulos de Mestre e de Doutor em Comunicação pela Universidade do Texas. Em agosto de 1982, aos 34 anos de idade completei minha formação acadêmica e retornei ao Brasil.

Foi, no entanto, a partir de 1976 que comecei a realizar várias viagens internacionais de cunho cultural, como turista e observador, ou a trabalho, como jornalista. As viagens contribuíram para a formatação de minha visão de mundo e a busca pelo equilíbrio e o bom senso. Na Europa, constatei o empirismo anglo-saxônico, o resultado do imperialismo e o acúmulo da riqueza extraída das colônias, inclusive do Brasil. Na América Central, no México, constatei a destruição da cultura milenar asteca pelos conquistadores espanhóis. Não realizei ainda o sonho de conhecer os países orientais, mas as leituras constantes ajudam na aprendizagem da história e das culturas milenares. Enfim, foi visitando vários países e culturas diferentes e morando nos Estados Unidos que amadureci minha visão de mundo, de cultura e de solidariedade humana.

Minha obra acadêmica e literária, os produtos criados, implantados e as realizações culturais são frutos da simbiose da visão cartesiana da educação calcada na experiência europeia, misturada com o pragmatismo e liberalismo norte-americano, temperadas com a visão teórica da escola latino-americana, sem desconsiderar uma boa pitada do humanismo brasileiro, do traquejo baiano e das lições de vida adquirida no seio familiar.

O retorno ao Brasil em 1982 após estudos de pós-graduação, o fim da ditadura, em 1985, a eleição de Tancredo Neves, que nos deixou um sabor de quem ganhou, mas não levou, e o início da Nova República até os dias atuais do século XXI foram impactantes em minha vida. O período entre 1948 a 2014, saliento, foi conturbado, cheio de guerras (Coreia, Vietnã), de revoluções (chinesa e cubana) e marcado por golpes militares e ditaduras que se espalharam por todos os continentes, principalmente na América Latina. Tudo isso, e mais alguma coisa, serviu de pano de fundo alimentando o antagonismo entre os Estados Unidos e a União Soviética, que tentaram impor suas ideologias e valores por todo o mundo.

Nos anos 1970, houve o enfraquecimento da Guerra Fria e tentativas de limitar a corrida armamentista entre as duas potências. No fim da década de 1980 aconteceu a desintegração do bloco socialista e o fim da Guerra Fria, simbolizada pela queda do Muro de Berlim no dia 9 de novembro de 1989. Visitei a Alemanha logo após a queda do muro, na condição de jornalista convidado e senti o nascimento de uma nova era, onde os sonhos poderiam ser possíveis. A Alemanha foi reunificada oficialmente em outubro de 1990.

No entanto, foi a partir daí que o mundo passou a conviver com ataques terroristas e um novo tipo de disputa, motivado pelo interesse econômico. Os ícones dessa fase são a invasão do Iraque, o ataque às torres gêmeas de Nova York e os conflitos no mundo árabe. Todos estes acontecimentos globais influenciaram, direta e indiretamente, meu modo de ser e viver, minhas atitudes profissionais, minha produção intelectual e meus relacionamentos pessoais, político-ideológicos, sociais e culturais.

Dentro de minhas limitações e realidade, minha obra começou a ser construída em 1965, quando passei a escrever em jornais, apesar dos primeiros escritos, sem registros, terem sido produzidos no Seminário, a partir dos 11 anos de idade, em 1960. No ano de 1968, juntamente com meu amigo Ivan Dorea Soares, lancei a revista de poesia *Experimental*. Em 1973, lancei meu primeiro livro individual de poemas, *Nas Teias do Mundo*. Na década de 1980, dirigi órgão público e planejei a implantação da Televisão Educativa da Bahia. Na década de 1990, contribui para a fundação do IBL – Instituto Baiano do Livro e da ALAS – Academia de Artes e Letras do Salvador, tendo sido o primeiro presidente das duas instituições. No final da década de 1990, experimentei o empreendedorismo comercial e lancei a *NEON*, revista de arte e cultura, desativada em 2004.

Foi, no entanto, a partir da década de 1970 que passei a produzir artigos, capítulos de livros, opúsculos, livros e letras de músicas, disseminando minha produção e o conhecimento adquirido por meio dos veículos de comunicação de massa onde trabalhei. Implantei produtos inovadores que contribuíram para melhorar o jornalismo praticado com ética e voltado para valorizar as notícias regionais, a exemplo do *Jornal de Utilidades*, *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural*, que foram planejados, conscientemente, para atuar como uma alternativa de oposição às tendências homogeneizantes globalizadas. Graças ao trabalho voltado para o desenvolvimento regional e o fortalecimento do municipalismo fui agraciado, como prova de reconhecimento, com títulos de cidadania de vários municípios[2], propostos por integrantes de partidos políticos diferentes, da situação e da oposição, além de ter recebido também o título de Cidadão Baiano, aprovado por unanimidade, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

[2] Além do título de Cidadão Baiano concedido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia fui agraciado com a cidadania dos seguintes municípios: Cachoeira, Cruz das Almas, Feira de Santana, Juazeiro, Ilhéus, Itabuna, Santo Antônio de Jesus, São Felipe e Piritiba.

No ano 2000, recebi o cobiçado Prêmio Luiz Beltrão de Comunicação, na categoria de Maturidade Acadêmica, outorgado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, entidade que congrega mais de mil pesquisadores (mestres e doutores) da área da comunicação e que tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades e centros de pesquisa. Minhas obras, produtos profissionais e ideias podem suscitar polêmicas, inveja ou servir de apoio e exemplo, ou não, para outros. O importante é que meus livros e minhas ideias estejam circulando e provocando debates na busca da construção de um mundo melhor.

A minha história de vida é a de um homem comum e trabalhador. É a história de um produtor, de um agitador cultural. Conscientemente sempre procurei dar minha contribuição às artes e à cultura, deixando uma marca pessoal em tudo em que estive envolvido, tendo experimentado tanto a satisfação do sucesso como o gosto do fracasso em alguns empreendimentos. No que tange à área da comunicação, dediquei-me ao jornalismo, profissão que abarquei com todas as minhas forças, praticando-a nos veículos e ajudando a formar novos profissionais na Universidade. No campo da pesquisa, elegi como temas preferidos a censura e a história das mídias, com ênfase especial para a televisão.

É do conhecimento geral que as memórias individuais são sempre únicas e singulares, pois cada indivíduo tem uma experiência de vida própria, com DNA específico. A história de cada indivíduo nunca será igual à de qualquer outro e, neste sentido, a narrativa da história de uma vida sempre será uma contribuição diferenciada, pois acrescentará uma nova versão dos fatos vividos, enriquecendo e ampliando o patrimônio histórico-cultural da humanidade. Assim sendo, neste livro, que foi um processo de muito esforço e dedicação, tento reconstruir minhas experiências, analisando-as com minha visão do presente. São reflexões sobre como determinados fatos contribuíram para mudar minha vida, abrindo ou fechando portas, eliminando oportunidades ou me oferecendo outras.

Tenho consciência de que, ao escrever estas memórias, uma autobiografia, corro o risco de omitir mais do que revelo, ou seja, em alguns momentos idealizei mais do que narrei. Corro também o risco de parecer pretensioso e de ser acusado de vaidoso e de me esconder na subjetividade para transmitir uma imagem melhor do que a real. No entanto, como diz Antonio Candido,

> *A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração, julgam-se, a princípio, diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais de sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visões de mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar*[3].

A partir de meu ponto de vista, apresento um relato de vida no qual procuro também resgatar a história de minha família. Para esclarecer certos pormenores procurei ouvir e colher depoimentos de familiares, amigos e contemporâneos. Os textos autobiográficos são de caráter memorialístico, mas, neste caso, procuro fazer uma narração pautada também em documentos e fatos, contextualizando a história contemporânea na qual transito como personagem com algumas virtudes e defeitos, com sonhos e ilusões, com vitórias e derrotas, na corrida de obstáculos em que se constitui a vida.

As interpretações e análises que faço de meu tempo de vida podem apresentar contradições se confrontados com relatos e testemunhos de outras pes-soas, mas representam a expressão de minha consciência e da percepção de minha própria vida inserida no contexto socioeconômico, cultural e político do país e da Bahia em particular. Ao longo dos anos exerci múltiplas atividades, às quais me entreguei com dedicação. Mas duas delas sempre se destacaram e estiveram próximas: jornalismo e educação, contribuindo e influenciando diretamente na construção de minha obra.

Segundo Robert Maxwell Young, "uma única biografia pode conter ideias, narrativas, desejos, personagens e validação da subjetividade da vida humana". Em razão deste princípio, busco aqui reconstruir e fornecer uma visão de minha época, de minha geração, que esteve, durante todo o tempo, cercada por tudo que pudesse ser considerado como novo e moderno, além de ter convivido com um dos mais longos períodos de autoritarismo e violência militar no país. Para fugir da linearidade temporal, lanço mão de recursos técnicos utilizados por memorialistas, como o das constantes idas ao passado e retornos ao presente, com o objetivo de dar um maior dinamismo à minha narrativa, apesar

3 CANDIDO, Antonio. "O significado de Raízes do Brasil". In Sergio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, 26 ed., São Paulo: Cia das Letras, 1995,p.9.

do livro estar estruturalmente dividido em etapas cronológicas. Isto se torna possível porque posso me deslocar no tempo por estar dentro (como personagem) e fora (como narrador) da história.

Em síntese, não escrevi este livro para revelar detalhes sórdidos, das perseguições dos invejosos, nem tão pouco para contar vantagens. Escrevi para identificar aspectos sociológicos do mundo real, da vida, do dia-a-dia, que contribuíram para a formação de minha personalidade, interferindo em minhas escolhas e como evolui para chegar ao que sou a partir do que realizei ao longo da vida, com minhas conquistas, derrotas e, principalmente, as pequenas contribuições que dei na construção de um mundo melhor. Tenho consciência de que aprendi com as derrotas sofridas e que nas dificuldades encontrei forças para "dar a volta por cima" e prosseguir na trajetória de vida com simplicidade e sem arrogância. De certa forma, tento mostrar como, por meio do relato de uma vida comum, é possível transformar a experiência individual em uma ferramenta de conhecimento.

Ao longo desta história de vida constatei que o Jornalismo, perante o poder constituído, é importante e que pode ajudar na solução de vários problemas, enquanto muitos jornalistas, vaidosos, arrogantes e cortejados, não passam de personagens de importância frágil e relativa no contexto geral. Este livro é, na verdade, a busca do EU, do meu SER real, do autoconhecimento, no qual relato a história da Bahia contemporânea, contextualizada, comigo dentro, exercendo o papel de ligação entre os fatos, as pessoas e as instituições. Acredito que um dos méritos deste livro seja o resgate de detalhes da história, destacando o envolvimento de pessoas e o próprio desenvolvimento da imprensa da Bahia, que, com certeza, fazem a diferença.

2

SÊO ZEBINHA, MEU PAI

Quando encaramos nossos pais com compaixão, muitas vezes vemos que eles são apenas vítimas que nunca tiveram oportunidade de praticar a plena consciência. Eles não tinham como transformar o sofrimento dentro de si. Se os contemplarmos, porém, com olhos compassivos, poderemos lhes oferecer a alegria, a paz e o perdão. Na realidade, quando olhamos em profundidade, descobrimos ser impossível ignorar toda a nossa identidade com eles.

Thich Nhat Hanh

José de Castro Mattos, meu pai, nasceu no dia 4 de maio de 1923 e morreu em 4 de julho de 2001, aos 78 anos de idade. Filho de Amarílio Brasil de Mattos e de Clarice de Castro Mattos, que, além dele, tiveram outros sete filhos, num total de quatro homens e três mulheres: Alcides, Alípio, Geraldo, Áurea, Maria Adelaide, Maria José e Gracília. José era caçula dos irmãos homens e era muito conhecido pelo apelido de Zeba ou Zebinha, como os irmãos e amigos mais chegados o tratavam. Apesar de não ter concluído o segundo grau, pois cursou apenas o ginásio[1], era empreendedor por natureza, além de um inovador no sentido americano da palavra. Gostava de experimentar e adquirir tudo do mais moderno que suas posses lhe permitissem. Como chefe de família, era do tipo que não deixava faltar nada do bom e do melhor e em quantidade no que se refere à alimentação e ao bem-estar de todos. Gostava de conforto e de ver sua casa arrumada. Ele foi dos primeiros a possuir fogão elétrico e depois fogão

[1] Foi no Ginásio Fortaleza, na Av. Visconde Cauípe, que meu pai cursou e concluiu o curso ginasial. Com suas notas, de acordo com as médias anuais obtidas e registradas em um velho boletim que localizei, ele estaria classificado entre alunos medianos. Na primeira série, cursada em 1939, foi aprovado com média 6,3; na segunda série, cursada em 1941, obteve a média 6,9; a terceira, cursada em 1942, obteve a média 6,4; e, na quarta e última série do ginásio, ele foi aprovado com média 6,9. Vale destacar que nesse período ele estudava e trabalhava, pois seu pai havia morrido em 1941.

e aquecedor de água a gás na cidade de Fortaleza. Tudo o que aparecia de novidade, as chamadas modernidades norte-americanas, ele adquiria.

Após a Segunda Grande Guerra, quando o país ainda estava se organizando, sob o governo do general Eurico Gaspar Dutra, meus pais se casaram[2] em 29 de março de 1947. Na época, o mundo estava dividido em dois blocos, o capitalista, sob a liderança dos Estados Unidos, e o comunista, sob o comando da União Soviética. A influência norte-americana era grande e admirada principalmente em Fortaleza onde funcionou uma base aérea norte-americana na época da guerra.

Meu pai gostava de receber e mantinha a casa sempre cheia e a mesa farta, mas as regras com os filhos eram duras para que ganhássemos noções sobre dinheiro e responsabilidade. Na hora das refeições todo mundo tinha que se sentar à mesa e comer juntos. "Quer ter carro, trabalhe e compre o seu para saber quanto custa e saber valorizar o que tem". O seu maior medo era ter um bando de marmanjos – vagabundos dentro de casa. Éramos sete, cinco homens e duas mulheres.

Como morávamos em frente à praia, ele temia que integrássemos o time dos que não faziam nada e passavam o dia inteiro na praia, bebendo, fumando e jogando futebol. Tratou de encaminhar todos os filhos, possibilitando o estudo nos melhores colégios, mas exigindo retorno e agindo com rigor, quem não se dedicasse aos estudos tinha que trabalhar ou até mesmo trabalhar e estudar simultaneamente, pois, como dizia, "trabalho não mata ninguém".

Era um vendedor nato e como tal se destacou em todas as empresas e empreendimentos que realizou e se orgulhava de sua capacidade de trabalho. Junto com o cunhado, José Harildes, irmão mais velho de minha mãe, lançou um Projeto Fotográfico sobre Fortaleza, reunindo em um álbum de fotografias os mais belos pontos da cidade. Ganharam dinheiro com o empreendimento, pelo que ouvi falar.

[2] Em menos de um mês aconteceram três casamentos na casa de meus avós: o irmão mais velho de minha mãe, José Harildes se casou no dia 15 de março; minha mãe, no dia 29 de março; e, a irmã de minha avó, Cleomar, que morava com ela, se casou no dia 7 de abril de 1947, segundo depoimento de minha tia Neuman que tem boas recordações daqueles dias de festas. Minha tia Neuman lembra ainda que, como minha avó não permitia que meus pais, quando ainda namorando, fossem ao cinema sozinhos, ela era escalada para acompanhá-los, mas só se lembra do início de cada filme assistido, pois caía no sono e era acordada quando o filme terminava.

Trabalhou nos departamentos comerciais de emissoras de rádio em Fortaleza, agenciando anúncios. O rádio era uma de suas paixões. Exerceu também a função de caixeiro-viajante, vendendo produtos variados pelos Estados nordestinos e cidades do interior cearense. Abandonou essas viagens quando resolveu assumir o empreendedorismo, implantando uma loja de doces, balas e frutas no coração da cidade, na Praça do Ferreira.

Como se deu bem no comércio, ele ampliou o negócio instalando outra loja, uma *bombonière*. Para a ampliação do empreendimento, contou com o apoio e o envolvimento da família, pois tanto minha avó Clarice, como minha tia Gracília e minha mãe ajudavam no enchimento dos saquinhos com balas, bombons, chocolate, biscoitos e outros produtos.

Como empreendedor ousado, desde sua juventude sempre correu riscos, realizando compras cada vez maiores para atender ao mercado em expansão. Essa prática contribuiu para sua falência, uma vez que adquiriu uma grande partida de frutas que chegaram podres a Fortaleza, devido a um atraso do navio que fazia o serviço de cabotagem, ligando o norte ao sul do país. As perdas foram tão grandes que o obrigou a ir morar na casa de sua tia Evangelina, irmã de minha avó.

Poucos meses depois, demonstrando persistência e espírito empreendedor, arrendou o restaurante do Hotel Excelsior, que era então o maior prédio da Praça do Ferreira. Desistiu do restaurante, pois não obteve o lucro projetado. Reiniciou as atividades de vendedor pelo interior do Estado, quando passou a levar minha mãe em sua companhia.

Mesmo sem ter conhecimento teórico, meu pai exibia as atitudes corretas ensinadas hoje nas Universidades para se obter sucesso no setor de vendas. Digo isso porque ele sabia manter o foco, gostava do que fazia e acreditava no que fazia. Tinha confiança em si mesmo e isso era demonstrado na motivação que o impelia a tomar iniciativas, com criatividade e inteligência emocional. Sabia como superar obstáculos e era um profissional persistente. Exerceu inúmeras outras atividades, até que, em meados da década de 1950, ingressou na IBM, graças ao cunhado Walmir Barbosa Carvalhedo, casado com minha tia Adelaide, que intercedeu junto aos irmãos dele, que já trabalhavam na IBM, ocupando cargos de destaque, para que lhe dessem a chance de trabalhar como vendedor.

E ele não desperdiçou a oportunidade, destacando-se internacionalmente como um dos melhores vendedores da IBM. Por mérito foi agraciado, em

várias oportunidades, com o título de melhor vendedor. Por anos consecutivos sempre obteve uma das três primeiras colocações entre os que haviam excedido as metas de vendas pré-estabelecidas. A IBM promovia a entrega dos prêmios durante as convenções que eram realizadas em vários locais do mundo. Ele conheceu vários países e recebeu diplomas e broches, em forma de "Pepitas de ouro", concedidos a quem se destacava. Minha mãe só o acompanhou quando a convenção anual foi realizada no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, tudo por conta da IBM.

Além das viagens patrocinadas, ele recebia certificados, troféus e naturalmente algum prêmio em dinheiro, pois sempre que retornava trazia as malas cheias de presentes, brinquedos movidos a pilha, por exemplo, uma sofisticação que não existia ainda no Brasil, roupas para os filhos e para a mulher, além de *souvenir* para a casa. Certa feita, em um desses encontros, realizado no México, nos trouxe camisas de manga comprida com motivos texanos, de cowboy americano, que fazia muito sucesso com suas cores vivas variadas e botões de madrepérola.

Lembro de meu pai calçado em sapatos de cromo alemão e sempre usando um perfeito nó de gravata em seus ternos de linho branco ou cinza, sempre impecável ao sair de casa, retornando com o terno, antes divinamente engomado, todo amarrotado. Era audacioso e vaidoso. Gostava de comer bem, era confiante em sua capacidade de trabalho e bom de conversa. Quem o visse conversando na rua, não identificava aquele homem sério e de pouca conversa com os filhos dentro de casa. Só na vida adulta, depois de casado, consegui manter altos papos com ele, conhecendo-lhe melhor suas posições, desejos e frustrações.

Por muitos anos usou um bigodinho ao estilo de Clark Gable, que lhe dava um ar de galanteador. A cor cinza-amarelada de seus olhos, tipo olho de gato, contribuía para aumentar o charme que ele ostentava. Nenhum dos filhos, nem os netos herdaram a cor dos olhos dele.

Em 1958 a IBM – World Trade Corporation do Brasil – sentenciou a transferência de meu pai para uma cidade maior e que estivesse à altura de seu potencial de vendas. Foi transferido para Recife, onde permanecemos cerca de nove meses, sendo novamente transferido para a Bahia. Chegamos a Salvador nos primeiros dias do mês de setembro de 1959.

Na época, o desenvolvimento da Bahia era grande, devido à presença marcante da Petrobras, da Universidade Federal da Bahia, do Governo do Esta-

do, da Ceplac e do Instituto do Cacau da Bahia, que se constituíam nos maiores clientes de meu pai que os abastecia com relógios de ponto, máquinas de escrever elétricas e de esfera, principalmente, e posteriormente com computadores. Os resultados das vendas eram tais que meu pai, sediado em Salvador, conseguia superar, por exemplo, os vendedores da IBM em centros como Nova York, Los Angeles, Londres, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades, ultrapassando as metas de vendas projetadas.

Um acidente automobilístico, quando ia a um compromisso da IBM, no Rio de Janeiro, seguido de um derrame foram motivos de seu afastamento após ser submetido a inúmeras juntas médicas, inclusive a uma que veio diretamente dos Estados Unidos. Meu pai escapou com vida do acidente por um triz. Recebeu na época uma indenização fabulosa, com a qual investiu na loja que já mantinha em casa, na época chamada de Boutique Madá, nome fantasia. A empresa foi registrada com o nome de solteira de minha mãe: M. H. Soares.

A boutique de casa era especializada em sapatos, sandálias e roupas íntimas femininas. A clientela era toda feminina e era muito frequentada. E como bom empreendedor, na época, meu pai criou um sistema de crédito e parcelamento para os clientes que poderiam adquirir o que desejassem, realizando o pagamento em suaves prestações mensais. O sistema era controlado por meio de fichas nas quais eram feitas as anotações de novas compras e dos valores recebidos. A cada movimentação era registrada também a assinatura do cliente. Viajava pessoalmente para fazer as compras e tinha muito bom gosto. Aliás, pelo que sei as roupas de minha mãe era ele quem comprava: sapatos, saias, vestidos, blusas, adereços e joias. Por sua vez, ela cumpria um ritual diário: escolhia a roupa dele, da cueca à gravata. Enquanto ele tomava banho e fazia a barba, ela colocava sobre a cama a roupa que ele ia vestir no dia.

A Boutique Madá tinha estoque superior ao de algumas lojas da Rua Chile e da Avenida Sete, onde, depois que deixou a IBM, ele instalou uma loja de presentes, uma das primeiras a ter ar condicionado, o que de certa forma atrapalhava as vendas, pois os clientes viam a porta fechada e não entravam: era a Mima Presentes, no trecho das Mercês, próximo da Livraria Pindorama, de Ivo Andrade, da loja Antenor Decorações e da revenda de automóveis de Benedito Borges. Mais precisamente, a Mima ficava em frente à pequena agência do Bamerindus, do outro lado da rua, onde abri minha primeira conta bancária e como era "de menor", sob a autorização e responsabilidade de meu pai.

Nesse período ele também fez vários negócios com automóveis, chegando a trocar de carro até três vezes no mesmo ano. Quando encerrou as atividades da Mima Presentes foi trabalhar na Suprema Móveis, de Jaime Fischer. Em lá chegando perguntou qual a área que nenhum vendedor estava trabalhando, tendo a indicação de que a área governamental não interessava a ninguém. Ele pegou o setor e se dedicou a tal ponto que acabou sendo o responsável pelas vendas de praticamente todo o mobiliário, cortinas e tapetes instalados nos prédios do Centro Administrativo da Bahia (CAB), durante o primeiro governo de Antonio Carlos Magalhães.

Por muitos anos, acompanhou o crescimento do CAB e não escondia sua admiração pelo empreendedorismo de ACM e com a eficiência do seu então jovem secretário do Planejamento, Mário de Melo Kertész, responsável pela implantação dos prédios projetados pelo arquiteto João Filgueiras Lima[3], o Lelé, e pela transferência das Secretarias de Estado, antes espalhadas por vários locais e, a partir de então, concentradas numa mesma área.

Tive oportunidade de acompanhar de perto a implantação do prédio da Secretaria de Agricultura, que exibe um belíssimo painel de Juarez Paraíso, porque ali trabalhei na função de assessor de imprensa do engenheiro agrônomo Raymundo Fonseca Souza, Secretário da Agricultura, durante o primeiro governo de ACM, tendo permanecido na função até o ano de 1976, no governo de Roberto Santos, quando o Secretário foi o médico veterinário José Guilherme da Motta. Deixei a Secretaria da Agricultura porque fui aprovado em concurso, em 1976, para professor Auxiliar da Universidade Federal da Bahia, onde já ensinava desde 1975 na condição de professor-colaborador, hoje identificado como professor-substituto.

A participação de meu pai no atendimento dos prazos dos pedidos, encontrando soluções para os problemas que iam surgindo, foi tal que ele acabou sendo pintado por Carlos Bastos[4], como um dos passageiros das barcas

[3] João Filgueiras Lima, conhecido por Lelé, é arquiteto diplomado pela Universidade do Brasil, atual UFRJ. Ele trabalhou com Oscar Niemeyer, Mauro Esteves e Lúcio Costa em Brasília durante a construção da capital brasileira. A obra criativa de Lelé pode ser vista em Salvador, onde projetou a maioria dos prédios do Centro Administrativo, as passarelas das avenidas e a sede da Prefeitura, o Palácio Tomé de Sousa, durante a gestão de Mário de Melo Kertész.

[4] O artista plástico Carlos Bastos nasceu em Salvador, no bairro do Rio Vermelho, em 12 de outubro de 1925 e morreu em 13 de março de 2004, aos 78 anos de idade. Além de ser um pioneiro das artes modernas na Bahia, ele era considerado como o "Príncipe dos Pintores da Bahia". Ganhou fama como pintor, retratista, muralista, ilustrador e cenógrafo, sendo o responsável

do painel instalado no salão da plenária da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. O painel que ele pintou na Assembleia é "A Procissão do Senhor dos Navegantes", uma de suas obras-primas.

***

O painel, pintado em 1993, é a segunda versão da obra e sofreu algumas modificações, com a inclusão e subtração de personagens. A primeira, da qual meu pai fazia parte, inaugurada em 1974, foi destruída pelo fogo em 1978. A obra mostra a Galeota e barcos menores, conduzindo personalidades da política, das artes e cultura da Bahia.

Carlos Bastos iniciou sua formação artística na Escola de Belas Artes da UFBA, tendo sido aluno de Raymundo Aguiar e de Alberto Valença, entre outros. Utilizando cores fortes, suas telas e desenhos minuciosos retratam o povo, a cultura e a região da Bahia. Inúmeros são os painéis e murais que ele pintou em prédios públicos de Salvador.

Nesse período de desenvolvimento da economia e da cultura baiana, meu pai se mantinha em sintonia com tudo o que acontecia principalmente na área cultural. Foi ele, por exemplo, quem me apresentou aos artistas plásticos Lênio Braga e a Calasans Neto[5], Mestre Calá, que produziu a capa (uma gravura de um dragão) do terceiro número da *Revista Experimental de Poesias*, que lancei, com Ivan Dorea Soares, em 1968. Na época em que o conheci, ele morava com sua mulher, Alta Rosa, na Rua Oito de Dezembro, no bairro da Graça, num pequeno apartamento. Depois foi que o casal se mudou para Itapuã e passou a morar na Rua das Amoreiras, tendo como vizinho o também artista plástico Sante Scaldaferri, onde mantinham seus respectivos ateliês. Na década de 1970,

pela capa de um dos meus livros de poemas, *Étendard*, publicado no ano de 1998, pela GRD Editora, de São Paulo. O livro é a versão em francês, feita por Daniel Bloom, do livro Estandarte. No mês de março de 2004, dediquei, na condição de editor, a capa da revista NEON a Carlos Bastos.

5 Calasans Neto era pintor, gravador, ilustrador, desenhista, entalhador e cenógrafo. Nasceu em Salvador em 11 de novembro de 1932 e morreu em 30 de abril de 2006. Ele teve ativa participação nos movimentos culturais da Bahia, tendo sido um dos fundadores, na década de 1950, da Jogralesca, da revista Mapa e da Editora Macunaíma. Mestre Calá, como era conhecido, destacou-se também como criador de cenários teatrais e cinematográficos, inclusive de filmes de Glauber Rocha e de Rui Guerra. Tive a honra de ter sido seu amigo e de poder prestar-lhe uma homenagem, dedicando a capa de um dos números da revista NEON, considerado um dos maiores gravadores da Bahia, publicando também uma longa entrevista que ele concedeu a mim e ao jornalista Reynivaldo Brito.

o aprazível bairro de Itapuã passou a atrair inúmeros artistas e poetas que passaram a residir por lá, dentre os quais Vinícius de Moraes e Ildásio Tavares.

***

Meu pai também foi o responsável pela venda dos móveis do auditório, cortinas e tapetes da nova sede da Academia de Letras da Bahia[6], que foi inaugurada no dia 7 de março de 1983, no Solar Góes Calmon, sob a presidência do professor Claudio Veiga. Foi por intermédio de meu pai que me aproximei do então presidente da Academia de Letras da Bahia. Posteriormente, o meu amigo Jorge Calmon, com quem trabalhei muitos anos no jornal *A Tarde*, reforçou os laços dessa amizade. Claudio Veiga e Jorge Calmon sempre compareceram juntos aos meus lançamentos.

Depois que meu pai deixou a Suprema Móveis, ele se dedicou à representação de fábricas de móveis de escritório de alto estilo do sul do país, a exemplo da Forma, tendo montado um showroom, por iniciativa própria, na Avenida Manoel Dias da Silva, no bairro da Pituba, que depois passou para o da Barra, próximo da Associação Atlética da Bahia. As instalações dessas lojas, em bairros fora do centro comercial, já demonstravam que ele estava sintonizado com o crescimento e as tendências de mudanças urbanas da cidade e soube acompanhá-las no devido tempo. Trabalhou no ramo, como representante de indústrias da área mobiliária até sua aposentadoria e após a morte de minha mãe ele se casou novamente, em 1994, com Eusenir de Castro Araújo, retornando ao Ceará no ano de 1995. Doente, retornou à Bahia, onde residem todos os seus filhos e netos, onde morreu, no ano de 2001.

***

Apesar de um tanto quanto distante, devido às inúmeras viagens, sua presença sempre se fazia sentida devido à sua personalidade marcante. Ele inspirava nos filhos um misto de medo e respeito. Diariamente minha mãe presta-

[6] A doação do Palacete Góes Calmon para funcionar como sede da Academia de Letras da Bahia foi providenciada pelo então governador Antonio Carlos Magalhães que, em 24 de julho de 1981, enviou uma Mensagem à Assembleia Legislativa solicitando autorização para proceder a ação. Após a concretização do ato foram iniciadas as obras de recuperação e adaptação do prédio, que só foi inaugurado durante o governo de João Durval Carneiro, no ano de 1983. A Secretaria de Educação e Cultura, que estava sob o comando do acadêmico Edivaldo Boaventura, foi o órgão que finalizou a compra e o pagamento do mobiliário do auditório, tendo meu pai atuado como o responsável pela venda e instalação das peças.

va contas de como os filhos tinham se comportado e, se necessário, ele estava pronto para punir os infratores com algumas lapadas de cinturão nas pernas ou para aplicar penalidades: castigos, corte da mesada, a proibição de assistir televisão ou de frequentar o cinema do bairro aos domingos. Para ele, quem não quisesse estudar tinha que trabalhar. Esta regra era uma lei que ele aprendeu em sua própria casa, onde todos os irmãos migraram de Fortaleza para o Rio de Janeiro em busca de trabalho.

Recordo que, por influência de minha mãe, que desejava ter um filho no ramo religioso, eu que já tinha sido encaminhado, tendo aprendido a ajudar missa, acabei entrando para o Seminário com o objetivo de estudar para ser padre. Meu irmão Amarílio também estudou interno no Seminário, só que na Ilha de Itaparica. Em minha cabeça de pré-adolescente, ser padre era como ser um artista, que entrava no palco todo paramentado, com peças bordadas com fio de ouro e cores vibrantes, além de ter à sua disposição uma plateia atenta e obediente. À época, meu pai me perguntou se entrar para o Seminário era realmente o que eu queria. Se fosse ele daria todo o seu apoio. Como ele tinha posses a minha passagem pelo Seminário foi paga religiosamente como se estudasse numa escola ou internato da iniciativa privada. A maioria de meus colegas não pagava nada, pois o fundo das obras sacerdotais cobria as despesas.

A mesma coisa ocorreu quando decidi deixar o Seminário. Novamente meu pai, que, poucas vezes, mantinha conversas em particular com a gente, me chamou e perguntou se o que eu queria mesmo era deixar o Seminário. Confirmei e ele deu um sorriso maroto, pois nunca acreditou que seu filho viesse a ser padre, mas nunca falou nada para não contrariar minha mãe.

Meu pai não era tão religioso quanto minha mãe, mas ia às missas aos domingos, ficando em pé, na porta da igreja, acredito que conversando com os outros homens, enquanto nós entrávamos e ficávamos próximo ao altar. Na Igreja de Santana, no Rio Vermelho, ajudei na celebração de muitas missas e adorava brincar com o turíbulo. Eu era ágil e conseguia fazer um verdadeiro malabarismo com o turíbulo, enquanto atiçava as brasas para receber o incenso, até o dia em que uma brasa se desprendeu do mesmo e quase gerou um acidente. Fui repreendido pelo padre que me proibiu de fazer piruetas com o turíbulo, mas o cheiro bom do incenso sempre me atraiu.

Meu pai era muito exigente e, ao mesmo tempo, muito liberal. Foi com ele que tive a consciência de trabalho, noção de dinheiro e valores, do ser eco-

nômico e independente. Meu pai queria que os filhos fossem independentes e que tivéssemos nossa própria vida: "seja dono de seu nariz". Trabalhando e morando em casa, tínhamos que dar o que ele chamava de "uma mesada pra sua mãe". Apesar de criticar com comentários, às vezes grosseiros ou maliciosos, nunca impediu que seus filhos adolescentes usassem as roupas da moda, cabelos compridos ou barba. Eu mesmo, entre as décadas de 1960 e a de 1990, usei todos os tipos de barba, das suíças à Dom Pedro à do estilo do escritor russo Alexander Soljenitsin, autor de *Arquipélago Gulag* e que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1970.

MEUS AVÓS PATERNOS

Meu avô paterno, Amarílio Brasil de Mattos, foi comerciante e proprietário da Fábrica Brasil (secadora e moageira), produzindo café, balas e macarrão na cidade de Fortaleza. Quando se casou, em 1915, com Clarice, foi residir na Rua General Sampaio, mudando-se em seguida para as proximidades da Praça dos Voluntários e, finalmente, para a Rua Joaquim Távora, ocupando toda uma quadra, onde construiu, além da casa, armazéns e a Fábrica Brasil. Como homem de negócios conseguiu reunir um patrimônio razoável que o colocava entre as pessoas consideradas "de posses".

Segundo o depoimento de minha tia Gracília, irmã caçula de meu pai, coletado por meu primo Paulo César para este livro, a casa era enorme: constituída pelo menos por três salas, escritório, dependências, cozinha, copa e oito quartos, todos cômodos com área interna considerável. Vizinho à residência da família, existiam armazéns para estocagem de sacas de café, área para secagem de macarrão, tanques para lavagem de milho e o galpão da Fábrica Brasil. Fato é que, construído o galpão da Fábrica Brasil, com a instalação do maquinário específico, dentre outros equipamentos, no dia da inauguração, por alguma razão, o telhado do galpão desabou. Prejuízos consideráveis, logo na inauguração, afetando o maquinário e os tanques para lavagens.

O prejuízo o levou a pedir concordata e depois de muito esforço conseguiu se recuperar e deu continuidade às atividades da Fábrica Brasil. Anos depois devido às dificuldades econômicas que atingiu todo o segmento de torrefação de café em Fortaleza, levou meu avô a se unir com mais nove torrefadores

para formar uma única moageira, sob o formato de cooperativa, que passou ser denominada Moageira Cearense Ltda.

Quando morreu em 1941, aos 57 anos, minha avó Clarice herdou as cotas, continuando a sociedade. Como não sabia nem tinha habilidades para o negócio delegou a Luiz de Castro Braga, seu sobrinho, filho de sua irmã Maria Ramos de Castro, a administração dos bens e da sociedade na moageira. Para sua manutenção pessoal e dos filhos menores, meu pai e tia Gracília, já que os mais velhos tinham migrado para o Rio de Janeiro, minha avó começou a repassar cotas da sociedade e a vender alguns bens.

Depois de algum tempo, após a morte de meu avô, minha avó Clarice viajou com a filha caçula, Gracília, para Recife, indo residir com a filha Adelaide, casada com o então capitão Walmir Carvalhedo, transferido devido suas atividades no exército durante a segunda Guerra Mundial. Com Adelaide já morava tia Zezé, a Maria José, que em Pernambuco conheceu o tenente Menezes, subordinado ao capitão Walmir, com quem casou e ficou morando em Recife por muitos anos. Lembro que quando meu pai foi transferido para Recife, Maria José e Menezes nos deram muito apoio e orientação, inclusive na escolha do bairro e da casa onde fomos morar.

***

Como a viagem de minha avó paterna para Recife envolve uma curiosidade à parte, abro aqui um parêntese para relatá-la, ou seja: a viagem entre Fortaleza e Recife foi feita a bordo de um vapor brasileiro pertencente à Companhia Nacional de Navegação Costeira que fazia a cabotagem, transportando cargas e passageiros de norte a sul do país. O vapor era da classe Ita e os mais famosos eram o Itapagé e o Itagibá, ambos afundados durante a guerra. Minha avó foi para Recife em um deles, após a morte de meu avô e como fiquei sabendo que o navio que a transportara e que seguiu viagem com destino ao Rio de Janeiro e São Paulo havia sido torpedeado, concluí que ela tinha viajado no Itagibá que foi afundado em 17 de agosto de 1942 ao sul da costa da Bahia, próximo de Salvador (Morro de São Paulo e Valença), quando morreram 26 passageiros e dez tripulantes de um total de 119 pessoas que estavam a bordo. O outro Ita torpedeado foi o Itapagé, no dia 26 de setembro de 1943 próximo à costa alagoana, quando morreram 22 de seus 106 ocupantes.

***

Nessa época, meu pai, ainda estudante, permaneceu em Fortaleza na casa de sua tia Evangelina, enquanto os irmãos mais velhos (Alcides, Alípio e Geraldo) moravam no Rio de Janeiro. Como as comunicações eram difíceis, eles não puderam orientar a mãe nos negócios e os bens acabaram sendo entregues ao sobrinho que administrou tudo até não sobrar mais nada por volta dos anos 1950.

Cerca de um ano depois de estar em Recife minha avó retornou a Fortaleza em 1943, de avião, indo também morar na casa da irmã Evangelina. No ano seguinte fez nova viagem, desta feita para o Rio de Janeiro, para onde meu tio Walmir havia sido transferido, indo morar na Vila Militar. Minha avó permaneceu no Rio por algum tempo. Em 1945 retornou para Fortaleza em companhia de Gracília, ali permanecendo até 1950.

A partir de então, quando até a propriedade de sua casa já havia sido transferida e os bens se acabaram, minha avó passou a peregrinar, passando tempos nas casas dos parentes e dos filhos, viajando sempre do Ceará a Recife e daí para o Rio de Janeiro. Com o casamento da filha Gracília em dezembro de 1954, ocorrido em Niterói, minha avó passou a morar com ela no Rio de Janeiro até o fim de seus dias, mas nunca deixou de fazer suas viagens entre o Rio, Recife e Fortaleza. Aliás, meu pai se ressentia pelo fato dela nunca ter vindo passar uns tempos em Salvador, o que acabou nos distanciando dela, ficamos sem contatos com a mãe de meu pai.

***

Vale registrar aqui outro episódio curioso, desta feita envolvendo o meu avô Amarílio Brasil de Mattos e que, para mim, era quase como uma lenda e que só agora consegui vislumbrar alguma verdade na história que ouvia meu pai contar. Meu avô gostava da qualidade dos produtos de origem alemã, mantendo em sua casa louças, móveis e até um piano de origem germânica. Sua simpatia era tanta que, no ano de 1923, ano de nascimento de meu pai, adquiriu o equivalente a 50 milhões de réis em bônus do governo alemão junto ao Banco Germânico da América do Sul – Deutsche Sudamerikanische Bank, que se comprometia, contra apresentação da duplicata, a pagar, não sei depois de quanto tempo, pois não tive acesso ao contrato firmado, o equivalente ao dobro, em marcos alemão.

Essa pequena fortuna, em marco alemão, era considerada totalmente perdida pela família, pois os alemães provocaram e perderam uma nova guerra e

a moeda alemã desvalorizou-se tanto que virou pó, quase se transformando numa lenda no seio familiar, apesar dos papéis terem sido guardados por minha avó Clarice. Em 1973, quando um jornal do Rio de Janeiro publicou a notícia dando conta de que algumas pessoas haviam entrado na justiça contra o Banco Alemão e que este havia sido condenado a ressarcir os brasileiros, houve um reboliço na família.

Diante dos fatos, meus tios por parte de pai, herdeiros naturais, se reuniram para discutir o assunto e se dividiram em dois grupos: o que queria entrar na justiça e o outro que não queria. Desconheço os motivos, mas o fato é que o resultado final é que não entraram e deixaram de receber uma pequena fortuna que teria aliviado as dificuldades de alguns que não foram bem sucedidos na vida. A fotocópia da duplicata em nome de meu avô e o recorte da notícia publicada são as provas documentais de que a fortuna em marcos realmente existiu, não era uma lenda como eu acreditava que fosse ao ouvir as histórias da família Mattos e, principalmente, de meu avô, que foi um homem rico e que a família acabou perdendo tudo. A notícia publicada num jornal carioca, um recorte não identificado e sem ser datado, veiculado no alto da página dedicada ao Grande Rio, em dois blocos, diz:

> **Banco alemão perde na justiça e paga marcos a brasileiros** – *O Banco Germânico da América do Sul – Deutsche Sudamerikanische Bank –, foi condenado ontem, pelo juiz da 17ª Vara Civil do Rio de Janeiro, Odilon Gomes Bandeira, a pagar a 11 pessoas e 16 espólios, o equivalente, em cruzeiros, a mais de oito trilhões de marcos alemães, ao câmbio de abril de 1932.*
>
> *Prevalecendo a decisão do Supremo Tribunal Federal, que determinou a liquidação da soma pelo câmbio de 1932, quando o marco valia 3.580 réis, a quantia a ser paga pelo Banco Germânico da América do Sul (representado no Brasil pela empresa Sudamero Consultoria Ltda., Rua da Candelária, 60, 4º andar), poderá alcançar cerca de Cr$ 2.160.000,00*
>
> *A ação contra o banco foi movida pelos advogados Junqueira Ferreira e Antonio Pádua de Assis, em nome dos portadores dos marcos alemães.*
>
> *Na sentença em que condenou o banco, o juiz da 17ª Vara Civil levou em conta as duas decisões do Supremo Tribunal Federal, a primeira de 14 de novembro de 1973 e a segunda de 30 de novembro do mesmo ano, respectivamente contra o Banco Português do Brasil – agora Banco Itaú –, e o Banco Holandês Unido, ordenando que o pagamento dos marcos alemão fosse feito pelo câmbio de 1932.*

[1.]

Amarílio Brasil de Mattos,
meu avô paterno.

[2.]

Meu pai, quando ainda
trabalhava na IBM.

[3.]

Clarice de Castro Mattos,
minha avó paterna.

GRANDE RIO

Banco alemão perde na Justiça e paga marcos a brasileiros

O Banco Germânico da América do Sul — Deutsche Sudamerikanische Bank —, foi condenado ontem, pelo juiz da 17ª Vara Cível do Rio de Janeiro, Odilon Gomes Bandeira, a pagar a 11 pessoas e 16 espólios, o equivalente, em cruzeiros, a mais de oito trilhões de marcos alemães, ao câmbio de abril de 1932.

Prevalecendo a decisão do Supremo Tribunal Federal que determinou a liquidação da soma pelo câmbio de 1932, quando o marco valia 3 580 réis, a quantia a ser paga pelo Banco Germânico da América do Sul (representado, no Brasil, pela empresa Sudamero Consultoria Ltda., Rua da Candelária, 60, 4º andar), poderá alcançar cerca de Cr$ 2 160 000,00.

A ação contra o banco foi movida pelos advogados Junqueira Ferreira e Antônio Pádua de Assis, em nome dos portadores dos marcos alemães.

Na sentença em que condenou o banco, o juiz da 17ª Vara Cível levou em conta as duas decisões do Supremo Tribunal Federal, a primeira de 14 de novembro de 1973, e a segunda de 30 de novembro do mesmo ano, respectivamente contra o Banco Português do Brasil — agora Banco Itaú —, e o Banco Holandês Unido, ordenando que o pagamento dos marcos alemães fosse feito pelo câmbio de 1932.

São as seguintes as pessoas que tiveram seu crédito reconhecido contra o Banco Germânico da América do Sul: Estácio Martins Loesch, de São Paulo; José Pinto Nogueira, Antônio Ingaglia, Cassiano Alves Corrêa, Almir Jhyme de Souza, Lícia Soveral Junqueira Ayres, de Salvador, Bahia; Mab Soveral Jacobina Vieira, de Salvador, Bahia; Neyton Tassara Pereira, de Leopoldina, Minas Gerais; Joaquim Cunha Freitas, Américo Adelino Lobo, Irma Carvalho Braune.

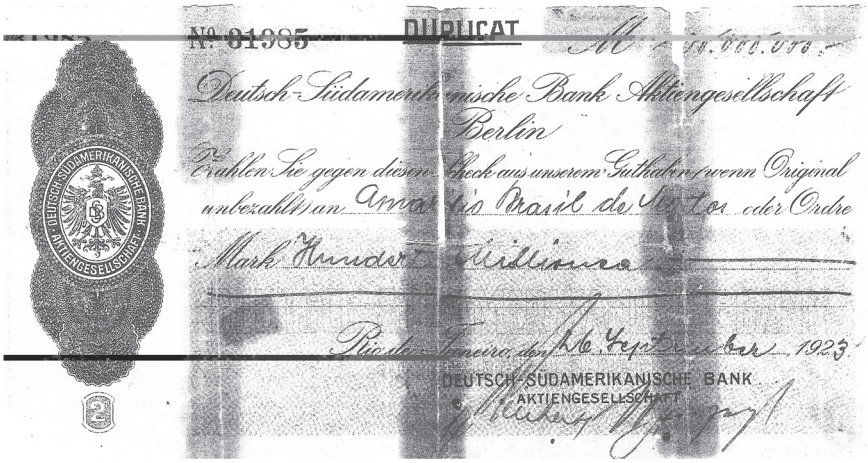
E ainda os espólios de José Gannam, de São Lourenço, Minas Gerais; Dario Fagundes Gaertner, Manoel Soares Duarte da Rocha, Antônio Joaquim dos Santos, Ayres Martinho de Andrade, Álvaro Teixeira, de Niterói; João Antônio de Oliveira, João de Cúdar Bacelar Sobrinho, de Caratinga, Minas Gerais; José Marçal Fontes, José Fernandes Loesch, de Volta Redonda; Joaquim Pinto Nogueira, Otávio Monteiro, Francisco Dorrea de Sá, Florisbela Evangelista Velasco, também de Niterói; Álvaro Gomes da Silva, de Friburgo; e Salles Mahame Bou-Abin.

[4.]

Recorte de jornal registrando a condenação do banco alemão.

[5.]

Facsimile da duplicata de 50 milhões de marcos devida a meu avô.



DONA HELENA, MINHA MÃE

Deixem que seus filhos voem sós de seus ninhos quando chegar a hora e não lhes reclamem para que voltem.

Gibran Kahlil Gibra

Minha mãe, Maria Helena Aguiar Soares Mattos, nasceu em 15 de abril de 1929 e morreu em 30 de janeiro de 1993, dois meses e meio antes de completar 64 anos de idade. Filha de Alexandre Aderson Soares Frota (1904-1973) e de Maria Athayde de Aguiar Soares (11/2/1910 - 5/2/1984), que eram primos carnais. Casou-se no dia 29 de março de 1947, aos 17 anos de idade. Casar cedo àquela época era uma prática natural, tanto que a mãe dela casou-se com 15 anos com um primo. Carinhosamente, mamãe era chamada de Hena, pelos irmãos, e de vovó Lena, pelos netos.

Mulher bonita, inteligente e prendada, também não chegou a completar o segundo grau. Tanto ela como o marido tinham apenas o primeiro grau, ou seja, o ginásio. Ao casar, foi morar com a sogra, não se dando muito bem e acabou forçando a saída da casa de Dona Clarice, minha avó paterna com a qual tivemos um relacionamento distante, o que foi acentuado pelas transferências de meu pai. Contam-se muitas histórias na família sobre o quanto ela era rígida e exigente com os filhos, inclusive com meu pai, caçula entre os homens e o penúltimo dos filhos. Como resultado meu pai alugou uma pequena casa na praia Volta da Jurema onde hoje é o calçadão da Av. Beira Mar, perto da sede do Clube Náutico, em Fortaleza.

Minha mãe era a segunda de um grupo de seis, constituído por três homens e três mulheres (José Harildes, Maria Helena, Ione, Neuman, Wevergthon e Marcelo). Sua família era procedente de Reriutaba e Sobral onde as famílias Frota, Soares e Aguiar eram tradicionais e importantes, descendentes de uma mesma ramificação. Na família de minha mãe (Frota Aguiar e Soares Frota), era evidente o espírito cristão, tendo em vista que inúmeros parentes abraçaram a vida religiosa a exemplo de Dom Jerônimo Tomé da Silva[7], que foi Arcebispo

[7] Dom Jerônimo Tomé da Silva, filho de João Tomé da Silva e de dona Maria da Penha Tomé da Frota, nasceu no município de Sobral, no Ceará, em 12 de junho de 1849 e morreu em Salvador, na Bahia, em 19 de fevereiro de 1924. Foi o 21º Arcebispo de Salvador. Foi autor de inúmeras

da Sé, na Bahia; Dom José Tupinambá da Frota[8], primeiro bispo de Sobral; Madre Fátima Maria, Franciscana em Paraguaçu, Minas Gerais, tia de minha mãe, irmã de minha avó; Padre João Augusto da Frota (fundador do Instituto Histórico do Ceará); Padre Antonio Thomaz, o príncipe dos poetas cearenses, e o Padre José da Frota Gentil, S. J., autor do livro que trata da genealogia de *Os Frotas*, entre inúmeros outros. Acredito que tenha sido devido a esta tradição cristã que minha mãe tinha a esperança de que algum de seus filhos viesse a integrar a carreira eclesiástica.

***

Minha mãe vestia-se e usava os penteados da moda. Seguia a tal tendência ditada por Dior em Paris. O *new look* sóbrio do pós-guerra com a cintura bem definida e os sapatos de saltos altos. Bonita, vistosa e religiosa ao extremo, levava toda a família à missa aos domingos inclusive meu pai. Ela era católica praticante, mas nunca chegou a ser uma beata ou carola de igreja, como algumas de suas amigas ou conhecidas no bairro do Rio Vermelho, em Salvador. A ligação de sua família com a Igreja católica foi o que a levou a me encaminhar para a carreira religiosa. Comecei ajudando as missas dominicais e acabei ingressando no Seminário Central da Bahia, onde cursei até o terceiro ano do curso ginasial.

Minha mãe casou muito jovem e inexperiente com um homem que viajava muito. Gostava muito de ler e, à noite, passava horas lendo para meu pai em voz alta. Apesar de preferir romances do tipo água com açúcar, minha mãe lia para o marido histórias de cunho policial ou de ficção científica. Era leitora assídua também das séries de livrinhos populares com historinhas do FBI e CIA, que podiam ser comprados nas bancas de jornal. Os contos policiais da revista X-9 eram os prediletos de meu pai, que nunca deixou a casa sem livros e enciclopédias para os filhos.

Lembro de uma coleção, 32 exemplares, cada volume com 350 páginas em média, que reunia as obras completas das aventuras escritas pelo autor

obras religiosas e filosóficas. Foi sócio do Instituto Histórico do Ceará e é um dos patronos da Academia Cearense de Letras. Teve como sucessor na Arquidiocese de Salvador Dom Augusto Álvaro Cardeal da Silva.

[8] Dom José Tupinambá da Frota, filho de Manuel Artur da Frota e de dona Raimundo Artemísia Rodrigues Lima, nasceu em Sobral, Ceará, em 10 de setembro de 1882 e morreu em 25 de setembro de 1959. Foi bispo de Sobral de 1916 a 1959. Foi ordenado bispo em Salvador por Dom Jerônimo Tomé da Silva no dia 29 de junho de 1916.

alemão Karl May, que tínhamos em casa. Devo ter lido e relido essa coleção pelo menos umas três vezes. De seus inúmeros personagens, destacam-se dois: Mão de Ferro e Winnetou, um jovem cacique apache. Interessante é que quase ninguém de minha geração conhece ou leu este autor, mas Henry Kissinger, ex-secretário de estado norte-americano, certa feita o mencionou e disse que também foi leitor e admirador da obra de Karl May. Um escritor brasileiro que revelou ser leitor do alemão foi Fernando Sabino.

Minha mãe passava horas lendo, quando não estava trabalhando ou envolvida em cursos de artesanato ou praticando caridade, distribuindo alimentos e agasalhos entre pobres idosos. Ela adotava algumas pessoas carentes, principalmente velhos e, semanalmente, levava uma espécie de cesta básica para eles. Tanto em Fortaleza como em Salvador tive oportunidade de acompanhá-la nessas visitas de caridade. Ela tinha ânsia por aprender coisas novas e não se cansava em fazer cursos de artesanato e de costura. Ela sabia bordar e fazia todo tipo de ponto, crochê e macramê, pintava em cerâmica e modelava bonecas, com as quais presenteava as filhas e as amigas.

No bairro do Rio Vermelho, em Salvador, ela mantinha um grupo de amigas que se reunia uma vez por semana para um chá no final da tarde, quando trocavam presentes, produzidos por elas mesmas, e ainda faziam um sorteio de uma caixinha entre elas. As amigas do bairro eram Margarida Shoereder, Nazaré e Nina, entre outras, das quais não lembro os nomes. Recordo, no entanto, da alegria dos encontros. As reuniões obedeciam a um rodízio, mudando de casa a cada semana e o objetivo principal era quebrar o marasmo das donas de casa. Mas existia outro grupo, que se reunia para jogar baralho nas casas de cada uma delas também em sistema de rodízio, mas em companhia dos respectivos maridos.

Como mãe, era zelosa, preocupada com tudo e procurava suprir o que os filhos queriam ou precisavam. Dizíamos que ela era "uma santa mãe". Minha mãe ralhava, não batia, mas quando ultrapassávamos os limites, ameaçava: "espere até seu pai chegar!" Quando crianças, eu e meus irmãos cumpríamos uma rotina todas as tardes: após um lanche, ela nos banhava e nos arrumava e, então, ficávamos esperando a chegada de meu pai para o jantar. Quando adultos, ela atuava como pacificadora e fazia de tudo para impedir que intrigas, entre os filhos, noras, genros e o marido, quebrassem a tranquilidade do lar. Ela era uma sábia e tinha inteligência emocional acima da média, pois sabia contornar

problemas e engolir sapos e tudo em nome da harmonia familiar. Mas a arte de engolir sapos a levou a ser uma pessoa tensa e autorreprimida.

Era muito romântica e sonhadora, mas, ao mesmo tempo, submissa ao marido e, nos últimos anos de sua vida, seu olhar espelhava certa desilusão e tristeza. Passei a observá-la, pois não se queixava de absolutamente nada, e pude perceber uma tristeza crescente em seu olhar que, aos poucos, foi perdendo o brilho que lhe era peculiar quando mais nova. Vez por outra vi aquele olhar curioso e alegre quando tomava conhecimento do sucesso dos filhos e dos netos. Adorava ouvir os relatos feitos pelas filhas, nas quais se projetava. Dava boas gargalhadas com as piadas, principalmente aquelas mais picantes que contávamos. Ela estava sempre em busca de novidades para repeti-las nas reuniões com suas amigas.

No entanto, era muito ansiosa e, ao contrário de meu pai que deixou o vício, ela fumava muito. Aprendeu a fumar com minha tia Adelaide, irmã mais velha de meu pai, ainda em Fortaleza. Na época, era charme para as mulheres e ela fumou até o final de seus dias. O cigarro foi a principal causa de sua morte prematura. Gostava de "sonhar acordada", como dizíamos, a partir dos livros que lia e em função do futuro dos filhos. Ela queria ver todos os filhos formados, pois sentia ter perdido inúmeras oportunidades pela falta de um diploma e por isso estimulava as duas filhas a estudar para não serem dependentes dos maridos. Orgulhava-se do sucesso dos filhos.

Tanto ela como meu pai adoravam a mesa farta e ter a família reunida. Como centro das atenções, sabia manter a família unida, promovendo o encontro de todos nos finais de semana, quando a casa se enchia com os filhos casados e os netos. Nessas oportunidades apreciávamos seus dotes culinários. A habilidade que meu pai exibia quando trinchava o peru de natal era comentada por toda a família, pois ninguém fazia igual. Eles adoravam os festejos natalinos desde os tempos de Fortaleza, quando éramos crianças e a Festa de Natal promovida pela IBM acontecia em nossa casa. Inúmeras foram as festas natalinas da IBM realizadas em minha casa, tanto em Fortaleza quanto em Salvador. Só quando o número de funcionários cresceu foi que as festas passaram a ser promovidas em um clube da cidade, devido à grande quantidade de crianças.

Meu pai era muito ciúmento e não queria que minha mãe trabalhasse. A timidez dela não foi obstáculo para contrariar meu pai nesse sentido. Com muita audácia e destemor, em Salvador, minha mãe conseguiu um emprego na

Casa da França, Maison de France, dirigida pelo professor Raymond Van der Hagen, na Mouraria. Apesar de não precisar, ela queria se sentir útil e independente. Na verdade, ela sempre conseguia o que queria de meu pai. A ele, tão independente e dono do nariz como bom machista, cabia apenas se lamuriar e afirmar que ela era a pessoa mais sabida que ele conhecia, pois conseguia arrancar e fazer dele tudo o que ela quisesse.

Para mantê-la em casa e ocupada uma vez que sempre tivemos empregadas domésticas, ele montou, em nosso apartamento, uma boutique para ela gerenciar: a Boutique Madá, com a qual ele passou a se envolver totalmente quando deixou a IBM. Entusiasmado com o sucesso, tratou de abrir uma loja na Avenida Sete, a Mima Presentes, onde os dois passaram a trabalhar juntos. Nos finais de semana mantinham com os casais amigos do Rio Vermelho, noitadas de jogos de baralhos.

Nessas reuniões para jogar baralho, os casais, Danton e Lourdes Luna, Gratulino e Sanny Melo, Milton e Jane Melo, Antenor e Anita Ferreira Leal se revezavam na promoção dos encontros, cada semana na casa de um deles, quando eram servidos lanches e bebidas. Nos intervalos falavam dos filhos. Lembro dos olhares e sorrisos maliciosos quando adolescente eu voltava um pouco mais tarde para casa e ficavam fazendo piadinhas e insinuações sobre onde e com quem eu estava até àquela hora. Aliás, diga-se de passagem, o horário de estar em casa era 23 horas, no mais tardar, salvo quando em dias de festa. Minha irmã, Madá, a quarta a nascer, dez anos mais nova do que eu foi a primeira a ter chave da casa. Eu já estava casado quando isso ocorreu.

MEUS AVÓS MATERNOS

Meu avô, Alexandre Aderson Soares Frota nasceu em 13 de maio de 1904 e morreu em 9 de junho de 1973. Ele se casou com sua prima de segundo grau Maria Athayde Aguiar, que nasceu em 11 de fevereiro de 1910 e morreu em 5 de fevereiro de 1984, filha de Antônio Rodrigues Aguiar e Maria Marfisa Frota Vasconcelos Aguiar. Tiveram seis filhos: José Harildes Aguiar Soares Frota, Maria Helena Aguiar Soares (minha mãe), Maria Ione Aguiar Soares Frota, Neuman Maria Aguiar Soares, José Wevergthon Aguiar Soares e Marcelo Renato Aguiar Soares. Curiosamente, o registro dos filhos no cartório não segue o mesmo padrão, alguns perderam o sobrenome Frota, ficando apenas o Soares

de meu avô e o Aguiar de minha avó. Como se pode observar apenas dois dos filhos foram registrados com o sobrenome Aguiar Soares Frota. Um dos filhos de Marcelo Renato foi registrado com o nome completo de meu avô Alexandre Aderson Soares Frota Neto.

Este comportamento foi generalizado no que diz respeito à família Frota, pois, muitas vezes, o nome adotado era o nome mais conhecido, como o da mãe, ficando o do pai em segundo plano. No caso de minha avó, os primeiros Frotas eram descendentes de uma mulher que, apesar de ter casado, prevaleceu o sobrenome dela. Minha avó Maria Athayde, por exemplo, é descendente de Francisca Maria da Conceição Gomes da Frota, irmã de Alexandre de Maria da Frota Vasconcelos (do qual descende meu avô), filhos de Inácio Gomes da Frota e de Ana Joaquina de Jesus Vasconcelos Uchoa. Francisca Maria da Conceição Gomes da Frota de quem Ana Benigna Ferreira Gomes de Andrade descende. Ana Benigna casou com Manuel Benício de Vasconcelos que tiveram Francisco Benício Vasconcelos, Vicente Benício de Vasconcelos, Maria do Patrocínio Benício Vasconcelos, Francisca B. de Vasconcelos e João Benício de Vasconcelos.

Vicente Benício de Vasconcelos casou com Maria Luisa Rocha que teve Maria Marfisa Frota Vasconcelos e Ataíde Benício Vasconcelos. Maria Marfisa Frota Vasconcelos casou-se com Antônio Rodrigues Aguiar (bisavós maternos) que tiveram: Maria Athayde Aguiar, casada com seu primo Alexandre Aderson Soares Frota (meus avós) e ainda Zuila Aguiar Vasconcelos, José Aguiar, Maria Ilza (madre Fátima Maria), Francisco Edwar Aguiar, Cleomar Aguiar e Gerardo Aguiar.

* * *

Meu avô materno era uma figura singular. Quando jovem fez curso e passou a trabalhar como farmacêutico prático, além de ser proprietário de uma farmácia no então povoado de Santa Cruz, como era denominada a atual cidade de Reriutaba. Quando se transferiu para Fortaleza foi trabalhar na área de Saúde Pública da Prefeitura de Fortaleza, pela qual se aposentou. Ele atuava também como auxiliar de advogado, pois era inscrito na OAB do Ceará, na classificação de "solicitador", uma espécie de auxiliar de advogado, habilitado por lei que podia requerer em juízo ou promover o andamento das ações, mas sob

diversas restrições legais. Ele professava a doutrina espírita, além de ser assíduo frequentador da maçonaria, onde alcançou o Grau 33, e a Ordem Rosacruz[9].

Meu avô Aderson era uma pessoa extremamente íntegra, bondosa e praticava a caridade pública por meio dos atendimentos que fazia em sua própria casa, aconselhando, orientando e dando passes espirituais nos necessitados que o procuravam, além de ajuda jurídica. Ele era, como diz meu tio Wevergthon, "um ser iluminado. Todas as pessoas que o conheceram só tinham elogios a fazer. Ele sempre tinha um sorriso e palavras de esperança para os que o procuravam. Nunca soube de alguém que não o estimasse".

Com os contatos que mantinha na área de saúde, ele conseguia remédios (amostra grátis) para distribuir com os necessitados, além de conseguir internações nos hospitais públicos. Ele tinha poderes divinatórios, sabia ler mão e praticava o dom da clarividência numa bola de cristal, que mantinha em sua escrivaninha no escritório de casa, coberta por um pano preto. Essa bola de cristal me foi deixada de herança por ser o neto primogênito, mas nunca desenvolvi poderes divinatórios, apesar de minha curiosidade pelo esoterismo. Era também astrólogo e fazia mapa astral sob encomenda. Quando os netos nasciam ele fazia a numerologia para saber o destino de cada um de nós. Era muito atencioso com os netos.

Em seu escritório, ele se mantinha cercado de estantes repletas de livros que atraíam minha curiosidade. Ele abria as estantes e deixava que eu pegasse nos livros, falava sobre as histórias contidas neles e dizia que a gente podia conhecer o mundo lendo o conteúdo dos livros. Ele lia muito, até altas horas da noite, e queria que o neto também lesse o que aconteceria poucos anos mais tarde. Tinha também carteirinha de jornalista, pois colaborava com os jornais da cidade. Na época, ter carteirinha de jornalista significava poder entrar em espetáculos públicos, entrar nos estádios de futebol e assistir filmes de graça, além de obter abatimentos em passagens aéreas e muitas outras benesses.

Certa feita, eu devia estar com seis ou sete anos, fui assistir ao Grande Festival com números de hipnotismo, através do qual meu avô fez um show à parte, levando um jovem, que nada sabia de música, a tocar piano, e colocar

[9] Ordem Rosacruz é uma espécie de fraternidade filosófica fundada por Christian Rosenkreutz e que representa a síntese do ocultismo praticado na Idade Média. O rosacrucianismo é um sincretismo de diversas correntes filosóficas e religiosas, tais como o hermetismo egípcio, o cabalismo judaico, o gnosticismo cristão, a alquimia medieval e as doutrinas orientais.

uma pessoa em estado de completa rigidez, deitada entre duas cadeiras apoiada apenas pela cabeça e calcanhares. Ele fez inúmeras outras demonstrações para deleite da audiência que lotou o auditório da Sociedade Cearense de Fotografia e Cinema, na Rua Guilherme Rocha, nº 914. O show, além de hipnotismo, abordava também sonambulismo, automatismo, exteriorização de sensibilidade, retrocesso de memória e outras sensações como está descrito em um folheto do evento. A performance dele, na época, me marcou muito. Eu o considerava um mágico. Periodicamente ele fazia shows de hipnotismo com duração de duas horas.

As atividades de meu avô sempre foram um tabu dentro da família, pois minha avó não falava do assunto e procurava tampar o sol com a peneira, pois as longas filas do lado de fora da residência, na Rua São Paulo, nº 1066, em Fortaleza, eram impossíveis de esconder. No início dos anos 1970, ele adquiriu uma nova casa, na Rua Padre Antônio Thomaz, na Aldeota, mas manteve o escritório da Rua São Paulo, isolando-o do resto da casa que foi alugada. Quando morreu, no dia 9 de junho de 1973, deixou duas casas quitadas e uma pensão para minha avó. Na família, os filhos, genros e noras acreditavam que ele sabia quando ia morrer e preparou toda a documentação, deixando tudo em ordem e sem qualquer dívida a ser assumida pelos herdeiros.

Minha avó não gostava muito do que ele fazia no gabinete dele, em casa, onde em alguns dias da semana prestava atendimento a um público grande, que fazia fila do lado de fora de sua casa, para receber orientações, conselhos e passes espirituais. Os atendimentos do Professor Aderson, como era chamado, após a aposentadoria passaram a ser diários, começando a atender às 10 da manhã estendendo-se até às 20 horas, respeitado o horário do almoço. Ele vivia do salário da aposentadoria como funcionário, desses atendimentos e dos mapas astrais que fazia e que as pessoas só pagavam quando podiam e o quanto queriam. Na maioria das vezes o atendimento era gratuito.

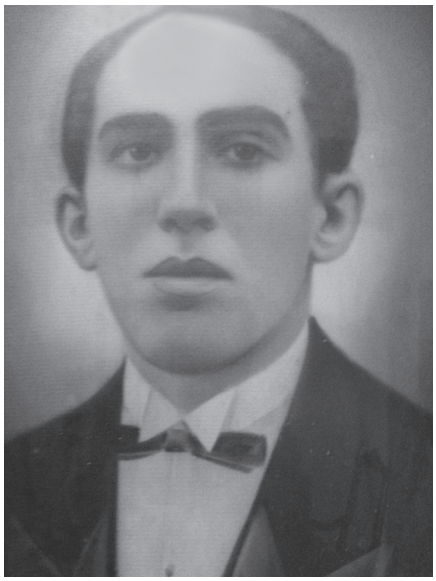
***

Minha avó materna era uma mulher decidida e estava sempre arrumada, com os cabelos presos e penteados como se fosse sair para algum lugar especial. Ela era considerada no seio familiar como uma "Lady", que conhecia e adotava todas as etiquetas sociais e não admitia, por exemplo, que as refeições fossem servidas sem que a mesa estivesse bem posta, com seus talheres de prata, taças e copos arrumados como manda o figurino. Ela sabia o segredo da multiplicação

dos pães, pois os almoços diários em sua casa eram verdadeiros banquetes, sem faltar nenhum detalhe. Costumávamos passar férias e feriados na casa dela.

Em outubro de 2007 foi inaugurado o Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Reriutaba, Ceará. Na sacristia encontra-se uma galeria de fotografias dedicadas às primeiras Mães Cristãs da cidade e entre elas figura a foto de minha avó materna. Na oportunidade foi publicado um livreto com as fotos e dados biográficos de cada uma delas. O texto sobre minha avó Maria Athayde Aguiar Soares foi escrito por minha tia Neuman Maria Soares de Resende, que transcrevo a seguir:

> *Maria Atahyde Aguiar Soares nasceu na localidade de Remédios, hoje Tuína, no município de Massapé, no dia 11 de fevereiro de 1910. Foi a primeira filha de Antônio Rodrigues Aguiar e de Maria Marfisa Vasconcelos Aguiar. Fez seus estudos na cidade de Sobral e muito jovem conheceu aquele que seria seu marido, Alexandre Aderson Soares Frota nascido na cidade de Santa Cruz, hoje Reriutaba. Casaram no dia 29 de maio de 1925 e foram residir em Santa Cruz.*
>
> *Athayde teve seis filhos: José Harildes, Maria Helena, Maria Ione, Neuman Maria, José Wevergthon e Marcelo Renato. Foi uma mãe exemplar. Amorosa e muito firme nas suas decisões. Pertenceu à Associação das Mães Cristãs de Reriutaba onde atuou sempre com muito empenho e solidariedade. Pela sua inteligência e firmeza de caráter angariou muitas amizades em Reriutaba.*
>
> *Em 1942 Athayde e Aderson foram para Fortaleza com os filhos, onde passaram a residir. Com a mudança de cidade e de vida, Athayde revelou-se ainda mais forte e capaz de enfrentar os novos tempos. Como esposa, mãe e dona de casa sempre atenta e pronta para ajudar a todos, encaminhando os filhos nos estudos, ajudando o marido com bons conselhos, dando exemplos de dignidade e amor. E além de todas estas qualidades, era uma mulher bonita, vaidosa e elegante. Os tempos passaram, os filhos casaram e deram mais de 30 netos e muitos bisnetos, para coroar de felicidades a vida do casal. A morte do seu querido esposo em 9 de junho de 1973 foi um grande golpe para ela, que passou a cultuar sua memória com saudade e resignação. Depois de uma vida repleta de carismas e em sintonia com a família, Athayde faleceu em Fortaleza no dia 5 de fevereiro de 1984 aos 74 anos.*
>
> *Isto é um pouco do muito que eu tenho para lembrar e falar desta mulher maravilhosa que era a minha querida MÃE.*



[6.]

Alexandre Aderson Soares Frota, meu avô materno.

[7.]

Maria Athayde de Aguiar Soares, minha avó materna.

[8.]

Folheto anunciando show de meu avô materno.

[9.]

Carteiras da Ordem dos Advogados e da Maçonaria - Avô materno.

[11.]

Maria Helena Soares Mattos, minha mãe, quando noiva.

[10.]

Meus pais quando noivos (1947).

3

INFÂNCIA EM TRÊS ETAPAS
Fortaleza, Recife e Salvador
1948 a 1962

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido.

Alistar Thomson

APARADO PELAS MÃOS DE UMA PARTEIRA

A vida só tem sentido e só se transfigura quando é posta a serviço de um ideal que transcende a própria vida.

Rolando Corbusier

O ano de 1948 praticamente começou com o assassinato do líder pacifista Mahatma Gandhi, no dia 30 de janeiro, estarrecendo o mundo. Nesse mesmo ano, na África do Sul, o Partido Nacionalista deu início à política de segregação racial que ficou conhecida como "apartheid"; a União Soviética explodiu sua primeira bomba atômica; a China tornou-se comunista; o Estado de Israel foi criado e o Tratado do Atlântico Norte assinado. Em 10 de dezembro de 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada. O ano de 1948 foi

conturbado no que diz respeito aos Direitos Humanos, mas foi importante no que tange às descobertas no campo das comunicações.

No dia primeiro de julho de 1948 o *New York Times* publicou uma reportagem na qual anunciava a criação do transistor: "um dispositivo chamado transistor com inúmeras aplicações no rádio, onde as válvulas são amplamente empregadas, foi demonstrado pela primeira vez ontem no Bell Telephone Laboratorie's, na Rua West, 463 onde foi inventado. O dispositivo foi usado num receptor de rádio, que não continha nenhum tipo de válvula convencional". Essa descoberta viria a causar uma revolução na radiodifusão nos anos seguintes. No dia primeiro de julho de 1948 também foi inaugurado oficialmente o Aeroporto Internacional de Nova York, à época, considerado o maior do mundo. Posteriormente esse aeroporto foi rebatizado em homenagem ao presidente John F. Kennedy, assassinado em Dallas no ano de 1963.

Foi também em 1948 que Claude Shannon, o pai da Teoria da Matemática da Comunicação (The Mathematical Theory of Communication), codificou dados de modo que eles pudessem ser checados após uma transmissão entre computadores. Ele identificou o *bit* como unidade fundamental dos dados, ou seja, a unidade básica da computação, que viria a ser determinante no desenvolvimento das ciências e do processo de comunicação entre as pessoas anos depois.

Em 1948, Rachel de Queiroz, uma das maiores escritoras cearenses, perdeu o pai e publicou a coletânea de crônicas "A donzela e a moura torta". Nesse mesmo ano, Jorge Amado, que vivia em Paris em exílio voluntário por ter tido o mandato de deputado federal cassado, escreveu o livro "O gato malhado e andorinha sinhá", para comemorar o primeiro aniversário de seu filho. Na literatura internacional, Simone de Beauvoir lançou "O Segundo Sexo". Como incentivador das artes cinematográficas surgiu, em dezembro de 1948, o CCF – Clube de Cinema de Fortaleza, o segundo instalado no país. O pioneiro foi o Clube de Cinema de Marília, em São Paulo.

* * *

Foi nesse cenário conturbado e, ao mesmo tempo, promissor que, no dia primeiro de julho de 1948, uma quinta-feira, às 2h10m, em Fortaleza, eu nasci aparado pelas mãos de uma parteira, em minha própria casa. Como primogênito, fui mimado, festejado e me tornei uma criança muito ativa e criativa numa

família numerosa. Minha chegada, porém, foi anunciada antes ao meu avô, via telegrama, por meus pais que se encontravam na cidade de Crato. Ao constatarem a gravidez imediatamente meu pai passou um telegrama para o sogro dizendo: "Conte para o ano maior safra", isso porque a mulher de José Harildes, irmão mais velho de minha mãe, também estava grávida.

***

Concordo com as previsões astrológicas feitas para mim: nascido sob o signo de câncer, como sendo uma pessoa capaz de compreender as necessidades dos outros sem perder de vista os meus desejos e necessidades, além de ser um indivíduo com grande facilidade de fazer amigos e entrar em harmonia emocional com as pessoas.

Analisando as características que o horóscopo chinês imputa para os nascidos numa noite do ano de 1948, o meu caso, sou forçado a concordar em linhas gerais, pois destaca que os nascidos no signo do rato, cujo elemento é terra, são inquietos e ativos; versáteis e exigentes; possuem muita garra e força para lutar pelos sonhos e objetivos que querem alcançar. Além disso, explicita que o nativo de rato se adapta a qualquer situação e tem habilidade de lidar com as dificuldades, sendo possuidor de um mecanismo interno de alarme e defesa que raramente falha por ter capacidade nata de detectar o perigo. O horóscopo chinês diz ainda que o nascido no signo do rato amadurece cedo, gosta de disciplina e segurança e fará tudo para que reconheçam os seus talentos, pois se preocupa com a imagem e reputação.

Acredito que o contexto do ano em que nasci, com seus problemas de ordem social, econômico e cultural, além das descobertas citadas acabaram por influenciar todo o período de minha vida, norteando, direta e indiretamente, tudo com o que eu viria a me envolver ou demonstrar interesse: literatura, música, cinema, tele-radiodifusão, tecnologias digitais, questões sociais, cidadania e liberdade de expressão.

Meu primeiro irmão nasceu dois anos depois de mim, em fevereiro de 1951, sendo batizado com um nome composto: Amarílio Aderson, em homenagem aos meus dois avôs. No ano de 1952 nasceu Mauro Cesar e, após um longo tempo, em 1958, chegou a primeira menina da casa, Maria da Penha. Os demais irmãos, Cláudio, Lúcia Helena e Daniel, nasceram em Salvador.

***

Na primeira infância fui acometido de uma doença não identificada que me fragilizou a tal ponto que cheguei a ser desenganado, pelo que ouvi dizer, mas graças à dedicação do médico da família, à penicilina e à sulfa consegui me recuperar e tive que aprender a andar de novo, tendo em vista que comecei a andar com oito meses, demonstrando tendência à precocidade. Como resultado do tratamento, fiquei alérgico a sulfa. Tudo que sei a respeito do episódio é isso. A partir daí tudo correu dentro da normalidade e sempre cercado pelo carinho e atenção dos pais, tios e avós.

CRIATIVIDADE E LIDERANÇA

Feliz de quem atravessa a vida inteira tendo mil razões para viver.

Dom Helder Câmara

Como meu pai tinha um espírito cigano, estávamos sempre mudando de uma casa para outra, maior e mais confortável. Nas lembranças que tenho, moramos na Rua São Paulo, em uma casa colada com a de minha avó Athayde. Depois passeamos por Fortaleza, residindo na Praia do Meireles, na Praia do Ideal, na Rua Torres Câmara, na Rua Pinto Madeira, na José Lourenço, na Nunes Valente e na Rua Afonso Celso, no bairro da Aldeota, nossa última morada no Ceará. A Rua Afonso Celso é uma transversal da José Lourenço, onde na esquina funcionava uma repartição pública vinculada à área de saúde e que concentrava as ações contra o mosquito transmissor da febre amarela, que todos identificavam simplesmente como sendo o escritório da Malária e do outro lado da rua ficava a casa de minha tia Adelaide, irmã de meu pai.

Em frente à nossa casa, na Afonso Celso, tinha uma vila que pertencia a Júlio Ventura, um rico empresário português, e que posteriormente passou a ser denominada de Rua Alfredo Severo, na qual moravam vários dos meus coleguinhas da época. Nossa casa era separada da Malária por um muro, mas brincávamos na área dos fundos da repartição pública e transitávamos livremente por entre os tonéis de veneno sem sermos importunados. Um perigo,

pois podíamos ter sido contaminados por exposição ao pesticida de combate ao mosquito transmissor da malária: o DDT – Dicloro-Defenil-Tricloetano[1].

***

Foi quando morávamos nessa casa, tipo apartamento, porque era no primeiro andar, que fiz a Primeira Comunhão em alto estilo, com direito a missal de capa de madrepérola, terço de contas especiais, bolo confeitado e festa com a presença de familiares e amiguinhos. O ritual litúrgico aconteceu na Igreja do convento das Irmãs Missionárias Jesus Crucificado, na Rua Rui Barbosa, próxima de nossa casa o que nos permitia ir caminhando para assistir a missa dominical. A recepção da festa em casa foi coordenada por minha mãe, felicíssima por encaminhar o filho em direção da Igreja Católica Apostólica Romana. Na oportunidade meu pai, de paletó e gravata, conferiu ao ato uma importância e formalidade que não se constata mais nos dias atuais.

A religiosidade e a fé de minha mãe já eram sentidas desde aquela época. Ela era devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro a quem sempre apelava nos momentos de necessidade. Tínhamos uma empregada doméstica, Irene, que era completa, além de doceira requintada. Ao identificar a vocação da moça, imediatamente minha mãe providenciou o ingresso dela no convento como noviça. Pouco tempo depois ela se transformou numa missionária. Minha mãe acompanhou o crescimento dela na ordem por meio de correspondência regular. Já como irmã missionária, Irene (que ganhou um novo nome) chegou a nos visitar tanto em Recife, como em Salvador. Depois perdemos totalmente o contato.

***

Como toda criança, criei vários animais domésticos contando com o apoio e a cumplicidade de meu pai. Ele só não gostava de gatos. Tive vários cachorros, além de ter criado, pombos, tanto em Fortaleza como em Salvador, carneiro, galinha, passarinho, pato, preá e coelho.

Na Rua José Lourenço já éramos três: eu, Amarílio e Mauro. Carinhosamente nos tratávamos pelos apelidos de: Tel, Li e Bal. Posteriormente chegaram Madá, Cacau, Luluca e Dani. Foi na José Lourenço que meu pai comprou um casal de filhotes da raça "basset", que morreu devido ao exagero de "detefon"

[1] O DDT – Dicloro-Defenil-Tricloetano foi o primeiro pesticida a ser utilizado após a segunda guerra mundial para combater os mosquitos causadores da malária e do tifo. O uso desse pesticida foi proibido no Brasil em 14 de maio de 2009.

aplicado para combater uma infestação de pulgas e carrapatos. Para compensá-los, passamos a criar patos e pombos. Tínhamos tantos que, vez por outra, papai preparava uns borrachos recheados e assados que eram deliciosos.

Aliás, esta era uma das facetas que ele tinha e que era rara aos homens da época: ele gostava de preparar comidas especiais. Ele preparava pato, galinha e peru. Para o Natal, ele costumava submeter o Peru a uma atividade de engorda forçada que consistia em alimentar a ave diretamente pelo bico, enchendo o papo com uma gororoba especial, várias vezes no dia. Dois dias antes do abate, ele misturava cachaça ao alimento dado, pois diziam que a água ardente servia para amaciar a carne. Acompanhávamos, com curiosidade, os preparativos e nos divertíamos com os passos trôpegos do peru bêbado. Isso tudo sem contar com o tempo que, depois de abatido e depenado, ficava "marinando" nos temperos, preparados por minha mãe, até o momento de ir ao forno. Anos mais tarde, já em Salvador, ele se especializou em fazer mingau de milho e sorvetes, principalmente de jaca, manga e abacate frutas abundantes na chácara que adquirira, em Valéria, subúrbio de Salvador.

* * *

Algum tempo antes, quando morávamos na Rua Torres Câmara, ainda em Fortaleza, meu pai me presenteou com um carneiro, que me acompanhava para todo canto, dormia embaixo da rede e me fazia companhia até o dia em que invadiu a casa do vizinho quebrando tudo e teve que ser sacrificado. Chorei a perda do companheiro e me recusei a comer de sua carne.

Na casa da Rua Afonso Celso foi, talvez, o local e época, onde mais dei vazão à minha criatividade. Meu pai havia trazido dos Estados Unidos uma pistola que funcionava como uma pequena máquina de projeção de microfilmes. Os filmes vinham dentro de um pequeno cartucho e os fotogramas iam girando à medida que se apertava o gatilho ao tempo em que uma luz se acendia e podíamos projetar a imagem mirando uma parede. A Pistola Cinema foi uma sensação e reuníamos a garotada para ver os filmetes. Com pouco tempo os filmes ficaram chatos por serem repetidos e, como não tínhamos reposição, a solução que encontrei foi criar uma máquina de cinema que permitisse a projeção dos pedaços de filmes de 35 mm que encontrávamos no lixo do Cine Ventura, vizinho do Instituto Christus, onde estudei, na Rua Barão de Studart.

Conhecendo como o processo da projeção funcionava basicamente, acabei criando uma máquina de cinema. Com ela, sempre que possível, ao entardecer, promovíamos sessões de projeção, pelo menos uma vez por semana, para a garotada da rua. O local era a espaçosa varanda de nossa casa, que ficava no primeiro andar, com entrada independente, em cima de uma repartição pública, acredito que também vinculada à Malária. A geringonça foi armada com uma caixa de sapato, o bulbo de uma lâmpada transparente, que enchíamos com água para funcionar como lente de aumento e uma lanterna a pilha. O segredo estava nos cortes feitos na caixa: tinha um buraco retangular, em um dos pequenos lados da caixa por onde saía a o facho de luz e projetava a imagem dos fotogramas de 35 mm que passávamos, um a um, puxando-os de um lado para outro por meio de cortes nas laterais da caixa que permitissem apenas a entrada e a saída do pedaço do filme. Puxando-se o pedaço do filme de um lado para o outro da caixa fazendo com que o fotograma passasse entre o facho de luz e o bulbo da lâmpada cheia de água (lente de aumento) conseguíamos projetar na parede cada fotograma individualmente.

Para conseguirmos pedaços novos de filmes todo mundo participava do processo e eu organizava a projeção. Ao ir para o Instituto Christus, na Rua Barão de Studart, ao lado do Cine Ventura, localizei que nos fundos do cinema eram jogados ao lixo, tiras e tiras de filmes, devido aos cortes realizados. Eu pegava esses pedaços e projetava com minha geringonça. Alguns colegas conseguiam pedaços de filmes em outros cinemas e levavam para minha casa. Na verdade, estávamos colecionando fotogramas e pedaços de filmes de todo tipo. Não recordo o fim que a geringonça teve nem quando a brincadeira do cineminha deixou de nos atrair, pois logo partíamos para novas brincadeiras. O importante é que a geringonça fazia sucesso e mantinha a turma unida, meninos e meninas. Não sei onde ou com quem aprendi a fazer a geringonça de projeção, mas com certeza alguém me orientou.

* * *

O cinema foi marcante em minha infância, pois íamos semanalmente assistir filmes, não apenas no Cine Ventura, mas também às sessões matinais exibidas por alguns clubes sociais de Fortaleza. Os filmes de Tarzan e de cowboy eram os preferidos. O gosto e a paixão pelo cinema sempre me acompanharam. Recordo que o cine mais luxuoso que já frequentei foi o Cine São Luiz, de Fortaleza, na Praça do Ferreira, pertencente à rede exibidora de Luiz Severiano

Ribeiro, cearense de Baturité, que o construiu como um tributo ao seu estado natal. Fui com minha mãe assistir ao filme "Marcellino, Pão e Vinho", estrelado por Pablito Calvo, no mês de inauguração do cinema, no mesmo ano em que nos transferimos para Recife.

Fiquei deveras impressionado com a suntuosidade do São Luiz, que apresentava o hall de entrada e escadaria com piso e revestimento das paredes em mármore Carrara, além de imensos lustres de cristal importados da então Tchecoslováquia. O luxo do São Luiz foi tão impactante em minha cabeça infantil que aquela primeira impressão positiva me acompanha até os dias de hoje. O Cine São Luiz, inaugurado no dia 26 de março de 1958, levou 20 anos sendo construído e por muitos anos foi um dos orgulhos dos fortalezenses.

Com capacidade para mais de 1300 pessoas, o São Luiz foi o primeiro de Fortaleza a ter poltronas estofadas de vermelho, ar condicionado e a implantar som estereofônico e o então revolucionário Cinema Scope com tela bem mais ampla do que os outros. O prédio, que apresenta linhas neoclássicas e inspiração art-déco, foi tombado pelo patrimônio histórico e atualmente funciona como espaço de festivais que ocorrem em Fortaleza. No mês de inauguração foram exibidos três filmes considerados sucesso de bilheteria: "Anastácia", sobre a princesa russa, interpretada por Ingrid Bergman, que escapou do massacre da família real; "Marcellino Pão e Vinho" e uma chanchada nacional estrelada por Oscarito. De acordo com os jornais da época, para ter acesso ao Cine São Luiz os homens precisavam estar de paletó e gravata, enquanto as mulheres se vestiam como se fossem a uma festa, com saias compridas, bem ao estilo da década, e ainda usavam meias e luvas.

***

Com relação às brincadeiras infantis em Fortaleza, a verdade é que estava sempre em busca de algo diferente para fazer e não me prendia por muito tempo à mesma brincadeira ou brinquedo. Logo partíamos para novas aventuras, como promover guerra de baladeira/badogue, usando bolinhas de barro, secas ou sementes de mamona, como munição. Na época de carnaval, juntava-me à criançada e promovíamos na rua nossa própria festa com batucada à base de latas e outros instrumentos musicais a que tivéssemos acesso. Aliás, esta foi uma característica que me acompanhou por toda a vida: nunca fiquei preso a um único projeto e sempre busquei abrir frentes e atividades novas simultaneamente,

o que de certa forma me auxiliou a vencer algumas adversidades, quando me fechavam uma porta eu já tinha várias alternativas prontas.

Lembro que eu exercia certa liderança no grupo devido estar sempre propondo novas atividades que eram acatadas por todos. Eu gostava da liderança e, vaidoso, procurava estar sempre promovendo alguma coisa. Era uma espécie de chefe e aquilo me estimulava a criar coisas novas. Quando não estava imaginando brincadeiras, ou contando histórias inventadas e intermináveis para meus irmãos, cuidava dos passarinhos e dos preás que criava. Eu gostava de contar histórias e ainda armava um cenário para melhor contá-las, lançando mão de palitos, caixas de fósforo, pedrinhas, soldadinhos de chumbo e tudo que se aplicasse às historinhas, que podiam ser interrompidas para as refeições ou outras atividades e retomadas, como se fossem capítulos de uma novela. Caso me esquecesse de algum personagem ou detalhe na continuação da história, Li e Bal imediatamente me lembravam do detalhe ou dos personagens esquecidos perguntando "e fulano? O que aconteceu?"

***

Foi nessa época que armei um plano de invasão de um Castelo, que dizíamos ser mal assombrado, localizado na Rua Santos Dumont. Só poderia participar da empreitada quem tivesse coragem. Fomos para lá em comitiva, cheios de bravatas e de temores. Em lá chegando, apenas alguns tiveram coragem de entrar comigo. Ao ingressar no ambiente, por meio de uma porta quebrada, senti um friozinho na barriga e hoje não posso negar que o medo tomou conta do coração que disparou. Alguns garotos que entraram comigo ficaram paralisados principalmente quando o vento, que entrava por gretas, janelas e portas quebradas, provocava barulhos estranhos. Eram verdadeiros uivos seguidos do barulho de portas batendo. O eco provocado pelo pé direito muito alto do castelo, envolto em sombras, era assustador, mas tínhamos que vencer o medo e levar a prova da coragem: um *souvenir*.

A invasão se limitou ao andar térreo, ninguém quis se arriscar a examinar os andares superiores, indo até a torre do lado direito. Como prova de nossa conquista, para ser exibida aos que não participaram da aventura, tínhamos que levar qualquer coisa encontrada lá, tais como peças de vitrais, inteira ou quebrada, ou qualquer outro objeto que servisse de evidência de nossa coragem. O *souvenir* funcionava como um troféu sobre o qual poderíamos contar a história da invasão do Castelo mal-assombrado para todo o resto da turma. Voltei ao

Castelo mais umas duas ou três vezes e acredito ter levado um dos meus irmãos, possivelmente, o mais novo, Mauro, que me acompanhava nas traquinagens. Isso porque Amarílio, além de compenetrado, era seletivo nas brincadeiras. Ele gostava de desmontar e montar os presentes que ganhava.

O Castelo a que me refiro era o Palácio do Plácido que foi considerado como uma das residências mais ricas e suntuosas do Brasil. Conta a história que um rico comerciante cearense, Plácido de Carvalho, querendo demonstrar o grande amor que sentia por sua mulher, dona Pierina, uma italiana de Milão, adquiriu a planta de um castelo na Itália e construiu um igualzinho, com todos os detalhes, na cidade de Fortaleza. Após sua morte o Palácio foi abandonado. Lamentavelmente, fiquei sabendo, anos depois, que o Castelo de 1921, que ocupava toda uma quadra, com frente para a Rua Santos Dumont, entre as ruas Carlos Vasconcelos, Monsenhor Bruno e a Costa Barros, no bairro da Aldeota, foi demolido em 1974, sob o protesto dos fortalezenses e da imprensa local. O Palácio do Plácido ficava exatamente onde hoje se encontra a pracinha do CEART (Centro de Artesanato do Ceará), na Rua Santos Dumont.

***

Foi também na casa da Rua Afonso Celso que mantive um intenso criatório de preás (porquinho da índia). Eles se reproduziam com tanta facilidade que comecei a vendê-los na escola, aos coleguinhas, e para os vizinhos. Com o dinheiro arrecadado comprava gibis e figurinhas, que eram motivo de trocas também nas sessões dominicais no Cine Ventura. Como a venda para os vizinhos não era suficiente para limitar ou controlar a população de preás na área que meu pai reservara para a criação, passei a levá-los para a feira livre do bairro onde, numa caixa, passei a vendê-los. O negócio ia de vento em polpa, mas uma conhecida de minha mãe nos viu, a mim e a Mauro, que me acompanhou, nos dedurando. Foi o bastante para que minha carreira de feirante, vendedor de preá, e o meu pendor para os negócios fossem proibidos. Minha mãe deve ter ficado envergonhada com o comentário da vizinha.

O interessante disso é que eu já havia posto em prática a habilidade para vender coisas antes, quando negociava com mudas de plantas que eu mesmo fazia. Quando morávamos na casa da Rua José Lourenço, que era imensa, com jardim e um grande quintal. Eu plantava, fazia mudas em latinhas e colocava-as num tabuleiro, no muro da frente da casa e conseguia vendê-las para a vizinhança, principalmente para uma amiga de minha mãe, que era capixaba,

e eu ficava encantado com o sotaque dela. As duas passavam horas envolvidas na confecção de toalhas, colchas e bordados variados enquanto conversavam.

Esta tendência para negociar e vender coisas deve ter sido influenciada pelo que eu ouvia falar de meu pai como um grande vendedor. Seus feitos eram comentados quando a família se reunia e não passaram despercebidos pelo menino atento e curioso que eu era. Anos depois, na adolescência, viria a trilhar o caminho de meu pai, mas atuando como representante de roupas femininas.

Foi na Rua José Lourenço que descobri a inexistência de Papai Noel, revelando aos irmãos minha descoberta: a bicicleta encomendada estava escondida na dispensa, que estava sempre trancada. Meu pai me ensinou a andar de bicicleta e a consertar pneu furado, pois tínhamos uma caixinha para reparar furos na câmara de ar.

Em frente à minha casa, na Rua José Lourenço, havia uma grande área, onde moravam famílias de negros, provavelmente descendentes de escravos, que criavam porcos e galinhas para vender na vizinhança junto com as frutas que colhiam no terreno. Era uma espécie de quilombola, pois existia uma dezena de pequenos casebres de taipa armados em torno da casa de um senhor negro, que me dedicava muita atenção. Sempre que possível eu atravessa a rua para ouvir suas historinhas, mas não recordo de nenhuma. Deixei de frequentar aquele grande terreiro de chão batido, terra escura, porque peguei "bicho de pé" e fiquei proibido de voltar à casa daquele senhor, do qual também não recordo o nome. O processo de retirada dos "bichos de pé", alojados em meus pés, foi dolorido e o tratamento, caseiro, à base de agulha e álcool.

Outro tipo popular da rua era o sapateiro da esquina. Eu ia lá admirar a habilidade com que ele cortava o couro seco e transformava em sola inteira ou meia-sola na recuperação dos sapatos dos clientes. Era um artista e o que eu gostava mesmo de assistir era o processo de acabamento que ele dava aos produtos usando um ferro quente. O sapateiro fazia o ferro deslizar acompanhando o contorno do sapato, alisando as bordas do solado.

Foi no barraco do sapateiro que tomei café preto pela primeira vez e queimei a boca com o café quente que me foi oferecido numa caneca feita a partir de uma latinha de conserva. O velho sapateiro não sabia o que fazer e fui para casa com o céu da boca e a língua ardendo e os lábios despelando em situação precária. Nunca mais tomei café tão quente e tão forte quanto aquele.

O pó do café foi colocado diretamente na água, ao ferver, e coado diretamente do bule, que repousava em cima de uma pequena fogueira armada com três paralelepípedos, num dos cantos do barraco.

***

De certa forma, mudávamos de endereço, mas continuávamos gravitando próximo à casa de tia Adelaide, irmã de meu pai, casada com o general Walmir Barbosa Carvalhedo, pai de meus primos Francisco de Assis, José Edilson, Maria Imaculada (Imá), Ana Maria, Maria Luíza e Maria Virgínia. Íamos muito à casa do general para brincar enquanto minha mãe conversava e aprendia a fumar com tia Adelaide. Ana era uma jovem belíssima e chegou a ganhar a faixa de Miss Ceará, ficando entre as primeiras classificadas na competição nacional realizada no ano de 1964[2]. Recordo como a festa dos 15 anos dela foi concorrida com direito a um bolo imenso. Dos filhos de Walmir o único que seguiu carreira militar foi Francisco, o mais velho.

Desde criança sempre tive uma noção de distância e de localização muito boa, mas sempre fui péssimo em gravar nomes. Se passasse por um caminho, aprendia a andar por ele sem dificuldade e foi graças a essa capacidade que certa feita, com medo das consequências de um malfeito, fugi para a casa de minha avó, atravessando Fortaleza de um lado a outro, pegando dois ônibus diferentes para chegar lá. Só retornei para casa depois das negociações de minha avó no sentido de que eu não seria castigado.

A casa da vovó sempre foi o nosso refúgio e abrigo. Adorávamos ir para a casa dela, onde pintávamos o sete e seguíamos a liderança de meu tio Wevergthon, que chamávamos de Tio Sete, e ninguém sabe explicar a razão. Quando já estávamos em Salvador ele veio morar conosco enquanto fazia o Curso de Geologia na UFBA. Durante esse tempo ele foi o meu irmão mais velho e o exemplo a ser seguido. Na adolescência eu o acompanhei em inúmeras farras.

***

[2] Ângela Vasconcelos, representante do Paraná foi eleita Miss Brasil de 1964. As primeiras colocações a seguir: o segundo lugar ficou com Vera Lúcia Couto (da Guanabara); o terceiro com Maria Isabel de Avelar (Sergipe); o quarto com Ana Maria Caldas (Pernambuco); o quinto com Neli Cavalcanti (Rio Grande do Norte) e sexto com minha prima Ana Maria Carvalhedo (Ceará).

Nos fins de semana geralmente a família se reunia no sítio do Kleber CorreiaLima[3], casado com tia Ione, irmã de minha mãe. O sítio ficava em Messejana[4] e como tio Kleber era dono de uma fábrica de café, ele disponibilizava duas ou três caminhonetes, usadas na distribuição do produto, e todo mundo ia para lá, inclusive meus avôs. Enquanto os adultos curtiam a piscina, chupando cajus maduros que na noite anterior haviam sido inoculados, ainda no pé, com rum, cachaça ou outra bebida alcoólica por meio de uma seringa, as crianças brincavam na lagoa, tomando banho, pescando, andando de barco ou comendo frutas as mais variadas, inclusive pitombas.

Eu gostava tanto de pitomba que meu tio Kleber me deu uma pitombeira no sítio para eu fazer o que quisesse e, sob supervisão de minha tia Ione, acabei vendendo a carga do pé a um feirante. Nos períodos de férias escolares, passávamos as férias com minha avó, mesmo quando já estávamos morando em Salvador. Meu pai colocava todo mundo no carro e, uma vez por ano, visitava Fortaleza, hospedando-se na casa de minha avó. Quando em Salvador, hospedávamos os familiares que se dirigiam ao Ceará ou ao Rio de Janeiro, como os tios Jurandy e Gracília, que também uma vez por ano deixavam o Rio e iam até o Ceará durante as férias. A mãe de meu pai também viajava muito, mas nunca esteve em nossa casa em Salvador.

* * *

Em Fortaleza tive uma infância sadia e feliz. Meus pais proporcionavam tudo o que lhes permitiam as posses e acredito que estavam acima da média, a julgar pelas oportunidades que nos eram oferecidas, dos brinquedos refinados que ganhávamos e tudo o mais. Em Fortaleza, tive minha iniciação musical ao participar da bandinha de crianças e adolescentes organizados pelas irmãs Missionárias Jesus Crucificado.

---

[3] Kleber Correia Lima, casado com Ione, irmã de minha mãe, foi um dos fundadores do Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de café no Estado do Ceará. Ele faz parte da história do SINDCAFE no Ceará, na condição de ex-presidente. Foram fundadores: Hélio Guedes Pereira, Armando Monteiro, Sílvio Simões, Joaquim Alves Mota, Albino Meireles, Aparício Façanha de Sá, Luiz Guimarães, Kleber Correia Lima, Raimundo de Oliveira Gomes, Antônio Gonçalves Viana, Dioclécio Pitombeira, Vicente Gonçalves Viana e Brismar Rocha. O Sindicato do café do Ceará, protagonista principal na criação da ABIC, foi fundado em 1974.

[4] Messejana é um bairro localizado na região metropolitana da Grande Fortaleza que possui monumentos, além de ter sido palco de eventos históricos. Nasceram em Messejana o escritor José de Alencar e o primeiro presidente do Golpe Militar de 1964, general Humberto Castelo Branco.

Frequentei os ensaios da bandinha até o dia em que trocaram o instrumento que eu gostava, o pandeiro, pelos pauzinhos da percussão. Indignado porque estava sendo contrariado, me recusei a continuar na banda, demonstrando ares de rebeldia que meus pais, com muito jeito e conversa, conseguiram controlar na época certa ajudando a me transformar na pessoa tranquila, cordata e controlada que julgo ser até hoje, pois poucas foram as vezes que esquentei a cabeça, perdendo a paciência e a esportividade.

Ao longo da vida, lembro de alguns momentos de reação nos quais eu poderia ir às últimas consequências. Por muitos anos eu advertia as pessoas que avançavam muito o sinal, dizendo-lhes para ter cuidado, pois como bom nordestino eu dava um boi para não entrar numa briga, mas se entrasse nela, daria uma boiada para não sair.

Coisas da imaturidade...

***

Pratiquei o escotismo em Fortaleza.

Devido à minha precocidade, habilidade e facilidade de aprender coisas, fui galgado de lobinho a escoteiro, mesmo sem ter idade para tal, porque sabia o conteúdo de todos os manuais, regras a serem seguidas e, principalmente, todos os tipos de nós e amarras que nos eram ensinados. Lembro do nó direito, nó simples, nó de frade, nó de forca, nó de laço e do nó de cadeirinha entre outros.

Participava das reuniões dos escoteiros realizadas na Escola Preparatória de Cadetes (Colégio Militar do Exército), na Rua Santos Dumont. Frequentava as reuniões devidamente fardado, de roupa cáqui, com lenço vermelho dobrado e preso ao pescoço por um anel, cordão verde e amarelo em volta do ombro direito, do apito de escoteiro no bolso, cinto de couro com fivela tipo escoteiro e (pasmem!) portava uma faca esportiva de campanha, conhecida como faca de escoteiro, pendurada na cintura. Um chapéu de abas largas e retas completava o uniforme. Lembro que, após as reuniões, íamos, em grupos, ao cinema, principalmente ao Cine Diogo, onde passavam filmes de aventura. Nesse cinema, quando fardados tínhamos algumas regalias.

O fato de ter sido escoteiro contribuiu para minha formação no que diz respeito à lealdade, companheirismo e disciplina, que foram aprimoradas no Seminário. Lembro ainda de alguns dos dez mandamentos ou Lei Escoteira, não necessariamente nesta ordem: o escoteiro está sempre alerta; o escoteiro é

obediente e disciplinado; o escoteiro é econômico; o escoteiro é alegre e procura sorri nas dificuldades.

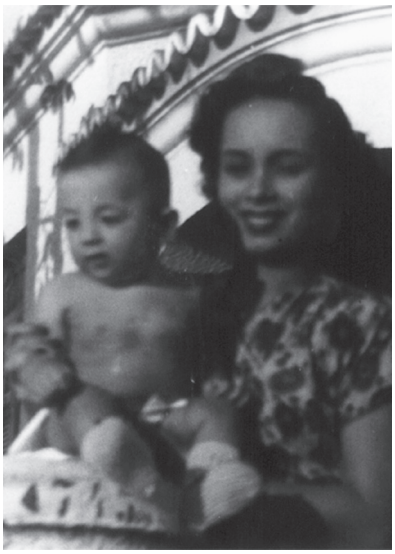
Cheguei a participar de um acampamento de escoteiros de todas as idades, na Serra do Baturité. Fomos para lá em um trem reservado só para os escoteiros. Foi um acampamento fenomenal onde aprendi muito e tive também algumas decepções. Fui escalado para fazer o arroz da minha tropa e, apesar de não saber como fazê-lo, aceitei a incumbência por vergonha de revelar o que não sabia. O resultado foi um arroz queimado, que me serviu de lição. Aprendi a ser humilde, a dizer o que sabia e o que não sabia fazer, além de assumir compromissos e a cumpri-los, além de estar "Sempre Alerta".

Aqui, mais uma vez constato a influência ativa de meus pais na minha formação: eu não poderia ter participado do movimento de Escotismo em Fortaleza, se meu pai não autorizasse e não apoiasse minha iniciativa. Praticar o escotismo era muito dispendioso. As famílias pagavam mensalidades e ainda arcavam com os custos do fardamento, que era sofisticado, além de assumirem outras despesas.

Apesar de não conversar muito com a gente, na infância e adolescência, meu pai sempre esteve por trás de nossas ações, com sua maneira prática, de pouca conversa e, às vezes, até rude de decidir, mas nos apoiava.

Ele costumava dizer que nenhum dos filhos puxou a ele, apesar de apresentarmos um mesmo biótipo, como se tivéssemos saído da mesma forma. Fisicamente, todos nós ultrapassamos a altura dele, em torno de 1,75cm, alto para os padrões da época, mas nenhum dos filhos homens tinha a compleição forte que ele apresentava. As mãos eram grandes e fortes. O diâmetro do pulso dele era maior do que o de qualquer dos filhos já adultos. Ele era um touro e como era bom de garfo, comia muito e engordou, passando a pesar entre cem a cento e vinte quilos, o que contribuiu para que anos mais tarde viesse a sofrer de diabete senil devido aos exageros com doces, chocolates, sorvetes e refrigerantes que consumia compulsivamente. Se na compleição física nenhum dos filhos puxou a ele, posso dizer que pelo menos no gênio e na maneira de ser, Lúcia Helena, a Luluca, e Mauro são os que mais se aproximam dele.

[12.]
Sérgio com seu pai José de Castro Mattos.



[13.]
Sérgio com sua mãe,
Maria Helena Soares de Mattos.

[14.]
Festa da primeira comunhão,
ao lado dos pais.

[15.]

A sala de espera do Cine São Luís, em Fortaleza.

[16.]

O palácio do Plácido foi considerado como uma das residências mais suntuosas do Brasil.

TRAQUINAGENS EM RECIFE

Somente os pequenos segredos precisam ser guardados; os grandes, ninguém acredita.

Herbert Marshall McLuhan

Em Recife, meu pai alugou uma ampla casa, recém construída, no bairro da Encruzilhada, nome derivado de um cruzamento de linhas férreas, onde hoje também existe o cruzamento de duas grandes avenidas – a Avenida Norte e a Avenida João de Barros. Um dos mais tradicionais mercados populares de Recife fica na Encruzilhada, onde fazíamos compras, inclusive osso e carne de terceira para alimentar uma cadelinha vira-lata que criávamos lá, além de alguns coelhos que meu pai nos deu.

Rapidamente me ambientei e fiz novas amizades, o que não impediu que me envolvesse numa briga de rua, primeira e única, e levasse uma verdadeira surra de um menino mais velho com o qual me desentendi por causa do interesse do cachorro dele por minha cadelinha. Atirei uma pedra no animal e ele não gostou e tomou as providências que julgou necessárias baseado na lei do mais forte, uma lei contra a qual sempre me rebelei. No momento, a turma do "deixa disso" não estava na rua para impedir o massacre. Fiquei com o rosto inchado e, dias depois, devido ao meu espírito conciliador, talvez herdado de minha mãe, já estava disputando uma partida de botão com o agressor como se nada tivesse ocorrido.

Quando nos transferimos para Recife logo após a copa do mundo de 1958 interrompi os estudos, só voltando a me matricular no ano seguinte na escola da professora que chamo de Edwirgens por não lhe lembrar o nome. A escola funcionava no bairro do Espinheiro, num grande barracão armado no quintal da casa dela, com carteiras duplas arrumadas em filas, sendo que cada uma ou duas fileiras era destinada a cada ano do primário, do primeiro ao quarto ano. A escola dela funcionava no sistema de classes multisseriais. Meninos sentavam numa fila e as meninas em outra.

Como cheguei transferido para fazer o quarto ano, tive que dividir uma carteira com uma garota, o que foi motivo de chacota dos meninos, que estudavam juntos desde o primeiro ano. Para não repetir o terceiro ano, fiz um exame

de qualificação, tendo sido matriculado no quarto ano primário. A professora usava palmatória e uma régua comprida para disciplinar as turmas. Era uma heroína a já idosa e gorda professora.

Nos estudos estava tudo sob controle, mas em Recife não tínhamos acesso a cinema, uma de minhas paixões, pois não havia nenhum próximo, nem minha mãe conhecia bem a cidade para nos levar a algum mais distante. O contexto também era outro, pois tínhamos um fato que a impedia de sair, que era minha irmã, ainda um bebê, que havia nascido em fevereiro daquele ano. Tia Maria José (tia Zezé como a chamávamos), irmã de meu pai, deu muito apoio a minha mãe. Ela e tio Menezes moravam em Recife há muitos anos. Só tiveram um filho, Frederico, bem mais velho do que eu e, exatamente por isso, na época não tivemos chances de brincarmos juntos.

***

Em Pernambuco, tive a oportunidade, logo após a nossa chegada, de assistir a Festa em Homenagem à Padroeira da Paróquia Nossa Senhora de Belém, no bairro da Encruzilhada, em novembro de 1958. Em minha rua, que ficava em frente da Igreja, foi armada uma quermesse com várias barraquinhas, que vendiam comidas típicas e ofereciam jogos diversos. Também tinha um pequeno parque de diversões, com roda-gigante, tira-prosa, carrinhos-elétricos entre outros brinquedos.

Aquela foi a primeira manifestação de festa popular de rua que presenciei e curti e bem de perto, pois estava armada em frente de minha casa. Em Salvador, minha participação no ciclo de festas populares foi bem intensa, até porque é no Rio Vermelho que se realiza uma das mais importantes: a festa de entrega dos presentes a Iemanjá, no dia 2 de fevereiro de cada ano.

***

Durante a nossa estada em Pernambuco tive que dar asas à imaginação e me integrar aos grupos da meninada da rua, participando das brincadeiras que eram de outro tipo e lideradas por garotos mais velhos, que tinham entre 12 e 15 anos. Na Rua Julieta, aprendi como andar de patinete e a construir meu próprio carrinho de rolimã. Os meninos exibiam seus carrinhos, cada um mais sofisticado que o outro, usando para tal, madeira, cabo de aço e rolimãs, que adquiríamos junto a uma oficina em rua transversal à nossa. Construíamos carrinhos com direção, que podia ser controlada com os pés ou com as mãos por

meio de cordas. Os carros mais sofisticados possuíam freios nas rodas traseiras e tinham acentos acolchoados e recosto para apoiarmos as costas, que ajudava na estabilidade dos veículos.

Os brinquedos sofisticados que meu pai nos dava perdiam em atenção para aquelas geringonças que construíamos para as corridas realizadas na rua. Cheguei a ganhar uma única dessas corridas, mas o normal era perdê-las para os garotos mais velhos. Aprendi que o importante não era ganhar, mas participar e interagir com o grupo, participando das brincadeiras. Péssimo era não participar e pior ainda não ser convidado a participar. E com essa filosofia participávamos também das partidas de futebol que jogávamos em nossa rua.

Tínhamos jogos de botão feitos de chifre de boi que eram torneados e polidos. Cada botão ganhava um nome e recebia tratamento especial à base de parafina para deslizarem bem no tablado onde estava demarcado o campo do jogo. A bolinha usada nesses jogos era feita com farinha de mandioca que íamos umedecendo até que ganhasse liga e pudesse ser moldada e transformada em pequenas bolas de mais ou menos um centímetro de diâmetro. Quando secas as bolinhas ficavam bem durinhas e quicavam facilitando na condução das jogadas.

Os botões de chifre de cores variadas eram guardados em caixa de madeira envoltos em flanela para protegê-los. Um botão que fosse leve tinha mais mobilidade e rapidez na condução e controle da bola, nos lances de ataque e, por isso, eram cobiçados pela meninada que adquiriam os melhores jogadores com dinheiro ou pelo sistema de troca por um ou mais botões, a depender da cotação que o objeto cobiçado atingisse.

Quando chegamos a Salvador tive uma surpresa, pois aqui ninguém usava os botões feitos de chifre e sim uns botões industrializados de plástico e bem baixinhos, que podiam ser comprados nas Lojas Brasileiras (Lobras), além das regras serem diferentes: em Recife conduzíamos a jogada até perder o contato com a bola ou ter feito o gol, quando o adversário, então, entrava no jogo e assim sucessivamente. As partidas pareciam intermináveis, mas a duração de cada partida disputada era acertada previamente por tempo ou pela quantidade de gols feitos. Quem atingisse o placar estabelecido previamente ganhava a partida e encerrava o jogo.

Em Salvador, a regra impedia a condução do botão durante a jogada. Cabia a cada participante fazer uma jogada por vez, impulsionando o botão,

alternadamente, em direção do gol adversário. Não me entusiasmei com esta regra, que tornava o jogo monótono e frio. Deixei de participar de jogos de botão até porque o meu time feito de chifre de boi torneado e polido aqui não valia nada. Infelizmente não tenho lembranças sobre o fim que a caixa de botões de chifre teve.

Na Bahia, em vez de bolinha de farinha se usava um pequeno artefato que vinha junto ao time adquirido nas lojas e, na falta desse, um botão de camisa de tamanho médio que mais se aproximasse do objeto que vinha de fábrica. Os goleiros que usávamos, tanto em Recife como em Fortaleza, eram feitos artesanalmente de chumbo derretido dentro de caixinhas de fósforo e eram fixos no centro dos gols ou arrumávamos uma posição quando nas cobranças de tiros diretos à meta. Em Salvador os goleiros eram baixinhos, também de plástico, leves com uma haste por trás e podiam ser movimentados na tentativa de defender a meta dos chutes dos botões adversários e impedir que fizessem gols.

***

Na festa de São João de 1959 nos encontrávamos ainda em Recife e meu pai comprou uma banca de fogos para mim. Todas as tardes eu armava meu circo: colocava a banca, que parecia uma casinha, cheias de compartimentos, nos quais colocava todos os tipos de fogos: bombas, foguete de apito, traques de massa, cobrinhas, vulcões, bombinhas e rojão de vara entre outros de fabricantes diferentes. Pendurava a banca, forrada de papel colorido (vermelho, azul e branco), numa das colunas do muro da casa, sentava num banquinho e vendia fogos para a garotada e adultos da vizinhança. Essa foi outra experiência que tive no ramo comercial.

Em Recife, jogávamos muitas partidas de botão, triângulo, bola de gude e pião. Empinávamos arraias, andávamos de carrinho de rolimãs e de patinete. Usávamos o tempo livre para a prática de traquinagens. Acredito que o pouco tempo em que moramos na capital pernambucana devo ter dado muitas preocupações a minha mãe, mas foi também o tempo em que tive oportunidade de aventuras típicas da infância, de ter acesso a outras coisas, desenvolvendo ainda mais minhas habilidades manuais no que diz respeito à construção dos próprios brinquedos, além de continuar praticando a arte das vendas, vendendo arraias, botões de chifre de boi torneado, carrinhos de rolimãs e fogos de artifício.

Em Recife empinávamos arraias e aprendi também a construí-las com talos de folha de coqueiro amarradas com linha no formato de escudos dos times

de futebol, com uma pequena curvatura para captar melhor o impulso do vento. Os espaços entre os talos e as linhas eram preenchidos com papel de seda. A rabada era feita com tufos de algodão ou pedaços de tecido colados numa linha em intervalos regulares. Construía belíssimas arraias.

Quando cheguei a Salvador eu detinha um *know-how* na fabricação de pipas e arraias tendo produzido e vendido muitas para a garotada do Rio Vermelho. As arraias da Bahia eram bem mais simples: dois talos colados em forma de X, com uma linha em volta onde o papel era colado. O resto era igual, rabada, linha com cerol (mistura de cola de madeira e vidro moído) para ter poder de corte sobre as outras, nas disputas e guerras aéreas. Vendi muitas arraias no Rio Vermelho.

***

Foi em Pernambuco que aprendi a ajudar missa e o fiz pela primeira vez. As missas daquela época eram celebradas em latim e eu decorava todas as falas, as do ajudante e as do padre, chegando ao cúmulo de praticar em casa, onde armava um mini-altar e celebrava missa para meus irmãos, usando como paramento um lençol dobrado e amarrado na cintura. Como se fosse uma estola, usava as gravatas de meu pai. Era um bom ator! A primeira missa oficial que ajudei foi na Igreja do bairro do Campo Grande, bairro colado ao da Encruzilhada. Minha mãe fez amizade com o pároco de lá. Não sei explicar porque não foi na Igreja de Belém, próxima de casa.

Também foi em Recife que meus pais abriram uma conta de poupança em meu nome na Caixa Econômica do bairro e comecei a mexer com dinheiro numa outra dimensão. Amealhava moedas em um cofrinho e mensalmente ia até a agência, em companhia de minha mãe, fazer depósitos e anotações na caderneta. Foi aí que começaram as noções sobre a importância de se fazer economia.

***

Dentre as traquinagens de vulto que pratiquei em Recife juntamente com outras crianças, duas valem a pena recordar. Uma devido à ousadia e a outra devido ao risco de vida que corri. A primeira, inclusive foi tema de uma crônica infanto-juvenil que publiquei em Salvador. Estávamos no mês dos festejos juninos e armamos a maior confusão na rua ao provocar o estouro de uma boiada, que semanalmente passava numa rua próxima.

Esperamos a aproximação da boiada para lançar alguns fogos em direção dos animais, provocando um verdadeiro estouro da boiada, a exemplo, guardadas as devidas proporções, daquelas que víamos nos filmes de cowboy. Foi uma verdadeira confusão, mas nada que os vaqueiros não pudessem controlar até porque todas as casas estavam fechadas e nenhuma pessoa foi ferida. Um dos vaqueiros ainda procurou localizar de onde tinham partido os fogos ou identificar os autores da brincadeira de mau gosto, mas não encontrou ninguém para contar a história.

De acordo com as lembranças de meu irmão Mauro, no momento do estouro da boiada, nós três subimos em um poste de concreto duplo T, de transmissão de energia, que para nossa sorte tinha uma espécie de degraus para facilitar a subida dos técnicos, tendo Amarílio ficado um pouco abaixo e gritando que o boi ia pegá-lo devido à altura em que se encontrava do solo. Nosso desespero foi tão grande que conseguimos sair do poste escalar um muro alto, pulando para o outro lado, ficando livres não apenas dos riscos de sermos atingidos pela boiada como também de sermos identificados pelo vaqueiro que estava à procura dos autores do atentado. Passado o susto tudo voltou à normalidade.

A segunda travessura foi uma aventura de navegação em um dos riachos próximo de nossa casa. Não tenho como precisar se foi no canal Riacho Catão, na Avenida Prof. José dos Anjos ou o riacho da Rua Prof. Jerônimo Gueiros. A lembrança que tenho é que o riacho usado corria para uma represa, onde nossa aventura acabou. Quem se aventurou comigo foi Memeu, diminutivo de Bartolomeu, um vizinho de minha idade e companheiro de travessuras. Como meus irmãos eram bem menores, não me acompanharam nessa embaixada.

Memeu e eu decidimos navegar no riacho, cortamos alguns pedaços de caules de bananeira que foram trespassadas por três cabos de vassoura. Os talos foram mantidos unidos por meio dos cabos de vassoura. Não houve necessidade de amarrá-los entre si com cordas.

Depois de verificarmos que a balsa flutuava, embarcamos e deixamos que a correnteza nos levasse, enquanto desfrutávamos de uma sensação de liberdade indescritível, pois estávamos indo ao encontro do desconhecido, em meio do nada, ladeado de mato e capim navegamos em meio a baronesas que estavam em todos os lados e eram levadas pela correnteza.

Foi divertido até o momento em que chegamos ao que parecia o fim da jornada: uma pequena represa. Aos poucos fomos sendo empurrados bem para

o centro daquele lago. Como não tínhamos remos nem sabíamos nadar, começamos a ficar preocupados, pois para piorar a situação a balsa já não oferecia confiança e os talos de bananeira estavam se soltando. Foi quando avistamos um homem, um pescador, que nos resgatou depois de gritarmos bastante. Estávamos, calculo hoje, a mais de três quilômetros de distância de casa. Voltamos encharcados e nada comentamos em família sobre aquela aventura arriscada.

* * *

Ao anoitecer tínhamos um ritual a ser comprido: sentávamos ao redor do aparelho de rádio da casa, junto com minha mãe, para ouvir a radionovela "Jerônimo, o herói do sertão", escrita por Moysés Weltman. Curti muito as aventuras de Jerônimo, moleque Saci e Aninha. Sabíamos a letra e cantávamos A Canção de Jerônimo[5], música de autoria de Getúlio Macedo e Lourival Faissal, que era executada no início e no final de cada capítulo. Minha mãe, como outras senhoras da época, acompanhava "O Direito de Nascer", do cubano Felix Caignet e outras.

Devo aqui abrir um parênteses para destacar o quanto as emissoras de rádio de Pernambuco valorizavam a radionovela ou radioteatro como eles preferem. Foi a Rádio Clube de Pernambuco que transmitiu, em 1937, a primeira história seriada feita no Brasil. Uma adaptação do romance "Senhora de Engenho", de Mário Sette, autor pernambucano. Três emissoras de rádio de Recife eram responsáveis por um dos maiores centros produtores de radionovelas do país, tão importante quanto os do Rio e de São Paulo. As emissoras pernambucanas (Rádio Clube de Pernambuco, a Rádio Jornal do Commercio e a Rádio Tamandaré), na década de 1950, chegaram a produzir e a transmitir de oito a dez novelas por dia. A partir dos anos 1960, quando se deu a chegada da televisão em Recife, esta situação começou a mudar, pois algumas novelas passaram a ser gravadas no sul e distribuídas para todo o país. Mesmo assim, Pernambuco continuou a produzir novelas e a distribuí-las na região Nordeste.

Eu ouvia as transmissões do seriado de aventura, "Jerônimo, o herói do sertão", na Rádio Jornal. Naquele tempo tínhamos uma história por semana.

[5] Letra da Canção de Jerônimo, o herói do Sertão: "Quem passar pelo sertão/ vai ouvir alguém falar/ no herói desta canção/ que eu venho aqui cantar.// Se é pro bem vai encontrar/ um Jerônimo protetor./ Se é pro mal vai enfrentar/ um Jerônimo lutador.// Filho de Maria Homem, nasceu/ Cerro Bravo foi seu berço natal./ Entre tiros e tocaias cresceu./ Hoje luta pelo bem contra o mal.// Galopando está em todo lugar,/ pelos pobres a lutar sem temer./ Com o Moleque Saci pra ajudar,/ ele faz qualquer valente tremer".

Além de Jerônimo, outras radionovelas de aventuras que faziam sucesso na época eram: "O Águia de Prata", "O Anjo" e "O Sombra". Eu só acompanhava a de Jerônimo. As radionovelas de aventura começavam a ser transmitidas a partir das 17 horas até "A Hora do Brasil". Após o programa obrigatório, as emissoras transmitiam as novelas de cunho mais dramático, que eram dirigidas aos adultos, principalmente a audiência feminina. Minha mãe tinha cadeira cativa junto ao aparelho receptor e acompanhava mais de uma delas por dia.

***

Outro fato interessante foi que no ano em nos mudamos para Salvador, em 1959, Miguel Arraes de Alencar[6], um cearense nascido no município de Araripe, foi eleito Prefeito de Recife. Ele foi empossado em dezembro de 1959, tendo renunciado em 1962 para se candidatar ao governo do Estado. Ganhou, assumiu e foi cassado em 1964 pelo Golpe Militar. Foi durante o período dele na Prefeitura que surgiu e foi criado o Movimento de Cultura Popular (MCP), envolvendo intelectuais como Paulo Freire, Paulo Rosas, Abelardo da Hora e Germano Coelho. Dentre outras ações, sua gestão priorizou a educação.

Miguel Arraes de Alencar começou sua carreira política, em 1948, ano em que nasci, quando foi nomeado Secretário da Fazenda de Pernambuco pelo então governador Barbosa Lima Sobrinho, que teve destacada atuação na luta em defesa da liberdade de imprensa, durante os anos da ditadura, na condição de presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Antes de viajarmos para Salvador fui assistir a um jogo de futebol em um estádio pela primeira vez. Isso aconteceu no campo do Sport Clube de Recife, no Estádio da Ilha do Retiro. Fomos eu, meu pai e tio Menezes, casado com tia Zezé. A primeira partida de futebol, que assisti em um estádio, foi realizada no dia 4 de agosto de 1959, quando o Sport jogou contra o Botafogo do Rio de Janeiro, como forma de pagamento pela compra do goleiro Manga, que deixou o Sport naquele jogo. O Botafogo deu uma goleada de 6 X 0 no Sport e, nesse dia,

[6] Miguel Arraes nasceu em Araripe, no Ceará, no dia 15 de dezembro de 1916. Diplomou-se pela Faculdade de Direito do Recife em 1937. Foi Secretário da Fazenda do governo Barbosa Lima Sobrinho. Foi deputado estadual em 1954, eleito pelo Partido Social Democrático (PSD). Elegeu-se Prefeito de Recife e, em seguida, governador do estado, tendo sido cassado pela Ditadura Militar de 1964. Após o exílio, anistiado, foi eleito deputado federal em 1982. Em 1986 foi eleito como governador de Pernambuco pela segunda vez. Em 1995 foi eleito novamente para seu terceiro mandato de governador. Em 2002, foi eleito pela terceira vez como deputado federal, vindo a falecer no dia 13 de agosto de 2005.

nasceu minha simpatia pelo Botafogo do Rio, pelo qual torço até hoje. Pelo que recordo do evento, um mágico de um circo que se encontrava na cidade fez a previsão do resultado da partida colocando-o numa caixa lacrada que foi aberta ao final do jogo. Ele acertou o placar em cheio e o acerto foi a maior publicidade que o circo poderia ter tido, pois todas as emissoras de rádio divulgaram o feito com muito destaque.

O botafogo tinha vários jogadores da seleção campeã de 1958 e jogou com o seguinte time: Manga (Adalberto) Cacá (Ademar), Jorge, Nilton Santos e Lucas; Ronald (Paulistinha) e Rossi; Garrincha, Paulinho Valentim; Quarentinha (Edison) e Zagallo (Amarildo). O técnico do Botafogo era João Saldanha. Os artilheiros do jogo foram: Quarentinha (2), Rossi (2), Paulinho Valentin e Garrincha. O time do Sport jogou com: Cazuza, Bria e Cido; Ney Andrade, Dedé e Índio; Ramos, Tracaia (Walter Vieira), Bé, Djalma e Bittencourt. O técnico era Dante Bianchi (Fonte: *Diário de Pernambuco*).

A segunda vez que fui a um estádio foi em Salvador, na Fonte Nova, pouco tempo depois da transferência de meu pai, quando tive a oportunidade de assistir na companhia dele, a um dos jogos do Bahia contra o Ceará, durante a maravilhosa campanha do tricolor baiano que acabou campeão da Taça Brasil daquele ano. Para ser campeão brasileiro, o Bahia participou de 14 jogos, obtendo nove vitórias, dois empates, fez 20 gols e levou 18. Coincidentemente, os dois empates foram contra o time do Ceará. Os jogos entre os dois times foram realizados no dia 20 de setembro de 1959, em Fortaleza, sem alteração no placar; no dia 27 de setembro de 1959, jogo realizado em Salvador, com novo empate, com cada time fazendo dois gols. O Ceará só não foi derrotado devido às defesas de Aloísio Linhares, um dos melhores goleiros que já passaram no futebol cearense, que, naquela noite, fechou o gol, praticando defesas incríveis, fazendo "ponte aérea" e outras defesas de grande efeito e plasticidade que me encantaram. Anos depois fiquei sabendo que o apelido dele no Ceará era "Caravelle", nome de avião. A partida, que tive oportunidade de assistir em companhia de meu pai, terminou empatada em 2 X 2.

O jogo de desempate foi realizado em Salvador, quando o Bahia ganhou de 2 X 1 e continuou sua campanha vitoriosa, jogando, ao final do campeonato, três vezes contra o Santos de Pelé. Ganhou a primeira partida por 3 X 2, em jogo realizado na Vila Belmiro no dia 10 de dezembro de 1959. O segundo jogo foi realizado em Salvador, quando o Santos derrotou o Bahia, no dia 30 de dezem-

bro, por 2 X 0 e a terceira partida foi realizada no Maracanã, no dia 3 de março de 1960, quando o Bahia ganhou de 3 X 1, sagrando-se campeão brasileiro. O Bahia daquele tempo enchia os olhos de qualquer pessoa, por isso que ainda hoje me lembro dos principais jogadores daquela equipe. O time campeão do Bahia foi o seguinte: Nadinho, Leone, Henrique, Vicente e Beto; Flávio e Bombeiro; Marito, Alencar, Leo e Biriba – O técnico foi Geninho. A propósito, Alencar era cearense.

O PORTAL DA MAGIA BAIANA

A criança que fui agora chora na estrada. Deixei-a ali quando vim ver quem sou. Mas hoje, vendo que o que sou é nada, quero ir buscar quem fui onde ficou.

Fernando Pessoa

Numa manhã ensolarada, com céu de brigadeiro, desembarcamos, nos primeiros dias do mês de setembro de 1959, no então Aeroporto 2 de Julho, em Salvador, e fomos levados em um automóvel conversível de origem norte-americana, com a capota arriada, direto para o Hotel da Bahia, na Praça do Campo Grande. Dessa feita viajamos todos juntos para a terra onde tinha uma Igreja para cada dia do ano, como já se dizia àquela época.

A magia da Bahia começou a me contaminar logo à saída do aeroporto, quando atravessamos uma verdadeira Catedral de Bambus. Aliás, o bambuzal que dá acesso e saída ao aeroporto soteropolitano é uma das imagens mais marcantes para quem chega ou deixa Salvador. Para mim, a Catedral de Bambus do aeroporto continua exercendo forte influência nos meus sentimentos. Todas às vezes que atravesso esse bambuzal, seja saindo de Salvador ou chegando, sinto a sensação de que estou atravessando um portal mágico e espiritual. Até o vento que corre naquele corredor parece soprar diferente, como se os Orixás guerreiros das matas, como Oxossi (São Jorge) e Ogum (Santo Antônio) estivessem guiando os nossos passos. Vem daí, acredito, o meu amor e paixão pela Bahia. Foi amor à primeira vista.

Quem governava a Bahia na época era um cearense, o general Juracy Montenegro Magalhães[7], que era aparentado da família do general de brigada Walmir Barbosa Carvalhedo, casado com a irmã de meu pai. O parentesco entre os generais Juracy e Walmir vinha do fato de que o irmão do primeiro, Japy Magalhães, era casado com Emyr, irmã de tio Walmir, cuja irmã caçula, Carmen Carvalhedo, era uma reconhecida pianista/concertista, que morreu em 11 de janeiro de 1992. Era a segunda vez que Juracy governava a Bahia. Em seu segundo mandato, iniciado no dia 7 de abril de 1959, ele foi responsável por inúmeras obras de repercussão no desenvolvimento cultural, econômico e social da Bahia. O que de certa forma contribuiu diretamente para o sucesso do trabalho que meu pai passou a desempenhar por meio da IBM.

***

O ano em que cheguei à Bahia foi um ano marcado por acontecimentos que iriam ter desdobramentos nos anos seguintes. O primeiro dia do ano, por exemplo, foi marcado pela vitória do movimento revolucionário cubano, liderado por Fidel Castro. Foi no dia primeiro que Fidel e Che Guevara entraram em Havana, expulsando o ditador Fulgêncio Batista. Fidel e Che passaram a povoar o imaginário de milhares de jovens de minha geração, inclusive copiando-lhes o uso das barbas como sinal de rebeldia ou de protesto.

Em 1959, Carlos Marighela, o poeta guerrilheiro baiano, lançou o seu primeiro livro de poemas: *Uma prova em versos* (*e outros versos*)[8]. Dez anos depois, caçado pelo regime pós-1964, como sendo o inimigo número um, acabou sendo morto, numa emboscada, no dia 4 de novembro de 1969. O filho

[7] Juracy Montenegro Magalhães nasceu em Fortaleza no dia 4 de agosto de 1905 e morreu aos 95 anos de idade no dia 15 e maio de 2001. Ele foi um dos principais líderes do movimento tenentista responsável pelo Golpe que terminou com a República Velha. Governou a Bahia, primeiro como interventor, nomeado por Getúlio Vargas, no período de 1931 a 1935, permanecendo no cargo até novembro de 1937, por meio de eleição indireta referendada pela Assembleia Legislativa. Voltou a ser governador da Bahia no período de 1959 a 1963, quando foi sucedido por Lomanto Junior. Após o Golpe de 1964, Juracy foi embaixador do Brasil em Washington e depois ministro da Justiça Os generais de exército Juracy Magalhães e Walmir Carvalhedo eram muito amigos.

[8] MARIGHELLA, Carlos. *Uma prova em versos* (*e outros versos*). Rio e Janeiro: Edições Contemporâneas, 1959. A prova em versos de Marighella é famosa não apenas na Bahia, pois se espalhou por todo o país. A prova foi elaborada em 29 de agosto de 1929 e abordava o ponto sorteado, ou seja, a catóptrica, estudo da luz refletida.

dele, Carlinhos, foi meu colega de turma, no terceiro ano científico noturno, no Colégio da Bahia, Central, no ano de 1967.

A guerra fria estava em plena vigência, com a disputa entre as duas maiores potências, Estados Unidos e a União Soviética, na tentativa de impor seus regimes ideológicos ao mundo. A opção de Cuba pelo socialismo, aproximando-se da linha político-ideológica pregada pela URSS levou os americanos a romperem relações diplomáticas com o regime de Fidel e a declarar um embargo econômico que se estende aos dias atuais desde o ano de 1962. Em 1959, foi o ano também em que os Estados Unidos passaram a se envolver mais diretamente na Guerra do Vietnã, que se arrastou até 1975, conduzindo os americanos a uma derrota que até hoje ainda influencia as atitudes e decisões com relação à política externa desse país.

Se no ano de 1948, quando nasci, foi inventado o transistor, que influenciaria o desenvolvimento tecnológico na área das comunicações, o ano de 1959, quando cheguei à Bahia foi marcado pelo desenvolvimento de linguagens específicas para o uso em programação de computadores, como o COBOL – Common Business Oriented Language. O COBOL evoluiu de duas outras linguagens da informática: a Flow-Matic, elaborada por Grace Hopper, e a COMTRAN desenvolvida por Robert W. Bemer, da IBM, que estava nos trazendo para Bahia e na qual trabalhei na década de 1960.

Durante o ano de 1959, um novo ritmo de música brasileira, a Bossa Nova, foi apresentada ao mundo, por meio da trilha sonora do filme "Black Orpheus", dirigido pelo francês Marcel Camus. A trilha sonora do filme, baseado na peça teatral "Orfeu da Conceição", de Vinicius Moraes, foi musicada por Tom Jobim. Algumas músicas do filme, tais como "A felicidade", "Frevo de Orfeu" "O nosso amor" foram composta em parceria de Tom com Vinicius.

O filme ganhou o Festival de Cannes, o Globo de Ouro e o Oscar de melhor filme estrangeiro daquele ano. Os brasileiros sentiram orgulho com o sucesso da Bossa Nova, mas foi naquele ano que Heitor Villa-Lobos morreu. O maestro, autor de músicas consagradas como "O canto do uirapuru", "Bachianas brasileiras", "Trenzinho Caipira", "Quadrilha" e "Xangô", entre muitas outras, é considerado como a maior referência do modernismo musical no Brasil. No esporte, foi o ano em que a tenista brasileira Maria Ester Bueno venceu pela primeira vez o Torneio Internacional de Wimbledon, na Inglaterra.

Nesse mesmo ano, a fábrica da Wolkswagen no Brasil lançou o seu primeiro automóvel, o sedã 1200, mais conhecido por "fusquinha", que viria a ser o carro mais popular do país por muitos anos. Em 1959, mais precisamente no dia 21 de janeiro, também se comemorou os 20 anos da descoberta do petróleo na Bahia. Estes fatos aleatórios servem para demonstrar que o ano de 1959 foi um ano de acontecimentos marcantes de um modo geral e que, de forma particular, a mudança de minha família para Salvador selou o meu futuro, pois aqui me fiz e me estabeleci definitivamente.

Em 1959 foi inaugurado, no antigo Convento de Santa Tereza, em Salvador, o Museu de Arte Sacra, o primeiro do Brasil, instalado por ocasião do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. O Museu de Arte Sacra foi inaugurado durante o reitorado de Edgard Santos[9] na UFBA. Ele também inaugurou no mesmo ano o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), consolidando a extensão universitária. Foi também no mesmo ano que a UFBA iniciou suas atividades editoriais, publicando a revista *Universitas* e o *Jornal da Universidade*, além de várias coleções. Anos mais tarde, quando chefiei o Núcleo de Publicações do Centro Editorial e Didático da UFBA, onde também exerci a função de diretor-geral substituto, pude restaurar e dar início a atualização das publicações da *Universitas*, além de contribuir para que o Centro viesse a se transformar na Editora que é hoje.

Deixei a chefia do Núcleo de Publicações do Centro Editorial quando viajei para os Estados Unidos para cumprir programa de pós-graduação. À época, Ailton Sampaio, professor de fotografia da Escola de Comunicação era o diretor. Meus ex-alunos e estagiários no Núcleo de Publicações na época, a exemplo de Flávia Garcia Rosa e Maria Cândida Maiffre, cresceram e tomaram

[9] Edgard do Rêgo Santos (1894-1962) foi o primeiro Reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), fundada em 08 de abril de 1946, tendo sido reeleito várias vezes e permanecido no cargo até 1961, cumprindo um período de 15 anos. Quando deixou a UFBA foi nomeado presidente do Conselho federal de Educação. Edgard Santos liderou o processo de federalização da Universidade, além de ter sido um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento das artes na Bahia. Foi ele quem criou as primeiras escolas de nível superior de Dança, Música e Teatro do Brasil, trazendo para a Bahia nomes do cenário internacional que atuaram como professores nessas escolas. Em síntese, como está explicito no site da própria UFBA (www.ufba.br) o empreendedorismo de Edgard Santos e o fato dele ter identificado a vocação artística da Bahia, acabaram sendo a base, durante a década de 1960, de dois fenômenos da cultura brasileira contemporânea: o Cinema Novo e o Tropicalismo. Edgar Santos foi ainda responsável pela construção do Hospital Universitário e pela implantação dos campi do Canela, Federação e Ondina.

gosto pela editoração, passando anos depois a dirigirem a Editora da UFBA e a dividirem comigo as responsabilidades da diretoria do Instituto Baiano do Livro, que criamos no início da década de 1990, juntamente com Luis Guilherme Pontes Tavares, Matilde Schnitimann e outros ex-alunos e companheiros de jornalismo.

***

Nossa primeira morada em Salvador foi o imponente Hotel da Bahia[10] onde ficamos hospedados por quase três meses. Eu e meus irmãos brincávamos na Praça do Campo Grande e, muitas vezes, até mesmo no belíssimo monumento dedicado ao 2 de Julho[11], erguido em homenagem a entrada do exército pacificador em Salvador, no dia 2 de julho de 1823, data que finalmente consolidou a independência do Brasil, pois libertou a Bahia que ainda se encontrava sob o domínio dos portugueses. As brincadeiras no monumento estavam limitadas a subir nos leões e outras alegorias fundidas em bronze. Dentre os símbolos e alegorias, eu admirava os quadros que representam as batalhas campais travadas pela nossa independência. O monumento, de 25 metros de altura, é composto de um pedestal e escadaria em mármore Carrara, em cima do qual se encontra uma escultura de quatro metros de altura em bronze, do "Caboclo", armado de arco e flecha, que representa um ato de afirmação de identidade, nacionalidade e de liberdade.

[10] O Hotel da Bahia foi o primeiro cinco estrelas de Salvador. Foi idealizado e construído durante o governo de Octávio Mangabeira e projetado pelos arquitetos Diógenes Rebouças e Paulo Antunes Ribeiro. O hotel foi oficialmente inaugurado no dia 24 de maio de 1952, numa época que Salvador tinha dois hotéis considerados como de certa qualidade: o Pálace Hotel e o Hotel Meridional, instalados na Rua Chile. O Hotel da Bahia que abriga várias obras de artes e um painel, valiosíssimo, de Genaro de Carvalho, foi um dos símbolos de modernidade da alta sociedade baiana do século XX. No seu período de apogeu hospedou reis, príncipes, presidentes e artistas de renome internacional, a exemplo de Michael Jackson. Em dezembro de 2010 o Hotel da Bahia, juntamente com o Palácio da Aclamação, foi reconhecido como Patrimônio Cultura do Estado.

[11] O Monumento ao 2 de Julho, instalado na Praça do Campo Grande, em Salvador, foi inaugurado no dia 2 de julho de 1895. Quando de sua inauguração, o engenheiro Alexandre Freire Maia Bittencourt, responsável pela obra, distribuiu um folheto descritivo, no qual explicava os detalhes e significados dos símbolos utilizados no monumento. O monumento é todo feito em bronze, com placas de mármore Carrara, medindo 25,86cm de altura, tendo símbolos, quadros e alegorias que representam batalhas campais, heróis que trabalharam em prol da Independência, os principais rios da Bahia, o São Francisco, o Paraguaçu, além da Cachoeira de Paulo Afonso.

O monumento, um dos mais ricos da cidade de Salvador, despertou minha atenção pela grandiosidade e também pela data, um dia após a de meu aniversário, o que atiçou minha curiosidade e me levou a descobrir, junto à recepção do hotel, detalhes sobre aquela data e seu significado para a Bahia. Fiquei sabendo que a batalha de libertação tinha começado no Recôncavo da Bahia, na cidade de Cachoeira, da qual, anos mais tarde, no dia 25 de junho de 1999, recebi o título de Cidadão Cachoeirano[12]. Coincidentemente também me associei ao IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, responsável e proprietário do "Pantheon da Lapinha", onde são guardados os dois maiores símbolos do 2 de Julho, O Caboclo e A Cabocla, que participam anualmente do desfile da Independência da Bahia no dia 2 de julho de cada ano, percorrendo o trecho que sai da Lapinha ao Campo Grande, onde se encontra o monumento.

Como hóspedes do Hotel da Bahia, fazia parte de nosso lazer tomar banho de mar nas praias da Gamboa e do Unhão, formadas por estreita faixa de areia. Descíamos, em companhia de minha mãe e outras vezes sozinhos, uma pirambeira de barro, não havia ainda a Avenida do Contorno, também iniciada no governo de Juracy Magalhães, seguindo um caminho de roça no meio do capinzal até a praia, onde brincávamos livremente com outros garotos que por lá estivessem sem correrrmos qualquer risco de violência.

O melhor banho de mar era o da prainha do Solar do Unhão, sede de um antigo engenho de açúcar do século XVII. O Trapiche do Unhão, como era chamado, estava abandonado e a arquiteta Lina Bo Bardi, que havia sido convidada por Juracy Magalhães para dirigir e fundar o Museu de Arte Moderna da Bahia naquele ano de 1959, responsabilizou-se pelo projeto de recuperação do prédio que hoje abriga o Museu. A restauração só foi concluída em 1963.

[12] "Todos os anos, a data de 25 de junho de 1822 é comemorado pelos baianos como o dia em que a então Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira deu início ao processo de libertação da Bahia do jugo colonial português. Nesta data são lembrados os heróis, os líderes do movimento, os sacrifícios, as lutas, as vitórias e a expulsão das tropas do general Madeira de Melo, que na madrugada daquele dia atacou a população da vila com uma canhoneira que estava ancorada no rio Paraguaçu. Após a expulsão do general, os cachoeiranos proclamaram dom Pedro de Alcântara, príncipe regente do Brasil. Foi aqui, portanto, em Cachoeira, onde começou a luta armada pela independência do Brasil que culminou com a entrada triunfal do Exército Libertador em Salvador, em 2 de julho de 1823, libertando definitivamente a Bahia, que permanecera até então sob o domínio de Portugal" – Trecho do discurso que pronunciei no dia 25 de junho de 1999 quando recebi o título de Cidadão Cachoeirano e, ao mesmo tempo, fui o orador oficial da data magna do município.

Atualmente, a primeira praia de Salvador na qual tomei banho encontra-se cercada de esculturas de Carybé, Emanoel Araujo, Mario Cravo e de outros artistas, constituindo-se num museu de esculturas a céu aberto e praticamente não é mais usada para o banho de mar, salvo por algumas crianças da redondeza que conseguem furar o sistema de segurança da área.

O mar tranquilo da Baía de Todos os Santos com sua água morna e uma bela vista para a ilha de Itaparica eram um convite permanente ao banho de mar. Como ainda não sabíamos nadar ficávamos na beirinha ou na areia, jogando bola, correndo livremente e explorando as praias vizinhas até os Armazéns Gerais, alguns dos quais foram reformados e hoje abrigam escritórios e restaurantes de luxo próximos da Marina de Salvador.

Durante aqueles quase três meses morando no Hotel da Bahia descobri um pouco da Bahia antiga. Andei, juntamente com meus irmãos, por toda a redondeza do hotel em plena segurança e não me lembro de nenhuma advertência ou proibição por parte de meus pais. Adorava ficar olhando os saveiros singrando na baía ou ancorados na rampa do Mercado Modelo, balançando ao sabor da maré. Com muita ousadia, uma vez cheguei a percorrer um deles, para conhecê-lo por dentro, contando naturalmente com a cumplicidade dos saveiristas, enquanto desembarcavam suas mercadorias, a serem vendidas no mercado ou até mesmo na rampa. Aqueles barcos eram bem diferentes, até no tamanho, das jangadas cearenses que eu conhecia.

No final de muitas tardes, em companhia de minha mãe, admirávamos a beleza impar do pôr do sol de Salvador sobre a Ilha de Itaparica. Ficávamos quase que paralisados diante de tanta beleza, pois a luminosidade do céu da Bahia é diferente do que se pode encontrar em outros lugares. Talvez seja a luminosidade de Salvador, a cor do céu e do mar os responsáveis pela tendência artística da Bahia e que também tanto atrai e encanta artistas e escritores de fora.

***

Outro local que frequentávamos era o Passeio Público, agregado ao Palácio da Aclamação, com jardins, árvores frutíferas e palmeiras imperiais. Consta que as palmeiras foram plantadas ali quando da visita de Dom Pedro II à Bahia, no ano de 1859, exatamente cem anos antes de minha chegada a Salvador. O Passeio Público já foi um centro de arte e cultura da cidade, abrigando por muitos anos, por exemplo, o programa "A Hora da Criança", dirigido pelo

professor e jornalista Adroaldo Ribeiro Costa, do qual viria a me tornar amigo e companheiro de redação no jornal *A Tarde*.

Compositor, escritor, jornalista, professor e teatrólogo, Adroaldo Ribeiro Costa foi o idealizador do programa "A Hora da Criança", na Rádio Sociedade da Bahia, que foi criada como um programa de rádio no dia 25 de julho de 1943. Em 1953 "A Hora da Criança" foi transformada em sociedade civil. A importância de Adroaldo Ribeiro Costa para a preservação e divulgação da cultura baiana pode ser medida pela quantidade de valores que passaram pelo programa dele e que se destacaram na sociedade em várias atividades profissionais, a exemplo de Gilberto Gil, Glauber Rocha, Quarteto em Cy, Paulo Gil Soares, Carlos Petrovich, Juarez Paraíso, Jairo Simões, Fernando Passos, Fred Souza Castro e muitos outros.

Adroaldo foi responsável pela criação do Teatro Infantil na Bahia, quando encenou, no ano de 1947, a peça "Narizinho", no então Cine Teatro Guarani. Foi cronista diário e editorialista do jornal *A Tarde*, além de fazer um tabloide semanal dedicado às crianças. No início da década de 1970, Adroaldo e seu sobrinho Aramis Ribeiro Costa, poeta e contista de mão cheia e membro da Academia de Letras da Bahia, eram os responsáveis pelo conteúdo da página infantil, então publicada no suplemento *Jornal de Utilidades*, que eu editava no jornal *A Tarde*.

Para citar apenas uma das composições de maior sucesso de Adroaldo basta dizer que o hino do Esporte Clube da Bahia foi composto por ele e seu fervor pelo time era tanto que ele doou os direitos autorais ao clube. O Hino do Esporte Clube Bahia é um dos mais bonitos entre todos os hinos de times de futebol do Brasil.

Ali, no Passeio Público, também foi inaugurada no ano de 1952 a primeira galeria de arte da Bahia: a Galeria de Arte Oxumaré, pelo poeta e crítico de arte Carlos Eduardo da Rocha, também meu amigo e que prefaciou o meu primeiro livro de poemas, em 1973, intitulado *Nas Teias do Mundo*. O poeta Carlos Eduardo da Rocha, também ensaísta, professor, agitador cultural e *marchand*, nasceu no Acre e era membro da Academia de Letras da Bahia. Ele e seus irmãos Wilson Rocha (poeta), Mario Augusto da Rocha e José Olímpio da Rocha (jornalistas) tiveram passagem marcante pela cultura baiana.

Coincidentemente, foi em outubro de 1959 que o professor e diretor teatral João Augusto Azevedo fundou a Companhia Teatro dos Novos, que foi

responsável pela construção do Teatro Vila Velha que até hoje funciona no Passeio Público. João Augusto fez de tudo em teatro: foi contra-regra, sonoplasta, iluminador, ator, adaptador, tradutor, autor, cenógrafo e figurinista nos grupos que ajudou a fundar. A efetiva participação dele para o desenvolvimento do teatro baiano foi de fundamental importância.

Ele veio para a Bahia, em 1956, a convite da Universidade Federal da Bahia, durante o reitorado de Edgard Santos, como integrante do grupo responsável pela criação e instalação da Escola de Teatro. João Augusto criou, em 1959, e dirigiu o Teatro Livre da Bahia (ou Companhia Teatro dos Novos, o primeiro grupo teatral profissional da Bahia) e, posteriormente, em 1964, fundou o Teatro Vila Velha, dirigindo-o até sua morte em 1979. Com João Augusto tive contatos rápidos, na década de 1960, quando, como estudante do Colégio Central e depois como jornalista profissional. O Teatro Livre da Bahia/Teatro Vila Velha, que ele dirigia, acabou absorvendo alguns membros do Grupo Amador de Teatro Estudantil da Bahia (GATEB), tais como Haroldo Cardoso, Francisco Ribeiro Neto e Armindo Bião. Na década de 1980 ele assinava uma coluna semanal sobre teatro no jornal *A Tarde*.

* * *

Durante o tempo em que estivemos no Hotel da Bahia, costumávamos também brincar na Praça da Aclamação, que fica em frente ao Palácio do mesmo nome e que dá acesso ao Forte de São Pedro. Ali se encontra um obelisco de 12 metros de forma piramidal em mármore português e que se caracteriza por ser o primeiro monumento-lápide da Bahia, erguido para marcar a passagem do Príncipe Regente Dom João VI, com a família real portuguesa por Salvador, no ano de 1808. Este obelisco foi inaugurado no Passeio Público em 1815, tendo sido transferido para a Praça Padre Aspilcueta, mais conhecida como Praça da Aclamação, em frente ao palácio, no ano de 1914, pelo então governador J. J. Seabra.

Os obeliscos sempre atraíram minha curiosidade e toda cidade que se preza tem mais de um deles. No Egito antigo representava uma forma de proteção contra as influências negativas. Até o Vaticano possui um obelisco na Praça de São Pedro e é um dos símbolos de poder da Maçonaria. No Egito antigo, o obelisco era um monumento de adoração ao "Deus Sol", representando também um pedaço do pênis do "Deus Osíris", além de simbolizar o ato sexual.

* * *

Quando já tínhamos explorado todas as alternativas da região do Campo Grande, Canela e Garcia caminhando também pela Avenida Sete, onde íamos tomar sorvete na Manon, no Forte de São Pedro, ou na Soverteria Primavera, Praça do Relógio de São Pedro, próximo da Piedade e feito algumas amizades, fomos transferidos para o bucólico bairro do Rio Vermelho, então um recanto de veraneio, que já era conhecido como sendo o bairro dos artistas, dos intelectuais e jornalistas.

* * *

Ao que tudo indica os laços que me une ao bairro Rio Vermelho vem de longas datas. Imagine-se que a Paróquia de Nossa Senhora de Santana foi emancipada da Paróquia de Nossa Senhora da Vitória por Dom Jerônimo Tomé da Silva, que é descendente do mesmo ramo familiar dos Frotas ao qual minha mãe pertence. O ato de emancipação assinado por Dom Jerônimo no dia 5 de abril de 1913 promoveu a Capela do Largo de Sant'Ana à condição de Igreja Matriz.

Quando chegamos ao Rio Vermelho, padre Antonio da Rocha Vieira[13], com o qual desenvolvi uma boa amizade, era o vigário, mantendo-se ali por quase 20 anos. Na carreira eclesiástica, ele chegou à condição de Monsenhor, tendo sido o responsável pela construção da Igreja nova, que funciona próxima e ao lado da Casa do Peso, sede dos presentes que são oferecidos a Iemanjá todos os anos, no dia 2 de fevereiro, uma das festas mais concorridas do ciclo de Festas Populares da Bahia e que antecede o carnaval. A nova Igreja do bairro foi inaugurada no dia 26 de julho de 1967.

A área que se compreende como sendo pertencente ao bairro do Rio Vermelho está localizada no litoral norte de Salvador, distante 25 quilômetros

[13] Sobre o trabalho que padre Antônio da Rocha Vieira desenvolveu na construção da nova Igreja do bairro, escrevi um artigo, intitulado "Trabalho de Valor", publicado no jornal *A Semana*, do dia 13 de agosto de 1967. Acompanhei de perto a luta dele pela arrecadação de doações e o crescimento da obra dia-a-dia, com a colocação de cada tijolo até a cobertura e posterior inauguração da Igreja. Assim, posso avaliar os anos de luta pela realização de um sonho que deixaram o padre com a cabeça branca. Ele foi um exemplo de determinação, de empreendedorismo e da realização de um sonho que muitos não acreditavam ser possível, mas que ele nunca abandonou. No artigo, registrei: "A insistência de Padre Antonio Vieira, que lutou durante anos, conseguiu erguer, onde antes só havia terra, uma Casa Grande que tem uma torre que, apesar de não muito alta, aponta para o infinito. Uma casa Grande que foi construída com preocupações e pequenas ajudas..."

do aeroporto e a 9 quilômetros do centro-histórico. O bairro possui três quilômetros de orla, entre a Ondina e Amaralina e sua área está distribuída em 2.270 quilômetros quadrados, fazendo divisa com Amaralina, Nordeste de Amaralina, Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho, Santa Cruz, Horto Florestal, Brotas, Engenho Velho da Federação, Federação, Ondina e o Oceano Atlântico.

Eu morei com meus pais na Paciência, em frente à Praia da Avenida, e depois de casado fui morar no Conjunto Habitacional Santa Madalena, no Rio Vermelho de Baixo, a partir de 1970 até quando viajei para os Estados Unidos a fim de cumprir programa de pós-graduação em maio de 1978. Nesse condomínio, um dos maiores construídos na época pela construtora José Lessa Ribeiro, com financiamento do então BNH (Banco Nacional de Habitação), vários jornalistas e escritores, a exemplo de Ruy Espinheira Filho e Renato Ferreira, com os quais trabalhei na *Tribuna da Bahia*, ali também residiram quando do início de nossas respectivas vidas profissionais.

* * *

Quando chegamos ao Rio Vermelho fomos morar, pela primeira vez, no terceiro andar do pequeno prédio, na Rua Almirante Barroso, nº 43, logo no início da ladeira. Nossa casa ficava num raio médio de cerca de dois quilômetros de distância, no máximo, de qualquer ponto de referência no bairro, fosse a casa dos artistas, escritores, jornalistas, músicos, poetas, políticos e professores, da igreja, do cinema ou do mercado do bairro, no largo da Mariquita, fim de linha dos ônibus e do bonde. Próximos residiam, entre outros: Mário Cravo, Jenner Augusto Silveira, Floriano Teixeira, Carlos Lacerda, Elias Sobrinho, Toninho Lacerda, Oswaldo Fael, Jorge Amado, Junot Silveira, Osório Villas Boas, Joaquim Alves da Cruz Rios (com o qual trabalhei no jornal *A Tarde*), Aurélio Lisboa, Vilobaldo Freitas, Wilson Lins, Wilson Rocha e dos professores Antônio Medrado, Aurélio Ângelo de Souza, Manoel Ribeiro (pai de João Ubaldo Ribeiro), Waldir Freitas Oliveira, Cid Teixeira, entre outros que conferiam ao bairro a dignidade de ser identificado como o Bairro dos Artistas e dos jornalistas, intelectuais e políticos. Foi no ano de 1961 que Jorge Amado adquiriu o terreno no Parque Cruz Aguiar, onde construiu a casa onde passou a morar, na Rua Alagoinhas, nº 33, a partir do ano de 1963, permanecendo até sua morte.

O Rio Vermelho também foi o bairro de morada de várias pessoas, que se destacaram na administração pública. Aqui não cabe citar todos, mas não posso ignorar nomes como os de Clériston Andrade, que foi prefeito de Salvador; Má-

rio Augusto Castro Lima, que foi Ministro da Saúde e membro da Academia de Medicina da Bahia; Arthur Ferreira da Silva, que desempenhou funções relevantes no IBGE, DNOCS e no Desenbanco; Victor Calixto Gradin Boulhosa, que foi presidente do Desenbanco e um dos executivos do grupo Odebrecht; Nelson Taboada Souza, que foi presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia; Carlos Costa Batalha que, entre outros cargos, foi Superintendente da Leste Brasileiro e diretor da Companhia Docas da Bahia; Raimundo Magaldi, presidente da Federação Baiana de Futebol e anos depois membro da Academia de Artes e Letras de Salvador (ALAS) da qual fui o presidente-fundador.

Pouco depois de chegarmos ao bairro, mudamos do prédio na Rua Almirante Barroso para o Edifício Maria Lídia, do mesmo proprietário, na Rua Eurycles de Mattos, nº 36, um prédio mais amplo com apartamento de quatro quartos e de frente para o mar, próximo à curva da Praia da Avenida. Nesse endereço promovi, com a aquiescência de meus pais, durante minha adolescência, várias festas dançantes das quais participavam os jovens do Rio Vermelho. Minha mãe a tudo supervisionava para evitar excessos.

* * *

Logo após estarmos devidamente instalados, meu pai providenciou um curso de reforço para mim, na Avenida Sete, no Colégio Pio X, trecho das Mercês, onde fui colocar em dia a minha situação escolar, a fim de que no início de 1960 pudesse prestar o exame de admissão e começar o ginásio. No Pio X recebi um acompanhamento individual, uma espécie de banca até o dia do Exame de Admissão ao Ginásio.

Diariamente eu me dirigia ao Colégio de bonde, que fazia o trajeto partindo do largo da Mariquita, fim de linha do Rio Vermelho, por uma via de trilhos, instalados onde hoje está a Avenida Garibaldi, até o Garcia, daí chegando ao Campo Grande e, seguindo, pela Avenida Sete até a Praça da Sé. Esse foi um trajeto que percorri por vários anos, inclusive a pé, durante a juventude, quando voltava para casa após as 23 horas, quando já não havia mais transporte disponível. Diziam que morávamos longe demais do centro da cidade, que o Rio Vermelho era terra de índio e local de veraneio, mas de ônibus, naquela época, a distância era percorrida em cerca de 10 a 15 minutos no máximo, via Avenida Centenário e orla, devido talvez às poucas paradas que eram feitas e à falta dos engarrafamentos registrados hoje.

Em dezembro de 1959 prestei o Exame de Admissão ao Seminário Central São João Maria Vianey, da Arquidiocese de Salvador, tendo sido aprovado. Fui ao Seminário, na Federação, onde atualmente funciona um dos campi da Universidade Católica do Salvador, em companhia do pároco do Rio Vermelho, padre Antônio da Rocha Vieira, que me levou em seu próprio carro.

Lá, padre Carlos Gaeschlin nos aguardava para me aplicar o Exame de Admissão. Fui aprovado para iniciar o curso ginasial no Seminário e no primeiro dia útil do mês de fevereiro de 1960, aos 11 anos de idade, ingressei no internato. Isso só ocorreu depois de ter acompanhado minha mãe na compra do enxoval, adquirido integralmente nas lojas indicadas pela direção do Seminário, quando dei início a uma nova fase de minha vida.

Em dezembro de 1960, chegou a Salvador, para morar com a gente enquanto cursava Geologia na UFBA, meu tio José Wevergthon Aguiar Soares, irmão de minha mãe. Ele estava com 21 anos e morou com meus pais até outubro de 1963. Ele funcionou como o meu irmão mais velho, era o nosso líder, com o qual construímos uma forte relação de amizade e de bem querer. Foi com ele que fiz minhas primeiras farras, conheci as noites do Tabaris e outras aventuras da adolescência.

O MUNDO MÁGICO DA LEITURA

A vida de uma pessoa não é o que lhe aconteceu, e sim o que ela lembra e como lembra.

Gabriel Garcia Marquez

Minha formação escolar primária nada teve de excepcional e foi marcada por mudanças e interrupções devido às transferências de meu pai. Analisando hoje o meu curso primário acredito que as transferências foram prejudiciais, pois sempre tive que me adaptar e recuperar o tempo perdido. Devo salientar que meus pais passavam horas tomando a tabuada em casa e aplicando lições extras de português, principalmente ditado e caligrafia, para compensar minhas deficiências. A formação ginasial foi intensa, tendo estudado no Seminário, nos Colégios São Bento e Ipiranga. Conclui o segundo grau no Colégio Central da Bahia, onde fiz as disciplinas voltadas para o chamado curso científico.

No Seminário, sob a influência do tempo de Dom Augusto Cardeal da Silva Arcebispo Primaz do Brasil, realizei os três primeiros anos do ginásio e vivenciei o tempo do latim, francês, literatura e geografia. Época do *ratio studiorum*, impregnado de teocentrismo católico, mas com professores fantásticos a exemplo de Mons. Ápio Silva (latim, grego), Monsenhor Francisco Reis (português e latim), Mons. Amílcar Marques (francês), cônego Carlos Gaeschlin, o Juiz Rosalvo Torres (aritmética e matemática), Padre Pereira de Souza (biologia e ciências naturais), Padre Rui (inglês) Monsenhor Curvelo (história), Padre José Hamilton (canto orfeônico), dentre outros. Tínhamos por semana mais aulas de latim do que de português.

No primeiro ano de ginásio, tínhamos aulas diárias de Latim. No segundo semestre, já estávamos fazendo traduções e versões. Como a parada era muito dura, os mais "sabidos" compravam "O Burro", como era chamado o livro de José Lodeiro: *Traduções dos Textos Latinos*, que ainda guardo o que restou de um exemplar da 14ª edição, publicado pela Editora Globo, no ano de 1958. A capa dura com título em letras garrafais e na cor vermelha ainda apresentava uma chamada sobre o conteúdo: "Contém na mesma página: a ordem inversa e a ordem direta, a tradução literal e numerosas traduções".

Lodeiro me ajudou a vencer muitos obstáculos. Nesse livro tínhamos, além da História Sagrada, provérbios de Publílio Siro, as fábulas de Fedro, Eutrópio, textos e cartas de César, Cornélio, Ovídio, Cícero, além dos discursos de Horácio e dois livros de *Eneida,* a epopeia, a história de Roma escrita em versos por Virgílio.

Aprendíamos muito com os provérbios e as frases sentenciosas de Publílio Siro: "Qui judicat cito properat ad poenitendum" (Quem julga depressa apressa-se a arrepender-se). "Ipse avarus est causa suae miseriae" (O próprio avarento é a causa da sua miséria). "Sapiens emendat suum (vitium) ex vitio alterius" (O sábio emenda o seu (vício) pelo vício de outrem). "Judex damnatur quum nocens absolvitur" (O juiz é condenado quando um criminoso é absolvido). "Qui vivit modo sibi mérito est mortus aliis" (Quem vive só para si está morto para os outros).

***

Cada professor padre tinha uma áurea que servia para caracterizá-lo. Monsenhor Ápio, por exemplo, não gostava de emprestar livros e chegou a criar uma quadra para justificar sua posição: "Tal é a sorte mesquinha/ De todo

livro emprestado/ Ou fica lá para sempre/ Ou volta todo estragado". Quando o procurávamos para tirar duvidas, batíamos na porta de seu gabinete e ele, invariavelmente, perguntava: "Quem é?" E ao respondermos "sou eu..." Ele replicava "Eu não é nome, é pronome".

Monsenhor Amílcar Marques era professor de francês e só falava nessa língua quando em sala de aula para quem estava no segundo ano de ginásio. Todos os seminaristas de minha turma o temiam, possivelmente pelo porte avantajado e imensa barriga. Certa feita me mandou decorar as três primeiras lições do livro de francês, fiquei afiadíssimo e, no dia da aula, eu estava tão nervoso que, quando ele me perguntou quais eram os artigos definidos em francês, eu comecei a recitar as lições que havia decorado. Quanto mais o tempo passava mais ele anotava num pequeno pedaço de papel a nota dada e ia repetindo "zêrrô... zêrrô...".

Numa única aula recebi dez zeros. A sorte é que ele dobrava o papel e o colocava no bolso da batina e acabava perdendo e a nota que tínhamos no final era apenas aquelas baseadas nos testes e provas escritas.

***

Nos primeiros dias de fevereiro de 1960 meus pais me deixaram no internato com toda a bagagem, um enxoval com meu nome gravado. Logo nas primeiras semanas sofri o impacto da mudança de vida em família, onde tinha de tudo, para um estilo de vida mais frugal. O impacto da mudança e da dinâmica de minha vida, posso dizer, mudou de água para vinho. Passei a ter um disciplinador ou tutor que passou a regular a minha caminhada. O grupo de seminaristas era muito heterogêneo em todos os sentidos e éramos encaminhados no sentido de formarmos uma unidade. Éramos levados ao encontro do coletivo, abandonando a figura do eu, procurando servir e favorecer o coletivo.

Desde a década de 1960 que a Igreja tem experimentado mudanças e convivido com questionamentos e conflitos internos, inclusive sobre o celibato. E este tema já era um dos mais discutidos na época. A formação pedagógica oferecida pelo Seminário era excelente e contribuiu para me dar uma boa base e exatamente por isso meu pai não estava muito preocupado que eu viesse ou não me ordenar, até porque figuras de destaque da política brasileira da época, como o presidente Juscelino Kubitschek, que inaugurou Brasília naquele ano, Roberto Campos e Ulisses Guimarães haviam também estudado em seminários de padres seculares.

Tive, portanto, logo de início, de me adaptar à rotina de vida do seminário, acordando entre cinco e seis horas da manhã, assistindo, após o asseio matinal, à celebração da Eucaristia, seguida do café da manhã. Depois seguíamos para as salas de aulas. À tarde, após o almoço, tínhamos um momento de relax, com jogos de ping-pong, xadrez, damas e bate-papos. Às 14 horas iniciava-se o período de estudos (banca), com intervalo para o lanche, geralmente um mingau. Depois dos estudos, seguíamos para o refeitório, onde o jantar era servido e depois de outro relax, no máximo às nove horas, seguíamos para o dormitório.

Às quartas-feiras, sábados e domingos tínhamos a prática de exercícios físicos, jogos de futebol, jardinagem e o cultivo de hortas. A cada 15 dias tínhamos um domingo livre, no qual podíamos sair. Nunca deixei de aproveitar estas folgas, salvo quando sob castigo tinha o impedimento, para ir ao cinema, juntamente com Anselmo Montes, meu colega de turma, para assistirmos filmes em sessão dupla no Cine Pax, que pertencia aos franciscanos e quando de batina tínhamos acesso livre. Antes passávamos na Praça da Sé onde adquiríamos um quilo de "biscoito paciência", ou "tareco" como também é conhecido no Ceará, e levávamos para comer enquanto assistíamos aos filmes de aventura. O Cine Pax ficava na Baixa dos Sapateiros, como também lá estavam os Cines Aliança, Jandaia e o Tupy.

A cada semana eram formadas equipes que se revezavam nos afazeres da casa, limpeza das salas de aula, dos banheiros e sanitários. Cada equipe tinha uma chave de um quartinho (sanitário) cujos membros se revezam na responsabilidade de mantê-los higienizados e equipados com papel. Aos domingos, independente de ser dia livre ou não, assistíamos a pelo menos três missas em média, sendo duas pela manhã, antes do café, e uma à tarde, aberta ao público da comunidade do bairro da Federação.

Do período de três anos que passei no Seminário guardo lembrança de vários colegas de turma e contemporâneos. Com alguns a amizade persiste até os dias de hoje, outros seguiram caminhos diferentes e não nos encontramos mais. Entre os colegas lembrados, destaco Máximo Cruz Soares (Nazaré das Farinhas), Ricardo Dias Melo (a irmã dele, Aída Melo, casou com Fernandinho Passos, arquiteto e publicitário dono da agência de publicidade Engenho Novo. Ela ingressou na UFBA junto comigo, tendo que abandonar o curso por motivos políticos e, quando retornou, foi minha aluna no curso de Jornalismo).

Dentre outros, lembro ainda de Carlos Monfort; Eudaldo Eusébio Barreto (Barrigudinho, natural de São Felipe, município do qual eu viria a receber o título de Cidadania anos depois); João Batista da Costa Neto (enveredou pela política, tendo sido eleito prefeito do município de Itají - BA, no período de 1993 a 1996. Posteriormente, ele celebrou o casamento de Arievaldo Teixeira Donato, que também foi meu aluno e que trabalhou comigo no jornal *A Tarde);* João Pimenta (de Oliveira dos Campinhos); José Barreto de Jesus (Barretinho, no exercício do jornalismo nos dias atuais); Antônio Carlos Nascimento (cai-cai, nosso goleiro, já falecido); Roque Umburanas (era de Itaberaba); Carlos Bulcão (Santo Amaro, que depois se ordenou bispo da Igreja Brasileira. Santo Amaro foi a primeira cidade do interior baiano que conheci, passando umas férias na casa de Bulcão. Na época, ainda se podia tomar banho no Rio Subaé); Roberto Kalfa, Derval Evangelista Magalhães (risadinha, o poeta de Inhambupe), Samuel (de Nova Soure), Ailton (de Xique-Xique), Edson, Anselmo Montes, Carlos Alberto de Almeida Borja (era de São Gonçalo, sobrinho de padre Zé Luis Borja e que hoje é um dos mais conceituados corretores de imóveis de Salvador), Carlos Augusto Mathias (Bebé, de Cruz das Almas), Laerte Moura (irmão dos jornalistas Mariluce Moura e Antônio Jorge Moura – o último foi meu aluno e a primeira, contemporânea na FACOM), Jacquison, Hunaldo (o pai tinha uma farmácia na ladeira de Água Brusca) Luís Paulino Vinhas Valente (de Teodoro Sampaio, ex-Bom Jardim. Ele era sobrinho do compositor Assis Valente[14]) e muitos outros, dos quais o tempo me roubou inclusive o primeiro nome.

***

Tenho lembrança também de alguns seminaristas que integravam a seleção de futebol do Seminário, formada para disputas com as seleções dos Maristas, do Antonio Vieira e de outros colégios católicos. Tinha admiração especial pelo nosso goleiro, Pompeu, que era uma barreira, tendo sido, segundo corria de boca em boca nos corredores do Seminário, convidado a defender um time profissional. Pompeu, como o chamávamos, é o Dr. Luís Henrique Marques que também não se ordenou padre secular, mas se destacou profissionalmente como professor de Direito Penal e se aposentou como Procurador de Justiça. Hoje ele

[14] José de Assis Valente nasceu na cidade de Santo Amaro em 19/3/1911 e morreu no Rio de Janeiro em 6/3/1958. Sambista de primeira ordem teve composições gravadas e vários sucessos. Suas musicas foram gravadas por Carmem Miranda, Moraes Moreira, Doa Lopes, Carmen Costa e muitos outros intérpretes.

atua no escritório de advocacia do irmão, Antonio José Marques Netos, que foi o meu advogado quando da separação de Maria Helena, a mãe de meus filhos.

***

A paróquia do Rio Vermelho, sob o comando de padre Antonio Vieira, tinha quatro seminaristas para ajudá-lo nos rituais religiosos nos fins de semana ou durante nossas férias. Nenhum dos quatro chegou a se ordenar, todos deixaram o Seminário e abraçaram outras profissões: Raimundo Nonato, do qual um dos filhos é jornalista e foi meu aluno na Faculdade de Comunicação da UFBA; Paulo Roberto Furtado, que diplomado em Direito fez carreira no Judiciário baiano tendo se aposentado na função de Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; Frederico José de Abreu, também diplomado em Direito, reconhecido como especialista e pesquisador de capoeira, possuindo o maior acervo do Brasil no tema; e eu, Sérgio Augusto Soares Mattos. Fred Abreu morreu no ano de 2013.

***

Foi durante o meu período no Seminário que adquiri o hábito da leitura. Lia compulsivamente tudo o que me era permitido. Leitor voraz, mas restrito ao que estava disponível. À noite, após o toque de recolher, esperava que o silêncio tomasse conta do dormitório para me dirigir ao sanitário para ficar lendo até altas horas da noite. Esta era a única luz que se permitia acesa após o recolhimento de todos. Continuei lendo durante as noites até que fui flagrado pelos padres que passaram a vigiar minhas leituras. Mas eu lia, durante as aulas, nos intervalos, em pé nas filas a caminho do refeitório, durante a parte das tardes dedicada ao estudo das lições e também durante a celebração das missas.

Por conta da leitura compulsiva fui flagrado lendo durante a celebração de uma missa e fui castigado, ou seja, durante toda uma tarde, fiquei de joelhos, pelo pecado cometido. Acredito que tenha sido o único aluno a ser castigado pelo hábito da leitura, mas continuei pecando cada vez mais, encontrando outros horários disponíveis, desde que não atrapalhasse a hora do futebol. Tínhamos torneios internos de futebol, com times definidos, com jogos de camisa e usávamos chuteiras. O meu uniforme completo foi comprado na época do enxoval.

No seminário li todos os livros de aventura do Grêmio Literário do Seminário Menor. Minha preferência recaía sobre os livros com histórias da épo-

ca helenística e da mitologia greco-romana. A título de exemplo, lembro-me de: *Spartacus*, de Howard Fast, *Quo Vadis*, de Henryk Sienkiewicz; a trilogia, *Crônicas do Rei Arthur*, de Bernard Cornwell, que destacava Excalibur como sendo um dos 13 tesouros antigos da Bretanha e muitos livros que narravam As Cruzadas.

Os personagens que conviveram no meu imaginário de pré-adolescente foram El Cid, os Cavaleiros da Távola Redonda, Rei Arthur, Ben-Hur, Spartacus, Ulisses, Sansão e Dalila, David, Alexandre, entre outros. Havia também coleções de livros dos autores Alexandre Dumas, Julio Verne, Edgard Rice Burroughs, que também foram devorados. Os preferidos de Dumas foram *O Conde de Monte Cristo*, *Os irmãos Corsos*, *O homem com a máscara de ferro* e os três volumes sobre *Os mosqueteiros do rei* (Athos, Porthos, Aramis e D'Artagnan). De Julio Verne li tudo o que tinha disponível, além das *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *A volta ao Mundo em 80 Dias*. De Burroughs li pelo menos 15 títulos das aventuras de Tarzan. E nos anos seguintes assisti a todos os filmes de Tarzan, desde Johnny Weissmuller que atuou em pelo menos uma dúzia de filmes encarnando o herói dos livros de Burroughs.

Acrescente-se a esta lista livros marcantes como: *As viagens de Marco Polo*, de Marco Polo; *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brönte; *Dom Quixote*, *Sonho de uma noite de verão* e *Otelo*, de Cervantes; *Robison Crusoé*, de Daniel Defoe; *Moby Dick*, de Melville, *Viagens de Gulliver*, de Swift, dentre muitos outros.

Um dos livros mais apaixonantes que li nessa fase foi o drama épico do escritor polonês Henryk Sienkiewicz, *Quo Vadis*, ambientado na Roma Imperial, na época de Nero e das perseguições aos cristãos após o incêndio de Roma. A história está centrada no romance entre o general Marcus Vinicius e a cristã Lygia. Vinicius salva a amada e a família dela de serem devorados pelos leões, aos quais os cristãos eram atirados por ordem de Nero. O romance mistura personagens históricos com personagens fictícios, que eram os meus prediletos: Marcus Vinicius, Lygia, Ursus, Glaucus e Eunice. Foi também nessa época que li tudo sobre a mitologia grega.

***

De acordo com especialistas, a literatura influencia, mas não sabem exatamente explicar como tal acontece nas mentes dos adolescentes. Dizem que na adolescência a mente ainda em formação é mais suscetível a influências da

leitura do que a de um adulto. Em sendo verdade, acredito que as leituras que fiz durante não apenas os anos de Seminário, mas, ao longo da vida, só me proporcionaram influências positivas, mas é claro, devo salientar, devido ao ecletismo de minhas leituras. Nunca fui radical e sempre procurei o conhecimento em todas as fontes possíveis.

***

Foi no Seminário que li Camões e me inspirei para escrever alguns poemas, quando ainda no primeiro ano de ginásio. Os versos foram condenados por um padre-professor que, em vez de me orientar e estimular, passou a me indagar de onde era que eu estava copiando aquilo. Tal acusação me levou a uma atitude de retraimento, no início, com relação a mostrar aos outros, o que eu escrevia. Em consequência, acabei jogando fora um caderno cheio com minhas primeiras produções poéticas. Foi a época em que comecei a descobrir os poetas Manoel Bandeira, João Cabral de Mello Netto, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes, Cassiano Ricardo e Mario Quintana.

Às vezes, lembro desse fato sempre que faço algum comentário sobre o que meus alunos escrevem, pois tudo o que venhamos a dizer pode servir de estímulo e orientação para uma carreira vitoriosa ou a decretação do fim dos sonhos e esperanças dos jovens. Tudo vai depender do conceito e das expectativas que o aluno tenha em relação ao professor. Aliás, foi desde essa época que, ao ler um provérbio oriental, acabei adotando-o como lema para minha vida: "Persista em suas loucuras que um dia você poderá ser considerado como o gênio delas". Outro provérbio estimulante é "O futuro pertence àqueles que ainda podem sonhar".

Foi lendo os clássicos que percebi, àquela época, que cabia aos heróis decidir o que fazer e, muitas vezes, eles estavam sozinhos ao tomar as decisões. De certa forma, isso pode ter contribuído para a minha formação e acabou influenciando toda a minha vida, mesmo sem ser um herói, mas no que diz respeito a assumir responsabilidades por meus atos e ter a coragem de tomar decisões, mesmo quando se caracterizam como uma atitude solitária. Essa projeção está presente em *Antígona*, *Prometeu acorrentado* e *Ajax*, de Sófocles; em *Medeia* e *Hipólito*, de Eurípedes e até em *Hamlet*, de Shakespeare.

***

Muitos dos livros disponíveis no Seminário direcionavam os jovens internos para a valorização do espírito cristão. O livro *Ben-Hur*, escrito pelo general norte-americano Lew Wallace é um exemplo disso. Ele levou cinco anos escrevendo a história e, ao final, tanto quanto seu personagem acabou se convertendo ao cristianismo. Já Thomas Malory, autor de *Os cavaleiros da Távola Redonda,* narra o estilo de vida dos nobres em seus castelos, entre uma batalha e outra, influenciando o comportamento de seus leitores, pois pregava um tipo de "amor cavalheiresco" cujo exemplo era o amor que Lancelot tinha pela rainha Guinever. Este tipo de amor, onde o apaixonado nunca era o marido, foi no final do século XVI satirizado ao extremo por Cervantes, o que decretou o enfraquecimento desse tipo de romance.

O interessante é que todos os livros citados e outros omitidos foram transformados em filmes de grande sucesso de bilheterias e não me canso de assisti-los na televisão aberta e a cabo, ou alugando-os nas lojas de vídeo, recordando e fazendo comparações com os livros que li na juventude. Sempre fui admirador dos filmes norte-americanos, principalmente os filmes de bang-bang e de aventuras, que hoje são considerados clássicos e que tinham como estrelas artistas como John Wayne, Robert Mitchum, Clint Eastwood, Henry Fonda, Kirk Douglas, Randolf Scott, Yul Brynner, Gary Cooper, James Stewart, Sean Connery, Rock Hudson, Charles Bronson, Burt Lancaster, entre muitos outros. Quando nos Estados Unidos, fazendo minha pós-graduação, no ano de 1979, tive oportunidade de assistir, pela televisão, toda a filmografia de John Wayne, que morreu em 11 de junho de 1979. Diariamente, um canal de TV do Texas transmitia no final da noite um de seus quase 200 filmes, como um tributo ao maior cowboy americano no cinema.

Naturalmente que gostava de assistir também a filmes de outros gêneros, tais como comédias, musicais e policiais, nos quais atuavam minhas atrizes prediletas: Shirley MacLaine, Claudia Cardinale, Brigitte Bardot, Elizabeth Taylor, Doris Day, Sandra Dee, Raquel Welch, Catherine Deneuve, Bette Davis, Sophia Loren, Jacqueline Bisset e muitas outras.

***

A disciplina rigorosa, o cumprimento dos horários, dos deveres, das obrigações individuais, ou coletivas, impostos no Seminário foram de grande ajuda para que eu aprendesse a planejar o tempo diário com muitas atividades. Apren-

di a planejar e equacionar o tempo do meu dia-a-dia e sempre encontrei tempo para tudo, além de ter aprendido a trabalhar sob pressão.

Aliás, o padre disciplinador no Seminário deve ser um bom organizador, pois compete a ele distribuir entre os seminaristas os trabalhos da jornada, diária, semanal e mensal que inclui, inclusive, a limpeza dos sanitários, das salas de aula e o serviço no refeitório. Assim, a cada semana, em pequenas equipes, nos revezávamos em servir as mesas com os pratos do dia, como garçons, ficando para nos alimentarmos depois de todos terem comido. Uma das benesses desse serviço era que acabávamos por desfrutar da comida especial feita para padres e professores.

No entanto, isso não impede que se faça uma crítica ao sistema imposto na formação do seminarista, pois, devido ao sistema de internato com um *modus operandi* hegemônico asilar, havia uma prática de vigilância permanente, onde tanto os colegas e os padres vigiavam a todos e eram vigiados por todos. E assim eram coibidos e, se necessário, penalizados os mal feitos de cada um.

Foi no Seminário que me acostumei a dormir pouco, pois dormia tarde e acordava cedo para cumprir a rotina diária. E este costume me acompanha até os dias atuais, quando cinco horas de sono diário são suficientes para recompor minhas energias. Às vezes, chego ao cúmulo de comentar entre familiares e amigos que dormir em demasia é perda de tempo, pois podemos aproveitar parte desse tempo para realizar algum projeto (escrever um livro) realizar um trabalho pendente ou para gastá-lo no ócio, com o lazer, (esporte, leitura ou filme), entre outras coisas. Quem trabalha com produtos intelectuais e com o imaginário, sabe o quanto o ócio e o lazer são importantes como fontes de inspiração.

Acredito também ter sido no Seminário, durante a transição da infância para a adolescência inicial, compreendida entre 11 e 14 anos de idade, que adquiri as características e competências básicas para assumir meus futuros papéis sociais como adulto. Foi a partir dessa experiência que adquiri a base cognitiva com que passei a encarar os desafios que encontrei na corrida de obstáculos, que é a vida.

Digo isso com base na pedagogia formativa adotada pelos que dirigiam o Seminário que acabou influenciando o meu desenvolvimento psicológico, cultural e social. Ao impor um estilo de vida simples e participativo aos internos, acredito que tenha assumido o senso de responsabilidade para com a comunidade durante os anos que ali estudei.

Aprendi a conviver com as diferenças, a administrar conflitos, a trabalhar em equipe, a realizar tarefas sociais comuns e a entender que as relações humanas é uma arte para a qual devemos nos qualificar, para podermos entender as idiossincrasias individuais, identificar as virtudes e os defeitos de cada um. Além do mais, aprendi a perceber que nem todos os indivíduos tiveram as mesmas oportunidades na vida e que muitas deficiências que apresentam podem ser resultado, por exemplo, da falta de proteína na primeira infância.

Em síntese, sem querer ser piegas, aprendi que devemos cultivar a paciência, a buscar a simplicidade e que os grandes problemas individuais ou profissionais das pessoas estão na vaidade e na arrogância com que tratam os semelhantes e como conduzem suas respectivas vidas profissionais. Aprendi também que ninguém é dono da verdade e que devemos apreender a conviver com as idiossincrasias dos outros.

* * *

O Seminário Central da Bahia de minha época estava divido em três seções: o Seminário dos Menores, o dos Maiores e o Seminário Maior. No primeiro, por analogia, estavam concentrados os estudantes do Ginásio com idade média de 11 a 15 anos. No segundo, concentravam-se alunos que estivessem cursando o segundo grau e também aqueles que tivessem idade superior a 15 anos. No Seminário Maior, equivalente aos estudos universitários, estudava-se Filosofia e Teologia. Ali estavam concentrados os que se preparavam para o rito da ordenação sacerdotal.

No período em que permaneci no Seminário, de fevereiro de 1960 a dezembro de 1962, tive a oportunidade de participar, na Catedral Basílica, da ordenação dos padres José Hamilton de Almeida Barros e Cândido Costa e Silva. O primeiro, já falecido, teve marcante atuação junto a Universidade Católica do Salvador. Quando morreu ostentava os títulos de monsenhor, capelão das Sacramentinas e professor de História da Religião e Teologia da UCSal. Contava-se na época que para sua ordenação, devido a pouca idade, José Hamilton precisou de uma autorização específica do Papa.

No Seminário, José Hamilton era responsável também pelo coral e pelas aulas de canto orfeônico e de música, não deixando de lado, nem por um segundo, o seu diapasão. O segundo, depois de deixar o sacerdócio, se dedicou ao magistério superior na Universidade Federal da Bahia, onde obteve o título de

Doutor em História e hoje, já aposentado, é considerado como sendo um dos maiores conhecedores da história religiosa e de temas sacros da Bahia.

***

No ano de 1961, quando Dom Augusto Álvaro da Silva comemorou o Jubileu de Ouro de sua consagração como bispo, o Seminário adotou o que ficou conhecido na época por jubilação, ou seja, quem tivesse alcançado a média de aprovação, passaria para o ano seguinte sem necessidade de fazer as provas finais, obviamente tendo uma antecipação das férias. A leitura das notas obtidas por cada aluno era feita em voz alta, com o seminarista em pé, na presença de todos os colegas, diretores, professores e do Cardeal que ficava mirando, diretamente, nos olhos de cada um de nós, através de seus óculos de grau, muito forte, ampliando o tamanho de seus olhos, o que de certa forma nos intimidava. Eu, por exemplo, diante daquele olhar crítico e inesquecível, sentia um misto de medo e respeito. Alguns tremiam quando à frente da figura imponente de Dom Augusto, que fazia questão de que, em todas as ocasiões, o ritual e o protocolo fossem cumpridos com toda a pompa com que o Primaz do Brasil deveria ser tratado.

Dom Augusto foi excepcional orador sacro e poeta, além de ser dotado de muito espírito crítico. Sua posição de governo era de um autocrata, não admitindo interferências de leigos ou padres. Tudo tinha que ser aprovado por ele. Daí a sua luta contra frei Idelbrando Kulthraup, o franciscano que abriu círculos operários, cinemas e congregações em Salvador. E também contra os beneditinos na pessoa de Dom Jerônimo de Sá Cavalcanti, levando estes dois padres a se retirarem da Bahia por dois anos. Dom Augusto era altamente polêmico, mas, apesar de seu conservadorismo, foi ele quem implantou na Arquidiocese todos os ramos da Ação Católica (JEC, JOC e JUC desativados posteriormente), além de ter construído o Seminário no qual estudei, no bairro da Federação, cujas instalações hoje são ocupadas pela Universidade Católica do Salvador.

Dom Augusto Álvaro da Silva foi um dos últimos bispos típico de uma Igreja aristocrática, monolítica e hierárquica. Possivelmente, devido à sua personalidade e a maneira de ver o mundo fez com que ele adotasse, para si, o protótipo de um príncipe. Ele cultivava o beija-mão e do anel, o que os fiéis faziam ajoelhando-se à sua frente. Tinha também o hábito de interferir na política eleitoral do estado exercendo o poder que a Igreja lhe conferia.

Uma confirmação de seu poder de influência na política local foi o apoio público que deu ao candidato a prefeito de Salvador, pela UDN, engenheiro Virgildásio Senna, que depois viria a ser cassado pelo Golpe de 1964, como subversivo. Outro fato relevante durante o período em que estive interno foi a visita que os candidatos ao governo do Estado, Antônio Lomanto Júnior e Waldir Pires[15], fizeram, no ano de 1962, ao Seminário, na busca de obter o apoio da Igreja, ou mais precisamente de Dom Augusto. O Cardeal da Silva acabou dando o seu apoio público a Lomanto Junior, candidato também apoiado pelo jornal *A Tarde*, de Simões Filho, onde fui trabalhar na condição de editor a partir de 1972.

Da época, contava-se, como uma piada envolvendo Lomanto Júnior e o Cardeal da Silva, o seguinte episódio: estavam descendo as escadarias do Palácio, quando o então já governador Lomanto resolveu segurar o octogenário bispo e este logo replicou:

– Você sempre se apoiando em mim, não é Lomanto" – referindo-se ao apoio público dado ao governador.

Sobre Lomanto há várias histórias, inclusive a que o identificam como subserviente e medroso perante os militares, mas isso não é muito verdadeiro, pois quando seu amigo, Euclides Neto, ex-militante do PCB, eleito prefeito de Ipiaú em 1962, foi preso e respondeu Inquérito Policial Militar (IPM) por ter implantado uma minirreforma agrária no município, a Fazenda do Povo, Lomanto saiu em sua defesa até mesmo porque as ações praticadas em Ipiaú estavam respaldadas pela política adotada pelo governo do Estado. E quem me contou isso foi o próprio Euclides Neto, que chegou a escrever sobre o assunto.

[15] Antônio Lomanto Júnior venceu a eleição de 1962, como resultado da coalizão entre UDN-PTB sobre o candidato do PSD, Waldir Pires. Lomanto Junior e seu vice, Orlando Moscoso, contavam com o apoio do governador Juracy Magalhães, que também controlava a UDN na Bahia e era adversário declarado do presidente João Goulart, que apoiava Waldir Pires. Na época, tanto um como o outro foram referências progressistas, mas Lomanto recebeu o apoio de forças de esquerda concentrada principalmente no interior. Lomanto tomou posse no dia 7 de abril de 1963 e governou a Bahia até 1967, quando foi sucedido por Luiz Viana Filho. Posteriormente foi eleito deputado federal, senador e retornou à prefeitura de Jequié, onde começou sua carreira política. Por sua vez Waldir Pires também governou a Bahia, 1987-1989, foi ministro várias vezes, deputado federal e em 2012 se elegeu vereador para cumprir mandato na Câmara de Salvador.

Lomanto também havia desapropriado fazendas em Candeias para instalação do Núcleo Colonial Landulfo Alves e que assentou, a exemplo do ocorrido em Ipiaú, dezenas de famílias. Lomanto era favorável à reforma agrária e seu governo deu mostras disso. O prefeito e escritor Euclides Neto[16] respondeu a IPM, mas não teve o mandato cassado, levando a cabo seu compromisso até 1967. Euclides Neto, de quem me tornei amigo, retornou à Prefeitura de Ipiaú na década de 1990, quando promoveu alguns lançamentos de minha autoria na cidade dele.

Euclides Neto colaborou comigo dando sugestões para a realização de algumas mesas redondas que *A Tarde* promoveu e das quais fui o coordenador, a exemplo de: "O desenvolvimento do Oeste Baiano" (11/12/1992); "Cacau: perspectivas de desenvolvimento" (5/2/1993) e "Habitação Popular" (26/3/1993), além de ser um profícuo colaborador dos cadernos *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural*, que eu editava e, com frequência, publicava os artigos e crônicas dele. Todas as mesas redondas resultaram na publicação de cadernos especiais, que são verdadeiros documentos jornalísticos produzidos em beneficio da Bahia e que tiveram pleno apoio e participação de Jorge Calmon, diretor redator-chefe, e de Arthur Luis d'Almeida Couto, diretor administrativo. Euclides Neto também ocupou o cargo de Secretário da Reforma Agrária e Cooperativismo durante o governo de Waldir Pires (1987-1989).

Anos mais tarde, já na condição de jornalista profissional, me aproximei dos dois, de Waldir e Lomanto. Na condição de Prefeito de Jequié, Lomanto ajudou na promoção de alguns lançamentos de livros de minha autoria naquela cidade. No *A Tarde* trabalhei também com Máximo Cruz, meu colega de turma de Seminário. Registre-se que o Cardeal da Silva considerava o *A Tarde*, como sendo um jornal pecaminoso e por isso sua leitura era proibida aos seminaristas que, mesmo assim, quando tinham dia livre, acabavam trazendo exemplares do jornal que circulavam de mão em mão, pois todos queriam saber o porquê da proibição. Os frutos proibidos sempre despertaram a atenção dos seres humanos.

* * *

[16] Euclides José Teixeira Neto nasceu em 11 de novembro de 1925 e morreu em 5 de abril de 2000. Escreveu 14 livros dos quais destaco três a seguir por serem pertinentes ao assunto tratado: 64: Um Prefeito, a Revolução e os Jumentos (A fábula do presidenciável Salém (1983); A Enxada (1996) e Trilhas da Reforma Agrária (1999).

Curioso era que o Cardeal da Silva considerava o jornal *A Tarde* pecaminoso na década de 1960, mas na década de 1930, mais precisamente no ano de 1934, quando ele foi envolvido no famoso Caso dos Perdões, quando correu na cidade o boato de que Dom Augusto foi acusado de ter batido na irmã Maria José, todo o poder político local aproveitou a oportunidade para enfraquecer a influência dele, contribuindo direta e indiretamente na orquestração de um movimento contra ele. Diz-se que o então governador, o capitão Juracy Magalhães, omitiu-se e viajou naquela quarta-feira de cinzas para São Gonçalo dos Campos.

Por sua vez, a maçonaria, que era também política e na época anti-católica, interferiu no caso colocando todo o seu prestígio a favor da irmã e somente o jornal *A Tarde* e o seu fundador, Simões Filho, ficaram ao lado do arcebispo, abrindo páginas para a defesa dele, ao contrário, por exemplo, do Diário, do Imparcial, do Estado e outros jornais da época. O Caso dos Perdões foi de tal ordem político que Dom Augusto perdeu na Justiça baiana apelando para o supremo, onde também as circunstâncias políticas (no caso a Ditadura de 1937 que se aproximava) contribuíram para sua vitória no âmbito federal.

Sobre este caso, Patrícia Mota Sena defendeu, na UFBA, no ano de 2005, uma dissertação de mestrado intitulada "O Episódio dos Perdões e a Restauração Católica na Bahia. Trecho do resumo da dissertação diz:

> *Em sintonia com o processo de Restauração Católica que mobilizou o episcopado nacional na primeira metade do século XX, o Arcebispo da Bahia, D. Augusto Álvaro da Silva (1925-1968), buscou empreender reformas nas associações seculares com intuito de submetê-las ao controle eclesiástico nos seus aspectos temporais e religiosos. A reforma do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões configurou um exemplo singular de intervenção. Em visita ao recolhimento na Semana Santa do ano de 1936, D. Augusto destituiu a Madre Regente, transferindo a direção do Educandário do Sagrado Coração de Jesus, que funcionava anexo ao Recolhimento, para a Congregação de Nossa Senhora dos Humildes. Recusando-se a acatar a sua demissão, irmã Maria José deu origem a um processo judicial que transcorreu, por alguns anos, nas justiças estadual e federal.*

* * *

Deixei o Seminário em dezembro de 1962, matriculando-me no ano seguinte no Ginásio São Bento, para cursar a quarta série ginasial. Mas, antes dis-

so, pude, quando seminarista, usando batina, realizar o "batizado da boneca" de Marília Villas Boas, minha vizinha e sobrinha de Osório Villas Boas[17], que se casou com Márcio Santos Souza, irmão de Luís Santos Souza, o famoso Luís Tortilha, meu companheiro de festas, futebol e de carnaval, filhos do Coronel Gethsemani Galdino da Silva e Souza, que era o comandante do Corpo dos Bombeiros de Salvador. O batizado da boneca de Marília foi uma festa que reuniu a garotada da vizinhança toda com direito a bolo e refrigerante.

O ano de 1963 marca o início de uma nova etapa de minha vida, quando comecei a trabalhar e a ganhar consciência política. Durante a adolescência tive uma vivência maior no bairro do Rio Vermelho onde construi boas amizades e participei de várias atividades promovidas tanto pelo Clube de Praia Avenida, no qual Hélio Campos tem uma participação específica, como pelo Grêmio da Juventude do Rio Vermelho, quando os jovens do bairro lançaram jornais e tinham até uma emissora, a Rádio Juventude. Os eventos culturais, esportivos e sociais serviram para unir a juventude do bairro em objetivos saudáveis e criativos.

[17] Osório Villas Boas foi Secretário de Segurança Pública, vereador e deputado estadual. Quando chegamos à Bahia foi ele quem regularizou os títulos de eleitor de meus pais. Como desportista ele foi jogador, conselheiro, vice-presidente e presidente do Esporte Clube Bahia. Foi durante a gestão dele na presidência que o clube ganhou o título de Campeão Brasileiro de 1959. Suas irmãs frequentavam a butique de minha mãe e uma delas, dona Regina, se casou com Joaquim Alves da Cruz Rios, jornalista de *A Tarde*, com quem trabalhei quando foi Secretário de Redação e Redator-Chefe em substituição a Jorge Calmon.

SEGUNDA PARTE
(Adolescência - 1963-1967)

COLOCANDO OS PÉS NO CHÃO

Não pense que o conhecimento que você possui no presente é a verdade absoluta e imutável. Evite a intolerância e o apego às opiniões atuais. Aprenda e ponha em prática o desapego às opiniões para estar aberto aos pontos de vista dos outros. É na vivência que se encontra a verdade no mero conhecimento conceitual. Esteja disposto a aprender durante a vida inteira e a observar sempre a realidade em si mesmo e no mundo.

Tchi Nhat Hanh

4

TRABALHO E CONSCIÊNCIA POLÍTICA

Pensar que o homem nasceu sem uma história dentro de si próprio é uma doença. É absolutamente anormal, porque o homem não nasceu da noite para o dia. Nasceu num contexto histórico específico, com qualidades históricas específicas e, portanto, só é completo quando tem relações com essas coisas. Se um indivíduo cresce sem ligação com o passado, é como se tivesse nascido sem olhos nem ouvidos e tentasse perceber o mundo exterior com exatidão. É o mesmo que mutilá-lo.

Carl Jung

Na década de 1960, conhecida como os Anos Rebeldes, houve uma intensa mudança nas artes, na música, no cinema, na política, nas ciências e na tecnologia. O mundo estava em transformação política e social. A Guerra Fria foi intensificada com a construção do Muro de Berlim a partir de agosto de 1961. O Brasil sofreu todas as influências e tendências externas e mudou também devido sua determinação interna como resultado de seu próprio contexto socioeconômico, político e cultural. O país mudou com a inauguração de Brasília, com a renúncia de Jânio Quadros e com o Golpe Militar de 1964. Em 1962, o orgulho nacional se manifestou mais uma vez por meio do esporte, quando comemoramos o bicampeonato de futebol obtido durante a Copa do Mundo realizada no Chile, mas essa vitória não serviu para esconder o complexo de subdesenvolvimento que atingia a todos.

O ano de 1963 foi impactante em minha vida de adolescente, que ganhava consciência política por meio de leituras direcionadas e pelo aumento visível e crescente das desigualdades sociais nos países terceiro mundistas. Foi impactante também devido à morte de alguns ídolos. Duas grandes referências do início de

minha adolescência morreram em 1963: o Papa João XXIII [1], que promoveu a liberdade religiosa e foi beatificado pelo Papa João Paulo II, e o presidente norte-americano John F. Kennedy[2]. Curioso é que tomei conhecimento das mortes dos dois por meio de um noticioso luminoso que funcionava no alto do Edifício Themis, na Praça da Sé, em Salvador, enquanto aguardava um ônibus, após mais um dia de trabalho. O choque da notícia da morte do Papa pode ser atribuído ao meu relacionamento com a Igreja desde os anos em que estudei no Seminário e pelas propostas de mudança que ele estava promovendo.

O Concílio Vaticano II e a Encíclica *Mater et Magistra* deram uma reorientação ao pensamento da Igreja em direção ao processo de socialização que já estava em curso em todo o mundo. Para muitos, a Igreja deu uma guinada à esquerda, favorecendo os progressistas, principalmente no Brasil, onde o Movimento de Ação Católica ganhou força, tendo em vista que o Concílio foi claro na convocação dos leigos assumirem a "vanguarda na luta social".

Minha ligação com as autoridades eclesiásticas continuou durante boa

[1] O Papa João XXIII morreu no dia 3 de junho de 1963. Ele exerceu a função de maior dirigente da Igreja Católica no período de 28 de outubro de 1958 até o dia de sua morte. Foi ele, nascido Ângelo Giuseppe Roncalli, quem convocou o Concílio Vaticano II e deu inicio à modernização da Igreja durante o seu curto pontificado de cerca de cinco anos. Nesse período, escreveu oito encíclicas das quais se destacam a *Mater et Magistra* (Mãe e Mestra) e a *Pacem in Terris* (Paz na Terra). Ele era de uma simplicidade impar que encantava a todos e por isso foi identificado, principalmente pela imprensa, como sendo o Papa da Bondade. Por outro lado, era acusado pelos ortodoxos de ser de esquerda e um herege modernista. Ele promoveu a liberdade religiosa e foi beatificado no ano 2000.

[2] O presidente John F. Kennedy foi assassinado na cidade de Dallas, Texas, no dia 22 de novembro de 1963 com um tiro na cabeça. Ele estava viajando por cidades americanas com o objetivo de consolidar a unidade do Partido Democrata. Ele exerceu grande influência no mundo ocidental pela capacidade de seduzir e de estimular seus ouvintes pelo rádio e pela televisão ao pregar os direitos civis e sociais. Ele derrotou Richard Nixon, nas eleições de 1960, devido sua capacidade de comunicação e simpatia nos debates que foram transmitidos ao vivo pela televisão pela primeira vez naquele ano. Foi Kennedy quem implantou durante o seu governo os programas da Aliança para o Progresso e o Corpo da Paz, que eram direcionados para promover o desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo, principalmente os da America Latina. Kennedy também foi protagonista durante a Guerra Fria de uma disputa com a União Soviética que tentou instalar uma base de mísseis nucleares em Cuba, levando os Estados Unidos a impor um bloqueio naval para impedir a pretensão soviética até chegarem a um acordo até hoje nunca devidamente esclarecido. Kennedy também cometeu erros em seu governo como o da tentativa de derrubar o regime de Fidel Castro, tendo fracassado no seu intento que ficou conhecido como a Invasão da Baía dos Porcos, feita por exilados cubanos treinados e armados pelos americanos. A morte de Kennedy causou comoção internacional.

parte de minha vida profissional como jornalista. Quanto ao assassinato de Kennedy, além da violência em si, foi o fato de que ele representava, para mim, àquela época, um sonho de esperança e prosperidade, que era alimentado pela propaganda política disseminada por todo o mundo ocidental. Não lembro como processei essas duas mortes, mas que senti um imenso vazio e uma profunda tristeza, isso foi uma verdade.

O ano de 1963 foi marcado pelo desaparecimento de Edith Piaf[3], da qual meu pai era fã. Ele costumava ouvir os discos dela aos domingos e como resultado passei a admirá-la. Com frequência ouvia seus principais sucessos, como "La vie en rose" e "Hymne à l'amour", entre outros. O gosto musical de meu pai era bem eclético, uma vez que ele gostava também dos mambos de Xavier Cugat[4]. Costumava ouvir outros gêneros musicais, não recordo quais, mas lembro muito bem do que me disse quando uma vez comentei que não gostava daquele tipo de música que eu considerava chata: "quando você crescer... você entenderá".

***

Nessa época, tínhamos como vizinho um senhor italiano, um dos dirigentes da Mannesmann na Bahia, Sérgio Girardelli, com o qual conversava muito. Foi ele quem me introduziu à música clássica, levando-me aos consertos gratuitos que ocorriam no salão nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia. Antes ou depois das apresentações, de posse dos folhetos e roteiros, ele me falava sobre as melodias, seus autores e até mesmo sobre os instrumentos e a razão de cada um deles. Na companhia dele fui a várias apresentações da Orquestra Sinfônica ou Cameratas da UFBA. Enquanto no andar de cima, ouvíamos músicas populares, nacionais e estrangeiras, no térreo do Edifício Maria Lídia,

[3] Edith Piaf nasceu em Paris em 1915 e morreu em Provence, na França, no dia 11 de outubro de 1963. Ela era filha de artistas de circo, alcoólatras e teve uma vida sofrida desde a infância que, segundo seus biógrafos, influenciou decisivamente no seu estilo interpretativo de cantar. Sua vida foi marcada por tragédias sucessivas. Em 1937 surgiu a grande estrela que passou a cantar no Cabaré Gerny's, de Louis Leplée, que a descobriu quando cantava pelas ruas de Paris. Sua consagração ocorreu mesmo após a segunda Guerra Mundial, quando seus discos começaram a chegar ao Brasil.

[4] Xavier Cugat, maestro e arranjador catalão-cubano, nasceu na Espanha em 1900, tendo sido o responsável pela popularização da música latina dos Estados Unidos, onde ficou conhecido como o Rei da Rumba. Xavier Cugat viveu em Cuba, mudando-se para Los Angeles, nos Estados Unidos, vindo a morrer no ano de 1971 em Barcelona. Em uma de suas viagens, por conta das convenções anuais da IBM, nos Estados Unidos ou no México, meu pai adquiriu vários discos de Xavier Cugat.

podíamos ouvir o som das músicas clássicas tocadas na eletrola, que invadia a área da escadaria, expandindo-se devido à acústica. À noite, a música pop, de origem americana, francesa e/ou inglesa tocadas na boate Casarão, ao lado de meu prédio, podiam ser ouvidas como se os cantores e guitarristas estivessem dentro de meu próprio quarto.

Na década de 1960, as músicas de protesto e de denúncias ganhavam força criticando a dependência econômica e a subserviência cultural brasileira em relação aos Estados Unidos. Naqueles anos, quando as músicas e os filmes norte-americanos invadiam o país, baladas e bang-bang, a MPB contribuiu para preservar o espaço da cultura nacional. Ao longo da década, músicas como "Canção do subdesenvolvimento", de Carlos Lyra e Chico Assis; "Caminhando", de Geraldo Vandré; "Opinião", de Zé Ketti; "Proibido Proibir", de Caetano Veloso; e, principalmente, "Morte e Vida Severina", de Chico Buarque, baseado no poema de João Cabral de Melo Neto faziam sucesso nos colégios e faculdades de todo o país. A música de protesto era um meio de conscientizar os jovens sobre as desigualdades sociais.

* * *

Foi no ano de 1963 que Jorge Amado[5] passou a morar no Rio Vermelho, quando a casa dele, na Rua Alagoinhas, nº 33, ficou pronta, no Parque Cruz Aguiar, idealizado por Manuel Pinto de Aguiar, que também batizou as ruas do loteamento com os nomes de municípios baianos. Manuel Pinto de Aguiar foi um dos baianos mais lúcidos do século XX. Foi professor, urbanizador, diretor da Caixa Econômica, da Petrobras, da Eletrobras e da Itaipu, além de um amante dos livros e responsável por uma das maiores editoras que a Bahia já teve, a Livraria Progresso Editora.

Sua primeira tentativa no setor editorial, no entanto, foi em sociedade com Jorge Calmon e Milton Figueiredo, quando fundaram a Editora Cruzeiro, que desapareceu devido às dificuldades econômicas surgidas com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, em 1939. À frente da Progresso Editora, apesar

[5] Em janeiro de 1948, ano em que nasci, Jorge Amado, o maior escritor da Bahia, exercia a função de deputado federal pelo Partido Comunista que teve o seu registro cancelado. Como Jorge foi cassado, aproveitou para viajar, em exílio voluntário, a Paris. Naquele mesmo ano ele teve o livro *Terras do Sem fim* adaptado em filme, pela Atlântida, com o nome de "Terras Violentas". Foi também em 1948 que ele escreveu o livro *O gato malhado e a andorinha sinhá*, para comemorar o primeiro aniversário do filho, João Jorge. Em 2012, Jorge completaria 100 anos de nascimento e o carnaval da Bahia foi dedicado ao centenário dele.

das dificuldades, Pinto de Aguiar conseguiu lançar quase 500 títulos entre os anos de 1945 a 1960.

Sobre o papel de Manuel Pinto de Aguiar como editor, eu tive a oportunidade de lançar o livro *A aventura editorial de Pinto de Aguiar*, durante minha gestão como presidente do Instituto Baiano do Livro (IBL), no ano de 1993. O livro é uma coletânea dos textos das palestras proferidas na mesa-redonda que promovemos, na Academia de Letras da Bahia, em 8 de abril de 1992.

Participaram da mesa-redonda João Eurico Matta, Jorge Calmon, Myriam Fraga, Fernando da Rocha Peres, Wilson Rocha, Armando Souza, Fernando Pedrão e Luís Guilherme Pontes Tavares, que era diretor do IBL. Muito se tem escrito e publicado sobre este baiano inovador. Sobre Pinto de Aguiar, o meu amigo, professor e ex-colega em *A Tarde*, Fernando Rocha, lançou um livro intitulado *Progresso Editora: tribuna e paixão de Pinto de Aguiar*, publicado em coedição pela EDUFBA/EGBA, no ano de 1996. O último livro publicado sobre ele foi *Pinto de Aguiar – Audacioso Inovador*, de autoria de outra amiga e acadêmica Consuelo Novais Sampaio, no ano de 2011, como parte das celebrações do centenário dele, comemorado em 2010.

* * *

Jorge Amado passou a ser uma referência para o bairro do Rio Vermelho, pois inúmeros eram os artistas, escritores e leitores-turistas que o visitavam. Construi, apesar de não estar muito próximo – com receio de ser identificado como um chato ou puxa-saco – uma boa amizade com Jorge Amado que sempre apresentou meus livros na Academia Brasileira de Letras, além de comentá-los em artigos publicados em *A Tarde* e por meio de correspondências a mim dirigidas. Quando a revista *NEON* estava em circulação, dediquei capas da revista tanto a Jorge Amado como a Zélia Gattai, sua esposa.

Certa feita, quando lancei o livro *O Vigia do Tempo*, em Fortaleza[6], ele se encontrava lá com Zélia e os dois compareceram ao meu lançamento para me prestigiar. Saímos juntos e fizemos uma tournée pelos restaurantes populares de Fortaleza juntamente com um amigo dele que o hospedava no Ceará. *O Vigia*

[6] O lançamento de meu livro O Vigia do Tempo, em Fortaleza, ocorreu no dia 13 de janeiro de 1978, na Livraria Feira do Livro, do Shopping Center Um, no bairro da Aldeota, reunindo amigos, poetas, jornalistas e familiares que lá residiam.

do Tempo foi apresentado por Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras e no texto publicado em *A Tarde*, edição de 27 de dezembro de 1977, ele opinou:

> Para a floração mágica da poesia, neste Natal, contribui Sérgio Mattos com *O Vigia do Tempo*, seu segundo livro. Começou cedo, cheio de inquietação, como faz notar Antônio Loureiro de Souza no elucidativo prefácio que abre o volume. No decorrer de dez anos de seus primeiros poemas em letras de forma, em revistas e antologias, passando pelo primeiro livro (*Nas Teias do Mundo*, 1973), até o volume atual, o poeta manteve-se fiel à inquietação ("O poeta é o vigia do tempo", afirma ele), mas sua poética ganhou experiência e nitidez. "Os mistérios foram sugados", pois Sérgio Mattos busca e obtém "as formas simples". Nunca vulgar, no entanto, sabendo conservar certas nuanças de sombras recônditas, que concedem à sua clareza fundamental uma condição literária de real qualidade.

Outra casa-ateliê, no Rio Vermelho, que era muito visitada por artistas como Tony Curtis, entre outros de Hollywood, era a de Mário Cravo, que ficava bem em frente à Rua Bartolomeu de Gusmão e por onde hoje passa a Av. Garibaldi. Na Rua Bartolomeu de Gusmão, moravam também os irmãos Jenner Augusto da Silveira[7], artista plástico de renome, e Junot Silveira[8], jornalista e escritor, com o qual trabalhei muitos anos no jornal *A Tarde*. Junot Silveira foi o responsável pela publicação de meu primeiro livro de poemas, *Nas Teias do Mundo*, em 1973, quando desempenhava a função de diretor-geral da Empresa Gráfica da Bahia – EGBA.

[7] Jenner Augusto da Silveira (1924-2003), sergipano de nascimento, foi pintor, ilustrador, desenhista e gravador. Transferiu-se para Salvador em 1949, onde começou trabalhando como assistente no ateliê de Mário Cravo Júnior. Durante a década de 1950 participou ativamente do movimento de renovação das artes plásticas na Bahia, juntamente com Mário Cravo Júnior, Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Carybé. Sua obra, marcada pela influência de Portinari, sempre procurou retratar trabalhadores e cenas do dia-a-dia da vida baiana. Foi também o maior pintor dos Alagados e outras paisagens de Salvador, além de ter sido um dos principais ilustradores dos livros de Jorge Amado.

[8] Junot Silveira (1923-2003), sergipano de nascimento, desenvolveu sua vida profissional em Salvador, onde além de biógrafo, cronista e ensaísta foi jornalista, diplomado pela primeira turma do curso de jornalismo da UFBA. Ingressou no jornal A Tarde, em 1958, como redator, encerrando sua trajetória como editor-geral das edições dominicais. Junot foi Secretário de Estado de Sergipe, diretor da Casa Ruy Barbosa, professor-adjunto e catedrático da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia e diretor da Imprensa Oficial da Bahia, transformada em Empresa Gráfica da Bahia (EGBA) durante sua gestão em 1972. Dentre seus livros destacam-se: O Romance de Tobias Barreto e A Bahia na voz dos Trovadores.

* * *

Conclui o terceiro ano ginasial no Seminário e, em 1963, fui matriculado na quarta série do Ginásio São Bento, então dirigido por Dom Norberto Sant'Anna, que era também o responsável pela administração do Mosteiro, em Salvador. Os beneditinos mantinham, além do colégio, uma tipografia, a Editora Beneditina e o Coral a Juventude, exercendo grande influência na cidade, com a atuação destacada de seus membros, a exemplo de D. Timóteo Amoroso Anastácio[9], Dom Jerônimo de Sá Cavalcante, que era cearense, e Dom Bernardo Lucas, responsável pela unidade da Juventude Estudantil Católica – JEC, e pelo Coral da Juventude, dentre outros.

Apesar do ensinamento do Ginásio São Bento ser considerado como um dos melhores dentre os colégios católicos privados, a base que obtive no Seminário era muito maior, o que me permitia cursar a quarta série com facilidade e sem qualquer necessidade de estudar para acompanhar o desenvolvimento das disciplinas, principalmente Latim e Português, o que me levou a relaxar nos estudos também das demais matérias.

Este fato foi notado por meu pai que de imediato providenciou um emprego para me manter ocupado e me tirar das praias do Rio Vermelho. Fui trabalhar como vendedor sob o comando de Milton Azevedo, conhecido de meu pai, e que representava, na Bahia, a Nailotex (roupas íntimas femininas), a fábrica de maiôs Catalina (o maiô das misses) e a fábrica de roupas infantis Carioca. Meus maiores clientes eram o Magazine Florensilva, na Avenida Sete,

[9] Com a morte do Abade D. Plácido Staeb, ocorrida em 6 de junho de 1965, D. Timóteo Amoroso Anastácio foi eleito para ser o 77º Abade do Mosteiro de São Bento em Salvador, que também foi o primeiro mosteiro beneditino construído fora da Europa, no ano de 1582. Dom Timóteo chegou à Bahia em plena ditadura militar, imprimindo de imediato um estilo pessoal de luta contra a intolerância, buscando o diálogo e partindo para a ação. Ele foi responsável pelo fortalecimento do movimento dos jovens em torno da liturgia e do cântico e pela celebração de cultos ecumênicos como a celebração da Missa do Morro, com atabaques e berimbaus, e a missa dominical com guitarras elétricas. A inovação atraía a juventude e lotava a Igreja. Eram famosas as homílias de D. Timóteo Amoroso Anastácio, D. Jerônimo de Sá Cavalcante, D. Mariano Costa Rego e de D. Norberto Sant'Anna, que se alternavam no púlpito aos domingos. Nesse período, no São Bento, D. Timóteo promoveu a prática ecumênica e o diálogo com as autoridades do candomblé da Bahia, aproximando-se de Mãe Menininha do Gantois e de Mãe Olga do Araketu. Foi, nessa época, frequentando as missas do São Bento, que conheci e me aproximei de Ivan Dorea Soares. Em 12 de julho de 2010 foi comemorado o centenário de nascimento de D. Timóteo.

e a Loja Duas Américas, na Rua Chile. Passei a estudar no turno matutino e a trabalhar no vespertino.

Minha remuneração, sem carteira assinada, era feita por produção: uma comissão de 2% do que vendesse. Recebia 1% no mês do pedido e 1% quando do pagamento da fatura pelo cliente. Para um adolescente, entre 14 e 15 anos, eu ganhava muito dinheiro naquela época.

Para fornecer um parâmetro do volume de dinheiro recebido, basta dizer que eu mantinha um táxi alugado a meu serviço durante todo o mês inclusive nos fins de semana. O táxi era um DKW Vemag, que fazia ponto na Praça Municipal, e que era dirigido por Mamoeiro, um mulato simpático, alto e muito magro, então goleiro do São Cristovão, um time da primeira divisão do campeonato baiano, que só não me atendia quando tinha que cumprir os jogos da tabela do campeonato. Eu usava os serviços do táxi de Mamoeiro para transportar as duas malas do mostruário, quando trabalhando, e nos fins de semana para curtir na Barra.

Outro exemplo que serve para dimensionar o quanto eu ganhava, está no fato de que eu mantinha uma caderneta no Armazém do Gradim, no Rio Vermelho, pagando mensalmente um total às vezes superior ao de muitas famílias do bairro. Após as partidas de futebol de praia eu costumava pagar a conta do lanche dos amigos e, por vezes, rodadas de cerveja para os mais velhos.

* * *

O dinheiro que eu recebia, além do que o que eu podia vir a ganhar, acabou exercendo um papel negativo no meu comportamento. Todos os dias meu pai me deixava ao lado da Igreja do São Bento, na Avenida Sete de Setembro, tendo em vista que a entrada do colégio era do outro lado da Igreja. Na pasta, em vez de livros eu levava um paletó, uma camisa de manga comprida e uma gravata. Em vez de ir para o colégio, eu entrava na Igreja e trocava de roupa, vestindo a farda de trabalho, em um dos confessionários instalados próximos à porta de entrada e, assim, queimava as aulas para me dedicar ao trabalho.

Eu conseguia vender tanto que o responsável pela representação colocou uma modelo, uma jovem de nome Irma, para me acompanhar quando o cliente quisesse escolher as peças por meio de um desfile privado. Às vezes era constrangedor, pois o cliente queria ver o desfile das roupas íntimas e a moça cumpria

o ritual com muita discrição, sem dizer uma única palavra, diante dos olhares curiosos e ávidos dos donos das lojas e dos principais gerentes.

A quarta série do ginásio estava sendo muito fácil para mim, que havia deixado o Seminário, e eu estava me saindo bem nas provas, sem estudar, com exceção das de matemática, física e química. Como resultado da dedicação ao trabalho de vendas, quando cheguei a acreditar ser tão eficiente quanto meu pai era, fui reprovado na quarta série do ginásio por faltas e tive que repetir o ano.

***

Ao detectar a razão de meu insucesso nos estudos, meu pai me afastou de imediato desse trabalho, mas voltou a me arranjar um novo emprego, de carteira assinada a partir de primeiro de junho de 1966, na IBM do Brasil, porque nesse período, após a representação de roupas femininas, eu estava manifestando "ideias políticas inadequadas para o tempo". Vivíamos os anos pós-Golpe Militar de 1964 e meu pai não concordava com minhas ideias, que ele considerava como perigosas, tratando inclusive de dar sumiço em alguns livros que eu andava lendo.

Com mais tempo disponível voltei a ler muito, principalmente livros de orientação política e ideológica. Passei a participar de grupos de jovens da Pastoral da Juventude, do Grêmio Juventude do Rio Vermelho e a frequentar o Clube de Cinema de Walter da Silveira, a assistir a programação dos filmes de arte exibidos no então Cine Teatro Guarany, sempre precedidos de uma explanação sobre o filme. Foi por meio do Clube de Cinema que tive oportunidade de assistir a outros filmes que não fossem apenas os de origem norte-americana. Tive acesso então a filmes dirigidos por Antonioni, Fellini, Visconti, Akira Kurosawa, entre outros.

Vale registrar que a direção do Seminário, à época em que lá estudei em regime de internato, sempre se preocupou em exibir filmes de qualidade e conteúdo para os seminaristas. Quando não exibiam filmes no refeitório da instituição, nos levavam, em ônibus fretados, para assistir filmes em sessões especiais nas casas exibidoras. A título de exemplo, tive a oportunidade de assistir a vários filmes, de longa e média metragem, que eram projetados no espaço do refeitório do Seminário. Dentre eles, tenho boas recordações dos filmes "Ladrões de Bicicleta", de Vittorio de Sica, e o premiadíssimo "O Balão Vermelho", de Albert Lamuriasse, que trata do imaginário infantil.

Quando a superprodução de "Os Dez Mandamentos", dirigido por Cecil B. DeMille, com Charlton Heston no papel de Moisés, foi exibida no Cine Tupy, na Baixa dos Sapateiros, no ano de 1960, os diretores do Seminário nos levaram, em ônibus especiais, para assisti-lo em sessão privada. Na época, fiquei impressionado com o painel de Juarez Paraíso, que decorava a sala de espera daquela casa exibidora que posteriormente foi transformada em mais uma das sedes da Igreja da Universal, responsável pelo sumiço ou destruição do painel.

Juarez Paraíso é um dos mais atuantes artistas plásticos da Bahia, do qual me aproximei quando professor da UFBA, tendo sido inclusive professor de sua filha, com a também artista plástica Edsoleda Santos, que cursou Jornalismo. Quando integrei o corpo docente do Mestrado da Escola de Belas Artes implantado por Robério Marcelo Ribeiro, tendo sido inclusive vice-coordenador do Colegiado, no período de 1993 a 1995, conversávamos muito sobre fotografia, uma de suas paixões e sobre a arte digital, com a qual ele já estava fazendo experiências.

Em março de 1996, quando fiz uma exposição de poemas-cartazes, intitulada Artesanato Poético[10], na Galeria de Arte do ICBA, Juarez Paraíso[11] e Edsoleda foram dois dos artistas que participaram da exposição, fazendo uma releitura de meus poemas por meio de seus respectivos desenhos e estilos. O coquetel de inauguração da exposição contou com uma "performance", com meus poemas, dirigida pelo consagrado e premiadíssimo diretor teatral Deolindo Checcucci, que assinava uma coluna de Teatro na revista *NEON*.

No convite para a exposição escrevi o seguinte depoimento:

[10] A exposição intitulada Artesanato Poético ficou em exibição na Galeria do ICBA, no período de 19 a 29 de março de 1996, seguindo depois, em tournée por vários municípios da Bahia. Os artistas que participaram da exposição, transformando meus poemas em pinturas, cartazes, gravuras e outras técnicas foram: Floriano Teixeira, Fernando Freitas Pinto, Juarez Paraíso, J. Arthur, Edsoleda Santos, Roberval Marinho, Sérgio Rabinovitz, Reinaldo Gonzaga, Gentil, Núbia, Paulo Soares, Guache, Márcia Magno, Malinovsky, Cesar Rase, Jorge Silva, Carlos França, Menandro Ramos, David Bernardo, Ruy Carvalho e Ademar Galvão. Muitos desses artistas colaboraram comigo durante a época da revista NEON.

[11] Descrever quem é Juarez Paraíso é uma tarefa difícil, devido suas inúmeras atividades: professor, pintor, escultor, fotógrafo, muralista, publicitário, figurinista, decorador, artífice e ator. Ele nasceu em 1934, no município de Arapiranga-BA. Foi aluno de Raymundo Aguiar, Alberto Valença e Mendonça Filho. Como artista plástico fez intervenções no cenário urbano de Salvador por meio de inúmeros murais, painéis, monumentos e esculturas. Como ator, atuou no filme Tenda dos Milagres, baseado em obra homônima de Jorge Amado e dirigido por Nelson Pereira dos Santos. No filme interpretou Pedro Arcanjo.

Reunir poemas em livro ou promover recitais já não é suficiente. A poesia precisa de novos espaços. Integrá-la com todas as formas de manifestações culturais é um dos objetivos desta exposição, que reúne artistas plásticos de várias escolas, credos e tendências, ilustrando versos a partir da visão e sensibilidade de cada um. Colocar versos ilustrados nas paredes, como obra de arte, é abrir um novo espaço para a poesia que ganha, assim, também uma forma visual. O poema musicado ganha mobilidade rítmica e quando declamado, nos palcos, os atores, com suas interpretações, dão a ênfase que o poeta desejou transmitir. Com a exposição visual dos poemas, a performance de atores e a música, este Artesanato Poético visa interagir com o público em todos os sentidos.

***

Acredito que Walter da Silveira, comunista declarado, sem ser sectário, ensaísta e crítico de cinema, membro da Academia de Letras da Bahia, foi um dos responsáveis diretos pelo que se batizou como Movimento Cinemanovista e pela renovação da cultura baiana daquela época. Ele teve um papel tão importante que está por merecer um estudo acadêmico sobre sua ativa participação no desenvolvimento cultural da Bahia. Ele era um agitador cultural nato e dava atenção a jovens como eu. Passei, então, a frequentar as reuniões, aos debates e as exibições dos filmes do Clube de Cinema no período de 1963 a 1968.

No ano de 1968, que coincide com minha entrada na Universidade, Walter da Silveira, juntamente com o professor Valentin Calderón, instalou um Curso Livre de Cinema com duas aulas semanais, que funcionou no Instituto de Cultura Hispânica, onde depois funcionou o Curso de Biblioteconomia e Comunicação e atualmente funciona o Instituto de Ciências da Informação da UFBA. Cheguei a frequentar algumas aulas, mas não dei sequência devido a outros interesses e compromissos.

As aulas eram ministradas por ele mesmo, Walter da Silveira, e por Guido Araújo, que depois foi meu colega na Faculdade de Comunicação e um dos responsáveis pelas Jornadas de Cinema da Bahia. Tenho vaga lembrança de que alguns dos atuais cineastas baianos frequentaram aquele curso, a exemplo de José Humberto Dias e do crítico de cinema André Setaro, meu amigo e colega na Faculdade de Comunicação da UFBA, que foi um dos mais ativos críticos de cinema da Bahia. Setaro morreu no ano de 2014.

Por falar em crítica de cinema, sempre apreciei os filmes de arte e a arte do cinema como um todo, classificando-me como um viciado em cinema, as-

sistindo ao mesmo filme inúmeras vezes só para imaginar e descobrir como determinadas cenas devem ter sido construídas na cabeça do diretor ou admirar o trabalha de edição do filme em si. Apesar desse interesse específico, gosto também dos filmes de bang-bang, principalmente os considerados clássicos, e os de aventura, com muita ação, e quanto mais mentiras forem inseridas na história, mais me divirto.

O cinema antes de tudo, para mim, é arte e diversão, mas sem perder de vista que o significado do filme não está apenas no que é projetado na tela, embora seja na projeção que a maioria das pessoas presta atenção. Creio que o fundamental é saber como a imagem que atinge a tela foi produzida e em que condições. Geralmente, as críticas publicadas nos meios de comunicação sobre os filmes não apresentam qualquer conexão com a teoria geral da sociedade e da história, uma vez que os críticos se limitam a fazer comentários sobre o diretor ou o desempenho dos atores.

A crítica analisa apenas o conteúdo, deixando de considerar o mecanismo industrial/capitalista por trás de cada produção, que envolve a atmosfera na qual ele foi formulado e colocado no mercado consumidor. Sem considerar as forças institucionais, o momento histórico, a situação econômica e ideológica sob a qual um filme é ou foi produzido fica difícil de entender o todo. Sem considerar as influências históricas, sócio-culturais, político-ideológicas e econômicas sobre o processo de sua produção fica difícil se fazer uma crítica honesta.

***

Assim, acabei perdendo o meu primeiro e rentável emprego como representante de roupas íntima e do maiô das misses. Meu pai queria que eu concluísse meus estudos e o dinheiro que eu ganhava não seria o obstáculo, pois ele tinha posses e podia me manter, afinal, nem arrimo de família eu era. Ele tinha razão e agiu corretamente quando me tirou do emprego de vendas, reorientando meus passos. Com a repetição do quarto ano no Ginásio São Bento, passei a ter mais tempo disponível e comecei a me interessar e a me envolver com o Jornalismo.

Com o Jornalismo eu poderia exercer um papel de vanguarda na sociedade, como pregado por Antonio Gramsci, passando a ser responsável pela transmissão de ideias e conhecimento para a maior parte dos cidadãos que não tivessem acesso a elas, sendo um dos responsáveis pela construção de uma nova concepção de mundo que ajudasse na ação política.

Então, em 1964, assumi a responsabilidade do Jornal Mural da quarta série ginasial com o objetivo de promover o debate sobre os conflitos políticos e sociais que estávamos vivendo e foi exatamente por conta desse mural, de maneira irônica, que fui convidado a deixar o colégio, para não dizer que fui expulso do São Bento, uma instituição que durante os anos de chumbo da ditadura militar deu guarida a alguns ditos "subversivos" e perseguidos pelos órgãos de segurança.

***

O relato a seguir pode parecer duvidoso, mas aconteceu.

No início do segundo semestre de 1964, quando os ânimos estavam exaltados, fiz algumas matérias e um editorial, com a veemência própria dos adolescentes, criticando as autoridades pela falta de liberdade de expressão e uma série de denúncias e outras coisas mais. O mural, com fundo em feltro verde, estava instalado numa caixa de madeira que lhe servia de moldura e protegido com portas de vidro. Comprei e instalei um cadeado e fechei os vidros para impedir a retirada do material que havia postado. Qual não foi o meu espanto, ou ingenuidade, quando, no dia seguinte, procurei saber da repercussão do conteúdo e constatei que ninguém o tinha visto, pois o mural havia sido violado e todo o material retirado, ou seja, censurado.

Poucos minutos depois fui chamado à diretoria, onde mais espantado fiquei ao encontrar meu pai que havia sido convocado pelo diretor para comunicar que diante de minhas posições políticas eu não poderia continuar estudando lá, pois minhas ideias poderiam criar problemas para os outros alunos e seus respectivos pais. Meu pai ficou sem alternativa e, em setembro de 1964, fui transferido para o Colégio Ipiranga, onde finalmente conclui a quarta série de ginásio.

No São Bento fui colega de Francisco Ribeiro Neto, Ângelo Leite Oliva, que foram de minha equipe de JEC e do GATEB, no Colégio Central, de Gilson Nascimento, que também cursou Jornalismo na UFBA e fomos colega de turma, e de Marcos Gavazza, que se tornou publicitário, entre outros de marcante atuação da sociedade baiana, exercendo as mais variadas profissões. No Ipiranga, tive oportunidade de ser colega, por dois meses, de Maria da Glória Souza, que viria a ser de minha turma de Jornalismo na UFBA, e de Joaquim Fonseca Filho, o Fonsequinha, que também é jornalista e foi meu colega em *A Tarde*, tendo se

transferido posteriormente para Brasília, onde atuou na sucursal e no jornal *Estado de S. Paulo*, como repórter político. Leur Lomanto, filho de Lomanto Júnior, também foi meu colega no Ipiranga, vindo depois a seguir a vocação política do pai, tendo sido eleito deputado federal por várias legislaturas.

***

Em 1965 comecei a colaborar com o jornal *A Semana Católica*, então sob a direção do padre Manoel Soares. Participei também dos primeiros jornais de bairro de Salvador, produzidos por jovens, a exemplo dos jornais *Radar* e *Vip* (inicialmente mimeografados, pois o *Vip* circulou impresso) e *Tempo* (impresso)[12] que foram lançados pelos jovens do Grêmio Juventude do Rio Vermelho.[13]

A proposta de criação de um jornal foi lançada por Terezinha Fróes Batalha para integrar os vários grupos do bairro, evitando a ação danosa de um jornalzinho anônimo mimeografado, *O Crocodilo*, que com suas fofocas e gozações estava ameaçando a união dos jovens de todas as áreas do bairro, que tinha começado com o Clube de Praia Avenida e com as festinhas dançantes que também cheguei a promover algumas em minha casa. No entanto, para que o jornal se viabilizasse, Miguel Espinheira propôs a criação de uma entidade sócio-cultural e que o jornal fosse o porta-voz dela. E assim foi aprovada a criação do Grêmio Juventude do Rio Vermelho em reunião realizada no dia 10 de janeiro de 1965, quando também ficou decidida a criação dos dois jornais: *Radar* e *Vip*.

Posteriormente, mais uma vez por sugestão de Terezinha Fróes Batalha, os dois jornais foram fundidos em um só, o *Tempo*, que passou a circular impresso com seis páginas no formato A4 e do qual fui colaborador. Na terceira

[12] A Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, no Rio Vermelho, guarda, em seu acervo, exemplares das duas últimas edições mimeografadas do jornal Radar (números 7 e 8), as duas últimas edições impressas do Vip (números 7 e 8) e as três edições impressas do jornal Tempo.

[13] Ubaldo Marques Porto Filho, autor do fantástico livro de memórias do bairro, intitulado Rio Vermelho, publicado pela AMARV, no ano de 1991, registra o nascimento do Grêmio Juventude do Rio Vermelho e a criação dos jornais da seguinte forma: "Nascia, assim, com aprovação unânime, o Grêmio Juventude do Rio Vermelho, que teve uma junta governativa para dirigi-lo até o final de maio. O dia da histórica reunião, realizada na residência de Aldo de Almeida Lyra, na Rua Alagoinhas, foi 10 de janeiro de 1965. Numa noite memorável, ficou decido a criação de três jornais, mas somente dois começaram efetivamente a circular, com periodicidade quinzenal: o Vip e o Radar. Eu [Ubaldo Marques Porto Filho] fui o escolhido para ser o diretor do primeiro, enquanto o Almir Ferreira da Silva foi eleito para o segundo".

e última edição de o *Tempo*, que circulou em janeiro de 1966, apresenta um pequeno artigo de minha autoria intitulado "Cultura", que transcrevo a seguir:

> *O termo cultura foi utilizado inicialmente pelos antropólogos do século passado [XIX], que necessitavam de uma palavra que abrangesse todos os aspectos dos costumes humanos. Atualmente o termo cultura é empregado para significar todos os costumes do homem na sociedade.*
>
> *"A cultura é uma "soma" de forças espirituais de saber e de poder humanos, de atividades mentais, que se superpõem ao jogo cego dos instintos e das forças. A cultura é criada e mantida pelo indivíduo".*
>
> *O homem não faz cultura no sentido apenas de comunicar-se com os outros, mas também no sentido de justificar uma determinada forma de relações políticas, sociais e econômicas.*
>
> **Emprego do termo cultura** – *há uma confusão entre o emprego técnico do termo "cultura" e o seu emprego mais popular. Às vezes dizemos: "Fulano é culto", ou "ele tem cultura". Quando queremos dizer que a pessoa é hábil nas artes ou nas finuras sociais.*
>
> *Procurando um termo que abrangesse todos os costumes humanos, os antropólogos do século passado [século XIX] fixaram-se no termo "cultura". Da antropologia, o conceito passou a outras ciências sociais de sorte que os estudiosos do comportamento humano, como psicólogo e sociólogo, empregam-no hoje nesse sentido. Assim sendo, a cultura é o que distingue os homens dos outros animais.*

Até chegarmos à criação do Grêmio e dos jornais, muitas reuniões foram realizadas principalmente no terraço da casa dos pais de Terezinha que, sempre cheia de ideias, nunca deixou de expô-las, debatendo para aperfeiçoá-las e procurando ajuda na implantação prática das mesmas. Eu participei de várias reuniões e mesmo depois de horas de conversa em sua casa ainda falávamos outro tanto ao telefone. Lembro que esses jornais do bairro do Rio Vermelho, produzidos por jovens, foram pioneiros em Salvador e que serviram de exemplo para que outros grupos passassem também a criar entidades culturais e a produzir jornaizinhos, como foi o caso da Barra, quando estivemos reunidos com eles para relatar nossas experiências. Àquela época, fomos fonte de inspiração para a instalação de um Grêmio no bairro da Ribeira e outro em Feira de Santana, que receberam documentos e jornais referentes à nossa experiência.

Registre-se que um dos primeiros jornais de bairro de Salvador surgiu no Rio Vermelho, com o nome do bairro, na década de 1950 e era produzido por três irmãos Aurélio, Augusto e Alberto Ângelo de Souza, que de certa forma

contribuíram com orientações na produção do jornal que os jovens do bairro produziram e que acabou se desdobrando, já nas décadas de 1980 e 1990, quando surgiu a AMARV, em um jornal com formato e conteúdo mais profissional. Na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, no Rio Vermelho, encontram-se alguns exemplares dos jornais dos irmãos Ângelo de Souza e também dos primeiros jornais da ativa juventude do bairro.

***

O Grêmio da Juventude do Rio Vermelho realizava suas reuniões na parte térrea do Edifício Goya, no Largo de Santana, na sala onde funcionava a Escola de Música Heitor Vilas-Lobo, da professora Walkyria Melgaço Knitel, que fechou e sem ter onde se reunir o Grêmio se dispersou. No entanto, não posso afirmar que foi por falta de local, pois poderíamos ter continuado a nos reunir na residência de Terezinha Batalha, onde tudo começou, ou na sede do Colégio Medalha Milagrosa. Talvez os compromissos profissionais de cada um, bem como a constituição de novas famílias, pois vários daqueles jovens estavam casando, tenham sido razão da dispersão. A terceira edição do jornal *Tempo* registra os componentes da última diretoria do Grêmio:

> *Em 17 de dezembro de 1965, tomaram posse, em solenidade realizada na residência da gremista Tereza Batalha, os novos dirigentes do Grêmio Juventude do Rio Vermelho que, pelo período de três meses estarão à frente do seu destino. Os novos diretores do Conselho deliberativo são os seguintes: Ubaldo Marques Porto Filho (setor social), Roque de Lima Monteiro (setor esportivo), José Carlos Taboada (setor artístico) Miguel Jesus Espinheira González (setor jornalístico), Maria Carmem Bezerra Pinheiro (setor de formação), Maria Luiza Tapioca Silva (secretaria) e Affonso José Taboada Filho (tesoureiro). Conselho Fiscal: Antonio Carlos Meyer Figueiredo, Gustavo Tapioca Silva, Célia Maria Figueiredo e Ana Angélica Vergne de Abreu.*

***

Concluído o Ginásio, busquei, por conta própria, uma matrícula no Colégio Estadual da Bahia, o Central, onde estudei nos anos de 1965, 1966 e 1967. Quem acabou me arranjando a vaga foi dona Iolanda, mãe de Frederico Abreu, que também foi seminarista na minha época, e que tinha quatro irmãos: Maria, Rui, César e Aninha, que era uma criança deficiente e muito amada. Dona Iolanda, que desenvolveu amizade com minha mãe, era viúva e trabalhava no

Colégio Manoel Devoto, no Rio Vermelho. Fred, o filho mais velho dela, era um fanático torcedor do Bahia que gostava muito de cinema e de capoeira.

Por minha vez, aprendi a torcer pelo Ipiranga Futebol Clube, cuja sede-concentração ficava no Rio Vermelho, num prédio onde hoje funciona o Colégio Guiomar Pereira. Devido ao acesso fácil e o encontro com os jogadores, com quem fazíamos amizade, torcia por eles e ainda acompanhava os treinos no campo da Chapada do Rio Vermelho. Tinha grande admiração por dois jogadores do Ipiranga: Pinga e Zé Oto, que era cearense, e posteriormente se transferiu para o Bahia, que eram sempre muito atenciosos com os jovens do bairro e às vezes até batiam um baba na praia com a gente.

* * *

Anos depois, analisando meu interesse pela temática da censura em minhas pesquisas acadêmicas, identifiquei três fatos que me instigaram a estudar os efeitos danosos da censura, em todos os seus aspectos: econômico, social, político ideológico, policial e social. Os três fatos vivenciados foram: o caso do Jornal Mural no Ginásio São Bento; uma reportagem que produzi com Dom Hélder Câmara e publicada no jornal *A Semana*, da Arquidiocese, ameaçado de apreensão pela Polícia Federal; e o fato de que, quando no exercício da função de chefe de reportagem do jornal *Tribuna da Bahia*, era eu quem praticamente recebia todos os papelotes com as ordens apócrifas, proibindo a publicação de vários fatos, alguns do quais o jornal nem tinha conhecimento. Ironicamente, até os discursos de alguns generais da época eram censurados.

No ano de 1968, escrevi um poema intitulado "Autocensura", que integra fase da revista *Experimental*, no qual registrei minha angústia juvenil. Esse poema só foi tornado público 42 anos depois de escrito, pois o inclui no livro *Essência Poética*, no ano de 2010. Eis os versos:

Eu vejo...
mas tenho que calar,
olhar e nada dizer.
– não é hora para espalhar –
Eu vejo...
sinto... e só posso pensar.
Eu vejo...
e pensando busco
uma fórmula para falar.
– a hora chegará... –

No ano de 1977, a temática me inspirou mais uma vez e criei um quase Haicai, intitulado "Censura":

Amor
Dança
Pensamento:
Amordaçamento.

***

Outra experiência amadora que vivenciei com a censura ou por medo dela, aconteceu quando participava do Grêmio Juventude do Rio Vermelho. Dentre as inúmeras atividades que desenvolvíamos, como a publicação do primeiro jornal de bairro feito por jovens em Salvador, onde eu era colaborador, tínhamos uma intensa programação social com a prática de esportes e festinhas dançantes que organizávamos, algumas delas com música ao vivo, pois, entre nós, tinham alguns jovens que tocavam instrumentos e faziam composições musicais, a exemplo de Toninho Lacerda, Antonio Carlos Marques Pinto, conhecido pelo apelido de "Vieira" (que viria a ser parceiro de Jocafi), Rosa da Bahia (irmã de "Vieira"), César Tapioca, Evandro Paiva Pacheco (Vandinho) e outros que fizeram sucesso e seguiram a carreira artística.

Os expoentes musicais do bairro na época eram o pianista Carlos Lacerda, Osvaldo Fael, o cantor de serestas, e João Caria, o nosso grande tenor, mas tínhamos também o conjunto O Barquinho, a partir do qual Antonio Carlos se projetou formando dupla com Jocafi em carreira nacional. A dupla estourou no mercado fonográfico com o primeiro disco intitulado "Mudei de Ideia" em 1971. No ano anterior, a dupla ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção da Record, com a música "Desacato". Outro que despontou a partir de nossas festinhas foi Toninho Lacerda irmão do Governador do Teclado, como era chamado o maestro, uma analogia ao governador da Guanabara, o político e jornalista Carlos Lacerda.

Mas a maioria das festinhas acontecia mesmo na base da vitrola e do disco bolachão, quando dançávamos no embalo da Bossa Nova, de Roberto Menescal, Tom Jobim, Carlos Lyra, Vinícius de Moraes, na ginga das músicas de Jorge Ben, de Wilson Simonal, Agostinho Lara e até Altemar Dutra, além da turma do iê, iê, iê, a exemplo de Roberto e Erasmo Carlos, Jerry Adriani e dos metais em brasa, das grandes bandas dos maestros Paul Mauriat, Ray Conniff e

Glenn Miller. Nessa época eu era fã de Pat Boone, de Elvis Presley, dos Rolling Stones e dos Beatles, naturalmente.

Para divulgarmos nossas programações para os integrantes do grupo, que moravam na Avenida, na Paciência, no Largo de Santana, na Mariquita, no Parque Cruz Aguiar, no IPASE e em outros locais do bairro, precisávamos de um veículo. A solução foi dada por Roque de Lima Monteiro, conhecido pela alcunha de Roque Cupim, que, além de possuir todos os equipamentos necessários, era rádio-técnico e rádio-amador.

Ele sugeriu que com um amplificador e microfone poderíamos montar uma pequena emissora de rádio e transmitir, num raio de até um quilômetro, todos os comunicados, notícias do grupo e o local da festinha semanal, usando para tanto uma determinada faixa do dial dos aparelhos receptores de rádios, que deveríamos sintonizar, no horário de "A Voz do Brasil". Várias dessas festinhas foram realizadas em minha casa. E assim foi criada, na clandestinidade, a Rádio Juventude do Rio Vermelho, na residência de Roque, na Rua João Gomes, nº 24.

As transmissões funcionaram por muito pouco tempo. Não lembro quantas transmissões piratas foram feitas, pois logo surgiram pessoas para condenar a audácia e a dizer que os órgãos se segurança iam interceptar e identificar a origem das transmissões apreendendo os equipamentos e prendendo os responsáveis. O resultado foi que a rádio foi desativada. Em seu livro sobre o Rio Vermelho, Ubaldo Marques Porto faz uma referência à emissora clandestina:

> *Quando o Grêmio surgiu, Roque [de Lima Monteiro] montou uma verdadeira emissora que funcionava todos os dias, mas somente durante o horário do programa "A Voz do Brasil". Ele forneceu ao pessoal a sintonia da rádio e a audiência era total entre os gremistas, haja vista que ninguém possuía saco e paciência para ouvir o noticiário oficial do Governo, transmitido em cadeia por todas as emissoras do país. Como também coincidia com o período do jantar, todos ficavam em casa escutando a Rádio Juventude do Rio Vermelho, que irradiava músicas solicitadas, noticiário do Grêmio e os recados dos associados. Os locutores, além do próprio Roque, eram o José Carlos Taboada, Afonso Taboada, Miguel Espinheira, Antônio Fernando Teixeira de Carvalho, Luís Augusto Rosa Guimarães e eu [Ubaldo Marques Porto Filho], únicos com acesso ao Studio e que formavam o grupo chamado de "clube dos sete". A rádio alcançou tanto sucesso que o Roque ficou temeroso, pois afinal a Revolução de 64 estava fresquinha. Embora não tocasse em assuntos políticos,*

haja vista que se divulgavam apenas amenidades, apareceu um "espírito de porco" para liquidar com o rádio. "Se o Exército descobrir, você será preso e vai perder toda esta aparelhagem valiosa, sentenciou o intruso, um amigo do dono da casa que não residia no Rio Vermelho. Então, Roque desativou a emissora.

Quando falo do assunto com algumas pessoas da época quase ninguém lembra. Mas aquela experiência me marcou talvez pelo meu interesse crescente pelos veículos de comunicação e a autocensura a que nos impusemos foi outra experiência com a censura.

***

O importante é que a minha geração no Rio Vermelho foi uma geração sadia, criativa e participativa e que procurava ocupar os espaços. O grupo de jovens motivado por objetivos comuns serviu para unir os grupos dos vários pontos do bairro, antes desunidos. Os únicos locais neutros – o Cine Rio Vermelho, as praias de Santana, Paciência e da Avenida, além da Igreja de Santana – eram frequentados por todos e mesmo assim em grupos para evitar surpresas. Até então um jovem morador da Avenida não poderia, por exemplo, namorar uma moça do Parque Cruz Aguiar e, se fosse flagrado, era posto a correr.

A união dos jovens dos vários setores do bairro do Rio Vermelho começou a ser urdida em meados do ano de 1964, nas reuniões promovidas e lideradas por Terezinha Batalha, no terraço de sua casa na Rua Alagoinhas. Foi a partir dessas reuniões que se começou a pensar na constituição do Grêmio Juventude do Rio Vermelho que teria vários setores de atuação, tais como: Religioso, Formação, Teatro, Esporte, Imprensa, Social, entre outros. Foi a partir dessas reuniões que começaram a surgir propostas e planos de ação como a criação dos jornais do bairro.

Depois de constituído o Grêmio, as reuniões passaram a se realizar no andar térreo do Edifício Goya, aonde residiam os irmãos Miguel Espiñeira, Olga e Maria Victoria Espiñeira, no Largo de Santana. Nessa época muitos passeios, encontros e bingos dançantes foram realizados, além da organização das festas populares, promovendo o resgate do Bando Anunciador, a eleição e Coroação da Rainha do Rio Vermelho, o Banho de mar à fantasia e o Campeonato de Futebol de Praia, com jogos de camisa. Este último, organizado por Hélio Carneiro Campos, diretor de Esportes do Clube de Praia Avenida, fundado em 25 de março de 1964, e que acabou integrando os grupos de todas as áreas do bairro

por meio do futebol. Dentre os passeios organizados pelo Grêmio Juventude do Rio Vermelho destacam-se os da Ilha de Itaparica, Arembepe, Buraquinho e as noites de Serenatas no Abaeté.

O campeonato de futebol de praia do bairro foi, no meu entender, o principal elo para a união de todos. Hélio não parou aí, por meio da diretoria de Esportes do Clube de Praia Avenida[14] ele congregou atletas do bairro que disputavam e participavam dos eventos promovidos pelo Departamento de Esporte Amador do Governo do Estado de Esporte Amador na Fonte Nova. Os atletas do Clube de Praia Avenida, dentre os quais eu estava relacionado mesmo sem nunca ter conquistado uma única medalha, disputavam várias modalidades esportivas, tais como corridas e provas de natação, promovidas e realizadas na piscina olímpica da Fonte Nova, pelo Departamento de Esporte Amador do Governo do Estado. Hoje aposentado, Hélio foi professor de Educação Física da UFBA e continua atuando com jovens.

Com a união de todos em torno de objetivos comuns passamos a ter um grupo forte. É bem verdade que a Pastoral da Juventude e Ação Católica também contribuíram para esse fim. Posteriormente, muitos desses jovens do bairro, passaram a fazer parte da JEC e da JUC: Sérgio Mattos, João José Beltrão, Vitória Beltrão, Chico Mário Beltrão, Ney Bandeira (que casou com Vitória Beltrão), Gustavo e Maria Luíza Tapioca (Mara), Vitória Beltrão, Terezinha Batalha (a Teca, para os amigos) Jorge Bureau, Jô Vieira (que casou com Adenil Falcão), Afonso Temporal, José Carlos Temporal e outros.

***

Grande parte dos jovens moradores do Rio Vermelho nas décadas de 1960 e 1970 continua morando no bairro. Alguns fazem pesquisas históricas, outros criaram e fundaram a Associação dos Moradores e Amigos do Rio Vermelho – AMARV, da qual fui um dos fundadores e primeiro editor do *Jornal do Rio Vermelho*, que desapareceu para dar lugar ao atual *Folha do Rio Vermelho*, jornal oficial do bairro editado mensalmente pela central das entidades do Rio Vermelho.

[14] O Clube de Praia Avenida (CPA), fundado em 25 de março de 1964, por moradores dos setores Avenida e Paciência, do bairro do Rio Vermelho, teve assim constituída a sua primeira diretoria: Giuseppe Talento (Presidente), Celso Araújo Leal (Secretário), Hélio José Bastos Carneiro de Campos (Diretor de Esportes) e Carlos de Lima Costa (Diretor Social). O CPA funcionava na residência de Hélio, na Rua Eurycles de Matos, nº 74. O quadro da diretoria se revezava praticamente em torno dos nomes dos fundadores e primeiros responsáveis.

Fundamos a AMARV[15] , no dia 2 de abril de 1986, com o compromisso de resgatar a memória histórico-cultural, lutar pela preservação do conjunto arquitetônico do bairro e defender os interesses da comunidade. Um dos que mais se empenhou nessa batalha de resgate foi, não posso negar, Ubaldo Marques Porto Filho.

Até a Academia dos Imortais do Rio Vermelho (ACIRV) foi criada. Por trás de várias dessas ações, destacam-se vários nomes, tais como os de Ubaldo Marques Porto Filho, que se tornou no principal historiador do bairro, Nelson Almeida Taboada, empresário e ex-presidente da Associação Comercial da Bahia, Luciano José Costa Figueiredo, Hélio José Bastos Carneiro Campos, Clóvis Cavalcanti Bezerril, Márcio Santos Souza, Edgard Viana Filho, Sílvio Batalha, entre outros. Não posso deixar de registrar que tanto Hélio Campos como Luciano Figueiredo (que realizou programa de doutoramento em Veterinária na Alemanha) são duas pessoas que se destacaram também pelo amor à Capoeira. Luciano chegou a dar aulas de capoeira para crianças na escolinha de sua irmã.

***

Do Rio Vermelho são tantas as boas lembranças da juventude, dos amigos, das aventuras, farras, festas e nomes que, possivelmente, devo ter esquecido inúmeros deles. Aliás, é o que acontece com quem tenta montar o quebra-cabeça da vida, com os fragmentos das lembranças do passado. Além de todos os já citados, não poderia deixar de citar a celebridade que era o Elias Sobrinho, homem do rádio, da TV e de jornal que depois abandonou a mídia e se dedicou a criar galinhas, passando a vender frangos abatidos e assados no Rio vermelho. Aliás, sobre Elias Sobrinho[16], participei da banca examinadora do Trabalho de

[15] A diretoria executiva da AMARV – Associação dos Moradores e Amigos do Rio Vermelho, criada no dia 2 de abril de 1986, estava constituída pelas seguintes pessoas: presidente, Ubaldo Marques Porto Filho; vice-presidente, Suzana Olmos; diretor financeiro, Clóvis Bezerril; diretora cultural, Eneida de Almeida Cavalcanti; diretor de comunicação social, Sérgio Augusto Soares Mattos; e, diretor jurídico, José Carlos Taboada. O quadro diretivo da AMARV tinha ainda três diretores para assuntos especiais: Jorge Filho (presidente da Colônia de Pesca Z-1), David José dos Santos (representante do Comércio e Serviços) e José Augusto Saraiva Peixoto (representante do Grupo Gérmen). O conselho consultivo era formado por nomes representativos, tais como os de Almir Ferreira da Silva, Edmundo Germano Rezende, Ivan Barreto de Carvalho Filho, José Ramos dos Santos, Rubens Mário de Macedo e Tarquínio de Oliveira Gonzaga. O presidente de honra era o morador mais famoso do bairro: Jorge Amado.

[16] De origem libanesa, Elias Naufel Assmar (1932-2010) ficou conhecido do público pelo pseudônimo de Elias Sobrinho devido sua ativa participação nos meios de comunicação, principal-

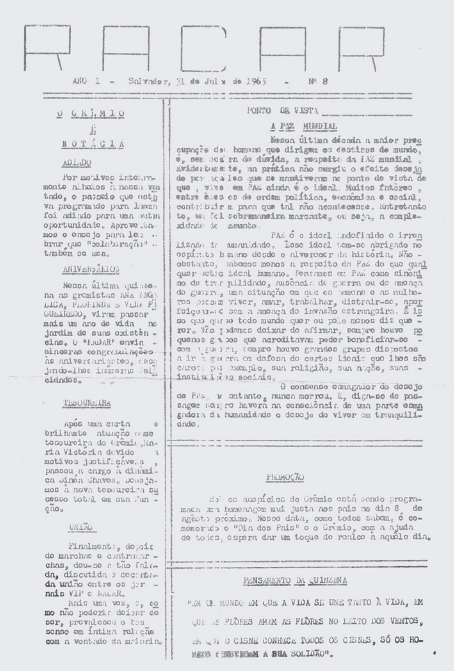
Conclusão de Curso feito pela neta dele, Maiana Chamusca, e apresentado na Faculdade Jorge Amado.

***

Com o intuito de homenagear os jovens e amigos do bairro do Rio Vermelho concluo esta sessão deste capítulo, mesmo correndo o risco de omitir alguns nomes, listando alguns jovens da época: os irmãos Hélio José Bastos Carneiro, Jorge, José Mário, Maria das Graças (Dadaça) e Maria Aparecida Campos (Cília), filhos de José Carneiro de Campos, o Senhor Campos, com o qual eu costumava manter longos papos, inclusive sobre as propriedades da pimenta para a saúde do homem. Ele também tinha sido seminarista; Maria Cristina, Maria Isabel e Oscar Luna Freire; Miguel, Victória e Olga Espiñera; João José, Francisco Mário e Vitória Beltrão; Mariluce (casou com Odilésio, que foi prefeito de Morro de Chapéu), Norma e Luciano Costa Figueiredo (fez doutorado em medicina veterinária na Alemanha), filhos de Dr. Figueiredo, o Tabelião do bairro; Milton (falecido em 2005) e Janinha Melo (que casou com Luciano); Giuseppe Talento (Pino) e Carmela Talento (jornalista foi minha aluna na FACOM); Luís Carlos Santos Souza (Luís Tortilha, meu companheiro de festas, que casou com Hercília, filha do então deputado Vilobaldo Freitas) e Márcio Santos Souza (que casou com Marília, irmã de Dirceu da Silva Villas-Boas); Djalma Bulcão Fonseca; Terezinha e Sílvio Batalha; Jorge e Péricles Bureau; Ana Jacaré (que foi a primeira mulher a vencer a Travessia Mar Grande – Salvador); César, Mara e Gustavo Tapioca Silva (que casou com Virgínia, filha de João Falcão proprietário do *Jornal da Bahia*, onde Gustavo exerceu o jornalismo);

mente no rádio e depois na TV Itapoan. No ano de 1958, ganhou o título de Rei do Rádio, em eleição direta, na qual os radiouvintes escolhiam os melhores do rádio na Bahia, depositando seus votos em urnas espalhadas em pontos estratégicos da cidade. E, assim, após a contagem dos votos Elias Sobrinho foi eleito o Rei do Rádio, em primeiro lugar, com 59.310 votos. O segundo mais votado foi Gastão do Rêgo Monteiro com 39.310 votos. Para Rainha do Rádio de 1958 foi eleita Sônia Maria com 59.020 votos. No ano de 1957 quem ecebeu o título foi outro mago do rádio baiano: Pacheco Filho. Na década de 1960, Elias Sobrinho fez sucesso no Rádio e na televisão com o programa Sabatina da Alegria realizado e transmitido ao vivo, diretamente do Cine Teatro Nazaré, das 15 às 18 horas, com mais de mil pessoas no auditório. Elias Sobrinho morreu no dia 13 de setembro de 2010, aos 78 anos de idade. Maiores detalhes sobre a vida de Elias Sobrinho podem ser encontradas na biografia que Maiana Chamusca Assmar Santos escreveu sobre o avô, intitulada Elias Sobrinho: meu sonho sem fim. O original está disponibilizado no acervo da biblioteca da Faculdade Jorge Amado, em Salvador.

os irmãos Frederico[17], César, Ruy e Maria Abreu; Cecília Tânia Aragão; Jarid Brandão e as irmãs, Élida e Edileuza (que se casou com meu irmão Amarílio), além de Afonsinho Taboada, José Carlos Taboada, Nelson Taboada (empresário que chegou a presidente da Associação Comercial da Bahia); Toninho Lacerda (irmão de Carlos Lacerda, o pianista, casado com Marlene, amiga de minha mãe e de cuja filha, Mayra, fui professor na FACOM/UFBA); Barney; Antônio Lins de Albuquerque (Toinho) e José Franklin Lins de Albuquerque (Zé Lins); Jorge Saback; José Carlos Brandão (Siri, primo das moças do Quarteto em Cy: Cyva, Cybele, Cynara e Cylene); Paulo Roberto Furtado (contemporâneo no seminário e que se aposentou como desembargador no TJ da Bahia; Raimundo Nonato (também contemporâneo de seminário de cujo filho fui professor na FACOM); Nagib Antônio Fadul; Gervásio Vieira (artista plástico, professor e membro da IGHB); Ubaldo Marques Porto (um dos historiadores do bairro e idealizador da Amarv); Poruca Humberto e Nerinho, os irmãos Carlos Alberto Sales Guerreiro



RADAR

ANO 1 - Salvador, 31 de Julho de 1965 - Nº 8

O GRÊMIO É NOTÍCIA

ADIADO

Por motivos inteiramente alheios à nossa vontade, o passeio que estava programado para [illegible] foi adiado para uma outra oportunidade. Aproveitamos o ensejo para lembrar que "colaboração" também se usa.

ANIVERSÁRIOS

Nessa última quinzena as gremistas ANA ANGÉLICA, FLORINDA e VERA FIGUEIREDO, viram passar mais um ano de vida no jardim de suas existências. O "RADAR" envia sinceras congratulações às aniversariantes, desejando-lhes inúmeras felicidades.

TESOUREIRA

Após uma curta e brilhante atuação como tesoureira do Grêmio, Maria Victória devido a motivos justificáveis, passou o cargo à dinâmica Dinéa Chaves. Desejamos à nova tesoureira sucesso total em sua função.

UNIÃO

Finalmente, depois de marchas e contramarchas, deu-se a tão falada, discutida e decantada união entre os jornais VIP e RADAR.

Mais uma vez, e, como não poderia deixar de ser, prevaleceu o bom senso em íntima relação com a vontade da maioria.

PONTO DE VISTA

A PAZ MUNDIAL

Nessa última década a maior preocupação dos homens que dirigem os destinos do mundo, é, sem sombra de dúvida, a respeito da PAZ mundial. Evidentemente, na prática não surgiu o efeito desejado por aquêles que se mantiveram no ponto de vista de que, viver em PAZ ainda é o ideal. Muitos fatôres, entre êles os de ordem política, econômica e social, contribuiram para que tal não acontecesse. Entretanto, um foi sobremaneira marcante, ou seja, a complexidade do assunto.

PAZ é o ideal indefinido e irrealizado da humanidade. Êsse ideal tem-se abrigado no espírito humano desde o alvorecer da história. Não obstante, sabemos menos a respeito da PAZ do que qualquer outro ideal humano. Pensamos em PAZ como sinônimo de tranquilidade, ausência de guerra ou de ameaça de guerra, uma situação em que os homens e as mulheres possam viver, amar, trabalhar, distrair-se, aperfeiçoar-se sem a ameaça de invasão estrangeira. É isso que quase todo mundo quer ou pelo menos diz querer. Não podemos deixar de afirmar, sempre houve pequenos grupos que acreditavam poder beneficiar-se com a guerra, sempre houve grandes grupos dispostos a ir à guerra em defesa de certos ideais que lhes são caros: por exemplo, sua religião, sua nação, suas instituições sociais.

O consenso esmagador do desejo de PAZ, no entanto, nunca morreu. E, diga-se de passagem sempre haverá na consciência de uma parte esmagadora da humanidade o desejo de viver em tranquilidade.

PROMOÇÃO

Sob os auspícios do Grêmio está sendo programada uma homenagem mui justa aos pais no dia 8 de agôsto próximo. Nesse data, como todos sabem, é comemorado o "Dia dos Pais" e o Grêmio, com a ajuda de todos, espera dar um toque de realce àquele dia.

PENSAMENTO DA QUINZENA

"EM UM MUNDO EM QUE A VIDA SE UNE TANTO À VIDA, EM QUE AS FLÔRES AMAM AS FLÔRES NO LEITO DOS VENTOS, EM QUE O CISNE CONHECE TODOS OS CISNES, SÓ OS HOMENS [illegible] A SUA SOLIDÃO".

[17.]

Reprodução do jornal mimeografado RADAR, de 31 de julho de 1965, ano 1, nº8, com notícias do Grêmio Juventude do Rio Vermelho.

[17] Frederico José de Abreu tornou-se um especialista em capoeira, como instrumento cultural, reconhecido nacionalmente. Ele abraçou esta causa em toda a sua vida. Morreu no dia 11 de julho de 2013. Ele foi o responsável pela criação do Instituto Jair Moura, Núcleo de Documentação e Pesquisa da Capoeira, onde realizava um trabalho abnegado.

NUNCA PODEREMOS DRIBLAR NOSSA CONSCIENCIA... NEM PELÉ

O GRÊMIO... OS MEUS AMIGOS... AOS PAIS DE MEUS AMIGOS...

Por que estamos tão distanciados um do outro ?
Por que chegamos a tal ponto ?
Por que não conversamos de "certos" problemas ?
Por que será que tantas vezes tenho "medo" e não "respeito" a vocês ?
Será que nós somos bons amigos ?
Por que estamos tão longe ?

VIP

ANO I — Nº 7
SALVADOR - MAIO DE 1965
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ÓRGÃO DIVULGADOR E CULTURAL DO GRÊMIO JUVENTUDE DO RIO VERMELHO

A MOÇA DA FOTO

[18.]

Reprodução da capa do jornal VIP, ano 1, maio de 1965, nº7.

Conversa com os jovens leitores... e com os leitores jovens

TEMPO

Orgão Divulgador e Cultural do GREMIO JUVENTUDE DO RIO VERMELHO

ANO 1 — JANEIRO DE 1966 — Nº 3

SALVADOR - BAHIA - BRASIL — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Ana Maria Tereza Frões Batalha, filha do Eng°. Carlos da Costa Batalha e D. Ana Adelaide Frões Batalha, vai terminar êste ano o curso pedagógico na Colégio N. S. das Mercês e, em 67 fará vestibular para Filosofia.

Acha que a música é a melhor maneira de um repouso integral. Aprecia muito a leitura que sempre é um enriquecimento, preferindo principalmente os temas psicológicos ou sócio-políticos. Dentre moda geral gosta das artes, sentindo nelas a expressão de cada época, de cada povo e de cada pessoa. E o choque de mentalidades, sempre tão comum no mundo e até talvez mais acentuado em nossa época. Adora viajar; conhece os estados de Minas, Rio, Guanabara, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Recente esteve na Argentina e no Uruguai. Tem muita esperança na juventude de hoje, achando porém, que é necessário uma orientação e, mais compreensão da mundo adulto.

Assim é Ana Maria Tereza, Terezinha para os intimos, hoje a nossa Miça da Foto.

Banco de Administração S. A.
FUNDADO EM 1915

[19.]

Cópia do jornal impresso O TEMPO, ano 1, Janeiro de 1966, nº 3, órgão divulgador e cultural do Grêmio Juventude do Rio Vermelho.

(Cabaiá) e Ailton Sales Guerreiro (Canhão); Carmelito César Alvim (Urubatão), os irmãos Márcio e Mário Alvarez; os irmãos Sandra e João Schoucair Caria; Dinalva e Dineia; Nieide Alba Macedo e seus irmãos César ("Leseira") e Erval; as irmãs Maria Carmem e Florinda Maria Bezerra Pinheiro; os irmãos João Eudes, Célia Maria e Maria Olympia Figueiredo; Chantal e Marie Hélène Russi (filhas de Marcel e Yvone Russi, ele conhecido paisagista); Almir Ferreira da Silva, Nei da Rocha Bandeira (Neinho); Cláudio Fonseca Dortas, José Roberto de Almeida Barros, José Carlos Temporal, Afonso Temporal, Carlos Onias Almeida de Barros (Caito); os irmãos Evandro de Lima Costa (Evandro Ratão), Carlos de Lima Costa (Ticão), Humberto de Lima Costa, e Walter de Lima Costa (Porucão); Pedro Elias de Santana Lima (China); os irmãos Mário Cravo Neto (Mariozinho) e Otávio Cravo (Pingo); Odilésio José Costa Gomes (casou com Mariluce, irmã de Luciano Figueiredo, e foi prefeito de Morro do Chapéu), Os irmãos bons de bola: Nilton Dultra (Niltinho), Nelson Reis Dultra (Nelson Bo-

roró), Nerivaldo Dultra (Nerinho), Nivaldo Reis Dultra, Nei Reis Dultra (casou com Norma, irmã de Luciano); Marivaldo Moura Camacam; Márcio Santos Souza e Luís Santos Souza; os irmãos Oscar, Maria Cristina e Maria Isabel de Luna Freire Sobrinho, Regina e José Mário Magalhães de Oliveira; José Esper Penna Schoucair e a irmã (meus vizinhos); Evilásio de Jesus; os irmãos Jorge Saback de Oliveira, José Viana Saback de Oliveira (Zito) e Fernando Saback de Oliveira (Nando) e Antônio Carlos Saback de Oliveira (Toni); Carlos Alberto Aquery Vidal (Carlinhos); Jenner Augusto da Silveira Filho (Guel); Jaime Gradim Garcia e o irmão; Henrique Correia Dantas Filho (Boquinha) e Luís Henrique Lemos Dantas, Hosannah Lemos Dantas, Djalma Bulcão Fonseca, Jorge Liberato de Matos (Jorge Onça), José Plácido de Figueiredo (Zé Plácido), Nilton Contreiras de Carvalho Filho (Biguá), Rubem Cayres de Britto (Rubinho), Roque de Lima Monteiro (Roque Cupim) Walter Melgaço Knitel Filho (Valtinho Fofoca), Paulo Roberto Figueredo de Oliveira (Paulinho Boca de Cantor), Pedro Aníbal Gomes (Pepeu Gomes), Afrânio Farias de Menezes (Afrânio peru), Aldo de Almeida Lyra, Cláudio Cavalcanti Bezerril (Cláudio Jacaré), Francisco Mário Pessanha Nolasco Beltrão (Chico Mário), João José Nolasco Beltrão e Maria Vitória, os irmãos César Augusto Tapioca Silva, Gustavo Tapioca Silva, Maria Luíza Tapioca Silva Jorge de Oliveira Boureau e Péricles de Oliveira Boureau (Peck), Jorge Ferreira Pereira (Jorge Marron), José Vieira de Santana Neto (Jô), Pedro Araújo Souza Neto (Pedro Cachorro), Airton Ferreira da Silva, Mércia e Almir Ferreira da Silva e Altamirando Nogueira da Fonseca (Miranda), entre muitos outros.

AVENTURAS E DESCOBERTAS (A Pedra dos Pássaros)

Certas recordações são como amigas comuns, elas sabem fazer reconciliações.

Marcel Proust

Durante o período em que estive no Seminário ganhei o que considero um irmão mais velho, ou seja, em dezembro de 1960, chegou a nossa casa o meu tio José Wevergthon Aguiar Soares, irmão de minha mãe, para estudar Geologia na UFBA. Ele morou conosco até outubro de 1963 quando, junto

com outros colegas da faculdade, alugou um apartamento e morou em Salvador até dezembro de 1964 quando se diplomou e retornou a Fortaleza a bordo do transatlântico Rosa da Fonseca.

Foi em companhia de meu tio que fiz as primeiras farras de minha vida. Quando ainda menor de idade frequentei algumas noitadas no Tabaris. Recordo de uma noite, durante uma batida do Juizado de Menores, como um grupo de mulheres, que estava em nossa mesa, tratou de me esconder e nada aconteceu. Ao deixar o Tabaris comemos uma feijoada na Praça Castro Alves, que era vendida num caminhão.

Todos nós, eu e meus irmãos, Amarílio, Mauro e Maria da Penha aprendemos a nadar, na Praia da Avenida, no Rio Vermelho, tendo tio Wevergthon como professor. A partir de então passamos a frequentar a Pedra dos Pássaros, na Praia da Paciência, a dar foras, mar-adentro, com o único intuito de avistar os faróis de Itapuã e o da Barra, para retornar em seguida. Era uma aventura que demonstrava coragem, habilidade na natação e um pouco de exibicionismo infanto-juvenil. Só se aventurava a dar um fora mar-adentro, quem era cabra macho, que tinha coragem. Isso porque, além de enfrentar as correntes marítimas, ainda tinha a possibilidade de nos defrontarmos com peixes grandes, além de ser uma prova de resistência. Muitas vezes levávamos uma boia (salva-vida) improvisada com a câmara de pneu de carro.

Outra insanidade que praticávamos acontecia nas pedras do tabuleiro, uma espécie de piscina natural, onde havia um pico de pedra de onde saltávamos e apostávamos caídas que só eram possíveis com a chegada das ondas, pois embaixo só tinha pedras. Tínhamos que ter coragem e habilidade no pulo para não nos arrebentarmos nas pedras cobertas pelas ondas por apenas alguns segundos.

* * *

A Pedra dos Pássaros era o local predileto da garotada do bairro. Íamos para lá e ficávamos horas dando caídas ao mar, aperfeiçoando cada pulo (canivete, salto mortal, simples ou duplo, parafuso, entre outras modalidades de saltos ornamentais). Costumávamos também ir para a Pedra dos Pássaros para pescar chicharro, um peixinho um pouco menor que uma sardinha, cujos cardumes atraíam não apenas a garotada, mas também inúmeras gaivotas, daí o nome com que batizamos a pedra, um pouco afastada da praia, em frente ao trecho da curva da Paciência, no Rio Vermelho.

Luís Tortilha, meu amigo e companheiro de festas, era um especialista na pescaria, tendo desenvolvido uma técnica especial de fisgar os chicharros e não se cansava de ensinar a quem queria aprender. Os cardumes eram tão grandes que bastava se jogar o anzol e puxar que trazíamos um peixe fisgado muitas vezes pela barriga. Os peixes sumiram juntamente com as gaivotas.

Sobre a Pedra dos Pássaros, em 1978, escrevi um poema que ganhou o mundo depois de ter sido musicado por Kareka, gravado pelo cantor baiano Lui Muritiba e transformado em poster poema. Eis o poema:

PEDRA DOS PÁSSAROS

Já não vejo gaivotas
nas pedras do Rio Vermelho.
Meus olhos já não descansam
com aquele voo sereno
e com o mergulho indicador
de boa pescaria. Emigraram.
Os jornais anunciam
a morte de gaivotas
em Arembepe e na Bretanha.
Ora o titânio, ora o petróleo
lançados nas águas do mar...
De que vale o progresso
se já não posso
contemplar as gaivotas
na Pedra dos Pássaros
de minha infância?

Era da Pedra dos Pássaros que ficávamos acompanhando a procissão marítima que levava as oferendas lançadas ao mar no dia 2 de fevereiro, Dia de Iemanjá, e esperando os presentes rejeitados, que boiavam e eram trazidos pela correnteza. Nadávamos até eles e recolhíamos lá. Não recordo o destino deles depois de coletados, mas que a imagem poética do mar e de Iemanjá foram registrados no poema RIO, no qual, nos últimos versos digo:

Tento criar um rio,
mas na lembrança da minha infância
tenho muita maresia,
maré de vazante, maré de enchente.
Iemanjá levando presentes...

***

Minha mãe achava que não corríamos perigo algum, pois estávamos sempre brincando e jogando futebol na areia e tínhamos um código com ela. Quando uma toalha fosse colocada na janela ou na varanda do apartamento era hora de voltarmos para casa, o que obedecíamos fielmente para não termos problemas.

Dentre os seriados exibidos na televisão, havia um "Desafio ao Homem", que me inspirou a arquitetar vários desafios para mim e meus irmãos. Tínhamos que vivenciar experiências que considerássemos como sendo um desafio. Além de dar foras mar-adentro, saltos sobre pedras, dormir ao relento, além das grandes caminhadas que fazíamos, saindo do Rio Vermelho em direção a Itapuã e Buraquinho, vencendo todos os obstáculos possíveis, além de fazermos acampamentos nas dunas do Abaeté. As aventuras vivenciadas foram boas e serviram para provar que persistindo e acreditando em nós mesmos podíamos fazer muitas coisas. Eu e meus irmãos vivenciamos muitos desses desafios durante os primeiros anos da adolescência.

***

O tempo de minha adolescência no Rio Vermelho, por ironia do destino, transcorreu parte durante os anos dourados e parte durante os anos de chumbo da ditadura pós-1964. Tudo era feito com facilidade, de maneira ingênua e tudo parecia encantado. As famílias se reuniam, os jovens dançavam nas festinhas domésticas, participavam de babas e de campeonatos organizados e não perdiam as programações do cinema do bairro aos domingos, quando nos encontrávamos com as paqueras e namoradas antes da missa das cinco. Após a missa, as meninas passeavam nas calçadas, desfilando para seus pretendentes, que ficavam em pequenos grupos observando as beldades lançando olhares e risinhos para os rapazes de suas respectivas preferências. Muitas paqueras e namoros, no bairro, resultaram em casamentos.

É interessante notar que àquela época, a maioria dos bairros da cidade possuía casas exibidoras de filmes, a exemplo do Cine Rio Vermelho, Cine Roma, Cine Nazaré e outros, que se somavam às principais do centro da cidade: Excelsior, Guarani, Tamoio, Liceu, Santo Antônio, Pax, Jandaia, Aliança, Tupi, Bahia, Politeama, entre outros. O cine Bahia tinha até sala para fumantes, uma sensação na época. Com o apogeu da televisão e a chegada dos shoppings centers, com suas salas exibidoras integradas, os cinemas tradicionais perderam

espaço e foram fechando, cedendo seus espaços para igrejas, supermercados e outras empresas.

O Rio Vermelho abrigou por muito tempo uma das mais badaladas boates da época: O Casarão, que funcionou numa casa colada ao prédio onde eu morava com meus pais, na Rua Eurycles de Mattos. O Casarão inovava com o sistema de Som Akai com fitas gravadas de até seis horas de duração, o que levou meu pai a adquirir também um aparelho AKAI e mandar gravar fitas com suas músicas prediletas, além das que estavam na moda. Eu dormia e acordava com o som das músicas norte-americanas que animavam as noites do Casarão e que pareciam tocar dentro de meu quarto. Toni Saback, morador do Rio Vermelho, era um dos gerentes da boate. O irmão dele, Jorge Saback, foi meu companheiro de futebol de praia e do meu primeiro e único porre que tomei à base de rum Merino, fruto de uma aposta para ver quem conseguia beber mais. Ficamos os dois completamente bêbados. Tínhamos 15 anos de idade e, desde essa experiência, nunca mais cometi exageros com álcool nem voltei a beber rum Merino em minha vida.

* * *

Nessa época, na Praça do Campo Grande, funcionava o Bar Cruz Vermelha, que era ponto de encontro da juventude. Ali, onde hoje funciona a Fundação Cultural Fernandes da Cunha, os jovens poetas, artistas plásticos, jornalistas e músicos se reuniam para tomar uma cervejinha gelada e sonhar com o futuro na época da contracultura e da Tropicália. O grupo Os Novos Baianos[18] praticamente surgiu ou começou ali, onde os integrantes Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Luiz Galvão, Baby Consuelo e Paulinho Boca de Cantor se conheceram. Baby e Paulinho eram os vocalistas do grupo.

Registre-se, muitos anos depois dessa época de protestos e da contracultura, dos poemas mimeografados, lidos e distribuídos em praças públicas e nas Feiras de Livros, organizadas na Praça da Piedade pelo poeta Carlos Cunha,

[18] O grupo, "Os Novos Baianos", surgiu em Salvador no final dos anos 1960. A apresentação oficial do grupo aconteceu no Teatro Vila Velha, de João Augusto, no ano de 1969, com o show intitulado "O Desembarque dos Bichos Depois do Dilúvio Universal". No mesmo ano eles participaram do Festival de Música Popular Brasileira, mas foram eliminados. Lembro de uma apresentação que Paulinho Boca de Cantor fez num bar/boate, no Dique do Tororó, ao qual compareci, pois saímos do Cruz Vermelha, no Campo Grande, direto para vê-lo cantar. Fomos num fusquinha, não sei de quem, lotado que mais parecia lata de sardinha de tanta gente que coube no carrinho.

Paulinho Boca de Cantor gravou uma música de minha autoria, um samba feito em parceria com Kareka, "Poeta Pecador", que foi incluído no CD "Movimento – Sérgio Mattos e amigos". Kareka musicou o poema que produzi em 1980 quando estava nos Estados Unidos. Eis os versos de "Poeta Pecador":

Na fantasia
de um sonho
Pensei que o pecado
já não existia.
Sonhei ser um pecador:
eu sou o pecado
eu fui o pecado
eu era um pecador.
Se o sonho é fantasia
se o pecado não há
que diabo, finalmente, eu sou, Maria?
- Poeta, tu és livre:
O pecado já não mais existe.
(Respondeu Maria,
o meu sonho, a minha fantasia).

Os points da época, que eu costumava frequentar, além das Batidas do Mercado Modelo e do Diolino, no Rio Vermelho, eram a Pizzaria Manon (onde fui assíduo frequentador quase sempre em companhia de Luís Tortilha); a chur-

[20.] Fotografia da Pedra dos Pássaros, no Rio Vermelho, da autoria de Carmela Talento.

rascaria Braseiro, e a pastelaria chinesa Good Day; os restaurantes Tong Fong, no Campo da Pólvora; Camafeu de Oxossi e Maria de São Pedro, no Mercado Modelo; o filé de Juarez, no Mercado do Ouro; o Café das Meninas, na Ajuda; o Bar Cacique, na Praça Castro Alves, e o restaurante do Instituto dos Arquitetos, na Ladeira da Praça; além das sorveterias Primavera, na Piedade, da Farmácia Chile e da Cubana, no Elevador Lacerda, com seus bolinhos e milk-shakes maltados. A Gruta de Lourdes, conhecido como Café de Bernadete, ao lado da Livraria Civilização Brasileira, na Rua Chile, era ponto de encontro de políticos e intelectuais.

Entre outros locais também frequentados por jovens poetas, artistas, desportistas, jornalistas, destacavam-se a Barraca do Juvená e o Bar Varandá, um dos preferidos pelos músicos e poetas de Salvador. O Varandá, de Sandoval Caldas, ficava na Rua Pau da Bandeira, uma ladeira que fica atrás do Palácio Rio Branco, com acesso pela Rua Chile. Tinha também algumas boates, como o Anjo Azul, a XK e outras.

* * *

Foi no Rio Vermelho que vivi algumas experiências, pela primeira vez, que marcaram minha vida para sempre: tive minha primeira experiência sexual; apaixonei-me pela primeira vez; namorei pela primeira vez; tomei meu primeiro porre e fumei meu primeiro cigarro; comprei meu primeiro carro e o meu primeiro apartamento.

Morava no bairro quando casei a primeira vez e meus filhos nasceram no Rio Vermelho. No Rio Vermelho, morei de 1959 a 1978, primeiro na Rua Almirante Barroso, nº 43, num pequeno prédio de três andares, no terceiro andar, logo mudando para um apartamento maior, na Rua Eurycles de Mattos, nº 36, Edifício Maria Lídia, também no terceiro andar de frente para a Praia da Avenida e para a Pedra dos Pássaros.

Depois de casado com Maria Helena de Medeiros Chaves, colega do Curso de Jornalismo da UFBA e mãe de meus filhos (Paula e Rafael), passei a residir no Conjunto Santa Madalena, no Rio Vermelho de Baixo. Àquela época, o Santa Madalena era o maior conjunto habitacional de Salvador, construído pela Construtora José Lessa Ribeiro, com financiamento do BNH. Lá moraram inúmeros casais de jornalistas e poetas no início de suas respectivas carreiras a exemplo de Ruy Espinheira Filho e Gylka, Renato Ferreira e Lúcia, eu e Maria Helena, entre outros.

ENGAJAMENTO POLÍTICO E O TEATRO

Não existem fatos eternos, como não existem verdades absolutas.

Nietzsche

Como escreveu meu amigo, poeta e arqueólogo Ivan Dórea Soares, "a compreensão clara do Presente depende por inteiro do entendimento correto do Passado. É esta a missão do arqueólogo. É esta a missão do historiador. É esta a grande missão do jornalista". Por isso, estou relatando o que me lembro, fazendo conexões, contextualizando os fatos vividos com a realidade. Noutras palavras, estou dialogando com o passado e o presente, inserindo-me no tempo pretérito.

Após o Golpe de 1964, o movimento estudantil na Bahia começou a esquentar tanto no meio secundarista como no universitário. Entre os anos de 1966 e 1968, a Bahia viveu o crescimento do movimento estudantil, quando participei ativamente dos movimentos e passeatas pelas ruas centrais de Salvador ou, a partir do Colégio Central, subíamos a Avenida Joana Angélica em direção ao bairro da Liberdade, arrebanhando, na passagem, estudantes do Severino Vieira, Escola Técnica Federal e do Carneiro Ribeiro.

Lembro-me de uma dessas passeatas, quando clamávamos com palavras de ordem, por liberdade, ironicamente, ficamos cercados pela Polícia Militar, fortemente armada, na rua principal do bairro da Liberdade. Coragem não faltava àqueles jovens magros, cabeludos e barbudos que bradavam palavras de ordem clamando por liberdade contra as baionetas da PM sob o comando do então Capitão Etienne, famoso pela truculência.

Com o Golpe de 1964, o Grêmio do Central havia sido fechado. Em 1965 houve um movimento dos estudantes no sentido de reabri-lo. Meu amigo e membro da Ação Católica, ligado ao Padre Luna, na Igreja de Santana, Jackson Chaves de Azevedo integrou uma junta para a sua reabertura, tendo discursado, como representante dos alunos na festa comemorativa dos 128 anos do Central.

O movimento estudantil entre 1966 e 1968 reivindicava basicamente melhores condições de ensino, preservação da qualidade do ensino público e

gratuito, descambando posteriormente para a política e os protestos contra a ditadura. O Colégio Central, devido à pluralidade ideológica e social de seu corpo docente e discente, se consolidou como reduto do debate político e das inquietações estudantis.

Um dos líderes do movimento estudantil no Central na época foi Zoroastro Sant'Anna[19], que era um dos nossos diretores teatrais no GATEB, dirigindo ensaios de respiração, impostação de voz e de improvisos. Zoroastro promovia minicomícios de cima de um tamborete, que ele mesmo carregava para usar como palanque, para se dirigir aos estudantes durante as passeatas.

Meu engajamento político ocorreu mesmo durante os anos do Colégio Central, quando, além de integrar o Movimento de Ação Católica, por meio da JEC, fui também um dos membros do GATEB – Grupo Amador de Teatro Estudantil da Bahia, formado no ano de 1964 quando, sob a direção de Haroldo Cardoso, foi encenada a peça "Do tamanho de um defunto", de Millor Fernandes.

Entre os membros do GATEB, no período de 1965 a 1967, lá estavam, além de mim, Sérgio Mattos, Zoroastro Sant'Anna, Haroldo Cardoso, Carlos Sarno, Jurema Ribeiro Valença, Francisco Ribeiro Neto, Ângelo Leite Oliva, Nemésio Garcia, Marie Helène Russi e sua irmã Chantal, que frequentava o grupo, Ruth de Brito Lemos, Alexandrina Luz Conceição, Fernando Peltier, Armindo Bião, Luciano Diniz, Hamilton Celestino, entre outros, que circulavam em torno dos componentes do grupo, como Ubiratan Castro de Araújo[20], que durante o governo Jaques Wagner, na Bahia, ocupou a função de diretor da Fundação Pedro Calmon, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Era uma época difícil, de desconfiança, de delações e ficávamos atentos aos comentários sobre a possível presença de algum "dedo-duro" infiltrado nos

[19] Zoroastro Sant'Anna também trabalhou na Tribuna da Bahia, juntamente comigo, como parte da turma fundadora e selecionada por Quintino de Carvalho. Posteriormente, ele se dedicou à publicidade, tendo sido sócio de João Ubaldo Ribeiro e James Amado, na UNIGRAF. Entre dezembro de 2013 e agosto de 2014 perdemos para sempre a convivência dos três. James morreu em 2/12/2013, João Ubaldo em 18/7/2014 e Zoroastro morreu no dia 11/8/ 2014.

[20] Ubiratan Castro de Araújo (22/12/1948-3/1/2013), ou simplesmente Bira, como o chamávamos, morreu no exercício de diretor da Fundação Pedro Calmon. Ele foi um ativo militante estudantil e das causas em defesa da negritude, tendo sido um dos fundadores do Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO). Ele tinha mestrado e doutorado pela Université Paris IV – Sorbonne, além de ser licenciado em História pela UCSal e bacharel em Direito pela UFBA. Foi membro da Academia de Letras da Bahia e colaborador expressivo da minha revista, a NEON.

movimentos estudantis. Muitas de nossas reuniões foram realizadas no apartamento de Jurema Valença, no Forte de São Pedro, no Canela, na casa de Luciano Diniz, ou na casa do paisagista Marcel Russi, pai de Marie Hélène Russi, no Rio Vermelho, perto de minha casa, subindo a ladeira da Rua Almirante Barroso. A casa de Marie Hélène, suíça de nascimento, ficava próxima da casa do escritor, político e jornalista Wilson Lins. Tanto Marie como sua irmã Chantal chegaram a ser presas sob acusação de atividades subversivas, tendo a primeira sido expulsa do país.[21]

O fato ficou registrado no livro Rio Vermelho, de Ubaldo Marques Porto Filho, entre os casos célebres acontecidos do bairro:

> *Chantal Russi, estudante de Filosofia na UFBA, em julgamento realizado no dia 10 de abril de 1970, na sala da Auditoria Militar, foi condenada a cinco anos de prisão, pelo Conselho Permanente de Justiça para o Exército. Depois, noutro julgamento, conseguiu a absolvição. Já Marie Helène Russi, estudante de Economia na UFBA, também incursa na Lei de Segurança Nacional, não teve igual sorte, pois a sua pena foi transformada em expulsão do país, por decreto do presidente Ernesto Geisel, assinada em 31 de dezembro de 1975. Foi obrigada a deixar o território nacional no dia 19 de maio de 1976, após o Supremo Tribunal Federal ter negado o "habeas-corpus" impetrado pela advogada Ronilda Noblat. Marie embarcou para Lausanne, na Suíça, onde havia nascido, mas que sequer conhecia, haja vista que, juntamente com os pais, veio para o Brasil quando tinha apenas quatro anos de idade. Apesar da Lei da Anistia, promulgada por João Baptista Figueiredo, em 1979, este mesmo presidente indeferiu, por três vezes, os pedidos de revogação do decreto expulsório (PORTO FILHO, 1991, p.157).*

A propósito, quando da expulsão de Marie Hélène Russi, eu desempenhava a função de Editor local do jornal A Tarde e fui o responsável pela publicação da matéria da decisão do STF, no alto da terceira página, na edição do dia 20 de maio de 1976, sob o seguinte título: "Negado o habeas corpus Marie Hélène foi expulsa do Brasil".

[21] Marie Hélène Russi foi presa a primeira vez no congresso da UNE em Ibiúna, em 1968. Foi presa novamente em companhia de Getúlio Gouveia, no dia 2 de setembro de 1969, acusada de atuação subversiva e filiação à Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Depois de julgada pelo Tribunal Militar foi expulsa do país, em 1975. Sua irmã, Chantal Russi, foi presa no dia 16 de outubro de 1969, juntamente com Nemésio Garcia, sob a mesma acusação, no município de São Miguel das Matas. As duas irmãs e Nemésio faziam parte do GATEB – Grupo de Teatro Amador da Bahia, do Colégio Central.

* * *

Com relação a Marie Hélène Russi, considerada como sendo a última exilada do regime militar de 1964, pois só retornou ao país em outubro de 1985, nunca se pôde entender o rigor com que a lei foi aplicada contra ela, mas tudo faz sentido quando passamos a interpretar o fato, salvo melhor juízo, como sendo uma possível vingança pessoal de um homem que se sentiu humilhado por ter levado um safanão de uma mulher, caindo de joelhos em frente ao colégio Central, sob os olhares de inúmeros policiais e sob os gritos dos estudantes. Pois é, nem a própria Marie deve lembrar-se do fato, nem tão pouco Carlos Sarno, como me revelou quando comentei o acontecido, mas o fato aconteceu.

Estava havendo uma concentração de estudantes em frente ao Colégio Central quando os policiais começaram a chegar e Ruy de Lima Pessoa, então Secretário de Segurança Pública da Bahia, começou a bater boca com alguns estudantes, entre os quais Marie se encontrava. Empurrão daqui, empurrão dali, Marie acabou sendo projetada sobre o secretário que foi ao chão como se tivesse sido esmurrada por ela. Foi o bastante para a pancadaria e a correria começarem.

Por acaso, eu estava próximo e assisti o fato, que circulou entre alguns estudantes de maneira deturpada como se Marie o tivesse esmurrado. Ruy Pessoa foi Secretário de Segurança no período de 1966 e 1967, no auge do movimento estudantil na Bahia envolvendo inclusive o GATEB e a peça de Carlos Sarno. O secretário era um homem de pequena estatura enquanto Marie, além de mais alta do que ele, era volumosa.

Pouco tempo depois esse cidadão assumiu a Promotoria da Justiça Militar e devido à atuação dele, Marie acabou sendo condenada. Longe de mim fazer juízo de valor, mas considerando o *curriculum vitae* de Ruy de Lima Pessoa[22],

[22] Segundo Angélica do Carmo Coitinho, que defendeu uma dissertação de mestrado sobre um dos Ministros do Superior Tribunal Militar: Rui de Lima Pessoa, nascido em fevereiro de 1920, ocupou uma das cinco vagas de representantes civis no Superior Tribunal Militar no período de 11 de maio de 1977 a 1º de março de 1990. Para chegar lá apresentou o seguinte *curriculum vitae*: Bacharel em Direito pela UFBA (1946), Promotor e Auditor na Justiça Militar de 1946 a 1963; Delegado Auxiliar da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (1963 a 1965); Diretor do Departamento de Polícia Judiciária e Administrativa do Estado da Bahia (1965 e 1966); Secretário de Segurança Pública da Bahia (1966 e 1967). Membro da Subcomissão Geral de Investigação (1969 e 1970); Assessor da Presidência da Republica para o estado da Bahia (1970 e 1971); Promotor da Justiça Militar (de 1971 a 1977); e Ministro do Superior Tribunal Militar (1977 a 1990) (COITINHO, 2012).

que o levou a ocupar o cargo de Ministro do Superior Tribunal Militar[23], como um dos cinco representantes civis, podemos imaginar o quanto a influência dele pode ter interferido no processo de expulsão e no retardamento da anistia de Marie Russi, que só ocorreu nove anos depois da expulsão.

***

De nossa atuação no GATEB, lembro que passamos praticamente um semestre inteiro lendo, discutindo e ensaiando a peça "A exceção e a Regra", do dramaturgo e poeta marxista Bertolt Brecht, responsável direto pela mudança da função social do teatro que passou a ser usado, com sua intervenção, como ferramenta de conscientização política. Ensaiamos e discutimos o texto da peça, mas não chegamos a encená-la.

O texto teve que ser submetido à diretoria do Central para aprovação. Uma comissão foi nomeada para examinar o texto, que havíamos reproduzido em mimeógrafo a álcool, e manter um encontro com o grupo. Diante de um comentário e pergunta, feitas por um dos membros da tal comissão, ficamos envergonhados e desiludidos: "Essa peça é interessante! Esse tal Brecht estuda aqui no colégio?"

***

Entre outros textos teatrais que eram lidos e discutidos pelos integrantes do GATEB destacavam-se os de Gil Vicente e Martins Pena. Do primeiro líamos e discutíamos o "Auto da Barca do Inferno" e o "Auto da Visitação". De Martins Pena, fundador da comédia de costumes, debatíamos "O Noviço", que nos anos 1960 foi talvez uma das peças mais encenadas no Brasil. Vale o registro de que o Grupo dos Novos, sob o comando de João Augusto, praticava um teatro engajado e, em 1965, sob a direção de Othon Bastos encenou "O Noviço", de Martins Pena. Ao Grupo dos Novos, no Teatro Vila Velha, se agregaram vários jovens que integraram o GATEB, a exemplo de Haroldo Cardoso, Armindo Bião, Luciano Diniz, Chico Ribeiro Neto, Zoroastro Sant'Anna e outros. O

[23] De acordo com o art.121 da Constituição de 1967, o Superior Tribunal Militar "compor-se-á de quinze Ministros vitalícios, nomeados pelo Presidente da República, depois de aprovada a escolha pelo Senado Federal, sendo três entre oficiais-generais da ativa da Marinha de Guerra. Quatro entre oficiais-generais da ativa do Exército, três entre oficiais-generais da ativa da Aeronáutica Militar e cinco entre civis".

Teatro Vila Velha e o Grupo dos Novos naquele período serviram de paradigma para a produção teatral baiana. O teatro era uma ferramenta de resistência na luta contra a ditadura.

***

Outra situação constrangedora, que caiu no rol do folclore estudantil, ocorreu quando nós, do GATEB, queríamos levar para o Central uma exposição sobre os 150 anos de nascimento de Martins Pena[24], que estava no Teatro Vila Velha. Uma comissão foi também nomeada para examinar o conteúdo da exposição, nela encontrando uma frase ("O Brasil precisa de mais agricultores do que militares") que foi julgada como subversiva. Mas, "se levássemos o tal Martins Pena lá para que ele retirasse a frase, a exposição poderia ser aprovada".

Depois disso, o GATEB concentrou esforços, no primeiro semestre de 1966, no sentido de encenar a peça de Carlos Sarno, "Aventuras e desventuras de um estudante". A peça de Carlos Sarno, inspirada na literatura de cordel, narra a história de um estudante do interior que vem para a capital, retratando as dificuldades de acesso à educação pelos estudantes de menor poder aquisitivo, as deficiências do ensino e outros problemas. A peça está dividida em um prólogo e cinco atos: 1) o estudante em sua terra natal, 2) a matrícula, 3) a primeira aula, 4) o cotidiano na escola e, 5) a política.

***

Coincidentemente, nesse período, estive afastado do grupo porque estava em treinamento para um emprego na IBM do Brasil. O meu emprego com carteira assinada foi efetivado no dia primeiro de junho de 1966, exatamente no auge da confusão e mais uma vez a figura de meu pai acabou agindo, à surdina, sem se manifestar abertamente contrário às minhas posições políticas, ele acabou interferindo no processo. Trabalhei na IBM, inicialmente, na função de perfurador mecânico de cartões e, depois, como programador e operador de máquinas de impressão, geração 477, chamada de computador dos pobres, e de computadores do tipo série 1401 e /360 até 31 de agosto de 1968, quando, já cursando Jornalismo na UFBA, pedi demissão para estagiar na Escolinha da Tribuna da Bahia, sob o comando de Quintino de Carvalho. Troquei um bom

[24] Luis Carlos Martins Pena (1815-1848) foi dramaturgo e crítico teatral. É considerado como o fundador da comédia de costumes na literatura brasileira, sendo identificado como sendo o "Molière brasileiro". Sua obra (comédias, sátiras, farsas e dramas) reúne cerca de 30 peças.

salário por uma "caixinha", uma ajuda de custo para o transporte e passei a me aplicar na venda das coleções da Enciclopédia Barsa para ajudar nas despesas.

***

Em finais de maio de 1966, quando a peça de Carlos Sarno, "Aventuras e desventuras de um estudante" já estava pronta e ensaiada, o GATEB promoveu um ensaio geral com portas abertas aos estudantes e professores. Alguns professores se sentiram ofendidos e passaram a cobrar providências junto à direção. O engenheiro Walter Reuter[25], então diretor do Central, decidiu proibir a encenação da peça, alegando que ela desafiava a autoridade, além de ser um estímulo à indisciplina.

Por erro de avaliação e do dimensionamento sobre o que aquela peça representava, a proibição arbitrária acabou servindo de mote para protestos e passeatas. Pelo que recordo, aquela foi a primeira greve deflagrada após do Golpe de 1964 no país. Intelectuais, artistas e jornalistas assinaram manifesto contra a proibição da peça de Carlos Sarno que ganhou notoriedade. Os jornais da cidade e alguns do sul do país repercutiram as manifestações que envolveram a peça proibida. A greve deflagrada pelos estudantes secundarista do Central no dia 31 de maio de 1966 acabou se constituindo numa espécie de reorganização do movimento secundarista na Bahia.

Exatamente no dia 30 de maio de 1966 os protestos foram tantos que as aulas foram suspensas e os estudantes saíram em passeata pela cidade. Os estudantes universitários deram apoio e solidariedade ao movimento, abrindo o restaurante universitário, no corredor da Vitória, para que a peça fosse encenada no dia 3 de junho de 1966, o que não ocorreu devido à invasão do local pela polícia. Como resultado dessa ação truculenta, vários jovens foram feridos e presos. No dia seguinte, durante uma concentração de estudantes no Canela, em frente à Reitoria da UFBA, houve manifestações contra a censura, a arbitrariedade e a truculência policial na invasão do Restaurante Universitário.

Os protestos ganharam corpo, atraindo secundaristas e universitários, além de outras pessoas não necessariamente vinculadas ao movimento, que acabaram por apedrejar o carro no qual estava o então Ministro das Relações Exteriores, o general Juracy Magalhães, em frente à Reitoria da UFBA, no dia

[25] Walter Reuter foi demitido da direção do Central em 22 de agosto de 1966, tendo, então, o professor Cláudio Veiga assumido a direção do Colégio.

4 de junho de 1966. Essa agressão levou as autoridades locais a tomarem posições mais drásticas. Foi a partir daí que o governador Lomanto Junior proibiu a encenação da peça em qualquer prédio público. O fato acabou repercutindo na imprensa nacional, que deu ampla cobertura à greve que se estendeu por mais um tempo. Após o incidente com Juracy Magalhães alguns alunos foram indiciados e ouvidos em inquéritos abertos simultaneamente pela Delegacia Regional do Departamento Nacional de Segurança Pública, pela VI Região Militar e pela Polícia Civil. Os alunos foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional pela Delegacia Regional da Polícia Federal.

Mas a confusão não acabou aí, pois Dom Timóteo Amoroso Anastácio, Abade do Mosteiro de São Bento, numa atitude pacificadora, tentou acolher os estudantes e a peça proibida no salão anexo do Mosteiro, onde funcionava o Coral da Juventude. A peça de Carlos Sarno estava com estreia programada para o dia 25 de agosto de 1966, às 20 horas, e os panfletos de divulgação já estavam sendo distribuídos, quando informações provenientes da 6ª Região Militar davam conta de que o Mosteiro poderia ser invadido caso a peça fosse encenada. Dom Eugênio Sales, então Administrador Apostólico da Arquidiocese, intermediou junto ao Abade no sentido de que a encenação fosse adiada até que houvesse condições políticas apropriadas para sua realização. Constrangido, o Abade acatou as ponderações e comunicou ao grupo que também ali não seria possível a encenação de "Aventuras e desventuras de um estudante". E mais uma vez tivemos passeatas e repressão policial.

Como resultado do movimento e da agitação que tomou conta do Central, sete alunos que integravam o GATEB e participavam diretamente da peça foram expulsos e proibidos de estudar em escolas públicas. Outros alunos tiveram suas matrículas negadas no ano seguinte, a exemplo de Ângelo Leite Oliva e outros. Os meus colegas do GATEB que foram expulsos: Carlos Sarno, Jurema Valença, Alexandrina Luz Conceição, Zoroastro Sant'Anna, Nemésio Garcia, Francisco Ribeiro Neto e Ruth de Brito Lemos. Os dois últimos integravam também a equipe de JEC do Central, que encerrou suas atividades em 1967.

O movimento estudantil continuou a crescer com a adesão dos universitários e partidários de grupos políticos. Atingiu o ápice no dia 13 de dezembro de 1968, quando foi instituído o Ato Institucional nº 5, que resultou na prisão arbitraria de inúmeros estudantes, jornalistas, artistas, escritores em todo o país, além da censura prévia que fez calar a imprensa nacional. No ano seguinte, em

26 de fevereiro de 1969 foi editado o Decreto Lei 477, conhecido como o AI-5 das Universidades, que serviu para punir estudantes considerados "subversivos".

***

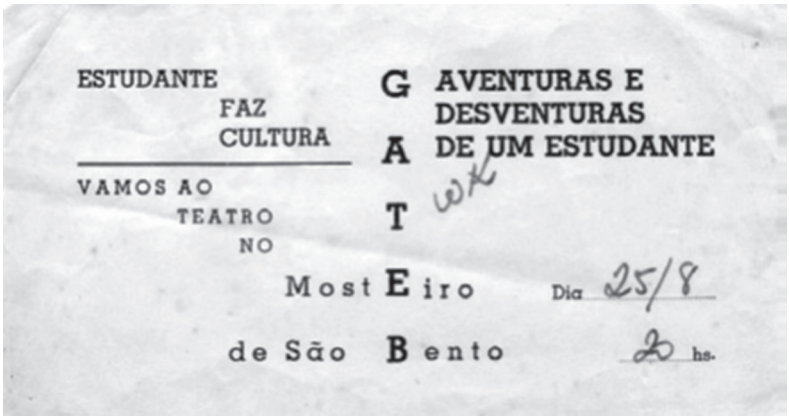
O interessante é que com o sucesso do teatro como ferramenta de conscientização política, no Colégio Severino Vieira também foi criado um grupo de teatro pelos estudantes que, sob a direção de Gustavo Tapioca, morador do Rio Vermelho e que também integrava a JEC, foi iniciada a montagem da peça "Mariana, a mãe", mas não tenho informações sobre se chegou a ser encenada.

No bairro do Rio Vermelho, produzíamos, amadoristicamente, algumas encenações teatrais no palco do Colégio Medalha Milagrosa, para onde conseguíamos atrair muita gente para assistir sketches (esquetes)[26] que nós mesmos escrevíamos e interpretávamos, seguidos e intercalados por números musicais.

Nos três anos em que estudei no Central, de 1965 a 1967, fui representante de turma em eleições coordenadas pelo SOE – Serviço de Orientação ao Estudante, em três turnos diferentes: no matutino, no vespertino e no noturno. A mudança de turno não impediu, entretanto, minha participação no grupo de discussão e de leituras que promovíamos no GATEB que, a propósito, também reunia todos os líderes de grupos políticos ideológicos ou de cunho cultural, que atuavam no colégio.

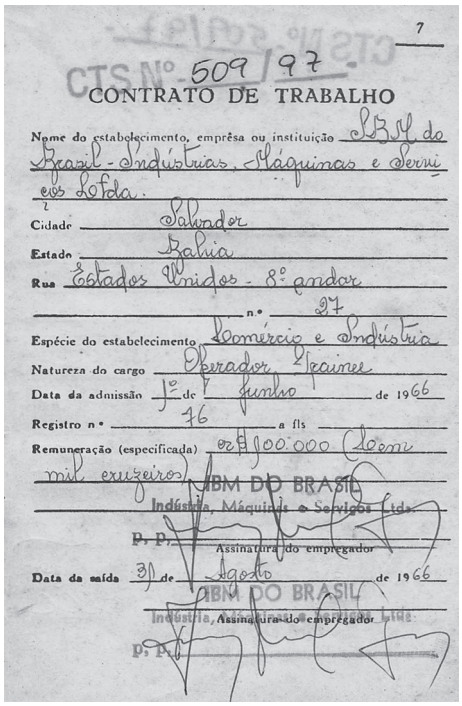
No meu último ano de Central, cursado no turno noturno, tive como colegas de turma Carlos Augusto Marighela (Carlinhos), que posteriormente se elegeu deputado, e Francisco Salles, hoje um próspero empresário na área gráfica da Bahia. Foram também meus colegas e liderados, em outro turno, os médicos e políticos José Rocha, deputado federal, e Josevaldo Lima, que foi deputado estadual e prefeito de Serrinha. Mas guardo lembrança também de alguns colegas que seguiram o curso de medicina, tais como Sônia Cruz, Maria dos Prazeres, Glenda Rolemberg, Maria da Graça Lima de Izaga, Maria das Dores Medina, Carlos Blanco, Bernadete Santos, Carmelita B. de Aguiar, entre outros. No Central, a formação do curso colegial era dividida em duas áreas, o chamado Curso Clássico (voltado para línguas, história, literatura, geografia e filosofia), destinado àqueles que queriam seguir cursos universitários nas áreas das ciências humanas e sociais, e o Curso Científico (matemática, química, física

[26] Sketches ou esquetes são pequenas peças cômicas, muito utilizadas em quadros de programas cômicos na televisão.



[21.]

Cópia de um bilhete vendido para encenação da peça *Aventuras e desventuras de um estudante*, de autoria de Carlos Sarno, pelos integrantes do GATEB no Mosteiro de São Bento.



[22.]

Registro na carteira profissional do contrato de trabalho na IBM, em 01/06/1966.

e outras) destinado principalmente àqueles que desejavam ingressar nos cursos da área de saúde e das ciências exatas, a exemplo de medicina, engenharia, economia, entre outras. Como cursei o Científico, muitos de meus ex-colegas ingressaram nos cursos de Medicina da UFBA e da Escola Baiana de Medicina. Na hora de fazer o vestibular em janeiro de 1968, optei pelo curso de Jornalismo, no qual já vinha militando e colaborando.

***

O período de 1965 a 1968 foi muito conturbado, com os movimentos estudantis, seguidos de prisões e expulsões. Os líderes estudantis nacionais eram Vladimir Palmeira, José Dirceu, Luís Travassos, José Serra e outros. Quando participando de algum movimento em Salvador, os líderes nacionais recebiam a proteção de um grupo de estudantes locais. Recordo que José Sérgio Gabrielli, ex-presidente da Petrobras, por exemplo, que era forte e praticava judô, era um dos membros do grupo de proteção, responsável pela segurança dos líderes locais ou nacionais.

O país começava a sofrer transformações impostas de cima para baixo. Foi em 1965 que surgiu, no Rio de Janeiro, a TV Globo, que se beneficiou do regime militar e acabou se transformando na potência midiática dos dias atuais, apontada como sendo a quarta maior rede de televisão do mundo. Foi também no ano de 1965 que o marechal Humberto Castelo Branco, primeiro presidente do regime militar, baixou o AI-2, extinguindo os partidos políticos, adotando o bipartidarismo (Arena e MDB) e determinando que as eleições majoritárias fossem de forma indireta.

Ironicamente, também foi no ano de 1965 que aconteceu o Primeiro Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Excelsior, proporcionando fôlego à juventude para se expressar por meio das músicas de protesto. No cenário musical internacional faziam sucesso Elvis Presley, Pat Bonne, Boby Dylan, Beatles, Byrds e o Rolling Stones. No mesmo ano, um dos maiores líderes dos movimentos dos direitos dos negros nos Estados Unidos, Malcom X, foi assassinado.

Foi no ano de 1965 que publiquei em letra de forma, ou seja, em jornais, os meus primeiros poemas como também comecei a escrever de maneira mais constante, como colaborador, nos jornais de Salvador.

MEU ENVOLVIMENTO NA AÇÃO CATÓLICA

Ser de esquerda é justamente ter a capacidade de olhar para frente, rever criticamente a história, captar o emergente, pensar o futuro. Essa é a tarefa intelectual que nos espera. Esse é o desafio para quem quiser ser ao mesmo tempo progressista e contemporâneo.

Fernando Henrique Cardoso

O Papa Pio XI dizia que a Ação Católica era necessária devido à escassez do clero e que seu principal objetivo era fazer, de cada indivíduo, um apóstolo no ambiente social em que se encontrava. Os movimentos da Ação Católica aconteceram no Brasil no período de 1950 a 1967 quando foram oficialmente extintos devido à repressão política da ditadura militar.

A politização dos movimentos de Ação Católica, pós-1964, foi ficando cada vez mais forte e pregando as reformas de base, que coincidentemente eram defendidas também por grande parte da sociedade e pela esquerda brasileira. Os movimentos católicos viviam uma nova conjuntura, onde a fé e a política começavam a andar de mãos dadas, bradando por mudanças sociais. A hierarquia da Igreja já não conseguia acompanhar e controlar as tendências dos movimentos de Ação Católica preferindo por extingui-la.

Vale registrar que, em julho de 1963, bem antes do Golpe de 1964, durante o Encontro Nacional de Assistentes Regionais de todos os Movimentos de Ação Católica do país, foi entregue aos Bispos brasileiros um "Documento Base: Sentido e Linha de Ação e Método dos movimentos especializados", que defendia linhas de ação para os movimentos sociais. O lema geral ou método da Ação Católica era: Ver, Julgar e Agir.

Em julho de 1960, a Juventude Universitária Católica – JUC realizou o seu X Congresso, na cidade do Rio de Janeiro, quando foi aprovado as "Diretrizes Mínimas para o Ideal Histórico do Povo Brasileiro", que defendia um modelo de "Socialismo Democrático". É importante dizer que, naquela época, a JUC desempenhava importante papel na liderança estudantil, a tal ponto que quando se deu as eleições para a presidência da UNE, três dos candidatos eram da JUC. À época, Herbert José de Souza, o Betinho, era um dos mais influentes líderes da JUC, juntamente com Aldo Arantes, que foi eleito, no ano de 1961,

presidente da UNE – União Nacional dos Estudantes, tendo participado ativamente ao lado de Brizola na crise da legalidade no Brasil com a posse de João Goulart.

A partir daí foi que surgiu uma subdivisão, classificada como uma espécie de "setor político" dentro da JUC. Na Bahia, o setor político da JUC, em 1961, tinha entre seus membros, então estudantes universitários, nomes que ainda hoje estão desempenhando funções importantes em nossa sociedade a exemplo de Edivaldo Boaventura, Fernando Schmith, Haroldo Lima, Jorge Leal Gonçalves Pereira, Joviniano Neto, Liliana Mercury, Paulo Mendes, Rubem Ivo, Sérgio Gaudenzi, Solange Silvany, Suzana Alice, entre muitos outros.

Proveniente de uma família católica, ex-seminarista, não perdi meus contatos com a Igreja e como uma decorrência natural passei a integrar a JEC – Juventude Estudantil Católica. No Mosteiro de São Bento me aproximei de Dom Bernardo Lucas, que coordenava a unidade de JEC em Salvador. Ele costumava reunir os jovens nos Centros de Treinamento de Líderes, mantidos pela Arquidiocese do Salvador; um, na Ilha de Itaparica, e outro, em Itapuã, em encontros de fins de semana ou até mesmo de uma semana inteira, onde ficávamos em regime de internato discutindo projetos de Ação Católica e discutindo planos de ação de equipes que estavam espalhadas pelos principais colégios de Salvador, fossem eles públicos ou privados.

Nessas oportunidades, recebíamos textos para leitura e debate, ouvíamos palestras com temas específicos e adequados aos diversos momentos e sempre de acordo com as tendências e necessidade da época. Debatíamos estratégias visando também à nucleação, ou seja, arregimentação de novos integrantes para o grupo de Ação Católica. Os debates eram feitos em grupos e recordo que cada grupo tinha uma espécie de coordenador, dentre eles, destacavam-se Chico Mário Beltrão, Ângelo Leite Oliva, Chico Ribeiro Neto e Gustavo Tapioca, pela habilidade de condução dos debates e por serem mais chegados a Dom Bernardo.

Fui um dos coordenadores da equipe de JEC do Colégio Estadual da Bahia, uma equipe pequena e de forte atuação política dentro do colégio e que também participava do GATEB, que reunia todas as lideranças de grupos políticos que atuavam no Central. De minha equipe de JEC, da qual alguns também integravam o GATEB, lembro de Ângelo Leite Oliva, Francisco Ribeiro Neto e Ruth de Brito Lemos, Maria das Dores Medina, José Américo Seixas Silva, Célia Nunes Silva.

Dentre os inúmeros jovens que participaram da JEC em Salvador, no período de 1965 a 1967, lembro ainda de: Chico Mario Beltrão, João José Beltrão, Maria Victoria Beltrão, Gustavo Tapioca Silva, Maria Luiza Tapioca Silva (Mara), Maria das Dores Medina (Dorinha), Terezinha Fróes Batalha (Teca), Ney Bandeira, Jô Vieira, Maria Adenil Falcão, Maria Virginia Falcão, Denise Pitágoras, Afonso Temporal.

***

Além das leituras que fazia por conta do envolvimento com o grupo de teatro do Central, costumava ler também livros de Teilhard de Chardin[27], Jacques Maritain[28] e Louis Joseph Lebret[29], o Padre Lebret, como ficou conhecido no Brasil. Eu lia também Herbert Marcuse[30] e suas ideias de contracultura. Esses autores foram fontes de inspiração para a criação da AP – Ação Popular, um movimento, primeiro, de atuação política e, depois, de luta contra a ditadura.

A AP surgiu no Brasil, no ano de 1962, quando o "setor político" da JUC se decidiu pela adoção ideológica do "Socialismo Humanista", após um congresso realizado em Salvador. Essa linha adotada, o "Socialismo Humanista", foi inspirada principalmente no pensamento de Chardin, Maritain e Lebret.

O surgimento da AP está bem explícito no depoimento de Haroldo Lima[31], durante aula inaugural proferida na Faculdade São Bento, em 2011:

[27] Pierre Teilhard de Chardin foi um padre jesuíta e filosofo francês que construiu uma visão integradora entre a ciência e a teologia. Um de seus livros mais conhecidos é O Fenômeno Humano.

[28] Jacques Maritain, que morreu em 1973. Foi um filosofo francês de orientação católica cuja obra influenciou a chamada "democracia cristã". O livro de maior impacto é Humanismo Integral, por meio do qual orientou o pensamento católico contra o totalitarismo e na aceitação da democracia como uma exigência ética do cristianismo. O humanismo integral pregado por Maritain era muito abrangente, partindo do engajamento sócio-político do cidadão até o estágio que ele definia como sendo de transcendência humana.

[29] Padre Lebret, padre dominicano francês que divulgou, dentro da Igreja Católica, conceitos de economia e humanismo e noções de desenvolvimento e subdesenvolvimento. Ele pregava a necessidade de solidariedade entre os países. Consta que o pensamento dele foi inspirador das encíclicas Populorium Progressio e Mater ET Magistra.

[30] Herbert Marcuse foi um sociólogo e filosofo alemão, naturalizado norte-americano, vinculado à chamada Escola de Frankfurt. A partir de meados da década de 1960 suas obras passaram a ser procuradas pela juventude brasileira. Dentre outros livros lidos àquela época estão: Ideologia da Sociedade Industrial, Contra-Revolução e Revolta, O Fim da Utopia, Cultura e Sociedade.

[31] LIMA, Haroldo. Aula Inaugural da Faculdade São Bento da Bahia do ano de 2011. Salvador: Faculdade São Bento da Bahia, 2011. Disponível em www.saobento.org/publicacoes. Acesso em 27/03/2012.

> *A intensa atividade desse setor pelo Brasil afora e suas posições de esquerda acirraram as contradições com membros da hierarquia. Uma virada nessas contradições aconteceu com a expulsão de Aldo Arantes dos quadros da JUC.*
>
> *Mas, como a contradição é universal, à mesma época, e pelas mesmas razões que levaram à expulsão de Aldo, religiosos de diversas partes do Brasil nos acolheram de braços abertos e participavam conosco da movimentação em curso. Realço, aqui na Bahia, a figura de D. Jerônimo de Sá Cavalcanti, o beneditino que se fez amigo da JUC, em cuja sede na Praça da Sé comparecia, dando-lhe apoio aberto, ministrando cursos para os jucistas e ajudando a JUC com suas reflexões. D. Jerônimo celebrava aos domingos a missa das dezoito horas no Mosteiro, sempre com grande assistência daqueles que iam para assistir à missa, mas também para ouvir as eloquentes homilias de D. Jerônimo, de claro sentido progressista.*
>
> *Sensível às restrições da hierarquia, o setor político da JUC logo compreendeu que, na verdade, se queria atuar politicamente, isto não poderia ser dentro de uma entidade da Igreja. Foi assim que partimos para criar um partido, a Ação Popular, o que fizemos realizando seu Congresso de fundação em Salvador, na Escola de Veterinária, em Ondina, durante o carnaval de 1962. AP começou a existir recebendo como herança o setor político da JUC em diversos estados. Por isso, já surgiu como a maior e mais influente força política no seu meio, o movimento universitário brasileiro. No XXV Congresso da UNE, em 1962, o primeiro em que a AP apareceu com seu próprio nome, nossa força era tal que, os três candidatos a presidente da entidade eram todos de AP, inclusive o que foi eleito, Vinícius José Caldeira Brant (LIMA, 2011).*

No ano seguinte, em julho de 1963, quem foi eleito como presidente da UNE foi José Serra. Em síntese, a Ação Popular foi criada por dissidentes da JUC, dentre os quais Herbert José de Souza, o Betinho, Vinícius Caldeira Brant, Aldo Arantes, Haroldo Lima e José Serra. Betinho, pelo que sei, foi o primeiro coordenador da AP. O grupo da AP capitalizou praticamente todos os ex-integrantes da Ação Católica após a extinção oficial da JEC, JOC e JUC no ano de 1967.

A revista *Veja* classificava a AP como sendo a Esquerda Cristã do Brasil. Aos poucos a AP foi se transformando num movimento revolucionário armado de oposição aos governos militares, principalmente com a adesão de outros grupos políticos, a exemplo do PCdoB, da POLOP e do MR-8. A partir do ano de 1971 a AP se proclamou como um partido de ação marxista-leninista.

Durante os anos de 1965 a 1968 foram muitos os protestos e as manifestações estudantis por todo o mundo e por motivos bem diferentes. Data dessa época o início de minha amizade com o poeta Ivan Dórea Soares devido à JEC e ao comparecimento às missas dominicais do Mosteiro de São Bento para ouvir os belíssimos sermões de D. Jerônimo de Sá Cavalcante e de D. Timóteo Amoroso Anastácio, além das apresentações do Coral da Juventude. Ivan e o irmão dele, Walter José, faziam parte da equipe de liturgia. A amizade prosperou e acabamos dando continuidade aos nossos encontros na redação do jornal *A Semana*, onde decidimos criar a revista *Experimental*, lançada em 1968.

* * *

Em 1967 havia os protestos contra a guerra no Vietnã. Um fotógrafo, Marc Riboud, fez uma foto de um protesto, que correu o mundo, na qual uma jovem enfrenta baionetas e soldados oferecendo-lhes uma flor – fato ocorrido em frente ao Pentágono, em Washington, DC, nos Estados Unidos. Era a época do "faça amor, não faça a guerra". No Brasil e na Bahia nossos movimentos tinham outros objetivos.

Mas foi a Revolução da Juventude em 1968 que mudou o mundo, apesar de não ter sido programada, tendo em vista que os movimentos foram acontecendo de forma aleatória. Analisando o movimento de Maio de 1968, o sociólogo Renato Ortiz[32], que se encontrava na França na época do acontecimento, destaca alguns pontos:

> *Maio de 1968 constituiu um événément, uma crise cuja erupção não podia ser compreendida pelos motivos que a antecediam, muito menos pela marcha progressiva das lutas de classes [...] Dentro dessa perspectiva, o passado deixava de ser anacrônico, defasado e o futuro transformava-se num ponto de interrogação. [...] A rebeldia de 1968 não possui objeto direto, é intransitiva, e nos diz que qualquer ordem social, malgrado sua solidez, nunca é imutável. [...] Não se tratava propriamente de uma disputa ideológica, a recusa era mais profunda, atingia a forma através da qual a política materializava-se na vida. A crítica incidia sobre uma plêiade de "costumes": a Igreja, o marxismo ortodoxo, o Partido Comunista, o Estado Liberal, a família. Essas instâncias, díspares entre si, eram agrupadas sob uma mesma denominação: a tradição. [...] A crítica deslocava-se do plano das instituições para a cultura, por isso era necessário a busca de formas alternativas de vida, de estar no mundo. Ao se tencionar a esfera do dia a dia, transgrediram-se os lugares triviais da política, o cabelo com-*

[32] ORTIZ, Renato. *Trajetos e Memórias*. São Paulo: Brasiliense, 2010, *pp. 40-45*.

prido, o haxixe, a liberdade sexual, o feminismo, a luta contra a injustiça, eram faces da mesma moeda. [...] Maio de 1968 foi uma profusão de símbolos, neles contestação e prazer se confundiam. [...] Maio de 1968 foi a afirmação da individualidade face à imposição do universalismo das normas. O indivíduo era o seu demiurgo, não a classe, a profissão ou o grupo.

[23.]

Nesta fotografia, registrada por mim, Sérgio Mattos, aparecem alguns jecistas que participaram do encontro do JEC realizado no Centro de Treinamento de Líderes da Ilha de Itaparica. Dentre os que consegui identificar sentados estão: José Américo, Gustavo Tapioca, Chico Ribeiro Neto, Marco Antônio (de óculos) e Ângelo Oliva. Em pé estão Dom Bernardo (primeiro à direita), Mario Albán, Francisco Mário Beltrão, José Sérgio Azevedo (com a mão na boca), Jorge Bureau e Carlos Alberto Purificação.

TERCEIRA PARTE
(1968 – 1977)

OS SONHOS PERSEGUIDOS

O homem jamais, ou quase nunca, é uma peça inteiriça; sua faculdade mestra, se ele tem uma verdadeiramente dominante, será, pois, em regra, acompanhada de faculdades subordinadas, que a limitam e combatem. Na maioria das vezes, há num caráter uma luta de forças que se resolve, é verdade, em harmonia pelo triunfo de uma delas, mas o equilíbrio é instável, e nem sempre é a mesma que alcança a vitória.

G. Renard

5

O MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem experimentada, por exemplo, na infância. Não apenas a pessoa muda com o tempo. A percepção também se altera e, com ela, as ideias, os juízos de realidade e valor. O simples fato de recordar o passado hoje (no presente) exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Sérgio Vilas Boas

Como se tivesse combinado previamente, a juventude, de praticamente todos os países da terra, escolheu o ano de 1968 para realizar protestos, denúncias e tornar públicas as reivindicações por melhorias sociais em todos os setores. O Maio de 1968 foi um movimento espontâneo e classificado, devido às suas características, como um movimento anarco-situacionista e ao mesmo tempo leninista e maoísta, contribuindo também para fortalecer o movimento feminista e o que lutava pelos direitos dos homossexuais.

Em cada canto do mundo, no ano de 1968, a rebelião dos jovens teve uma motivação, mas o certo é que ela não surgiu do nada, pois no fundo tinham as forças sociais que reivindicavam por direitos civis, direitos das minorias, inclusive sexuais, igualdades raciais e igualdade entre homens e mulheres.

Nos Estados Unidos os protestos contra a Guerra do Vietnã e o preconceito racial se alastraram por todo o país. Na Universidade de Berkeley, na Califórnia, houve a rebelião dos estudantes, que defendiam pontos de vistas contrários à Guerra do Vietnã como também defendiam o direito deles de organizar atividades políticas no campus, uma reivindicação iniciada no ano de 1964.

Na França, estudantes e trabalhadores se uniram e transformaram o Maio de 1968, num ícone de mudanças que entrou para a história como "A Primavera Parisiense". O Maio de 1968 mudou as relações entre as gerações entre as raças

e os sexos, espalhando-se por toda a Europa. Na Alemanha, os jovens lutavam contra o autoritarismo nas Universidades, fazendo germinar novos movimentos sociais que abraçaram o pacifismo, a ecologia e o feminismo entre outros.

Na Itália, graças ao "Maggio Rampante" novos valores sociais foram conquistados nos anos seguintes, como o divórcio e o direito ao aborto entre outras coisas. Durante a Primavera de Praga, no dia 5 de abril de 1968, foi lançado um programa de reformas políticas, mas o sonho acabou no dia 21 de agosto quando as tropas do Pacto de Varsóvia invadiram a então Tchecoslováquia restabelecendo a ordem de acordo com os preceitos soviéticos.

No Japão, milhares de jovens foram às ruas para manter o país longe das armas nucleares. Na China, por motivos diferentes, acontecia a Revolução Cultural, de caráter anti-soviética, promovida por Mao Tsé-tung mobilizando milhares de jovens.

Na América Latina, os jovens travaram lutas contra as ditaduras e por reformas educacionais. No México a repressão às reivindicações estudantis começou com a invasão do campus da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) pelo exército que espancou e prendeu várias pessoas de maneira indiscriminada. Uma grande manifestação de protesto contra a violência foi marcada para o dia 2 de outubro de 1968 na Plaza de Las Tres Culturas, alguns dias antes dos Jogos Olímpicos de 1968, quando houve um grande massacre com mais de 300 mortos e centenas de feridos. O Massacre ficou conhecido como a Noite de Tlatelolco.

Anos depois, em 1980, quando tive a oportunidade de visitar o México pela primeira vez, fui até a Praça dos Três Poderes, onde ocorreu o massacre e pude constatar também que o primeiro massacre histórico, que se pode constatar naquela praça, foi o praticado pelos conquistadores espanhóis contra a Civilização Asteca. Uma prova da destruição cultural é o prédio da igreja existente naquele local que foi construída com as pedras das cidades dos nativos. O Império Asteca, construído por Montezuma II, começou a ser destruído em 1519 com as invasões espanholas.

Ainda no plano internacional, o ano de 1968 foi marcado pela violência como a praticada por militares norte-americanos que massacraram civis vietnamitas na aldeia de My Lai, no Vietnã, no dia 16 de março. No mês seguinte, houve uma grande manifestação no Central Park, em Nova York, reivindicando o fim da Guerra do Vietnã, o que só ocorreria em 1975. No dia 4 de abril de

1968 o pastor protestante Martin Luther King, um líder dos movimentos pelos direitos civis dos negros americanos foi assassinado. Sua luta foi vitoriosa, pois, depois de ter sido preso, sofrido ameaças e, posteriormente, assassinado, a Suprema Corte Americana decidiu por tornar ilegal a discriminação racial em transporte público.

Luther King participava de vários movimentos internacionais cristãos contra a violência e pelos direitos civis. Ele defendia, da mesma forma que Mahatma Gandhi, a desobediência civil não violenta e a pregava durante os movimentos e marchas que organizava. Ele também conseguiu para a população negra norte-americana, entre outras conquistas, o direito ao voto, o fim da segregação e o fim das discriminações nos trabalhos. Eu acompanhava de perto a luta de Luther King[1] e o seu famoso discurso "Eu Tenho um Sonho", uma peça que eu lia e relia pela beleza da mensagem e pelas reivindicações ali contidas.

Dois meses depois da morte de Luther King outro assassinato, ocorrido nos Estados Unidos, em 06/06/1968, chocou o mundo e que me abalou foi o do senador Robert Kennedy. Coube a Bob Kennedy, quando falava para uma plateia de negros, em Indianápolis, anunciar a morte de Luther King quando emocionado disse: "Tenho uma péssima notícia para dar-lhes. Martin Luther King foi assassinato assim como o meu irmão. E cabe a nós, que ficamos, lutar pela causa pela qual eles sacrificaram suas vidas: a justiça e a igualdade entre os homens".

A religião católica, no início de 1968, também estava vivendo sob o signo da esperança e da liberalização que o Pontificado de João XXIII e o Concílio Ecumênico Vaticano II pareciam proporcionar. Os documentos do Concílio estavam na ordem do dia até mesmo dos debates e programas da ONU. A cha-

[1] Martin Luther King (1929-1968) recebeu, em 1964, o Prêmio Nobel da Paz. O famoso discurso "Eu tenho um sonho" foi pronunciado no dia 28 de agosto de 1963, nos degraus do Lincoln Memorial, em Washington, D.C, durante a Marcha de Washington por Empregos e Liberdade. Este discurso, escolhido como o melhor discurso do século XX pelos americanos, foi o momento decisivo na história da conquista dos Direitos Civis. Na oportunidade ele falou para mais de 200 mil pessoas. Eis um trecho do discurso: "Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje! [...] Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; nesse justo dia no Alabama meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje!"

mada corrente progressista como que levava vitória de ponta a ponta. No mundo católico em geral as atitudes do novo Papa – Paulo VI – com suas viagens extraordinárias, para uma Igreja que vivia fechada, e com a publicação de sua encíclica *Eclesiam Suam*, que abriu o diálogo até com o ateísmo, navegava nas águas do ecumenismo e da política da mão estendida para todos. Entretanto, os conservadores diluíam a influência dos progressistas através da Cúria Romana, pois dominavam todos os setores administrativos da Igreja.

Nos subterrâneos do Vaticano se desenvolvia uma luta surda entre conservadores e progressistas, no que dizia respeito à posição oficial da Igreja com relação à pílula anticoncepcional. Esse assunto interessava muito à minha geração, que se autoapregoa como tendo sido a Geração Paz e Amor, que foi responsável pela derrubada de inúmeros tabus.

Como o Concílio não queria, ou não podia dar a palavra final sobre o uso da pílula, acabou surgindo a expressão "paternidade responsável", um tanto quanto ambígua, pois os progressistas interpretavam-na como liberdade ou permissão do uso da pílula, enquanto os conservadores entendiam a expressão como sendo apenas a possibilidade de se evitar filhos com o uso do método *Ogino-Knocus*, que a concepção pode ser evitada por meio da escolha dos dias infecundos para se manter as relações sexuais. E foi a posição dos conservadores que acabou prevalecendo àquela época, gerando protestos contra a encíclica que se tornou conhecida pelo nome de *Humanae Vitae*, um divisor de águas entre os progressistas e conservadores da Igreja.

Lembro que na época os protestos foram tão intensos que quase impediu a vinda de Paulo VI à América Latina para o Congresso Eucarístico de Bogotá, na Colômbia. A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizou-se em Medellin, na Colômbia, no período de 24 de junho a 6 de setembro de 1968. A conferência convocada pelo Papa Paulo VI tinha o objetivo de discutir o seguinte tema: "A Igreja na presente transformação da América Latina à Luz do Concílio Vaticano II".

Foi também nessa época que surgiu o famoso "Catecismo Holandês", organizado por teólogos dominicanos da Escola de Nijimegen, Holanda, contrapondo-se à decisão do documento Papal. A publicação do catecismo de imediato se transformou em best-seller em todo o mundo inclusive no Brasil. Dentre os temas tratados no Catecismo destacavam-se uma maneira diferente de tratar a "Virgem Maria", a alma humana e a existência dos anjos. Paulo VI

justificou que não poderia apoiar o uso da pílula anticoncepcional porque se o fizesse estaria contradizendo os princípios estabelecidos pela filosofia de salva-guarda do direito de vida, além de ir de encontro às encíclicas *Casti Connubii* (Pio XI), e *Populorum Progressio* (Paulo VI). Nesse mesmo período de tempo o princípio do celibato estava sendo contestado e inúmeros padres deixaram a batina e voltaram ao estado leigo.

***

Em 1968, o Brasil vivia uma política de arrocho salarial que resultou na diminuição do poder aquisitivo da população e em inúmeras greves nos parques industriais, principalmente em São Paulo. Paralelo à situação econômica do país, a luta contra o acordo MEC/USAID já vinha mobilizando os estudantes universitários desde 1967 porque temiam, como denunciavam, que o regime militar queria privatizar a universidade pública. Inúmeras foram as manifestações contra a Lei Orgânica do Governo do Estado da Bahia que, na visão dos estudantes materializava os acordos firmados para o nível universitário na sua versão para o ensino médio.

Em notas publicadas nos jornais, o governador Luis Viana Filho negava o interesse em acabar com a gratuidade do ensino e acusava a manifestação de ser obra dos agitadores. Segundo notícia publicada no jornal *A Tarde*, do dia 12 de maio de 1967, o objetivo real do acordo, no entanto, era o de "adaptar o sistema universitário, sua estrutura e mecanismo, sua filosofia educacional e sua metodologia pedagógica na orientação tecnicista que o imperialismo desenvolve na América Latina".

Assim o movimento estudantil na Bahia contra o acordo MEC/USAID, juntamente com a luta dos excedentes, classificados no vestibular em posição abaixo do número de vagas disponíveis, mobilizavam os universitários que acabaram se juntando aos secundaristas. O movimento secundarista, que vinha crescendo desde 1967, estourou exatamente com a proibição da montagem da peça de Carlos Sarno, "Aventuras e desventuras de um estudante", pelo GATEB – Grupo Amador de Teatro Estudantil da Bahia. Para piorar a situação o reitor da Universidade Federal da Bahia, Roberto Santos[2], estava implantando uma

[2] Roberto Figueira Santos nasceu em Salvador, em 15 de setembro de 1926. Filho de Edgard Rego dos Santos e de Carmem Figueira Santos, formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1949 e já em 1951 tornou-se professor titular daquela instituição. Roberto Santos foi entre muitas outras coisas: secretário estadual de saúde, Reitor da UFBA de 1967 a

Reforma Universitária que foi confundida com a proposta feita pelo acordo MEC/USAID. A Reforma de Roberto Santos era inspirada no projeto da Universidade de Brasília e não na proposta americana.

O ano de 1968 foi marcado ainda pela edição do AI-5 em 13 de dezembro 1968, suprimindo as liberdades democráticas no Brasil e dando poderes absolutos ao regime militar. Com o AI-5 o Congresso Nacional foi colocado em recesso e vários parlamentares tiveram seus mandatos cassados. Com a edição do Ato Institucional nº 5, a censura voltou a ser exercida com toda a força no Brasil. Nos dias seguintes à edição do AI-5 foram feitas mais de 200 prisões de artistas, estudantes, jornalistas, políticos, professores e religiosos.

Este foi o contexto do meu primeiro ano de Universidade, mas a luta começou um pouco antes e dentro de casa na escolha da carreira a seguir. À época em que prestei vestibular para o curso de Jornalismo ainda estava trabalhando na IBM e, pouco tempo depois, mais precisamente no dia 31 de agosto de 1968, contrariando toda a família, pedi demissão da IBM, trocando um emprego seguro e rentável por um estágio-treinamento na Escolinha TB do futuro jornal *Tribuna da Bahia*, correndo ainda o risco de não ser nem escolhido entre os que estavam em treinamento.

***

Foi nesse período que passei a fazer trabalhos freelancer para jornais e revistas, além de me integrar numa equipe de vendedores de livros, principalmente a Enciclopédia Barsa, uma experiência que me foi de grande utilidade, anos depois, para vender meus próprios livros, quando tive oportunidade de testar e por em prática inúmeras ações de marketing, vendendo meus livros em supermercados e displays, além de anunciá-los por meio de campanhas publicitárias, com cartazes, outdoors, faixas, em congressos, seminários e, mais recentemente, por meio da internet e busdoor.

Este registro se faz necessário, pois sempre busquei divulgar minhas obras de maneira diferente de outros escritores que não mexem uma palha para trabalhar seus respectivos produtos. No dia 14 de outubro de 1973, o *Diário*

1971, governador da Bahia, entre os anos de 1975 e 1979, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, entre 1985 e 1986, Ministro da Saúde entre 1986 e 1987 e deputado federal entre 1996 1999. É membro da Academia Baiana de Letras e da Academia Nacional de Medicina e Presidente de Honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

de Notícias, integrante da rede dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, publicou na terceira página do primeiro caderno uma nota com o seguinte título: "Poeta vai enfrentar o consumo". O texto publicado foi:

> *O lançamento do livro "Nas Teias do Mundo", do poeta e jornalista Sérgio Mattos continua repercutindo e o livro vem obtendo bom índice de venda. Em 20 dias foram vendidos mais de 300 livros e, a partir do dia 15, os livros de Sérgio estarão sendo vendidos também nos principais supermercados de nossa cidade, ao preço de oito cruzeiros por exemplar.*
>
> *Dando prosseguimento ao plano de vendas de seu livro, Sérgio Mattos está anunciando que realizará lançamentos nos principais municípios baianos, iniciando pelas cidades de Feira de Santana e Alagoinhas.*

Desde a publicação de meu primeiro livro, no ano de 1973, eu já tinha a consciência de que deveria levar o livro para o interior, buscando novos leitores. Acredito que o autor deva promover suas obras e levá-las para o local onde os possíveis leitores se encontram. Não sou um autor sedentário que fica esperando que os leitores procurem suas obras nas livrarias. Sobre essa façanha de conseguir vender livros, em 1974, numa entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, sobre o movimento literário na Bahia, Guido Guerra fez a seguinte observação:

> *Curioso, porém, é o caso de jovens poetas, como Sérgio Mattos e Cid Seixas Fraga Filho que, utilizando-se de todos os veículos de comunicação, inclusive a televisão [para divulgação], conseguem vender seus livros, assegurando, de antemão, editor para o próximo trabalho. Note-se que, a par disto, um Ruy Espinheira Filho, poeta fechado e de casta, apesar do alto nível de sua poesia, chega a distribuir, de graça, seu livro, uma vez que as possibilidades para a poesia são as mais sombrias. Enfim, hoje, na Bahia, em termos de movimento literário, nada existe, a não ser a eventual publicação de um livro, que nasce e morre com os limites e com a dimensão da província.*[3]

Àquela época, *A Tarde* ainda não possuía o caderno de municípios, um projeto que desenvolvi e implantei naquele jornal no ano de 1985 e que foi um sucesso em todos os sentidos. Vou tratar desse projeto/produto midiático em outro capítulo, mas, neste momento, faço questão de destacar a visão que eu tinha de valorizar o leitor do interior, compartilhando ideias e promovendo a cultura.

[3] Entrevista de Guido Guerra publicada no jornal *A Tarde*, edição do dia 14 de setembro de 1974, p.19.

* * *

Minha decisão de deixar a IBM revoltou a família. No entendimento de meu pai, "jornalista não gozava de prestígio". Meu tio Alípio, além de dizer que minha atitude era uma loucura, acrescentava uma ameaça: "você vai acabar morrendo de fome". Mesmo diante das pressões não desisti de meu plano ou sonho e fui em frente fazendo minha opção pelo Jornalismo.

Seguindo orientação familiar, ainda me submeti aos famosos testes vocacionais que eram aplicados pelos padres do Colégio Antonio Vieira, obtendo como resultado que eu tinha vocação para tudo, até para padre, e qualquer profissão que eu viesse a escolher, desde que me dedicasse a ela, me daria bem e poderia ser bem sucedido. E foi empunhando esse argumento que defendi minha vontade que acabou prevalecendo e me inscrevi para o vestibular, tendo minha primeira opção sido o curso de Jornalismo. Prestei os exames do vestibular no Colégio Central e recordo dos professores envolvidos no processo, principalmente de Luís Henrique Dias Tavares e de Cláudio Veiga, que circularam pela sala onde eu estava.

Encontrava-me em Fortaleza, durante o carnaval de 1968, quando o resultado do vestibular foi divulgado e fiquei sabendo que tinha sido aprovado para a UFBA via telefone, por Maria Helena, que conheci durante o período do exame seletivo e com quem me casaria em 1970. Preparei-me para ingressar no Curso de Jornalismo que funcionava vinculado à Faculdade de Filosofia, no bairro de Nazaré.

Foi o ano (1968) em que o então Reitor da UFBA, professor doutor Roberto Santos colocou em prática a primeira Reforma Universitária do Brasil. O Curso de Jornalismo foi desmembrado da Faculdade de Filosofia e passou a constituir uma nova escola, a Escola de Biblioteconomia e Comunicação (EBC), para, anos depois, ser elevada, com a separação de Biblioteconomia, à condição de Faculdade de Comunicação. Em entrevista concedida à revista *Luta Médica*, no ano de 2009, sobre a reforma que implantou durante seu reitorado, Roberto Santos prestou o seguinte esclarecimento:

> *No meu período, o governo lançou dois decretos de vez que mudaram a estrutura das universidades brasileiras. As antigas faculdades se organizariam em universidades e as universidades, de 1930 até aquele momento, vinham formando os profissionais que o Brasil precisava. Médico, engenheiro, bacharel em direito, economista etc. Pois bem, mas não vinham*

fazendo pesquisa à altura das necessidades do Brasil, que importava os produtos manufaturados. Esses decretos-lei foram do fim de 1966 e do começo de 1967, eu sei que muita gente diz "a reforma de 68". A reforma de 1968 foi outra coisa de natureza administrativa, não trouxe nenhuma ideia de fato. A reforma importante foi no final de 1966 e começo de 1967 e foi bolada, toda ela, pelo Conselho Federal de Educação, por educadores brasileiros.

Quando eu assumi a Reitoria da UFBA, o meu trabalho de maior energia foi valorizar os institutos de Matemática, Física, Química, Geociências, o Instituto de Letras, aquilo tudo que constituía a antiga Faculdade de Filosofia e que foi desmembrada, foi desdobrada justamente para que esses setores básicos do conhecimento, com o pessoal de dedicação exclusiva, tivessem maior peso na gestão e no governo da Universidade.

Antes, a Faculdade de Filosofia tinha um representante no Conselho Universitário e no Conselho de Coordenação de Ensino de Extensão (criado na reforma), depois, com o desdobramento dos departamentos, passou a ter uma representação do Instituto de Matemática, outra do Instituto de Física, de Química, de Geociências. Então era para que essas áreas, que são a essência da formação de pesquisadores, tivessem força dentro da Universidade.

Isso só não aconteceu totalmente porque as escolas profissionalizantes, como a nossa medicina e outras, tinham um prestígio tão grande que não deram o espaço que os setores básicos precisavam. Mas de qualquer forma se você comparar o que houve em relação à pós-graduação, que foi feita tanto para criar uma base mais sólida para os profissionais como para formar pesquisadores, se você comparar à pós-graduação, que não existia, e foi criada pelo Conselho Federal de Educação, com o que se tem hoje de mestres e doutores, se você comparar a produção de pesquisa que era na nossa Universidade com o que é hoje, você vai ver que são completamente diferentes. Isso naturalmente tem muita força em São Paulo, na Faculdade de Filosofia, que foi pioneira com pesquisadores, que na época foram importados, em grande parte por causa da situação da Europa. E pelo Brasil inteiro essa noção de que a Universidade tem que formar pesquisadores foi implementada. Um modelo gestado pela UnB, que foi o embrião, foi o ponto de partida do modelo da nova Universidade.[4]

* * *

Meu primeiro ano de vida universitária foi marcado por assembleias, passeatas e protestos promovidos pelo Diretório Acadêmico de Filosofia e mu-

[4] SANTOS, Roberto. Entrevista concedida à revista Luta Médica, nº 12, set/nov de 2009. Disponível em: http://www.sindimed-ba.org.br/pdf/robertosantos.pdf Acesso em 5/5/2012.

danças radicais. Logo nos primeiros dias do ano letivo estava em curso uma greve de ocupação na Faculdade de Filosofia a favor de mais verbas e pela manutenção da Universidade pública e gratuita, pois, àquela época, corria a informação de que iam transformar a universidade em fundação que passaria a cobrar anuidade.

As disputas entre esquerda e direita eram extremadas e recordo bem do dia em que um grupo de jovens da TFP – Tradição, Família e Propriedade – foi colocado para fora do prédio da Faculdade de Filosofia aos trancos e barrancos, alguns deles empurrados escada abaixo sob a gritaria de slogans contra a ditadura. Minha sala de aula ficava próxima à escada e dividíamos aulas de disciplinas comuns com alunos do curso de Ciências Sociais, dentre os quais estavam então um jovem casal de músicos: Tamir e Kátia Drummond.

O clima e a agitação estudantil no início do primeiro semestre de 1968 na UFBA foram agravados com a morte, no dia 28 de março, do estudante secundarista Edson Luís Luna Souto, de apenas 16 anos, durante repressão policial a uma manifestação no Rio de Janeiro. A primeira morte de um estudante ocorrida no Brasil, no restaurante Calabouço, contribuiu para a intensificação e mobilização do movimento estudantil, gerando protestos e passeatas por todo o país contra o regime militar.

No dia 26 de junho de 1968 foi realizada no Rio de Janeiro, organizada pelo movimento estudantil, a Passeata dos Cem Mil, uma manifestação popular de protesto contra a ditadura militar. As manifestações continuaram até que, em dezembro, o regime fechou o cerco com a promulgação do Ato Institucional nº 5.

Sempre me mantive fiel ao princípio da defesa intransigente da liberdade em face de regimes de direita ou de esquerda, além de procurar ser e ter um espírito democrático e liberal, aprendendo a conviver com os contrários. Mantive um namoro juvenil com o comunismo, pelas ideias pregadas, sem nunca me ter filiado a nenhum partido. Na época, não tínhamos muitas opções: ou se engajava nos grupos de direita ou nos de esquerda, e eu era contra o regime militar, contra o acordo MEC-USAID e contra a interferência americana nos nossos assuntos internos.

No entanto, nunca fui sectário e me afastei da militância panfletária, mas nunca deixei de respeitar o direito da opinião contrária à minha, adotando as sábias palavras de Voltaire: “Posso não concordar com uma só palavra do que

dizeis, mas defenderei até a morte vosso direito de dizê-lo." O que àquela época era até uma ingenuidade defender tal ponto de vista, pois, na prática, o que se via era: "ou está comigo ou contra mim". No entanto, as festas universitárias promovidas por embaixadas de formandos eram interativas, não tinham ideologias separando os grupos de jovens nas chamadas festas batizadas de "Engoma Cueca", devido aos "agarros" e "amassos" dos jovens quando dançando ao som das músicas de sucesso. Muitas dessas festas foram realizadas nos barracões onde hoje funciona a Escola de Belas Artes, mas que também já foi a sede da faculdade de Geologia.

O patrulhamento político-ideológico e intelectual era muito forte e ainda hoje, 2014, ele está presente em nosso dia-a-dia. Tenho orgulho de ter entre meus amigos, pessoas que seguem ideologias diferentes, ainda hoje rotuladas de direita e de esquerda, e que também sabem respeitar posicionamentos e ideias diferentes das deles e que sempre manifestaram uma posição ética, solidária para com os amigos, não usando artifícios para queimar a imagem de quem não concorda com eles por meio da desqualificação intelectual, rotulando as pessoas de maneira desleal e de acordo com a conveniência e o contexto.

Isso me levava a um conflito também em relação ao que dizia Martin Luther king: "O que me assusta não são as ações e os gritos das pessoas más, mas a indiferença e o silêncio das pessoas boas". Para mim, a indiferença é a pior censura que pode ser praticada contra um ser humano. E ainda tinha a pregação de Dom Hélder Câmara: "Todo homem, cada homem, é responsável pelo destino da humanidade por suas ações e omissões".

Diante desse conflito mais uma vez eu acreditei, de maneira romântica e de certa forma ingênua, que havia escolhido a profissão certa, por meio da qual eu poderia manifestar e defender os interesses da sociedade independente dos desejos de grupos políticos ideológicos. Afinal de contas, o jornalismo tem como princípio o compromisso com a verdade e, se não podemos tê-la por inteiro, devemos nos manter o mais próximo possível dela, pois, como disse Léon Tolstoi, "Não alcançamos a liberdade buscando a liberdade, mas sim a verdade. A liberdade não é um fim, mas uma consequência".

***

Olhando para trás, observando e analisando o caminho profissional percorrido, acho que ainda hoje sou um jornalista romântico, sem ser boêmio, nem

tampouco, ingênuo, pois, apesar de tudo, dos comprometimentos políticos e econômicos da mídia, ainda acredito no possível do sonho de minha juventude, pois, como disse Albert Einstein, "algo só é impossível até que alguém duvide e acabe provando o contrário". Para ser um bom profissional, antes de tudo, o jornalista precisa ser verdadeiro e ético e saber transmitir aos seus leitores as diferenças existentes entre o que é verdade, a notícia factual, e o que é opinião.

***

O Maio de 1968 aconteceu durante o meu primeiro semestre na UFBA e marcou toda a minha geração, não tenho dúvidas quanto a isso. Como disse o historiador Voltaire Schilling, 1968 foi "o ano louco e enigmático do nosso século [...] Uma espécie de furacão humano, uma generalizada e estridente insatisfação juvenil, que varreu o mundo em todas as direções". Alguns dos slogans de Maio de 1968, que circulavam entre nós, pregavam entre outras coisas: "Sejam realistas, exijam o impossível", "a humanidade só será feliz no dia em que o último capitalista for pendurado com as tripas do último burocrata", "abaixo a Universidade", "O álcool mata, tome LSD".

Durante o ano de 1968 mantive uma coluna noticiosa no jornal *A Semana*, dedicada à juventude e ao meio estudantil, na qual registrei em 11 de fevereiro daquele ano que os estudantes do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da Federal da Bahia estavam exigindo a permanência do professor João Ubaldo Ribeiro e caso não fossem atendidos decretariam greve no primeiro dia de aula.

Dias depois, na edição do dia 26 de maio de 1968, registrei o Momento Histórico que vivíamos, relatando e comentando a revolução da juventude: "Estudantes contra o exército em Jacarta/ A agitada juventude da Europa Oriental/ Em Paris, greve geral pede renúncia de De Gaulle/ Cem estudantes presos em passeata no Paraná/ Estudantes ocupam 18 universidades na França", concluindo com o comentário a seguir:

> *Pio XII já dizia: "A intervenção na história é um direito e um dever que corresponde à responsabilidade do cristão" e, assim sendo, a própria Igreja já fermenta devido a esta grande revolução que toma conta do mundo, a revolução da juventude. Já existe um episcopado jovem e um clero que se engaja numa renovação progressiva.*

> *Libertas Quae Sera Tamen*[5] *[Liberdade, ainda que tardia] é o lema da nova geração que o aderiu no mundo inteiro... Tudo representa uma expressão de juventude. E o mundo existe para os jovens que detestam as injustiças e desejam um mundo mais humano, mais cristão, onde haja paz e amor.*

Sobre o contexto de 1968 e minha poesia, o escritor Guido Guerra[6], em janeiro de 1990, fez uma análise da qual transcrevo uma parte abaixo:

> *Entrei em contato com a poesia de Sérgio Mattos num tempo em que o branco ainda não desbotara nossos cabelos, no distante ano de 1968: escrevia ele no jornal católico A Semana, eu no Diário de Notícias, e sonhávamos ambos, cada um a seu modo e jeito, virar o mundo de cabeça para baixo, mas descobrimos, um pouco mais tarde, que não éramos os revolucionários que imaginávamos.*
>
> *A geração, a que Mattos viria a pertencer, pelo menos a prazo nem tão curto assim, experimentaria as consequências do recrudescimento político determinado pela legislação de emergência, com evidentes implicações na criação poética, no plano da liberdade imediata: a pretendida esbarrava nos limites da que era possível e concedida. Acresce que a gestão apostólica de Dom Eugênio Salles, à frente da Arquidiocese de São Salvador, por sua formação conservadora, não se caracterizou por maiores concessões à criação, ao contrário de outras editoras católicas, como a Beneditina, que publicou o documento dos bispos do Nordeste. E eu ouvi os clamores de meu povo, e o Mensageiro da Fé, de propriedade dos franciscanos, que se arriscou a imprimir e projetar o lançamento de Camilo Torres, o Padre Guerrilheiro, com introdução e tradução de Fernando Batinga. É verdade que a edição não chegou às livrarias: foi confiscada antes.*
>
> *Daí, bem provável, a explicação para a ausência da substância política na poesia de Sérgio Mattos, do ponto de vista de um engajamento mais explícito, se bem seja defensável cogitar-se que, mal saído da adolescência, não se poderia cobrar, quanto ao poeta em formação, um embasamento ideológico que só o tempo lhe daria. [...] Importa referir ainda que a circunstância de ter encontrado guarida num veículo religioso, de tendência conservadora, certamente lhe criou limitações no plano do conteúdo ex-*

[5] *Libertas Quae Sera Tamen* – Liberdade ainda que tardia – é um dístico em latim que se encontra também impresso na bandeira do estado de Minas Gerais e utilizado durante a Inconfidência Mineira, que tentava transformar Minas Gerais em república independente de Portugal.

[6] O trecho aqui transcrito da análise de Guido Guerra sobre minha poesia permaneceu até agora inédito. O texto foi escrito em Cabo Frio, Rio de Janeiro, no dia 30 de janeiro de 1990 e deveria ter sido aproveitado como prefácio do livro Estandarte, mas acabou não sendo utilizado porque o livro só foi publicado cinco anos depois e o texto de Guido se perdeu entre meus arquivos só tendo sido localizado mais recentemente.

> *plícito, com um envolvimento ideológico mais evidente. Contudo, não seria hipótese descartável supor-se que, em defesa da preservação do espaço conquistado – sobretudo numa época em que o jovem era estigmatizado – tenha preferido a cautela ao confronto. [...]*
>
> *Sérgio Mattos iniciou-se na poesia num momento de intensa efervescência política e cultural, exatamente no ano da edição do AI-5 e da última passeata-monstro: 1968. Na Bahia surgia, por iniciativa do extinto Desc – Departamento Superior da Educação e da Cultura, o Momento Poesia, pelo qual, em convênio com a editora franciscana Mensageiro da Fé, foram lançados apenas dois títulos, Somente um Canto, de Ildásio Tavares, e Canto de Amor e Guerra, de Fernando Batinga, que antes publicara Convocação da Palavra, edição particular.*
>
> *Paralelamente, sob o patrocínio de um periódico católico, A Semana e impresso na Gráfica Era Nova, a revista Experimental, que circularia três edições, revelaria um novo movimento poético, tendo à frente dois jovens, Sérgio Mattos e Ivan Dórea Soares, sendo que o primeiro, optando profissionalmente pelo jornalismo e pelo magistério universitário, daria continuidade à sua vocação, enquanto o segundo enveredaria pela arqueologia e pela pesquisa histórica.*

Apesar de não fazer uma poesia propriamente engajada, no dia 9 de junho de 1968, abrindo a coluna que assinava no *A Semana*, publiquei o poema intitulado "Metáfora nº 1" que tinha tudo a ver com a situação:

Árvores que crescem
são forças revolucionárias...
Alocuções de protestos?
– Inconformismo... –
é o princípio da dinâmica.
Massa (encefálica) em movimento...
Reação de causa e efeito.
Árvores que crescem
dão frutos secretos:
– elásticos e explosivos –

Na semana seguinte, dia 16 de junho de 1968, abri a coluna "Juventude é assunto", publicando um novo poema intitulado "Metáfora nº 2":

Cemitério de vivos
entre porcos, na lama...
O homem? É o mesmo...
Fantasmas viventes
caveiras ambulantes

de ossos cobertos
na morta(pele)lha da vida.
Tímidos e agressivos
na massa de concreto
começam a pensar...

***

No dia 26 de junho de 1968 em assembleia realizada na Faculdade de Filosofia, da UFBA, os estudantes decidiram manter a ocupação das faculdades e promover comícios relâmpagos para esclarecer a população sobre os motivos da greve. Àquela época, os principais pontos da ação estudantil estavam espalhados estrategicamente pelo centro da cidade: Faculdade de Medicina, que funcionava no Terreiro de Jesus; a Faculdade de Filosofia, em Nazaré; a Faculdade de Direito, no Vale do Canela; a Escola Politécnica, que funcionava na Av. Sete de Setembro; e a Faculdade de Economia, que funcionava na Praça da Piedade.

E toda a movimentação girava também em torno dos planos para a realização do XXX Congresso da UNE em Ibiúna, São Paulo, que foi frustrado pela ação militar que prendeu cerca de 1200 estudantes no dia 12 de outubro de 1968. Escapei de ter sido preso também por uma questão de circunstância: estava querendo ir ao Congresso, mas como tinha me desligado da IBM e estava estagiando na *Escolinha da Tribuna da Bahia*, apostando na possibilidade de ser selecionado para a equipe fundadora daquele jornal, acabei desistindo da empreitada enfrentada por outros colegas. Vários jovens baianos também foram presos e quando do retorno a Salvador prestaram depoimentos que se transformaram em peças do Processo Judicial aberto pela Justiça Militar para punir o movimento estudantil[7].

A imprensa brasileira registrou a prisão dos estudantes, tal como a *Folha de S. Paulo*, do dia 13 de outubro de 1968, da seguinte forma:

> *Cerca de mil estudantes que participavam do XXX Congresso da UNE, iniciado clandestinamente num sítio, em Ibiúna, no Sul do estado, foram presos ontem pela manhã por soldados da Força Pública e policiais do DOPS. Estes chegaram sem serem pressentidos e não encontraram resistência. Toda a liderança do movimento universitário foi presa: José*

[7] Dentre os estudantes presos, 151 eram mulheres, das quais 18 eram da Bahia, dentre elas destaco três: Terezinha Fróes Batalha, amiga do bairro do Rio Vermelho, dos grupos de jovens e que integrava a JEC de meu tempo; Jurema Augusta Ribeiro Valença e Marie Hélène Russi, que integravam o grupo de teatro do qual também eu era membro, o GATEB, do Colégio Central.

> *Dirceu, presidente da UEE, Luís Travassos, presidente da UNE, Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes, e Antonio Guilherme Ribeiro Ribas, presidente da União Paulista de estudantes Secundários, entre outros. Eles foram levados diretamente ao DOPS. Os demais estão recolhidos ao presídio Tiradentes. Desde segunda-feira os habitantes de Ibiúna notaram a presença de jovens desconhecidos, que iam à cidade comprar pão, carne, escovas de dente, despertando suspeitas ao adquirir mais de NCR$ 200 de pão de uma só vez. Essas informações foram transmitidas ao DOPS e à Força Pública, que desde quinta-feira já conheciam segundo afirmaram – o local exato do Congresso. A denúncia de um caboclo, que fora barrado ao tentar chegar até o sítio Muduru, onde estavam os estudantes, fortaleceu a convicção da Polícia de que o congresso seria realizado ali. Depois de avançar alguns quilômetros de carro e outro trecho a pé, por causa da lama da estrada, 215 policiais chegaram ao local às 7h15 de ontem, organizaram o cerco aos estudantes e dispararam algumas rajadas de metralhadora para o ar, para intimidá-los. Sem resistir, os congressistas foram colocados em fila e levados aos ônibus requisitados para transportá-los para a capital. O governador Abreu Sodré, ao ser homenageado por trabalhadores do DAE, no Horto Florestal, referiu-se ao episódio e reafirmou sua disposição de "manter a paz e a tranquilidade para a população que deseja trabalhar". E acrescentou, referindo-se à prisão dos participantes do congresso da UNE: "Agi com energia para reprimir a agitação e a subversão quando determinei, após horas de angústia e apreensão, a prisão de estudantes subversivos que participavam do congresso da UNE.*

Como se pode notar, apesar da repressão, as manifestações estudantis continuaram durante todo o ano até o dia 13 de dezembro de 1968 quando foi promulgado o Ato Institucional nº 5, que deu início ao período que entrou para a história como os "Anos de Chumbo" da ditadura militar.

* * *

Devo destacar aqui que 12 dias antes do AI-5 ser promulgado, tive meu primeiro enfrentamento com a censura que era então exercida sobre os meios de comunicação. Isso porque fiz uma entrevista com Dom Hélder Câmara, bispo de Olinda, que não era bem visto pelo regime militar. O nome de Dom Hélder estava praticamente como que proibido de ser citado pela imprensa sob pena de prisão para o jornalista ou apreensão dos exemplares dos jornais ou revistas.

Aproveitando a passagem de Dom Hélder por Salvador fiz uma longa entrevista com ele e que foi publicada por Germano Machado, editor de *A Semana*, na edição de primeiro de dezembro de 1968, como manchete da primeira

página, ilustrada por uma fotografia dele conversando com Dom Eugênio Sales. O então delegado regional da Polícia Federal, coronel Luiz Artur de Carvalho, tentou censurar o texto, proibindo sua publicação e ameaçando apreender os exemplares do jornal.

Germano Machado entrou em contato com o Administrador Apostólico da Arquidiocese, Dom Eugênio Sales, que se entendeu com o delegado. Caso o jornal fosse apreendido – teria dito ele ao delegado –, o texto da reportagem, de minha autoria, seria lido em todas as igrejas, durante o sermão de todas as missas que viessem a ser celebradas naquele domingo. O resultado foi que o jornal foi liberado e circulou normalmente.

A manchete de duas linhas, em letras garrafais, dizia: "Dom Hélder não tem medo de crise e acha natural que o Brasil sofra abalos". O texto da reportagem publicado, aos nossos olhos de hoje, carece de técnica e profundidade, pois foi escrito por um primeiranista do curso de jornalismo que foi ousado e soube aproveitar a oportunidade para realizar uma entrevista simples, mas que produziu um efeito positivo.

***

Um parêntese se faz necessário aqui para fazer justiça a Dom Eugênio Sales, que foi Cardeal Primaz do Brasil, na Bahia, e depois transferido para o Rio de Janeiro. Ele, que integrava a linha dos chamados bispos conservadores da Igreja, durante todos os seus 69 anos de sacerdócio, foi um homem de muita influência e de absoluta coerência e fidelidade aos preceitos cristãos que defendia.

Durante o período da ditadura pós-golpe de 1964, ele dialogava com os militares e trabalhou muito no sentido de evitar torturas e a encontrar presos políticos dados como desaparecidos. Consta também que ele teria acolhido inúmeros perseguidos políticos brasileiros e de outros países latino-americanos, quando à frente da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

***

E assim foi o meu primeiro ano na UFBA, onde ingressei em 1968 tendo concluído o curso em quatro anos. Fui diplomado como bacharel em Jornalismo no ano de 1971. Dos 50 colegas que ingressaram em 1968 na UFBA, na minha turma, apenas 26 concluíram o Curso de Jornalismo no ano de 1971: Aidil Almeida Daltro, Alzira Queiroz Gondim, Arildete Farias Peixoto, Benilde Vieira, Carlos Alberto do Espírito Santo, Carlos Antônio Santana, Carlos Olím-

pio Azevedo Neto, Diana Sepúlveda Tourinho, Egnaldo Araújo Santos, Eliezer Varjão Bonfim, Euclides Batista de Brito Filho, Gilson Miguel Nogueira, Idijon Bispo dos Santos, Kátia Levindo de Farias Peixoto, Letícia Rita Machado, Maria da Glória da Costa Souza, Maria Helena de Medeiros Chaves, Mário Freitas de Azevedo Souza, Moacir Cotias Matos, Nívea Guimarães Almeida, Paolo Marconi, Regina Maria Simões Souza, Romário Costa Gomes, Rosalvo Santana Rossi, Sérgio Augusto Soares Mattos e Tasso Paes Franco.

No período de quatro anos do curso, tivemos como professores: Adroaldo Medrado, Alberto Goulart, Antônio Loureiro de Souza, Ary Guimarães, Carlos Libório, Consuelo Pondé de Sena, Fernando Rocha (Bananeira), Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos, Hermano Machado, João Carlos Teixeira Gomes (Joca), Luís Angélico, Manoel Pinheiro Cal, Milton Cayres de Brito, Renato Mendonça, Cid Teixeira, Raul de Souza da Costa e Sá, Leopoldo Roberto Martins de Carvalho, Waldir Freitas Oliveira[8], entre outros que foram substituídos por motivos políticos.

Apesar de continuar com boas relações com todos, dentre os professores tive uma maior aproximação com alguns deles. Antônio Loureiro de Souza, cachoeirano, professor de História da Imprensa, História da Civilização e membro da Academia de Letras da Bahia, foi quem fez o prefácio de meu segundo livro de poemas, *O Vigia do Tempo*[9], no qual fez uma análise de todas as minhas publicações anteriores, considerando antologias, livros e revistas, desde os tempos da revista *Experimental*.

[8] Waldir Freitas Oliveira, professor, escritor, historiador, membro da Academia de Letras da Bahia, meu amigo e morador do Rio Vermelho, na mesma rua em que também morei, escreveu sobre minha poesia em várias oportunidades. Em uma delas disse que surgi como poeta "em um momento quando uma vaga imensa e perversa de materialismo pragmático buscava vestir de aparências concretas o íntimo das coisas, negando-lhes a essência encantada. Sérgio Mattos, lançando agora seu Asas Para Amar [1995], demonstra haver conseguido permanecer de pé frente à onda gigante, continuando capaz de enxergar o invisível e escutar o silêncio, inconformado com a sequência monótona das horas iguais."

[9] O Vigia do tempo, meu segundo livro individual, foi lançado em 1977. Sobre ele, no prefácio, Antônio Loureiro de Souza disse: "Sérgio Mattos não é mais um poeta novo. Novo no sentido de surgimento. Colaborando efetivamente na imprensa, participando de antologias e publicando livros, já se tornou conhecido. Conhecido e apreciado porque, embora jovem, não havendo atingido, ainda, os 30 anos, a sua poesia é cheia, replenada de uma intensa carga lírica e poucos não são os seus poemas onde predomina uma forma conceitual que a maioria dos aedos só consegue na maturidade. Simples, espontâneo, seguro na afirmação, com imagens surpreendentes pelo conteúdo estético, já pode ser havido a esta altura, pela crítica mais sisuda, como um poeta real, verdadeiro, e não um fabricador frascário de palavras alinhavadas ao jeito de poema."

Trabalhei com ele na então Escola de Biblioteconomia e Comunicação já como professor e ele como diretor da faculdade. Desenvolvemos uma boa amizade e conversávamos muito sobre temas de interesse comum: história da imprensa regional, sobre o jornal *A Tarde*, no qual ele também havia trabalhado, e a literatura baiana. Loureiro teve uma participação decisiva na minha carreira acadêmica, pois foi quem me estimulou a participar da seleção da bolsa de pós-graduação nos Estados Unidos.

Fernando Rocha, que carregava o apelido de Bananeira, ao saber de meu desligamento da *Tribuna da Bahia*, foi o responsável pela indicação de meu nome a Jorge Calmon para ingressar no *A Tarde*, no ano de 1972. Jorge Calmon efetivou o convite, pois já me conhecia desde os finais da década de 1960, quando eu atuava como colaborador de *A Tarde* e acompanhava meus passos como profissional atuante na *Tribuna da Bahia*, tendo me revelado na ocasião da efetivação do convite que de há muito estava querendo me levar para o jornal que dirigia e no qual permaneci por mais de 30 anos, sempre exercendo a função de editor.

Pouco tempo depois de ingressar no *A Tarde,* desenvolvi a coordenação do Prêmio de Reportagem Orixás, realizado pela Associação Bahiana de Imprensa com o patrocínio da Construtora Luiz Pereira de Araújo e o apoio da Publivendas[10], agência de publicidade de meu amigo Fernando Carvalho. Em função disso acabei trabalhando também na Publivendas, no período de junho de 1974 a 30 de maio de 1976, desempenhando a função de Assessor de Relações Públicas, quando tive oportunidade de realizar alguns trabalhos com a dupla de criação da agência, formada por Domingos Leonelli, que enveredou pela carreira política, e Fernando Passos, que depois criou a agência de publicidade Engenho Novo juntamente com Carlos Sarno.

Minha amizade com Fernando Rocha (Bananeira), que morreu em novembro de 2013, começou na faculdade, quando também costumava levar minhas contribuições para o jornal, publicando-as. Foi ele quem me vendeu o meu primeiro carro, um Gordini, comprado quando ainda estudante em suaves

[10] A Publivendas foi a primeira agência de publicidade da Bahia, fundada em junho de 1956 por Otávio Oliveira Carvalho. Em 1975, quando Otávio se afastou da empresa, Fernando Carvalho assumiu consolidando-a como a terceira mais antiga agência do Brasil e a primeira com capital totalmente nacional. Em fins de 2004, a razão social da empresa foi modificada para Morya Comunicando Consciência e atualmente está atuando em três estados. Seu carro-chefe são os setores de varejo e imobiliário.

prestações mensais. Dizia Bananeira que o carro tinha tradições jornalísticas, pois já havia pertencido a outros profissionais e que o mesmo estava vinculado a várias histórias de farras do jornalismo boêmio que se praticava na Bahia. Tal informação me fazia imaginar, parafraseando o título de um filme hollywoodiano "Se meu Gordini falasse...". Sobre esse carro cheguei a escrever uma crônica publicada em *A Tarde*, devido suas características típicas e às experiências vividas. Trabalhei com Fernando Rocha no *A Tarde* e na Faculdade de Comunicação onde fui aluno, colega e, depois, chefe dele no Departamento de Jornalismo.

No *A Tarde*, além de minhas funções, integrei a equipe nomeada por Jorge Calmon e coordenada por Fernando Rocha, responsável pela mudança do projeto gráfico do jornal que havia comprado novas máquinas e estava abandonando o velho sistema de impressão, para ingressar na era do offset, enfrentando assim a concorrência da *Tribuna da Bahia*. Integravam a equipe responsável pelo projeto gráfico final Fernando Rocha, Sérgio Mattos, Heloísa Gerbasi Sampaio e Reynivaldo Jacobina Brito, todos quatro professores do Curso de Jornalismo da UFBA, sendo os três últimos ex-alunos de Fernando. Vale ressaltar que ingressei no *A Tarde*, em 1972, com a missão de desenvolver experiências gráficas visando à mudança de sistema de impressão que só aconteceria no ano de 1975.

Com esse objetivo, desenvolvi e criei o suplemento *Jornal de Utilidades*, o meu primeiro produto concebido e executado no jornalismo, no qual, como se estivesse em um laboratório, experimentei, com a ajuda de dois competentes gráficos, Jorge Costa e Dionée Costa, todas as possibilidades gráficas tendo em vista a futura mudança, o que ocorreu no ano de 1975, quando também o jornal mudou de sede, da Praça Castro Alves para a atual, na Avenida Tancredo Neves.

O apoio de Arthur Luís d'Almeida Couto, gerente administrativo, e de Dr. Renato Simões, superintendente do jornal, foram decisivos para que a experiência do *Jornal de Utilidades* fosse vitoriosa. A história desse suplemento será tratada em outra seção com maiores detalhes, pois ele representa também uma conquista e uma inovação no jornalismo regional e brasileiro, tendo influenciado outros jornais, que também passaram a publicar páginas ou cadernos de serviços com roteiros.

* * *

Com cinco outros professores continuei a ter uma ligação maior após a conclusão do curso: Milton Cayres de Brito, Florisvaldo Mattos, João Carlos

Teixeira Gomes, Consuelo Pondé de Sena e Raul Sá. O primeiro, porque também foi da equipe fundadora da *Tribuna da Bahia* e exercia o cargo de superintende, vindo a substituir, temporariamente, Quintino de Carvalho a partir de 20 de dezembro de 1971, quando ele morreu.

O segundo, Florisvaldo, porque quando ingressei no magistério, continuamos vinculados e colegas no Departamento de Jornalismo no qual fui chefe dele. Florisvaldo ocupava na época a importante função de chefe da sucursal do *Jornal do Brasil*, então um dos mais prestigiosos jornais do país. Como alunos dele, na faculdade, eu e outros colegas, produzíamos matérias para o *JB*, onde posteriormente prestei vários serviços profissionais na condição de free-lance.[11]

Tive oportunidade de ser convidado por Florisvaldo Mattos para coordenar a produção de todo o conteúdo jornalístico do suplemento especial que a sucursal produziu sobre a Bahia, publicado com o título de "*Bahia, novo feitiço*", que circulou nacionalmente no dia 4 de dezembro de 1974. Trabalhei na sucursal do *Jornal do Brasil* nesse projeto por mais de um mês.

Anos depois, quando Florisvaldo Mattos já estava aposentado do jornalismo, mas continuava na Universidade, fui o responsável pela indicação do nome dele a Jorge Calmon, diretor redator-chefe do jornal *A Tarde*, para que assumisse o suplemento *A Tarde Cultural*, o que foi aceito por ambos.

***

A indicação de Florisvaldo Mattos para dirigir o suplemento *A Tarde Cultural* merece esclarecimentos à parte, onde se evidencia uma das marcas de Jorge Calmon na liderança do jornal. Jorge Calmon era um verdadeiro cavalheiro, sereno, sincero e fiel aos seus princípios. Um homem sem medos que procurava manter uma conduta simples e impecável, que sabia se expressar até com o olhar, mas gostava mesmo era de mandar bilhetinhos para todos os seus subordinados. Era também muito econômico nos elogios e gostava de escolher

[11] No período de 1970 a 1974 prestei serviços como jornalista free-lance a vários veículos do sul do país: fui repórter free-lance da revista Veja, da Abril Cultural, durante os anos de 1970 a 1972. Durante o ano de 1971 prestei serviços para a Editora Bloch, executando trabalhos jornalísticos para as revistas Manchete e Fatos & Fotos. Nos anos de 1973 e 1974, fui repórter free-lance do jornal O Globo, tendo inclusive participado da coordenação do caderno especial do Sesquicentenário da Independência da Bahia (1973) e do caderno especial sobre a Bahia que circulou no dia 3 de julho de 1974, mesmo ano em que coordenei o caderno especial do *Jornal do Brasil* sobre a Bahia. Quem trabalhava na sucursal de *O Globo* na época eram os irmãos Sérgio e Osvaldo Gomes, com os quais eu havia trabalhado na *Tribuna da Bahia*.

e indicar o que devíamos exercer dentro e fora do jornal. Quando determinava o que devíamos fazer, ele simplesmente comunicava à pessoa o que ela iria exercer e quando havia uma recusa, imediatamente reagia dizendo: "ou você indica uma pessoa com o mesmo nível para assumir ou você mesmo é quem vai fazer". E quanto a isto era irredutível, principalmente se o indicado não aceitasse o que havia sido determinado.

Relato a seguir dois episódios que retratam perfeitamente essa atitude de Jorge Calmon. Recordo-me que, quando na função de editor de suplementos, editava também o *Jornal de Utilidades*, eu dedicava minhas manhãs ao jornal e ensinava na Faculdade de Comunicação da UFBA nos turnos vespertino e noturno. Foi nessa época, em meados dos anos 1970, que ele resolveu que eu tinha que assumir a Editoria Política do jornal, querendo me transferir para o turno noturno. Diante de minha impossibilidade, fiquei com a incumbência de indicar uma pessoa.

Na época, o jornalista Samuel Celestino, com quem trabalhei na cobertura jornalística da política local, ele no *Jornal da Bahia* e eu na *Tribuna da Bahia*, estava fora de jornal. Indiquei, então, seu nome a Jorge, reforçando que era um profissional competente e experiente na área. Seu nome foi aceito e Samuel foi então convidado, tendo aceitado o convite e até os dias de hoje [2014] permanece como comentarista político do jornal. Ele soube aproximar-se de Jorge Calmon, com quem construiu uma amizade estreita. Jorge o indicou para a presidência da Associação Bahiana de Imprensa (ABI), onde permaneceu na função por 24 anos.

O interessante é que, na época da indicação de Celestino, Jorge me disse, "prepare-se que daqui a dois anos, você vai substituí-lo". Isso nunca se concretizou, mas fui por algumas gestões o vice-presidente da Assembleia Geral que ele presidia, tendo assumido a função quando ele morreu, até o dia em que Samuel Celestino deixou a presidência executiva e passou a ser presidente da Assembléia Geral da ABI. Enquanto eu, a partir do ano de 2011, na chapa presidida por Walter Pinheiro, passei a ser o segundo vice-presidente executivo, sendo reeleito em 2013.

Em outra oportunidade, quando já estava como editor dos suplementos *A Tarde Municípios* e do *A Tarde Rural*, Jorge Calmon queria que eu assumisse também a editoria do suplemento *A Tarde Cultural*, porque o editor tinha se afastado do jornal. Expliquei que não tinha condições de assumir mais um

caderno, ainda mais sendo um produto completamente diferente dos que produzíamos. Até aí ele aceitou, mas inconformado e me chamando, ironicamente, de vice-rei da Bahia, porque nossos produtos circulavam e tinham muito prestígio em todos os 417 municípios da Bahia, foi taxativo: "tudo bem, ou você indica uma pessoa, ou vai ter que se virar com sua equipe".

Foi aí que novamente consegui indicar uma pessoa de nível e ele aceitou. Indiquei o nome do professor Florisvaldo Mattos, que tinha deixado o *Jornal do Brasil* e estava apenas ensinando na Faculdade de Comunicação. Dr. Jorge gostou da indicação, por ele ser jornalista, professor e poeta, e então me incumbiu de contatar com Florisvaldo para saber se ele tinha interesse e disponibilidade. Consultado, manifestou-se interessado. Marquei o dia do encontro e o professor compareceu sendo convidado pessoalmente por Jorge Calmon.

Florisvaldo Mattos realizou um excelente trabalho à frente do *A Tarde Cultural* e, em consequência, recebeu alguns prêmios nacionais. Depois da saída de Jorge Calmon da direção do jornal, que culminou com as nomeações de Cruz Rios, como redator-chefe, e a de Edivaldo Boaventura, como diretor-geral do jornal, na redação, eu e Florisvaldo conversávamos muito sobre os destinos e as mudanças internas do jornal e a queda de circulação do jornal que já era sentida na época. Posteriormente, quando eu já havia deixado o jornal, que passava por uma nova transformação gráfica e editorial sob o comando dos herdeiros de Simões Filho e sob orientações de uma consultoria contratada junto à Universidade de Navarra, Florisvaldo Mattos acabou sendo nomeado redator-chefe de *A Tarde*, sucedendo a Ricardo Noblat, que teve uma passagem meteórica pelo jornal após a morte de Joaquim Alves da Cruz Rios. Nessa época, o prestigio e a força política do jornal já não era a mesma dos tempos de Jorge Calmon que foi um divisor da história do *A Tarde* que pode ser contada em três períodos: antes, durante Jorge e depois de Jorge Calmon. Florisvaldo permaneceu como redator-chefe de *A Tarde* no período de outubro de 2003 a fevereiro de 2011.

Dr. Jorge Calmon sempre que desejava imprimir alguma mudança no jornal me procurava e, possivelmente, também a outros profissionais que gozavam de sua confiança. Talvez porque eu fosse o único profissional da empresa que detinha o título de PhD em Comunicação, obtido em universidade norte-americana, ele sempre estava a me consultar, querendo ouvir e saber minha opinião sobre isto e mais aquilo, mas nem sempre aceitou minhas ideias, pois, quando já tinha decidido alguma coisa, dificilmente voltava atrás. Era um homem que tinha objetivos e tudo que concebia tinha que ser iniciado e concluído.

Em síntese, ele sabia prestigiar, colocar sua equipe em evidência e, ao mesmo tempo, exigir de seus editores a realização de algum trabalho extra ao jornal. Muitas vezes fui indicado para realizar palestras em nome do jornal ou para representar Dr. Jorge Calmon, dona Regina Simões de Melo Leitão (então presidente do jornal) e ou Dr. Renato Simões (então superintendente do jornal) nas mais variadas solenidades, seminários e encontros.

***

Com o professor João Carlos Teixeira Gomes (Joca), poeta e jornalista aguerrido à frente do *Jornal da Bahia*, sempre mantive um bom diálogo e boas conversas, desde a época em que fui seu aluno na antiga EBC – Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Joca sempre me abriu as páginas do *JBa*, onde também publiquei colaborações e do qual sempre obtive boa receptividade aos trabalhos intelectuais.

Fui aluno, colega e chefe de Joca no Departamento de Jornalismo da UFBA, tendo facilitado, na época, sua transferência do Curso de Jornalismo para o de Letras, onde como um bom poeta que é, se sentiria mais à vontade para dar sequência à publicação dos livros que queria escrever. Tempos depois fiz o mesmo processo com o jornalista e poeta Ruy Espinheira Filho, meu contemporâneo na Faculdade e também da equipe fundadora da *Tribuna da Bahia*, além de morador do Rio Vermelho, que preferiu se transferir do Curso de Jornalismo para o de Letras.

Pela professora Consuelo Pondé de Sena[12], que encantava a todos os alunos do Curso de Jornalismo, pela erudição, inteligência, beleza física e simpatia, mantenho uma amizade forte e duradoura. Ela, além de pertencer à Academia de Letras da Bahia e de ser presidente do IGHB, é uma das mulheres mais atuantes e respeitadas da Bahia. O entusiasmo e a vibração com que se envolve nos empreendimentos que assume sempre foram um exemplo de determinação e coragem que admiro! A revista *Neon*, que dirigi, dedicou-lhe uma das capas,

[12] No prefácio de Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia, lançado em 2008, Consuelo Pondé de Sena escreveu: "Ao aceitar como verdadeiro o conceito de Gorki: 'O escritor é o olho, o ouvido e a voz de sua classe', então, Sérgio Mattos, jornalista e escritor, é um destacado representante dos profissionais da imprensa em nosso meio. Com imenso tirocínio exercido nas páginas dos periódicos, na longa militância como professor dos cursos de Jornalismo da Bahia, é ainda um dos mais produtivos escritores da terra que adotou como se nela houvera nascido. Este amor pela profissão levou-o a escrever vários livros de comunicação tendo, por conta dessa apreciada e apreciável produção, adquirido projeção e reconhecimento nacionais".

revelando a personalidade aguerrida e empreendedora dessa mulher que não tem "medo de cara feia," nem de enfrentar combates em defesa dos interesses do IGHB e da preservação da cultura baiana. Graças a ela, a Casa da Bahia, como é conhecido o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, se mantém atuante e preservando suas finalidades. Sob a liderança dela exerci algumas funções de destaque na diretoria do IGHB, do qual fui Secretário-geral, diretor-financeiro adjunto, diretor de publicações e editor da revista.

O professor Raul Sá, sempre vestido em um elegante terno branco, esbanjando conhecimento, simpatia e atenção para com todos, foi aquele que se caracteriza, podemos dizer, como o eterno professor, pois passou a ser referência para toda e qualquer consulta, sempre esclarecendo dúvidas que surgiam nas redações dos jornais baianos. Ele estava sempre atendendo às solicitações de seus ex-alunos jornalistas, com boa vontade, e fazendo as devidas correções nos textos ou propostas de títulos e manchetes a qualquer hora do dia ou da noite via telefone.

Comentando o meu primeiro livro de poemas, *Nas Teias do Mundo*, em artigo publicado no jornal *A Tarde*, publicado em 18/6/1974, Raul Sá fez o seguinte registro:

> *Sérgio Mattos não é o poeta torturado pela beleza (irmã gêmea da verdade, segundo o primeiro príncipe dos poetas brasileiros) da forma, com os esplendores parnasianos; não é, também, o destruidor da estética anterior, como os componentes da chamada "geração de 22"; mas é o artífice cônscio de sua missão; criar um ritmo novo para expressar a angústia permanente da Humanidade sofredora.*

Conclui o curso superior na UFBA, em dezembro de 1971. Três anos depois, no início de 1975, já estava ensinando no Curso de Jornalismo na condição de professor-colaborador por indicação de Fernando Rocha, então chefe do Departamento de Jornalismo e meu colega no jornal *A Tarde*. Em 1976, fui admitido como concursado na condição de professor Auxiliar de Ensino, passando por todas as etapas da carreira e por todas as progressões tanto verticais como horizontais, de Auxiliar até Adjunto IV, com a qual me aposentei proporcionalmente. Durante o período em que estive na UFBA até dezembro de 1997, a Universidade não abriu concurso para Titular no Curso de Jornalismo, por isso não galguei esse último nível da carreira, permanecendo por mais de dez anos como professor Adjunto IV.

* * *

Coincidentemente, comecei a atuar no jornalismo de maneira mais sistemática a partir do ano de ingresso no Curso de Jornalismo da UFBA, 1968, quando assumi mais responsabilidades junto ao jornal *A Semana*, passei a trabalhar na revista *Liderança*, de Hélio Teixeira de Freitas, e ingressei na Escolinha da TB, base do jornal *Tribuna da Bahia*, lançado oficialmente em 21 de outubro de 1969, sob o comando de Joaquim Quintino de Carvalho Filho, de onde saí em janeiro 1972 indo trabalhar no jornal *A Tarde*.

Foi a partir do período da faculdade que comecei a prestar serviços free-lance para os jornais *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e para as revistas *Veja*, *Manchete* e *Fatos e Fotos*. Não tinha ainda concluído o curso quando me casei, em 1970, com Maria Helena de Medeiros Chaves, colega de turma na UFBA e mãe de meus filhos Paula de Medeiros Chaves Mattos e Rafael de Medeiros Chaves Mattos.

Naquele tempo, de maneira diferente do que ocorre no terceiro milênio, tínhamos pressa em sair da casa de nossos pais e construirmos a nossa própria vida. Como meu pai costumava dizer: "quem casa, quer casa", devendo abandonar o ninho e voar com as próprias asas. Casei 19 dias depois de ter completado 22 anos de idade. Minha primeira esposa, com quem permaneci casado por 14 anos, é jornalista como eu, e filha de um próspero pecuarista sergipano, Pedro de Medeiros Chaves, que já havia sido prefeito de Propriá e deputado estadual, mas que preferia mesmo era ser fazendeiro.

Tive oportunidade de fazer reportagem sobre ele, publicada no caderno especial que escrevi sobre Sergipe e publicado pela *Tribuna da Bahia*[13], destacando principalmente a amizade dele com Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, que em viagens, cruzando o sertão nordestino, sempre se hospedava com ele, na fazenda Cabo Verde, em Propriá-Sergipe. Luiz Gonzaga o rotulou, em uma de suas músicas, como sendo "O Coronel Pedro do Norte" e até eu, indiretamente, fui citado como sendo o cabeludo que queria casar com a filha dele.

Na reportagem que escrevi sobre meu primeiro sogro – de quem tenho boas recordações – destaco o trecho abaixo, no qual apresento os laços de Pedro de Medeiros Chaves com a música nordestina, o que talvez me tenha levado

[13] Pedro Chaves é amigo de Luiz Gonzaga. *Tribuna da Bahia*, 18 de junho de 1971, pag. 9, caderno especial sobre Sergipe.

também, como jornalista, a prestigiar e dar espaço aos artistas forrozeiros quando no jornal *A Tarde*:

> Luiz Gonzaga é seu amigo e, uma vez por ano, perto da festa de São João, se dirige à fazenda Cabo Verde, onde passa alguns dias na companhia de sêo Pedro.
> Algumas emissoras de rádio de Sergipe dedicam horários diários aos programas de fundo musical sertanejo, onde são tocadas diversas músicas que falam de Pedro Chaves e sua fazenda: "Alagoas tem Penedo/ Sergipe tem Propriá/ Fazenda Cabo Verde/ E sêo Pedro é o dono de lá" (música de Cremilda) – "Quando há festa na casa do Pedro/ O comércio fecha em Propriá/ tem zabumba, esquenta mulher/ E a gente dança como quer" (música de Luiz Gonzaga) – "Bota lenha na fogueira/ e petróleo no côco Raimundo/ Pedro Chaves carrega a ronqueira/ Estamboca no ôco do mundo" (música de Luiz Gonzaga).
> *[...] Artistas como Coronel Ludujero e sua equipe, Jackson do Pandeiro, Abdias, Marinês e Cremilda, o trio Nordestino, Goiabinha, Gerson Filho, e outros, além da estrela máxima que é Luiz Gonzaga, sempre que vão ao estado de Sergipe fazem uma visita à Fazenda Cabo Verde, para dar um abraço no maior incentivador da música nordestina. Certa feita os radialistas do estado concederam a sêo Pedro um diploma de honra ao mérito devido ao trabalho que ele faz no sentido de divulgar e prestigiar os artistas nordestinos.*

* * *

Quando de meu casamento com Maria Helena, o campo de aviação da região era o da fazenda dele, que teve um movimento extraordinário devido aos padrinhos importantes por parte da noiva: Lourival Batista (ex-governador e Senador por Sergipe), Arnon de Mello (ex-governador e Senador por Alagoas, pai do Fernando Collor de Mello), Lamenha Filho (ex-governador de Alagoas), João Alves (posteriormente governador do Estado de Sergipe, ministro da república e, em 2012, eleito prefeito de Aracaju), entre outros. De minha parte, além dos familiares e tios que foram padrinhos de meu primeiro casamento, vindos do Ceará para o interior sergipano, estava presente também o jovem jornalista Sérgio Gomes, meu colega e chefe direto na *Tribuna da Bahia*.

* * *

Apesar de 1968 ter sido um ano conturbado, com muitos protestos, a situação econômica do Brasil começava a se estabilizar, o que contribuiu também para o aparecimento de vários novos veículos de comunicação. Tal ambiente

fortaleceu o interesse pela leitura, ocasionando o surgimento de várias mídias alternativas. No ano de 1968, a Bahia vivia um movimento cultural intenso com o surgimento de inúmeras revistas de cunho literário, a exemplo de *Experimental*, *Serial* e *Conclave*. Fui o responsável, juntamente com Ivan Dórea Soares, meu amigo e irmão, pelo lançamento da revista de poesia *Experimental*. O primeiro número da revista foi lançado no dia 26 de setembro de 1968, na Livraria Pindorama, de Ivo Andrade, na Av. Sete de Setembro, no mesmo dia em que João Ubaldo Ribeiro estava lançando também o seu livro intitulado *Setembro não tem sentido*. Poucos dias depois foi baixado o Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, que cassou as garantias individuais e cerceou a área de atuação do Poder Judiciário e aumentou a repressão policial no país.

O primeiro número de *Experimental* saiu como uma publicação da Editora Era Nova, da Arquidiocese do Salvador, em edição especial comemorativa do primeiro ano da nova fase do jornal *A Semana,* que era impresso por aquela gráfica editora. O primeiro número de *Experimental* teve prefácio de Germano Machado[14], que apresentou os quatro poetas integrantes daquela edição: Ivan Dórea Soares, Luiz Fernando D. Hupsel, Sérgio Mattos e Thadeu J. Cruz. No expediente da revista constam os nomes de Ivan Dórea Soares e Sérgio Mattos como diretores responsáveis e o de Thadeu J. Cruz aparece como secretário.

O segundo número, também impresso pela Editora Era Nova, circulou em janeiro de 1969, mas antes tivemos que submeter todos os originais à censura prévia exercida então pela Delegacia da Polícia Federal. Nesse número foi publicada uma nota editorial, assinada pela direção, intitulada "O que Pensamos", do qual destaco o trecho abaixo:

> *O que se entende hoje sobre o que seja um poeta? Um artista? Experimental adotou o pensamento de Sophia Andressem, poetisa portuguesa, que diz: "O artista não é, nunca foi um homem isolado que vive no alto de uma torre de marfim. O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem da convivência influenciará necessariamente através de sua obra, a vida e o destino dos outros. Mesmo que o artista escolha o isolamento como melhor condição de trabalho e criação, pelo fato de fazer uma obra de rigor, de verdade e de consciência comum. Mesmo que fale somente de*

[14] Germano Dias Machado (1926-) é jornalista, escritor, ensaísta, poeta bissexto e professor. Ele fundou em 1951 o Circulo de Estudo Pensamento e Ação (CEPA). É membro da Academia Baiana de Educação, da Academia Mater Salvatoris e da Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS). Foi diretor da Imprensa Oficial da Bahia, lecionou na UFBA e na UCSal e foi diretor do jornal A Semana.

> *pedras ou brisas, a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos, por direito natural, herdeiros da Liberdade e da dignidade do ser".*

O segundo número, lançado no dia 17 de janeiro de 1969, na Casa da Poesia da Bahia, publicou os seguintes poetas: Alcir N. dos Santos, Amarílio Mattos, Emerson Palmeira, Gilza Borges, Ivan Dórea Soares, Sérgio Mattos e Thadeu J. Cruz. O lançamento foi uma grande festa, regada à "sangria"[15] e cheia de universitários e familiares.

No terceiro e último número de *Experimental*, com capa do mestre Calasans Neto, contamos com a participação de 11 poetas, apresentados na seguinte ordem: Sérgio Mattos, Maria Bethânia Knoedt, Euclides Batista, Eduardo Gordilho Fraga, Céu Brandão, Dircêo Vilas Boas, Luís Sérgio Rocha, Emerson Palmeira, Ana Maria Castro[16], Ronaldo Cairo e Ivan Dórea Soares.

Quando de seu lançamento, a revista foi saudada pela imprensa local que dedicou vários espaços para comentá-la e divulgá-la. No *Jornal da Bahia*, Adenil Falcão dedicou todo o espaço da coluna "Juventude e Cultura", equivalente a um quarto de página, anunciando no título que "Nova Revista Literária Promove Poetas Jovens" e acrescentando na abertura:

> *Será lançada na última semana de setembro uma nova revista literária, contendo trabalhos de quatro jovens poetas brasileiros – Sérgio Mattos, Ivan Dórea Soares, Thadeu J. Cruz e Luís Fernando Hupsel. Experimental é sem dúvida um empreendimento da mais nova geração de poetas brasileiros. Trata-se de um grupo novo, mas promissor, que reage, vive e sente de maneira própria os problemas comuns do seu tempo. Prosseguindo no seu objetivo básico, que é o de projetar valores jovens, "Juventude e Cultura" realiza ampla reportagem com três dos jovens poetas lançados pela revista.*

Outra colunista que elogiou a revista foi a escritora Gláucia Lemos[17], hoje integrante da Academia de Letras da Bahia. Na coluna "Pelas Universidades", do *Diário de Notícias*, Gláucia fez o seguinte registro:

---

15 Sangria é uma bebida preparada com vinho, água, açúcar, suco de limão ou laranja, e pedaços de frutas, principalmente maçã.

16 A poeta Ana Maria Castro tornou-se conhecida por todos como Aninha Franco que é escritora, colunista, crítica, poeta, agente cultural, advogada e dramaturga baiana.

17 Gláucia Lemos já escreveu 40 livros entre contos, romance e literatura infantil. Ocupa a cadeira de nº 14 na Academia de Letras da Bahia, sucedendo a Epaminondas Costalima e que tem o Barão e Visconde de São Lourenço como patrono.

> *Marcante o lançamento da revista Experimental, na quinta feira, esnobando o horário de 20h30. Com coquetel e tudo. Estrearam Sérgio Mattos, Ivan Dórea Soares, Thadeu Cruz e Luiz Fernando Hupsel. Os meninos são poetas inspirados e deverão lançar o segundo número possivelmente em dezembro. Sérgio Mattos faz Jornalismo em Filosofia Federal e já milita, como correspondente do Correio da Manhã e redator de A Semana. Seus poemas subjetivos são uma doçura.*

Mas nem todos nos saudaram de forma positiva, apesar de não ignorar a nossa existência. Guido Guerra[18], por exemplo, como redator da coluna "Ontem e Hoje", publicada no *Diário de Notícias*, criticou o lançamento dizendo:

> *As tentativas iniciais do grupo de jovens poetas do grupo "Experimental", que inaugura uma nova igrejinha com poucos valores, como tudo que traz o rótulo de novo, pifaram mesmo. Os poetas, ainda cheirando a leite, nada dizem, nada comunicam. Apenas experimentam. É o tal negócio: o sujeito mal começa, já aspira à condição de gênio, renovador de nossa poética. A apresentação da revista chega a ser ridícula [...] Integram os dois primeiros números da referida revista os seguintes aspirantes a poetas: Gilza Borges, Luís Fernando Hupsel, Sérgio Mattos, Tadeu J. Cruz, Ivan Dórea Soares, Alcir N. dos Santos e Emerson Palmeira. De resto, é mais uma panelinha poética que se forma.*

Por conta dessa nota os jovens poetas de *Experimental* travaram uma polêmica com o jornalista do *DN,* por meio de notas publicadas no jornal *A Semana* e rebatidas pelo colunista.

Tempos depois o ambiente serenou vindo Guido Guerra a ser nosso amigo, meu e de Ivan Dórea, em particular, tendo inclusive assinado a orelha de meu primeiro livro individual, *Nas Teias do Mundo*, quando reconheceu:

> *A revista Experimental revelou-nos um excelente aprendiz de poeta: Sérgio Mattos. E o aprendiz se fez poeta. Confirma-o, agora, seu livro Nas Teias do Mundo, ora editado pela Empresa Gráfica da Bahia. E Sérgio soube aprender, soube amadurecer, crescendo em seu ofício: "o raio/ regou/ regaço/ da amada/ o raio/ partiu/ pariu/ pereceu/ de saudades/ numa noite de trovoada" [...] Ademais, creio que, num dos poemas deste livro, Sérgio Mattos define sua poesia, seus objetivos e seu marcado partida-*

[18] Guido Guerra (1942-2005) era jornalista, ensaísta, contista e romancista. Foi membro da Academia de Letras da Bahia, tendo ocupado a cadeira de nº5, em substituição a José Silveira. Ficou conhecido na Bahia como "papagaio devasso" ou o "língua de trapo", mas também como um dos maiores críticos do regime militar. Como jornalista atuou no *Diário de Notícias*, no *Jornal da Bahia* e na *Tribuna da Bahia*, tendo também sido constante colaborador do *A Tarde*.

> *rismo pelo povo: "o poeta é o vigia do tempo". Neste verso solto, está sua consciência de ofício – não a arte pela arte, mas a arte pelo homem, realizando-se através do homem, existindo em função do homem, começo, meio e fim.*

* * *

Contando com o apoio de D. Abade Anastácio Amoroso,[19] o grupo de jovens poetas da revista *Experimental* promoveu, no dia 28 de setembro de 1968, no salão do Mosteiro de São Bento, o show intitulado MUSIPOEMA, como encerramento das comemorações de aniversário do jornal *A Semana*, que registrou o evento da seguinte forma:

> *Sérgio Mattos, que apresentou o show, deu início ao MUSIPOEMA, passando a palavra para Antonio Brasileiro[20] que fez um retrospecto do movimento de poesia na Bahia. Em seguida, Germano Machado falou sobre a semana de aniversário de A Semana.*
>
> *Dircêo Villas Boas foi o dono da noite, recebendo aplausos demorados quando recitava, de sua autoria, os poemas "Utopia" e "Evolução". O fundo musical esteve a cargo de Antonio Brasileiro e de Jéferson.*
>
> *Com números musicais intercalando os recitais de poesias, tivemos uma noite bem movimentada. [...] Os jovens Antonio Brasileiro, Carlos da Purificação e Jéferson muito contribuíram. Antonio interpretou duas músicas de sua autoria. Purificação solou algumas músicas, enquanto Jéferson acompanhou as músicas de Nilza Mascarenhas.*
>
> *Diversos poemas foram recitados com o aplauso do público que compareceu. Marcos e Flávio, participantes do grupo de teatro do São Bento, recitaram as poesias de Núbia Freire, Céu Brandão e de Ivan Dórea Soares, enquanto Thadeu J. Cruz, Clarice Meireles, Frei Amadeu Feliciano e Dircêo Villas Boas recitaram seus próprios poemas. Eram 22h15 quando o show de MUSIPOEMA foi encerrado.*

---

19 D. Abade Anastácio Amoroso teve no ano de 1968 um papel fundamental de apoio e proteção aos estudantes que fugiam das agressões policiais quando das manifestações em via pública. Dom Timóteo, como era mais conhecido, se destacava no clero baiano por suas ideias ousadas e práticas ecumênicas, como, por exemplo, celebrar a Missa do Morro através da qual promovia o diálogo entre católicos e o candomblé.

20 Antonio Brasileiro é poeta, ensaísta, editor e professor doutor de Teoria da Literatura. Em junho de 2010 tomou posse na Academia de Letras da Bahia, passando a ocupar a cadeira de nº 21, antes ocupada por Jorge Amado e Zélia Gattai. Em fins da década de 1960, Brasileiro lançou a revista de poesia Serial e, posteriormente, na década de 1970, criou, em Feira de Santana - BA, o Grupo Hera, um movimento poético.

* * *

A realização do show MUSIPOEMA, na mesma semana em que lançamos a revista *Experimental*, impressa pela Editora Era Nova, que também imprimia o jornal, foi em homenagem à continuidade do jornal *A Semana*. Digo isto porque dois anos antes, Dom Eugênio de Araújo Sales[21] estava preocupado com a continuidade do jornal *A Semana Católica*[22], que só dava prejuízo e, em consequência, no ano de 1967 convocou Germano Machado, indicado que fora pelos padres Pereira de Souza e Gaspar Sadoc, para assumir a direção do jornal e torná-lo mais dinâmico, tendo em vista que nem Wilson Lins nem Frei Marcelino Cantalice aceitaram o convite.

Germano reformulou o jornal e mudou o nome, passando a ser apenas *A Semana*. Na época circulavam dois jornais vinculados à Igreja: o *Mensageiro da Fé*, dos franciscanos, e *A Semana Católica*, da Arquidiocese. Para sobreviver e ganhar uma dinâmica mais profissional, o primeiro passou a se chamar apenas de *Mensageiro* e o segundo *A Semana*.

Os soteropolitanos, principalmente os jornalistas, faziam piadas com relação aos dois jornais, alegando que o primeiro perdeu a fé e o segundo deixou de ser católico, o que de certa forma demonstrava que as mudanças haviam sido notadas porque os dois ocupavam um espaço importante na imprensa baiana. No período entre 1967 e 1971, quando Dom Eugênio Sales esteve à frente da Arquidiocese e Germano Machado era o diretor do semanário, a tiragem do jornal pulou de quinhentos para cinco mil exemplares.

---

21 Dom Eugênio Sales (8/11/1920 - 9/7/2012) foi nomeado Administrador Apostólico da Arquidiocese do Salvador em 1964 e quatro anos depois Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil pelo Papa Paulo VI. Dom Eugênio foi o criador das Comunidades Eclesiais de Base e da Campanha da Fraternidade. Em 1969 foi nomeado Cardeal e em 13 de março de 1971 foi nomeado Arcebispo do Rio de Janeiro, exercendo a função até 2001 quando sua renúncia foi aceita. Como jornalista cobri o Palácio da Arquidiocese durante o seu período em Salvador, além de ter registrado a rotina de seu último dia na Bahia para o jornal *Tribuna da Bahia*.

22 O jornal A Semana Católica foi criado no ano de 1929, durante a gestão do Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva. Passou a se denominar apenas A Semana durante a gestão do Cardeal Dom Eugênio Salles e foi desativado no ano de 1975, durante a gestão de Dom Avelar Brandão. As máquinas da Era Nova foram repassadas para o Frei Luis, subordinado de Frei Schneider, responsável pelo jornal Mensageiro, jornal dos franciscanos que era distribuído por todo o Nordeste e que circulou até o ano de 1979. A coleção de A Semana encontra-se devidamente arquivada na Universidade Católica do Salvador.

* * *

O terceiro e último número de *Experimental* (1969) teve como capa uma gravura produzida pelo mestre Calasans Neto especialmente para a revista: a figura de um dragão. A revista *Experimental* contribuiu para consolidar minha amizade com Ivan Dórea Soares, meu amigo e irmão. Uma amizade que já dura quase 50 anos e que conservamos até os dias atribulados de hoje, sempre nos contatando e conversando sobre tendências literárias e políticas, sobre a vida e nossos projetos pessoais, não importando o tema, nem se a conversa é tête-à-tête ou pelo telefone. Um dos temas recorrentes são as injustiças cometidas e da necessidade de darmos início a um projeto de construção da memória histórica e cultural da Bahia.

[24.]

Facsimile da capa do A Semana com a entrevista de Dom Hélder Câmara, que esteve sob ameaça da censura.

A SEMANA

DIRETOR: GERMANO MACHADO

Dom Hélder não tem mêdo de crise e acha natural que o Brasil sofra abalos

Entrevista concedida a Sergio Mattos e Luiz Almeida, no dia da posse de Eugênio como Arcebispo Primaz

Crise não me assusta

Um pioneiro

Estima pessoal

Sem violência

Sintoma de crescimento

[25.]

Facsimile de artigo publicado pelo poeta Ivan Dórea Soares quando a revista completou 21 anos de seu lançamento. Ilustra o artigo a reprodução da capa produzida por Calasans Neto.

Com a palavra...

IVAN DÓREA SOARES

A nossa maioridade

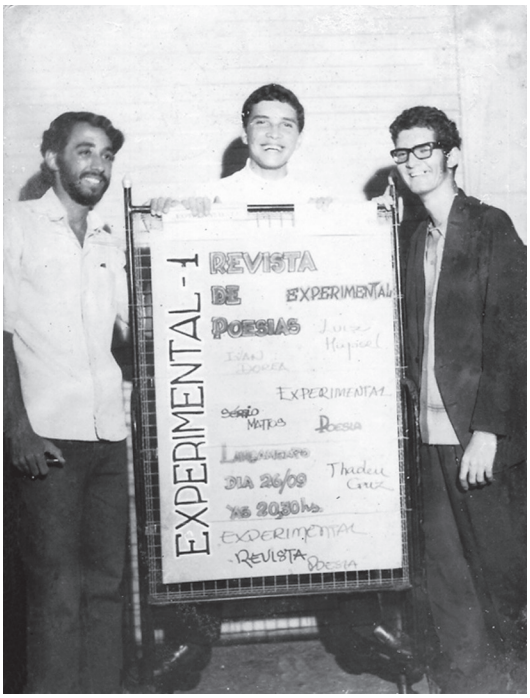
3

EXPERIMENTAL

Capa do nº 3 da revista Experimental foi confeccionada por Calazans Neto.

[26.]

Cartaz de divulgação da revista Experimental, aparecendo, em sentido horário: Sérgio Mattos, Thadeu Cruz e Ivan Dórea Soares.

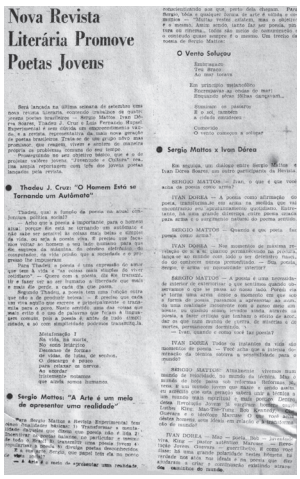


[27.]

Nota sobre o lançamento da revista Experimental.

Lançamento

Tarde de autográfo dos jovens poetas baianos, no lançamento do terceiro número de "Experimental" em 17 déste, na Pindorama,


Nova Revista Literária Promove Poetas Jovens

O Vento Soluçou

● Sergio Mattos x Ivan Dórea

● Thadeu J. Cruz "O Homem Está se Tornando um Autômato"

● Sergio Mattos: "A Arte é um meio de apresentar uma realidade"

[28.]

A revista Experimental foi bem recebida pela imprensa, tendo o Jornal da Bahia dedicado um grande espaço.

INICIANDO O JORNALISMO PROFISSIONAL

Quando escrevo ou falo, não me importa que o leitor ou o ouvinte considerem-me culto ou erudito, o que desejo do fundo do coração é que entendam claramente o que preciso dizer.

Antonio F. Costella

Iniciei a prática do jornalismo de maneira mais sistemática no ano de 1965, aos 16 anos, como colaborador do jornal *A Semana Católica*, na gestão do Monsenhor Manoel Soares. Posteriormente, durante a gestão de Germano Machado à frente do jornal, reformulado e exibindo como título apenas *A Semana*, passei a ter um papel mais definido a partir de 1967, pois, além de publicar artigos, crônicas e poemas, mantinha uma coluna semanal assinada.

No jornal fiz de tudo: redação, revisão, composição nas velhas linotipos, montagem de títulos no componedor, acompanhar o funcionamento e a impressão das páginas do jornal numa máquina impressora plana de origem alemã. O jornal era impresso em gráfica própria mantida pela Arquidiocese por meio da Editora Era Nova especializada em publicações religiosas.

Esse é um ponto que merece uma maior reflexão e pesquisa à parte, tendo em vista que nas décadas de 1960 e 1970 existiam em Salvador três gráficas editoras católicas: Era Nova, a Gráfica dos Beneditinos e a Gráfica dos Franciscanos, que publicava o jornal *Mensageiro da Fé*. Essas gráficas e editoras tiveram uma atuação positiva na cultura e literatura da Bahia. Isto sem falar do Liceu Salesiano que também atuava no setor. O que aconteceu com as gráficas e jornais religiosos de Salvador?

Aos sábados pela manhã o espaço da redação/escritório de *A Semana*, no subsolo do Palácio Arquidiocesano da Praça da Sé, mas com uma vista incrível para a Baía de Todos os Santos, se transformava, pois era invadido por jovens e funcionários que juntos dobravam e encartavam as páginas, formando um único caderno de seis, oito ou 12 páginas. O passo seguinte era separar a quantidade de exemplares, amarrá-los em volumes a serem enviados para todas as paróquias de acordo com o tamanho de cada uma e com o histórico de vendas de exemplares. E assim se dava a distribuição dos cinco mil exemplares do jornal que era levado, em pacotes identificados, por um dos carros da Arquidiocese

e vendidos nas portas das Igrejas aos domingos. No final das manhãs de sábado também havia um encontro descontraído de jovens escritores, jornalistas e poetas que se reuniam para longos bate-papos.

Dentre muitos que frequentavam as reuniões realizadas aos sábados pela manhã na redação de *A Semana*, lembro-me de Alberto Silva, Carlos Cunha, Benedito José Cesário, Edmundo Lemos, José Cordeiro Filho, Dircêo Vilas Boas, Fernando Batinga de Mendonça, Geraldo Leony Machado (sobrinho de Germano), Ivan Dórea Soares, Ivo Andrade, José Dilson Argolo, Neomar Cidade, Normando Brandão, Oleone Coelho Fontes, Paulo César Torres, Lázaro Jorge (o nosso fotógrafo), Sérgio Mattos e Tadeu Cruz, José Osvaldo (pai do radialista José Eduardo, o Bocão), José Pinho, Luiz Almeida Filho, Núbia Freire, José Gomes de Santana, Clodoaldo Campos, Padre Pedro Mathon, Frei Amadeu, Padre José Pereira de Sousa (Pereirinha), Clarice Mascarenhas, Luís Almeida, Affonso Bastos, Jorge Lindsay, Agnaldo Santana, Héliogabalo Pinto Coelho, entre outros, que sempre apareciam por lá algumas vezes. Por volta das 13 horas subíamos dos porões do prédio da sede da Arquidiocese e íamos tomar uma cervejinha nos bares da Praça da Sé.

* * *

Durante o primeiro ano de Faculdade passei a trabalhar na revista *Liderança*, de Hélio Teixeira de Freitas, integrando o quadro de redação ao lado de mais quatro colegas da *Escolinha da Tribuna da Bahia*: Paolo Marconi, Tasso Franco, Pedro Formigli e Ivan Carvalho. Os três primeiros eram colegas também no curso de Jornalismo. Integrávamos por assim dizer o quadro que estava sendo preparado por Quintino Carvalho[23] para lançar o jornal *Tribuna da Bahia*, o primeiro jornal em offset do Norte e Nordeste do país e responsável pela formação da Geração de Jornalistas da TB.

A experiência vivida na revista *Liderança* foi boa, pois aprendi como produzir uma revista com uma estrutura mínima. Esse aprendizado foi útil, anos

[23] Quintino de Carvalho iniciou sua carreira jornalística no jornal *O Momento*, indo depois para o Rio de Janeiro onde trabalhou na Manchete e depois fez parte da equipe de Odylo Costa Filho, que modernizou o *Jornal do Brasil*, influenciando decisivamente no jornalismo brasileiro. Quintino foi o braço direito de Odylo na implantação da reforma, trabalhando juntamente com Alberto Dines e Wilson Figueiredo, entre outros. Ele trabalhou também como chefe de redação no jornal *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, de quem foi assessor quando ele foi governador. Atuou depois como redator publicitário na Denison Propaganda, onde aperfeiçoou a qualidade de seu texto: limpo, leve, conciso e, acima de tudo, honesto.

depois, quando do lançamento da revista *NEON*. Hélio Teixeira de Freitas era mais publicitário do que jornalista, mas uma pessoa extremamente criativa, na decisão das pautas e na elaboração gráfica da própria capa de cada edição. Ele perseguiu um sonho, o de fazer uma revista mensal na Bahia, da mesma forma que eu tentei anos depois.

A *Liderança,* a exemplo da *NEON*, considerando a época em que foram lançadas, foi das poucas a ultrapassar 20 números. Atualmente, principalmente a partir do início da segunda década do terceiro milênio, devido a um contexto favorável de segmentação de mercado, já existem outras revistas e bem sucedidas circulando em Salvador, comprovando inclusive que o jornalismo impresso ainda tem um longo caminho a percorrer apesar dos arautos anunciarem o fim do jornalismo impresso.

* * *

Meus laços com Quintino de Carvalho começaram em maio/junho de 1968 quando começou a selecionar jovens universitários para integrar os quadros do futuro jornal. A Escolinha TB[24] funcionava num conjunto de salas de um prédio na esquina da Rua Miguel Calmon, próximo da Associação Comercial da Bahia. Ali, um bando de jovens cabeludos e barbudos ao estilo de Fidel Castro e de Che Guevara, entre os quais eu estava incluído, vestindo calças jeans, se aglomerava, muitos sentados no chão para ouvir as lições básicas do jornalismo que Quintino queria colocar em prática no jornal.

[24] Para treinar a equipe que implantaria o jornal Tribuna da Bahia, Quintino de Carvalho criou a Escolinha TB. Ele fez a opção de formar novos profissionais em vez de recrutar militantes da imprensa baiana, pois para ele: "É preferível ensinar a quem não sabe, do que tirar vícios dos antigos profissionais". Na TB os seus braços direitos foram Misael Peixoto, Sérgio Gomes e Osvaldo Gomes. A esse seleto grupo agregou-se depois Cláudio Fonseca. Interessante observar que Sérgio Gomes depois de deixar a *Tribuna*, logo após a morte de Quintino, a ela retornou como editor-chefe. Ele foi também redator-chefe do *Jornal da Bahia*, Secretário de Comunicação do governo Roberto Santos e, atualmente, tem prestado serviços free-lance, além de desfrutar de merecida aposentadoria. Osvaldo Gomes, irmão de Sérgio, também foi secretário de Comunicação, durante o governo de Waldir Pires e, hoje, como empresário, dirige uma empresa de comunicação. De minha geração na *Tribuna da Bahia*, Paolo Marconi e Tasso Franco também exerceram a função de Secretário de Comunicação: o primeiro, em um dos governos de Antonio Carlos Magalhães, e o segundo, na Prefeitura do Salvador, durante a gestão de Antonio Imbassahy. Pedro Formigli, outro colega da chamada Geração TB, foi também assessor especial de vários políticos de destaque, escrevendo inclusive seus discursos e mensagens.

Assistíamos às aulas, debates e conferências e depois íamos à rua para fazer coberturas de eventos, entrevistas e matérias especiais durante um ano antes do jornal ser lançado oficialmente. A *Tribuna da Bahia* foi lançada no dia 21 de outubro de 1969 e minha carteira profissional assinada dez dias depois, no dia primeiro de novembro de 1969, na função/cargo de Repórter. Trabalhei na *Tribuna da Bahia* até o dia 19 de janeiro de 1972, passando a integrar a equipe de *A Tarde*, a partir do dia 10 de maio de 1972 na função de Editor.

O jornal *Tribuna da Bahia* formou uma geração de jornalistas na Bahia: "A Geração TB", da mesma forma que, no ano 1958, o *Jornal da Bahia*, de João Falcão, que também inovou em seu tempo, formou um grupo de jornalistas que passou a integrar outro grupo que ficou conhecido como "Geração Mapa"[25]. O surgimento da *Tribuna da Bahia* coincidiu com o período de mudanças significativas para o jornalismo brasileiro de um modo geral e o jornalismo baiano em particular, que passou a ser muito mais profissional e ético, substituindo o jornalismo boêmio de então. A *Tribuna da Bahia* e a liderança de Quintino serviram para quebrar os velhos vícios da prática jornalística da província, introduzindo uma nova linguagem, além de criar uma nova mentalidade profissional.

Entre os anos de 1967 e 1968 um grupo de empresários e de profissionais liberais constituído por Elmano Silveira Castro, Humberto Silveira Castro, Carlos Alberto Jesuíno, Fernando Suerdieck, Milton Tavares, Orlando Gomes, Luís Viana Neto, Víctor Muhana e outros, juntaram-se para criar um grupo de comunicação forte com televisão (TV Aratu), jornal (*Tribuna da Bahia*) e gráfica (CINGRAFI) para fazer frente ao jornal *A Tarde* e ao grupo dos Diários Associados (jornais, rádio e TV) que dominavam o mercado local. Após a implantação das empresas, o grupo se dividiu e Elmano Castro ficou com o jornal, abrindo posteriormente o capital, facilitando então o ingresso de outros empresários da construção civil a exemplo de Joaci Goes e Alexandre Cunha Guedes.

O primeiro jornal em offset do Norte e Nordeste do Brasil, a *Tribuna*, apesar de ter adquirido um sistema de composição a frio teve que lançar mão da composição a quente, em linotipos, devido a problemas técnicos. Começou tam-

[25] A geração ficou conhecida pelo nome da revista literária Mapa, sob a liderança de Glauber Rocha. O grupo da revista era formado por Glauber Rocha, Paulo Gil Soares, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando Rocha, Fernando da Rocha Peres, Jaime Cardoso, Calasans Neto, Ângelo Roberto, Antonio Guerra Lima, Albérico Mota, Carlos Anísio Melhor, Fred Souza Castro, Sônia Coutinho, João Ubaldo Ribeiro, Florisvaldo Mattos, Noêmio Spínola, David Salles, Sante Scaldaferri, entre outros.

bém sem uma série de aparatos tecnológicos que lhe permitisse maior agilidade. Na época, tínhamos uma sucursal do Rio de Janeiro, dirigida pelo jornalista Fernando Couto, que havia trabalhado com Quintino e com Odylo Costa Filho no *Jornal do Brasil*, e que era responsável pela cobertura do noticiário nacional que era enviado diariamente, via malote, por avião. O sistema de recepção de radiofoto e o telex, que captava as notícias internacionais, foram instalados na garagem da residência de Elmano Castro, na Ladeira do Acupe, no bairro de Brotas. Esse sistema operacional comprometia um dos carros da reportagem que passava o dia a serviço de ir buscar o malote no aeroporto e o noticiário via telex na residência de Elmano. As antenas de recepção dos sinais do telex e da radiofoto foram instaladas em Brotas sob a justificativa de que lá, devido à altura, o sinal teria melhor qualidade.

* * *

O jornal *Tribuna da Bahia*[26] surgiu num momento em que o jornalismo convivia com o regime de exceção durante o qual coexistiam as arbitrariedades e a censura. As orientações de Quintino de Carvalho, quando eu estava dando meus primeiros passos como profissional, foram marcantes e decisivos para minha formação, conceitos e prática de jornalismo. Sobre a linha editorial a ser seguida pelo jornal *Tribuna da Bahia*, Quintino escreveu, no primeiro número da revista *Tribuna Econômica*:

> *A Tribuna tem uma carta de princípios. Nós vamos ser um jornal para o desenvolvimento, contra todos os fatores de atraso e de marasmo. Nós não vimos para bajular os poderosos e pisar sobre os que não têm poder. Nós vimos para participar do processo de aceleração da história: participar desse processo no lugar que nos cabe, sem a pretensão de sermos donos dele nem a timidez que nos poria a seu reboque. A verdade, para nós, será a notícia. Eu poderia acrescentar que vamos fazer, essencialmente, a experiência da informação integrada. Mas isso é outra estória.*

[26] Quando a Tribuna da Bahia surgiu estavam circulando em Salvador os seguintes jornais: A Tarde, de Simões Filho, tendo Jorge Calmon, como redator-chefe; e Cruz Rios, na função de secretário; Jornal da Bahia, de João Falcão, tinha João Carlos Teixeira Gomes como redator-chefe; Diário de Notícias e Estado da Bahia, que integravam a rede dos Diários Associados, tinha como principais dirigentes do grupo na Bahia Odorico Tavares e Paulo Nacif. O redator-chefe dos DN era Clementino Heitor de Carvalho, que depois trabalhou comigo, no período de A Tarde Municípios, como correspondente da região de Paulo Afonso. Além dos jornais diários, circulavam em Salvador os semanários IC, de Ariovaldo Matos, e Esporte Jornal, Luiz Eugênio Tarquínio, que também era colunista da Tribuna da Bahia, e os religiosos *A Semana* e o *Mensageiro*.

Complementando o que disse antes do lançamento, no primeiro número do jornal a circular, num editorial intitulado "Nosso Propósito", Quintino de Carvalho registrou:

> *Para resumir nossa posição, apresentamos abaixo o que faremos e o que não faremos. As nossas páginas estarão à disposição, gratuitamente, das causas construtivas que beneficiem a coletividade. As nossas páginas estarão fechadas, mesmo em se tratando de matérias pagas, para causas espúrias, que sejam prejudiciais à comunidade.*
>
> *Os administradores públicos serão julgados sem paixões, com absoluta isenção de ânimos. Lutaremos pela consolidação das liberdades democráticas, dentro da ordem e das responsabilidades, e pela defesa dos direitos do homem, inscritos na Carta das Nações Unidas.*
>
> *Nossos inimigos serão o subdesenvolvimento, a doença e a ignorância. Se, porém, amanhã, deixarmos de cumprir isto a que agora nos comprometemos, pedimos, desde já, aos nossos leitores, que não adquiram nas bancas a Tribuna da Bahia, para que ela desapareça como um fruto pêco.*

Devido ao período de exceção em que vivíamos, depois do primeiro número, a *Tribuna* circulou sem o tradicional espaço do editorial, isto porque se não podíamos expressar a nossa opinião, era melhor que o editorial do jornal fosse suprimido, o que não impediu o jornal de se posicionar e emitir opinião por meio da seleção das fontes entrevistadas, dos temas das matérias selecionadas e a maneira como as mesmas eram editadas.

A *Tribuna* começou também sem apresentar página específica com notícias policiais. Quintino preferia que as notícias de polícia fossem diluídas no corpo do jornal entre as demais notas e reportagens. No primeiro número da *Tribuna da Bahia*, minha primeira reportagem publicada, apesar de não ter sido assinada, foi de cunho policial e saiu como manchete do 2º Caderno, ocupando toda a página ao lado de um anúncio, com o seguinte título: "Quem matou Claude Marie?" sobre um possível assassinato ou suicídio de Claude Marie Louise Pernot, ocorrido no Edifício Nápoles, na Barra, que repercutiu muito em Salvador e que estava sendo investigado pelo delegado Edgard Medrado.

Durante o período em que trabalhei como repórter especial, do jornal *Tribuna da Bahia,* fiz dupla com o fotógrafo Lázaro Torres. Nós tínhamos a missão diária de obter a manchete local da primeira página. Conseguimos várias, mas nem todo dia era dia de peixe. Lázaro era um excelente fotografo, além

de contista, romancista, dono de uma personalidade marcante e voz autoritária. Ele armava o cenário que desejava para produzir suas fotos.

Lembro de uma matéria que fizemos sobre o trem suburbano da Leste quando ele arrumou todo o cenário dentro do vagão de passageiros, determinando onde as pessoas iam sentar e colocar suas respectivas bagagens incluindo galinhas e outros animais. Ele reclamava e orientava as pessoas humildes e todos obedeciam à sua voz de comando para então posarem para as fotografias. Até mesmo em solenidades no Palácio do Rio Branco onde os governadores despachavam, tive oportunidade de ver Lázaro subir em mesas e cadeiras para obter um melhor ângulo para suas fotos. E ele sempre conseguia emplacar fotografias diferentes na primeira página da *TB*.

* * *

Numa outra situação, a *Tribuna da Bahia* vinha promovendo uma campanha para melhorar o trânsito de Salvador que estava um caos. De tanto bater na tecla, o governo resolveu substituir o diretor do DETRAN pelo então Major Flodoardo Azevedo. A dupla, eu e Lázaro, fomos à posse do novo diretor na Secretaria de Segurança Pública e ele tinha que obter uma foto diferente para a primeira página. Quando o Secretário de Segurança e o novo diretor empossado saíram do gabinete e vinham andando no corredor em direção dos jornalistas que os aguardavam, Lázaro Torres surpreendeu a todos ao pular a cordinha que limitava a área dos jornalistas e saiu correndo em direção aos dois e, quando próximo, atirou-se de joelhos ao chão enquanto clicava sua máquina várias vezes. O resultado foi publicado na *Tribuna*: uma foto do Flodoardo, assustado e com olhos arregalados. Transmitia aos leitores que era com aquela expressão assustada que ele assumia a tarefa de solucionar o caótico trânsito de Salvador. A fotografia passou a ser utilizada todas às vezes que tinham que ilustrar alguma fala do diretor do Detran.

* * *

Quando a *Tribuna da Bahia* completou 40 anos de circulação, no dia 21 de outubro de 2009, a geração de jornalistas formada por Quintino de Carvalho colaborou com depoimentos sobre o jornal. Na oportunidade escrevi o texto que segue abaixo, que foi publicado com o seguinte título: "Jornalismo ético e praticado como profissão":

A Tribuna da Bahia, que comemora 40 anos de circulação, contribuiu para a formação de uma geração de jornalistas na Bahia: "A Geração TB", uma geração que passou a cuidar do Jornalismo com ética e como uma profissão. O surgimento da Tribuna coincidiu com o período de mudanças significativas para o jornalismo brasileiro em geral e o baiano em particular, que passou a ser muito mais profissional do que boêmio. A Tribuna surgiu num momento em que o jornalismo convivia com um regime de exceção durante o qual coexistiam as arbitrariedades e a censura. A censura e o regime militar limitaram fortemente o desenvolvimento dos meios de comunicação, embora não conseguissem impedir que os profissionais sérios buscassem alternativas para desempenhar as suas funções sociais básicas. Foi durante esse período que a imprensa nacional e a da Bahia e, em especial, a Tribuna da Bahia, passou a desenvolver um Jornalismo de prestação de serviços à comunidade.

Na verdade, tudo começou no ano de 1968 quando, sob o comando de Quintino de Carvalho, foi montado o que ficou conhecido como Escolinha TB. A escolinha funcionou de 1968 até o dia do lançamento da Tribuna da Bahia, 21 de outubro de 1969. No período da Escolinha TB, Quintino selecionou, entre universitários, a equipe que iria compor o primeiro quadro de redação do jornal e desenvolveu as "Normas de Redação" que foram adotadas pela Tribuna. O texto resultou numa pequena brochura, cujas regras eram lidas e seguidas por todos como se fosse uma bíblia.

Naquele tempo, produzíamos matérias e fotografias, que passaram a constituir a base do acervo fotográfico da TB, o primeiro jornal a ser impresso no sistema offset do Norte e Nordeste do país. Trabalhei, assim, quase um ano, em um "jornal Fantasma", pois cobríamos todos os eventos, estávamos presentes a tudo como se o jornal estivesse circulando, mas não chegava a ser impresso. Todo o material era trabalhado, saindo das mãos dos repórteres, para as dos redatores, seguindo para a secretaria onde eram diagramadas. O processo se encerrava aí, pois as máquinas de composição e impressão ainda estavam sendo instaladas. Posteriormente, com a rotativa montada, na fase de testes, foram impressos alguns números "zero" com circulação interna, que serviram para os ajustes finais antes do lançamento da primeira edição.

A Tribuna da Bahia surgiu com projetos, gráfico e editorial, arrojados para a época, valorizando o espaço em branco, seguindo o exemplo do Jornal da Tarde, de São Paulo. Além de trabalhar com fotos grandes, os textos das matérias da TB esgotavam o assunto, abordando todos os aspectos e ouvindo as fontes necessárias. Repórteres e fotógrafos tinham a missão de buscar a manchete local e as fotos da primeira página. Perseguíamos também o "furo jornalístico" e sempre publicávamos matérias exclusivas, abordando temas e ângulos como nenhum outro jornal de

Salvador havia feito. Por tudo isso, o lançamento da TB, em 1969, se constitui como um marco na história contemporânea da imprensa baiana porque inovou na tecnologia e na forma de apresentar o conteúdo das informações aos seus leitores.

* * *

No primeiro exemplar da *Tribuna da Bahia*, do dia 21 de outubro de 1969, que guardo autografado por vários membros da equipe de fundação, constam os autógrafos dos seguintes jornalistas: Quintino de Carvalho, Sérgio Gomes, Osvaldo Gomes, Sérgio Mattos, Zoroastro Sant'Anna, Jacinto Prisco, Sérgio Amado, Cidélia Argolo, Walter Baraúna, José Carlos Menezes, entre outros.

Muitos foram os colegas que integravam a primeira equipe fundadora da *Tribuna da Bahia*. Tentarei lembrar todos os nomes, mas é possível que alguns fiquem de fora: Elmano Castro (diretor-proprietário), Milton Cayres de Brito (superintendente), Quintino Carvalho (editor-chefe), Tácio Feitosa (gerente de publicidade), Paulo Portela, Prof. Luís Henrique Dias Tavares (responsável pela implantação do Arquivo). Na redação, além de Quintino tínhamos: Misael Peixoto (um jornalista experiente que já havia trabalhado no *Jornal da Bahia* e que exercia a função de Secretário Gráfico, responsável direto pelo projeto gráfico e a diagramação), Sérgio Gomes (Subeditor), Osvaldo Gomes e Marcos Rossini (Secretários de Redação), Sérgio Mattos (começou como repórter especial, depois passou a ser redator do Raio Laser/político e depois passou a exercer a Chefia de Reportagem no lugar de Marcos Palácios e após a morte de Quintino retornou à reportagem especial), Carlos César Pancho Gomes[27] (foi o primeiro chefe de reportagem, tendo sido logo substituído por Marcos Palácios), Paulo Sérgio Brandão (escrevia sobre automobilismo), Antonio Matos (editor de Esportes), Albino Castro (substituiu Antonio Matos na editoria de Esportes) Roberto Pessoa, Jaílson Farias, José Augusto Oliveira, Wellington Cerqueira, Marcelo Cordeiro, Bisa Junqueira Ayres, Edyala Yglesias, Suzana Nazaré de Andrade, Jacinto Prisco, Alberto Luiz Baraúna, Felipe Jucá, Ruy Espinheira Filho, Aécio Pomponet, Edgard Telles, Tasso Franco, Pedro Formigli, Paolo Marconi, Rino Marconi, Lázaro Torres, Manuel Bonfim, Roberto Duarte, Marcos Palácios, Ivan Carvalho (editor de política e da coluna Raio Laser, que até fins de 2013 ainda escrevia comentários políticos na *TB*. Ele faleceu em 2014), Sérgio Amado (editor internacional foi

[27] Pancho Gomes morreu em 16/7/2014.

substituído por Zoroastro Sant'Anna), Paulo Bicas, Renato Ferreira (editor de economia), Prof. Gabriel Saraiva (o nosso rádio-escuta), Marcos Rossini, Irani Rossini, Cláudio Fonseca, João Fontenelle, Sérgio Maciel.

Alguns meses após o lançamento oficial do jornal outros jovens foram chegando e passando a integrar a equipe como Cláudio Fonseca, José Valverde, João Fontenelle, Clarindo Silva, Almir Fonseca, Vera Martins, Marcos Dantas, Vera Dantas, Celene Medeiros, Sérgio Bôto, Sérgio Tonielo, Marcelo Cordeiro, Césio Oliveira, José Sérgio Gabrielli, Paulo Roberto Sampaio (atual redator-chefe), Ivan Leão, entre muitos outros.

É difícil reconstituir todos os nomes dos editores no início do jornal porque Quintino promovia o rodízio entre suas peças principais, alegando que era necessário para dar dinamismo ao quadro, mas na verdade estava testando quem melhor se adaptava e melhor desempenhava as funções.

***

A *Tribuna da Bahia* começou também com um time de colunistas de primeira grandeza: Maria Luíza Sá (Social), Walter da Silveira (Cinema) Nilda Spencer (Teatro), Ronny Berbert de Castro (Discos), Daniel Ferraz (Livros), Juarez Paraíso (Artes Plásticas), e não posso esquecer o nosso chargista e cartunista Laje, que fazia charge, historinha em quadrinho, caricaturas e ilustrava inúmeras matérias, fossem elas políticas ou de caráter geral. Os repórteres brigavam, no bom sentido, para ter suas matérias ou notas ilustradas por ele, cujo trabalho era considerado e festejado por todos. Laje era extremamente irônico e fazia também comentários sarcásticos quando encontrava algum colega que estava empavonado, com o sucesso subindo à cabeça, soltava frase como esta: "coitado, hoje se considera pavão, amanhã, não será mais do que um espanador".

***

Certa feita, observando o meu interesse pela política eclesiástica e sabendo do meu livre trânsito na Arquidiocese, Quintino de Carvalho me pediu para escrever um artigo em defesa do padre belga José Comblin, que estava enfrentando problemas com os órgãos de segurança devido ao documento básico que ele havia preparado para a Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia. Parte do documento acabou sendo publicado pelos principais jornais do país, o que alarmou ainda mais os órgãos de segurança que vinham acompanhando o

trabalho que ele desempenhava junto às comunidades rurais e então passaram a se concentrar na expulsão dele do território brasileiro.

Depois de entregue o artigo-editorial em defesa do padre, que nunca foi publicado, Quintino passou a me chamar de Comblin, um apelido que pegou pelo menos junto à turma inicial da TB. Analisando hoje a trajetória do Padre Comblin, posso dizer que ter o nome dele como meu apelido, dado por Quintino, foi uma honra devido à grandeza de espírito daquele missionário, que morreu aos 88 anos vítima de um ataque cardíaco no município baiano de Simões Filho.

***

O missionário belga José Comblin chegou ao Brasil em 1958 e passou a ensinar na Escola Teológica dos Dominicanos em Campinas, São Paulo. Ele teve entre seus alunos Frei Betto e Frei Tito. Depois de temporada no Chile, entre 1962 e 1965, ele retornou ao Brasil para trabalhar com Dom Hélder Câmara, no Instituto de Teologia do Recife. Padre Comblin publicou mais de 60 livros, uma obra tão grande quanto as polêmicas que gerava. Ele era considerado como um dos maiores expoentes da "Teologia da Libertação". Foi ele também quem lançou, em 1969, as bases para a "Teologia da Enxada", fundamentada em reflexões a partir da realidade dos agricultores e na vivência nas comunidades rurais.

Para desenvolver suas ideias que incomodaram, com a mesma intensidade, tanto os dirigentes do regime militar como os do poder central da Igreja, Padre Comblin se inspirou no Padre Ibiapina e no Padre Cícero para criar movimentos de evangelização de cunho popular. Isto porque tanto um como o outro, eram considerados como os grandes missionários do Nordeste e praticavam a pastoral do aconselhamento e da consolação dos oprimidos.

Depois de perseguido pela Ditadura, padre Comblin foi expulso do Brasil em 1971, exilando-se no Chile, de onde também, anos depois, em 1980, foi expulso pelo general Augusto Pinochet. Regressando ao Brasil, radicou-se na Paraíba onde se dedicou ao trabalho de evangelização popular. Em 2010, estava trabalhando no município de Barra, na Bahia, com o bispo Dom Luiz Cappio, que ficou famoso por ter feito greve de fome contra a transposição do Rio São Francisco, no governo de Lula, vindo a morrer, em março de 2011, no Recanto da Transfiguração, em Simões Filho, onde estava ministrando um curso.

* * *

A partir do artigo-editorial sobre o padre Comblin, fiquei encarregado também como repórter especial, de incluir no meu roteiro diário, além do Palácio do Governo, Prefeitura, Câmara de Salvador e Assembleia Legislativa, a Arquidiocese de Salvador. Com isso, praticamente tudo o que saía publicado na *Tribuna da Bahia* sobre a Igreja na Bahia, de certa forma eu estava por detrás.

* * *

Dentre as entrevistas marcantes que fiz dentro do seio da Igreja, registro a que realizei com Dom Bernadino Piñera, bispo de Tenuco, Chile, e que a *Tribuna da Bahia* publicou sem cortes e sem ter sido importunada pela censura local. A matéria, assinada por mim, foi publicada na contracapa do 2º Caderno, do dia 24 de novembro de 1969, ocupando todo o espaço da página, com o seguinte título: "Igreja deve entender opções dos padres. Opinião de bispo." Nesse mesmo ano de 1969, como demonstração de meu interesse pela temática eclesiástica, publiquei uma longa reportagem na revista *Liderança*, nº 13, ocupando cinco páginas, intitulada "A imprensa católica está em crise. E a Igreja?", mas não saiu assinada.

Observe-se que a entrevista com Dom Bernadino Piñera foi publicada exatamente 56 dias depois de publicado o Decreto-Lei nº 898, de 29 de setembro de 1969, que passou a ser chamado de Lei de Segurança Nacional.[28] Em seu Art.3º dizia: "A Segurança Nacional compreende, essencialmente, medidas destinadas à preservação da segurança externa e interna, inclusive a prevenção e repressão da guerra psicológica adversa e da guerra revolucionária ou subversiva".

O interessante é que a censura oficial, exercida pelo Ministério da Justiça e Polícia Federal, proibia que determinados assuntos brasileiros fossem publicados, mas fazia vistas grossas, ou seja, não se importava que situações semelhantes às vividas no Brasil fossem publicadas desde que se tratasse de fatos referentes a outros países. No caso dessa entrevista, Dom Bernadino abordou temas e defendeu posições semelhantes às que o clero local defendia, mas que não podiam ser veiculadas, no entanto, as opiniões dele foram e isso, para mim,

[28] O Decreto-Lei nº 314/67 foi substituído pelo Decreto-Lei nº 898, de 29 de setembro de 1969, que passou a ser conhecido como a Lei de Segurança Nacional. Esse Decreto-Lei foi revogado pela Lei nº 6.620, de 17 de dezembro de 1978, um pouco antes de o presidente Ernesto Geisel revogar o Ato Institucional nº 5, no dia 31 de dezembro de 1978.

na época, foi uma surpresa. Sobre o envolvimento de padres e da Igreja na política Dom Bernadino disse:

> *Não se pode pôr um homem fora da Igreja por uma opção política pessoal, mas sua posição pessoal de vida pode colocá-lo numa posição difícil para exercer a carreira sacerdotal. Por isso, pode ocorrer que um padre tenha que decidir seguir a sua vocação ou seguir sua opção política. Em alguns momentos seria inconveniente exercer as duas coisas. Mas isso não significa que ele tenha que ser expulso da Igreja e sim, simplesmente suspenso por algum tempo do exercício sacerdotal para que tenha mais liberdade para atuar e para que a sua atuação não comprometa o resto da Igreja.*

Lembrando que no documento de Medellin a Igreja se comprometeu a lutar pela Justiça, pela promoção humana, pelo desenvolvimento econômico e pela integração continental e pelas mudanças das estruturas econômica e sociais, provoquei Dom Bernadino Piñera que disse exatamente o que eu queria ouvir e publicar, dando assim a minha contribuição para esclarecer os leitores e ajudar na formação da opinião pública:

> *A igreja é contra a violência física, não é contra a violência moral. A violência moral consiste em lutar pela Justiça, em forma de exercer uma pressão na opinião publica e sobre os que estão no poder. Sem recorrer à violência física, que produz habitualmente uma escalada de violências, que muitas vezes são as causas de maiores injustiças do que aquelas que se pretende combater. A violência moral, a violência de Mahatma Ghandi, a violência de Luther King, a violência de São Francisco de Assis, é a violência cristã, evangélica, que a Igreja faz. [...] a melhor maneira de se evitar a violência física é o uso da violência moral, para denunciar a violência institucionalizada, que provoca a violência revolucionária.*

* * *

A partir da Escolinha TB, em 1968, e da fundação da *Tribuna da Bahia*, em 1969, posso dizer que Quintino de Carvalho nos passou uma filosofia e um código de ética que foi seguido à risca. Sua filosofia era construir um jornal voltado para os grandes problemas da comunidade. Um jornal sério, ético, atuante e que apresentasse um conteúdo rico. Como código de ética, o princípio básico que ele defendia era que o jornalista fosse um profissional moderno, sem vínculos escusos nem interesses subalternos. E como líder inconteste daquele grupo de jovens, ele foi o exemplo de capacidade de trabalho e de humildade.

Ele nos ensinou que jornalista não era notícia, era o responsável por produzi-la de modo verdadeiro e fiel aos fatos, sem meias verdades.

Na *Tribuna da Bahia* tive oportunidades de realizar várias matérias e fotografias especiais, de ser responsável por várias manchetes locais do jornal. Mas não assinávamos nem as matérias nem as fotografias. Isso só aconteceu um pouco mais adiante quando estávamos mais conscientes e elaborando melhor os textos. Lembro que um dia Quintino me chamou e disse:

– Comblin, a *Tribuna* não pode mais tomar furo do jornal *A Tarde* com relação às notícias da Polícia Federal. Inclua no seu roteiro passar diariamente na PF e colher informações sobre possíveis "aparelhos subversivos" que foram estourados.

Não gostei muito da nova tarefa, mas de posse de uma carta de apresentação me dirigi à Polícia Federal, cujo escritório funcionava entre o atracadouro da Companhia de Navegação Bahiana e o Mercado Modelo. Ao chegar lá tive que ficar aguardando numa sala imensa, com mesa de reunião ministerial, o coronel Luiz Artur de Carvalho, enquanto ele falava com o subdelegado e deu para ouvir claramente: "Guarde este material em sua gaveta para divulgarmos depois".

Feito isso o subdelegado passou a falar ao telefone enquanto o coronel veio falar comigo, quando lhe apresentei a carta de Quintino que ele leu com desdém e disse que nada tinha a informar e que, quando tivesse, nos passaria. Deu-me as costas e entrou em seu gabinete. Em seguida, de maneira ousada, para não dizer irresponsável, me dirigi até a mesa do subdelegado que acabara de concluir a conversa telefônica, e falei:

– O Coronel disse para o senhor me passar o material para divulgação – como ele tinha me visto conversando com Luiz Arthur, de imediato abriu a mesa e me entregou um envelope sem pestanejar.

Saí da delegacia regional da Polícia Federal voando direto para a redação da *Tribuna da Bahia*. Lá, juntamente com Quintino, analisei o material relativo a mais um estouro de "aparelho subversivo". O assunto foi manchete na *Tribuna* e pela primeira vez furamos o jornal *A Tarde* no que diz respeito aos assuntos cuja fonte era a Polícia Federal. O jornalista Judélio Carmo, amigo de Luiz Arthur, era quem conseguia todas as informações para o *A Tarde,* pois o Coronel, além de leitor do vespertino da Praça Castro Alves, não gostava muito

do estilo de fazer jornalismo da *Tribuna*, que, no seu modo de ver as coisas, estava cheia de "subversivos".

Tendo a matéria sido publicada foi um Deus nos acuda, pois Luiz Arthur se dirigiu ao jornal para me prender, tendo em vista meu comportamento, mas depois de muito disse me disse, Quintino conseguiu contornar a situação e fizeram um acordo no sentido de que todas as vezes que a PF tivesse algo a divulgar passaria a convocar todos os jornais, deixando de privilegiar apenas um. O acordo foi feito e cumprido, mas nunca mais eu voltei a fazer cobertura na Polícia Federal. Minha intervenção, "ousada", serviu para quebrar o monopólio de fonte de informação mantida por Judélio Carmo, que ficou meu amigo depois do episódio e com o qual trabalhei no *A Tarde* até que ele resolveu entrar para a política, sendo eleito prefeito de Alagoinhas. Após seu período político, ele voltou a colaborar com o jornal, principalmente com o suplemento *A Tarde Municípios*.

***

Além dessa experiência com a Polícia Federal, tive outra também envolvendo o coronel Luiz Arthur quando já estava na chefia da reportagem da *Tribuna*. Uma tarde do meio da semana, encontrava-me sozinho na redação quando recebi um telefonema de uma pessoa que se identificou como sendo ele, para comunicar que tal assunto assim e assim, não lembro qual, estava proibido de ser publicado. De imediato disse que não podia aceitar uma ordem de censura pelo telefone, pois não sabia que a pessoa que estava do outro lado da linha era realmente quem dizia ser. Ele perguntou meu nome e, após obtê-lo, desligou o telefone em minha cara.

Dez a quinze minutos depois, ele entrava na redação do jornal, que tinha uma portinhola do tipo de bar dos filmes de bang-bang americano, e com um vozeirão perguntou:

– Quem é Sergio Mattos? – Eu me levantei e ele se dirigiu até minha mesa, pegou um pedaço de papel, onde estava a ordem de proibição e ameaçou:

– Aqui está a proibição, se sair alguma coisa publicada no jornal sobre este assunto, eu venho pessoalmente aqui te prender. – E foi embora enquanto eu tremia que nem vara verde, além de estar preocupado em repassar a informação para Quintino, Sérgio Gomes, Osvaldo Gomes e demais editores.

No tempo do AI-5, os pedaços de papel com as ordens de proibição de veiculação de assuntos era uma prática comum nas redações dos jornais. Paolo Marconi, meu colega de turma no curso de Jornalismo da UFBA e também da *Tribuna da Bahia,* colecionou várias dessas ordens de censura e, posteriormente, lançou o livro intitulado "*A Censura Política na Imprensa Brasileira: 1968-1978*". A censura no período da Ditadura de 1964 e outras também me levaram a pesquisar o assunto sobre o qual lancei três livros[29], além de ter publicado inúmeros ensaios em revistas especializadas e capítulos de livros sobre o tema.

Sobre os bilhetes de censura desse período escrevi no livro *Mídia Controlada* (Paulus, 2005) o seguinte:

> *A censura, nesse período, era efetuada mediante lacônicos e secos bilhetes dirigidos às redações dos veículos de comunicação ou por meio de telefonemas dirigidos aos editores. Muitos estudiosos [...] já fizeram levantamentos desses bilhetes da censura, tentando classificá-los quanto ao grau de formalidade com que eram transmitidos aos veículos. Segundo o testemunho de vários editores, muitos dos assuntos proibidos eram desconhecidos dos jornalistas, que tomavam conhecimento dos fatos por meio da censura, principalmente aqueles que se referiam ao "estouro de aparelhos subversivos", prisões, torturas e até mesmo alguns sobre epidemias que estavam ocorrendo em algum local do país, como um surto de hemorragia em crianças provocado por mosquitos na região de Altamira, em 1972.*
>
> *A censura, entre 1968 e 1978, utilizou muito os "bilhetes" de proibição. O último deles, que foi encaminhado aos jornais em novembro de 1978, censurava a divulgação de notícias sobre o general Hugo Abreu, que liderava um grupo de militares dissidentes. Entre os inúmeros "bilhetes", de caráter nacional ou regional, sobre todo e qualquer assunto, [...] alguns que têm uma característica específica: visavam proibir as ações e declarações provenientes da Igreja Católica e de seus membros. Nessa época, o papa, bispos e padres foram censurados por meio de ofícios, circulares, bilhetes xerografados ou transmitidos por telex (MATTOS, 2005, p.11).*

* * *

Quintino não vinha bem de saúde e estava com um comportamento um tanto quanto modificado, pois estava esquecendo-se das coisas. Lembro-me que

[29] Sobre censura, além de inúmeros artigos e capítulos de livros, publiquei três títulos:
MATTOS, Sérgio. *Censura de Guerra*: da Crimeia ao Golfo Pérsico. Salvador: SINJORBA, 1991.
MATTOS, Sérgio. *O Controle dos Meios de Comunicação*. Salvador: EDUFBA, 1996.
MATTOS, Sérgio. *Mídia Controlada – a história da censura no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus, 2005.

um dia, um pouco antes de ser hospitalizado, ele chegou até a porta de seu gabinete/aquário e disse "Comblin tenho uma coisa para você fazer..." e não concluiu passando alguns minutos, tentando se lembrar e falou "quando eu me lembrar te digo". Esse foi um dos primeiros sinais que percebi, pois isso não era natural.

Poucos dias antes dele ser hospitalizado tinha havido uma reunião de diretoria na qual lhe foi solicitado preparar e publicar alguma coisa na edição do dia seguinte, o que não ocorreu. Numa manhã de agosto, não recordo o dia, de manhã cedo, quando chegávamos à redação, encontramos uma CI no quadro de aviso comunicando que Quintino havia sido demitido e que Sérgio Gomes estava assumindo o comando da redação. Quando Sérgio Gomes chegou e viu a CI, retirou-a do quadro e se dirigiu à sala de Elmano Castro para dizer que não concordava nem aceitava aquela situação. Deixando a CI sobre a mesa do presidente da empresa, ele se retirou para sua sala onde começou a arrumar seus objetos de uso pessoal para deixar o jornal. Ele ainda não sabia do que havia ocorrido com Quintino.

Com a recusa de Sérgio Gomes, Elmano praticamente se mudou para a redação, sentando-se à mesa da Chefia de Reportagem, onde eu trabalhava, passando a interpelar todos os que chegavam, dando a notícia da demissão de Quintino e, ao mesmo tempo, querendo saber "você fica ou você sai?". Os mais chegados a Quintino começaram a dizer que sairiam do jornal: Sérgio Gomes, Osvaldo Gomes, Pancho Gomes, Cláudio Fonseca, Albino Castro e outros. Eu tinha pouco tempo de casado, disse que continuaria no jornal, mas que não ocuparia nenhum cargo de chefia, colocando de imediato o meu cargo à disposição voltando a ser repórter especial.

Enquanto a redação pegava fogo, num clima tenso com os acontecimentos, o cunhado de Quintino, José Teixeira, chegava ao jornal para tomar informações sobre recolhimentos do INSS e comunicar a situação em que o nosso editor-chefe se encontrava, pois havia sido diagnosticado um câncer no cérebro e que ele precisava viajar para o Rio de Janeiro onde seria operado. A partir de então todos ficaram sabendo o motivo de Quintino estar ausente e de não ter cumprido um pedido/ordem da direção, que voltou atrás e, em vez da demissão, passou a considerá-lo como licenciado, para tratamento de saúde.

***

Quintino foi levado ao Rio, enquanto Sérgio Gomes e Albino Castro para lá se dirigiram, de carro, levando os documentos necessários para sua internação. A emenda, como se diz no popular, saiu pior do que o soneto, pois quem tinha feito a opção de deixar a *Tribuna da Bahia* não voltou atrás e o jornal entrou num período de crise, tendo o professor Milton Cayres de Brito, então, superintendente na empresa, assumido o comando da redação provisoriamente naquele período. Para ajudá-lo, ele levou para o cargo de subeditor, o professor Othon Jambeiro, que era genro dele. Mas o clima já não era o mesmo e, logo após a morte de Quintino, que ocorreu em 20 de dezembro de 1971, eu também deixaria a *Tribuna da Bahia*, o que se consumou em janeiro de 1972, acompanhando a decisão da maioria dos que integravam a equipe de fundadores.

Quintino dirigiu a *Tribuna* de outubro de 1969 a agosto de 1971 quando legalmente foi dado como licenciado para cuidar da saúde, vindo a morrer vitimado por um câncer no cérebro, que já havia se espalhado por todo o organismo, no dia 20 de dezembro de 1971. Eu fui o repórter responsável pela cobertura do seu enterro, cujo cortejo foi seguido por muitos de seus discípulos de jornalismo, familiares e amigos. Quando cheguei à redação encontrei Milton Cayres de Brito dando pressa a todos para adiantar o fechamento do jornal. Disse-lhe que precisava arrumar a cabeça para escrever o texto e ele retrucou: "faça isso logo, pois a vida continua!" Dito daquela forma me pareceu muito seco, mas ele sabia que tinha que controlar o emocional de todos, um grupo de jovens cuja maioria havia nascido entre os anos de 1946 e 1949, para que o jornal continuasse a circular normalmente, como também assim, com toda certeza, o desejaria Quintino.

Transcrevo a seguir o terceiro parágrafo de minha matéria publicada na terceira página do dia 22 de dezembro de 1971, sob o título "Quintino: a gente não morre, fica encantado", na qual registrei uma das muitas conversas que tive com ele, quando chefiei a equipe de Reportagem da TB:

> *Dedicado ao trabalho e líder inconteste da equipe que escolheu, Quintino soube transmitir e dar o exemplo de um jornalista íntegro, preocupado com a comunidade a que servia. Diversas vezes, comentando a falta de áreas verdes em nossa cidade tão ingrata para com suas crianças, tema de sua preferência, ele revelava, com sua preocupação constante, um homem de alma pura, que procurava dar a seu trabalho um caráter de serviço à população.*

O título da matéria, recordo-me disso como se o fato tivesse ocorrido nesse exato momento em que estou escrevendo, foi sugerido por Francisco Ribeiro Neto (Xico Ribeiro), que foi meu colega no São Bento, no GATEB/Colégio Central, na JEC, na *Tribuna da Bahia* e no jornal *A Tarde*.

* * *

O trabalho que desenvolvi como repórter, na *Tribuna da Bahia,* me permitiu amadurecer como jornalista. Contribui para a publicação de inúmeras manchetes locais, além de ter produzidos matérias especiais tanto na capital como no interior. Duas "coberturas de acompanhamento" que fiz (o jornalismo praticado hoje no país já não permite mais este tipo de matéria) e que foram extremamente gratificantes foram: acompanhar o primeiro dia do governador Antonio Carlos Magalhães, em 1971, da hora em que se levantou à hora em que foi dormir; e da mesma forma, o último dia do Cardeal Eugênio Sales à frente da Arquidiocese do Salvador, tendo em vista que havia sido transferido para o Rio de Janeiro. Sobre esta cobertura de acompanhamento, a *Tribuna da Bahia* publicou a seguinte chamada em sua primeira página no dia 23/4/1971:

> *Nós acompanhamos, durante todo o dia de ontem, o roteiro de Dom Eugênio Salles em seu último dia como Arcebispo da Bahia. Ele acordou às 6 horas – mais tarde do que o costume – e se recolheu às 22 horas, depois de um dia de trabalho intenso, no qual ainda achou tempo para cortar o cabelo com o seu barbeiro de sempre. Dom Eugênio fez confissões ao repórter Sérgio Mattos, enquanto Lázaro Torres fotografava seus passos: confessou entre, outras coisas, que a Arquidiocese não lhe pagava salário e que sua despesa pessoal era custeada pelos amigos. Tudo isso na pág.3.*

* * *

O acompanhamento do primeiro dia do governo de Antonio Carlos Magalhães me revelou alguns pontos interessantes como, por exemplo, a importância e influência de Jorge Amado em várias decisões do executivo ao longo do tempo. Além de abrir portas, recomendar e apresentar o trabalho dos contistas, romancistas e poetas baianos, na Academia Brasileira de Letras, Jorge Amado estava sempre antenado com as necessidades da preservação da memória e da cultura baiana.

O almoço daquele primeiro dia do governador foi realizado na casa do romancista, na Rua Alagoinhas, no Rio Vermelho, onde, já estavam aguardando a chegada de ACM, Jorge Amado e Zélia Gattai, James Amado e Luíza (esposa

de James e filha de Graciliano Ramos), Dorival Caymmi e o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, José de Azeredo Perdigão, que acabou assinando, em 1972, um convênio com o Governo da Bahia para auxiliar na execução dos projetos de restauração do Pelourinho[30], que se enquadrava plenamente no interesse da Fundação em preservar a arquitetura barroca luso-brasileira, recuperando núcleos históricos de origem portuguesa.

José de Azeredo Perdigão (19/9/1896-10/09/1993) foi presidente vitalício da Fundação Calouste Gulbenkian, fundada em 1956, para funcionar como uma instituição portuguesa cujos fins estatutários são a arte, a beneficência, ciência e a educação. Azeredo Perdigão veio à Bahia em 1971 para a posse de Antonio Carlos Magalhães. Jorge Amado, interessado na preservação do Pelourinho, onde morou na juventude e por ser a fonte de inspiração da maioria de seus personagens, promoveu a aproximação entre os dois, intervindo, assim, indiretamente, também na recuperação do Centro Histórico de Salvador.

* * *

Jorge Amado teve também participação ativa na restauração e preservação de uma série de monumentos históricos da Bahia, tais como a casa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte[31], no município de Cachoeira, quando fez publicar, no jornal a *Folha de S. Paulo*, no dia 27 de janeiro de 1995, uma carta aberta aos poderosos do país, intitulada "Tomo da Cuia de Esmoler",

[30] Por uma questão de justiça deve-se aqui registrar que quem deu o ponta pé inicial para a restauração do Centro Histórico de Salvador foi o governador Luís Viana Filho, quando em setembro de 1967 criou a Fundação, hoje Instituto do Patrimônio Artístico e Cultura (IPAC), o primeiro órgão a existir com o objetivo de preservar o patrimônio cultural fora da esfera federal. Na época ACM era prefeito de Salvador. O levantamento socioeconômico do Pelourinho foi iniciado em 1967 sob coordenação de Vivaldo Costa Lima. Era secretário da Educação na época o professor Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito e o diretor do DESC, o professor e historiador Luís Henrique Dias Tavares. Em 1969 foi iniciado o período de intervenções físicas e desapropriações no Pelourinho. O governador da Bahia, Antonio Carlos Magalhães, e o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, José Azeredo Perdigão, assinaram, em 1972, o convênio para auxiliar na execução dos projetos na área do Pelourinho. ACM foi o governador que abraçou com dedicação, como nenhum outro até agora, a causa da defesa e da restauração do centro histórico de Salvador em suas três gestões.

[31] A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte surgiu nas primeiras décadas do século XIX, 1820, na Barroquinha, em Salvador, tendo se transferido depois para a cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Ao longo de sua história, a Irmandade obteve apoio de artistas, personalidades e políticos de destaque tais como: Jorge Amado, Emanoel Araújo, Antonio Carlos Magalhães, Adenor Gondim, Hansen Bahia, Pierre Verger, Carybé, Dorival Caymmi e muitos outros.

solicitando a reforma dos casarões da Irmandade. A solicitação do escritor foi atendida pelo Governo do Estado da Bahia.

Destaca-se também o empenho do maior romancista baiano em defesa do território do Ilê Axé Iyá Nassô Oká, um dos mais antigos do Brasil, conhecido como Terreiro da Casa Branca, no ano de 1982. Sua intervenção foi fundamental para a preservação do terreiro que primeiro foi reconhecido como Patrimônio Cultural da Cidade do Salvador pela Prefeitura, que também o tornou Área de Preservação Cultural e Paisagística do Município por decreto publicado no ano de 1982. Situado na Av. Vasco da Gama, Rio Vermelho de Baixo, a Casa Branca foi tombada também em 1984, como Patrimônio Histórico do Brasil. O Ilê Axé Iyá Nassô, com mais de 300 anos de existência, é também considerado como sendo o primeiro Terreiro de Candomblé da Bahia, o mais antigo santuário da religião dos Orixás.

Se isto não fosse suficiente para termos uma ideia da influência exercida por Jorge Amado, em defesa da cultura afro-baiana e do patrimônio arquitetônico da Bahia, devemos lembrar ainda que, em 1946, então Deputado Federal pelo Partido Comunista, ele foi o responsável pela Lei de Liberdade de Culto incorporada à Constituição de 1946, beneficiando as religiões de origem africana.

Nunca tive uma aproximação íntima com ele, de frequentar sua casa, por exemplo, mas isso nunca o impediu de comentar meus livros, de solicitar publicações no jornal, como também de me prestigiar comparecendo, quando possível aos meus lançamentos, como o fez em Fortaleza, quando lá lancei *O Vigia do Tempo* e ele, devidamente acompanhado de Zélia, compareceu ao lançamento.

Aliás, em Fortaleza, eu banquei o seu guia e motorista, tendo em vista que fui ao Ceará de carro, um Chevette, e lá fomos a vários restaurantes típicos que não constavam na lista dos recomendados. Como bom baiano ele era um bom gourmet e descobriu uma série de locais onde serviam uma boa comida.

***

Outro trabalho jornalístico gratificante que produzi na *Tribuna da Bahia* foi a produção dos textos e fotos de um caderno especial sobre Sergipe, que produzi em pouco mais de 20 dias, tendo escrito todos os textos e produzido fotografias, com exceção das que me foram cedidas pelo governo sergipano. O

caderno especial foi publicado com minha assinatura, intitulado "Agora você vai conhecer Sergipe – são 16 páginas que contam o seu progresso, sua tradição, sua cultura"[32], foi publicado no dia 18 de junho de 1971. Durante o período em que fiquei em Sergipe quem também estava lá, angariando anúncios, foi Tácio Feitosa, o gerente de publicidade da *Tribuna*.

***

Mas para ser repórter é necessário também coragem. Recordo outro episódio no qual me utilizei da ousadia para obter dados a partir da observação pessoal. No dia 4 de março de 1971 fazia parte da equipe credenciada pela *Tribuna da Bahia*, junto aos órgãos de segurança, para fazer a cobertura da reinauguração do Estádio da Fonte Nova, que ganhou um anel superior triplicando sua capacidade de 25 para 86 mil torcedores. A festa contou com as presenças do então presidente do Brasil, o general Emílio Garrastazu Médici e do presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, além do governador Luís Viana Filho e do futuro governador indicado Antonio Carlos Magalhães.

Devidamente credenciado, eu estava fazendo a cobertura, inclusive fotográfica, a partir da tribuna de honra do estádio quando ocorreu, possivelmente até hoje, a maior tragédia do futebol brasileiro. Centenas de pessoas despencaram do lado oposto ao da tribuna de honra, do anel superior do estádio como se fosse uma cascata humana. O resultado foram algumas mortes e mais de duas mil pessoas feridas. Os números exatos nunca foram fornecidos devido aos rigores da censura durante o governo Médici. A reinauguração da Fonte Nova ampliada era para ser uma grande festa e acabou numa tragédia.[33]

[32] Quintino de Carvalho e Sérgio Gomes avaliaram o trabalho feito como de "excelente conteúdo", que dava uma ideia concreta sobre o estado de Sergipe e decidiram que o caderno, de 16 páginas, sairia assinado por mim. Como eu já não me encontrava na redação na hora do fechamento, Sérgio Gomes redigiu o texto de apresentação do caderno e colocou meu nome.

[33] A festa de reinauguração da Fonte Nova ampliada, com uma rodada dupla (Bahia X Flamengo e Vitória X Grêmio) foi precedida por uma onda de boatos, tendo em vista a pressa com que a obra estava sendo conduzida para ser inaugurada nos últimos dias do governo de Luís Viana. Havia uma desconfiança geral, reproduzida como boato, de boca em boca, na cidade de que a obra não resistiria a tanto peso. A apreensão era grande e no dia da inauguração o estádio estava lotado com sua capacidade total. Bastou que diante de um pipoco provocado numa das torres de refletores e alguém gritando que a "A fonte Nova está caindo" para que a multidão entrasse em pânico e saísse correndo, provocando a queda e pisoteio de inúmeras pessoas, ao

Mas o que quero relatar mesmo foi o que aconteceu no dia seguinte quando o presidente Médici antes de retornar a Brasília resolveu visitar os feridos da tragédia do dia anterior. Ele se dirigiu ao Hospital das Clínicas, da UFBA, e a imprensa acompanhou o cortejo oficial, mas, apesar dos repórteres estarem devidamente credenciados com crachás fornecidos pelos órgãos de segurança, fomos colocados ao lado da entrada do hospital onde uma corda nos separava do acontecimento e vários seguranças impediam a nossa entrada.

Diante do impedimento, voltei ao fusquinha da *TB*, tirei o paletó e a gravata, arregacei as mangas da camisa, coloquei alguns livros debaixo do braço e pude entrar livremente no recinto como se fosse aluno de medicina. De imediato, acompanhei o fluxo das autoridades, dirigindo-me ao pavimento onde Médici e Luís Viana estavam visitando os acidentados e pude estar a menos de dois metros do Presidente, ora na cabeceira do leito hospitalar, ou do outro lado, acompanhando de perto o que ele dizia a cada um dos feridos. É o que pude relatar em minha matéria posteriormente publicada. Considerando os riscos que corri ao driblar a segurança, mais uma vez fui ousado na busca da informação.

Essa ousadia foi o que, de certa forma, contribuiu para me destacar na equipe de reportagem, pois nunca me deixei intimidar nem de tentar vencer os obstáculos. Quando uma tarefa me era confiada, eu a cumpria de qualquer modo, transformando até mesmo uma simples matéria de buracos de rua, por exemplo, numa reportagem fundamentada em dados. Assim, podiam-lhe conferir o grau de matéria de cunho econômico, diante dos custos que a Prefeitura teria que investir na obra, da quantidade do asfaltado necessário, números horas e de homens trabalhando, além do cronograma e prazos da empreitada que tinha o objetivo de acabar com os buracos da cidade. Essa figura do repórter criativo, empreendedor e obstinado foi a que procurei adotar e seguir. Aliás, confesso, sempre fui compulsivo, dedicado e disciplinado nos trabalhos que realizo.

Como repórter, sempre estive atento a tudo o que ocorria ao meu redor. Foi assim também que consegui publicar um "furo" com um ano de atraso. Estava eu cumprindo com meu roteiro diário, tendo saído da Assembleia Le-

tempo em que algumas pulavam, ou eram empurradas, do anel superior caindo como uma verdadeira cascata humana no piso de baixo. Depois de um segundo acidente, o estádio da Fonte Nova foi completamente derrubado e reconstruído durante o governo Jacques Wagner, tendo sido reinaugurado pela presidente Dilma Rousseff, no dia 5 de abril de 2013. Com uma estrutura adequada e moderna sediou jogos da Copa das Confederações, em 2013 e os da Copa do Mundo em 2014.

gislativa, que funcionava no Prédio da Associação Bahiana de Imprensa (ABI), na Praça da Sé, e subindo os degraus do Palácio da Arquidiocese, também na Sé, quando ouvi um padre e uma freira comentando sobre o desaparecimento das joias do Pilar. Fiquei na escada marcando passo, subia um degrau e descia um degrau, sem sair do lugar, com a boa audição que possuía fiquei sabendo o suficiente para acabar de subir a escada e me encontrar com Monsenhor Sadoc, então vigário geral da Arquidiocese e que sempre atendia aos jornalistas. Na hora do cafezinho blefei:

– Padre Sadoc, estou com as informações sobre o desaparecimento das joias da Igreja do Pilar, mas gostaria de publicar exatamente quais as que desapareceram e em que circunstâncias aconteceu a fim de não publicar dados distorcidos.

O que falei foi como um choque para ele, que parou de tomar o cafezinho, respirou fundo, pensou um pouco e me convidou a acompanhá-lo a outra sala. O resultado foi a manchete publicada pela *Tribuna da Bahia*, no dia 3 de dezembro de 1971:

Confirmado o roubo das joias do Pilar

275 brilhantes desapareceram do cofre da igreja

Seguindo-se à manchete tinha um texto-chamada para a matéria publicada na página interna. No dia seguinte, correspondentes dos principais jornais nacionais e os demais jornais da terra acompanharam o assunto. Na suíte que fiz do tema, a *Tribuna da Bahia* fez registrar o "furo" que havíamos dado, num quadro na primeira página, como chamada para a matéria publicada na terceira página, onde apresentei novos detalhes:

Roubo do Pilar:
Salvem o Patrimônio Artístico
Confirmado sensacional furo da Tribuna

Reconhecendo o "desaparecimento de quase todas as joias da Igreja da Nossa senhora do Pilar", o arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, divulgou ontem nota oficial da Arquidiocese apelando para o fato, que se constitui em "terrível e dramático desafio para todos, uma vez que interessa ao Patrimônio Artístico da Bahia". São, ao todo 271 brilhantes, 29 rubis e 14 esmeraldas, além de um círculo de topázios queimados para a custódia.

Argumenta o arcebispo que "não permitiremos qualquer espécie de injustiça contra quem que quer seja, nacional ou estrangeiro". Um técnico da Polícia já está acompanhando as investigações, assessorando diretamente a comissão nomeada pelo arcebispo para ouvir o maior número possível de pessoas ligadas à igreja do Pilar. As joias, na pág. 3.

Esta foi uma das últimas manchetes que consegui emplacar no jornal *Tribuna da Bahia* no trabalho anônimo de jornalista, tendo em vista que pouco tempo depois, em 19 de janeiro de 1972, me desliguei do jornal.

***

Na *Tribuna* tive oportunidade de acompanhar e aprender todas as etapas da produção jornalística, pois, tirando o tempo gasto na apuração das notícias, quando repórter, e as saídas para assistir aulas na UFBA, eu passava o resto das horas do dia lá, só saindo tarde da noite, após o fechamento das edições. Conversava muito com Misael Peixoto sobre a diagramação das matérias, o que me foi de grande importância quando idealizei e projetei o *Jornal de Utilidades* e outros suplementos especiais no jornal *A Tarde*. O *Jornal de Utilidades* foi uma espécie de laboratório de experiências gráfico-editoriais do jornal *A Tarde* visando à implantação do sistema offset.

***

No período em que estive na *Tribuna da Bahia* passei a me interessar pelo esoterismo[34], tendo publicado inúmeras reportagens e artigos sobre a temática. A fase esotérica foi vivenciada novamente nas décadas de 1980 e 1990, com experiências a serem relatadas. Dentre as matérias publicadas destacam-se: "A serpente está em nós" (publicado na edição do dia 13/7/1970), sobre como utilizar o sexo para despertar o Kundalini, para abrir a Flor de Lotus e ter acesso ao mundo espiritual; "Nem só os santos possuem auras. Você também tem" (publicado no dia (29/8/1970), instruindo o leitor a fazer ele mesmo a experiência e descobrir qual era a mais brilhante, se a dele ou a do amigo. Para tanto o artigo/reportagem foi baseado no "método das cores complementares de Walter

[34] O esoterismo é um conjunto de ensinamentos religiosos ou espiritualistas que tem o objetivo de iniciar o indivíduo no caminho do autoconhecimento e da paz. O esoterismo é também o nome que abriga um conjunto de tradições e interpretações filosóficas das doutrinas e religiões que procuram descobrir o que supostamente estaria oculto. Segundo Madame Helena Blavatsky, uma das criadoras da moderna Teosofia, o termo "esotérico" se refere ao que está "dentro" e "exotérico", refere-se ao que está "fora". O tarô, a numerologia, a astrologia e a quiromancia são exemplos de práticas esotéricas.

J. Kilner; "Não fique vidrado, é hipnotismo" (publicado no dia 16/10/1970), baseado em pesquisa, entrevistas com professores de parapsicologia e no livro do major Arthur Powell, *O Duplo Etérico*, que aborda também o mesmerismo; "Quando o fim do mundo chegar..." (publicado no dia 31/10/1970) abordando as profecias de São Malaquias, São Mateus, São Lucas e Nostradamus, entre várias outras.

Juntamente com o amigo e companheiro de redação Ivan Carvalho, líamos e discutíamos vários textos e livros esotéricos, dentre os quais os de autores como Erich Von Däniken, dedicados a astrologia, arqueologia e ufologia, a exemplo de *Eram os Deuses Astronauta?*

Nessa época me associei à Sociedade Teosófica, passando a ter acesso a uma biblioteca requintada e específica. Li tudo o que foi possível, principalmente os livros que não eram encontrados com facilidade nas livrarias. Continuei as pesquisas esotéricas quando passei a trabalhar em *A Tarde*, onde também publiquei alguns artigos a exemplo de uma série de três artigos intitulados "As profecias que abalam o mundo", publicadas em sequência, nos dias 20, 21 e 22 de novembro de 1973. E ainda "Você acredita em horóscopo" (20/12/1973), na qual analisei a prática da Astrologia ao longo da história, principalmente na Idade Média, quando a Astronomia[35] exerceu forte influência nos intelectuais. Anos mais tarde, o esoterismo se fez presente novamente em minha vida por meio de meu interesse em estudar as cartas do tarô cigano e a quiromancia.

A fase esotérica influenciou também na minha produção poética. O poema intitulado "Burguês Desamparado", publicado no livro *Nas Teias do Mundo* é um exemplo disso, entre vários outros:

> *Ao meu lado as palavras são dardos*
> *que ferem e não matam.*
> *O meu sangue sobe às faces*
> *e não desce.*
> *Cheio de Tristeza, procuro o silêncio*
> *e na penumbra, ferido e despojado,*
> *tento encontrar a TIGELA DE OURO.*

[35] A Astronomia e a Astrologia têm uma origem comum, mas hoje elas apresentam diferenças entre si. Astronomia é uma ciência exata que estuda a origem, evolução, composição, classificação e a dinâmica de todos os corpos celestes. A Astrologia se concentra apenas em um determinado grupo de astros, tentando identificar a relação entre suas posições e deslocamentos no céu com o destino e o comportamento dos seres humanos.

Com a espinha torcida no dorso
espero a aurora com remorso,
pois gostaria de flutuar no espaço
preso a um CORDÃO DE PRATA,
Numa cálida noite de lua. (1969)

***

Foi durante o período da *Tribuna da Bahia* que conheci também um dos mais completos jornalistas baianos: Ariovaldo Matos. Frequentei muito o escritório de Ari, como o chamávamos, instalado na Rua Chile. Como repórter político, sempre passava lá no final da tarde. No jornal *A Tarde*, já na sede da Av. Tancredo Neves, aos sábados, quando saía da redação, eu passava em sua casa, próxima do Colégio Militar, no bairro da Pituba, onde no jardim, desfrutando da sombra de uma frondosa árvore, sempre o encontrava para um bom bate-papo, tomando um vinhozinho. Ari era um jornalista perfeito, seus textos sempre procuravam a essência dos fatos com clareza e objetividade.

Quando montou a AGATE – Agência de Assessoramento Técnico, Ariovaldo Matos impressionava pela capacidade de produzir press releases para os colunistas baianos, escrevendo no estilo de cada um deles. A perfeição era tanta que ele emplacava as notas nas colunas sem cortes devido ao trabalho de caracterizar cada nota com o estilo de quem assinava a coluna.

Ariovaldo Matos (24/8/1926 - 8/7/1988) trabalhou no jornal *O Momento* e no *Jornal da Bahia* como chefe de reportagem e fundou três semanários. O primeiro foi *Sete Dias*, em 1957, no qual revelou dois nomes de projeção nacional: Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro. Este jornal deixou de circular em 1958. O segundo foi o semanário político *Folha da Bahia*, lançado em 1963, mas que não resistiu ao golpe militar de 1964, tendo sido empastelado. O terceiro, foi o semanário *I.C. – Shopping News da Bahia*. Na criação desses jornais, ele contou com a participação societária de José Gorender, que também o acompanhou na AGATE – Agência de Assessoramento Técnico Ltda, uma das primeiras agências de assessoria de comunicação da Bahia. Como romancista, contista e dramaturgo ele publicou inúmeros livros, dentre os quais se destacam: *Corta Braços* (1955); *Os dias do medo* (1968); *Anjos Caiados* (1979) e muitos outros. Em 1970 ele foi julgado e condenado a nove meses pela Justiça Militar e recolhido à Casa de Detenção, onde continuou a escrever.

* * *

Considerando que sair da *Tribuna da Bahia* era uma questão de tempo, tratei de conseguir um emprego para manter a família e de imediato deixei o jornal, seguindo o exemplo dos colegas da turma dos fundadores, mas nunca rompemos o nosso cordão umbilical com esse jornal, pois a turma de Quintino continua a prestigiá-lo, principalmente em suas datas comemorativas. Fui trabalhar na Assessoria de Imprensa da Secretaria da Agricultura, tendo assessorado o engenheiro agrônomo Raymundo Fonseca, no primeiro governo de Antonio Carlos Magalhães, e com o médico veterinário José Guilherme da Mota, no governo de Roberto Santos, que teve Sérgio Gomes como Secretário de Comunicação.

Muitos anos depois, tive a satisfação de integrar o primeiro Conselho do INDES – Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Litoral Norte da Bahia[36], uma ONG, criada por Norberto Odebrecht em 10 de maio de 1999, ao lado dos dois ex-secretários da Agricultura da Bahia. Odebrecht, um dos empresários mais lúcidos do Brasil, era pernambucano de nascimento, mas construiu toda sua vida na Bahia. Ele morreu aos 93 anos de idade em 19 de julho de 2014.

Não fiquei muito tempo fora de jornal, pois logo fui convidado para o jornal *A Tarde*, onde ingressei no dia 10 de maio de 1972 na função de Editor. Na Secretaria de Agricultura permaneci até agosto de 1976, quando pedi demissão pelo fato de ter sido aprovado em concurso para a UFBA, onde já ensinava como professor-colaborador.

* * *

Juntamente com Ivan Carvalho, trabalhava no setor político do jornal, fazendo a cobertura do Palácio do Governo, Prefeitura, Câmara Municipal (todos na Praça Municipal), da Assembleia Legislativa e do Palácio da Arquidiocese (na Praça da Sé). Tudo era pertinho e podíamos nos locomover a pé entre um setor e outro com tempo para no fim da tarde me reunir com os demais jornalistas políticos para um cafezinho e troca de opiniões. Tive a oportunidade de participar desse trabalho ao lado de jornalistas e colunistas políticos como

[36] Atualmente o INDES é uma OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que tem o objetivo de fomentar e articular ações que visem ao desenvolvimento local, integrado e sustentável, na Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte da Bahia. Tem sede na Costa dos Coqueiros, à margem esquerda da Linha Verde, sentido Salvador-Aracaju, no distrito de Sauípe, município de Mata de São João-BA.

Sóstrates Gentil Alves de Souza, Orlando Garcia, Edson Alves, Vilter Santiago, Newton Leal Sobral, Samuel Celestino, Isidro Octávio Amaral Duarte, Luiz Augusto dos Santos (L.A.), José Amílcar Tavares Soares, Antonio Roberto Pelegrino, Zilah Moreira e Nilton Moura Costa.

Foi esta turma que, em dezembro de 1971, sob a coordenação da Associação Bahiana de Imprensa e colaboração do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, escolheu os Deputados Cosme de Farias (MDB) e José Lourenço (Arena) como os que mais se destacaram no período legislativo do ano de 1971 nos setores respectivos da Educação e da Economia. Os escolhidos receberam o troféu "Springer". Em 14 de março de 1972 o major Cosme de Farias[37] morreu e não tenho lembrança de que ele tenha comparecido à solenidade de entrega do troféu que ocorreu na reabertura dos trabalhos legislativos no início de março. Em 1971, eu o entrevistei e escrevi uma matéria jornalística leve, que nunca foi publicada, e como encontrei o original do texto datilografado em meus guardados, mesmo faltando a última página, por representar um documento da época, resolvi aproveitá-lo e o leitor poderá encontrar a reportagem como um dos anexos deste livro: "Um breve perfil de Cosme de Farias" (**Anexo 3**). A *Tribuna da Bahia* só publicou, em sua primeira página, alguns parágrafos da matéria.

Na época circulavam cinco jornais diários em Salvador: *Tribuna da Bahia*, *A Tarde*, *Jornal da Bahia*, *Diário de Notícias*, *Estado da Bahia,* além de alguns semanários, e ainda funcionavam, em Salvador, as sucursais dos principais jornais do sul do país.

***

Nessa época, os jornalistas políticos tinham muita força e prestígio e procuravam ocupar espaço criando suas próprias organizações como registra uma notícia publicada no *Jornal da Bahia*, do dia 16 de dezembro de 1971, intitulada "Clube dos repórteres":

> *Os jornalistas que realmente cobrem o setor político vão renunciar à Associação dos Cronistas Políticos da Bahia e fundar o Clube dos Repórteres Políticos, à semelhança dos que existem no Rio e São Paulo. A decisão*

[37] O major deputado Cosme de Farias nasceu em Salvador no dia 2 de abril de 1875 e morreu em 14 de março de 1972. Começou como repórter do Jornal de Notícias, tendo trabalhado em vários jornais baianos, além de ter editado alguns deles. Fundou a Liga Baiana Contra o Analfabetismo e ficou conhecido como o protetor dos pobres. Cf. anexo texto inédito sobre Cosme de Farias.

foi tomada devido ao fato de terem os estatutos da Associação um artigo que tornou membros natos todos os que participaram da sua fundação, a maioria dos quais está hoje afastada do jornalismo político, porém com direito a voto nas escolhas anuais dos melhores deputados e secretários de Estado. Consideram os jornalistas de fato políticos, que em decorrência deste artigo surgiu uma situação anômala, uma vez que profissionais afastados do setor são consultados. Daí a ideia da fundação do Clube, do qual só será sócio os que realmente estejam atuando na área política.

Em decorrência desta decisão deixarão a Associação entre outros, os jornalistas Ivan Carvalho, colunista político da Tribuna da Bahia, Sóstrates Gentil, de A Tarde, Samuel Celestino, do Diário de Notícias, Luís Augusto dos Santos, do Jornal da Bahia, Isidro Duarte, do Jornal do Brasil. Do Clube participarão, inicialmente, além dos repórteres citados, Edgard Catoira, da Veja, Newton Sobral, do Jornal da Bahia, José Valverde, de O Globo, Sérgio Mattos, da Tribuna da Bahia e outros que atualmente militam de fato na área política.

***

Exerci o jornalismo político no período em que Antonio Carlos Magalhães foi Prefeito de Salvador e durante o primeiro mandato dele como governador nomeado por Garrastazu Médici. Foi um período rico de notícias, pois ele era um mestre em criar fatos concretos. Lembro que administrou com uma equipe de jovens e com muita ousadia, a ponto de transferir a sede do governo inúmeras vezes para várias regiões do Estado para onde levava sua equipe e os jornalistas que lhe faziam a cobertura.

Numa dessas viagens, sobrou para mim um pequeno avião monomotor do DERBA que só cabia o piloto e mais dois passageiros. Na hora do embarque, eu e um fotografo da equipe do governador fomos interrogados sobre os nossos respectivos pesos e, após a soma com o do piloto, este nos informou que a bagagem e os equipamentos fotográficos teriam que ir em outro avião, o que foi feito. Voamos preocupados e só chegamos ao destino, Irecê, muito tempo depois do pessoal que seguiu viagem em aviões maiores.

Foi a partir dessa época que comecei a viajar por todo o Estado da Bahia, fazendo reportagens, palestras e lançando livros. As viagens foram intensificadas a partir de 1985 quando criei os suplementos *A Tarde Municípios e o A Tarde Rural*, no jornal *A Tarde*. Com a coluna diária intitulada Flashes Municipais, de certa forma, voltei às lides do jornalismo político, sem descuidar, naturalmente, da política que acontecia nos 417 municípios da Bahia.

* * *

Eu viajava muito e, por todo canto, encontrava deputados e candidatos preocupados com minha presença na região deles e não se cansavam de me perguntar, possivelmente, temendo pela resposta, se eu estava em campanha como candidato político e se tranquilizavam com a resposta negativa. Estava, sim, cumprindo minha obrigação de editor de municípios e de assuntos rurais, conhecendo as regiões, pensando em novas pautas e coberturas que pudessem ser revertidas em ampliação do número de leitores e de faturamento do caderno.

Por conta do trabalho sério que desenvolvi, acabei sendo contemplado com títulos de cidadania de vários municípios baianos em reconhecimento pelo trabalho e benefícios levados àquelas regiões. James Amado, muito sagaz, sempre que se encontrava comigo, dizia que eu devia me candidatar e ser o representante da área cultural na Assembleia Legislativa e que eu não devia perder a oportunidade. Em resposta, eu dizia que a política partidária não era e nunca foi a minha prioridade, apesar de saber que no dia-a-dia todos nós fazemos política, mesmo que seja a da boa vizinhança, procurando aceitar as ideias diferentes e a conviver com os contrários.

* * *

É interessante e gratificante constatar que com o trabalho jornalístico podemos também resolver vários problemas. Dois deles me tocaram profundamente. Um foi a campanha que fiz em defesa da preservação da Cachoeira da Pancada Grande, no município de Ituberá, levando o então prefeito Kleber Tunes a criar uma APA (Área de Proteção Ambiental) que chegou a receber prêmios da UNESCO.

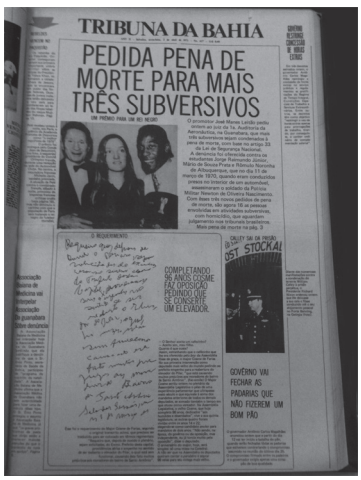
O segundo fato ocorreu quando me encontrava fazendo um lançamento na região de Queimadas e fui procurado por um grupo que pediu minha ajuda para resolver o problema dos aposentados rurais, pois já haviam solicitado ao governador, a senadores e a deputados e ninguém tinha resolvido. Ouvi atentamente o problema, providenciei uma fotografia do dia do pagamento dos proventos, quando velhinhos ficavam, do lado de fora de uma casa, expostos às intempéries (sol e chuva) para receber suas respectivas aposentadorias. Queria o grupo que o Banco do Brasil humanizasse a situação. Levei a foto, fiz um texto-legenda e a superintendência regional do Banco, ao ver a repercussão do fato publicado no jornal, resolveu o problema de imediato, enviando à região uma equipe que tomou todas as providências.

* * *

Outra situação gratificante foi a possibilidade de contribuir para a criação de pequenos negócios rurais, por meio de orientação a quem quisesse montar, por exemplo, um apiário. Publicamos toda a orientação, nos mínimos detalhes, ensinando como fazer as caixas para abrigar a colmeia, onde comprar a abelha-rainha, o quanto seria necessário gastar, além de estimar possíveis lucros. Qual não foi minha surpresa, quando passados alguns meses da publicação, no suplemento Rural que também editava, entrou um cidadão perguntando quem era o editor Sérgio Mattos. Ao me apresentar ele pegou uma caixa com várias garrafas de mel colhido do apiário que montou a partir de nossa reportagem. Agradeceu muito e como prova de que a coisa funcionou estava nos levando de presente a primeira coleta de mel de seu apiário.

Estes são apenas alguns dos exemplos do que conseguíamos fazer com estes suplementos regionais, entre muitos outros. O sucesso era tal que o meu redator-chefe, Jorge Calmon, sempre brincando, dizia que eu era o Vice-Rei da Bahia, pois o Rei, provavelmente, era ele mesmo.

Como já foi dito antes, acredito que o jornalismo pode ajudar e contribuir para o desenvolvimento, além de participar efetivamente do processo dando sugestões, indicando caminhos e reproduzindo as experiências positivas de municípios que podem ser copiadas por outros que se encontram na mesma situação. Um jornalismo interativo, participativo, diz para que veio, por meio de seu envolvimento com a comunidade.


TRIBUNA DA BAHIA

PEDIDA PENA DE MORTE PARA MAIS TRÊS SUBVERSIVOS

COMPLETANDO 96 ANOS COSME FAZ OPOSIÇÃO PEDINDO QUE SE CONSERTE UM ELEVADOR

GOVERNO VAI FECHAR AS PADARIAS QUE NÃO FIZEREM UM BOM PÃO

[29.]

Do texto inédito sobre Cosme de Farias só foi publicada a primeira lauda na primeira página da Tribuna.

O ADEUS A QUINTINO

Centenas de mensagens de pesar chegaram à TRIBUNA pela morte de nosso editor-chefe Joaquim Quintino de Carvalho, enterrado ontem no cemitério do Campo Santo, na presença dos familiares, amigos, deputados federais e estaduais, representantes de todos os órgãos de imprensa de Salvador, publicitários, diretores e funcionários dêste jornal. Do servente aos editores, todos estavam ontem abalados, na redação da TRIBUNA, com a morte daquele que soube exercer tão bem sua missão de jornalista a serviço do bem-comum. Página 3.

[30.]

A cobertura jornalística do enterro de Quintino de Carvalho.

[31.]

Quintino vive na alma dos seus meninos

Sérgio Gomes

Confirmado o roubo das jóias do Pilar

275 brilhantes desapareceram do cofre da igreja

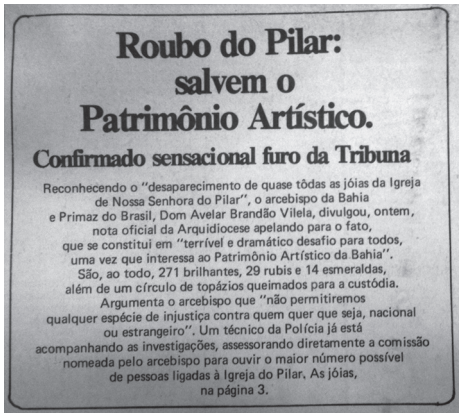
Duzentos e setenta e cinco brilhantes das coroas de Nossa Senhora do Pilar, do Menino Deus e de um ostro foram as jóias roubadas na Igreja do Pilar. O cofre onde estavam guardadas só podia ser aberto com a combinação de três chaves diferentes, mantidas em poder de três pessoas. As irmandades do Carmo, diante do roubo no Pilar, já manifestam sua preocupação com uma imagem do Corpo de Deus, cujas chagas são formadas por pedras preciosas, pois a segurança é deficiente. Uma comissão da Arquidiocese investiga profundamente o desaparecimento das jóias do Pilar, inclusive a venda de imagens, turíbulos e outras peças da Igreja da Boa Viagem a colecionadores do Sul do País. Dom Avelar Brandão, arcebispo de Salvador, anunciou para hoje uma nota oficial sôbre o caso das jóias do Pilar. Página 3.

[32.]

Manchete da *Tribuna da Bahia* sobre o roubo das jóias do Pilar.

[33.]

A repercussão e confirmação do furo de reportagem.



Roubo do Pilar: salvem o Patrimônio Artístico.

Confirmado sensacional furo da Tribuna

Reconhecendo o "desaparecimento de quase tôdas as jóias da Igreja de Nossa Senhora do Pilar", o arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela, divulgou, ontem, nota oficial da Arquidiocese apelando para o fato, que se constitui em "terrível e dramático desafio para todos, uma vez que interessa ao Patrimônio Artístico da Bahia". São, ao todo, 271 brilhantes, 29 rubis e 14 esmeraldas, além de um círculo de topázios queimados para a custódia. Argumenta o arcebispo que "não permitiremos qualquer espécie de injustiça contra quem quer que seja, nacional ou estrangeiro". Um técnico da Polícia já está acompanhando as investigações, assessorando diretamente a comissão nomeada pelo arcebispo para ouvir o maior número possível de pessoas ligadas à Igreja do Pilar. As jóias, na página 3.

[34.]

Reprodução da entrevista com o bispo chileno, publicada na Tribuna da Bahia, que não foi censurada.

IGREJA DEVE ENTENDER OPÇÕES DOS PADRES, OPINIÃO DE BISPO.

JU, O MEU PRIMEIRO PROJETO JORNALÍSTICO

O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem; e tão alto que tenha muito que entender nele os que sabem.

Vieira

O ano bissexto de 1972 foi o ano em que Caetano Veloso retornou do exílio; Jorge Amado lançou *Teresa Batista Cansada de Guerra*; a capoeira foi reconhecida como esporte; a I Jornada Baiana de Curta Metragem foi realizada; Cosme de Farias, o mais famoso rábula do Brasil, morreu; o *Verbo Encantado*, jornal alternativo baiano, de Álvaro Guimarães, Armindo Bião e Ceomara Couto, deixou de circular; foi lançado o suplemento *Jornal de Utilidades*, do jornal *A Tarde*, um verdadeiro laboratório gráfico e editorial quando começaram as mudanças que transformaram o jornal, ainda naquela década, no maior jornal do Norte e Nordeste do país e um dos dez maiores do país.

Em nível nacional, 1972 foi o ano em que driblando a censura, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou, pela primeira vez, uma imensa reportagem sobre a Guerrilha do Araguaia; Emerson Fittipaldi transformou-se no primeiro brasileiro a vencer o Campeonato Mundial de Fórmula 1; a Wolkswagen do Brasil comemorou o histórico número de um milhão de fusquinhas vendidos no país; foi realizada a primeira transmissão ao vivo a cores da televisão brasileira, quando a TV Globo, em cadeia nacional, transmitiu a Festa da Uva, de Caxias do Sul, em Porto Alegre.

No cenário internacional, os destaques do ano de 1972 ficaram na cinematografia quando foram lançados: The Godfather (O Poderoso Chefão), de Francis Ford Coppola, com Marlon Brando, Al Pacino e outros; Roma, de Federico Fellini; o primeiro filme de pornografia com sexo explícito, Deep Throat (Garganta Profunda) com Linda Lovelace; e O Último Tango em Paris, de Bernardo Bertolucci, com Marlon Brando e Maria Schneider. Os dois últimos proibidos no Brasil, tive oportunidade de assisti-los durante a primeira viagem que fiz a Europa com duração de 45 dias em 1976. Quando fiz minha primeira viagem internacional, fui socorrido pelo saudoso jornalista, boêmio da velha guarda, Silva Filho, que me emprestou agasalhos para suportar o frio do inver-

no europeu. De Londres alimentei o jornal *A Tarde* e algumas colunas com notas enviadas pelo correio.

***

Foi durante essa primeira viagem a Europa que decidi que deveria prosseguir meus estudos acadêmicos, mas que só o faria se pudesse fazê-lo no exterior, o que viria a acontecer dois anos depois quando obtive uma bolsa para a pós-graduação nos Estados Unidos.

Durante essa viagem, quando em Londres, por recomendação de Jorge Calmon, visitei e conheci o casal Antonio Olinto[38] e Zora Seljan, que me recebeu em seu simpático apartamento londrino, "um canto do Brasil na Inglaterra". Com Antonio Olinto mantive uma relativa correspondência depois que retornei ao Brasil e perdi o contato durante os anos nos Estados Unidos, o que não impediu que em 1998 ele escrevesse o prefácio de meu sétimo livro individual de poemas, *Trilha Poética*, editado pelas Edições GRD, de Gumercindo da Rocha Dorea, quando retomei o contato e passei a visitá-lo sempre que em viagens ao Rio de Janeiro onde passou a morar até sua morte. Sobre minha poesia ele escreveu:

> *Sérgio Mattos pega a poesia do cotidiano, na força de uma escolha vocabular que realça o imediato, em imagens de coisas e pessoas, sem apego a técnicas da moda. O que ele deseja comemorar, comemora. [...] Sérgio Mattos é poeta de poucas palavras, poucas e precisas. Vai direto a sensações e percepções, sem enfeites, de vez em quando adota o ritmo do assunto, numa quase onomatopoética. [...] Sérgio Mattos representa, ainda, uma poesia lírica e apaixonada que é, com a poética simbolista, das grandes vocações e tradições da presença brasileira na "linguagem que canta". Sob muitos aspectos, sua poesia é também a de um rebelde, a do cultivador de sonhos e de realidades, criador de uma trilha por onde passam os símbolos de um povo.*

***

[38] O jornalista e poeta Antonio Olinto Marques da Rocha (nasceu em 10/5/1919 e morreu em 12/9/2009) foi membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra abrange poesia, romance, ensaio, crítica literária, análise política, literatura infantil e dicionários. Foi crítico literário do jornal O Globo, sendo responsável pela seção "Porta de Livraria" por mais de 25 anos. Casado com a também escritora e jornalista Zora Seljan, que morreu em 25 de abril de 2006. Antonio Olinto foi Adido Cultural em Londres onde desenvolveu um excelente trabalho promocional da cultura brasileira. Em 1973 o casal fundou em Londres o jornal The Brazilian Gazette.

Abro aqui parênteses para fazer justiça ao jornalista e escritor Gumercindo Rocha Dorea, baiano de Ilhéus, que é um dos mais importantes editores nacionais, apesar de ser relegado e contestado devido às suas ligações com o integralismo. As Edições GRD, no entanto, independentemente das posições ideológicas de seu editor, foram responsáveis pela renovação da literatura nacional. Gumercindo Rocha Dorea[39] foi responsável direto pelo lançamento dos primeiros livros de autores, hoje consagrados, a exemplo de Rubem Fonseca, Nelida Piñon, Fausto Cunha, Gerardo Melo Mourão, Astrid Cabral e Marcos Santarrita, entre outros.

Além destes, ao longo de mais de 55 anos de atuação como editor, publicou vários autores baianos independente de suas respectivas ideologias, tais como: Vasconcelos Maia, Castro Alves, Oleone Coelho Fontes, Ildásio Tavares, Ivan Dórea Soares, Sérgio Mattos, Jorge Medauar, Wilson Lins, Maria da Conceição Paranhos, José Haroldo Castro Vieira, Adonias Filho, Fernando Hupsel de Oliveira, Telmo Padilha, Cyro de Matos, Rubem Nogueira, Raymundo Schaun, Euclides Neto, Fernando Sales e Cláudio Veiga.

No plano nacional, as Edições GRD publicaram também nomes consagrados como os de: Walmir Ayala, Antonio Olinto, Rachel de Queiróz, Bráulio Tavares, André Carneiro, Plínio Salgado, Zora Seljan, Dinah Silveira de Queiroz, Xavier Marques, Mário Faustino e José Alcides Pinto. Isto sem falar de autores estrangeiros de ficção científica que ele publicou a exemplo de Theodore Sturgeon, Zbigniew Brzezinski, Frederic Brown, Clifford D. Simak, Sheridan Le Fanu, Morris Janowitz, entre outros.

Em 2008, quando estava preparando tese de doutoramento sobre o integralismo no Brasil, Rodrigo Christofoletti[40] gravou depoimento de Gumercindo Rocha Dórea sobre o seu papel como editor em 4/6/2008. Na oportunidade Gumercindo se queixou:

---

[39] Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus, Bahia, no dia 4 de agosto de 1924. É diplomado em Direito e proprietário das Edições GRD, editora fundada em 1956, que, ao longo de mais de 58 anos, tem publicado livros de filosofia e de literatura. Ele foi o primeiro editor brasileiro a lançar obras de ficção científica. Integralista por convicção, editor sem preconceitos ideológicos, costuma dizer aos amigos que é "um editor mal compreendido pelo mercado".

[40] CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A Enciclopédia do Integralismo*: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961). Tese de Doutoramento apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, em agosto de 2010, p. 221.

> *[...] jamais tive conselho consultivo na GRD. Só publicava como, aliás, processo até hoje, o que eu lia e aprovava. E veja: nunca tomei posição contrária aos autores não integralistas. Este é um ponto que poucos divulgam [...] os perdedores preferem dizer que sou um integralista sectário e que por isso pouco me importo com a boa literatura. As obras é que me interessavam, não as ideologias de seus autores! Já editei textos de integrantes do PCB, por exemplo, a mulher do Rubem Braga, a Zora Seljan, primeira mulher a correr os países da cortina de ferro após a guerra – o que lhe trouxe desilusão e abandono do comunismo, de quem publiquei o livro: Três mulheres de Xangô, causando pasmo na intelectualidade carioca de meados dos anos sessenta.*

Como já tive oportunidade de dizer, mantenho em minhas relações de amizades pessoas que defendem ideologias, pontos de vistas e opções de vida completamente diferentes das minhas. Nunca tive problema em conviver com os contrários e, apesar de **não ser** integralista, leia-se direitista, de certa forma, já senti na pele o peso do patrulhamento ideológico com relação aos meus livros de poemas que foram editados pela GRD, tais como *Estandarte* (1ª edição, 1995; 2ª edição, 1996; e 3ª edição, 1996), *Trilha Poética* (1998) e *Essência Poética* (2011). Livros graficamente muito bem produzidos e que foram sucesso de vendas.

Aliás, no livro *Estandarte*, publiquei um poema intitulado Ideologia, no qual expresso o meu pensamento:

> *Em tempo de patrulhamento*
> *político ou ideológico*
> *sempre mantive meu pensamento*
> *isento e lógico,*
> *procurando o bom senso.*
>
> *Afinal, não nasci máquina,*
> *não nasci trem, com vocação para andar em linha,*
> *nem tampouco, acreditem,*
> *vagão, para pensar em bloco (1991).*

Comentando o livro *Estandarte*, em carta pessoal a mim dirigida, datada de 10 de outubro de 1995, Jorge Amado destacou esse poema:

> *Caro Sérgio,*
>
> *Venho de terminar a leitura de Estandarte e não quero deixar de enviar ao caro amigo um abraço de agradecimento e felicitações.*

Felicitações pelo sucesso e agradecimento pelo prazer que deu aos leitores – alguns velhos leitores de sua poesia, é o meu caso – com essa magnífica coletânea de 30 anos de poesia, de boa poesia.

Não sou crítico literário e, se por vezes, me animo a dar palpites sobre um romance por ser oficial desse ofício, não me animo a comentar poesia. Poesia, leio e gosto ou não gosto, é tudo. No caso da poesia de Sérgio Mattos, leio e releio com um prazer sempre renovado e sempre maior. Gostaria, no entanto, de fazer referência especial ao poema "Ideologia", datado de 1991. Você escreveu, com beleza e exatidão, o que penso desde há muitos anos.

Receba um abraço afetuoso de seu leitor e admirador,

Jorge Amado

***

O ano de 1972, portanto, foi um ano de inovações e de transformações. Foi o ano em que deixei a *Tribuna da Bahia*, comecei a exercer a função de assessor de imprensa na Secretaria da Agricultura, durante o governo de Antonio Carlos Magalhães, e ingressei no jornal *A Tarde*, em maio de 1972, como editor de suplementos e com a missão de começar a pensar na reforma gráfica que o jornal iria implantar com a mudança do sistema de impressão para offset.

Comecei a desenvolver um projeto gráfico editorial para um suplemento semanal que pudesse servir de laboratório e que, ao mesmo tempo, fosse um atrativo a mais para os leitores, um caderno de serviços, de orientação ao leitor, oferecendo também educação não formal e informações gerais e que servisse de plataforma promocional para a cultura baiana.

Foi a partir desse suplemento que se idealizou o Caderno 2, de *A Tarde,* já no sistema offset e na sede da Av. Tancredo Neves como um suplemento cultural, voltado para as artes. O Caderno 2 herdou inúmeros colunistas e suas reportagens passaram a se dedicar aos temas culturais que antes eram publicadas no *JU*. E, assim, no dia 30 de junho de 1972, véspera de meu aniversário, o *Jornal de Utilidades* começou a circular sem que para isso tenha sido anunciado previamente ou antecedido por campanha publicitária. Por si só destacava-se encartado no jornal pela ousadia gráfico-editorial. Aliás, pode ser dito, o *Jornal de Utilidades* acabou sendo a mãe e o pai de quase todos os cadernos/suplementos lançados pelo o jornal *A Tarde* quando adotou o sistema de impressão

offset, a partir de 1975. Digo isto porque muitas das colunas temáticas que publicávamos no *JU* foram transformadas em cadernos, tais como: Caderno 2 (que além de várias colunas absorveu também o Serviço Total (roteiro), Turismo e Automobilismo, Cultural, entre outros que foram surgindo com a necessidade de segmentação editorial e exigências do próprio mercado.

O projeto gráfico editorial do *Jornal de Utilidades* foi pensado também como um modelo de negócio, onde todos os espaços poderiam ser comercializados pela empresa.[41] Todas as colunas especializadas poderiam ser patrocinadas como também as páginas de roteiro, nas quais oferecíamos o Serviço Total, com a indicação de tudo o que estava sendo oferecido para o lazer e o fim de semana dos baianos ou dos visitantes em nossa cidade, com opções para o lazer, incluindo alternativas de restaurantes e de telefones úteis.

Na época nenhum dos jornais em circulação oferecia este serviço e o *JU* foi inovador nesse processo. O suplemento foi planejado para oito páginas, sendo as centrais destinadas aos roteiros da cidade, com indicadores profissionais, fornecendo endereços e telefones, além de opções sobre o que fazer, aonde ir, quanto custa, onde encontrar etc. As demais páginas seriam preenchidas com as colunas especializadas e reportagens com temáticas livres, mas que oferecessem um conteúdo mais trabalhado de apelo aos nossos leitores, principalmente o segmento feminino.

Apesar de *A Tarde* ainda usar, naquela época, o sistema a quente de composição e impressão, o suplemento destacava-se também pelo fato de ser mais bem impresso do que o restante do jornal, pois eu me dava ao trabalho de acompanhar, dentro das oficinas, todo o processo da pré-impressão, da con-

[41] O JU teria preço de tabela mais baixo do que a do próprio jornal e o anunciante que patrocinasse alguma coluna ou espaço temático teria abatimento a depender do pacote comprado que poderia ser de um a seis meses, a exemplo de um médico que anunciou em todas as edições do suplemento durante seis meses. Para tanto foi contratada uma corretora e quando ela, Dilma Nazaré, começou a faturar foi assassinada num caso que ficou conhecido como "O assassinato da Morena do Abaeté", até hoje sem ter sido resolvido. A partir de então o jornal não se interessou em trabalhar o suplemento comercialmente e não indicou novo corretor para trabalhá-lo. A parte comercial do projeto não foi executada como previsto e os anúncios no JU ficaram a critério e vontade das agências e dos anunciantes que programassem o caderno. O suplemento passou a ser deficitário e, depois, já sem estar sob meu comando, foi transformado em tabloide vindo a desaparecer numa nova reforma do jornal. Em função da coluna de automobilismo, publicávamos muitos anúncios de lançamentos na primeira página do suplemento.

fecção dos clichês[42] das fotografias e ilustrações à arrumação da "rama"[43] de cada página antes da prensagem do "Flan", o molde que dá origem à telha de chumbo, que vai para a rotativa.

Antes da prensagem do flan tínhamos acesso a uma prova de prelo para a última revisão e ajustes. Todo este cuidado era necessário, pois uma "rama" bem justa e calçada com cunhas de madeira, ajustando os tipos dos títulos, as linhas-bloco de composição da linotipo e os clichês, garantia uma melhor impressão da mancha gráfica e nitidez das fotografais e demais ilustrações.

Após a prensagem fazíamos retoques manuais no flan, reforçando os filetes, fechando os vértices de todos os quadros, arredondando os vértices com o auxílio de uma moeda. Todos os quadros do JU eram arredondados antes mesmo do offset. Era todo um processo que procurava inovar não apenas na linguagem do texto, mas também na apresentação visual do produto. Fazíamos o acompanhamento corpo-a-corpo de todas as etapas da produção do suplemento, da redação às oficinas. Assim agindo, eu tinha a certeza de que o produto sairia como tínhamos planejado. Como o projeto caiu nas graças de Renato Simões, nosso superintendente, para garantir uma melhor impressão tínhamos também a impressão do caderno em papel importado.

A diagramação do *Jornal de Utilidades* destoava dos demais cadernos do *A Tarde,* o que internamente provocava ciúmes e críticas, pois estávamos ocupando espaços indo de encontro a interesses de outros colegas na redação. Para garantir uma melhor nitidez e legibilidade, usávamos também na diagramação um espacejamento maior entre as colunas de texto, as chamadas calhas, espaços em branco, além da composição dos textos ser em corpo maior do que o usado normalmente na composição dos outros cadernos do jornal. Usávamos também fotografias grandes e, para obtermos boa qualidade nos clichês, acompanhávamos pessoalmente a elaboração deles.

[42] Clichê é uma chapa de impressão confeccionada em zinco que reproduz as imagens em relevo para a impressão tipográfica. A imagem em relevo é obtida através da estereotipia ou fotogravura utilizada na impressão tipográfica.

[43] Rama é uma espécie de caixilho de ferro, uma forma, do tamanho de uma página de jornal impressa, na qual os paginadores da oficina arrumam os textos reproduzidos nas linhas-blocos de chumbo fundidas e os clichês das ilustrações, de acordo com o diagrama enviado pela redação. Quando a rama fica pronta é levada para uma prensa onde é reproduzida em uma folha de papelão e fibra de vidro, chamada "Flan", que passa a ser o molde no qual será feita a telha de chumbo que vai para a rotativa. Se bem ajustadas e calçadas, a "rama" garante uma boa impressão no "Flan".

Além disso, todos os principais títulos das matérias eram compostos com "letraset" ou "decadray" e transformados em clichês. Com isso passamos a usar uma tipologia diferente da utilizada pelo jornal e que se assemelhava à utilizada pelos jornais impressos em offset. Com este truque conseguíamos dar um visual diferenciado ao caderno, no qual passamos também a utilizar com frequência o recurso das cores nas fotos principalmente a cor sépia, valorizando as fotografias que publicávamos.

O aspecto negativo era o fato de ser um caderno experimental e, exatamente por isso, não tínhamos um padrão gráfico definido. De uma semana para outra o visual gráfico mudava totalmente. Estávamos experimentando a fim de encontrar formatos de diagramação, corpos e fontes apropriadas e ideais para cada setor do jornal. As experiências foram tantas que, ao mudar o jornal para o sistema offset, já havíamos influenciado a direção a adquirir famílias de tipos gráficos específicos para serem usados nas matérias redacionais e outros para matérias publicitárias.

Como o *JU* era um laboratório, tínhamos a liberdade de experimentar de tudo. Muitas vezes minha equipe não acreditava que a experiência fosse dar o resultado desejado, mas tínhamos que acreditar. Fui forçando a barra, adaptando experiências e, aos poucos, fomos provando aos demais colegas do jornal que mesmo sem offset era possível se obter uma impressão melhor e fazer uma diagramação mais solta e leve. Provei na prática que era possível fazer. Isso não funciona – diziam – então vamos fazer para ver se dá certo – contra-atacava.

Muitas vezes fiz experiências nesse suplemento do *A Tarde* com receio dos resultados, mas sempre obtive bons resultados. Não estávamos seguindo padrões, não havia experiência anterior a ser seguida ou copiada. Estávamos experimentando, inovando, mas nunca deixamos de avaliar cada edição, identificando os erros e os acertos. Não tínhamos definido um projeto gráfico para o caderno, pois as experiências ainda estavam sendo testadas e os resultados seriam para ser aplicados no sistema offset, como de fato o foi. No entanto, tínhamos uma linha editorial definida e tínhamos consciência do conteúdo que estávamos buscando oferecer aos nossos leitores.

Depois passamos a reciclar os diagramadores do jornal na época, pois muitos deles passaram pelo *Jornal de Utilidades*. O primeiro diagramador do *JU* foi João Bosco, um cearense que havia trabalhado no *Jornal da Bahia*, que passou para a redação, sendo substituído por Tânia Moura. Para substituir Tânia

convidei Heloisa Gerbasi Sampaio, minha amiga, contemporânea de faculdade, que então diagramava a página policial do jornal.

Ela começou a diagramar o *JU* na edição de 9 de novembro de 1973, ainda com certos receios de utilizar os recursos que a diagramação (hoje paginação eletrônica ou designer) permitia, mas aos poucos se soltou e mostrou toda a criatividade que tinha. E juntos fomos dando forma ao que seria utilizado depois pelo jornal na era do offset. A partir daí, Heloisa transformou-se na melhor diagramadora do jornal, assumindo posteriormente a chefia do Departamento de Arte da empresa, contribuindo diretamente em todas as reformas gráficas do jornal. Realizamos juntos, eu como editor e ela como diagramadora, inúmeros projetos e suplementos especiais do *A Tarde* entre 1973 e 2003.

Lamentavelmente, não registramos as experiências que foram feitas, principalmente as que foram descartadas, mas com toda certeza o *JU* influenciou o jornal como um todo, pois o que fazíamos começou a ser copiado no caderno principal antes mesmo do offset. Então, começou um processo de mudança, pois outras editorias do jornal começaram a usar: foto solarizada, alto contraste, filetes, textos quebrados, medidas mais largas, blocos de coluna e meia, medidas falsas etc., fugindo assim do convencional e tradicional no *A Tarde.*

Na verdade, constitui uma equipe específica só para o *Jornal de Utilidades*, graças ao apoio de Arthur Luís Couto e de Renato Simões. A equipe do *JU* era um grupo unido que vibrava com a qualidade interna do produto que estávamos produzindo e que cresceu e passou a ser respeitada internamente por todos. No período de 30 de junho a 31 de dezembro de 1972 quem trabalhou como repórter do *JU* foi José Valverde, jornalista que já havia trabalhado comigo na *Tribuna da Bahia*. No ano seguinte, depois de três meses buscando um substituto para Valverde, Margarida Cardoso começou a integrar a nossa equipe. Era uma equipe enxuta: editor, repórter, diagramador, homem de arte e dois assistentes gráficos. Os dois gráficos que trabalhavam comigo no *JU*, meus amigos Jorge Costa e Dionée Costa, posteriormente, quando o jornal mudou para o sistema offset, passaram a exercer as funções de secretários gráficos do jornal. Com isso o ciclo se completou aumentando as influências que o *JU* provocou no jornal *A Tarde.*

* * *

A partir da mudança da sede do jornal da Praça Castro Alves para a Avenida Tancredo Neves, no ano de 1975, já com o offtset, muitas inovações foram feitas a partir do projeto gráfico apresentado pela comissão integrada por Sérgio Mattos, Heloisa Gerbasi Sampaio e Reynivaldo Brito sob a chefia de Fernando Rocha, que tinha sido professor do resto do grupo na UFBA. Muitas experiências feitas no *JU* passaram a integrar o Caderno 2 de *A Tarde*, onde passaram a ser publicadas várias das colunas criadas pelo *JU*, páginas específicas, a exemplo de "Participe", além do serviço total, que passou a ser veiculado diariamente. O suplemento *Jornal de Utilidades* integrou a primeira edição do *A Tarde* publicada em offset, no sábado, dia primeiro de março de 1975. Editei o caderno até o dia primeiro de abril de 1976, quando assumi a editoria local e Francisco Ribeiro Neto assumiu meu lugar à frente do *JU*, tendo sido posteriormente substituído por José Olímpio da Rocha.

Com a mudança para o offset, o *Jornal de Utilidades* também sofreu novas transformações, tendo em vista que havia perdido inúmeras seções para o Caderno 2. Tive praticamente que reestruturar todo o caderno e quando ainda não se falava em interatividade com o leitor, o *JU* já se utilizava deste recurso para atrair e manter a fidelidade dos nossos leitores. A interatividade com o leitor foi uma prática que levei, anos depois, também para os suplementos *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural*.

No *JU*, na fase do offset, criamos uma seção intitulada "Participe", publicada na segunda página do suplemento, aberta a todos os leitores para divulgação de crônicas, poesia, fotografias. Onde também estavam esclarecidas as normas de como participar. Nessa página, o leitor podia participar enviando: fotografias plásticas produzidas por ele da cidade; a foto do filho ou do próprio casamento, o desenho produzido pelo filho, apresentando sugestões de trânsito ou qualquer outro assunto em benefício da cidade, o leitor-professor poderia selecionar e enviar a redação de seu melhor aluno, ou encaminhando, poesias, contos ou crônicas. A página era um sucesso sob todos os pontos de vista e principalmente pelo fato de ser eclética e democrática. Registre-se que a seção "A Foto de seu Filho" começou a ser publicada em março de 1973 era bastante requisitada pelos leitores.

Outra seção interativa que criamos foi uma coluna que nos deu muito trabalho: "Consulte o JU", para o qual me inspirei num programa radiofônico de sucesso na Bahia na década de 1960: "Pergunte ao José", comandado por

Cid Teixeira, na Rádio Cruzeiro. A nossa coluna recebia perguntas dos leitores e respondíamos nas edições seguintes, obrigando-nos a fazer muitas pesquisas e a incomodar muitos amigos para responder questões e dúvidas que nos eram dirigidas.

Recebíamos uma quantidade de cartas superior à que o próprio jornal recebia, levando Joaquim Alves da Cruz Rios, o secretário geral do *A Tarde*, a fazer gozação comigo, dizendo que eu mesmo escrevia e remetia as cartas para o jornal para mostrar que o *JU* dava Ibope. Margarida Cardoso, esposa do jornalista Vitor Hugo Soares, que foi repórter do *JU* que o diga, quanto trabalho tivemos para responder, semanalmente, às inúmeras perguntas que chegavam e com temáticas diferentes, variando de saúde a futebol, de história a política, etc.

***

A mudança do jornal para o offset foi uma fase onde o moderno se misturava com o tradicional/conservador do jornal que tinha receio de mudar de uma vez e assustar seus tradicionais leitores. Mesmo na fase de transição o certo é que depois do offset *A Tarde* dobrou sua circulação e nos anos 1980 assumiu a liderança, passando a ser o maior jornal do Norte e Nordeste do país no que diz respeito à tiragem de exemplares e faturamento publicitário.

Para atingir essa posição foi de fundamental importância o trabalho de modernização da empresa desempenhado no setor administrativo por Arthur Luís d'Almeida Couto e a renovação do quadro da redação promovido por Jorge Calmon, então decano do jornalismo na Bahia.

Arthur Couto começou a promover uma aproximação do jornal com os publicitários e agências de publicidade do sul do país a partir de 1973, criando laços de amizades com profissionais e valorizando as agências locais, escolhendo a cada período de seis meses ou um ano a agência que passaria a atender a conta do *A Tarde*. Foi a partir daí e, principalmente, após as mudança da sede da Praça Castro Alves para a hoje Av. Tancredo Neves e do sistema de impressão para offset, foi que o jornal conquistou o primeiro lugar de vendas e tornou-se o maior jornal do Norte e Nordeste e um dos dez maiores em circulação. Este foi um dos principais méritos de Arthur Luís Couto.

Após a mudança de prédio, o sucesso estava aberto. A cidade de Salvador também se expandia com a ocupação de novas áreas da cidade rumo à Av. Luís Viana Filho, mais conhecida como Paralela, onde o primeiro governo de ACM

implantou o Centro Administrativo da Bahia, valorizando com isto também os artistas plásticos baianos. Em todos os prédios do CAB há obras de arte em forma de painéis, molduras, esculturas, tapetes e quadros de artistas baianos, que precisam ser catalogados. No CAB há um verdadeiro museu de artes exposto nos prédios à visitação pública.

No trecho de confluência hoje das Av. ACM, Tancredo Neves e Luís Viana Filho (a Paralela) só havia praticamente quatro grandes prédios: o Hiper Paes Mendonça (hoje Bompreço), o Iguatemi, a Rodoviária e o prédio do jornal *A Tarde*. Acompanhava, quase que diariamente, Arthur Couto, nas visitas que fazia às obras de construção e montagem das novas máquinas impressoras. Aliás, a primeira unidade do jornal a ocupar o novo prédio foi exatamente a redação do *Jornal de Utilidades*, a editoria de suplementos, que ficava numa sala ao lado da de Arthur, então gerente administrativo, com porta de ligação direta.

* * *

Aos sábados, Arthur praticamente mudava seu escritório para o Baby Beef, do Hiper Paes Mendonça, e nos levava junto. Muitas negociações e os maiores contratos e campanhas publicitárias do jornal foram articulados e fechados ali. As negociações começavam ao meio-dia e se estendiam até altas horas da noite, regadas a cerveja e uísque. O sucesso de Arthur Luís nas negociações estava baseado principalmente no entusiasmo que ele tinha no que estava fazendo, na confiança que Renato Simões depositava nele. Ele se lançava em novas ações, consciente dos riscos, mas não tinha medo de errar e nunca perdeu das vistas os objetivos a serem alcançados. Ele corria atrás dos resultados e para tanto se cercou de amigos que comungavam com os objetivos, cada um numa área dentro do jornal. E foi assim que a coisa andou.

Como o jornal se avolumou e cresceu no que diz respeito à credibilidade e poder de venda (circulação), ele, Arthur Luís, estava respaldado para enfrentar os novos desafios, pois o modelo de negócio adotado estava dando certo. Para reforçar a marca do *A Tarde,* ele implantou um Departamento de Marketing responsável pelas promoções da empresa, que, sob o comando de Nelson Varón Cadena, ganhou dinamismo nas décadas de 1980 e 1990. Sucederam a Nelson Cadena no departamento de Marketing Charles Leahi Malheiros e Maurício Castro. Depois desses três, o Marketing de *A Tarde* já não foi o mesmo, deixando aos poucos de funcionar como promotor de grandes eventos a exemplo da "Travessia Bahia-Mar Grande" e do "Arraiá da Capitá", dentre outros.

Arthur começou então a implantar um sistema de ajustes administrativos. Imagine-se que na mudança de prédio e das equipes impressoras do jornal foi descoberto na época um desvio diário na circulação do jornal da ordem de cinco mil exemplares, que eram distribuídos e vendidos por um grupo de funcionários que dividia entre si os lucros.

Recordo de comentários no início da década de 1970 quando os impressores começaram a dar mostras de melhoria de vida, comprando automóveis e casas e ninguém desconfiava de nada, pois cada um deles tinha se "amasiado" ou casado com uma viúva rica ou recebido uma herança, até o dia em que um dos impressores deixara a equipe, mudando-se para o sul do país, mas deixando a mãe como responsável por receber a parte que lhe cabia. Pagaram os primeiros meses, suspendendo a contribuição diária sob a alegação de que ele não fazia mais parte do grupo. Foi o suficiente para que o prejudicado escrevesse ao jornal denunciando a situação que foi tratada como caso de polícia, de roubo, e todos foram demitidos por justa causa. Quem conduziu as investigações foi o delegado Euplio Lyra, que também trabalhava na parte administrativa do jornal.

Arthur Luís D'Almeida Couto soube investir na comunicação pessoal, aproveitando o poder de influência do jornal para se impor, vindo a substituir depois o velho Couto, seu pai, na diretoria administrativa do jornal. Ele sabia motivar os profissionais inclusive os da redação, comprando-lhe ideias que ele apoiava. Isso naturalmente deve ter causado ciúmes, nunca declarados, em Jorge Calmon e Cruz Rios pela invasão de influência na redação. Arthur era rápido nas decisões e quando tínhamos alguma proposta editorial, bastava-lhe expor a ideia e se ele aprovasse podíamos levar adiante. Ele tinha faro para os negócios e se a proposta pudesse ser transformada em uma nova fonte de renda para o jornal a proposta era implantada imediatamente com todo o apoio necessário. Quando, porém, ele não via a ideia com bons olhos, não adiantava insistir. Estava vetada.

Arthur soube construir alianças dentro e fora do jornal, tendo desempenhado importante papel na valorização das agências de publicidade da Bahia. No auge do sucesso como administrador, ele foi extremamente inspirador e motivador do crescimento do jornal. Como os donos moravam no Rio de Janeiro, ele era praticamente quem decidia tudo, transformando-se numa espécie de todo poderoso e correu outros riscos também nessa condição de mando que foi

o que popularmente se diz "de meter os pés pelas mãos" e de entrar em atrito com outros interesses, perdendo um pouco do controle que exercia devido à doença que lhe levou prematuramente aos 44 anos de idade.

Ele promovia as pessoas e quando tinha ideias, simplesmente nos convocava e questionava: "você quer ou não quer ganhar dinheiro?" E assim com a possibilidade de melhor remuneração, além do salário, entrávamos na produção jornalística de cadernos especiais, suplementos etc., que nos proporcionava rendimentos extras, enquanto a empresa aumentava seus lucros e Arthur arrebanhava mais jornalistas para o seu lado. A influência de Arthur na redação era evidente e ele resolvia as questões e necessidades do pessoal. Jorge Calmon e Cruz Rios não gostavam muito disso, mas não podiam evitar porque todos continuavam a trabalhar na redação e a prestar serviços jornalísticos extras à administração em outros turnos de trabalho, que eram convertidos em lucros para a empresa.

Por outro lado, Arthur sabia também como agradar aos diretores de redação, providenciando todo o suporte possível e imaginável para a produção de conteúdos jornalísticos. Bastava a redação solicitar o aluguel de avião, helicóptero ou enviar equipe de reportagem para qualquer local que ele, Arthur, autorizava as despesas e quanto a isto nem Jorge Calmon nem Cruz Rios tinham queixas. Cada um atuava num segmento, mas Arthur, responsável pela parte administrativa do jornal (recursos humanos, comercialização (publicidade), produção industrial e circulação do jornal, acabou influenciando também no conteúdo do jornal.

Quando Jorge Calmon me transferiu da editoria do *Jornal de Utilidades,* em 1976, na nova sede, e me nomeou como Editor Local, o ato, pode-se dizer , foi indiretamente também uma tentativa de enfraquecer o poder de Arthur dentro da redação e ter um controle maior sobre mim que era muito independente. Ele começou por colocar a editoria do *JU* dentro da própria redação do jornal junto com as demais editorias. Perdemos um espaço independente, a redação do JU, e saímos fisicamente de perto de Arthur. A minha nomeação como editor local foi como um ato de me colocar sob a esfera de influência pessoal dele. Jorge justificou a Renato Simões e a Arthur Couto a mudança sob o argumento de que minha participação na editoria local fortaleceria o primeiro caderno, o carro-chefe, e que o jornal não poderia abrir mão disso. Arthur e Renato aceitaram os argumentos. Pouco tempo depois o projeto do JU começou a perder força,

se descaracterizando e acabou por desaparecer durante o período em que já me encontrava nos Estados Unidos.

A empresa Editora A Tarde continuou a crescer e a ocupar novos espaços. O jornal assumiu um patamar de importância tão grande que até o nome dos candidatos à sucessão no governo do estado e à prefeitura de Salvador eram formalizados após reuniões realizadas nas dependências do jornal, que também indicava nomes para o primeiro escalão do governo. As reuniões que aconteciam na sala da presidência eram conduzidas pessoalmente por Jorge Calmon e Cruz Rios. Assim o foi durante grande parte do período dos governadores e prefeitos nomeados, mas o processo de influência e interferência continuou menos intenso e, com o tempo, foi perdendo o poder de interferência direta nas nomeações.

O jornal *A Tarde* só perdeu a posição de liderança no mercado depois da morte de Arthur e da saída de Jorge Calmon do comando da redação e da morte de Joaquim Alves da Cruz Rios. Em sequência, já no ano de 2003, houve a demissão de praticamente quase todos os editores, principalmente os que tinham mais tempo de casa e que, de certa forma, detinham a memória do jornal e parte do espírito de unidade e compromisso com a cultura e a memória da Bahia que havia sido cultivada e transferida aos editores por Jorge Calmon e que ajudaram a transformar *A Tarde* numa instituição baiana. Com as modificações gráfico-editoriais, que coincidem com o período em que os netos de Simões Filho começaram a assumir posições na empresa, o jornal perdeu essas características.

***

Resumidamente, esta foi a história de meu primeiro projeto jornalístico, um laboratório experimental desenvolvido no *A Tarde*, por meio do qual contribui de alguma forma para a melhoria da linguagem do jornal, abrindo novas perspectivas gráfico-visuais, além de introduzir na prática um produto jornalístico segmentado e pensado também como modelo de negócio. E foi assim que no dia 30 de junho de 1972 o suplemento intitulado *Jornal de Utilidades*, o *JU*, foi lançado, sem nenhuma campanha publicitária, passando a circular aos sábados, atingindo de imediato sucesso junto ao público, devido à diagramação ousada, linguagem simples, direta e de apelo que utilizávamos, devido, principalmente, à interatividade que promovíamos com o leitor. O suplemento oferecia também um roteiro completo de serviços e do que a cidade oferecia em termos de laser e divertimento para que os leitores pudessem programar o fim de semana.

Oferecíamos aos leitores a facilidade de encontrar todas as colunas especializadas centralizadas em um único caderno semanal. Colunas que tratavam de artes plásticas, agricultura, aviação, automobilismo, beleza, culinária, infantil, karatê, literatura, medicina, moda, música, propaganda, teatro, televisão, turismo, medicina, e outras. Matérias especiais de orientação sobre moda, saúde, meio ambiente e principalmente turismo que estava no auge com chegada de novos hotéis e a restauração do centro histórico.

O interessante desse suplemento era que fazíamos também experiência com a linguagem coloquial e de apelo direto ao leitor, convidando-o a participar, a escrever, a remeter suas opiniões, suas fotografias e seus questionamentos para que respondêssemos. Essa experiência com a linguagem se identifica hoje com as orientações e práticas jornalísticas adotadas no Jornalismo Online que passou a ser praticado nos últimos anos com o auxílio das mais avançadas tecnologias. Como se pode observar, jornalisticamente, estávamos fazendo um produto moderno, com linguagem redacional e gráfica avançada para a década de 1970, ao mesmo tempo em que dávamos uma contribuição para a prática do jornalismo brasileiro, escrevendo uma página na história que ainda vai merecer um estudo apropriado. Vale dizer que o suplemento *Jornal de Utilidades*, de *A Tarde*, já foi alvo de vários trabalhos em nível de graduação, sem maiores repercussões.

Dentre outras inovações passamos também a publicar, desde outubro de 1973, as historinhas (tiras em quadrinhos) do artista baiano Cedraz que começou com "as Bolas do Zé" e depois, já em 1974, criou o personagem Calhau, que fazia muito sucesso, pois, àquela época, o jornal só publicava as tiras de quadrinhos compradas no sul do país, a maioria de origem estrangeira. Cedraz soube aproveitar a oportunidade e fez acontecer. Depois que o *JU* acabou ele voltou a publicar suas historinhas comigo novamente, mas no *A Tarde Municípios* e a partir daí, diariamente, no Caderno 2, quando criou novos personagens.

Sobre o trabalho de Cedraz tive a honra de escrever o prefácio de um dos livros de historinhas dele, quando o personagem Xaxado estava comemorando dez anos de criado, no ano de 2008. Na oportunidade registrei:

> *Tive o privilégio de conhecer Antonio Luiz Ramos Cedraz, ou simplesmente Cedraz, considerado hoje um dos melhores mestres do Quadrinho Nacional, ainda nos anos 70 do século passado, quando editava o suplemento Jornal de Utilidades, do jornal A Tarde. Àquela época, este baiano,*

nascido no município de Miguel Calmon, ainda bancário, apareceu na redação com o seu jeitão de ser, simples e tímido, mas determinado a apresentar alguns de seus primeiros personagens de quadrinho e a divulgá-los nas páginas do vespertino. Ganhou minha atenção, admiração e espaço no suplemento semanal que editava aos sábados até meados de 1970 e que marcou época na história do Jornalismo contemporâneo por ter inovado como um jornal de serviços, dando também oportunidade a jovens cronistas, poetas, fotógrafos, artistas e ao talento excepcional de Cedraz. [...]

Tenho agora a satisfação de apresentar o quarto livro da Turma do Xaxado, quando o personagem está completando 10 anos de existência. Mais uma vez o destino me permitiu a honra de ser dos primeiros a publicar um trabalho de Cedraz, pois foi exatamente no suplemento A Tarde Municípios, do jornal A Tarde, do qual fui editor, que as tiras do Xaxado começaram a ser publicadas no ano de 1998, duas vezes por semana. O sucesso das tiras do Xaxado foi tanto que imediatamente passaram a ser publicadas diariamente no Caderno 2 do jornal. Observe-se que a arte produzida por Cedraz se impôs e se impõe sozinha pela qualidade inerente neste baiano, cuja simplicidade, criatividade e comunicabilidade são universais. Suas historinhas encontram espaços por serem inteligentes, bem roteirizadas e engraçadas sem perderem o senso reflexivo e educativo. Suas histórias são atuais, contextualizadas e de inserção social. Além de defenderem os interesses da região, transmitindo as preocupações e reivindicações do semi-árido nordestino, os personagens da Turma do Xaxado, um fenômeno da modernidade, expressam um entrelaçamento de eventos e relações sociais globais quando discutem questões sociais, ambientais e ecológicas. Em suas historinhas regionais existe uma perfeita compreensão e consciência do mundo como um todo. [...]

[...] Ao longo de mais de 35 anos, Cedraz consolidou seus personagens e se consolidou ganhando respeitabilidade como profissional da área com muita competência. Cedraz não subestima a inteligência de seu público e sabe explorar, com sensibilidade, as sutilezas, emoções e espontaneidade de cada situação, sem perder a graça e sem deixar de registrar sua crítica e dar sua contribuição à cultura.

* * *

Várias foram as colunas e colunistas que surgiram e desapareceram no suplemento, mas muitos permaneceram ao longo dos anos no jornal. Dentre os colunistas do *JU*, destacam-se entre outros: Álvaro Henrique (Automobilismo) José Curvelo (Turismo e Aviação), Sérgio Mattos (coluna de informações gerais e a coluna de Televisão, assinada com o pseudônimo de Mackarius), José Olympio da Rocha (Leitura), José Augusto Berbert de Castro (Cinema), Luiz Carlos Bitten-

court e Marco Antonio Queiroz (Música), Máximo Soares (Educação), Francisco Ribeiro (Propaganda), Sóstrates Gentil (Teatro), Ivo Rangel (Karatê), Reynivaldo Brito (Artes Plásticas), Jorge Aouad (Medicina), Nonato Marques (Agrícola) Aramis Ribeiro Costa (Infantil) e outros colaboradores.

A coluna de Propaganda publicada no *Jornal de Utilidades* foi a primeira da categoria na imprensa regional e era assinada por meu primo Francisco Ribeiro, o Ribeirinho, que trabalhava no escritório regional da Reprenaes, agência que representava o jornal no sul do país. Reynivaldo Brito começou a assinar a sua coluna de Artes Plásticas no *JU* em 20 de abril de 1974, vindo a se transformar num dos mais prestigiados e importantes críticos de arte da Bahia. Anos depois, ele passou a colaborar com a minha revista, a *NEON*, fazendo reportagens e entrevistas com artistas plásticos baianos. A partir desta mesma data começamos a publicar também um espaço destinado ao público infanto-juvenil, sob a responsabilidade de Aramis Ribeiro Costa, que também colaborou na revista *NEON*.

A partir de 1974 o suplemento começou a ganhar um perfil mais voltado para a cultura, publicando artigos de membros da Academia de Letras da Bahia, de artistas, escritores e jornalistas a exemplo de Jorge Amado, Jorge Calmon, Waldir Freitas Oliveiras, Samuel Celestino, Oleone Coelho Fontes, Cláudio Veiga, Luís Ademir Souza, Saulo Carrera de Menezes, Adary Oliveira, Guido Guerra, Telmo Padilha, Roberto Pontual, Caribé, e muitos outros, com resenhas, artigos, matérias especiais e comemorativas. Este formato foi transferido para o Caderno 2 e, posteriormente, também para o Caderno de Cultura.

* * *

Merece aqui se fazer um registro em relação ao colunismo no *A Tarde*, pois acredito que este era um dos segredos do jornal para ter chegado à liderança absoluta de vendas e de circulação no Estado. Recordo que, no fim da década de 1980, Jorge Calmon, nosso diretor redator-chefe, queria acabar com pelo menos a metade das colunas que o jornal publicava. Ele achava que havia colunas em demasia. Para tanto encomendou uma pesquisa para saber quais as mais lidas, para preservá-las e eliminar as de pouco prestigio e baixo índice de leitura.

O resultado da pesquisa foi uma surpresa!

Os leitores preferiam e liam todas as colunas muitas vezes sem ler o noticiário que o jornal exibia. Como consequência, em vez de se eliminar algumas

colunas, outras acabaram sendo criadas e incorporadas nas edições do jornal. Entre as colunas que seriam eliminadas encontrava-se uma intitulada "Sociais" na qual eram publicadas notas e fotografias de aniversários, casamentos e outras datas festivas que os leitores das camadas mais baixas da sociedade enviadas para o jornal. Mesmo sem eliminar as outras, esta que era coordenada por Aya Leite, então secretária de Jorge Calmon, na época da sede na Praça Castro Alves, acabou de uma vez porque nem Dona Regina Simões gostava da coluna que também era execrada por outros profissionais da empresa.

Quando implantei o suplemento *A Tarde Municípios*, no ano de 1985, eu a convidei e Aya Leite voltou a assinar a coluna Sociais, naquele suplemento, fazendo a mesma coisa de antes, só que com registros de pessoas do interior do Estado que não eram contemplados pelos colunistas sociais das diversas regiões. A coluna dava leitores novos para o jornal e aumentava nossa circulação e prestígio no interior em todas as camadas sociais.

Ora, considerando que, ao mandar o leitor uma foto do aniversário, casamento ou formatura do filho e o jornal a publicava, isso significava que toda a família do noticiado (pais, avós, tios, amigos etc.) iria comprar inúmeros exemplares de jornais para recortar e guardar a notícia publicada, pois o *A Tarde* era uma referência e o recorte podia ser mostrado a dezenas de pessoas como sinal de prestígio na comunidade.

Gostem ou não os mais técnicos, os marqueteiros e os críticos de plantão, a verdade é que com a eliminação dessa e de outras colunas e suplementos, além de algumas medidas administrativas tomadas sem considerar o público consumidor, o jornal *A Tarde* começou a perder leitores, culminando com um declínio crescente na primeira década do terceiro milênio, levando-o a perder também a liderança local e regional no que diz respeito à circulação. Essa situação ocorreu devido a uma consultoria contratada junto à Universidade de Navarra, da Espanha, que não levou em consideração a realidade local, a cultura baiana, suas peculiaridades e as dimensões do Estado da Bahia. Como tinham sido bem sucedidos em Brasília, com o jornal *Correio Brasiliense*, acharam que o mesmo formato de jornal metropolitano daria certo na Bahia e não deu... Este assunto será tratado em outro capítulo.

Com relação às pesquisas de opinião promovidas pelo jornal *A Tarde* vale lembrar de uma outra realizada em meados da década de 1990, quando por sugestão minha foram também investigados os suplementos do jornal. Qual não

foi a surpresa, quando os resultados dos índices de leituras e preferências dos leitores em Salvador foram sistematizados: o suplemento *A Tarde Rural* tinha mais leitores do que a *Revista de TV*, que circulava aos domingos e acreditava-se ser este um dos responsáveis pela alta circulação dominical. O suplemento *A Tarde Municípios* era mais lido do que o Caderno 2. A coluna "Flashes Municipais", que eu assinava no *A Tarde Municípios* era mais lida do que a coluna política do jornal, apesar de esta última ser mais importante, influente e de ter leitores mais qualificados.

Os resultados da pesquisa não agradaram e a empresa responsável foi substituída e uma nova pesquisa, sem incluir os suplementos, foi feita novamente, pois ninguém dentro da redação podia aceitar que *A Tarde Rural* e *A Tarde Municípios* tivessem tanta audiência. Na época, comentavam inclusive que, devido ao fato de eu conhecer a proprietária da agência de pesquisa de opinião, eu poderia ter induzido as perguntas da pesquisa feita. Um absurdo em todos os sentidos, além da falta de respeito para com os profissionais que conduziram a pesquisa de opinião.

Mas, apesar de tudo, serviu para aumentar a importância do trabalho que eu realizava frente àqueles dois suplementos. A explicação para o sucesso dos dois suplementos é muita clara: a maioria da população soteropolitana é proveniente ou tem raízes familiares no interior do Estado e gostava de saber o que se passava em sua respectiva cidade e município.

[35.]

O JU foi um laboratório de experiências gráficas e editoriais, além de se constituir num suplemento de serviços e de orientação pública.

PIONEIRISMO NA CRIAÇÃO DE ALTERNATIVAS PARA OS LIVROS

Não há estado de alma, por mais simples que seja, que não mude a cada instante, pois não há consciência sem memória, não há continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de momentos passados.

Henri Bergson

Durante esta fase de minha vida, entre 1968 e 1977 estive sempre envolvido, paralelamente às atividades profissionais, com outras de fins culturais. No período entre os lançamentos de meus primeiros livros de poemas individuais, *Nas Teias do Mundo* (1973) e *O Vigia do Tempo* (1977) participei de vários eventos culturais e coletâneas, pelo menos uma vez por ano, mantendo um compromisso pessoal de sempre colocar no mercado um produto anualmente. E assim, em agosto de 1974, participei da coletânea *Cinco Poetas Contemporâneos*, com prefácio de Jorge Calmon e organizada pelo idealizador e batalhador poeta e romancista Luiz Ademir Souza. As Edições Contemp, a que ele deu continuidade como um trabalho de editora cooperativa, nasceu a partir do livro *Cinco Poetas Contemporâneos*. Participaram deste livro: Sérgio Mattos, Zilmérico Ribeiro, Hildemário Rios, Geraldo Coni Caldas e Luiz Ademir Souza. A capa e as ilustrações do livro são de autoria do artista plástico Vivaldo Lima. O lançamento do livro teve intensa cobertura da imprensa e boa aceitação pela crítica.

Quando intitulei este capítulo como "Alternativas para os livros" eu não quis dizer que busquei alternativas apenas para os meus livros. Isto porque desde a década de 1970 sempre estive preocupado com os livros em si, a ponto de, na década de 1990, ter criado, com outros abnegados, o Instituto baiano do Livro (IBL), que será motivo de atenção especial mais adiante. Foi no ano de 1974, mais precisamente no dia 31 de julho de 1974, que assinei um artigo, no tradicional rodapé da página editorial de *A Tarde*, sob o seguinte título: "O Futuro do Livro". Transcrevo alguns trechos abaixo devido à sua atualidade, tendo em vista que o problema permanece o mesmo, sem solução:

> *O futuro do livro não é tão alarmante como preconizou Marshall. McLuhan. Aliás, nem mesmo Gutenberg, quando inventou a tipografia*

podia imaginar que alguns séculos depois o livro viria a ser o mais legítimo e duradouro veículo impresso, além de passar a ter a força de uma brigada, capaz de derrubar governos e promover reformas.

Como bem o disse Alberto Dines em O Papel do Jornal, "o livro tornou-se, de repente, num veículo forte, capaz de, em poucos meses, ganhar o mundo, lançar ideias e mesmo servir de arma política".

[...] Apesar da força que o livro vem ganhando no mundo, é lastimável que no Brasil seja tão pouco procurado. Segundo as pesquisas oficiais, cerca de 50 novos títulos de livros são lançados por mês no país. Esta, inclusive, é uma média razoável, mas as tiragens são vergonhosas. Na maioria, as tiragens são de um a três mil exemplares, o que contribui para o encarecimento do exemplar.

Para muitos, isto se verifica devido a formação de nossa sociedade, acentuadamente livresca que muito cita e pouco lê, do alto custo do exemplar, da falta de divulgação, por culpa das livrarias ou ainda pelo número de analfabetos. Em suma, um verdadeiro círculo vicioso, onde editores, autores e livreiros se culpam mutuamente.

Dentro deste contexto, o autor brasileiro, com raras exceções, é o mais prejudicado. Os editores não querem ter prejuízos e, quando se arriscam, encontram a falta de cooperação das livrarias, que só faltam esconder os exemplares – Santo de casa não faz milagres – em favor de livros de autores estrangeiros. Dentre os autores nacionais, os tipicamente regionais são os que mais sofrem.

Entretanto, já ficou comprovado que isto se dá porque não encontram ajuda das livrarias. Recentemente, como para testemunhar o fato, em conversa com Raimundo, gerente da Livraria Souza, instalada na Galeria do Hotel Oxumaré, solicitei que uma experiência fosse feita: Que a livraria expusesse, conjuntamente, em lugar visível, todas as obras de autores baianos. A experiência foi realizada e livros, antes enfusados, começaram a ter saída.

Pergunta-se agora: Por que Dmerval Chaves, Dirson Ribeiro, Moura, Altamirando Medeiros [livreiros da época], entre outros, não adotam o sistema em suas respectivas livrarias? Só teriam a ganhar.

É necessário que os sistemas de vendagem e promocional acompanhem o desenvolvimento da indústria do livro, com suas sofisticadas máquinas de offset, a fim de que, no Brasil, seja publicado um maior número de títulos de livros e o povo possa ler mais.

[...] A civilização de um povo também pode ser medida pelo índice de leitura. Portanto, vamos prestigiar os autores brasileiros e baianos, em particular, comprando, lendo e divulgando suas obras.

* * *

No ano seguinte, 1975, lancei um opúsculo, editado pela Gráfica Editora Arco Iris, intitulado *Estudos de Comunicação*, que se constitui na minha primeira publicação na área de comunicação e a partir daí nunca mais parei. A coluna de Educação do *A Tarde*, do dia 18 de julho de 1975, registrou o livreto assim:

> **MEXA-SE**
>
> *Exemplo de iniciativa e esforço foi dado, mais uma vez pelo jornalista e professor da Escola de Comunicação da UFBA, Sérgio Mattos. Desta vez a iniciativa foi marcada de originalidade. Lançou um livro de 26 páginas, com capa do desenhista Carlos França, chargista de A Tarde, no qual constam cinco artigos sobre aspectos da comunicação de massa. Até aí tudo normal. Ocorre que o Sérgio conseguiu imprimir na Gráfica Editora Arco Iris 1000 exemplares do Estudos de Comunicação, e os está distribuindo com estudantes e profissionais da comunicação gratuitamente.*

A coluna de Livros Novos e Velhos, veiculada no *Jornal da Bahia*, no dia 20 de julho de 1975, também registrou o opúsculo:

> *ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO – O jornalista Sérgio Mattos, figura amplamente conhecida entre os profissionais do mesmo ofício, é um declarado estudioso de seu "métier", além de vir exercendo atividades literárias propriamente ditas, com a publicação de livros (participação) de poemas.*
>
> *Agora mesmo Sérgio Mattos nos dá mais um trabalho, que é sem dúvida uma contribuição, pequena, embora, como ele próprio o diz, à bibliografia da comunicação, editando o seu "Estudos de Comunicação" em que reúne vários artigos escritos sobre o assunto e divulgados na imprensa local. Trata-se de um pequeno trabalho que interessa a todos nós, jornalistas, assomo aos que fazem rádio, TV e mesmo publicidade.*

Ainda no ano de 1975 participei da antologia intitulada *Retina*, que reuniu cinco poetas: Sérgio Mattos, Vera Gondim, Lusmar Oliveira, Santos Gonzaga e Vera Mattos. A coletânea foi produzida pelo professor Ailton Sampaio, então diretor da Gráfica da UFBA e lançada em noite de autógrafos e serestas no Instituto Goethe (ICBA) no dia 28 de novembro de 1975. Sobre o livro, Terezinha Cardoso, hoje colunista do *A Tarde*, fez um longo registro na coluna que assinava no jornal *IC*, do dia 30 de novembro de 1975, sob a assinatura de Tereza de Mayo, com o seguinte texto ilustrado com uma fotografia minha e com o estilo que lhe peculiar:

> *Nascido sob o morno sol da planície que é sua (desde que viu o brilho do mundo, em 1948) Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e de São José do Ribamar, naquele teimoso Ceará que também ofereceu a este país José de Alencar e o presidente Castelo Branco, o cidadão Sérgio (Augusto Soares) Mattos formou-se em jornalismo, publicou, ainda estudante, as revistas "Experimental" (com Ivan Dórea Soares) e "Conclave" (em participação). Engenheiro do sentir humano, produziu poesia e sonho nos livros "Pureza Anônima", "Nas Teias do Mundo" e "Cinco Poetas Contemporâneos" – o último, em conjunto com outros aedos jovens. Editor de suplementos de A Tarde, este cearense marcha para se tornar um dos mais respeitados jornalistas/poetas do gigante pela própria natureza. Rendo-lhe a admiração de quem vive a poesia do mundo e de sua mais luminosa cidade, por haver ele lançado, na ultima sexta, o "Retina" coletânea de versos seus e de Vera Mattos, Santos Gonzaga, Lusmar Oliveira e Vera Gondin, poetas urbanos que "fixam um espelho/onde o passado calou".*

Em 1976 participei do lançamento da revista cearense *O Saco*, com poemas de minha autoria. Em setembro de 1977, o Departamento de Comunicação da Escola de Biblioteconomia e Comunicação publicou um livrinho que foi organizado e apresentado por mim como fruto do trabalho de uma equipe da disciplina de ética que estava sob minha responsabilidade. O trabalho reúne vários depoimentos sobre como os problemas da ética eram vistos pelos profissionais da imprensa de Salvador. Os então alunos responsáveis pelo conteúdo de *O Jornalista Baiano e a Ética*, hoje profissionais no exercício da profissão, foram: Carlos Ribas, Lea Costa, Edna May Leite, Aldeneide Fonseca, Marco Antonio Moreira, Celeste Aída Silva, Vera Matos e José Carlos Teixeira. A ilustração da capa foi produzida pelo chargista e artista plástico Reinaldo Gonzaga, do jornal *A Tarde*.

***

Como foi dito, com o lançamento de meu primeiro livro individual *Nas Teias do Mundo*, em 1973, dei início a um trabalho de promoção diferenciado para cada livro de minha autoria. Desde então entendia o livro como sendo um produto que deve ser vendido como outro qualquer e que, para tal, precisa ser visto e encontrado. Passei a promover a venda do mesmo em supermercados, tendo sido, salvo engano, o primeiro autor local, a vender livros em supermercado aqui em Salvador. Também entrou como estratégia de venda e divulgação o lançamento em vários locais da cidade, em escolas e todo e qualquer evento que

fosse possível expor o livro de poemas, além de promover lançamentos pelos municípios baianos.

Em 1977, com *O Vigia do Tempo*, dei asas à minha imaginação e preparei toda uma campanha de lançamento do livro, contando naturalmente com a ajuda de Arthur Couto, que, além de me conceder espaços gratuitos nas páginas de classificados de *A Tarde,* ele autorizou que sempre que tivesse algum buraco a ser preenchido, se colocasse um pequeno anúncio de *O Vigia do Tempo*. Juntamente com os caricaturistas de *A Tarde* bolei uma série de pequenos anúncios ilustrados, com frases soltas, tais como: "O vigia do tempo vem aí", "Lembre-se: "O Vigia do Tempo vem aí", "O Vigia do Tempo está chegando", entre outros, até a véspera do lançamento quando o vigia foi revelado, ou seja a publicação, nos mesmos espaços dos classificados do jornal, da capa de *O Vigia do Tempo*, com a data do lançamento e o local. A capa foi produzida pela artista plástica Graça Ramos, enquanto Menandro Ramos ilustrou o livro com desenhos em bico de pena.

Para completar a campanha, que foi amplamente divulgada pela imprensa baiana (jornais e emissoras de rádio e televisão), consegui também, com a sobra de papel jornal, imprimir mais de 10 mil cartazes tamanho A4, que foram colados durante toda a semana que antecedeu o lançamento nas paredes do centro da cidade e nos principais bairros da cidade. Os cartazes tinham uma única cor – azul. Com letras brancas vazadas e, quando colocados juntos, num muro, formavam verdadeiros painéis que chamavam muita atenção. O cartaz era composto pela capa do livro e, acima da imagem, um título em letras garrafais: "O livro de poemas que você esperava chegou". Abaixo da imagem da capa do livro foi colocada outra frase: "Leia e divulgue a poesia baiana".

Pessoalmente, sai pelas madrugadas, em companhia de um cunhado, para fixar, com goma, os cartazes no centro da cidade, do Campo Grande à Praça da Sé e pelos bairros, onde encontrávamos muros e paredes disponíveis. Até então só quem anunciava com cartazes colados eram os artistas anunciando shows musicais e teatrais. A partir daí a poesia passou também a ser anunciada em cartazes nos muros da cidade. Foi uma inovação, mas ao mesmo tempo o sucesso acabou despertando muita inveja e queimação gratuita.

No dia do lançamento, que foi realizado no pátio da Escola de Belas Artes da UFBA, que estava comemorando o seu centenário, na Rua Araújo Pinho, no bairro do Canela, tratei de iluminar todo o trecho e colocar várias faixas ao

longo da quadra da rua onde ainda hoje funciona a Escola e, no próprio pátio interno onde se realizou o lançamento, coloquei gambiarras com lâmpadas, iluminando todo o trecho, além de inúmeras faixas sobre o lançamento, que foi um sucesso em todos os sentidos: como uma festa aberta e democrática, com grande participação de público em geral e a presença de intelectuais que prestigiaram o evento. Quem, pessoalmente, autorizou o uso das gambiarras para iluminar a rua e o pátio da escola foi o então prefeito de Salvador, Fernando Wilson Araújo Magalhães. Com esse lançamento inaugurei uma prática nunca usada até então por escritores brasileiros, pelo menos na Bahia: campanha publicitária para promover um lançamento de livro, comprovando que, se bem divulgado, trabalhado pelo autor, o livro de poesia vende tanto quanto qualquer outro.

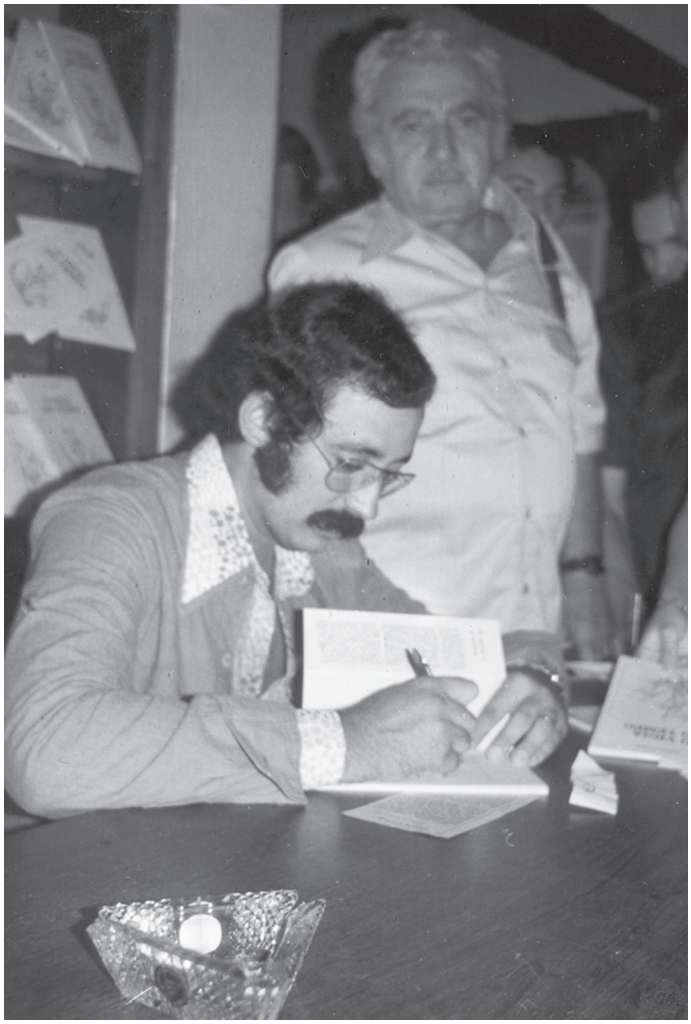
O evento foi registrado por toda a imprensa, mas destaco aqui uma nota de Terezinha Muricy, na Coluna Sete Dias, publicada no jornal *A Tarde* do dia 12 de novembro de 1977:

> *Embora muita gente por aí ande embotada de só pensar na glória miúda e no pão nosso de cada dia, os poetas resistem e mandam poesia para humanizar o mundo. Este é o mês dos poetas e da poesia. Ontem, na Escola de Belas Artes, Sérgio Mattos mostrou sua maneira de vigiar o tempo, num compromisso poético e humano. Seu livro, O Vigia do tempo, teve noite de coquetel e de autógrafos com filonas enormes, dessas de deixar os embotados de cabeça para baixo.*

Sobre o sucesso de *O Vigia do Tempo*, o jornalista e romancista Guido Guerra publicou na coluna dele, no *Jornal da Bahia*, do dia 10 de dezembro de 1977, página 6 do segundo caderno, o seguinte comentário:

> **Boa sorte vigia**
>
> *O poeta Sérgio Mattos está rindo à toa e pras paredes. E, aliás, com motivo de sobra. É que, antes de completar um mês, liquidou uma fatura que a moçada leva até anos pra dar conta: mil exemplares vendidos.*
>
> *Fora isso, esbanja motivo pra sua euforia: é que, lá fora, na grande imprensa, seu* **Vigia do Tempo** *emplacou com as melhores referências e notícias a três por dois e cinco de quebra.*
>
> *Embalado com a receptividade de seu livro, Sérgio Mattos, quando janeiro vier, entra de férias e pega o caminho do Ceará, sua terra, onde lançará, em noite de autógrafos, seu* **O Vigia do Tempo**. *Por enquanto, é só e boa sorte, amigo velho.*

A partir do lançamento do livro em novembro de 1977 viajei pelo Nordeste fazendo lançamentos. Lancei *O Vigia do Tempo* em capitais e no interior até o dia em que viajei para os Estados Unidos para os estudos de doutoramento, onde o livro também foi traduzido e publicado. Anos depois voltei a inovar na prática do lançamento de livros, sendo o primeiro autor baiano a divulgar o lançamento de livro por meio de placas de outdoor, e, posteriormente, em busdoor, anúncios colocados na traseira dos ônibus que circulavam pela cidade anunciando a chegada de novos livros e seus respectivos lançamentos.

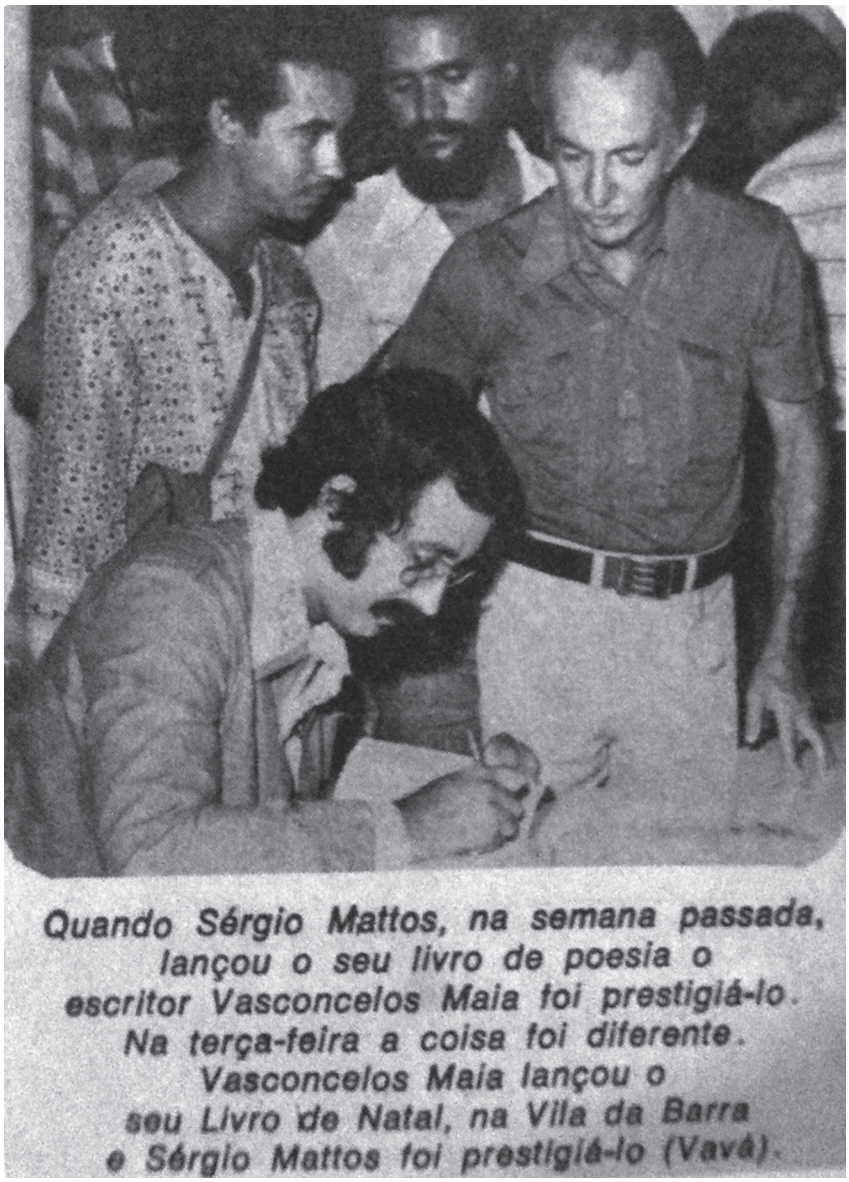


[36.]

Jorge Amado e Zélia Gattai prestigiam o lançamento de *O vigia do tempo*, realizado em Fortaleza, no início de 1978.

[37.] O lançamento do livro Um perfil da TV Brasileira, em Feira de Santana, no ano de 1991. Aparecem na foto, além de outros, Edivaldo Boaventura, José Carlos Teixeira e Carlos Eduardo da Rocha.

[38.] A festa de lançamento de *O Vigia do Tempo,* no pátio externo da Escola de Belas Artes na UFBA, 1977.



[39.]

Repercussão na imprensa sobre o lançamento de *O Vigia do Tempo*. Na foto o contista Vasconcelos Maia recebendo o autógráfo de Sérgio Mattos. Aparecem ainda na foto os futuros jornalistas Luis Guilherme Pontes Tavares e Jolivaldo Freitas.

[40.]

Mini peças publicitárias inseridas nos classificados do jornal *A Tarde*, anunciando o livro *O Vigia do Tempo*, 1977

O EMBRIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS

Para melhor se entender a vida de alguém é indispensável ter presente o contexto em que ela se desenrola, pois ninguém é uma ilha isolada, mas antes o fruto de um singular interagir com o seu meio envolvente.

Manuela Silva

Durante o período em que estive na Editoria de Suplementos, editando semanalmente o *Jornal de Utilidades*, tive a oportunidade de representar dona Regina Simões de Melo Leitão e Renato Simões, respectivamente presidente e superintendente do *A Tarde*, no Primeiro Encontro Jornalístico, promovido pelo jornal *A Gazeta*, de Vitória do Espírito Santo, sob orientação do então diretor Carlos Lindemberg. Viajei para o encontro em companhia de Heron Queiroz, como representante de Arthur Luís d'Almeida Couto, então gerente administrativo do jornal.

O Primeiro Encontro Jornalístico de Vitória-ES foi realizado no período de primeiro a quatro de junho de 1973, reunindo cerca de 30 pessoas, entre editores e diretores dos jornais independentes, pertencentes a grupos familiares. Esse encontro acabou servindo de embrião para a criação, seis anos depois, da Associação Nacional dos Jornais (a ANJ foi fundada no dia 17 de agosto de 1979). Desse primeiro Encontro participaram representantes de jornais independentes (de propriedade de grupos familiares) dos seguintes estados da federação: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Guanabara, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo.

Foram os seguintes os representantes dos jornais: Carlos Lindemberg (anfitrião e diretor-presidente do jornal *A Gazeta,* além de seus diretores), Marílio Brandão Fernandes (presidente do *Diário de Minas*), Venceslau S. Pinto da Cunha (diretor-superintendente do *Diário de Minas*), Fernando Collor de Melo (diretor-superintendente de *Gazeta de Alagoas*), Odacyl Gattete (diretor de produção de *O Liberal*), Umberto Calderaro Filho (diretor-presidente de *A Crítica*), José Trabuto (diretor de *O Dia*), Walder de Góes (editor nacional do *Jornal do Brasil* e editor geral da Agência JB), Demócrito Rocha Dummar (diretor-comercial de *O Povo)*, Alencar Araripe (diretor-editor de *O Povo*), Nivardo Cabral

(diretor-industrial de *O Povo*, que, na oportunidade, também representou um jornal do Maranhão), Heron Queiroz (assistente do gerente-administrativo de *A Tarde*), Sérgio Mattos (editor de suplementos de *A Tarde*), Luís Salgado Ribeiro (Secretário de *O Estado de S. Paulo* e da *Folha da Tarde*) e Alberto Romero (chefe do departamento financeiro do jornal *O Fluminense*).

Esse foi um encontro muito rico e estimulante, funcionando como um local de troca de experiências muito bem sucedida, pois os grandes jornais também aprenderam com as experiências regionais. Na oportunidade, fiz um relato sobre as mudanças administrativas que estavam sendo processadas no *A Tarde*, além de ter apresentado o projeto do *Jornal de Utilidades*, como um suplemento de prestação de serviços, tendo a ideia sido absorvida e posta em prática pela maioria dos jornais que compareceram àquele encontro. Alguns, com uma visão empresarial diferenciada, mais profissional, e com um pouco mais de investimento, transformaram a ideia do *JU* num grande negócio, pois todos passaram a publicar cadernos de serviço com aumento no faturamento, após o Encontro de Vitória.

* * *

Durante o Encontro foram formadas algumas Comissões temáticas que geraram, depois de debates, alguns documentos de orientação e posicionamentos a serem adotados pelos veículos presentes. Historicamente, não só o Encontro como também as proposições foram importantes, pois foi a primeira vez que representantes de jornais independentes se reuniram para pensar coletivamente na formação, por exemplo, de uma agência de notícias que lhes fornecessem conteúdo nacional sob a forma cooperativa e que questões da profissão foram debatidas, condenando-se a atuação de jornalista como corretor de publicidade, além de considerar a importância dos cursos de comunicação para a formação de mão-de-obra especializada e a necessidade das próprias empresas oferecerem cursos de reciclagem aos profissionais.

Por considerar que este documento seja importante para a memória da imprensa, transcrevo a seguir o relatório da Comissão de Assuntos Jornalísticos, da qual fiz parte e teve Fernando Collor de Mello[44] como Relator), contando

[44] Fernando Affonso Collor de Mello, jornalista, economista, político e empresário, participou do Primeiro Encontro Jornalístico de Vitória-ES, em 1973, na condição de diretor-superintendente da Gazeta de Alagoas. Posteriormente, quando eu já estava como Editor Local do *A Tarde*, em 1977, o reencontrei novamente, pois ele passou alguns dias em nossa redação, na condição

ainda com a participação de Odacyl Cattete e Walder de Góes, que apresentou o seguinte documento síntese:

> *A Comissão de Assuntos Jornalísticos, designada para a elaboração de um documento síntese – Conclusões – sobre as discussões empreendidas em torno do Tema I, "Aspectos Jornalísticos", deste Encontro Jornalístico de Vitória, depois de reunida extraordinariamente nesta sede de convenções, apresenta a exame do Plenário as seguintes conclusões:*
>
> *1.1. Quanto à criação de uma Central de Informação para enfatizar o noticiário dirigido de cada Estado, em forma de Condomínio, sendo acionistas todos os órgãos participantes da reunião, aproveitando-se a estrutura de uma grande Agência, ficou decidido:*
>
> *1.1.1. A Agência Jornal do Brasil, por estar representada na Reunião pelo seu Editor-geral, Walder Góes, se prontificou a obter da Diretoria do S.A. Jornal do Brasil, uma proposta concreta no que se refere a um encontro de interesses profissionais entre aquela Agência e a que se formará, possivelmente, da reunião de esforços dos órgãos participantes. Isto não significa, no entanto, que a Central de Informação surja da fusão com a AJB. Qualquer grande Agência brasileira poderia ser eleita desde que oferecesse condições para um trabalho entrosado e proveitoso.*
>
> *1.1.2. Seria discutida, a partir daí, esta possível fusão em termos globais, abrangentes. Verificar quais as viabilidades econômicas, jurídicas, técnicas e editoriais. Deter-se pormenorizadamente em cada uma destas viabilidades. Analisá-las em termos reais.*
>
> *1.1.3. Fariam parte deste Condomínio, em princípio 1 (um) jornal de cada Estado. Poderia, no entanto, participar mais de um, desde que não concorressem entre si, no mesmo Estado. (Foi citado o exemplo do Jornal de Campinas e o de Santos, em São Paulo). Ter-se-ia, então as empresas básicas (Condôminos) e usuários dos serviços da nova Agência.*
>
> *1.1.4. Desde que lançada a ideia e encontrando-se esta no consenso geral, teria que se partir para a execução de Planos Concretos, que seriam*

de observador, comparecendo inclusive no turno noturno para acompanhar o fechamento do jornal à noite. Era tímido ou cauteloso, pouco falava, mas fazia muitas perguntas e tomava notas. Na época, usava cabelos longos e um óculos no estilo de John Lennon e trajava sempre roupas jeans. Posteriormente, em 1979, foi eleito prefeito de Maceió (1979-1982), governador de Alagoas (1987 a 1989), deputado federal (1982 a 1986), e, então, nas eleições de 1989, foi eleito como o presidente mais jovem de nossa história e primeiro presidente eleito por voto direto da população após o Regime Militar (1964-1985), sucedendo o presidente José Sarney. Como presidente Collor adotou o neoliberalismo. Teve um governo conturbado e sem base de sustentação, com vários Planos econômicos e confisco das poupanças e que acabou sofrendo um impeachment. Renunciou à presidência em 29 de dezembro de 1992, ficando 8 anos sem seus direitos políticos. Desde 2007 é senador por Alagoas.

coordenados por uma Comissão Executiva do Encontro, composta por 3 (três) participantes. Esta Comissão se encarregaria de levar a cabo satisfatoriamente a formulação e execução destes Planos e articular a próxima reunião.

1.2. Quanto à humanização no sistema salarial dos jornalistas e na sua profissionalização, foi debatido que:

1.2.1. O jornalista deve ser, a cada dia que passa, mais interpretativo do fato do que simplesmente informativo.

1.2.2. Deveria se criar cursos e estágios de reciclagem para os jornalistas. Cada órgão deveria incentivar a criação de cursos. Os temas seriam os mais atuais possíveis, a fim de atualizar os profissionais.

1.2.3. Jornalista é jornalista. Não deve atuar como corretor de publicidade em nenhum caso. Valorização profissional do homem.

1.2.4. Promover em cada Estado, campanhas pelo surgimento de faculdades de Comunicação.

Este foi o documento síntese apresentado pela Comissão. Por outro lado, os representantes dos jornais *A Gazeta* do Espírito Santo, *A Crítica* do Amazonas e de *O Liberal*, de Belém do Pará, disponibilizaram aos demais participantes os seus respectivos projetos de reformulação administrativo e financeiro que estavam sendo implantados, incluindo-se mostruário de todos os formulários de controle comercial (distribuição de jornais, venda de assinaturas e de anúncios etc.), além da papelada da identidade visual das empresas, do cartão de visita aos envelopes.

Reuni todo aquele material que foi entregue ao então gerente-administrativo de *A Tarde*, Arthur Luís d'Almeida Couto, juntamente com o relatório que escrevi como resultado do encontro. O relatório e o material serviram de base para a reformulação administrativa que o jornal *A Tarde* implementou juntamente com a mudança do sistema de impressão para o offset a partir de 1975 e o gerenciamento da redação. Renato Simões e Jorge Calmon também receberam cópias do relatório.

Tendo plena consciência da importância do meu relatório para a modernização administrativa do jornal *A Tarde*, sinto-me no dever de torná-lo público, como documento que servirá não apenas para registro de minhas intervenções no jornalismo praticado na Bahia como também como parte do resgate da memória do jornal de Simões Filho que no ano de 2012 comemorou o primeiro

centenário de circulação ininterrupta. Assim, a íntegra do relatório histórico está no **Anexo 4 – Relatório do Encontro Jornalístico de Vitória-ES.**

***

Um ano depois do Encontro de Vitória, participei de outro. Dessa vez o evento, "I Encontro de Jornalistas e Repórteres", foi realizado em Salvador, no dia 17 de agosto de 1974, numa promoção da Arquidiocese, sendo coordenado pessoalmente pelo Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela. Participei do encontro representando a diretoria do jornal *A Tarde*: Jorge Calmon, diretor-redator chefe, e Arthur Luís d'Almeida Couto, gerente-administrativo. Como de praxe apresentei também um relatório aos representados, cujo texto se encontra também no **Anexo 5 e 6.** Historicamente, esse relatório é interessante como documento sobre o que a Igreja estava preocupada em relação à imprensa e o que se discutia naqueles tempos de ditadura.[45]

***

Em síntese, permaneci como editor do *Jornal de Utilidades* durante o período de maio de 1972 a primeiro de abril de 1976 quando Jorge Calmon me requisitou e me designou como Editor Local, tendo permanecido na nova função até o dia 16 de maio de 1978, viajando dias depois para os Estados Unidos a fim de cumprir o programa de pós-graduação. De 1972 a 1978, além de minhas funções de editor, fui também colunista semanal do jornal.

No período de 30 de junho de 1972 a 5 de outubro de 1974, assinei uma coluna noticiosa intitulada "Tome Nota", na qual abordava de tudo de cultura a política. Simultaneamente, no período de 12 de julho de 1973 a 16 de maio de 1978 assinei também uma coluna especializada intitulada "Tome Nota Imobiliário", destinada a orientar os leitores/consumidores sobre o que estava sendo oferecido no mercado superaquecido com altos investimentos do então BNH, Banco Nacional de Habitação. Publicava notícias sobre os novos lançamentos, orientações sobre como conseguir financiamentos ou evitar engodos com referência a imóveis, novos ou usados, a adquirir, vender ou alugar.

[45] Em meu relatório datado de 19 de agosto de 1974, eu me referi ao fato de que até então nenhum jornal tinha publicado as conclusões do encontro e que devido a isso não acreditava que texto tivesse chance de ser publicado. No entanto, no dia 22 de agosto, cinco dias depois da realização o encontro, o *Jornal da Bahia* publicou, com destaque, uma matéria com o texto das conclusões dos jornalistas.

Com muita ousadia a coluna imobiliária, publicada no caderno dos classificados, deu o que falar na cidade. Era leitura obrigatória para quem quisesse saber o que tinha de novo e com as denúncias feitas logo a partir do primeiro mês. Com os exemplos a seguir, conquistamos inúmeros leitores e houve até quem, incomodado, pedisse a minha cabeça usando o poder econômico para pressionar o jornal, mas vencemos os obstáculos e ganhamos credibilidade.

Como colunista imobiliário, procurei dar uma dinâmica diferente às notícias dos lançamentos do *boom* imobiliário da capital baiana, analisando também as peças publicitárias dos mesmos. Todos os press releases das agências de publicidade e o material promocional e peças de campanha me eram direcionados. Cheguei a denunciar na coluna do dia 26/7/1973, que a campanha publicitária do prédio Mansão Comendador Bernardo Martins Catharino, um lançamento da Ciplan/Promov[46], na Praça do Campo Grande, estava vendendo a ideia de que o prédio tinha o maior playground da Bahia, com mais de 37 mil metros quadrados e um pequeno asterisco levava o leitor para o pé do anúncio em corpo 5 ou menor, onde com o auxílio de uma lupa podia-se ler: a Praça do Campo Grande. A seguir reproduzo parte da nota:

> *Playground do edifício – A Mansão Comendador Bernardo Martins Catharino, lançamento da Ciplan/Promov, realmente é um excelente prédio de luxo, bem localizado e tudo o mais. Porém, a campanha publicitária que está sendo realizada, principalmente nos jornais, é apelativa, vez que*

[46] A Construtora e Incorporadora e Planejamento (CIPLAN S. A.) pertencia a Aristarco Braga. A Promov Imobiliária foi fundada em 1972 por José Eduardo Cavalcanti Mendonça, na época um corretor de imóveis que gostava de interferir no trabalho das agências de publicidade, impondo títulos e sugerindo estratégias de venda. Em 1975, esse corretor fundou uma agência de publicidade que ficou famosa pela criatividade: a DM-9, as iniciais do nome pelo qual ele é conhecido: Duda Mendonça. Nizan Guanaes, outra fera de criatividade da publicidade nacional, começou trabalhando com ele. O jornalista João Santana, que foi meu aluno no curso de jornalismo da UFBA, também trabalhou com Duda. Em síntese, Duda Mendonça foi o marqueteiro da eleição do Presidente Lula e João Santana, o Patinhas, fez a campanha vitoriosa de Dilma Rousseff. Duda Mendonça esteve envolvido no processo do maior escândalo de corrupção do país, conhecido por Mensalão, tendo sido absolvido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 15 de outubro de 2012, dos crimes de lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Duda, Nizan e João Santana estão entre os dez mais influentes publicitários/marqueteiros do país. Não posso deixar de lembrar também de outro publicitário baiano, Sérgio Amado, que começou, como eu, na Tribuna da Bahia e depois se fez no mundo da publicidade. Ele foi sócio de Duda Mendonça, na agência D&E, e desde 1997 ocupa a presidência do Grupo Ogilvy Brasil, uma das maiores agências de publicidade no país, o que o torna um dos mais poderosos homens de negócio da propaganda no país.

> *estão vendendo o prédio como possuidor de um playground com 37.400 metros quadrados, que não é nada mais nada menos do que a Praça do Campo Grande.*

Outra Nota que publiquei e que deu o que falar na cidade foi sobre o Parque Residencial Júlio César, na Pituba. O empreendimento foi lançado logo depois de encerrada a telenovela de Janete Clair, *Selva de Pedras*, cujo nome usei para batizá-lo, acompanhado de comentários e cálculos sobre o que seria aquela Babel, que nos dias de hoje é chamada de Favela Colorida ou Caixa de Lápis de Cor. Eis a nota como publicada:

> **Selva de Pedras** – *Um conjunto de prédios de 20 andares, com quatro apartamentos por andar, construído no bairro da Pituba, como exemplo de bairro planejado, já foi apelidado pelos baianos como Selva de Pedras. De quase todos os pontos da cidade este conjunto que levou o nome do imperador romano Júlio César, é avistado.*
>
> *Seja de Itapuã ou da Fazenda Grande do Retiro, a Selva de Pedras é admirada, pois esta obra inspira números: calcule-se que são cerca de 1.500 apartamentos, ou seja, cerca de 7.500 pessoas. Imagine-se 1.500 empregadas domésticas, cerca de três mil crianças (considerando apenas duas para cada apartamento), cerca de 500 babás, mil automóveis, fora o movimento de pessoas flutuantes: visitantes, vendedores, mendigos, lavadeiras, vigias, etc. Depois de somar todos estes números o resultado da soma lembra uma passagem bíblica: O Parque Júlio César quando estiver todo ocupado vai ser uma verdadeira Babel de fofocas.*
>
> *Só uma coisa os baianos não entendem: Como o Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Salvador aprovou este empreendimento. Isto porque conjuntos como este talvez resolvam o déficit habitacional da cidade, mas os problemas sociais que surgirão não justificam construções como esta. É mais fácil controlar construções do que tentar resolver problemas de neuroses e conflitos decorrentes. Enfim, é melhor prevenir do que remediar. Além disso, seria bom que a Prefeitura passasse a considerar o gabarito que limita a altura de prédios próximos à orla marítima a fim de que, amanhã, Salvador não venha a sofrer do mesmo mal que aflige a Guanabara, com seus grandes edifícios (Publicada no A Tarde, no dia 2/8/1973).*

Essas notas, como outras, que envolviam críticas diretas ou indiretas aos anunciantes do jornal, antes de publicá-las, eu procurava comentá-las e submetê-las à leitura de meus superiores. As duas notas em questão foram lidas pelo superintendente do jornal, Renato Simões, e pelo gerente-administrativo,

Arthur Luís Couto, recebendo a aprovação prévia dos dois. Minha cabeça foi solicitada na época por Duda Mendonça, que pressionou o jornal, ameaçando suspender a campanha publicitária veiculada no jornal, como de fato o fez por duas ou três semanas retornando a anunciar mesmo sem ter obtido a minha demissão e porque o jornal *A Tarde* sempre foi a mídia mais forte da cidade para a venda de imóveis. A ameaça que sofri àquela época é um exemplo de como o poder econômico sempre tentou silenciar os jornais e os jornalistas.

***

Os jornalistas Francisco Ribeiro Neto e depois José Olympio da Rocha me substituíram na editoria do *Jornal de Utilidades*, que logo depois começou a se descaracterizar, passando a circular fundido com o Caderno 2 ou com qualquer outro caderno, depois foi transformado em tabloide, o primeiro passo para o seu desaparecimento, o que ocorreu pouco tempo depois devido a outras reformas implementadas na empresa. Na época de seu desaparecimento eu já estava nos Estados Unidos.

É curioso como o jornal *A Tarde*, ao longo de sua história, abandonou inúmeros projetos de sucesso, que poderiam ter sido reformulado, aperfeiçoado e permanecido, mas pela decisão de uns poucos que não tinham sido os pais da ideia, preferiam simplesmente sepultá-las, começando pela fragmentação das equipes, seguida pela descaracterização e posterior sumiço dos projetos sem prestarem qualquer esclarecimento ao público leitor.

ATUAÇÃO COMO EDITOR LOCAL

A vida é uma sucessão eterna de pessoas e fatos. Não se para de morrer nem de nascer. É importante o registro cuidadoso das gerações presentes para o conhecimento das gerações futuras, podendo assim dar prosseguimento a uma genealogia rica de personalidades e prenhe de fatos históricos.

Manuel Bonfim Dias Ribeiro

No dia primeiro de abril de 1976 quando foi fundada a Apple Inc. empresa norte-americana responsável pelo lançamento do primeiro computador pessoal que revolucionou as comunicações interpessoais, coincidentemente foi

a data em que assumi a editoria local do jornal *A Tarde*. No período de primeiro de abril de 1976 a 16 de maio de 1978 exerci a função de Editor Local, ou Editor de Cidade, do jornal *A Tarde*.

Esse foi um período de mudanças e de acontecimentos impactantes, inclusive em minha vida pessoal. Politicamente, os primeiros seis meses do ano foram marcados por crescente estremecimento das coalizões civil-militar que davam suporte ao regime de exceção implantado com o Golpe de 1964. No dia primeiro de julho de 1976, no dia de meu aniversário, o presidente Geisel sancionou a Lei Falcão, alterando o Código Eleitoral, com o objetivo de limitar o uso do rádio e da televisão, reduzindo ao mínimo a propaganda política. Foi também em 1976 que ocorreram as mortes de dois líderes políticos brasileiros, Juscelino Kubitschek e João Goulart, até hoje não foram devidamente esclarecidas e atribuídas a "Operação Condor".

A "Operação Condor" consistiu num acordo político-militar firmado em 1975 entre as ditaduras militares latino-americanas no sentido de reprimir e/ou eliminar seus adversários políticos. Os países que integravam essa aliança foram Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai, Peru e Uruguai. A "Operação Condor" começou com troca de informações entre os integrantes, evoluindo depois para a execução de opositores dentro e fora desses países. No caso do Brasil, até hoje há dúvidas no que diz respeito ao envolvimento dessa Operação às mortes de JK, Jango e Carlos Lacerda[47] que morreram no espaço de menos de um ano. Os três integraram a chamada "Frente Ampla", movimento de resistência à ditadura, lançado em 1966.

* * *

Foi no ano de 1976 que ingressei, por concurso público, no quadro permanente da UFBA, onde já ensinava como professor-colaborador em regime de contratos precários e renováveis, desde março de 1975.

O período em que desenvolvi a função de editor local foi um tanto quanto burocrático, de «fechador» das principais páginas locais do jornal. Uma das minhas contribuições, como Editor Local ou Editor de Cidade, foi ter defendido

[47] Juscelino Kubitschek nasceu em 12 de julho de 1902 e morreu em 22 de agosto de 1976. João Belchior Marques Goulart nasceu em 1 de março de 1919 e morreu em 6 de dezembro de 1976. Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu em 30 de abril de 1914 e morreu no dia 21 de maio de 1977.

a ampliação do número de páginas locais a serem fechadas à noite, aumentando consequentemente o meu trabalho e o dos copy-desks que trabalhavam comigo.

***

Quando assumi a função só tinha a terceira página que era fechada à noite. Pouco tempo depois passei a fechar diariamente três a quatro páginas locais todas as noites, dependendo é claro da quantidade de anúncios programados. Naturalmente que além de exercer uma seleção de notícias mais voltadas para a cidade e de interesse dos leitores acabei, nesse período, desagradando a muita gente, pois exerci o papel do editor comprometido com a verdade e com os leitores.

Fui criticado por alguns colegas que diziam que eu estava mais preocupado com a quantidade do que com a qualidade das matérias, mas o fato era que procurava informar o público sobre tudo o que se passava na cidade, pois estava imbuído na tarefa de aproveitar o máximo do conteúdo que a equipe de reportagem local produzia, informando realmente tudo o que acontecia na cidade, publicando o essencial, o que resultava no enxugamento de várias matérias.

Isso foi um choque para alguns dos repórteres mais velhos do jornal, acostumados a escrever de três a quatro laudas, contendo mais opinião do que informação, e que antes conseguiam emplacar tudo devido à antiguidade na empresa, a exemplo de José Augusto Berbert de Castro, que não se conformava em ver seus textos reduzidos e reescritos. Muitas matérias não foram publicadas e outras o foram depois de reescritas, depois de eliminados os comentários e interesses pessoais.

Um episódio que marcou um dos muitos desentendimentos que tive com Berbert, quando editor local aconteceu envolvendo uma matéria boba que foi publicada com cortes, sobre a sexta-feira, 13 de agosto de 1976, um ano bissexto. A matéria-artigo me foi encaminhada por Jorge Calmon para publicá-la na terceira página. Normalmente, quando recebíamos material assim, poucos editores liam, pois supostamente já havia sido lida por ele, mas resolvi ler e passar o pente fino. No meio da matéria tinha uma frase: "E a Bahia está atravessando um ano de azar porque está sendo dirigida por um homem que tem no nome o nome da árvore onde Judas se enforcou". De imediato cortei o trecho, pois venenosamente estava se referindo indiretamente ao governador Roberto Figueira Santos. Publiquei a matéria e fui para casa.

No dia seguinte, pela manhã, José Augusto foi se queixar de que eu havia mexido na matéria dele apesar de Jorge Calmon tê-la recomendado pessoalmente. Jorge, que não era chegado a ouvir fofocas, pois costumava fazer acareação dos envolvidos, não pode fazer isso de imediato, pois eu só estaria no jornal à noite. Então, muito contrariado, me deixou um bilhete, não muito cortês, o que me levou de imediato a entrar em contato com ele para comunicar que passaria na manhã seguinte em seu gabinete para conversarmos pessoalmente. Fui e ele me atendeu de maneira fria, mas educada, recostou-se no espaldar de sua cadeira, cruzou as mãos e esperou pela minha justificativa.

De imediato, retirei da pasta o original (tive o cuidado de guardá-lo) que ele havia enviado e perguntei se ele havia realmente lido o texto, pois a julgar pelo tema, uma matéria fria sem implicações políticas, me parecia que ele não havia lido. Calado, ele pegou as laudas e começou a ler. Quando chegou no trecho que risquei (naquele tempo as matérias eram ainda datilografadas em laudas de papel), Jorge Calmon perdeu o semblante tenso e relaxou com o seguinte comentário:

– Chiiiiii.....! Roberto não iria nos perdoar!

Depois deste episódio nunca mais ele me questionou sobre os cortes e edições que passei a fazer nas matérias que estava editando, apesar das reclamações serem constantes. Para evitar aborrecimentos específicos, ele inclusive chegou um tempo a destacar Adroaldo Ribeiro Costa, nosso editorialista e cronista diário, para ler e corrigir pessoalmente as matérias de José Augusto.

Por conta do meu método de trabalho, como forma de me desqualificar profissionalmente, como era usual na época do regime militar, fui também, como muitos outros colegas, denunciado como "comunista" junto aos órgãos de segurança do exército (como se ser ou não comunista fosse algum demérito), sob a alegação de que não publicava todos os pedidos dos militares e por conta dessas denúncias, ironicamente, quase perdi a bolsa que me foi concedida pela Fulbright[48] para realizar estudos de pós-graduação nos Estados Unidos.

De maneira hilariante, José Augusto também promovia meu nome onde quer que estivesse, pois todo e qualquer erro publicado no jornal, inclusive nos

[48] O Programa Fulbright é o principal programa de intercâmbio educativo dos Estados Unidos. O Programa concede bolsa a indivíduos escolhidos por seu mérito acadêmico e potencial de liderança. O Programa é administrado pela LASPAU – Academic and Professional Programs for the America, que é afiliado com a Harvard University.

classificados do jornal, o responsável era sempre o mesmo: Sérgio Mattos. Recordo de uma história, quando o jornalista Luís Murici, que assinava uma coluna econômica no jornal, tinha feito uma crítica aos cacauicultores e quando o presidente do IBC – Instituto Baiano do Cacau, que tinha ligações familiares com Berbert, perguntou-lhe quem era aquele Murici, ele, na tampa respondeu, "é o pseudônimo de Sérgio Mattos".

Anos depois, em 1995, quando José Augusto Berbert de Castro comemorou os seus 70 anos de idade, Jorge Calmon me indicou para representar e falar em nome da redação no jantar que lhe foi oferecido no restaurante de um dos hotéis da cidade. Não pude fugir da missão e, depois disso, minha relação com ele mudou de água para vinho. Como também não editava mais as matérias dele, ele passou a me chamar de amigo. Berbert era muito amigo de Jorge Amado, eles moravam bem perto um do outro, no bairro do Rio Vermelho. E o maior escritor da Bahia, sempre que viajava trazia, como presente para Berbert, livros sobre cinema de qualquer parte do mundo. E assim José Augusto construiu uma das mais completas bibliotecas especializadas em cinema da Bahia.

Com o episódio de Jorge Calmon ter-me escolhido para representar a redação do jornal no jantar em homenagem a Berbert, que contou com a presença de Dona Regina de Melo Leitão, presidente da empresa, que veio do Rio de Janeiro com essa finalidade, aflora mais uma vez a sensibilidade e a maneira como Jorge Calmon conduzia também as relações pessoais de sua equipe no jornal, procurando aparar arestas e mantendo o controle sobre tudo. Na ocasião pronunciei um discurso do qual reproduzo alguns trechos a seguir:

> *Falar sobre o companheiro Berbert, como o chamamos na redação, ou José Augusto, como ele é conhecido pelos leitores de sua coluna e artigos sobre cinema, pode ser considerada, simultaneamente, uma tarefa fácil ou muito difícil. Fácil se considerarmos o seu lado família, mágico e humorístico. Difícil, se analisarmos o homem sob o ponto de vista profissional, onde se destaca pela coragem, ousadia e persistência. Entretanto, não se pode falar de um lado sem considerar o outro. Quem convive com José Augusto Berbert de Castro, na redação do jornal A Tarde, conhece os dois lados: o lado brincalhão, com as mais recentes piadas e ironias; e o lado profissional, onde a determinação do repórter aguerrido se destaca porque ele conhece pessoalmente, todas as fontes de informação na Bahia. Talvez, por isso, seja fácil para ele, aos 70 anos completados hoje, ser jornalista, uma vez que ele conhece meia Bahia, enquanto a outra metade conhece ele.*

[...] Berbert é considerado um homem polêmico pela maneira aguerrida como se posiciona a favor ou contra fatos, pessoas ou temas, sejam eles políticos, ideológicos ou socioculturais. Entretanto, todos, amigos e inimigos, reconhecem sua grande capacidade de contador de histórias. Ele manipula as palavras com sensibilidade e sabe temperar, na dosagem exata, suas crônicas, tão ao gosto dos leitores de A Tarde.

[...] É muito difícil falar em nome de todos, mas a partir do reconhecimento unânime que você tem como cronista, gostaria, em nome de todos, desejar que você encontre mais tempo e espaço para produzir crônicas que façam seus amigos, companheiros e leitores, darem boas gargalhadas, pois estamos precisando rir mais nesses dias de tanta crise e de aborrecimentos.

Contamos com você e lhe desejamos o tradicional parabéns e muitos anos de vida.

* * *

Durante o período em que estive na editoria local, me sentia tolhido no sentido de dar vazão ao meu espírito jornalístico e criativo. Sentia-me amarrado na burocracia do fechamento das páginas.

No entanto, acredito que deva abrir parênteses aqui para compartilhar algumas reflexões sobre o papel do editor de jornal, tendo em vista a experiência de anos executando essa função jornalística. Fui, ao longo de minha carreira, um editor preocupado em evitar erros, principalmente os erros de conteúdo. Sempre procurei adequar minha maneira de trabalhar dentro de uma linha ética, coerente e procurando manter minha independência de decisão.

Para mim, um editor de jornal tem que ser apaixonado pelo que faz e estar ligado a tudo o que acontece, tendo em vista que sua responsabilidade é muito grande. É o editor quem faz a última avaliação da matéria, decidindo pela sua publicação ou não, bem como pela hierarquização dela na página que está sendo editada. É o editor que determina a angulação e se uma determinada notícia será a manchete da página e se ela merece uma quantidade maior ou menor de linhas. É o editor quem faz as últimas correções nos textos e acrescenta informações de última hora para valorizar a matéria.

O trabalho de todo editor é sempre avaliado por todos, no dia seguinte, quando o jornal já está impresso e os erros cometidos não podem mais ser corrigidos. Por isso a escolha das fotografias, das notícias que serão publicadas e a

definição dos títulos de cada matéria envolvem abordagem e responsabilidade pessoal.

Nesse processo de seleção tem um elemento de subjetividade muito grande que pode levar os demais colegas e os leitores a discordarem de nossa decisão, mas ser editor é ter atitude, é saber decidir com rapidez e ter coragem de fazê-lo, pois o fechamento de um jornal ou de uma editoria corre contra o tempo e muitas vezes não dispomos de tanto tempo para bater o martelo.

Na rotina do dia a dia, na época, eu trabalhava com o que tinha, ou seja, com o que recebia da produção, da chefia de reportagem, e tinha que fazer um jornal bem feito, um jornal que atraísse o leitor, não apenas pela beleza gráfica, mas principalmente pelo conteúdo das matérias selecionadas. E saber separar o joio do trigo é uma arte que exige maturidade, bom senso e profissionalismo, principalmente, quando se tem consciência de que o que sai publicado, gira em torno de 15 a 25 por cento do total de matérias que são produzidas e submetidas aos editores que selecionam as que serão publicadas. Mais recentemente em alguns jornais os editores locais passaram a ter um papel mais decisivo no planejamento das pautas a serem executadas.

Em síntese, pode-se dizer que, para ser um bom editor, o profissional tem que ter a experiência de ter sido um bom repórter, pois só assim ele terá segurança para se impor perante os repórteres no sentido de mandar refazer ou reescrever uma matéria. No geral, os repórteres desenvolvem um sentimento contra os editores, cuja imagem pode variar de bandido a mocinho, de inteligente a burro, a depender de como processa o aproveitamento das matérias, agradando ou desagradando a eles. Exatamente por isso, além de todo o trabalho sob sua responsabilidade, o editor tem que ter jogo de cintura para administrar as vaidades do quadro de jornalistas, ser leal e ético com seus superiores e colegas, além de cumprir a linha editorial do jornal.

Durante todo o período de fechamento, o editor é pressionado por tudo e por todos dentro de um ambiente onde a adrenalina sobe muito, pois temos que encontrar algo de relevante em todas as notícias selecionadas para publicação. E fazer este trabalho com independência, espírito critico e de maneira ética, sem apelar para o sensacionalismo, é um trabalho desgastante, mas ao mesmo tempo gratificante, pois, ao analisar o jornal impresso, no dia seguinte, podemos constatar onde acertamos em cheio e onde cometemos erros de avaliação.

É natural que cada editoria tenha características e funcionamento específicos, mas a Editoria Local ou Editoria de Cidade, que é responsável pelas notícias locais e regionais, podendo muitas vezes até invadir o conteúdo-territorial das demais editorias, é, na prática, uma das editorias que mais sofre pressões, internas e externas, devido à variedade de temas, abordagens e interesses envolvidos.

Dentro das redações dos jornais, é curioso o comportamento dos colegas, pois, quando o jornal sai perfeito, ninguém comenta nada, ninguém elogia. Mas, ao se cometer algum erro, todo mundo se manifesta, até parece que os jornalistas fazem parte de um grupo que sente prazer em ver alguém escorregar na casca da banana. Pouco importa, mas o que todo editor quer é que seu trabalho seja visto, seja lido e que tenha um diferencial em relação à concorrência. Há um sentimento subentendido de que ninguém gosta do trabalho dos editores, pois eles costumam desagradar mais e a muitos do que costuma agradar.

O trabalho do editor é perfeito quando tudo se encaixa, o título está em perfeita harmonia com o texto e com a legenda da fotografia escolhida e quando atende ao interesse da comunidade como um todo. Caso isto não ocorra, sempre ocorrerão críticas.

***

Poucas foram as vezes que me gratifiquei plenamente com o trabalho executado à frente da Editoria Local, pois perdia muito tempo administrando as idiossincrasias de algumas pessoas insatisfeitas e revoltadas com meu método de trabalho. No entanto, me sentia vivo e participativo quando encontrava liberdade para decidir certos detalhes que faziam a diferença.

Dentre tais momentos, destaco o episódio da morte de Juscelino Kubitschek, quando tal ocorreu eu estava como editor plantonista. Fui verificar as últimas notícias que chegavam pelo telex e me deparei, por volta de 1h30min da segunda-feira, um aviso da Agência de Notícias de que uma equipe tinha se deslocado para o local de um acidente que possivelmente envolvia JK, mas que a confirmação só ocorreria dentro de, pelo menos, duas ou três horas. Teria que aguardar a confirmação. Naquele tempo, não havia as facilidades do fax, da internet e dos celulares.

Imediatamente, comuniquei ao responsável pelas oficinas que provavelmente a impressão do jornal teria que ser interrompida para alteração na pri-

meira página. Enquanto a confirmação não chegava, fui preparar, no arquivo do jornal, a parte de pesquisa sobre JK.

Como previsto, a notícia foi confirmada e, por decisão pessoal, pois, pelo avançado da hora não iria consultar nem a Jorge Calmon nem a Cruz Rios, mudei completamente a primeira página, incluindo nova manchete e textos sobre a morte de Juscelino. Observe-se que o jornal *A Tarde*, com isso foi o único jornal brasileiro a sair na segunda feira, dia 23 de agosto de 1976 com a manchete de que Juscelino havia morrido num acidente ocorrido no domingo.

Nos dias seguintes todos os jornais continuaram a publicar manchetes sobre o assunto, a maioria publicando a notícia pela primeira vez na terça feira. Isoladamente, minha atitude, como editor seria considerada como um fato corriqueiro, mas considerando os agentes envolvidos na notícia, como ela se deu, como ela foi editada e publicada, deve ser registrada, pois este fato histórico (do *A Tarde* ter publicado a notícia antes de todos ou outros jornais), já caiu no esquecimento e nem na época essa ocorrência foi levada em consideração.

Como editor assumi a responsabilidade de parar as máquinas, mudar a manchete e até atrasar a impressão do jornal, só não causando prejuízos porque a manchete ajudou a vender todos os exemplares da edição daquele dia. Na época, a primeira página do jornal era fechada em torno das 23 horas e o editor de plantão só deixava a redação perto das duas horas da manhã.

Hoje em dia, 2014, o que fiz seria impossível de realizar, pois os jornais fecham bem mais cedo, logo após o noticiário do *Jornal Nacional* da Rede Globo. Em compensação os fatos que acontecem após o fechamento do impresso podem ser transmitidos instantaneamente por meio do web jornalismo, nos serviços online oferecidos pelos jornais e demais veículos de comunicação.

O trabalho de edição narrado aqui só tem relevância se for contextualizado à realidade da época e levando-se em consideração as limitações tecnológicas então existentes. Mas essa intervenção jornalística me gratificou pessoalmente como profissional preocupado com a responsabilidade do jornal em registrar a história contemporânea e de bem informar seu público leitor.

* * *

Em várias oportunidades em que estive também fechando a primeira página do jornal, em substituição ao editor específico, pude contribuir com meu senso crítico ao selecionar e publicar fotografias que fizeram a diferença no pro-

cesso de edição, ou seja, selecionei e publiquei fotos que me causaram problemas pelas mensagens subliminares que as fotos transmitiam. Fui alertado sobre os perigos que corria, mas nunca fui proibido ou impedido de fazer o que fiz.

A título de exemplo, citarei duas situações para que o leitor tenha ideia sobre o que estou falando. Numa oportunidade, estava editando a primeira página quando o todo poderoso ministro da Justiça do governo militar, Armando Falcão, que marcou sua gestão pela irônica e antipática frase com que sempre respondia aos jornalistas: "Nada a declarar", eu o coloquei atrás das grades. Ele estava em Salvador para inaugurar a nova Casa de Detenção e devido aos rigores de sua segurança e o distanciamento imposto à imprensa, o fotógrafo do jornal só conseguiu fotografá-lo à distância e mesmo assim através das grades da prisão que ele estava inaugurando. Como editor da primeira página fui ao laboratório para escolher a fotografia e aquela foi a que escolhi e publiquei, no alto da primeira página em três blocos, na qual Falcão aparece atrás das grades, onde muita gente gostaria de tê-lo colocado naquela época de regime de exceção. A fotografia foi publicada ao lado do texto da manchete do jornal sobre a reforma da justiça, na edição do dia 22 de outubro de 1976. O valor simbólico da fotografia só pode ser avaliado no contexto político que vivíamos.

Em outra situação, que não tem o mesmo peso, selecionei também uma fotografia, colocada no pé da página, quando o Ministro dos Transportes, Dirceu Nogueira, e o governador Roberto Santos foram flagrados caminhando sobre a grama, apesar de uma placa enorme alertar: "Seja Educado Não Pise na Grama". A fotografia foi publicada na edição do dia 11 de dezembro de 1976. Em nenhum dos dois eventos o nome do fotógrafo foi registrado, não existia ainda esta preocupação, mas as duas situações demonstram a importância da formação e da sensibilidade do repórter fotográfico no registro da notícia. Desde as duas últimas décadas do século passado para cá, praticamente todos os fotógrafos da imprensa baiana são jornalistas diplomados, o que aguça a visão do fotógrafo-jornalista. Na oportunidade, o ministro inaugurou o terminal de Bom Despacho e anunciou a duplicação da BR-324 (Salvador-Feira).

***

No período em que estive na Editoria Local de *A Tarde*, na sede da Av. Tancredo Neves, imprimindo o jornal em offset, tive José Olympio da Rocha, Marco Antonio Moreira, Azimozete Sant'Anna e Carlos Menezes, como rees-

crevedores da editoria. À noite, a redação era uma festa, com muito barulho e fumaça dos cigarros. Todo mundo fumava e muito. Eu mesmo cheguei a fumar três carteiras por dia, uma por turno de trabalho. Hoje, nas redações, contam-se nos dedos de uma mão os fumantes e mesmo assim eles se retiram do ambiente para curtir o vício do lado de fora. Naquele tempo, jornalistas mais jovens e diplomados pela UFBA, como Reynivaldo Brito, Sérgio Mattos, Agostinho Muniz, Margarida Cardoso, Sônia Araújo, Helô Sampaio, José Cerqueira, Raimundo Marinho, Raimundo Vieira, Zoraide Vilasboas, Francisco Viana, Eliezer Varjão, Renato Ferreira, Alfredo Castro, dentre outros, convivíamos ainda com jornalistas não diplomados e/ou da velha guarda, alguns comportados, outros nem tanto, a exemplo do poeta Jehová de Carvalho, um boêmio, Silva Filho, o maior descobridor de barracos onde se comia bem, Walmir Palma, mais conhecido na redação por "Seu Porreta!" ou "Sorete", Juarez Conrado, Sóstrates Gentil, Geraldo Vilalva, Raimundo Machado, Samuel Celestino, Paulo Guimarães, Alberto Miranda (ganhador de um Prêmio Esso Regional) José Curvelo, Luís Luzi, Pedro Souza, Everaldo Rocha, José Augusto Berbert de Castro, Judélio Carmo, Adroaldo Ribeiro Costa, Aurélio Velame, Otacílio Fonseca, Jorge Aouad, Aya Leite, Wilson Barbosa, Brito Cunha, Ary Guimarães, Prisco Viana, Guiovaldo Monteiro, Joaquim Nascimento, Giovane Guimarães (o GG), Jorge Calmon, Cruz Rios e muitos outros. Registre-se que, entre os mais velhos, estavam também Junot Silveira, Genésio Ramos e José Olympio da Rocha, que foram da primeira turma de Jornalismo da UFBA, no início dos anos 1950.

Na época, a boêmia ainda estava presente na redação. Falar das características de cada um seria impossível, por isso presto minha homenagem aos colegas de redação de *A Tarde*, fazendo um breve registro de duas grandes figuras que fogem totalmente dos parâmetros jornalísticos: Walmir Palma e Jehová de Carvalho.

Sobre Seu Porreta, Walmir Palma, considerado como um dos maiores repórteres policiais da Bahia, abro aqui um espaço para registrar sua marcante presença na redação, com seus quase 100 quilos, muita alegria e sua filosofia de vida. Ele gostava de afrontar e, para tanto, chegou a passar manteiga em goiabada ou colocar açúcar em leite condensado. Quando condenado pela atitude retrucava: "É proibido? Mostre-me uma lei que me proíba de fazer isso". Ele gostava de tomar cerveja quente acompanhada por ovo cozido nos encontros com os jornalistas no Colon, mas adorava almoçar no Trivial de D. Maria, no restaurante do Ruy, na Ladeira da Praça, no de Juarez, no Mercado do Ouro, no

Bela Napoli ou no Gênova, onde ficava até a noite. Tive oportunidade de acompanhá-lo em algumas dessas embaixadas juntamente com Silva Filho. Dentre suas tiradas, cheias de críticas e ironias, lembro de algumas que reproduzo a seguir:

> *– Quando morre um milionário, celebram-se exéquias; um rico, funerais; um pobre, enterro.*
>
> *– Polícia trabalha com três "P": pergunta, processo e porrada.*
>
> *– Não chame por Deus a toda hora. Deus não segurou o pepino do filho dele, imagine o seu...*
>
> *– Você conhece um lugar mais seguro do que uma delegacia para dormir? – Perguntava todas as vezes que era encontrado dormindo na 1ª Delegacia e alguém o acordava com brincadeiras.*
>
> *– Falar alto não funciona. O homem que manda aqui é o que fala mais baixo (referindo-se a Jorge Calmon).*
>
> *– Se macumba valesse, crioulo não acabava escravo.*
>
> *– Nunca me casei, por questão de humanidade. Não é justo eu fazer uma pessoa passar dificuldades comigo, porque esse negócio de morar feliz numa choupana é coisa pra poema ou filme de Tarzan. A realidade pra mim tem que ser confortável, com ar-refrigerado.*
>
> *– Eu cheguei a pensar que não daria certo como jornalista por causa do 'copy-desk' (reescrevedor de matérias). Até hoje eu tenho medo dele. Não tenho medo de bandido, de policial, nem de maconheiro, mas de 'copy' eu tremo. Aliás, eu sempre disse que ele é um perigo, mas ninguém me levava a sério, até que um dia o Nelson Rodrigues baixou o pau no 'copy', aí todo o mundo foi ver que eu estava certo.*

Sobre o advogado, jornalista e poeta Jehová de Carvalho, um dos maiores jornalistas boêmios da Bahia, gostaria também de dizer algumas coisas que são desconhecidas pela maioria dos colegas. Logo após concluir o segundo grau, com 19 anos de idade, ele foi trabalhar no Colégio Ipiranga, ensinando inglês e latim. Militou no movimento estudantil e trabalhou no jornal alternativo *A Crítica*, que fazia oposição ao então governador Régis Pacheco, quando sofreu na pele a violência policial em represália a seus artigos. Pouco tempo depois, a convite de Jorge Calmon, ele foi trabalhar na redação do *A Tarde*, como repórter policial. Na época fez uma série de reportagens sobre a maconha e acabou recebendo um prêmio da Secretaria de Saúde, mas foi espancado, no Largo da Ajuda, ponto dos maconheiros, e passou uma semana internado no hospital em

balão de oxigênio. Como jornalista boêmio, Jehová escrevia sobre a noite baiana, frequentava o Barril Verde, o Bar Montanha e todos os cabarés do centro da cidade, onde viveu seus grandes amores. Jehová sempre se declarou como sendo "o maior boêmio da Bahia, pois já nasci jornalista e boêmio"

No entanto, como advogado ele prestou um serviço assistencialista ao lado de Cosme de Farias, que era seu amigo e companheiro de cachaça. Eles costumavam beber juntos no bar do Jeguinho, na Rua São Francisco. Cosme de Farias tomava uma cachaça chamada "La Dona" e, enquanto bebia, Jehová escutava as histórias dele, que atuava também como repórter do *Diário da Bahia*. Uma dessas histórias foi sobre como Cosme começou a atuar como advogado, tornando-se o rábula mais famoso da Bahia. Sobre Cosme de Farias, Mônica Celestino, uma ex-aluna da graduação na FACOM/UFBA, hoje doutora em Comunicação, tem pesquisado e publicado vários trabalhos. No entanto, tanto Jehová de Carvalho como Walmir Palma merecem ser estudados devido suas respectivas peculiaridades como jornalistas policiais de uma Bahia que não existe mais.

* * *

Foi durante o período em que estive à frente da Editoria Local do *A Tarde* que vivi também minha primeira experiência como sindicalista, pois integrei a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Bahia – SINJORBA, para o biênio 1977-1978, que teve como presidente o jornalista Anísio Félix dos Santos. Os demais diretores-efetivos do SINJORBA, eleitos no dia 10 de abril de 1977, eram: Tasso Franco, Pedro Formigli, Paolo Marconi e Sérgio Mattos. Diretores suplentes: Luís Carlos do Espírito Santo (Luiz Luzi), Rafael Pastore Neto, Frederico Simões de Santana, Carlos Alberto Torres e Nivaldo da Silva. Conselho Fiscal – efetivos: Manoel Canário, Moacyr Motta, Silva Ribeiro e Gelásio de Abreu Farias Neto. Conselho Fiscal – suplentes: José Lopes da Cunha e José Henrique de Castro. Delegados representantes do Conselho da Federação – efetivos: Anísio Félix dos Santos e Carlos Elysio Libório. Suplentes: Luiz Augusto dos Santos.

* * *

Como já foi dito, permaneci na função de Editor Local ou de Cidade do *A Tarde* até o dia 16 de maio de 1978, quando passei a me organizar para a viagem aos Estados Unidos para o cumprimento do Programa de Pós-Graduação. Durante o período em que permaneci no exterior, continuei escrevendo, man-

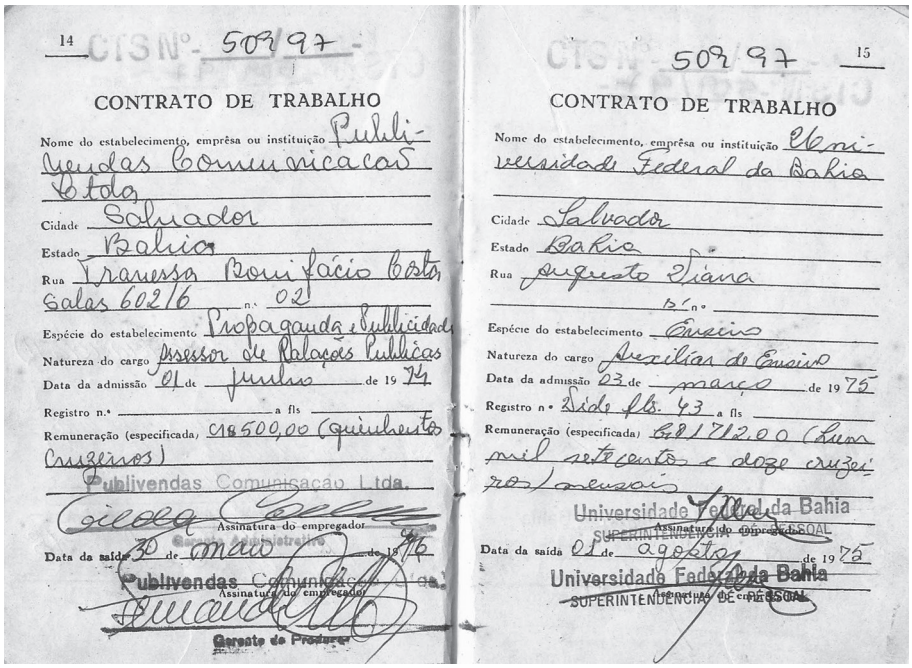
dando notícias e reportagens para o jornal, além de alimentar várias colunas com tópicos do que estava acontecendo nos Estados Unidos, apresentando a notícia com uma interpretação brasileira, fugindo, naturalmente, dos enfoques dados pelas agências de notícias norte-americanas. Durante o período nos Estados Unidos mantive intensa correspondência com Jorge Calmon.

Na semana que antecedeu minha viagem, lancei, por meio do Centro Editorial e Didático da UFBA, atual EDUFBA, um livro de crônicas infanto-juvenil, *A Batalha de Natal*, que contou com prefácio de James Amado[49] que assinalou:

> *Entre os muitos jovens baianos que buscam uma afirmação pessoal através da expressão literária, Sérgio Mattos é um destaque nítido. E isto talvez por ser um jornalista profissional que, antes ainda do diploma universitário, aprendeu a ciência da comunicação na prática diária das redações: o impacto, a verdade e o colorido daquilo que se comunica, concentrado no espaço curto e medido, a busca permanente da síntese, o enfoque direto e a simplicidade como elementos básicos da comunicação tornada mais fácil e universal.*
>
> *Isto marca muito a poesia que ele faz, seu caminho mais particular no exercício literário da palavra. Versos já publicados situam-no entre aqueles poetas de voz clara, aparentemente sem mistério, de poemas breves, nos quais ideias, sentimentos e sensações são despojados ao máximo, não como alguém que busca pureza através do refinamento apurado da expressão, mas como quem parte dela – e Sérgio Mattos apenas começa –, a traz do berço e é incapaz de pronunciar-se de outra forma. Sua tarefa é, portanto e até certo ponto, o inverso do habitual: cabe-lhe adensar o conteúdo de sua cosmovisão, acentuar-lhe a música dos valores que irá descobrindo e tornando seus, elevar literariamente essa simplicidade e essa facilidade de comunicação que lhe são naturais. As crônicas deste livro, também escritas por imposição de espaços vagos em páginas interiores de jornais diários, sob a ditadura do tempo exigente e implacável da redação, mostram as mesmas características. Têm, no entanto, um traço de unidade flagrante: as lembranças da infância desse baiano do Ceará. E um valor de busca que as define: o autor tenta recriar as imagens da meninice com a linguagem da criança, obediente ao caótico do garoto que fala de si mesmo – e isto dá a todas elas o selo deste quase*

[49] James Amado, irmão de Jorge Amado, é escritor, publicitário e tradutor e ocupa a cadeira 27 da Academia de Letras da Bahia. Dentre outros, ele é autor do livro *Chamado do Mar* e foi o organizador do livro *Gregório de Mattos – Obra Poética*. James Amado morreu no dia primeiro de dezembro de 2013 aos 91 anos de idade. Dono de um humor cáustico, James era membro da Academia de Letras da Bahia (ALB), na qual ocupou, por 23 anos, a cadeira de nº 27, que antes dele foi ocupada pelo jornalista Antonio Loureiro de Souza. Tanto Loureiro como James foram prefaciadores de livros de minha autoria.

absurdo: experimente-se pedir a uma criança que reconte sua experiência vivida, tão próxima e livre da memória, que se terá precisamente uma dessas crônicas de Sérgio Mattos.



14 CTPS Nº 50297

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, emprêsa ou instituição Publi-
cidade Comunicação
Ltda
Cidade Salvador
Estado Bahia
Rua Travessa Bonifácio Costa
Salas 602/6 nº 02
Espécie do estabelecimento Propaganda e Publicidade
Natureza do cargo Assessor de Relações Públicas
Data da admissão 01 de junho de 19 74
Registro n.º ____ a fls ____
Remuneração (especificada) Cr$ 500,00 (quinhentos
cruzeiros)
Publivendas Comunicação Ltda.
Assinatura do empregador
Data da saída 30 de maio de 19 76
Publivendas Comunicação Ltda.
Assinatura do empregador
Gerente de Produção

50297 15

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, emprêsa ou instituição Uni-
versidade Federal da Bahia
Cidade Salvador
Estado Bahia
Rua Augusto Viana
nº
Espécie do estabelecimento Ensino
Natureza do cargo Atividades de Ensino
Data da admissão 23 de março de 19 75
Registro nº Vide fls. 43 a fls ____
Remuneração (especificada) Cr$ 1.712,00 (hum
mil setecentos e doze cruzei-
ros) mensais
Universidade Federal da Bahia
SUPERINTENDÊNCIA DE PESSOAL
Assinatura do empregado
Data da saída 01 de agosto de 19 75
Universidade Federal da Bahia
SUPERINTENDÊNCIA DE PESSOAL
Assinatura do empregador

[41.]

Carteira de trabalho com registro de entrada no Magistério Superior, na UFBA, a partir de março de 1975 (acima).

A TARDE

Fundador: Ernesto Simões Filho

SALVADOR, BAHIA – SEXTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 1976

Diz Falcão que a reforma da Justiça terá novo texto

O Ministro Armando Falcão veio a Salvador para inaugurar o novo presídio regional da Bahia-sul desembarcado às 15h30m no aeroporto militar, recebido por altas autoridades, de lá rumando diretamente para o novo estabelecimento penitenciário onde presidiu os atos e inauguração. Na oportunidade em do Ministro da Justiça, discursou o Governador do Estado, salientando entre outros o fato de que aquele é o primeiro passo para a execução da ampla reforma do sistema penitenciário que o País está a exi-

Após a solenidade o Ministro da Justiça concedeu breve entrevista à

Seis dias para protesto de títulos

A necessidade de ampliação do prazo de notificação de protesto de títulos nos cartórios, de três para seis dias, foi debatida, ontem, em Porto [illegible] no Congresso Notarial.

imprensa evitando pronunciamentos. Sobre a liberdade de imprensa foi seco e incisivo:

— Há liberdade para a imprensa responsável e considerou encerrado o assunto.

Perguntado a respeito da procedência das críticas sobre a reforma do Poder Judiciário comentou que "convém aguardar a remessa do projeto ao Congresso Nacional" pois "só então será ele conhecido na íntegra e os interessados e autoridades no assunto poderão criticá-lo (Página 3).

Desenvolvimento do Nordeste tem prioridade

O Ministro Rangel Reis, do Interior, reafirmou em Fortaleza, ontem, que apesar das dificuldades que o Governo vem encontrando na área

O Ministro Armando Falcão inaugurou a nova Casa de Detenção, cujas dependências percorreu em com Governador do Estado, do Secretário da Justiça e outras pessoas presentes.

Prefeituras pagam com ICM seus débitos em dez anos

Brasília (AG)

O Instituto Nacional de Previdência Social — INPS — prorrogou para

fiscal, e o demonstrativo da dívida, junto com o compromisso formal de autorizar o estabelecimento bancário

A comemo amanhã Dia do L

Amanhã terá como todo Brasil, o "Dia do L salienta o escritor Emi o livro é uma das mais do engenho humano, é de de parcela da população

[42.]

Armando Falcão aparece atrás das grades, onde muita gente gostaria de tê-lo colocado na época da ditadura.

A TARDE

Fundador: Ernesto Simões Filho

SALVADOR, BAHIA – SEGUNDA FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 1976

NOSSO EDITORIAL: PARAMOS PARA MORRER! 4a. PÁGINA

Morre em desastre Juscelino Kubitschek

Os funerais

[43.]

A Tarde foi o único jornal brasileiro a sair no dia 23.08.1976 com a manchete da morte de JK.

PATERNIDADE: SENTIMENTO COMPOSTO DE ALEGRIA E MEDO

Um homem que não consegue se sentir responsável por aquilo que cria em sua vida e à sua volta é como uma criança pequena que precisa do pai que a mantém imune a tudo. Pegue um planeta com 99% de uma população dependente e você tem vários pais diferentes chamados religião.

Scheila Grade

Minha geração cresceu sob a égide de uma educação mais repressora e da pedagogia da palmatória. E a partir da década de 1960, vivemos também a época da revolução sexual e da transformação nos costumes e valores sociais cultuados. Minha geração estava também impregnada pela politização e sentimento de combatividade. Foi nessa época que se passou a defender uma educação mais liberada a fim de prevenir possíveis traumas emocionais em nossos filhos.

Acredito que não existam regras e manuais de como criar os filhos e que cada casal intuitivamente vai transferindo seus conceitos, mas a boa educação é aquela que se transmite com afeto aos filhos o que é amor, amizade, companheirismo, ética e honestidade. Aquela que transmite também conceitos de cidadania, de deveres e obrigações, além de contribuir para a elevação da autoestima. Em síntese foi o que procurei transmitir aos meus filhos.

***

Conheci Maria Helena de Medeiros Chaves durante o vestibular da UFBA e começamos a namorar no início do primeiro semestre do Curso de Jornalismo, no ano de 1968, e nos casamos em 19 de julho de 1970, quando eu mal havia completado 22 anos de idade. Casei logo que meu salário melhorou, pois passei a receber o dobro, como chefe de reportagem, do que recebia como repórter especial da *Tribuna da Bahia*. Isso mesmo, já exercia o jornalismo profissional antes mesmo de concluir o curso na Universidade.

Enfrentamos as dificuldades que todo jovem casal enfrenta ao tentar viver com o salário de jornalista e tínhamos que fazer algumas virações, como vender livros, gravatas (que ela confeccionava) e "bicos" junto a agências de

publicidade e principalmente trabalhos freelancer para as sucursais dos veículos do sul do país.

***

Um desses trabalhos de freelancer me foi encomendado pela revista *Veja*, por Edgard Catoira. Eu e Ivan Leão, contemporâneo de faculdade e colega na *Tribuna da Bahia*, fomos contratados para cobrir a visita de quatro ou cinco dias de Janis Joplin à Bahia. Esta era a pauta. Só sabíamos que ela estava em Salvador, hospedada com amigos e escondida da imprensa e mais nada. Nenhum registro constava em hotéis e ninguém falava absolutamente nada. Batemos toda a cidade, de norte a sul, leste a oeste, em companhia de fotógrafos, sem conseguirmos localizá-la. Quando tínhamos uma pista e chegávamos ao local, ela já tinha ido embora e as matérias eram de reconstrução dos fatos.

Na verdade, ela ficou hospedada entre as residências do artista plástico Lula Martins, no Rio Vermelho, e a casa de Nilda Spencer, atriz e professora de teatro, cuja filha, Judy Spencer, foi acionada como intérprete e guia da Rainha do Woodstock em Salvador. Janis Joplin frequentou as praias do Rio Vermelho e de Arembepe, o Mercado Modelo e a boate Anjo Azul, reduto de artistas. O resultado é que a passagem de Janis Joplin pela Bahia gerou uma reportagem detalhada de todo o roteiro feito sem que tivéssemos acesso à artista. O texto que entreguei a *Veja* tinha 16 laudas (não sei quantas laudas Ivan Leão produziu). Quando a revista circulou com inúmeras páginas dedicadas à cantora que esteve no Brasil em fevereiro de 1970 saiu com um pequeno registro, de duas linhas, informando que ela também tinha passado por Salvador.

A passagem de Janis Joplin – a Rainha do *Rock and Roll* e grande intérprete de blues e soul – pelo Brasil foi tumultuada, pois, no Rio de Janeiro, praticou o topless na praia e por nadar nua na piscina do Copacabana Palace acabou sendo convidada a deixar aquele hotel. Envolveu-se ainda em uma série de confusões, mas na Bahia sua passagem foi praticamente anônima, longe dos fotógrafos e dos escândalos. No entanto, ela foi fotografada na praia do Rio Vermelho por seu anfitrião.

Lamentei na época, e continuo lamentando hoje, o fato de não ter conseguido acompanhar seus passos pelas praias e ruas tortuosas de Salvador, de tê-la entrevistado e produzido uma matéria marcante. Anos mais tarde, quando entrevistava Nilda Spencer para a matéria de capa da revista *NEON,* ela me

revelou que ninguém achava Janis Joplin porque ela foi muito bem escondida. Nem ao jornal no qual ela assinava uma coluna de Teatro, a *Tribuna da Bahia*, Nilda contou da presença de Joplin, mantendo-se fiel ao compromisso assumido de não revelar a presença dela.

Da experiência ficou a frustração de não ter tido acesso à cantora que encantou minha geração, mas, ao mesmo tempo, ficou o trabalho de resgate dos locais e do que ela andou fazendo em Salvador. Fiz um trabalho de rastreamento e fui bem pago por ele, aproveitando o dinheiro para as despesas de montagem de casa, pois já estava com o casamento marcado. No dia 4 de outubro do mesmo ano, 1970, Janis Joplin morreu, vítima de uma overdose de heroína. Então a revista *Veja* publicou nova matéria e aproveitou os detalhes de sua visita a Salvador, que não tinham sido usados na edição de fevereiro.

Os originais da matéria que produzi tinham sido devidamente guardados nos arquivos da Editora Abril.

* * *

Minha filha Paula só nasceu dois anos e meio depois do meu casamento, em 25 de janeiro de 1973, trazendo-me um composto de sentimentos contraditórios de alegria, de medo e de descoberta interior. Apesar de esses sentimentos terem invadido todo o meu ser, físico e espiritual, ainda hoje não me julgo capaz de defini-los em texto, pois são indescritíveis. Como confessei na época a meu amigo e poeta Ivan Dórea Soares: "ter um filho, ser pai, é uma coisa mágica..."

Acompanhei o desenvolvimento de meus filhos desde quando gerados. Acompanhava Maria Helena a todos os exames médicos e me interessava pelos detalhes, observando o crescimento deles ainda no útero, tendo o prazer de sentir os chutes que davam na barriga da mãe, anunciando "olhe eu aqui! Estou vivo!". Quando nasceram, eu dividia com a mãe as tarefas do cuidar deles, de alimentar, colocar para arrotar, ninar, trocar fraldas etc. Uma curtição! Foi um bom tempo cheio de alegrias e apreensões, pois, afinal de contas, éramos pais de primeira viagem.

Foi assim com Paula e se repetiu com Rafael, pois cada gravidez, cada filho é uma experiência nova com problemas diferentes e que requerem atenções diferenciadas, pois cada ser humano tem suas próprias características que devem ser respeitadas e a formação de cada um também tem características diferentes. Compareci e acompanhei as consultas mensais ao pediatra. Não per-

dia uma e procurava saber de todos os detalhes e orientações. O pediatra deles foi o meu amigo Dr. Nelson Barros, professor da UFBA e que exerceu a função de Secretário da Saúde durante o governo de João Durval, quando eu estava na direção do IRDEB.

Acompanhar o desenvolvimento de um filho, suas primeiras descobertas na vida, suas escolhas pelos brinquedos e pelo tipo de alimentação preferida, é um momento fantástico. Foi assim que me senti com Paula e com Rafael. Paula adorava os alimentos de cores fortes e Rafael, qualquer alimento desde que colocados em recipientes do seu agrado, como os potinhos de alimentos prontos.

Também passei horas em claro e acordava durante a noite para atendê-los nas necessidades. Nunca deixei de acariciá-los, beijá-los e niná-los como continuo fazendo até hoje assim tenha a oportunidade de estar com eles. Dentro do possível, acompanhei as atividades escolares, indo deixá-los e pegá-los na escola, acompanhando os exercícios, lendo historinhas e participando de brincadeiras, as mais singelas. Gostava das brincadeiras e de interagir fisicamente com eles, principalmente quando íamos à praia ou tomávamos banhos nas piscinas, sendo então o ponto de referência e de segurança para eles. Este contato físico, o abraço agarrado era bom demais. Guardo as boas lembranças.

Como pai, sinto que influenciei meus filhos na transmissão de valores que possivelmente hoje os ajudam a tomar decisões e exercer o livre-arbítrio. Sinto também que sou influenciado por eles, quando lhes observo o comportamento e seus relacionamentos e a maneira como agem com as pessoas. Em resumo, sempre soube escutar e prestar atenção às observações, queixas e críticas deles.

A minha expectativa de ser pai foi talvez maior do que o exercício da paternidade no dia a dia. No entanto, tentei acertar, atendendo-os em suas necessidades sempre que solicitado nos mais variados momentos da vida. Nunca fui autoritário nem obriguei meus filhos a fazerem algo obrigado. Nunca usei e me impus pela força ou pelo medo, sempre lhes dei liberdade de expressão e procurava conversar com eles sobre todas as coisas, sem restrições, mas respeitando seus segredos e individualidade. Também não fui um pai excessivamente permissivo, pois sempre soube estabelecer limites, tentando ser afetuoso. Acho que neste assunto até que me saí mais ou menos e só eles podem criticar e apontar minhas falhas. Procurei ser um bom ser humano e influenciá-los positivamente com o exemplo.

* * *

Coincidentemente, Paula nasceu no ano em que lancei meu primeiro livro individual de poemas, *Nas Teias do Mundo* (1973), e Rafael nasceu em 1977 quando lancei o meu segundo livro individual de poesias, *O Vigia do Tempo*. Enfim, meus filhos são os meus poemas prediletos. Ver o sorriso dela e o rosto sério dele examinando tudo com um olhar curioso e imaginar o futuro que teriam me levaram à poesia. Paula nasceu em 25 de janeiro de 1973 e para ela fiz o poema a seguir, que foi musicado e gravado por Edu Casanova:

O SORRISO DE PAULA

Um sorriso
comprido
sem artifício
nem vício.
Um sorriso
puro,
de encanto,
de criança.
É o sorriso
que tenho na lembrança
nos momentos distantes,
na hora do abraço
do encontro e do cansaço.
(1974)

Meu filho Rafael nasceu em 9 de janeiro de 1977 e a ele dediquei o poema:

O DESPERTAR DO FUTURO

Em teus olhos vivos de criança,
em teu rosto sério,
meu filho, projeto minha esperança
de um mundo melhor
no dia de teu primeiro aniversário.
Tenho medo, confesso, do futuro
que se constrói para tua geração.
Gostaria de moldá-lo seguro
e sem sofrimentos,
a fim de que teu amanhã
seja como no meu pensamento:
tranquilo como o sol poente.
(1978)

Pode não parecer, ou eles não terem ainda percebido, mas meus filhos me enchem de orgulho e de honra pelo que são, pelas pessoas íntegras e simples em que se transformaram.

Quando me separei de Maria Helena, em 1984, Paula estava com 11 anos e Rafael com 7 anos de idade, e coube à mãe a maior parte da responsabilidade do acompanhamento diário dos filhos, tendo em vista que detinha a guarda legal. E por isso também devo render-lhe méritos pela preservação dos valores familiares que ela aprendeu e seguiu a partir da educação que Pedro Chaves e dona Zenaide lhe ensinaram.

Os traumas da separação naturalmente existiram, sendo difícil avaliar em que grau e como atingiu cada um deles, mas procurei compensá-los sem, no entanto, atingir plenamente meus objetivos, pois ainda hoje percebo e sinto não ter sido o pai presente como eles gostariam que eu fosse. Exerci a figura do pai provedor, sem a postura austera e rígida de antigamente, pois procurei também ser um pai amoroso, atencioso e participativo, conversando sobre tudo, sem segredos e sem falsa moral.

Procurei motivá-los nas escolhas profissionais que fizeram e sinto-me gratificado em saber de suas conquistas. Paula de Medeiros Chaves Mattos é psicóloga e pós-graduada, e Rafael de Medeiros Chaves Mattos é advogado, sobre o qual só ouço elogios. Procurei honrá-los com o exemplo dado e a construção de um nome profissional respeitado. Dar o bom exemplo, dialogar sempre e respeitar a individualidade deles foi o que sempre procurei fazer e como entendi que seria a melhor educação a ser dada.

Acredito que tenha conseguido isso, tendo em vista um cartão que Rafael, então com 19 anos, escreveu e me entregou por ocasião do dia dos pais. O cartão me comove até hoje, por isso o guardo como documento precioso. Datado de 11 de agosto de 1996, eis o que Rafael escreveu:

> *Paizão: realmente a vida é uma grande competição. Mas, felizmente, você é um competidor olímpico. Pelo menos para os meus olhos, você já é medalha de ouro em quase todas as provas. Quais? Você conseguiu passar aos seus filhos um exemplo (você) de honestidade e caráter muito grande. Eu não tenho a menor dúvida quanto a essas qualidades em você. Aliás, não sou só eu quem reconhece isso. Até as pessoas do seu ramo chegam a comentar como é difícil encontrar pessoas sérias e batalhadoras como Sérgio Mattos. E eu me orgulho muito disso. Aliás, é a coisa da qual eu mais me orgulho de você. Eu também me sinto lisongeadíssimo de ser*

filho de um poeta do qual eu sou o fã nº 1. Passo horas lendo seus livros, repito cada poesia várias vezes, e quanto mais eu leio, mais eu gosto. Eu queria que todo mundo soubesse como é bom ter um pai poeta. Como jornalista a sua competência está mais do que provada. E é em você que eu me inspiro quando estou naquelas horas de preguiça, porém que deveriam ser de estudo, e ganho forças para meter a cara no livro, pensando: eu quero ser competente como meu pai. Você foi sempre um referencial muito forte em minha vida. Uma espécie de ídolo que eu sempre tive. Qualquer pessoa que converse comigo sobre você, logo percebe o quanto eu sou babado por esse Paizão. Pois é, mas não para por aí não! Você também é um PAI que inspira confiança! Apesar de muito ocupado, sempre arranja um tempinho para conversar com seus filhos, quase sempre muito carinhosamente. Eu sei que você gostaria que a nossa convivência tivesse sido maior nos últimos anos, pois é, eu também lamento. Se o tempo voltasse eu ficaria muito mais com você. Você é divertido, sincero, carinhoso e principalmente PAI. Eu realmente acho que você merece o título de campeão olímpico múltiplo: PAI, jornalista, poeta, professor, escritor; nas modalidades: competência, seriedade, dedicação e honestidade. Eu só sinto uma coisa que gostaria que você tivesse feito e não fez: ter me ensinado a jogar futebol. Pois é meu Paizão, eu te amo. Rafael, o seu filhão.

***

Pensei que um dia poderia me aposentar e me dedicar a ser um avô perfeito, mas também não consigo sê-lo, tendo em vista que continuo a trabalhar com a mesma intensidade de quando era apenas um jovem pai. Cometi muitos erros, pois, no fundo, sou apenas mais um ser humano, com defeitos e virtudes como qualquer outro, procurando aprender com a experiência de vida e evitar a repetição dos erros já cometidos. Este é um sentimento de culpa que carrego ao longo do tempo por ter sido tão egoísta, dedicando a maior parte de minha vida à carreira profissional e aos meus projetos pessoais, mesmo que voltados para o interesse da comunidade. Enfim, como disse Voltaire, "a primeira lei da natureza é a tolerância, já que temos, todos, uma porção de erros e fraquezas".

***

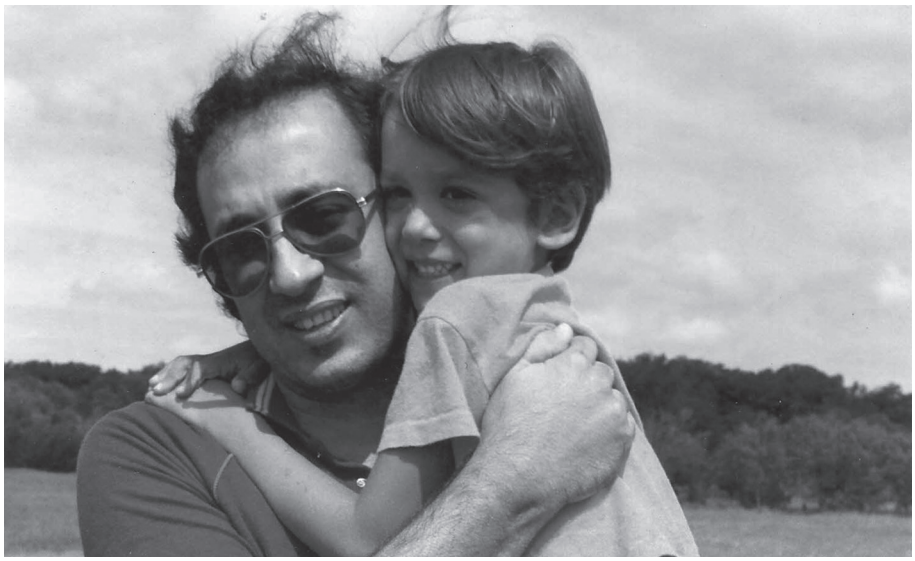
Em 1977, ano em que Rafael nasceu, me submeti à seleção para obtenção de uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, tendo sido selecionado e assim atingido mais uma meta, um sonho perseguido, o de fazer pós-graduação no exterior. O Programa LASPAU-FULBRIGHT estava concedendo uma única bolsa para a área de comunicação na América do Sul naquele ano, e fui selecionado para o Mestrado cursado na Universidade do Texas, em Austin, onde permaneci

para o Doutorado, como bolsista da CAPES. Permaneci nos Estados Unidos no período de maio de 1978 a agosto de 1982. Na época em que embarquei para os Estados Unidos, minha filha Paula estava com 5 anos e Rafael com 1 ano de idade. Eles foram alfabetizados em inglês e acredito que a experiência dos Estados Unidos foi marcante e definitiva também na vida deles.

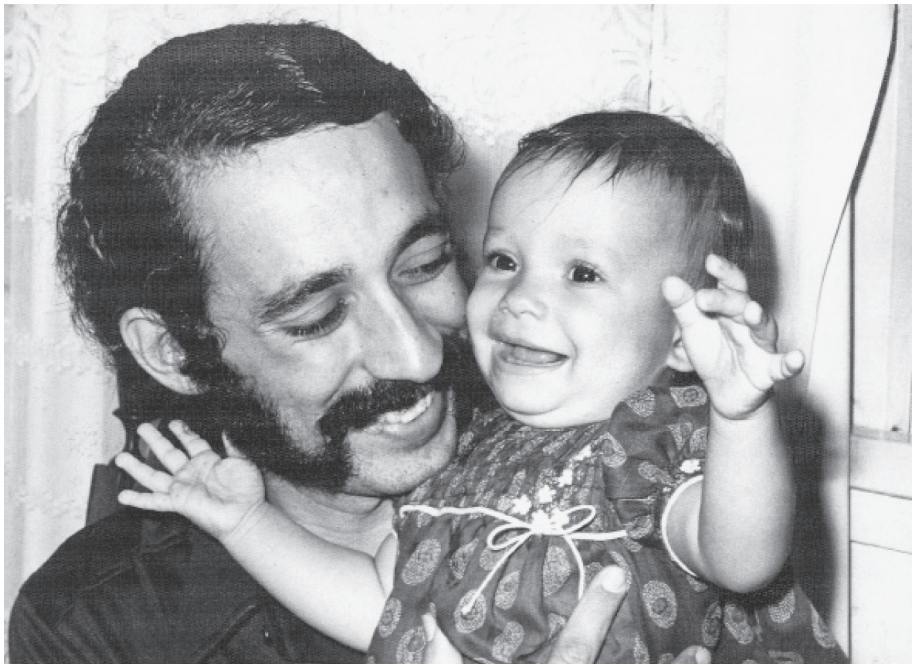
***

Mais uma vez o destino me foi favorável. Digo isto porque meu filho havia nascido com um problema no pé e foi operado em São Paulo e precisava de acompanhamento. Quando informei ao médico dele, Dr. Osny Salomão, que íamos para os Estados Unidos, ele me disse que seria ótimo, pois a maior autoridade no segmento da medicina, no qual ele era cirurgião, era um americano e me deu o nome para que eu o procurasse quando lá estivesse, Dr. Albert Ferguson. Seria como procurar uma agulha no palheiro. Uma missão quase impossível, mas por obra e graça do destino, quando procurei o Children's Hospital de Pittsburgh, qual não foi a minha surpresa: o médico indicado trabalhava lá e foi quem fez a segunda cirurgia que ele necessitava e não nos custou nem um centavo.

Quando chegamos a Austin, no Texas, Rafael ainda estava com a perna engessada e com articulações de aço implantadas em sua perna para manter o prumo. Quando o levamos ao hospital, na época certa, para retirar a armação e o gesso, ele foi motivo de curiosidade médica, pois todos os pediatras e ortopedistas foram observar a técnica avançada que o médico de Pittsburgh havia utilizado. Vale dizer que autorizamos, eu e Maria Helena, ao Children's Hospital de Pittsburgh a filmar a cirurgia que foi objeto de análise em congressos e em salas de aula de muitas escolas de medicina dos Estados Unidos. Lamentavelmente, não registrei o nome do médico americano.



[**44.**] Eu, com Rafael, meu filho, nos Estados Unidos.



[45.] Eu, de suíças à Dom Pedro, com Paula, minha filha, 1973.

[46.] Rafael, Sérgio e Paula Mattos (foto maior).

Netinha - Sérgio, Alice e Rafael (foto menor | esquerda).

Lançamento de livro. Família (foto menor | direita).

QUARTA PARTE

(1978-1982)

LAPIDAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO

Excelência para mim significa tentar ser bom no que se faz, e no que se é. Um ser humano decente, solidário, afetuoso, respeitoso, digno, esperançoso sem ser tolo, idealista sem ser alienado, produtivo sem ser viciado em trabalho. E, no trabalho, dar o melhor de si sem sacrificar a vida, a família, a alegria, de que andamos tão carentes, embora os trios elétricos desfilem e as baladas varem a madrugada.

Lya Luft

6

DESAFIOS E CONQUISTAS NO EXTERIOR

Quem caminha em direção da luz, não tem tempo de observar o que se passa nas trevas

José Ingenieros

Disciplina, determinação, dedicação e persistência são palavras que servem para expressar tudo o que fiz e continuo a fazer, tanto na área profissional, como jornalista, como educador na área acadêmica. Minha trajetória acadêmica, dedicada ao ensino do jornalismo e à pesquisa da comunicação, é a testemunha disso. Minha produção (tanto artística, literária e científica) está relacionada ao meu interesse em história, jornalismo, meios de comunicação (principalmente a televisão), publicidade, liberdade de expressão e censura. Minha primeira publicação na área acadêmica data de 1975, quando lancei um opúsculo intitulado *Estudos de Comunicação*.[1]

De maneira sucinta, minha formação universitária, de Bacharel em Jornalismo a Doutor em Comunicação, passando pelas experiências no ensino e pesquisa, com a publicação de vários trabalhos, tanto no Brasil como no exterior, começou com o meu ingresso na Universidade Federal da Bahia. Prestei o exame vestibular, ingressando no Curso de Jornalismo da UFBA no ano de 1968. Minha graduação, como bacharel em Jornalismo, ocorreu quatro anos depois, em dezembro de 1971.

Pouco tempo depois, aos 26 anos de idade, comecei a ensinar na Universidade Federal da Bahia – UFBA, em março de 1975, juntamente com Aloísio da Franca Rocha, ambos na condição de professor-colaborador, sob contratos precários de curta duração e renováveis a cada semestre. Permaneci assim até agosto de 1976 quando, por concurso público, fui efetivado no quadro permanente da Universidade, ingressando como Auxiliar de Ensino, passando por todas as etapas da carreira e por todas as progressões, tanto verticais como

[1] MATTOS, Sérgio. *Estudos de Comunicação*. Salvador: Arco-Íris, 1975.

horizontais, – de professor Auxiliar até professor Adjunto IV, com a qual me aposentei proporcionalmente em 1997. Durante o período em que estive na UFBA não houve abertura de concurso para Titular, por isso não cheguei ao último nível da carreira.

Durante minha atuação na FACOM/UFBA, exerci também a chefia do Departamento e a Chefia do Colegiado de Curso, em mais de uma oportunidade, além de ter sido Chefe do Núcleo de Publicações do Centro Editorial e Didático e diretor-substituto da Gráfica Universitária da UFBA. Pouco tempo depois, o Núcleo foi transformado na Editora da UFBA, a EDUFBA. Chefiei o Núcleo, por duas vezes, antes de ir para os Estados Unidos e, logo após meu retorno, até o dia em que assumi a direção do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – IRDEB. Além disso, fui candidato a Reitor da UFBA no ano de 1987, mas este é assunto específico para ser tratado em separado, a partir de quando a Faculdade de Comunicação passou a ser olhada de maneira diferente dentro da Universidade.

* * *

Iniciei meus trabalhos de editor-coordenador de obras ainda na faculdade, onde sempre procurei exercer o papel de multiplicador de ideias numa época em que havia uma deficiência muito grande de publicações. Reunia trabalhos, artigos, de professores e alunos, e os multiplicava em mimeógrafo, encadernava, grampeava e distribuía os 200 volumes, em média, entre colegas e alunos.

Era um trabalho artesanal – hoje alijado e sem qualquer valor, mas que na década de 1970 funcionou como o espírito embrionário do editor que nascia em mim. Na época, eu financiava o papel, gratificava os funcionários e alceava, grampeava pessoalmente os trabalhos, tendo, vez por outra, a ajuda de alunos.[2] Este trabalho artesanal evoluiu e continuo coordenando e publicando livros coletivos, que, na verdade, exigem mais trabalho e dedicação do que escrever e publicar o seu próprio livro.

[2] Dentre os títulos cuja publicação foi feita por esse processo encontram-se os seguintes trabalhos: ***O Jornalista baiano e a ética***, elaborado em 1976 por meus alunos, hoje jornalistas atuantes: Aldeneide A. Fonseca, Carlos Ribas, Celeste Aída Silva, Ednamay Cirilo Leite, José Carlos Teixeira, Marco Antonio Moreira e Vera Matos; ***A Função Social dos Meios de Comunicação de Massa***, elaborado em 1976 por meus alunos, hoje também jornalistas atuantes: Augusto Queiroz, Dilton Mascarenhas, Helder Leite, José Emerson, Lucia Ribeiro, Luis Guimarães e Walmir Palma; e, também de 1976, um trabalho de professores, intitulado ***Comunicação e Sociedade***, com textos de Aloísio da Franca Rocha, Mariluce Moura e Sérgio Mattos.

Ao longo dos anos, tive a satisfação de organizar e publicar vários livros. Dentre eles, estão *Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha* (1997), *A Televisão e as políticas regionais de comunicação* (1997), *A Televisão na era da globalização* (1999), *Comunicação Plural* (2007), publicado pela EDUFBA, integrando a coleção Sala de Aula dessa editora. Outro foi *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia* (2008), reunindo 23 entrevistas com profissionais baianos que retratam a imprensa local nos últimos 60 anos. O livro foi o resultado de um trabalho que desenvolvi com os alunos da UNIBAHIA – Faculdades Integradas Ipitanga e que foi publicado com o selo do IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, como parte das comemorações dos 200 anos de imprensa no Brasil.

Na relação bibliográfica de minhas obras podem ser encontrados vários títulos de livros que organizei e editei, obtendo apoio e patrocínio para a publicação, contribuindo para ampliar os espaços no sentido de divulgar o conhecimento produzido na área da comunicação.

***

É curioso observar que até a década de 1990 o trabalho de organizar livros tinha reconhecimento e pesos diferentes junto aos órgãos de fomento, pois estaríamos sedimentando linhas de pesquisa, exercendo a liderança acadêmica e possibilitando a multiplicação do conhecimento, considerando que publicar livros individuais era uma tarefa muito difícil. A publicação de livros coletivos era uma saída e atendia às necessidades da época.

Atualmente, em 2015, a organização de livros já não encontra, nas avaliações de progressão acadêmica ou na pontuação dos baremas avaliativos, o mesmo valor que tinha até o final do século passado. Mesmo considerando que as publicações organizadas continuam tendo os mesmos objetivos de então.

O modismo também atingiu a área acadêmica a partir das novas tecnologias e da maior valorização delas na era digital, quando a publicação de artigos em periódicos, impressos ou eletrônicos, passaram a ser, proporcionalmente, mais valorizados do que a publicação de livros individuais independente da discrepância existente entre o ato de produzir um artigo e publicá-lo num periódico e o trabalho de pesquisa, sistematização de dados e redação que um livro possa dar ao autor.

Essa tendência tem empurrado os acadêmicos, desde meados da primeira década do século XXI, para uma disputa por produtividade, deixando a qualidade do trabalho produzido em segundo plano. Passamos a viver a era da produtividade e da formação de grupos que fogem totalmente às características que se tinha anteriormente do conceito clássico dos "Colégios Invisíveis". Esses grupos estão se encastelando e se tornando cada vez mais fechados, adotando a política de autoproteção, abrindo espaços apenas para os componentes deles, que se autoelogiam e citam-se repetitivamente, garantindo a produtividade e o alto índice de citações.

Ao criar o sistema de classificação QUALIS[3] para periódicos, a CAPES praticamente mudou a forma da avaliação dos docentes que passou a ser feita pela quantidade de pontos que ele consegue no QUALIS. Devido a esse sistema de valorização e avaliação, os acadêmicos passaram a concentrar todos os seus esforços na direção de publicar artigos em periódicos bem avaliados, deixando de lado o interesse em publicar livros ou até mesmo no periódico de sua própria Faculdade, não tão bem avaliado pela CAPES, que acaba indiretamente contribuindo para o desaparecimento desses periódicos não vinculados a programas de pós-graduação e, exatamente por isso, com linhas editoriais mais abertas, aceitando artigos de várias áreas do conhecimento, ou seja, com conteúdo mais interdisciplinar.

Particularmente, defendo a existência de periódicos acadêmicos que possuam um escopo de atuação mais amplo, atendendo a todas as necessidades acadêmicas: ensino, pesquisa e extensão. Mas este assunto é muito polêmico e, como estamos vivendo um momento de transição, no meio de uma revolução tecnológica, muita coisa vai mudar e num espaço de tempo mais curto do que o que podemos imaginar. Naturalmente, não podemos deixar de reconhecer que as publicações eletrônicas oferecem inúmeras vantagens sobre as impressas, principalmente devido à rapidez com que os conteúdos podem ser disponibilizados, aumentando a troca de informações e facilitando a sedimentação de novos paradigmas.

No entanto, essa luta na busca do reconhecimento pela produtividade, expressa na quantidade crescente de artigos publicados na área de comunica-

[3] O Qualis é um sistema de avaliação de periódicos implantado e mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES, que classifica os veículos para a divulgação da produção intelectual quanto à circulação (local, nacional, internacional) e quanto à qualidade (A, B e C) para cada área de avaliação.

ção, não está sendo proporcional à qualidade dos artigos publicados. E essa constatação me deixa preocupado com as distorções que podem influenciar negativamente na qualidade do ensino universitário no país.

***

Na busca pelo aprimoramento acadêmico, em 1977 me submeti à seleção para uma bolsa de estudos oferecida pela LASPAU-FULBRIGHT, que estava concedendo, naquele ano, uma única bolsa para a área de comunicação em toda a América do Sul, e fui selecionado para fazer o Mestrado nos Estados Unidos, onde permaneci para o Doutorado, como bolsista da CAPES, também na Universidade do Texas, em Austin, onde consegui bater todos os recordes daquela Universidade: concluí o Mestrado e o Doutorado, defendendo duas teses, escritas em inglês, no período de janeiro de 1979 a agosto de 1982. O período de maio a dezembro de 1978 foi dedicado à aprendizagem da língua inglesa, na Universidade de Pittsburgh.

O comunicado da aprovação de meu nome foi feita, na véspera do Natal de 1977, pelo consulado americano que funcionava em Salvador e como eu não tinha apresentado nada à comissão de seleção, sob o comando de Maurice Sterns, da LASPAU, tive que correr para fazer a tradução juramentada de meu currículo, histórico escolar, entre outros documentos, e providenciar minha liberação junto à Universidade e Ministério da Educação. Para tanto me deram um prazo até março para enviar a documentação.

Lembro que o artista plástico baiano Mário Cravo, morador ilustre do bairro do Rio Vermelho, integrou a comissão de seleção juntamente com um professor doutor norte-americano Frederic Michael Litto, titular da ECA/UPS, que foi coordenador científico da Escola do Futuro da USP, atuando no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão. Coincidentemente fui cursar o Mestrado e o Doutorado no Departamento de Rádio – TV e Filme, da Universidade do Texas.

O artista plástico e então professor da Escola de Belas Artes da UFBA, Ailton Lima, ganhou, na mesma ocasião, uma bolsa também para o mestrado em Belas Artes, nos Estados Unidos. Anos depois, ele ilustrou com suas belas pinturas a primeira edição de *Asas Para Amar*, livro de poemas de minha autoria, lançado no ano de 1995, na galeria de artes de minha amiga Julieta Isensée (July), uma das mais importantes colunistas sociais da Bahia, no Shopping Center Iguatemi de Salvador.

[48.]

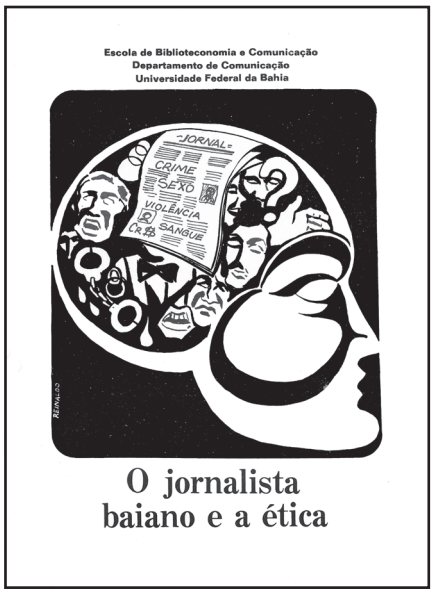
Capa da minha primeira publicação na área da comunicação, em 1975.

[49.]

[50.]

[49.], [50.], [51] Três exemplos do trabalho artesanal de multiplicação dos trabalhos de alunos e professores do curso de jornalismo da UFBA, que produzi entre 1976 e 1977.

[51.]



VENCENDO OBSTÁCULOS

Se a liberdade significa alguma coisa, será, sobretudo, o direito de dizer às outras pessoas o que elas não querem ouvir.

George Orwell

O ano de 1978 foi um ano impactante pelas mudanças radicais que ocorreram. Minha viagem para os Estados Unidos em busca de aperfeiçoamento profissional foi o marco inicial de uma nova etapa de vida. Em 1978 a Igreja católica esteve sob o comando inusitado de três Papas diferentes, isso porque em agosto morreu o Papa Paulo VI e para seu lugar foi eleito o Papa João Paulo I, que ficou conhecido como o "Papa Sorriso", que permaneceu no cargo por apenas 33 dias, tendo sua morte sido envolvida em uma série de boatos que passaram pela Teoria da Conspiração, que, em outras palavras, diziam que ele havia sido morto porque revelaria alguns escândalos financeiros do Vaticano. O terceiro Papa que assumiu o comando da Igreja naquele ano foi o Papa João Paulo II, que morreu no ano de 2005, tendo sido substituído pelo Papa Bento XVI, que anunciou no início do mês e formalizou sua renúncia no dia 28 de fevereiro de 2013 ao cargo de Pontífice da Igreja Católica, passando a figurar como o Primeiro ex-Papa da História Moderna. No dia 13 de março de 2013 o conclave escolheu o Papa Francisco, de origem argentina, que passou a ser o primeiro Papa fora do continente europeu.

Mas foi também durante o ano de 1978 que a ciência genética avançou, mesmo contra o desejo da Igreja, e nasceu, na Inglaterra, em 25 de julho o primeiro bebê de proveta: Louise Joy Brown. No último dia do ano de 1978 o Presidente Ernesto Geisel revogou o Ato Institucional nº 5, restaurando o *habeas-corpus* e abrindo o caminho para a volta da democracia no país.

***

Nos primeiros dias do mês de janeiro de 1978, dei entrada na papelada necessária à autorização oficial para deixar o país e acabei esbarrando na burocracia da própria Universidade e nos aspectos previstos pela Lei de Segurança Nacional. Militando na imprensa diária desde 1968 e tendo, em meu histórico profissional, pequenos problemas com a censura e com a Polícia Federal, não

seria surpresa que, como professor da Universidade, um dos ambientes de resistência ao regime militar, eu também estivesse sendo monitorado pelos órgãos de segurança. Como todos os outros jornalistas e, naquele ano, exercendo a função de Editor Local do jornal *A Tarde*, eu tinha plena consciência de que era monitorado de perto pelos órgãos de segurança e como haviam me denunciado como comunista e que não gostava do exército, fui obrigado a comparecer à 2ª Seção do Exército[4], na 6ª Região Militar, no quartel da Mouraria, para uma "entrevista".

Só depois dessa "entrevista" foi que meus papéis começaram a andar na burocracia oficial. A conversa com o major entrevistador, não lhe recordo o nome, foi muito tensa. Inicialmente, me preveniu que quem os procurava diretamente, como eu estava fazendo, para esclarecer fatos, na maior cara de pau, alegando ser inocente, geralmente tinha culpa no cartório, mas como eu tinha sido encaminhado por um amigo dele, ele resolvera me ouvir. À sua frente estava um arquivo (contendo pastas de recortes, anotações e outras informações) que suponho fosse uma espécie de dossiê sobre mim. Após certo tempo, ele colocou a mão em cima do pacote, com mais de palmo de altura, e perguntou diretamente:

– Quer dizer que o senhor não gosta do Exército?

– Não, eu prefiro a Marinha – respondi de supetão.

Analisando minha resposta agora, no momento em que escrevo estas linhas, talvez eu tenha sido traído por um desejo da juventude: eu queria ir para o Rio de Janeiro cursar a Escola Naval, uma das mais antigas instituições de ensino superior do Brasil, e fazer carreira, mas minha mãe se opôs devido aos "perigos que o Rio oferecia", entre outras. Na adolescência, juntamente com as namoradas, eu costumava visitar os navios de guerra que passavam pelo porto de Salvador, fossem nacionais ou estrangeiros, fragata, corveta, destróier, submarino ou porta-aviões. Sempre gostei do mar e de navios.

[4] A 2ª seção do Exército integrava o Centro de Informação do Exército (CIE) que foi criado no governo de Costa e Silva, atendendo às pressões da linha dura. O primeiro diretor nomeado do CIE foi o então coronel Adyr Fiúza de Castro que, na época da minha "entrevista", no início de 1978, era o comandante da 6ª Região Militar. O general de brigada Adyr Fiúza de Castro, considerado como pertencente à linha dura do regime militar pós-1964, foi comandante da 6ª Região Militar no período de 1975 a 1978. Ele foi substituído pelo general Octávio Pereira de Souza.

O major sorriu e confessou que o filho dele também. De imediato, relaxei comentando:

– Ainda bem que não estou sozinho neste barco... – desabafei.

A partir daí a tensão desapareceu e a conversa fluiu naturalmente sobre os critérios de publicação de notícias. Ele estava queixoso porque a Assessoria de Comunicação do Exército havia enviado uma Ordem do Dia a ser publicada na véspera, no dia e após a leitura oficial e eu só a publiquei uma vez desagradando ao comando da Região Militar. Expliquei que no jornalismo as notícias factuais podem ser noticiadas como: vai acontecer amanhã, acontece hoje ou aconteceu ontem. Ele insistiu que era do interesse da 6ª Região Militar que fosse publicado três vezes: "vai acontecer amanhã, acontece hoje e aconteceu ontem". O clima voltou a ficar tenso e eu então falei, de maneira ousada, mas com firmeza, mais ou menos o que se segue, não necessariamente com as mesmas palavras:

– Tudo bem, primeiro, não vim aqui para receber instruções de como proceder e exercer o meu papel como jornalista editor. Nós dois trabalhamos sob um regime hierárquico. Acima do senhor tem o general, acima de mim tem o redator-chefe. Caso o seu comandante queira que uma Ordem do Dia seja publicada três vezes, o senhor fala com ele para entrar em contato com o meu superior e, se ele me der a ordem, eu a cumprirei. No entanto, enquanto depender de mim a decisão, só a publicarei, de acordo com os critérios jornalísticos apenas uma vez.

De certa forma, ele compreendeu e mudamos a conversa para o problema das drogas que estavam invadindo as universidades, oportunidade em que comentei que seria melhor o exército cuidar disso do que ficar fazendo dossiê com denúncias, muitas vezes anônimas. E ele me explicou que um órgão de segurança não se pode dar ao luxo de menosprezar nenhuma informação que lhe seja dirigida. Tenha cabimento ou não, é dever dele abrir uma pasta com o nome do denunciado e, então, tudo o que se refere àquela pessoa, será catalogada na pasta até que seja necessário conferir a veracidade ou não das denúncias coletadas. Compreendi também o ponto de vista dele.

Conversamos durante uma manhã inteira numa sala reservada à qual tive acesso depois de passar por duas outras, trancadas, como se diz no popular, a sete chaves, pois nem os soldados/oficiais responsáveis por cada uma delas tinham a chave para abrir porta/gradil de acesso à outra sala. Acredito que nossa

conversa tenha sido gravada, mas isto é um pormenor que não faz diferença ao relato.

***

Devo registrar aqui que foi o coronel Durval Mattos, que não é meu parente, que, na época, era Secretário de Segurança Pública, quem marcou minha entrevista na 2ª Secção do Exército depois de verificar, a meu pedido, se realmente existia alguma coisa contra mim que estivesse atrapalhando minha liberação. E como ele constatou que tinha, tratou de agendar a "entrevista" e me comunicou o dia e o horário que eu deveria comparecer. Quem me aproximou de Durval foi a sobrinha dele, Vera Mattos, que foi minha aluna na FACOM/UFBA e com a qual eu participei da antologia poética intitulada *Retina*.

E tudo isso só foi possível porque fiquei sabendo, por intermédio do jornalista Fernando Escariz[5] que se encontrava no aeroporto militar junto com outros colegas, aguardando a chegada de um ministro, quando ouviu um repórter do jornal no qual eu trabalhava dizer ao comandante da 6ª Região, na época o general de brigada Adyr Fiúza de Castro, que as notícias do exército não saiam no jornal *A Tarde* porque "Sérgio Mattos, o editor local, é comunista e não gosta do exército". Tomando conhecimento desse fato, procurei desvendar as denúncias e acabei descobrindo as razões para o meu processo não andar.

O importante é que finalmente a burocracia liberou meu processo de saída do país para cumprir bolsa de pós-graduação nos Estados Unidos. No entanto, mais uma surpresa me aguardava: A Universidade me comunicou que, apesar de ter assinado um convênio com a LASPAU-FULBRIGHT de que pagaria as passagens de ida e volta (a minha, a da mulher e as dos dois filhos), só poderiam manter o meu salário e nada mais. Se eu estivesse realmente querendo ir teria que arcar com o custo das passagens. Para tanto, vendi meu carro e um apartamento para financiar a ida e a volta da família.

[5] O jornalista Fernando Escariz trabalhou comigo na *Tribuna da Bahia* e depois passou a atuar como um dos principais repórteres da sucursal do jornal *Estado de S. Paulo*, na Bahia. Nos anos 1970, ele escreveu o livro *Porque Teodomiro fugiu* sobre o preso político Teodomiro Romeiro dos Santos, condenado à morte pelo regime militar após ter assassinado um oficial do exército, tendo sido, posteriormente anistiado. Além de ter-me avisado da denúncia que ele testemunhou no aeroporto militar de Salvador, anos depois, quando retornei dos Estados Unidos, Escariz teve atuação importante no esclarecimento de minha demissão do IRDEB, no governo de João Durval, publicando matérias que a imprensa local não publicou. Ele morreu em 2003 vítima de intoxicação alimentar no transatlântico Costa Tropicale quando em viagem de férias.

Até o último momento, Jorge Calmon, meu diretor-redator-chefe no jornal *A Tarde,* não acreditava que eu fosse largar o cargo que ocupava, de Editor Local, para ir estudar nos Estados Unidos. Isso porque àquela época o jornal detinha muito poder e tinha voz na política baiana. Só o fato de se apresentar como jornalista do *A Tarde* era suficiente para que todas as portas se abrissem, com exceção é claro junto aos órgãos de segurança.

– Você tem certeza do que está fazendo [meu pedido de demissão]? Tem certeza de que pretende abandonar uma função importante como esta [a de editor local]? – me questionou Jorge Calmon

– Sim. Tenho certeza e vou viajar logo que possível – respondi e não falamos mais sobre o assunto, pois, a partir de então, ele começou a tratar de quem me substituiria na editoria.

Quem me deu inteiro apoio foi Arthur Couto que, além de facilitar meu desligamento formal da empresa, ainda liberou meu Fundo de Garantia, o que me ajudou na compra das passagens e outros gastos. Apesar do meu desligamento administrativo do jornal, minhas ligações continuaram durante todo o tempo em que estive fora do país, tendo recebido a visita de Arthur, nos Estados Unidos, por duas vezes. Ele também me ajudou quando de meu retorno, principalmente no que diz respeito ao embarque do acervo bibliográfico que consegui formar durante o período da pós-graduação, que foram transformados em 28 caixas grandes de livros usados.

O transporte dos livros, do Texas a Salvador, via Varig, foi providenciado por Arthur e pago pelo jornal. Só fiquei sabendo que o jornal havia pago a quantia de 750 dólares na época pelo frete dos livros, anos depois, quando Arthur Couto morreu, pois, até então, o que ele me disse foi que havia conseguido uma cortesia do presidente da Varig, com a qual o jornal mantinha muito boas relações.[6]

[6] Em 1982 o valor médio do dólar era equivalente a 150,00 cruzeiros ou seja, multiplicando 750 dólares por 150 cruzeiros encontraremos o valor total de 112.500,00 cruzeiros, o que em janeiro de 2013 era equivalente a 5.832,58 reais.

APRENDENDO INGLÊS

Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição de casa dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito.

Paulo Freire

Depois de uma luta para conseguir a liberação de minha saída do país junto aos órgãos de segurança, desembarquei na América no mês de maio de 1978, primeiro para estudar inglês, me submeter ao TOEFL[7] (teste de proficiência na língua inglesa) para então ser aceito pela Universidade americana de acordo com a pontuação obtida.

A chegada aos Estados Unidos foi uma odisseia. Como não conseguia dormir no avião, li, durante a viagem, o recém lançado livro de Pablo Neruda, *Confesso que vivi – Memórias*[8], no qual em um dos capítulos ele narra como foi saqueado no oriente, quando lhe roubaram inclusive as roupas, deixando-lhe, como consolo e gentileza, os documentos.

Como não falava inglês, acertei tudo para desembarcar em Pittsburgh durante o horário comercial, pois haveria uma pessoa, do departamento de estudantes estrangeiros, destacada para me receber. Não foi o que ocorreu. Para piorar a situação o dia estava cinzento, chuvoso e frio. Tive que me virar sozinho e se não tivesse tido a ajuda de uma professora, um anjo da guarda que me salvou de quase entrar em pânico, tudo foi resolvido. Essa professora pegou

[7] TOEFL (Test for English as a Foreign Language) é o teste de proficiência que avalia a capacidade de leitura, audição, fala e escrita em inglês do candidato a cursar a universidade nos Estados Unidos. O escore mínimo exigido pela maioria das Universidades variava de 500 a 600 pontos na época em que fui candidato. A Universidade do Texas aceitava 500 pontos. Esta escala é antiga e hoje a nova escala exige entre 220 a 250 pontos em prova ministrada online por computador. Com este exame ao qual o candidato é submetido eles querem saber se temos problema de comunicação, se dominamos todas as estruturas gramaticais e se sabemos usar as expressões idiomáticas. Se sabemos interpretar textos e se encontramos dificuldades quando nos defrontamos com um vocabulário incomum. Querem ainda saber se somos capazes de nos expressarmos com clareza de idéias e de maneira rápida. Caso um candidato não alcance a pontuação exigida, a Universidade não o aceita até que ele obtenha uma nova pontuação.

[8] NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi – Memórias*. São Paulo: Difel, 1978.

meus papéis leu tudo, telefonou para a universidade, setor de estudantes estrangeiro, se informou de tudo, me colocou num ônibus e me levou até ao Hotel da Universidade.

Durante o trajeto, num ônibus, que fazia a linha aeroporto-centro, com apenas cinco pessoas incluindo-se o motorista, todos falavam sobre mim. Falavam, falavam, olhavam para mim e continuavam falando. E eu cada vez mais tenso. A professora, como sentindo minha preocupação, ao meu lado, colocava a mão em meu braço e repetia, "I will help you" (vou ajudar você).

Imagine-se minha apreensão: o aeroporto de Pittsburgh fica longe da cidade, mais de uma hora de ônibus e eu estava levando os dólares para pagar, à vista, meu período no hotel da universidade, por uns três meses, e para outras despesas. Depois de ter lido as aventuras de Neruda, confesso, fiquei com medo de um assalto, até porque não se via absolutamente nada no trajeto, só a estrada com muitos carros e, dos lados, plantações.

Finalmente, o ônibus parou em frente a um hotel no centro da cidade, mas não era onde eu deveria ficar. Mais uma vez a professora, ou anjo da guarda, telefonou para a Universidade a fim de se informar melhor e me conduziu até à residência universitária. Onde só tive acesso depois de pagar cerca de três mil dólares por três meses como estava acertado previamente.

* * *

The Luitchfiel Towers[9] é o maior complexo de dormitórios da Universidade de Pittsburgh, composto por três torres circulares com capacidade de acomodar 1868 pessoas (homens e mulheres) em apartamentos simples ou duplos. Pouco antes de minha chegada havia sido instalado um sistema de segurança

[9] The Litchfield Towers é o maior e mais alto dormitório de estudantes no campus da Universidade de Pittsburgh, no bairro de Oakland. As torres foram batizadas com o nome de um ex-chanceler da Universidade que morreu em um acidente aéreo: Edward Litchfield. As torres são utilizadas basicamente por calouros. A torre A, com 19 andares, acomoda 664 pessoas. A torre B, a maior de todas, com 22 andares, acomoda 769 estudantes, e a torre C, com 16 andares, acomoda 435 pessoas. Quando cheguei a Pittsburgh fiquei na torre C, em apartamento individual. No lobby comum às três torres, são oferecidos aos estudantes uma variedade de facilidades, tais como: academia de ginástica, lavanderia, máquinas de refrigerantes e tira-gosto, armários, correio e uma central de atendimento onde se pode inclusive obter a carteirinha de estudante, entre outros serviços prestados pela Universidade. No subsolo estão os restaurantes e cafeterias. À cada três andares de cada torre, há uma sala com televisão, mesas de estudos e outras facilidades. As três torres ficam entre a Quinta Avenida e a Avenida Forbes, no trecho do bairro de Oakland. O tamanho médio dos quartos é dois por três metros.

incrível, no qual para termos acesso aos elevadores tínhamos que passar por catracas e salas de segurança envidraçadas, usando o cartão de identidade (ID Card).

Do lobby dos elevadores, tínhamos que pegar o específico da torre e o andar onde estávamos hospedados. Para subir não tínhamos problemas, bastava apertar o botão do andar respectivo. Ao sair do elevador, encontrávamos um pequeno vão trancado por duas portas, à direita e à esquerda, que davam acesso aos apartamentos. A chave do quarto servia para abrir uma dessas duas portas.

Para descer, tínhamos que usar um lance de escada para cima ou para baixo onde teríamos acesso novamente ao elevador, pois do meu andar eu não poderia chamar o elevador, tendo em vista que a porta de acesso ao corredor só abria em um sentido. Se por acaso alguém errasse de andar, descendo em um andar que não fosse o seu, ficaria preso no espaço de saída do elevador, sem ter acesso à escada que ficava depois das portas de acesso ao corredor que levava aos quartos. Caso errasse de andar o indivíduo teria que ficar esperando que alguém parasse naquele andar para ter acesso novamente ao elevador.

Era um sistema de segurança montado para evitar visitantes indesejáveis, tendo em vista que as Torres eram mistas (para estudantes homens e mulheres) e muito recentemente havia sido registrados casos de estupro e roubo. A segurança implantada era uma verdadeira neurose.

Alguns brasileiros, que também estavam lá para estudar inglês, não entenderam as explicações e ficaram presos, ou no rol do elevador ou na escadaria, e depois da experiência traumática se mudaram para hotéis comuns. Mas o meu anjo da guarda, a professora, soube como me explicar com gestos tudo bem direitinho e mesmo sem saber inglês eu aprendi a me locomover naquele complexo, ou neurose de segurança.

Nunca soube o nome da professora nem tive a iniciativa de tomar seu endereço e telefone para um contato posterior. Envergonho-me disso! Aprendi inglês, passei quase cinco anos dos Estados Unidos e nunca pude agradecer o que ela fez por mim. Realmente foi o meu anjo da guarda que me recebeu em Pittsburgh, a Cidade do Aço, a segunda mais populosa cidade da Pensilvânia, não permitindo que eu entrasse em pânico, como já estava me desesperando ainda no aeroporto, sem entender patavinas do que falavam, pois só entendia coisas básicas e cumprimentos. Foi a partir dessa experiência que nunca mais

deixei de auxiliar qualquer estrangeiro que esteja tendo alguma dificuldade de comunicação aqui no Brasil

Maria Helena e meus filhos só chegaram a Pittsburgh depois que eu aluguei um apartamento e quando eu já estava familiarizado com a cidade e as áreas da Universidade.

***

E assim, em maio de 1978, declarado como Ano Internacional do Antiapartheid, cheguei à cidade de Pittsburgh, Estado da Pensilvânia, onde permaneci até dezembro estudando no Instituto de Língua Inglesa (English Language Institute) da Universidade de Pittsburgh, considerada uma das melhores universidades americanas com mais de 40 anos de experiência ensinando o inglês como a segunda língua, num curso intensivo de 20 horas semanais. Meu primeiro dever de casa, da primeira para a segunda aula, foi aprender/memorizar uma lista das primeiras mil palavras em inglês.

Tínhamos aulas, muitas vezes, no prédio principal da Universidade, denominado Cathedral of Learning (Catedral do Ensino), um belíssimo e imponente prédio construído, no bairro de Oakland, entre 1926-1937, no estilo gótico idealizado pelo arquiteto Charles Klander. Eu tinha que aprender a falar, ler e a escrever papers, ensaios em inglês e estar preparado para redigir e defender teses acadêmicas. Enquanto aprendia inglês não deixei de exercer o jornalismo, nem tão pouco abandonei a poesia.

***

Foi na Universidade de Pittsburgh onde conheci a professora Maria Luíza Nunes, uma norte-americana, filha de portugueses dos Açores, que ensinava Português no Instituto de Línguas e que acabou fazendo a tradução e apresentação do meu livro *O Vigia do Tempo*, que, na edição publicada nos Estados Unidos, ganhou o título de *Time's Sentinel,* no ano de 1979. Sobre a publicação desse livro, recebi carta datada de 3 de julho de 1979, de Jorge Calmon, meu redator-chefe em *A Tarde* na qual ele fez o seguinte registro:

> *Caro Sérgio, Recebi, com prazerosa surpresa, o exemplar da tradução para o inglês do seu livro "O Vigia do Tempo". Aliás, o nome do título, na embolada língua de John Bull, ainda mais enrolada por Tio Sam, tornou-se mais imponente, ganhando até mesmo a candidatura de título de jornal: Time's Sentinel! E obrigado pelas suas notícias. A possibilidade*

de se lhe conceder uma bolsa para o doutoramento, bem indica o aproveitamento que vem tendo e a demonstração do seu merecimento. O que receio, apenas, é que a prolongada permanência nos Estados Unidos acabe por desnacionalizá-lo, ou por lhe dar raízes profissionais que tornem difícil o seu regresso. Felizmente, viajou casado e com filho e, desse modo, pode estar alheio às tentações matrimoniais que têm alienado tantos jovens brasileiros nesse país de moças atléticas, de bons dentes.

O jornal realmente tem melhorado, muito embora não haja alcançado o ponto ótimo que todos desejamos e sempre estamos a perseguir. As razões para isso são várias e complexas. Algumas, você conhece. No entanto, como as outras gazetas da terra ainda são mais deficientes, nossa circulação vinha bem até 30 de junho último – quando o preço do exemplar foi aumentado, sendo que ainda não sabemos que efeito isto terá –, alcançando números efetivamente elevados. A edição de segunda-feira, por exemplo, já atingia a média de 60 mil exemplares.

Estou providenciando o registro da edição inglesa do seu livro, com a ilustração que sugere. Como viajarei amanhã, dia 4, para o Rio, onde me demorarei três semanas, sua parenta Nadja Matos lhe enviará o competente recorte. Afetuoso abraço, Jorge Calmon.

***

Com Jorge Calmon mantive uma correspondência regular durante o tempo em que estive nos Estados Unidos, até mesmo pelo fato de remeter minhas colaborações diretamente para ele. Sempre atencioso, jamais deixou de responder minhas cartas e publicar as matérias enviadas, além de me atualizar sobre as mudanças e a situação do jornal no mercado local. Outro companheiro e amigo, de quem recebi muitas cartas, foi Arthur Couto, que passou a me enviar exemplares diários do jornal que, depois de lidos, eu doava à biblioteca Latina Americana da Universidade do Texas.

Até mesmo de Sylvio Simões, que estava começando a assumir um compromisso maior com o jornal, na condição de herdeiro que era, cheguei a receber cartas. Em uma carta manuscrita e postada do Rio de Janeiro, em julho de 1979, ele registrou que o jornal precisava ser renovado e os antigos vícios eliminados e queria contar comigo quando retornasse ao Brasil. Eis o que Sylvio Simões escreveu do próprio punho:

Caro Sérgio: ontem, conversei com Arthur [Couto] sobre você, mas ele está um pouco defasado a respeito de sua formação universitária. Gostaria de saber como vão seus estudos e quais são as suas pretensões em nível

de trabalho. O mercado na Bahia é muito limitado, mas acredito que você possa dar uma enorme contribuição.

O jornal A Tarde melhorou muito como empresa administrativa e econômica, quanto ao jornalismo padece de um envelhecimento havendo necessidade de renovação.

Tenho procurado despertar nos acionistas a importância desta renovação que é tarefa difícil. Como sabes, o jornal está carregado de vícios que precisam ser podados.

O mundo dá muitas voltas, o mundo descontrolado sem definições lineares... Sabemos que tempos atrás havia uma posição cobiçada no jornal, à qual você era um dos pretendentes, mas lhe alijaram. Hoje deve ser motivo de alegria, pois talvez não tivesse empreendido esta luta por uma competente formação.

Minha luta pelo seu retorno depende também de você, tenho feito o possível e o impossível para que os acionistas reflitam sobre a sua competência.

Os vícios permanecem, como sabem que você não os admitiria, tenho encontrado dificuldade.

Espero em breve receber algum esclarecimento, mas adianto a sua importância no jornalismo baiano, para A Tarde e para todos nós

Abraços, Sylvio.

Sylvio teve uma participação indireta no meu retorno ao jornal depois que retornei dos Estados Unidos e de ter saído do IRDEB – Instituto e Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia, como veremos mais adiante, quando me convidou para editar a página publicada no *A Tarde* intitulada "Universidade - Comunidade", onde abordávamos o que a Universidade estava fazendo, além de se dedicar ao ensino, ou seja, as pesquisas e os projetos de extensão em benefício da comunidade. A ideia da página foi de Sylvio Simões, evidenciando sua preocupação e seus objetivos políticos, e do professor José Arapiraca, da Faculdade de Educação. Jorge Calmon aprovou a ideia desde que eu ficasse como responsável pela edição da mesma. Várias páginas foram publicadas semanalmente até que retornei oficialmente ao jornal como editor contratado, em 1985, para executar um novo projeto de sucesso, que desenvolvi e implantei: o suplemento *A Tarde Municípios*.

***

Em Pittsburgh mantive contato com vários brasileiros, colombianos, venezuelanos, costaricensenses, vietnamitas e iranianos. Fiz boa amizade com

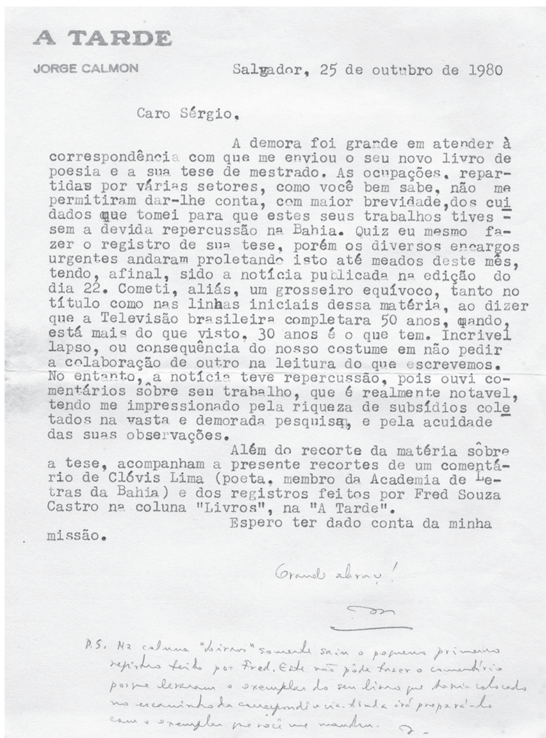
Luko Hilje Quirós, de San José, Costa Rica, e com o professor Jorge Ferreira da Silva, da Fundação Getulio Vargas, que estava fazendo o doutorado e morávamos no mesmo condomínio, onde quem também havia morado lá, quando cursando o mestrado, foi Reub Celestino, irmão de Samuel Celestino, jornalista e amigo, com qual trabalhei vários anos, tendo sido também o responsável pela ida dele para o jornal *A Tarde*. Jorge Ferreira sempre que podia, quando a televisão transmitia jogos do futebol americano, ele apontava um comentarista texano e dizia: "no dia que você entender o que este cidadão estiver falando, você pode ter certeza de que sabe inglês".

Quase que por ironia, eu acabei indo estudar no Texas. Quando acabei o curso de inglês, na Pensilvânia, com boa pontuação no TOEFL e entendendo tudo o que os colegas e professores falavam, coloquei a família no carro comprado e peguei a estrada rumo ao Texas. Qual não foi minha surpresa quando, ao entrar no território texano e parar num posto de gasolina, de uma pequena cidade, eu não entendi absolutamente nada que o senhor que me atendeu falou. Entrei em pânico, mas procurei me acalmar, pois, ele estava falando com um sotaque carregado de cowboy e ainda por cima com um charuto preso no canto da boca.

Quem me acompanhou nessa viagem, dividindo o volante comigo, foi o gaúcho Milo Aita, que conheci em Pittsburgh, onde fazia o mestrado. Ele queria conhecer o Texas e assim resolveu me ajudar na mudança. Depois que retornei dos Estados Unidos perdi totalmente o contato com ele e com o professor Cândido, da Universidade Federal de Santa Maria – RS. Ainda estava em Pittsburgh quando recebi a visita de Arthur Couto que, já naquela época, estava adquirindo armas nos Estados Unidos, para sua coleção particular. Reuni os brasileiros que lá estudavam para um churrasco e a bebida foi patrocinada por Arthur.

[52.]

[52.] Dias antes de viajar para os Estados Unidos, lancei, na escola de Biblioteconomia e Comunicação, o livro *A Batalha de Natal*, com a presença de Antônio Loureiro de Souza, então diretor da escola (acima).



A TARDE

JORGE CALMON

Salgador, 25 de outubro de 1980

Caro Sérgio,

A demora foi grande em atender à correspondência com que me enviou o seu novo livro de poesia e a sua tese de mestrado. As ocupações, repartidas por várias setores, como você bem sabe, não me permitiram dar-lhe conta, com maior brevidade, dos cuidados que tomei para que estes seus trabalhos tives-sem a devida repercussão na Bahia. Quiz eu mesmo fazer o registro de sua tese, porém os diversos encargos urgentes andaram proletando isto até meados deste mês, tendo, afinal, sido a notícia publicada na edição do dia 22. Cometi, aliás, um grosseiro equívoco, tanto no título como nas linhas iniciais dessa matéria, ao dizer que a Televisão brasileira completara 50 anos, quando, está mais do que visto, 30 anos é o que tem. Incrivel lapso, ou consequência do nosso costume em não pedir a colaboração de outro na leitura do que escrevemos. No entanto, a notícia teve repercussão, pois ouvi comentários sôbre seu trabalho, que é realmente notavel, tendo me impressionado pela riqueza de subsídios coletados na vasta e demorada pesquisa, e pela acuidade das suas observações.

Além do recorte da matéria sôbre a tese, acompanham a presente recortes de um comentário de Clóvis Lima (poeta, membro da Academia de Letras da Bahia) e dos registros feitos por Fred Souza Castro na coluna "Livros", na "A Tarde".

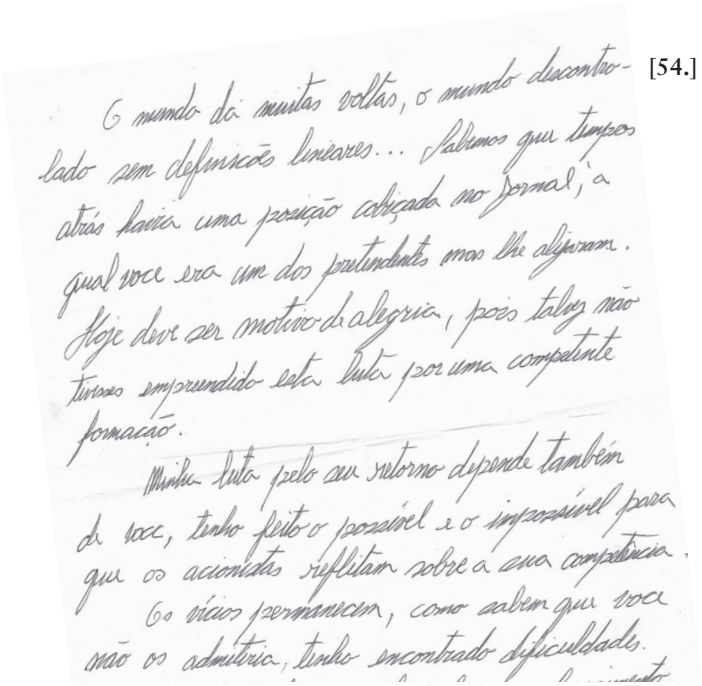
Espero ter dado conta da minha missão.

Grande abraço!

P.S. Na coluna "Livros" somente saiu o pequeno primeiro registro feito por Fred. Este não pôde fazer o comentário porque levaram o exemplar do seu livro que havia colocado no escaninho da correspondência. Ainda irá prepará-lo com o exemplar que você me mandar.

[53.]

Durante o período nos Estados Unidos mantive intensa correspodência com Jorge Calmon . Ao lado a reprodução de uma de suas cartas.



[54.]

O mundo dá muitas voltas, o mundo descontolado sem definições lineares... Sabemos que tempos atrás havia uma posição colocada no jornal, a qual você era um dos pretendentes mas lhe alijaram. Hoje deve ser motivo de alegria, pois talvez não tivesse empreendido esta luta por uma competente formação.

Minha luta pelo seu retorno depende também de você, tenho feito o possível e o impossível para que os acionistas reflitam sobre a sua competência.

Os vícios permanecem, como sabem que você não os admitiria, tenho encontrado dificuldades.

[54.] Trecho da Carta de Sylvio Simões demonstrando preocupação com a situação do jornal *A Tarde*

[55.] Ilustração de As Torres Dormitório da Universidade de Pittsburgh, no bairro de Oakland. A mais alta com 22 andares e que podem abrigar até 1868 estudantes. Fiquei no dormitório por três meses até a chegada da família.

[55.]

REALIZANDO A PÓS-GRADUAÇÃO

Esperar que o outro dê o primeiro passo significa imaginar-se superior a ele. Coloque-se sempre no lugar do outro. Renuncie por algum tempo à sua opinião, ao seu julgamento, a fim de compreender o outro. Muitos conflitos podem, assim, ser evitados.

Dalai Lama

Após me instalar com a família, procurei identificar brasileiros na cidade, tendo localizado de imediato Ronaldo Pena, professor da Universidade Federal de Minas Gerais que estava fazendo o doutorado e estava morando no mesmo condomínio aonde eu alugara um, enquanto aguardava vaga nos apartamentos da própria universidade para estudantes casados.

Acabamos sendo vizinhos também no Condomínio Colorado, que a Universidade mantinha para estudantes casados, e construímos uma boa amizade que perdura até os dias de hoje. Ronaldo, depois que retornou dos Estados Unidos, foi eleito reitor da UFMG enquanto eu apenas integrei a lista sêxtupla dos candidatos no ano de 1987. Quem residiu no condomínio Colorado também foi o baiano Antônio José Leite, da área de cálculo de engenharia e que foi meu parceiro em minha primeira experiência como letrista de músicas.

Em janeiro de 1979, iniciei o curso de Mestrado no Departamento de RTV (Radio-Televisão e Filme) da Escola de Comunicação da Universidade do Texas, em Austin, com todas as dificuldades de adaptação que são naturais no início dos programas. O Dr. Jorge Reina Schement[10] foi indicado como meu

[10] Jorge Reina Schement é doutor pela Universidade de Stanford (1976) e sua pesquisa direcionada para políticas de informação, telecomunicações e os aspectos sociais da era da informação e as consequências sociais da produção e consumo da informação, principalmente aquelas relacionadas com as minorias raciais de origem latina. Atualmente, ele é o diretor da Escola de Comunicação e Informação da Universidade de Rutgers, além de exercer a função da editor-chefe da Macmillian Enciclopédia de Comunicação e Informação. Schement é autor de vários artigos e livros, dentre os quais se destacam: Tendencies and Tensions of the Information Age: *The production and Distribution of Information in the United States* (1995); *The International Flow of Television Programs* (1984); *Toward an Information Bill of Rights and Responsabilities* (1995) e *Global Network* (2002).

"advisor" (orientador) do mestrado. Contei-lhe de minhas dificuldades, pois eu entendia bem, lia bem e escrevia bem o inglês, mas estava tendo dificuldades para falar. Ele me acalmou dizendo que não me preocupasse, pois as notas seriam dadas nos textos que eu viesse a preparar. E os textos foram muitos, praticamente tínhamos que ler um livro por semana para cada disciplina e apresentar um *paper* sobre cada um deles. E foi assim que, nas aulas, com um máximo de 15 alunos de pós-graduação por disciplina, nos debates em classe, quando eu falava, percebia a impaciência de meus colegas que não me entendiam bem, por causa de meu sotaque e má pronúncia das palavras, o que já era suficiente para me considerarem "pouco inteligente".

Os trabalhos escritos tinham uma pontuação dada em letras: A+, A, A-; B+, B e B-, C+, C e C-, e D. Na primeira rodada de entrega dos *papers* com as notas, o professor começou a devolver os trabalhos da maior nota para a menor. Ele entregou o B+ e foi descendo até um C. Ao longo da entrega com seus comentários críticos, eu fui me encolhendo e a apreensão tomando conta de meu coração, pois nada de meu trabalho aparecer e temi pelo pior. Ao final, ele pegou o meu trabalho, e com o braço erguido, balançou-o no ar enquanto dizia:

– Agora vocês tirem cópia do trabalho de Sérgio para que saibam como escrever um paper.

Eu tirei A+ no primeiro trabalho escrito, um comentário crítico sobre um dos livros indicados naquela semana. A partir de então, a minha relação com os meus colegas americanos mudou. Passaram a me tratar de maneira diferente, a ter paciência comigo e até mesmo encontrar tempo para jogar conversa fora. Foi aí que começou uma grande amizade com a hoje Dra. Elisabeth Manhan, pois passamos a cursar, juntos, as mesmas disciplinas do mestrado ao doutorado. Ela era de New Jersey, próxima de Nova Iorque, e falava com uma rapidez estúpida.

Acredito que o fato de eu já ser professor aqui no Brasil e jornalista militante, acostumado a escrever, produzindo textos, com limite do número de linhas ou de páginas predeterminadas, tenha me facilitado nessas tarefas, pois neste caso o professor queria apenas quatro laudas e não adiantava você colocar o parágrafo de conclusões na quinta lauda que ele não ia ler.

* * *

Vale esclarecer que existem diferenças básicas nos programas de pós-graduação entre as universidades americana e a brasileira. Enquanto aqui existe dificuldade para se ingressar numa faculdade devido ao número limitado de vagas, mas depois que está dentro é fácil concluir o curso, nos Estados Unidos é relativamente fácil entrar, o difícil é continuar na faculdade. Isto porque a cada semestre, para permanecer no curso de pós-graduação, é exigida a média B nas disciplinas cursadas a cada semestre. Se a média for C, você estará automaticamente afastado, ou seja, sem condições de prosseguir no curso e sua matrícula poderá ser negada no próximo semestre. Ao longo dos dois cursos (mestrado e doutorado) tive nota A em todas as disciplinas com exceção de uma, em nível de graduação que tive um B e exatamente por isso minha média ponderada na Universidade do Texas foi 3, 99999 em vez de 4.

Como meu curso de graduação no Brasil foi Jornalismo e eu estava matriculado no Departamento de RTF (Rádio, Televisão e Filme/Cinema) tive que cursar uma disciplina obrigatória de equiparação de conhecimento básico de teoria e produção nos três veículos. Uma disciplina da graduação onde não se media o conhecimento, mas a rapidez em responder os testes com tempo determinado de 20 minutos com 10 ou 20 questões. A média ponderada lá é GPA – Grade Point Average, e eles usam uma escala de 0 a 4, e a maioria das faculdades exige uma pontuação mínima de 3 para você permanecer no curso

O estudo em nível de pós-graduação nos Estados Unidos exige muita dedicação e pesquisa acadêmica. Nas disciplinas temos acesso a um conhecimento teórico e prático bastante abrangente sem qualquer tipo de imposição sectária ou ideológica. Há dois tipos de mestrados nos Estados Unidos: o MA (Master of Arts), para quem estuda na área das Ciências Humanas, o meu caso; e o MS (Master of Science), para quem está na área das ciências naturais e exatas.

Antes de submeter a tese de mestrado a uma banca, o candidato tem que ser aprovado numa prova escrita, de quatro horas de duração, na qual tem que comprovar conhecimento geral baseado numa bibliografia básica (uma média de 60 livros de teoria e prática) exigida pelo Departamento onde o candidato submete a tese. O tempo de um curso de Mestrado gira em torno de 18 meses (três a quatro semestres) e o grau de Doutor (PhD), pode variar de três a cinco anos para o candidato que ingressa no programa com o mestrado concluído e de cinco a sete anos para o aluno que tenta o doutorado direto após a graduação.

No meu caso eu fiz o Mestrado e o Doutorado, com a apresentação e defesa de uma dissertação e uma tese no período de janeiro de 1979 a agosto de 1982, me matriculando em todos os semestres, inclusive durante as férias de verão, com uma média de três disciplinas por semestre.

Em relação ao doutorado tradicional nos Estados Unidos, vale esclarecer que há algumas diferenças quando comparado com o programa de doutoramento no Brasil. A rígida organização do doutorado americano se contrapõe ao contexto brasileiro, pois, aqui, o nosso segue o modelo europeu de aprendizagem. A título de exemplo, os exames de qualificação nos Estados Unidos são mais formais e, além de apresentação pública do projeto final em três seminários de doutoramento, o candidato se submete a uma prova escrita de uma semana, de livro aberto, sobre as áreas de concentração do doutorado.

Os exames de qualificação (Qualifying Exams) visam avaliar conhecimentos gerais e específicos do candidato na sua área de pesquisa e em outras áreas afins. Dependendo do programa, os exames de qualificação podem ser orais, escritos ou uma combinação dos dois. Na Universidade do Texas fiz os exames escritos de qualificação, durante uma semana, e apresentei e defendi minhas propostas de pesquisa, de metodologia e os primeiros resultados da pesquisa, em três seminários de doutoramento, abertos à participação pública, sob avaliação do professor da disciplina.

Só após a devida aprovação nos exames de qualificação, da apresentação e aprovação dos três seminários de doutoramento, além da integralização dos créditos exigidos em disciplinas cursadas, o aluno é aceito oficialmente como candidato ao doutorado, devendo apresentar, dentro de um prazo estipulado pelo programa, uma Proposta Formal de Tese (PhD Dissertation Proposal) que precisa ser aceita, preliminarmente, às vezes após um exame oral.

De certa forma os alunos de doutorado já passam por uma avaliação formal obrigatória de desempenho a cada semestre, quando precisam demonstrar progresso em direção ao objetivo final. Caso o desempenho não seja considerado satisfatório, o aluno poderá ser desligado do programa. No Brasil, a qualificação do candidato está limitada a uma defesa oral da proposta de tese ou da versão preliminar perante a uma banca de avaliação. Nesse sentido, o modelo brasileiro se aproxima mais do modelo europeu.

O trabalho de conclusão do doutorado[11] requer um extenso trabalho de investigação científica que apresente uma contribuição original e significativa para o conhecimento da área no qual o trabalho se insere. A pesquisa (Research Doctorate) deve ser sistematizada em uma tese (PhD Dissertation) que é examinada por uma banca constituída por cinco membros. A constituição dessa banca é similar às bancas de doutorado do Brasil: o orientador e mais dois membros internos do programa e dois examinadores externos.

A banca examinadora (Supervisory Committee) que aprovou minha dissertação de doutorado (no Brasil é o inverso: dissertação de mestrado e Tese de doutorado) foi composta pelos seguintes professores-doutores: Emile G McAnany (orientador), Rita Atwood, Alfred Saulniers, James Larson e Isabella Cunningham. Essa última, brasileira, paulista de nascimento, exercia a direção do curso de Publicidade da Escola de Comunicação da Universidade do Texas. Ela era casada com um dos principais diretores da Universidade na época. Vale dizer que foi a pessoa que mais me questionou e deu trabalho durante a defesa. O exame oral final, a defesa da dissertação perante a banca examinadora, é aberto ao público da mesma forma que aqui no Brasil. Lamentavelmente não tenho nenhum registro fotográfico de minha defesa pública.

* * *

Resumindo meus trabalhos de pós-graduação: a minha tese de Mestrado teve como objeto de estudo as relações e influências do governo militar, com destaque para a Escola Superior de Guerra e sua doutrina, no desenvolvimento da televisão no Brasil. O título do trabalho de Mestrado foi: The Impact of Brazilian Military Government on The Development of TV in Brazil [O impacto do governo militar brasileiro no desenvolvimento da televisão no Brasil].

Para produzi-lo tive acesso, nos acervos da LBJ Presidential Library (Biblioteca do Presidente Lyndon Baines Johnson)[12] e do ILAS – Institute of Latin

[11] O grau mais comum de doutorado por pesquisa nos Estados Unidos é o de Philosophie Doctor (PH.D.) ou Doctor of Philosophy (Doutor de Filosofia) concedido em praticamente todas as áreas de conhecimento.

[12] A LBJ Presidential Library está situada numa imensa área verde da Universidade do Texas, em Austin. Esta biblioteca e museu guarda 45 milhões de páginas de documentos históricos, 650 mil fotografias e cinco mil horas de conversas gravadas de Lyndon Johnson, inclusive 643 horas de telefonemas gravados quando no exercido da presidência dos Estados Unidos, no período de 22 de novembro de 1963 a 20 de janeiro de 1969. Ele era o vice de John Kennedy quando ele

American Studies (Instituto de Estudos Latino Americanos) – a documentos então inacessíveis no Brasil, que ofereceram o suporte para a produção do mestrado e do doutorado, além de produzir outros ensaios sobre a comunicação de massa e suas relações com ditaduras militares, como foi o caso do trabalho sobre a revolução peruana. Eu tive acesso aos mesmos documentos secretos dos Estados Unidos que o jornalista Marcos Sá Correa teve quando escreveu uma série de reportagens sobre o envolvimento e interesse norte-americano no golpe militar de 1964. Tive acesso também a outros documentos, pois os arquivos do período de governo de Lyndon Johnson, natural do Texas, estão preservados e disponíveis à consulta pública nessa Biblioteca

Sobre a tese de mestrado, recebi carta de Jorge Calmon, datada de 29 de agosto de 1980, na qual ele diz:

> *Sérgio, recebi, com agradável surpresa, os seus dois livros [a tese de mestrado, o livro de poemas bilíngue], e a carta que os acompanhou. Meus parabéns pela sua bem sucedida atividade aí. Não poderia esperar outra coisa. Já que não dispomos de quem possa fazê-lo, registrarei, eu, mesmo, a publicação de sua tese, que estou lendo, excelentemente impressionado pela riqueza e acerto das observações, e pela abundância de elementos fornecidos pela ampla pesquisa que realizou. Na edição de 18 de setembro próximo, ocupando a primeira página do segundo caderno, deverá sair o texto que prepararei, resumindo seu trabalho. 18 de setembro é, como você recorda, o aniversário do aparecimento da televisão no Brasil. É, pois, o dia indicado para o registro do seu estudo. Quanto ao livro bilíngue de versos, encaminhei-o a Fred Souza Castro, que hoje faz a coluna Livros, na edição de 5ª feira, para um comentário apropriado. Já na coluna de ontem, Fred anuncia a apreciação que fará na seção próxima. Junto está o recorte. Com recomendações à jovem esposa, o abraço afetuoso de Jorge Calmon.*

Com data de 25 de outubro de 1980 recebi nova correspondência de Jorge Calmon, na qual me enviou os recortes das reportagens publicadas e ainda confessando um erro, um lapso que cometeu, no registro da tese de mestrado. A matéria foi publicada na capa do Caderno 2, do dia 22 de outubro de 1980. A seguir o texto da atenciosa correspondência, na qual o mestre, o ponto de referência do jornalismo baiano no século passado, demonstra humildade ao reconhecer um erro, o que, sob meu ponto de vista, o engrandece:

foi assassinado, assumindo o governo depois do atentado, tendo sido reeleito em 1964. Quando o golpe militar brasileiro aconteceu no ano de 1964, Lyndon Johnson era o presidente dos Estados Unidos.

Caro Sérgio: a demora foi grande em atender à correspondência com que me enviou o seu novo livro de poesia e a sua tese de mestrado. As ocupações, repartidas por vários setores, como você bem sabe, não me permitiram dar-lhe conta, com maior brevidade, dos cuidados que tomei para que estes seus trabalhos tivessem a devida repercussão na Bahia. Quis eu mesmo fazer o registro de sua tese, porém os diversos encargos urgentes andaram protelando isto até meados deste mês, dia 22. Cometi, aliás, um grosseiro equívoco, tanto no título com nas linhas iniciais dessa matéria, ao dizer que a Televisão brasileira completara 50 anos, quando, está mais do que visto: 30 anos é o que ela tem. Incrível lapso, ou consequência do nosso costume em não pedir a colaboração de outro na leitura do que escrevemos. No entanto, a notícia teve repercussão, pois ouvi comentários sobre seu trabalho, que é realmente notável, tendo me impressionado pela riqueza de subsídios coletados na vasta e demorada pesquisa, e pela acuidade das suas observações. Além do recorte da matéria sobre a tese, acompanham a presente recortes de um comentário de Clóvis Lima (poeta, membro da Academia de Letras da Bahia) e dos registros feitos por Fred Souza Castro na coluna "Livros", na A Tarde. Espero ter dado conta da minha missão. Grande abraço! Jorge Calmon.

* * *

Durante o programa de doutoramento tive a sorte de ter como orientador o professor doutor Emile G. McAnany[13], que obteve seu doutorado na Universidade de Stanford, onde foi orientado e trabalhou com Wilbur Schramm[14].

[13] Emile G. McAnany obteve seu doutorado na Universidade de Stanford (1971), onde também ensinou até 1978 quando se transferiu para a Universidade do Texas, na qual permaneceu por 17 anos, no período de 1978 a 1996, de onde se transferiu para a Universidade de Santa Clara, da qual se aposentou em 2013. Sua área de atuação, tanto no ensino como na pesquisa, gira em torno da Comunicação Internacional, mídia e notícias internacionais, indústria cultural, impacto cultural e social das tecnologias da comunicação nos países do terceiro mundo. Desde 1995 ele tem trabalhado com pesquisadores brasileiros e americanos sobre o impacto social da televisão na fertilidade, além de continuar trabalhando na expansão internacional da indústria cultural e suas consequências na audiência global. Dentre seus inúmeros artigos e livros, destaca-se o mais recente, lançado em 2012: *Saving the World – a Brief History of Communication for Development and Social Change.*

[14] Wilbur Schramm (1907-1987) é considerado como um dos fundadores da Comunicação de Massa como campo de estudo e pesquisa acadêmica. A ele é creditado a criação do primeiro programa de PhD em Comunicação de Massa na Universidade de Illinois, em 1948 e de ter pavimentado o caminho para o crescimento dos cursos de comunicação nos Estados Unidos e no estrangeiro. Juntamente com Everett Rogers e Daniel Lerner, Schramm é um dos teóricos norte-americanos que estudaram o problema da comunicação a serviço do desenvolvimento, tendo exercido grande influência junto à UNESCO na adoção da doutrina da comunicação para o desenvolvimento na América Latina. Os três foram responsáveis pela formulação das bases

A área de concentração do meu doutorado abrangeu as comunicações internacionais, políticas públicas de comunicação, com destaque para o marketing, a publicidade e história dos meios de comunicação.

O tema da tese de doutorado, defendida em julho de 1982, foram as relações entre a publicidade, nacional e internacional, no desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a partir da análise do caso brasileiro, tendo como pano de fundo o contexto socioeconômico político e cultural. O título final do trabalho aprovado foi: *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: a case study of Brazil* [*A publicidade estrangeira e doméstica e o crescimento dos veículos de massa: estudo de caso do Brasil*].

Meus dois orientadores, o de mestrado e o de doutorado, eram ligados ao grupo de Everett M. Rogers e Wilbur Schramm e logo também passei a fazer parte deste "colégio invisível", lendo textos dos pesquisadores da Califórnia, do Texas e de Londres. Pelo tipo de pesquisa que realizei, mantive contatos pessoais e com a obra também de brasilianistas como John F. Dulles, Wayne Selcher, Albert Fishlow, Thomas Skidmore, entre outros, além de pesquisadores norte-americanos, ingleses e latino-americanos que se aprofundavam ou estavam também interessados, como eu, na influência da publicidade multinacional no desenvolvimento dos veículos de comunicação a exemplo de Herbert Schiller, Jeremy Tunstall, Lee Chin-Chuan (que examinavam o imperialismo na mídia), Robert White, James Halloran, John Kochevar, Jose Martínez Terrero, Jorge A. Schnitman, Noreene Janus, Rafael Roncagliolo, Luis Ramiro Beltran, Elizabeth Fox, Juan Garguverich, Juan Diaz Bordenave, Fernando Reys Matta, Fred Fejes, Joseph Straubhaar, Armand Mattelart e muitos brasileiros, entre os quais José Marques de Melo, Carlos Eduardo Lins da Silva, Ana Maria Fadul, Sérgio Capparelli, Muniz Sodré, Salomão Amorim, Luís Gonzaga Mota entre outros.

* * *

O "colégio invisível" a que me refiro foi o grande responsável pela consolidação de uma área ou sub-campo de pesquisas em Comunicação, conheci-

das teorias difusionistas do desenvolvimento, que são o embrião teórico do pensamento latino-americano da comunicação para o desenvolvimento. Dentre seus inúmeros livros, destacam-se: *Mass Communication* (1949); *Responsability in Mass Communication* (1957) ; *Mass Media and National Development* (1964), e *The History of Human Communications: cave paitings to the microchip* (1987), lançado no ano em que morreu em Honolulu, onde dirigia o Instituto de Comunicação da Universidade do Havaí.

do como Comunicação e Desenvolvimento. Em termos mundiais essa subárea de estudos é composta por estudos temáticos concentrados em: modernização, difusão de modelos, comunicação internacional, subdesenvolvimento. O enfoque, sempre se refere ao papel e /ou impacto dos meios de comunicação de massa em processos que algumas vezes está concentrado no aspecto econômico e/ou no chamado desenvolvimento social positivo.

***

Desde então me mantive focado e acompanhando o envolvimento e a influência da política e da economia na comunicação, uma preocupação que depois avançou e se especializou como sendo uma linha de pesquisa na América Latina identificada como Economia Política da Comunicação e Sociedade, da qual o maior representante no Brasil é o Grupo de Pesquisa CEPOS, do qual faço parte. De certa forma me sinto como um dos precursores dessa área de estudo, tanto pelas teses como por estudos posteriores.

No ano de 1984, por exemplo, apresentei no congresso da INTERCOM um trabalho que foi publicado no ano seguinte pela editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, como capítulo do livro *Comunicação e Transição Democrática*, organizado por José Marques de Melo. O meu artigo foi "Estado e Meios de Comunicação: O Controle Econômico", onde os fundamentos da Economia Política da Comunicação estão presentes e explicitados.

***

Em síntese, minhas teses de Mestrado e de Doutorado se constituem na espinha dorsal de minhas obras no campo acadêmico. Acredito que todas as minhas pesquisas seguem o princípio de que só compreenderemos o que ocorre com a mídia se entendermos o seu desenvolvimento dentro do contexto socioeconômico, político, social e cultural de cada país. Esta é a proposição conceitual que venho defendendo nos últimos 35 anos para analisarmos a mídia.

Por isso tenho criticado as generalizações feitas por pesquisadores norte-americanos e europeus, incluindo-se aqui também alguns latino-americanos, que consideram a América Latina como uma unidade cultural idêntica. Defendo o ponto de vista de que é necessário analisar o contexto histórico de cada país e seus impactos no desenvolvimento da mídia, em lugar de aplicar e comprovar todas as teorias de comunicação de massa anteriormente utilizadas. Meus pon-

tos de vistas estão mais bem detalhados no livro *O Contexto Midiático*[15] , do qual transcrevo o trecho a seguir:

> *Fatores internacionais podem influenciar o desenvolvimento da publicidade e dos meios de comunicação de massa nos países do Terceiro Mundo, mas só se pode estudar estas influências externas de maneira correta se, antes de qualquer coisa, os fatores internos forem identificados e considerados como peças importantes dos resultados a serem obtidos. O sistema brasileiro de comunicação, por exemplo, tem experimentado, ao longo dos últimos cinquenta anos, uma grande carga de influência proveniente dos países hegemônicos, mas essa influência tem sido, em vários casos, limitada ou totalmente afastada, como resultado de políticas protecionistas.*
>
> *No Brasil, as condições internas têm exercido sobre os veículos de massa uma influência muito mais forte do que os fatores externos. Aqui, os meios de comunicação de massa – principalmente a televisão – e também a indústria publicitária têm refletido não apenas a forma particular de desenvolvimento dependente do país, mas ainda os interesses políticos de quem está no poder, como ocorreu durante o longo período da ditadura pós-1964. [...].*

Exatamente por isso defendemos também o ponto de vista de que, para estudar as causas e efeitos desse processo, precisamos construir uma teoria crítica e social da globalização que seja mais abrangente do que as teorias identificadas como de direita ou de esquerda, responsáveis por enorme lista de estruturas teóricas (desenvolvimentistas, terceiro-mundistas e outras mais reformistas ou menos radicais) usadas nos últimos trinta anos para explicar o fluxo da informação, os veículos de comunicação, principalmente a televisão e os processos de interação sociocultural entre as nações.

[15] MATTOS, Sérgio. *O Contexto Midiático*. Salvador: IGHB, 2009.

MANTENDO O ESPÍRITO JORNALÍSTICO

Os ingredientes do bom jornalismo são a capacidade de publicar informações relevantes, de preferência exclusivas, colocadas num contexto explicativo e interpretativo claro e o mais amplo possível.

Celso Pinto

Enquanto fazia a pós-graduação nos Estados Unidos, agenda a política no Brasil caminhava com inúmeras reivindicações principalmente depois que Ernesto Geisel abolira o Ato Institucional nº 5. Dentre as reivindicações estava a anistia, pela qual havia um movimento nacional. A Lei da Anistia[16], Lei nº 6.683 foi assinada pelo presidente João Baptista Figueiredo no dia 28 de agosto de 1979, garantindo anistia "ampla, geral e irrestrita", e publicada no Diário Oficial da União.

Bem antes disso, no ano de 1978, foi instalado no Rio de Janeiro o Comitê Brasileiro pela Anistia. Nos Estados Unidos, tive a oportunidade de entrevistar o deputado federal Magnus Guimarães, que estava negociando o retorno de Brizola ao país. Como jornalista, como disse antes, nunca deixei de municiar o jornal *A Tarde* com informações e reportagens e mesmo distante continuei acompanhando a vida política do país. A entrevista foi enviada bem antes, mas só publicada no dia 31 de dezembro de 1978, em dois blocos de cima abaixo da página, coincidentemente na mesma data em que o Ato Institucional nº 5 foi revogado por Geisel. A reportagem, enviada a partir de Pittsburgh, Pensilvânia, e assinada por mim, anunciava no título: "Vice-líder do MDB anuncia volta de Brizola para abril". E nos primeiros parágrafos:

> *Em entrevista exclusiva para o A Tarde, o vice-líder do MDB na Câmara Federal, deputado Magnus Guimarães, anunciou o retorno ao Brasil de dois exilados políticos: Leonel Brizola e Gregório Bezerra. Brizola, de*

[16] No Artigo primeiro da Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, conhecida como Lei da Anistia está escrito: "É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 2 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes, crimes eleitorais aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares."

acordo com o deputado retornará até o mês de abril do próximo ano [1979] disposto a assumir todas as consequências deste ato, enquanto que Bezerra chegará ao Brasil durante o próximo mês de janeiro.

O deputado Magnus Guimarães, que foi indicado pelo MDB para acompanhar a 33ª Assembléia Geral da ONU como observador, aproveitou esta viagem para manter contatos políticos com líderes exilados nos Estados Unidos, México e Europa. Acompanhado do Sr. Leonel Brizola, o vice-líder oposicionista manteve contatos com cerca de 200 exilados brasileiros, ouvindo de cada um seus respectivos problemas, que foram devidamente anotados, vez que ele promete fazer uso destes testemunhos em favor da luta que será desencadeada pelo partido da oposição em favor da anistia geral.

Magnus Guimarães esclareceu também que muitos destes contatos visam estabelecer entendimentos quanto ao retorno dos exilados ao Brasil, bem como a criação do PTB, do qual Brizola é um dos principais articuladores.

– Nós vamos partir para a criação de núcleos trabalhistas em todos os estados – afirmou o vice-líder oposicionista – sendo que neste instante já vem sendo mantidos entendimentos entre os parlamentares. O nosso objetivo não é dividir o MDB, mas exercitar o direito que temos de criar estes núcleos que serão os futuros partidos políticos criados de baixo para cima.

***

Além de notas para colunas, artigos, matérias do dia-a-dia, eu enviava pelo correio reportagens especiais. Uma dessas especiais causou inclusive uma polêmica com o teatrólogo João Augusto. Foi a matéria na qual entrevistei Ana Edler, uma das fundadoras da Escola de Teatro da UFBA que, casada com um americano, estava morando na cidade de Pittsburgh. A polêmica criada foi devido a informações por ela passadas com as quais João Augusto não concordava. Soube anos depois, por meio de Nilda Spencer, que os dois tinham rompido uma antiga amizade por ocasião da ida de Ana para os Estados Unidos e que não se reconciliaram.

A reportagem, de página inteira, foi publicada na capa do Caderno 2 do *A Tarde*, ilustrada com uma fotografia cedida por ela na qual aparecem Nilda Spencer, Ana Edler, João Gama e Mário Gadelha, num encontro informal, quando a fundadora da Escola de Teatro esteve em Salvador em uma de suas visitas ao Brasil. Transcrevo a seguir pequeno trecho da reportagem pelo valor histórico que ela tem:

Afastada do teatro por mais de dez anos, Ana Edler, uma das fundadoras da escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, residindo a 15 anos em Pittsburgh, está retornando à vida artística que a consagrou no Brasil. Ana tinha se afastado do teatro para criar os filhos, Deborah e Arthur, frutos de seu casamento com Jack Brown, que também foi professor da escola.

Álvaro Moreira costumava dizer que "a Escola de Teatro nasceu nos braços de Ana Edler", que, além de ensinar, fez de tudo para que fosse inaugurada em abril de 1958, com a peça "Senhorita Júlia". Agora, Ana pensa em marcar seu retorno ao teatro com a representação de uma peça de Ibsen, em Salvador, durante o ano de 1979.

A ESCOLA DE TEATRO – Ana Edler chegou a Salvador no dia primeiro de agosto de 1956, a convite do reitor Edgard Santos, com um contrato de cinco meses para fazer três peças e retornar ao Rio. Mas, com o convite de Martim Gonçalves, para iniciar a primeira escola de Teatro do Brasil, ela renunciou à fama para se dedicar a um ideal: Teatro Cultura.

– Quando cheguei – conta Ana – a escola era apenas uma sala, sem cadeiras, sem móveis. Uma sala vazia. Sentei-me no chão com o diretor Eros Martim Gonçalves e fizemos planos. Sonhamos com o futuro da escola onde fiz de tudo. Fui de professora a datilógrafa; de primeira secretária a costureira. Com muito esforço conseguimos apresentar o "Auto da Cananeia", de Gil Vicente. Entretanto, o teatro da escola só foi inaugurado em 1958, com a encenação da peça "Senhorita Júlia", cujos ensaios foram iniciados em 1957.

Os trabalhos da escola foram iniciados com Ana Edler, Antônio Patinho e Martim Gonçalves, como professores, e Othon Bastos e Sônia Gabi, como estudantes. Um ano depois chegaram Janne Ratto, Luciana Petruchelli e João Augusto, que era crítico de teatro no Rio e, entusiasmado com o trabalho realizado em Salvador, veio ensinar História do Teatro. Dometila Amaral foi outra que participou do primeiro grupo de professores da escola de Teatro da UFBA.

***

Em 1979 muitas coisas estavam acontecendo no mundo, entre elas a Revolução Islâmica. No dia 4 de novembro de 1979, estudantes iranianos invadiram a Embaixada dos Estados Unidos em Teerã, quando fizeram 52 reféns, exigindo que o Xá Reza Pahlevi fosse extraditado para ser julgado no Irã. A invasão contribuiu para o rompimento diplomático entre Teerã e Washington. Em 1980, duas missões de resgate dos americanos fracassaram no deserto e foram abortadas. As tentativas para libertar os americanos por meio da força só fez

aumentar o ressentimento contra os Estados Unidos e, em consequência, crescer o poder do líder fundamentalista aiatolá Khomeini.

A crise dos reféns enfraqueceu o governo de Jimmy Carter (1977-1981) que perdeu a chance da reeleição para Ronald Reagan. Foi registrado pela imprensa da época que, 20 minutos após o discurso de posse de Reagan, os reféns foram liberados depois de 444 dias sob confinamento e maus tratos.

Lembro muito deste caso porque o ressentimento dos americanos em relação aos iranianos também era muito grande. No campus da Universidade, durante o período da crise, cheguei a ser interpelado algumas vezes por estudantes americanos que, de forma agressiva, procurava me identificar como sendo estudante iraniano e caso isso tivesse ocorrido provavelmente teria sofrido violência física, mas tudo passava e se acalmava quando me identificava como brasileiro, latino-americano.

A propósito, o tipo físico dos iranianos é muito parecido com o dos latino-americanos e, como na época, também eu usava barba fechada, uma marca dos anos 1970 e 1980, corri, portanto, sério risco de ser confundido com iraniano.

OPORTUNIDADES APROVEITADAS E PERDIDAS

O fracasso derruba as almas pequenas, mas engrandece as grandes, assim como o vento apaga a vela... porém atiça o fogo da floresta.

Benjamin Franklin

Muita gente me pergunta o motivo de ter escolhido a Universidade do Texas e a primeira resposta que se apresenta nessas ocasiões é sempre o clima, menos frio, menos neve do que em outras cidades. Mas o objetivo maior, mais técnico e pragmático, foi o fato de lá estar o maior Centro de Estudos Latino-Americanos, o ILAS – Institute of Latin American Studies, dentro dos Estados Unidos, além da LBJ Library que abriga os documentos do governo Lyndon Johnson sobre o Brasil, inclusive aqueles sobre o golpe de 1964 como já foi relatado.

Em relação à minha tese de Mestrado, defendida em agosto de 1980, perdi uma grande oportunidade que me foi aberta aqui no Brasil e não tive fôlego suficiente para enfrentá-la. Mandei cópia da tese de mestrado para o escritor e editor Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira S. A. que, em correspondência datada de 4 de setembro de 1980, me fez a proposta de publicá-la naquele mesmo ano em edição popular. Eis a correspondência dele:

> *Prezado Sérgio Mattos: recebi e já li, com interesse e proveito, o exemplar de sua tese THE IMPACT OF BRAZILIAN MILITARY GOVERNMENT ON THE DEVELOPMENT OF TV IN BRAZIL.*
>
> *Está muito bem estrutura e tem excelente base documental. Os aspectos "delicados" a que você se refere na dedicatória, de fato o são. Posso dizer-lhe, porém, que você poderia – e talvez até* **deveria** *– estender-se na análise da* **manipulação** *de informações: tudo o que acontece de positivo no quadro da oposição política aos governos do Golpe, ou no bloco socialista, é minimizado; o contrário, enfatizado hiperbolicamente... A TV Globo é, na verdade, um órgão oficioso do Governo Federal, cujas ordens cumpre cegamente e cujos interesses defende com o mais evidente facciosismo. Além disso, todos os programas e noticiários são submetidos a rigorosa censura interna, que chega às vezes a ser mais feroz do que a policial.*
>
> *No conjunto, porém, seu livro presta um serviço. Quero editá-lo em edição popular, isto é, a preço accessível, que circule nas áreas de mais interesse para nós, representadas por professores, estudantes universitários, militante políticos, áreas sindicais, etc.*
>
> *Você já pode liberar o texto? Tem versão em português? Se não existir, você mesmo não o poderia traduzir com urgência-urgentíssima? Dê-me resposta a tudo isso. The sooner the better. Seu, cordialmente, o Ênio Silveira.*

A oportunidade foi perdida porque eu não podia interromper os exames de qualificação para o doutorado para fazer a tradução do texto solicitado, tendo em vista que o original estava em inglês. Sugeri que alguém da editora fizesse a tradução e que depois eu faria a revisão. Ao que tudo indica, Ênio Silveira não gostou da resposta e não me procurou mais. Analisando o fato muitas vezes, me questionei se eu teria sido arrogante em minha resposta ou se de fato ele a recebeu ou não, pois também existe esta possibilidade. No entanto, não obtive resposta.

Perdi uma oportunidade de ouro, de ter tido minha tese de mestrado lançada como livro no Brasil por uma editora de credibilidade e peso político,

cujo editor declarou que tinha interesse em trabalhá-la comercialmente. Esta foi uma das maiores oportunidades que desperdicei e acabei ficando sem publicar minha tese de mestrado pela Civilização Brasileira.

A partir daí aprendi que devemos sempre encontrar uma maneira de atender aos convites e examinar melhor as oportunidades que se apresentam com mais atenção, para não cometermos erros ou perdermos oportunidades que não voltam mais. Apesar da lição aprendida, perdi também outras oportunidades quando, de volta ao Brasil, por ingenuidade, por arrogância e por falta de jogo de cintura.

* * *

Minha dissertação de mestrado intitulada "The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil", orientada pelo professor doutor Jorge Reina Schment , foi objeto, logo depois, da publicação de um livro produzido, nos Estados Unidos, pela Editora V. Klingensmith Independent Publisher, com o título de *The Impact of 1964 Revolution on Brazilian Television [O impacto da revolução de 1964 na televisão brasileira]*, com prefácio assinado pelo Dr. Emile McAnany. O livro foi bem aceito pela crítica transformando-se numa obra de referência sobre a televisão brasileira não só nos Estados Unidos como também em vários países europeus. Esse livro foi publicado no ano em que conclui o doutorado, em 1982.

Interessante é que esse livro serviu de fonte inspiradora para Simon Hartog, da Large Door Ltd, que produziu para a BBC, canal 4, o documentário *Brasil: Muito Além do Cidadão Kane*, que foi proibido aqui e mesmo assim circulou, de maneira alternativa, tendo sido exibido e debatido em todas as Universidades do país e ainda hoje pode ser visto via Youtube, onde se encontra disponível para os interessados.[17] Simon Hartog manteve vários contatos comigo quando eu já estava de volta ao Brasil, via correspondência, em geral via fax, e antes de iniciar as gravações esteve pessoalmente comigo em Salvador algumas vezes. Eu ainda estava dirigindo o IRDEB quando ele começou a manter con-

[17] O link para assistir ao vídeo Brasil: Além do Cidadão Kane é o seguinte: http://www.facebook.com/l/HAQHmf1AVAQHxzZoP3nnCTxWN-WV_NZM29-0-6ZUleYWMPA/www.youtube.com/watch?v=NXG_ln62zvU&feature=youtube_gdata_player" "http://www.facebook.com/l/HAQHmf1AVAQHxzZoP3nnCTxWN-WV_NZM29-0-6ZUleYWMPA/www.youtube.com/watch?v=NXG_ln62zvU&feature=youtube_gdata_player

tatos comigo, ou seja, entre 1983 e 1984. Voltarei a tratar desse documentário no próximo capitulo.

***

Minha tese de doutorado, intitulada *Domestic na Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: a Case Estudy of Brazil*, orientada pelo professor doutor Emile G. McAnany, foi publicada pela University Microfilm, que ajudou na divulgação e circulação dela no exterior, permitindo-me atender a inúmeros convites para realizar conferências, tais como a que realizei na Stanford University, depois de ter retornado ao Brasil, a convite do Professor Doutor Everett M. Rogers, então diretor do Institute for Communication Research.

O texto da conferência que apresentei na Universidade de Stanford foi publicado simultaneamente em números especiais das revistas *Communication Research, da Sage Publications* (em inglês) e na *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación (em espanhol)*.[18]

***

O livro baseado na dissertação de mestrado e a estrutura de análise usada na tese de doutorado contribuíram para os convites e inúmeras citações de meus trabalhos no exterior. Outro livro que publiquei também nos Estados Unidos, intitulado *The Development of Communication Policies Under The Peruvian Military Government* (*1968-1980*), também editado pela V. Klengensmith Independent Publisher, da cidade de Santo Antonio, no Texas, marcaram decisivamente minha contribuição na área acadêmica, pois, explorando a influência de governos militares sobre os meios de comunicação, pude desenvolver uma estrutura de análise apropriada, levando em conta o contexto socioeconômico, político e cultural de cada país, demonstrando que a tendência de generalizações no setor para toda a América Latina não era concebível devido a inúmeras falhas de análise.

O livro sobre o Peru foi publicado em 2013 no Brasil, em edição bilíngue (inglês-português) pela Quarteto Editora, de Salvador, com um capítulo de atualização sobre o que ocorreu após o Golpe até os dias atuais. Um novo prefácio, assinado pelo professor doutor Marcos Palácios, também foi acrescido à

[18] MATTOS, Sérgio. Advertising and Government Influences: The Case of Brazilian Television". In: *Communication Research*, vol. 11, n. 2, abr., p. 203-230, 1984.

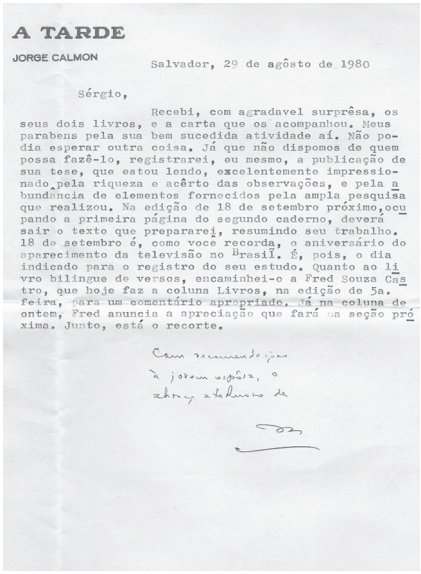
primeira edição americana, de 1981. Sobre o trabalho do Peru, recebi carta de Jorge Calmon, datada de 20 de abril de 1981, na qual destaco o trecho abaixo:

> *Ótimos, os trabalhos que tem feito ultimamente, entre ensaios e conferências, merecendo destaque o que dedicou à situação dos meios de comunicação no Peru durante o governo militar. Este é um estudo da maior oportunidade e importância. Nas vezes em que compareci à Assembleia Geral da Sociedade Interamericana de Imprensa, o caso peruano esteve sempre em discussão, principalmente pelo que representava como precedente em relação a outros países da América Latina. Você deve mandar uma cópia do documento que elaborou à secretaria da SIP, pois acredito que muito gostarão ali de examiná-lo.*

Minha estrutura de análise tem resistido ao tempo e quando se trata de análise descritiva do que ocorre com a mídia, em qualquer país, ela se aplica bem e permanece atualizada, apesar de alguns ajustes necessários devido aos avanços tecnológicos. Com o surgimento da Internet que tem eliminado uma série de outras fronteiras e nos tem conduzido cada vez mais para uma convergência de mídias, onde não apenas as formas de produção e distribuição da informação estão mudando, como também o papel do consumidor de informações está se transformando, novos ajustes devem ser considerados.

Isso porque a cada dia que passa o consumidor se transforma, ele mesmo, também num leitor-editor-emissor e transmissor de notícias, forçando o jornalismo e os jornalistas a repensarem, não necessariamente nesta ordem, a linguagem adequada a esta nova revolução tecnológica e midiática; nos formatos apropriados para se veicular informações; e nos meios de se preservar a credibilidade dos conteúdos trabalhados e transmitidos.

Minha dissertação de mestrado e a tese de doutorado serviram de base para inúmeros outros estudos e livros que publiquei no Brasil, tendo alguns se transformado em referência e continuam sendo adotados nos cursos de comunicação, tais como *A História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política* (Editora Vozes, 5ª ed. ampliada e revisada, 2010) e *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo* (Editora Paulus, 2005).



A TARDE

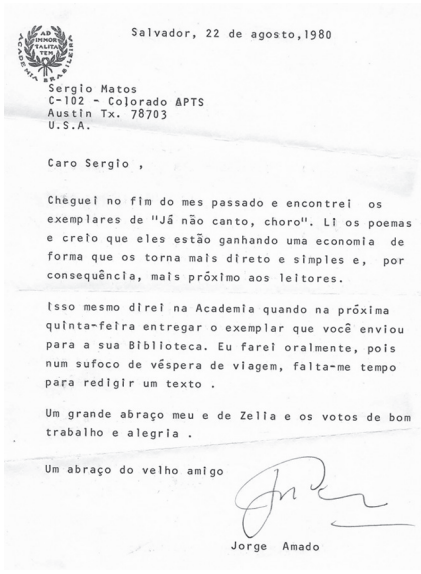
JORGE CALMON

Salvador, 29 de agôsto de 1980

Sérgio,

Recebi, com agradavel surprêsa, os seus dois livros, e a carta que os acompanhou. Meus parabens pela sua bem sucedida atividade aí. Não podia esperar outra coisa. Já que não dispomos de quem possa fazê-lo, registrarei, eu mesmo, a publicação de sua tese, que estou lendo, excelentemente impressionado pela riqueza e acêrto das observações, e pela abundância de elementos fornecidos pela ampla pesquisa que realizou. Na edição de 18 de setembro próximo, ocupando a primeira página do segundo caderno, deverá sair o texto que preparei, resumindo seu trabalho. 18 de setembro é, como você recorda, o aniversário do aparecimento da televisão no Brasil. É, pois, o dia indicado para o registro do seu estudo. Quanto ao livro bilingue de versos, encaminhei-o a Fred Souza Castro, que hoje faz a coluna Livros, na edição de 5a. Feira, para um comentário apropriado. Já na coluna de ontem, Fred anuncia a apreciação que fará na seção próxima. Junto, está o recorte.

Com recomendações à jovem esposa, o abraço afetuoso de



Salvador, 22 de agosto, 1980

Sergio Matos
C-102 - Colorado APTS
Austin Tx. 78703
U.S.A.

Caro Sergio ,

Cheguei no fim do mes passado e encontrei os exemplares de "Já não canto, choro". Li os poemas e creio que eles estão ganhando uma economia de forma que os torna mais direto e simples e, por consequência, mais próximo aos leitores.

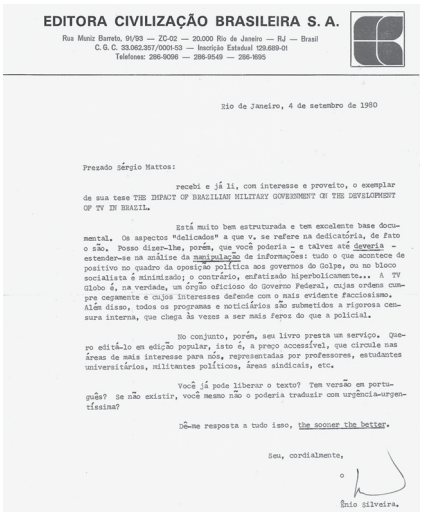
Isso mesmo direi na Academia quando na próxima quinta-feira entregar o exemplar que você enviou para a sua Biblioteca. Eu farei oralmente, pois num sufoco de véspera de viagem, falta-me tempo para redigir um texto .

Um grande abraço meu e de Zelia e os votos de bom trabalho e alegria .

Um abraço do velho amigo

Jorge Amado

[56.] **[57.]**



EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Muniz Barreto, 91/93 — ZC-02 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ — Brasil
C. G. C. 33.062.357/0001-53 — Inscrição Estadual 129.689-01
Telefones: 286-9096 — 286-9549 — 286-1695

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1980

Prezado Sérgio Mattos:

recebi e já li, com interesse e proveito, o exemplar de sua tese THE IMPACT OF BRAZILIAN MILITARY GOVERNMENT ON THE DEVELOPMENT OF TV IN BRAZIL.

Está muito bem estruturada e tem excelente base documental. Os aspectos "delicados" a que v. se refere na dedicatória, de fato o são. Posso dizer-lhe, porém, que você poderia - e talvez até deveria - estender-se na análise da manipulação de informações: tudo o que acontece de positivo no quadro da oposição política aos governos do Golpe, ou no bloco socialista é minimizado; o contrário, enfatizado hiperbolicamente... A TV Globo é, na verdade, um órgão oficioso do Governo Federal, cujas ordens cumpre cegamente e cujos interesses defende com o mais evidente facciosismo. Além disso, todos os programas e noticiários são submetidos a rigorosa censura interna, que chega às vezes a ser mais feroz do que a policial.

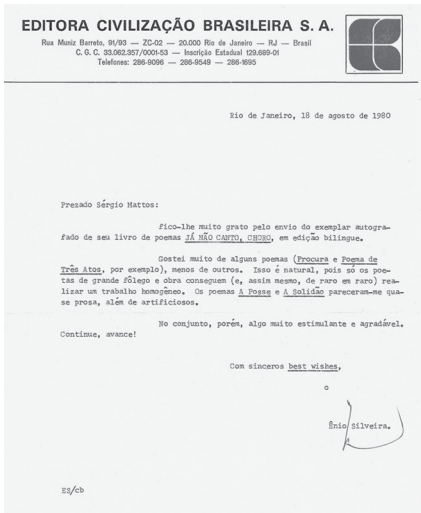
No conjunto, porém, seu livro presta um serviço. Quero editá-lo em edição popular, isto é, a preço acessível, que circule nas áreas de mais interesse para nós, representadas por professores, estudantes universitários, militantes políticos, áreas sindicais, etc.

Você já pode liberar o texto? Tem versão em português? Se não existir, você mesmo não o poderia traduzir com urgência-urgentíssima?

Dê-me resposta a tudo isso, the sooner the better.

Seu, cordialmente,

Ênio Silveira.



EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua Muniz Barreto, 91/93 — ZC-02 — 20.000 Rio de Janeiro — RJ — Brasil
C. G. C. 33.062.357/0001-53 — Inscrição Estadual 129.689-01
Telefones: 286-9096 — 286-9549 — 286-1695

Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1980

Prezado Sérgio Mattos:

fico-lhe muito grato pelo envio do exemplar autografado de seu livro de poemas JÁ NÃO CANTO, CHORO, em edição bilingue.

Gostei muito de alguns poemas (Procura e Poema de Três Atos, por exemplo), menos de outros. Isso é natural, pois só os poetas de grande fôlego e obra conseguem (e, assim mesmo, de raro em raro) realizar um trabalho homogêneo. Os poemas A Posse e A Solidão pareceram-me quase prosa, além de artificiosos.

No conjunto, porém, algo muito estimulante e agradável.

Continue, avance!

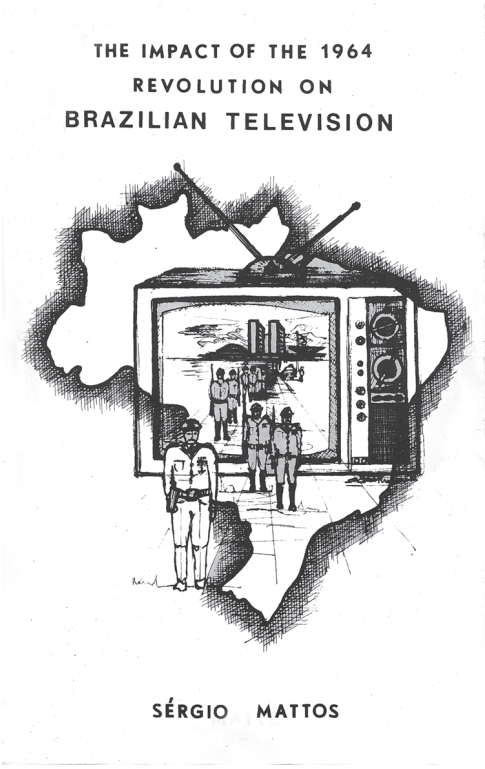
Com sinceros best wishes,

Ênio Silveira.

ES/cb

[58.] **[59.]**

[56.] Correspondência de Jorge Calmon comentando dois livros lançados nos Estados Unidos. [57.] Jorge Amado também comentou os poemas incluídos no livro *Já não canto, choro*. [58.] Ênio Silveira, um dos maiores editores do Brasil, manifestando o desejo de publicar minha dissertação de mestrado pela Civilização Brasileira. [59.] Ênio Silveira comentando meus poemas publicados em edição bilingue pela Tejidos Publications.



[60.]

Facsimile da capa do livro baseado em minha dissertação de Mestrado e publicada nos Estados Unidos.

OCUPANDO ESPAÇOS NA LITERATURA

Nunca se insistirá o suficiente na arbitrariedade da antiga oposição entre arte e filosofia. Se pretendermos entendê-la num sentido, certamente ela é a falsa [...]. O artista, tanto quanto o pensador, compromete-se com a sua obra e se transforma dentro dela.

Albert Camus

Durante o período de pós-graduação nos Estados Unidos não abandonei a literatura, muito pelo contrário. Publiquei dois livros, *O Vigia do Tempo* (*Time's Sentinel*), traduzido para o inglês por Maria Luíza Nunes, e *Já não*

canto, choro (*I No Longer Sing, I Cry*), traduzido por Albert Bork e publicado pela Tejidos Publications, além de ter participado de uma Antologia Poética (Poetry Anthology), que recolheu um poema de cada participante por todo o país. O interessante é que, apesar do tamanho do volume, mais de 380 páginas, e do número de participantes, não há qualquer referência ao organizador e/ou da editora responsável. Cada participante recebeu um exemplar, pelo menos eu recebi o meu e mais nenhuma outra informação.

Encaminhei alguns volumes de *Já Não Canto, Choro* para algumas pessoas no Brasil, entre os quais Ênio Silveira, que em correspondência datada de 18 de agosto de 1980 fez o seguinte comentário:

> *Meu caro Sérgio: Gostei muito dos poemas "Procura" e "Poema de Três Atos", por exemplo, menos de outros. Isso é natural, pois só os poetas de grande fôlego e obra conseguem (e, assim mesmo, de raro em raro) realizar um trabalho homogêneo. No conjunto, porém, algo muito estimulante e agradável. Ênio Silveira*

Transcrevo a seguir o Poema de Três Atos (que deveria ter cinco atos), que agradou ao editor da Civilização Brasileira:

I

Numa época de modelos
Recuso-me a aceitar como regra
Uma exceção qualquer.

II

Não temo as crises, mas aos donos da verdade.
Os profetas não me assustam,
Mas os deuses-industrializados ameaçam.

III

As clausuras perderam o significado.
Watergate foi revelado
E os bailes de fantasia caíram de moda:
Por que todos não tiram as máscaras?

(Pittsburgh, agosto de 1978)

* * *

No meu primeiro ano na Universidade do Texas participei ativamente da Semana Brasileira e do Festival de Poesia. No dia 21 de junho de 1979, numa promoção do Departamento de Espanhol e Português participei do evento, amplamente divulgado pelo jornal e emissoras da universidade, intitulado Poetry Reading by Brazilian poet Sérgio Mattos, no prédio Batts Hall.

No ano de 1980, quando se comemorou naquela Universidade o "Ano Brasileiro", participei de vários eventos acadêmicos e literários em Austin, Texas, dos quais destaco o Festival de Poesia Brasileira, promovido pelo Instituto de Estudos Latino Americano, quando na qualidade de poeta visitante, fui selecionado para ler/declamar em português, poemas de Bandeira, Drummond, João Cabral, Jorge de Lima e de Sérgio Mattos, enquanto os professores do Departamento de Português, responsáveis pelas respectivas traduções, leram/declamaram em inglês.

Minha participação acadêmica no Ano Brasileiro ocorreu num evento intitulado "Os Rumos do Estado Brasileiro no Desenvolvimento Contemporâneo, no qual tivemos a intervenção de vários professores e pesquisadores latino-americanos, incluindo a minha, que versou sobre "A Política de Imprensa do Governo Brasileiro". Quem também participou desse evento foi o jornalista e professor Carlos Eduardo Lins da Silva[19] que inclusive ficou hospedado em minha casa, em Austin, Texas. Na época em que esteve nos Estados Unidos discordávamos um pouco na maneira de analisar o papel político exercido pelos meios de comunicação.

Sobre um de meus livros, *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*, Carlos Eduardo Lins da Silva fez uma resenha[20], publicada no *Folha de S. Paulo*, do qual transcrevo abaixo alguns trechos:

> *A liberdade de expressão é uma das mais importantes conquistas democráticas da história. Todos os países do mundo passaram a maior parte de sua história sem desfrutar desse bem, atualmente considerado indispensável para o convívio social construtivo. Os brasileiros conquistaram esse direito há muito pouco tem-*

[19] Carlos Eduardo Lins da Silva foi repórter, editor, secretário de redação, diretor e ombudsman do jornal *Folha de S. Paulo*. Publicou inúmeros livros dentre eles: *Muito Além do Jardim Botânico*, *O Adiantado da Hora*, *Marketing Eleitoral* e *Mil Dias: Seis mil dias depois.*

[20] O livro *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo* foi publicado pela Editora Paulus (2005). A resenha de Carlos Eduardo Lins da Silva foi publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo,* no caderno *Folha Ilustrada*, pág. 2, no dia 2/1/2006.

po. Mesmo assim, ele ainda sofre ameaças graves, como se percebe em diversas iniciativas de poderes políticos diversos com o objetivo de restringi-lo ou mesmo eliminá-lo simplesmente. O jornalista e professor Sérgio Mattos acaba de lançar um livro de extrema utilidade para a preservação dessa prerrogativa. Com extraordinário poder de concisão, ele traça em "Mídia Controlada" um histórico abrangente da censura no Brasil e no mundo. Para demonstrar como é atual e necessário esse tipo de debate, Mattos abre o seu trabalho com exemplos muito recentes de tentativas de atentar contra a liberdade de expressão neste país por parte de instrumentos de Estado.

[...] No Brasil, apesar do artigo 220 da Constituição de 1988, formalmente continua a viger a Lei de Imprensa (a 5.520, de 1967) do regime militar. Embora tenha sido relegada à irrelevância, ela sobrevive e pode ser usada se alguém desejar fazer assim – como o presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992) no processo que moveu contra Otávio Frias Filho, diretor de Redação da Folha, em 1991. Essa é uma das inúmeras demonstrações absurdas de como o emaranhado de leis cria obstáculos para a consolidação das instituições no país. É essa rede de conflitos e inoperância que permite a ocorrência de abusos desmedidos contra a liberdade de expressão, apesar do claro desejo dos constitucionalistas para que isso não acontecesse. Mattos discute se deve haver uma nova lei de imprensa. Cita os que alertam para o perigo de criar uma "indústria das indenizações" se o anteprojeto em debate no Congresso vier a ser aprovado com o texto atual. **[...]** *A convergência de meios de comunicação e a concentração setorial na economia se constituem em poderosos instrumentos capazes de ferir aos interesses da cidadania, como se tem visto em diversos incidentes nos EUA e em outros países. É legítimo, porém, o objetivo do autor de se ater apenas à relação entre Estado e meios de comunicação. Afinal, é ele quem tem o monopólio do poder de censura formal e é dele que, com frequência, emanam os principais atentados à liberdade de expressão.*

[...] Ainda há muito a ser feito para que todo o edifício democrático se consolide. Manter, expandir e garantir a liberdade de expressão é uma das tarefas mais fundamentais para tanto. Livros como o de Sérgio Mattos capazes de motivar e ampliar o debate sobre esse tema são instrumentos importantes para que isso ocorra.

* * *

No dia 21 de novembro de 1980 , além de participar de evento promovido pelo Institute of Latin American Studies (ILAS) e pelo Departamento de

Espanhol e Português da Universidade sobre literatura brasileira meu segundo livro de poemas nos Estados Unidos, em edição bilingue *Já Não Canto, Choro* (*I no Longer Sing, I Cry*), foi lançado numa tarde de autógrafo com as presenças de professores e amigos.

O evento contou com a presença do professor Joaquim Francisco Coelho, da Stanford University, que falou sobre "A Poesia de Carlos Drummond de Andrade: Boi-Tempo I, II, III"; de Benedito Nunes, que se encontrava no Texas como professor-visitante, além dos professores Fred Ellison (que fez o prefácio de meu livro), David Jackson, Albert Bork (meu tradutor) e Sthepanhie Merrim que falaram sobre "Os problemas e práticas das traduções". No coquetel de encerramento do evento que ocorreu no Dobbie Room, no Centro Acadêmico, na Universidade do Texas, em Austin, aconteceu o lançamento de meu livro bilingue, publicado pela Tejidos Publications.

* * *

Na cidade de Austin, tive oportunidade de conhecer, pessoalmente, Benedito Nunes[21], com quem convivi durante um semestre quando esteve como Edward L. Tinker Visiting Professor (professor visitante) na Universidade do Texas, no ano de 1980, juntamente com sua esposa Maria Sylvia. Benedito José Viana da Costa Nunes era filósofo, professor, crítico de arte e escritor paraense. Uma figura exemplar, atencioso, simples e possuidor de uma lucidez sem igual e me aproveito deste momento de recordações para prestar minha homenagem àquele pequeno grande homem. Para tanto, nada melhor do que reproduzir as palavras de Antonio Candido por ocasião da morte dele, em 27 de fevereiro de 2011, com as quais concordo plenamente:

> *Em tudo o que li dele parece haver uma espécie de serenidade expositiva, que afasta qualquer pretensão e faz o leitor se sentir mais lúcido por reflexo. É que o leitor foi sendo guiado pela atitude mental rigorosa e lúcida, embora singularmente discreta, de um autor que não ostentava saber e, sendo tão sábio, foi tão despretensioso.*

* * *

[21] Benedito José Viana da Costa Nunes (21/11/1929 – 27/2/2011) foi filósofo, professor, crítico de arte e escritor paraense. Fundador da faculdade de Filosofia do Pará, incorporada posteriormente à Universidade Federal do Pará. Ensinou literatura e filosofia em várias universidades brasileiras, europeias e norte-americanas. Como autor ganhou o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra e, por duas vezes, foi contemplado com o Prêmio Jabuti de Literatura.

Tive oportunidade ainda de ser convidado, na condição de estudante brasileiro, para integrar a comitiva de recepção ao dramaturgo brasileiro Bráulio Pedroso, entre outros, que estava visitando a Universidade do Texas, mais especificamente a Escola de Comunicação. Bráulio visitou os Estados Unidos numa viagem cultural de 30 dias a convite do governo americano, no ano de 1980.

Bráulio Pedroso, que morreu dez anos depois, em 1990. Foi um dos mais importantes nomes da teledramaturgia brasileira, tendo trabalhado nas Redes Tupi, Globo, Manchete e SBT, além de ter atuado também como roteirista e diretor de cinema e teatro. Dentre suas telenovelas de sucesso destacam-se: *Beto Rockfeller* (1968/1969), *O Cafona* (1971), *O Rebu* (1974), *Feijão Maravilha* (1979), entre outras.

Durante sua visita conversamos bastante inclusive sobre os trabalhos acadêmicos que eu estava desenvolvendo sobre a televisão brasileira e quando falei da Biblioteca com todos os documentos do governo Lyndon Johnson sobre o golpe militar de 1964, ele ficou empolgado. Lembro-me de ter lhe enviado um exemplar de minha tese de mestrado, mas perdemos o contato depois que retornei ao Brasil.

Ao conhecer as dependências e estúdios de gravação da Escola de Comunicação, ficou espantado com a quantidade deles: "Isto é do tamanho da Globo!" exclamou. Na época, a rede Globo ainda não tinha inaugurado o PROJAC. Bráulio percorreu comigo todas as instalações da Escola de Comunicação da Universidade do Texas que possuía um jornal diário, com tiragem em torno de 80 mil exemplares, distribuídos gratuitamente na cidade, uma revista mensal, um livro anual, uma emissora de Televisão Pública e uma emissora de rádio FM, que mantinha um programa regular de música brasileira.

Mostrei a ele cerca de 60 moviolas, equipamento de montagem e edição cinematográfica, hoje ultrapassadas devido à tecnologia digital, em um andar, cada uma instalada em cabine separada onde os alunos reservavam o horário que queriam utilizar, tendo em vista que ficam disponíveis 24 horas por dia todos os dias da semana. Àquela época em Salvador só existiam duas. Ele ficou encantado com as possibilidades de produção da Escola de Comunicação em todas as mídias tradicionais.

Quem também passou pela Universidade do Texas, no ano de 1980, como professor-visitante foi o economista Luciano Coutinho, mas só estive com ele uma única vez. Não chegamos a conversar muito até porque ele dava aula em

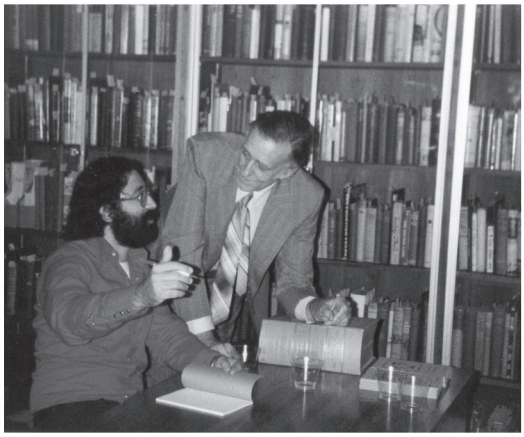
um prédio muito distante do meu, além de não ter se mostrado muito receptivo. Luciano era professor da UNICAMP e foi um dos consultores que participou da construção da política econômica do primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Em 2011 ele foi nomeado pela presidente Dilma Rousseff como presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Durante minha permanência nos Estados Unidos, tive a oportunidade também de ter tido um contato rápido com a escritora brasileira Nélida Piñon. Foi um encontro rápido durante uma de suas passagens pela terra de Tio Sam. Não recordo se nos encontramos em Pittsburgh, no ano de 1978, quando esteve como escritora visitante na Universidade de Columbia, ou em Austin, no ano de 1980, quando participou do Congresso do Pen Club Internacional que, naquele ano, foi realizado nos Estados Unidos. Lembro-me de que ela foi muito assediada durante a visita e trocamos poucas palavras sem amarrar um contato futuro. Pouco tempo depois, numa demonstração pública do porquê era tão assediada e festejada, Nélida Piñon foi eleita como sendo a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras.

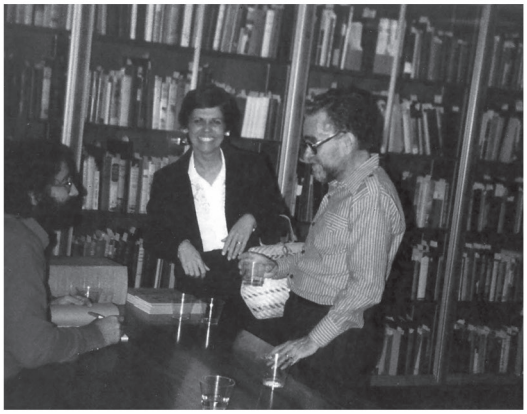
Como se pode notar, mesmo estando nos Estados Unidos, o Brasil sempre esteve muito próximo. Os fatos, as notícias e as fontes sempre estiveram me rondando e em nenhum momento deixei de ser jornalista, enviando meus relatos e notas para o jornal *A Tarde* sobre o que ia acontecendo nos Estados Unidos.

E assim, após cumprido o programa de lapidação e aperfeiçoamento, coroado com a defesa da dissertação de doutorado em julho e diplomação em agosto, retornei ao Brasil no início de setembro de 1982, apesar dos convites para permanecer como professor, dentre os quais de uma universidade na Flórida, que tinha um centro de estudos latino-americanos.

[61.]



[62.]



[63.]

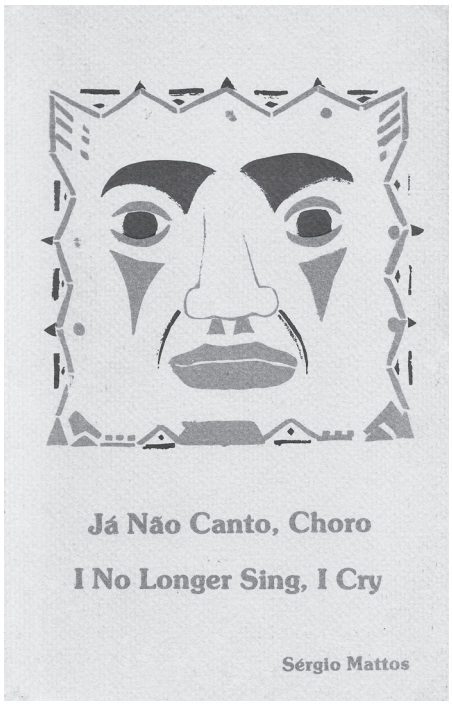
[61] Durante o lançamento, em sentido horário, Sérgio Mattos e os professores David Jackson, Benedito Nunes e Joaquim Francisco Coelho.

[62.} Sérgio Mattos e o professor Fred Ellison, que assinou o prefácio do livro.

[63.] Sérgio Mattos, Maria Helena e o porfessor Benedito Nunes.

[64.]

Capa da edição americana do livro *O Vigia do Tempo*, publicado em 1979.



[65.]

Capa do livro bilingue *I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro)*, 1980.

QUINTA PARTE
(1982-1984)

CONVIVÊNCIA COM OS CONTRÁRIOS

Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse "sentido do problema" que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído.

Gaston Bachelard

7

TRANSPIRANDO POLÍTICA NA UNIVERSIDADE

A existência política de um povo depende de sua capacidade de definir quem é amigo e quem é inimigo... o inimigo deve ser combatido e psicologicamente deve ser desqualificado como mau e feio.

Carl Schmitt

Ao retornar dos Estados Unidos encontrei um país no qual as mudanças estavam se processando com muita rapidez, com muitas cobranças e um patrulhamento ideológico exacerbado. Vivíamos o governo do último presidente militar, João Baptista Figueiredo, responsável pela assinatura da anistia. Em 1982 foi o ano no qual o Tribunal Superior Eleitoral concedeu o registro definitivo ao Partido dos Trabalhadores e marcou as primeiras eleições diretas, desde o golpe de 1964, para governadores, senadores e deputados federais e estaduais.

O ambiente transpirava política, principalmente na Universidade, onde corriam listas de apoio aos candidatos, que eram publicadas nos jornais. Particularmente, nunca fui muito chegado a assinar listas, mas, ao chegar, encontrei o nosso ex-reitor Roberto Santos como candidato e não vacilei em dar meu apoio a um homem culto, com doutorado no estrangeiro, com farta experiência administrativa e que já havia sido também governador da Bahia.

A lista de apoio a Roberto Santos me foi apresentada por Renato Pinheiro, jornalista e ex-aluno meu na Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Poucos dias depois a lista foi publicada nos jornais, mais precisamente no dia 10 de novembro de 1982. Para o então governador Antonio Carlos Magalhães, que apoiava outro candidato para sucedê-lo, naquela lista estavam os nomes dos inimigos dele. Pelo menos era assim que ele pensava: "quem não está comigo, está contra mim".

Diziam que ele andava com o recorte de jornal dobrado no bolso e que sabia decorado o nome de todos os professores, jornalistas e intelectuais que

tinham dado apoio a Roberto. Quem fez publicar a lista como anúncio foi Sérgio Gomes, que já havia sido Secretário de Comunicação de Roberto Santos e o assessorava naquela campanha. O resultado das eleições foi que, mesmo tendo que substituir às pressas o nome de seu candidato preferido, Clériston Andrade, que havia morrido em desastre aéreo durante a campanha, ACM conseguiu eleger João Durval Carneiro, empossado em 1983, em cujo governo trabalhei a convite de Edivaldo M. Boaventura, Secretário da Educação, com o objetivo de implantar a Televisão Educativa do Estado da Bahia, que será objeto específico em outra parte deste capítulo.

***

A partir de 1982 contribui para a instalação do curso de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea da FACOM/UFA, pois fui, por muitos anos, o único doutor em Comunicação na FACOM. Aliás, vale aqui registrar que também fui o orientador da tese do primeiro doutor (José Moura Pinheiro), formado pelo Programa de Pós-Graduação da FACOM/UFBA, o que ocorreu no início do ano de 1998, ou seja, 16 anos depois de ter concluído o meu doutorado, fechando assim um ciclo. Fui o primeiro Doutor em Comunicação da faculdade e o primeiro doutor formado pela FACOM/UFBA foi meu orientando, com a tese intitulada: "Setor Jornalístico do Brasil: História, Evolução Tecnológica e Desempenho Empresarial".

Mesmo depois de aposentado da UFBA, continuei dando minha colaboração ao programa de pós-graduação, tendo também orientado a tese de Valério Cruz Britto, intitulada "Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional", defendida e aprovada em 2001.

Lamentavelmente, na história da implantação da pós-graduação da FACOM/UFBA, escrita e registrada nos memoriais dos coordenadores responsáveis, meu nome foi simplesmente omitido. Até hoje não entendi o motivo dessa prática stalinista, mas a verdade é que, apesar de não ter ocupado a função de coordenação do programa de pós-graduação, minha participação e minha produção acadêmica foi de fundamental importância para o credenciamento do programa junto a Capes, para onde os relatórios da época foram enviados. Talvez os coordenadores da época possam explicar as razões da omissão, pois na história do curso meu nome não aparece nem como simples professor credenciado pelo programa.

* * *

Na condição de doutor, nunca menosprezei a graduação. Dediquei-me ao ensino da graduação, dando minha contribuição na elevação do nível do processo ensino-aprendizagem. Dediquei-me a partir de então à história da mídia, pesquisando temas específicos de comunicação, tais como: História da Televisão, a Censura aos Meios de Comunicação, a Publicidade e o Jornalismo.

Com referência à prática do ensino sempre exerci o processo ensino-aprendizagem procurando estimular nos alunos o senso crítico, o desenvolvimento lógico da argumentação, o saber questionar e desenvolver suas próprias habilidades valorizando-as. Em síntese posso dizer que:

Sempre busquei novas formas de transmissão do conhecimento visando à formação de jornalistas cada vez mais profissionais e que tivessem uma atuação voltada para o exercício da cidadania. Sempre defendi o ponto de vista de que devíamos formar profissionais para atuar no mercado como cidadãos responsáveis;

Busquei práticas de ensino integrado e participativo, interagindo a teoria com a prática, pois sem esta interação, acredito, o ensino do jornalismo não terá solução;

Facom tem defesa pioneira de tese

A primeira defesa de tese de doutoramento em Comunicação fora do eixo Rio-São Paulo foi feita ontem na Faculdade de Comunicação da Ufba ***(foto)*** por José Moura Pinheiro. Intitulada "Setor Jornalístico do Brasil: História, Evolução Tecnológica e Desempenho Empresarial", a tese teve como orientador o professor Sérgio Mattos. Dentre outros aspectos, o trabalho destaca a presença da mídia nos campos social, econômico, cultural e sua característica onipresente.

Traça o perfil de empresas jornalísticas, analisa seus investimentos e avalia a participação da mídia nas verbas publicitárias. O trabalho ainda discorre sobre os primórdios do jornalismo brasileiro e suas fases evolutivas até os dias de hoje. Aborda ainda o desempenho do setor de jornal nos anos 90, com a evolução de sua circulação diária, e o conjunto das 20 maiores empresas jornalísticas, abordando faturamento, rentabilidade e circulação.

A apresentação da tese de doutoramento coincide com o anúncio oficial da avaliação da Capes para a pós-graduação brasileira, que atribuiu nota 5 (equivalente ao antigo conceito A) ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Ufba. A banca examinadora da tese apresentada por José Moura foi composta pelos professores André Lemos, Augusto Monteiro, Isaías de Carvalho, Marcos Palácios e Sérgio Mattos.

Foto: Luciano da Mata

[66.]

Recorte da notícia publicada no jornal A Tarde sobre a primeira defesa de tese de doutorado na FACOM/UFBA.

Procuro ainda hoje colocar em prática as técnicas que envolvam o ensino quantitativo e qualitativo, mostrando aos alunos as diferenças e o quanto eles ganham ao estar consciente do processo de aprendizagem;

Em todas as minhas atividades, de certa forma, sempre estive ligado e promovendo a educação, formal e não formal. Foi assim durante minha gestão no IRDEB, como presidente do Instituto Baiano do Livro (IBL), no jornal *A Tarde*, onde desenvolvi cursos a distância no suplemento *A Tarde Municípios*, além de ter contribuído para a implantação de projetos para o *Jornal Escola*, posteriormente implantado, mas destituído completamente do pensamento original;

No ensino formal sempre defendi a interdisciplinaridade, não apenas entre disciplinas, mas também intercursos. Sempre defendi que a ética profissional deve ser aprofundada de maneira transversal, em todas as disciplinas que integram a matriz do curso de jornalismo. Se na UFBA não foi possível a prática da interdisciplinaridade intercursos, na experiência que tive como coordenador de cursos de comunicação e diretor do Campus I da UNIBAHIA, criada sob a liderança impulsiva de Fabrício Vasconcelos Soares, no município de Lauro de Freitas, promovi uma experiência pedagógica voltada para incrementar essa interatividade entre disciplinas, professores e alunos de cursos diferentes visando acabar com os preconceitos profissionais, pois, na vida real, cada um, seja de que profissão for, vai exercer funções diferentes na sociedade, mas todos traba-

OS ARTISTAS E INTELECTUAIS DA BAHIA QUEREM A VITÓRIA DE ROBERTO, WALDIR, RÔMULO E TODO O PMD

MANIFESTO DE PROFISSIONAIS E ARTISTAS BAIANOS EM APOIO AOS CANDIDATOS DO PMDB.

Os signatários deste documento, profissionais ligados a diferentes campos da vida intelectual e artística da Bahia, desejam espontaneamente demonstrar o seu apoio e solidariedade à luta da oposição por um tempo novo, capaz de assegurar um clima de liberdade a todos os cidadãos, de modo que possam participar da implantação das reformas essenciais ao desenvolvimento do nosso Estado e do Brasil.

Comprometidos com o ideal de liberdade, tão caro às tradições da Bahia, e convencidos da excepcional importância das eleições do próximo dia 15 para o restabelecimento de uma sociedade realmente democrática, é que nos dirigimos a todo o povo baiano, na certeza de que inúmeros outros segmentos igualmente se manifestarão, expressando nossa solidariedade à campanha do PMDB, liderada pelas eminentes figuras de Roberto Santos, Rômulo Almeida e Waldir Pires, expressões de dignidade pessoal, de valor intelectual e de fidelidade aos anseios maiores do povo.

ASSINARAM A CARTA-MANIFESTO:

Romildo Aquino, diretor da APUB; Roy Espinheira, escritor; Pasqualino Magnavita, professor; Florisvaldo Mattos, poeta; Ray, artista plástico; Marisa Magno, artista plástico; Juarez Paraíso, artista plástico; Edson Barbosa, professor; José Carlos Capinam, poeta; Silvia Castro, artista plástico; José Martins Catarino, jurista; Zahide Machado, socióloga; João de Melo Cruz, professor; Bernvindo Cequeira, ator; Jano Simões, economista; Agnaldo Azevedo, cineasta; Guido Araújo, cineasta; Padre Pedro Dalle Nogare; Silvia Rangel, artista plástico; Carlos Petrovich, ator; Dulce Aquino, professora; Edcleida Santos, artista plástico; Marlene Cardoso Melo, artista plástico; Silvio dos Santos Faria, advogado; Fernando Santana, advogado; Milton Cayres de Brito, professor e jornalista; Julio Braga, professor, antropólogo e afrocandomblo; Alary Muricy, professor e advogado; Lorita Valadares, professora; Odaléa Rosa da Silva, professora; Elyana Barbosa, professora; José Augusto C. B. Bastos, professor; Nilson Melo, ator; Rarildo Dilcia, ator; Reimundo Porto Barbosa, ator; Ubiraçara Rangel, presidente da APUB; Cipriano Luchesi, professor; Mário Augusto da S. Santos, professor; Fernando Rego, professor; Maria José Andrade, professora; Elizete Passos, professora; Marli Geralda Teixeira, professora; Waldir Oliveira, professor; Alino de Souza, professor; Jorge Gaspari, professor, ator e diretor; Eliane Cardoso, professora; Anibal Silveira Neto, professor; Ademário Galvão Spinola, professor; Sumaia B. André, professora; Sebastião Loureiro, professor; Nacmar de Almeida Filho, professor e escritor; Fernando Martins Carvalho, professor; Isabel Maria Sampaio, professora e escritora; Domingos Macedo Coutinho, professor; Olival Freire Júnior, professor; Nadya Araújo Castro, professora; Nice Maria Costa Pinto, professora; Alcisio da França Rocha Filho, professor; Carlos Antônio Teixeira, professor; Ronaldo Ribeiro Jacobina, professor; William Azevedo Donningham, professor; Eduardo Mota, professor; Alberto Fluiza, professor; Uma Campos, professora; Elzita Rocha, professora; Itamar Costa Kalil, professor; Amido Leão de Amorim, professor; Frederico Guilherme de Ferreira Bandeira, professor; Laert Pedreira Neves, professor; Sérgio Mattos, jornalista; Isaias de Carvalho Santos Netto, professor; Carlos Sampaio, poeta; Antônio Short, poeta; Neide Miranda, jornalista; Carlos Sampaio, cineasta; Denise Liberato, publicitária; Renato Viana, artista plástico; Ailton Silveira Lima, professor; Mercedes Krautchevsky, professora; Humberto Rocha, professor; Gisela Pereira, professora; Maria Vidal, professora; Luiz Gonzaga, professor; Celia Azevedo, professora; Antônio Pinho, artista plástico; Angelo Roberto, artista plástico; Maria Moraes, socióloga; Pedro Agostinho, antropólogo; Tuna Espinheira, cineasta; Carlos Marrelles, fundador da Ceplac; Maria Auxiliadora Oliveira, economista; Edil Pacheco, compositor; Roque Ferreira, compositor; Osmar Sepulveda, professor; Blanco Martinez, professor; Germano Casses e Silva, engenheiro; J. J. Caimon dos Passos, professor; Luiz Contreiras, engenheiro; Marilia Muricy, professora; Maria Solange Pelozio, professora; Acelia Magalhães, professora; Odete Gonhes de Lima, professora; Emi Barreto Bastos, professora; Renata Becher, professora; Olga Regina Sant'Anna, professora; Biela Borges Guedes, professora; João Pereira Leite, professor; Celio Maria Cordeiro, professora; Teresa Cristina Pereira Carvalho Faguno, professora; Conceinda de Carvalho, professora; Dinorá Doucadi Guedes, professora; Rita Maria Lessa, professora; Terezinha Froes, professora; Enmita Motta, professora; Yoni R. da Silva Gomes, professora; Terezinha de Jesus Fagundes, professora; Marilene Santos, professora; Mary de Andrade, professora; Regina Maria Nunes, professora; Branca Suzana, professora; Léa Barreto, professora; Zuleica Barreto Santos, professora; Elisa Floriano, professora; Elista Caio, professora; Maria do Perpetuo Socorro Silveira Pinheiro, professora; Tereza Serpa, professora; Yolanda Aragão, professora; Ana Maria Pizzo Araújo, professora; Nilza Maria, professora; Maria Fonseca, professora; Silvia Santos, professora; Carina Andrade, professora; Evandro Lima de Souza, professor; Reginalda de Brito, professora.

NA HORA DE VOTAR, FAÇA JUSTIÇA. O FUTURO DA BAHIA ESTÁ EM SUAS MÃOS.

ROBERTO WALDIR

[67.]
Assinei o manifesto de apoio à candidatura de Roberto Santos que foi publicado nos principais jornais de Salvador.

lharão pelo bem-estar da comunidade, como cidadãos que exercem seus direitos e deveres. Não foi à toa que o curso que implantei na UNIBAHIA ficou entre os dez melhores de acordo com o Provão instituído pelo MEC para avaliar os cursos de Jornalismo no início do terceiro milênio. O resultado me gratificou profissionalmente, pois na UNIBAHIA pude fazer o que não consegui implantar na FACOM, como chefe do Departamento de Jornalismo, devido principalmente à oposição cerrada que sofríamos por parte dos que se dedicavam mais à área teórica do curso.

***

Abro aqui um parênteses para registrar o esforço de Fabrício Vasconcellos Soares, um empreendedor nato que, ao vislumbrar a abertura que o MEC estava dando à criação de faculdades privadas, um pouco antes da virada do século, se lançou com talento e força de vontade na implantação da UNIBAHIA – Faculdades Integradas Ipitanga, ao lado de sua esposa Ana Maria Soares. Ele é professor aposentado da UFBA, escritor e empreendedor. Atuou na Escola de Administração da UFBA, onde implantou a pós-graduação e criou o CETEAD. Ele fez o doutorado nos Estados, quando teve a oportunidade de hospedar o cineasta Glauber Rocha, e retornou um pouco antes de mim. Quando retornei a Salvador ele me convidou para integrar a pós-graduação do curso de Administração. Recusei o convite alegando que estaria envolvido com a implantação do projeto da pós da Faculdade de Comunicação.

Estreitamos os laços de amizade e anos depois, quando também me aposentei da UFBA fui trabalhar com ele, que havia implantado a UNIBAHIA, no município de Lauro de Freitas. Lá implantei e coordenei os cursos de Jornalismo e de Relações Públicas da UNIBAHIA, e os cursos de Publicidade e Marketing da POLIFUCS, de Luís Cayres e Ricardo Pessoa, que a venderam a Joaci Goes[1], empresário e ex-deputado, com o qual também trabalhei na *Tribuna da Bahia*.

[1] Joaci Goes é portador de um dos mais ricos currículos da Bahia, pois, além de advogado, empresário, escritor, jornalista e político, é membro da Academia de Letras da Bahia. É autor, entre outros, de livros como A *Inveja nossa de cada – como lidar com el*a, uma verdadeira tese de doutorado sobre um dos sete pecados capitais. Como deputado federal teve forte atuação tendo sido relator, dentre outros, do Projeto de Lei que deu origem ao Código de Defesa do Consumidor. Além de tudo isso, é dono de uma memória fantástica e é considerado como um dos maiores conhecedores da obra do poeta Castro Alves.

ENFRENTANDO DESAFIOS

Só o homem perdoa, só uma sociedade superior qualificada pela consciência dos mais elevados sentimentos de humanidade é capaz de perdoar. Porque só uma sociedade que, por ter grandeza, é maior do que os seus inimigos é capaz de sobreviver.

Cesar Peluso

O ano de 1982 teve uma importância fundamental em minha vida, pois foi em julho que defendi minha tese de doutorado na Universidade do Texas, em Austin, tendo concluído todo o processo de entrega da cópia final da tese e retornado ao Brasil em agosto. Naquele ano, enquanto eu dava os últimos retoques em minha tese, a seleção brasileira de futebol, que reuniu, sob o comando de Telê Santana, uma das melhores safras de craques dos últimos tempos, foi eliminada por Paolo Rossi, entristecendo toda a nação. Também foi o ano em que os brasileiros puderam acompanhar, mais de perto, os efeitos das armas de guerra, quando do conflito armado entre a Argentina e a Inglaterra se enfrentaram na disputa pela soberania das ilhas Malvinas ou Falkland.

***

Ao retornar ao país participei de dois eventos acadêmicos extremamente importantes para mim. O primeiro foi a minha participação na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, à qual me associei naquele ano de 1982. Minha inscrição de sócio da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação leva o número 31. Ao longo do tempo foram poucos os congressos da INTERCOM dos quais não participei. E minhas participações anuais sempre envolveram a apresentação de trabalhos. Na década de 1990, fui responsável pela instalação do GT – Grupo de Trabalho de Televisão, a convite de Marques de Melo, tendo organizado, de maneira pioneira no INTERCOM, dois livros com os trabalhos apresentados no GT. Muitos dos pesquisadores brasileiros no campo da televisão, hoje, todos eles doutores, começaram no GT de TV que coordenei.

No ano de 1982, quem participou do congresso também, a convite de José Marques de Melo, foi o meu orientador de doutorado nos Estados Unidos, na Universidade do Texas, em Austin, professor doutor Emile G. McAnany.

Logo em seguida, ainda em 1982, fui convidado pessoalmente por Everett M. Rogers[2], a quem já conhecia pessoalmente, quando fui apresentado por McAnany, quando de uma de suas passagens por Austin, Texas. Rogers me convidou para participar de um encontro realizado no Instituto de Pesquisas de Comunicação da Universidade de Stanford, na Califórnia, quando apresentei um trabalho intitulado "Advertising and Government Influences: The Case of Brazilian Television". A Conferência de Pesquisa, realizada em dezembro de 1982, foi organizada por Everett M. Rogers (Stanford University) e por Jorge Reina Schement[3] (University of Southern California). Vale lembrar que Dr. Schement foi quem orientou minha dissertação de Mestrado quando ele ainda ensinava na Universidade do Texas. A Conferência de Pesquisa foi patrocinada, conjuntamente, pelas seguintes instituições: Annenberg School of Communications at the University of Southern California; Latin American Studies Center; e pelo Institute for Communication Research at Stanford University.

Esse encontro de dois dias, realizado na Universidade de Stanford, atraiu dezenas de pesquisadores e profissionais de televisão tanto da América Latina como dos Estados Unidos. Os textos dos conferencistas foram reunidos em edições especiais em inglês e espanhol. O texto da conferência que apresentei na Universidade de Stanford foi publicado simultaneamente em números especiais das revistas *Communication Research, an International Quartely,* da Sage Publications (em inglês) e na *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación* (em espanhol).

* * *

Minha viagem à Universidade de Stanford, como convidado, gerou comentários como o de que eu estava começando por onde muitos só chegavam

[2] Everett M. Rogers (1931-2004) foi um sociólogo norte-americano, que se tornou um dos nomes mais respeitados da área das Ciências Sociais no mundo, principalmente devido ao desenvolvimento da teoria da Difusão das Inovações (Diffusion of Innovations), livro que foi publicado a primeira vez no ano de 1962. Rogers tinha cerca de trinta anos de idade quando publicou o livro que o transformou num dos nomes mais respeitados no cenário acadêmico mundial. O livro dele, em meados da década 2000, já era considerado como o segundo mais citado livro nas Ciências Sociais.

[3] Jorge Reina Schement é atualmente o diretor da Escola de Comunicação, Informação e Biblioteconomia da Rutgers University. Suas pesquisas são direcionadas para políticas de informação, telecomunicações e os aspectos sociais da Era da Informação, entre outros. Mais especificamente, ele concentra sua atenção nas políticas sociais e as consequências da produção e consumo da informação, com especial ênfase nas políticas direcionadas para as minorias étnicas.

depois de percorrido muitos anos de carreira acadêmica. O certo é que tive todas as indicações para aproveitar o momento, mas voltado para o interesse pessoal de permanecer no Brasil, ajudar no processo de nosso desenvolvimento, continuei não aceitando convites para ensinar nos Estados Unidos, ou seja, outras oportunidades perdidas. Hoje, pergunto-me se realmente os convites que recebi, para permanecer e ensinar nos Estados Unidos, foram realmente oportunidades perdidas ou se o destino me havia reservado outros papéis a desempenhar aqui no Brasil, na minha terra. Fico a imaginar por onde estaria hoje se tivesse realmente aceitado permanecer nos Estados Unidos e o que estaria fazendo hoje?.

***

Vencido os problemas de readaptação, de moradia e de matrícula dos filhos nos colégios locais, fui aos poucos assumindo compromissos e retomando os espaços deixados quando de minha viagem. Como não fui exceção à regra, com a conclusão do doutorado, meu casamento entrou em crise culminando com a separação em 1984, logo depois de minha saída do IRDEB. Minha demissão, como um presságio de mudanças, ocorreu exatamente no dia e mês de aniversário do 14º ano de casamento. Mas, vamos por parte: no início de 1983, quando o governo do Estado estava ainda montando sua equipe, fui procurado pelo então secretário da Educação e Cultura, professor Edivaldo Boaventura, que tinha estado nos Estados Unidos fazendo doutorado durante a mesma época em que estive, para me convidar para enfrentar um desafio.

Como ele sabia que eu tinha cursado o Mestrado e o Doutorado no Departamento de Rádio, Televisão e Filme da Universidade do Texas, em Austin, me convidou para dirigir o Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia (IRDEB) com o objetivo de implantar a TV Educativa do Estado. Aceitei de pronto o desafio proposto, apesar de saber das dificuldades que enfrentaria, pois, depois de cinco anos fora da Bahia, sem a militância diária nos jornais, o meu nome no cenário político local era inexpressivo e desconhecido pelos novos militantes. Para piorar minha indicação, eu não havia apoiado o governador eleito, João Durval Carneiro, e ainda tinha assinado listas de apoio a Roberto Santos. No entanto, de maneira ousada, antes de ter sido convidado a integrar seu governo, eu havia lhe enviado, quando de sua posse, uma carta parabenizando-o pela conquista. Reproduzo a seguir o texto da carta enviada, no dia 16 de março de 1983:

Exmº Sr.

João Durval Carneiro

MD Governador do Estado da Bahia

Palácio de Ondina – Nesta

Prezado Governador:

Passada a fase natural e conturbada pré-e-pós eleitoral, quando as opiniões e desejos políticos são antagônicos, com toda a sinceridade e isento de qualquer sectarismo, venho através desta desejar a Vsa. Excia, todos os votos de felicidade e boa sorte para que consiga realizar, durante os próximos quatro anos de desafios, um governo empreendedor, simples e sério, como exige a situação de crise que atravessamos. Que Vsa. Excia. saiba defender os interesses da Bahia e da Pátria, que estão acima de qualquer interesse de grupos pessoais.

Atenciosamente

Sérgio Mattos

Ao ex-governador Antonio Carlos Magalhães, o grande vitorioso de 1982, pois elegeu seu sucessor, também enviei correspondência na época, datada do mesmo dia:

Exmº Sr.

Dr. Antonio Carlos Magalhães

Rua Princesa Leopoldina, 1315 aptº 1402

Senhor Governador:

Apesar de nem sempre concordar com atitudes e decisões de Vsa. Excia., reconheço sua participação direta e indireta na luta em defesa dos interesses e desenvolvimento de nosso Estado e do Nordeste. Aceite, portanto, os mais sinceros votos de congratulações pelo término de mais um período à frente do governo da Bahia e pela alta dose de sacrifício e esforço despendido na tentativa de procurar sempre acertar. Considerando que a participação de Vsa. Excia na vida pública e na luta em defesa dos interesses da Pátria – que estão acima de qualquer interesse de grupos ou indivíduos – ainda se prolongarão por longos anos, aproveito a oportunidade para transmitir os melhores votos de felicidade e boa sorte na nova vida que agora se inicia.

Atenciosamente

Sérgio Mattos

Como aceitei o desafio proposto por Edivaldo Boaventura, ele submeteu meu nome ao governador. À época, ele me confessou que havia muita resistência ao meu nome por parte dos grupos que se engajaram na campanha de Durval Carneiro e por parte dos que me classificavam como inimigo, pois havia apoiado Roberto Santos e também pelo fato de terem outros nomes para indicar para o IRDEB[4]. Meu nome estava, pois, condenado e riscado do mapa por ter apoiado a candidatura de Roberto Santos ao governo do Estado.

Nesse momento apareceu a figura de Alberval Raimundo Razoni Figueiredo, Secretário de Comunicação Social do governo João Durval. Ele me conhecia, pois, no início da década de 1970, nós dois trabalhávamos como repórteres políticos, eu, pela *Tribuna da Bahia;* e ele, pela Rádio Cruzeiro. Nosso ponto em comum eram os veículos que tínhamos, ou seja, carros da marca Gordini, o que nos levava a conversar muito sobre as potencialidades e defeitos daquele carrinho, sobre o qual já narrei em capítulo anterior, que adquiri em suaves prestações mensais nas mãos do professor Fernando Rocha (Bananeira).

Alberval Figueiredo apoiou meu nome junto ao governador que acabou me nomeando e no dia 25 de maio de 1983 fui empossado como diretor do IRDEB. O secretário, que tinha planos ambiciosos no governo e na carreira política, cometeu um erro ao considerar que dando o seu apoio era como se minha gratidão lhe fosse total e que ele pudesse mandar e desmandar num órgão vinculado a outra Secretaria de Estado. Ele queria controlar os veículos do IRDEB, as emissoras de rádio FM e de Ondas Curtas e também a Televisão Educativa, que seria implantada. Porém, a legislação pertinente da época era clara e proibia o uso de veículos educativos com propósitos políticos e, ainda por cima, as emissoras eram vinculadas à Secretaria de Educação e Cultura com objetivos educacionais.

Defendi com unhas e dentes os interesses e os objetivos da instituição, contrariando interesses políticos e enfrentando, em consequência, uma série de problemas com as pessoas contrariadas. E o meu principal obstáculo passou a ser a administração dos problemas que o então secretário de Comunicação me causava, plantando inclusive notas inverídicas na imprensa local em troca

[4] O IRDEB foi criado através da Lei nº 2.752, de 4 de dezembro de 1969, com objetivos educacionais: "Terá por finalidade e execução, com exclusividade de todos os serviços educativos do Governo do Estado da Bahia, através do rádio, televisão, ensino por correspondência e outros meios de comunicação de massas."

de páginas de anúncio, como o fez no *Jornal da Bahia*, na edição do 3 de maio de 1984, quando impôs a publicação da nota a seguir com colocação de duas páginas de anúncio do governo:

> *O diretor do IRDEB, Sérgio Mattos, está sendo acusado pela chapa da situação que concorre à reeleição do Sindicato dos Radialistas, de utilizar a gráfica do Instituto para rodar panfletos da chapa de oposição, que atingem, inclusive, ao próprio governo do Estado.*

Logo em seguida, Sérgio Gomes, que estava à frente do jornal àquela época me concedeu espaço para a defesa publicada no dia 5 de maio de 1984, com maior espaço e destaque do que a nota da denúncia:

> *DIRETOR DO IRDEB NEGA DENÚNCIA*
>
> *Com referência à nota acima [o jornal reproduziu a notinha logo abaixo ao título] publicada, neste Jornal, o diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – Irdeb, jornalista Sérgio Mattos, afirmou não ter qualquer fundamento a acusação feita pela chapa da situação (que concorre a reeleição do Sindicato dos Radialistas) [que tinha o apoio de Alberval Figueredo] de que estaria aquele instituto se utilizando de sua gráfica para rodar panfletos da chapa de oposição.*
>
> *O diretor do Irdeb estranhou que pessoas inescrupulosas estejam se utilizando do nome de uma instituição pública, fazendo acusações sem que apresentem qualquer evidência que comprove tal fato, que visa, pelo menos na aparência, não apenas perturbar o clima de tranquilidade do trabalho que vem sendo desenvolvido, mas também para angariar votos sindicais.*
>
> *– Não compete ao Irdeb – afirmou Sérgio Mattos – como instituição pública, se envolver ou se deixar envolver em disputas sindicais, nem dar guarida a interesses pessoais. Compete, isto sim, ao Irdeb, como órgão das tecnologias educativas da Bahia cumprir com suas funções de aumentar as oportunidades educacionais no nosso Estado, e isto temos realizado a contento.*
>
> *Concluindo Sérgio Mattos informou que, apesar de tal acusação, não ser verídica, mas tendo em vista que a denúncia foi realizada através de um órgão de comunicação social, uma comissão de sindicância será designada ainda hoje para apuração dos fatos.*

Esta mesma denúncia foi encaminhada ao governador João Durval e à Delegacia Regional do Trabalho e tive que apresentar relatórios e explicações negando o fato como denúncia infundada. Essas denúncias plantadas e

orquestradas pelo Secretário de Comunicação tiveram início em julho de 1983 quando ele acionou os então presidentes do Sindicato dos Radialistas (Pedro Ferreira) e o presidente do Sindicato dos Jornalistas (José Cavalcanti) para denunciarem que o IRDEB estava permitindo "o exercício por profissionais de área diversa da profissão de radialista e jornalista, ferindo frontalmente a lei 6.615, de 16/12/1978".

Essas denúncias, que eram levadas pessoalmente pelo secretário de Comunicação ao Governador, que solicitava explicações, me obrigavam a despender horas e mais horas justificando e explicando acusações infundadas e às picuinhas orquestradas por Alberval Figueiredo. A discrepância entre a vontade dele e os objetivos institucionais voltados para a educação, que eu defendia, acabou gerando o nosso desentendimento e um desgaste que perdurou até minha demissão apoteótica do IRDEB, de caráter político, em 19 de julho de 1984.

Digo apoteótica porque contando com o patrocínio da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado todas as emissoras de rádio e televisão, da capital, deram ampla divulgação a um fato corriqueiro, a substituição de um dirigente do segundo escalão que normalmente ocorre e acaba passando despercebido da imprensa, mas que no meu caso foi badalado e transformado como uma vitória do então secretário Alberval Figueiredo, apesar de não ter sido ele o responsável direto. Quem realmente moveu os pauzinhos para me derrubar foi o então presidente do Consórcio Rodoviário Intermunicipal da Bahia, Jonival Lucas[5].

Alberval Figueiredo promoveu até queima de fogos no pátio do IRDEB para comemorar minha demissão, além de ter feito correr, entre os servidores, um abaixo-assinado de agradecimento pela minha demissão. Recebi inúmeros telefonemas de funcionários se justificando e se desculpando por terem assinado a lista sob pressão, pois estavam temerosos do que poderia ocorrer com seus respectivos empregos. Em síntese, ele orquestrou toda uma campanha no sentido de destruir minha imagem, mas como eu costumo dizer, todas as vezes que me fecham uma porta, pelo menos duas novas portas se abrem, com novas perspectivas de continuar trabalhando pelos meus ideais.

[5] Jonival Lucas da Silva, formado em administração, foi assessor de João Durval Carneiro na Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos (Embasa) e, posteriormente, no governo de Durval exerceu a presidência do Consórcio Rodoviário Intermunicipal da Bahia, no período de 1983 a 1986, tendo exercido também mandatos eletivos como deputado estadual em 1986-1987, 1987-1991; 1991-1993 e 1985-1999.

A divulgação de minha demissão foi tão valorizada que parecia até que era a substituição de um Ministro de Estado. Reproduzo abaixo notícias publicadas pela imprensa do sul do país como prova da dimensão que minha substituição tomou.

No dia 20 de julho de 1984, o jornal paulista *O Estado de S. Paulo*, o *Estadão*, publicou uma reportagem fornecendo outra versão sobre o ocorrido. A matéria, produzida pela Agência Estado, foi publicada na segunda página com o seguinte teor:

> **Durval demite jornalista**
>
> *Salvador – Agência Estado – Por se recusar a fazer das emissoras que integram o Instituto de Radio Difusão do Estado da Bahia (IRDEB) veículos de propaganda política do governo baiano e, principalmente, do PDS, o diretor do órgão, professor e jornalista Sérgio Mattos, foi exonerado ontem em Salvador do cargo, por decisão do governador João Durval Carneiro. O governador baiano ficou irritado com a insistência de Mattos de que os objetivos das emissoras do IRDEB são exclusivamente educativos.*
>
> *Sérgio Mattos, que é professor da Escola de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia e especialista na área de comunicação – com curso de pós-graduação nos Estados Unidos –, vinha tendo uma série de problemas com o caráter político que o governador queria dar ao órgão desde o início de sua gestão, inclusive em relação à contratação dos afilhados do PDS. Políticos do partido do governo chegaram a se queixar várias vezes ao governador de que Sérgio Mattos não empregava no IRDEB todos os nomes que constavam das listas que eram remetidas ao órgão com determinação do próprio governador para serem atendidas.*
>
> *Quem mais pressionou o governador para a exoneração do diretor, entretanto, foi o secretário de Comunicação do governo, o radialista Alberval Figueiredo, que transformou a sua Secretaria num comitê político do PDS e que ficava contrariado pelo fato de só o IRDEB ficar "de fora do esquema". Alberval tinha também se irritado com a não-contratação de todos os seus "afilhados".*
>
> *De acordo com o Diário Oficial de ontem, que publicou a exoneração de Sérgio Mattos, o governador João Durval Carneiro nomeou para o seu lugar o publicitário Carlos Alberto Simões, que exercia as funções de assessor num órgão do segundo escalão, onde foi empregado, depois do "bom trabalho" desenvolvido durante a última campanha eleitoral do PDS na Bahia.*

No dia seguinte, o jornal *O Estado de S. Paulo* voltou à carga, repercutindo a demissão com os protestos da FENAJ. Notícia publicada na página 2, do dia 21 de julho de 1984, ilustrada com foto de João Durval e sob a mesma a legenda: FENAJ acusa Durval de usar a TV Educativa. O texto da notícia, um pouco mais longa do que o usual, ocupando quase um quarto de página dizia:

> **Os jornalistas protestam contra demissão na BA**
>
> *Salvador – Agência Estado – A Federação Nacional dos Jornalistas distribuiu ontem, em Salvador, nota oficial de repúdio à exoneração do professor e jornalista Sérgio Mattos da direção do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), por ter-se recusado a transformar as emissoras que integram o órgão em veí-culos de propaganda política do governo baiano e, principalmente, do PDS, uma exigência do governador João Durval Carneiro. A nota, assinada pelo diretor da Federação, Anísio Félix, diz o seguinte: "A Federação nacional dos Jornalistas estranha a demissão do jornalista Sérgio Mattos da direção do IRDEB e protesta, principalmente, pelas razões que motivaram a decisão do governo do Estado, objetivando transformar aquela entidade em mero veículo de propaganda política. O afastamento do jornalista Sérgio Matos tem, ainda, outro aspecto condenável: ser substituído por um cidadão (o publicitário Carlos Alberto Simões) estranho à classe jornalística, sem qualquer formação ou tradição na área de radiodifusão e televisão educativas". A exoneração do jornalista Sérgio Mattos pelo governador João Durval Carneiro teve forte repercussão em Salvador, e o conservador vespertino A Tarde – o mais importante e de maior circulação no Estado –, na sua coluna "Tempo Presente" (onde sempre sai a opinião do jornal) publicou a nota com o título "Foi ele", onde denuncia:*
>
> *"Sabe-se que quem pediu a demissão do jornalista Sérgio Mattos da direção do IRDEB – Instituto de Radiodifusão da Bahia – foi o animador de comício Alberval Figueiredo, secretário de Comunicação Social do governo. Sabe-se o motivo: o ex-diretor demitira os funcionários corruptos do órgão. Sabe-se quem o substituiu: um assessor do senhor Jonival Lucas, do Consórcio Rodoviário Municipal, e dono de uma empresa que presta serviços ao senhor Alberval. Da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado, sabe-se, também, que se constitui no mais próspero "Panamá" de quantos se tem notícia desde que o Brasil foi descoberto".*
>
> *TV Educativa*
>
> *Uma fonte ligada ao PDS baiano informou ontem que a exoneração do jornalista Sérgio Mattos foi feita principalmente em razão da inauguração da TV Educativa, integrante do sistema do IRDEB e que tem implantação*

> *prevista para março de 1985. "Sérgio Mattos é um profissional competente, mas estava destoando do espírito que o governador João Durval Carneiro quer dar ao IRDEB, situação que se agravaria quando da implantação da TV Educativa. Então, o melhor era que ele saísse agora." A fonte, que não quis se identificar porque o governador João Durval Carneiro proibiu seus subordinados de comentar o assunto, explicou que "não haverá nenhum problema com Carlos Alberto Simões, que inclusive é proprietário de uma empresa de publicidade que já faz os filmes de propaganda política para a Secretaria de Comunicação do Governo do Estado, havendo assim um perfeito entrosamento".*

A Coluna Política do jornal *A Tarde,* do dia 21 de julho de 1984, então sob a responsabilidade de Samuel Celestino, registrou o fato e lamentou a demissão por meio de uma nota intitulada "Mais Pobre":

> *Em pouco tempo à frente do IRDEB, o jornalista Sérgio Mattos transformou a imagem do instituto, nele investindo a sua reconhecida competência de profissional sério e honesto. A sua exoneração do cargo, por motivos já do conhecimento público, empobrece a administração estadual.*
>
> *Nestes tempos bicudos, é temerário pôr as mãos em vespeiros, mesmo que para saneá-los. O cargo é agora ocupado por um publicitário afamado, para pacificação e festa do enxame.*
>
> *Sérgio tem recebido muitas manifestações de solidariedade e de parabéns, pelo trabalho que realizou no IRDEB, dos seus colegas, que nele reconhecem um profissional que se pauta em princípios da ética e da honestidade.*

No dia 24 de julho de 1984, o *Jornal da Bahia*, em seu editorial intitulado "Preservar o IRDEB" questionava também o caráter político da demissão. A seguir trechos do editorial:

> *A Secretaria de Educação do governo não ofereceu à comunidade, até agora, qualquer explicação sobre os motivos da exoneração do jornalista e professor Sérgio Mattos, que ocupava até a semana passada o cargo de diretor da Fundação Instituto de Radiodifusão do Estado da Bahia – IRDEB. Ao menos oficiosamente, portanto, não se sabe exatamente o que teria motivado a brusca destituição comunicada ao jornalista em horário extravagante – dez e meia da noite da quarta-feira – pelo próprio secretário Edivaldo Boaventura.*
>
> *Extraoficialmente, insinua-se que o professor Sérgio Mattos perdeu o cargo em função de estar em descompasso com um alegado desejo de conferir-se ao IRDEB função de natureza política que o diretor da instituição considerava incompatível com as finalidades educacionais do organismo,*

que mantém uma emissora de rádio no ar e prepara-se para implantar canal destinado à televisão educativa.

Se assim é, fica bem claro o porquê do silêncio oficial, uma vez que nada pode justificar a transformação de um projeto de caráter educativo em instrumento de propaganda e manipulação política. O IRDEB foi fundado com a finalidade ética e explícita de cumprir programa suplementar de educação, buscando-se aliar técnicas didáticas aos modernos veículos de comunicação, na intenção de agilizar-se a prática educacional pela via dos meios eletrônicos que propiciam o milagre tecnológico do ensinamento a distância.

[...] Será, portanto, lamentável e até incompreensível que venha a estar a Secretaria de Educação envolvida em ideia cuja finalidade não seja exclusivamente educacional e que se pretenda investir quase quatro bilhões de cruzeiros – custo orçado da televisão educativa – para embalar projetos políticos de finalidade diversa à sua real destinação. O próprio governador João Durval certamente estará atento ao desenrolar dessa questão, para não avalizar qualquer tentativa de deformação dos objetivos do IRDEB, tanto no que tange à rádio, quanto da projetada tevê educativa. Mesmo durante os mais obscuros momentos do regime de exceção que o país deixa de viver, não incursionou o Estado pela formação de sistema de comunicação de massas próprio, com objetivos de natureza político-ideológica.

***

Pouco depois de minha demissão, Antonio Carlos Magalhães[6], que mantinha um escritório no prédio do então DESENBANCO até antes de assumir o Ministério das Comunicações em 1985, mandou um recado dizendo que queria falar comigo. Atendi ao chamado e na oportunidade ele me disse que acompanhou de perto minha gestão e que sabia que eu tinha feito uma boa administração. Duas sobrinhas dele trabalhavam no IRDEB e, possivelmente, também eram as fontes de informação dele, dentre outras. Ele confessou que lamentava

[6] Antonio Carlos Magalhães (nasceu em Salvador a 4/9/1927 e morreu em 20/7/2007) foi um dos mais influentes políticos do Brasil na segunda metade do século XX. Além de ter sido eleito deputado estadual, deputado federal e senador, ele exerceu cargos e funções executivas tais como: Prefeito de Salvador (1967-1970); três vezes governador da Bahia (1971-1975; 1979-1983 e 1991-1994); presidente da Eletrobrás (1975-1978); ministro das Comunicações (1985-1990); e Presidente do Senado (1997-2001). Um dos episódios marcantes de sua história política foi a ocorrida no dia do aniversário dele, em 4 de setembro de 1984, quando respondeu à provocação do ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, rompendo com o sistema e passou a apoiar abertamente a eleição de Tancredo Neves contra Paulo Maluf, apoiado por Figueiredo.

o fato de se encontrar na Europa quando se deu a demissão e que ele já não podia fazer nada para mudar o ocorrido e comentou:

– Disseram ao João [o governador] que você era comunista e que escondia essa faceta, apresentando-se como um profissional técnico da área. Disseram até que você envolveu o IRDEB num programa internacional, assessorando um país comunista [Moçambique] – disse ACM.

– É já fui acusado de tudo quanto é rótulo governador. Mas o país que o IRDEB presta assessoria na África é Moçambique, que tem um governo socialista. E tem mais, prestamos essa assessoria técnica, implantação da rádio educativa de lá, por indicação do Ministério das Relações Exteriores do Brasil[7]. – contra-argumentei.

– É eu sei, mas envolveram a mulher dele [Dona Ieda Barradas Carneiro] na história. A ela disseram que você tinha transformado o IRDEB em um *Rendez-vous* e que, toda noite, depois do expediente, saía para fazer farras com as professoras. E isso foi a gota d'água, pois Ieda ficou escandalizada – disse ACM, dando uma nova versão, uma versão perversa, para a minha demissão.

– É uma pena que isso tenha acontecido – retruquei.

– Você devia era botar o governo na Justiça – completou maliciosamente, pois, à época, já se configurava um possível rompimento entre ele e o governo de Durval, estimulado principalmente por lideranças oposicionistas e perniciosas como a exercida por Jonival Lucas, que promovia encontros nesse sentido e desenvolvendo uma espécie de poder paralelo dentro da estrutura do próprio governo.

* * *

[7] Dentro do Programa de Cooperação Técnica Brasil com Países Africanos de Língua Portuguesa, coube ao IRDEB, em 1983, a responsabilidade de implantar o sistema de Ensino a Distância da República Popular de Moçambique. Para tanto, o IRDEB enviou a este país uma equipe composta de um consultor e cinco técnicos para treinar os moçambicanos em planejamento, controle e avaliação de sistemas e subsistemas de educação a distância, além de capacitá-los para a produção de materiais impressos autoinstrutivos e a produzir programas radiofônicos instrucionais. Posteriormente, a UNESCO solicitou ao IRDEB que recebêssemos dois técnicos moçambicanos para um estágio de 45 dias e eles receberam, aqui, em Salvador, treinamento no processo de implantação do Sistema de Ensino a Distância. A transferência de "know-how" que adotamos foi positiva, pois atendemos também a outra solicitação da UNESCO e do Itamarati, abrindo espaço para estágio de técnicos do Governo do Haiti

Jonival Lucas acreditava que João Durval deveria romper com Antonio Carlos, para construir seu próprio grupo, desvinculando-se da liderança do "Cabeça Branca", como era identificado ACM. Posso dizer isso porque, logo após a minha posse no IRDEB, fui convidado por ele, para um almoço no restaurante Muller, na Pituba, quando ele já articulava esse rompimento e buscava apoio de todos dentro do governo para suas ações. Ele era eficiente em resolver problemas, que nem o próprio governador resolvia. Tal fato lhe deu status, prestígio e credibilidade, principalmente junto aos prefeitos que o procuravam no Consórcio Rodoviário, pois ele resolvia problemas e atendia de imediato às solicitações.

Muitos políticos preferiam, na época, procurá-lo ao invés de se dirigir ao Palácio do Governo, onde os assessores de Durval, ávidos por ocupar espaços e importância, exerciam um filtro de informações tão grande que o governador não ficava sabendo praticamente de nada do que estava acontecendo salvo as "versões dos fatos" que os assessores mais chegados comunicavam a ele. Quem também exercia muito bem este papel era Alberval Figueiredo, pois, quando o governador acordava, ele já se encontrava no Palácio de Ondina, sendo também sempre o último a deixá-lo à noite.

Como Secretário de Comunicação, Alberval realizou um bom trabalho no sentido de documentar o governo estadual, mas não se sabe onde se encontram os documentos referentes ao governo de João Durval. Ele foi o responsável direto pela implantação de uma rede de telex, colocados pela SECOM, gratuitamente, em todas as redações de jornais e emissoras de rádio e televisão do Estado, que recebiam informações contínuas das ações do governo. Foi responsável também pelo apoio publicitário oficial aos jornais e rádios do interior do Estado, o que facilitou muito o trabalho de Antonio Sérgio Barradas Carneiro, um dos filhos de João Durval, à frente da Companhia de Desenvolvimento Urbano e Articulação Municipal – INTERURB, da qual foi presidente, tendo sido eleito posteriormente deputado estadual e depois deputado federal. Com Sérgio Carneiro sempre mantive um bom diálogo e respeito mútuo.

***

A conversa com ACM continuou por mais alguns minutos, quando ele procurou saber o que eu ia fazer e o que estava fazendo. Disse-lhe que, no momento tinha retornado à UFBA, onde nunca deixei de dar aulas e que estava considerando alguns convites recebidos do Governo de Sergipe, pois o então

governador João Alves, que tinha sido meu padrinho de casamento, estava acenando com a possibilidade de me levar para integrar a equipe do governo dele.

Na época, João Alves me ofereceu para escolher uma entre duas diretorias de empresas estatais, a de Turismo e a outra vinculada a Secretaria de Indústria e Comércio. Depois de visitar e avaliar todas as informações que me foram apresentadas, nas duas empresas, fui ao Palácio do Governo para agradecer e informar ao governador a decisão de não me transferir para Aracaju, permanecendo em Salvador.

Na oportunidade, tive a satisfação de reencontrar um ex-aluno do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, que também se encontrava na sala de espera, aguardando uma entrevista com o governador João Alves. O ex-aluno era o então jornalista da revista *Veja*, já conhecido nacionalmente, João Santana Filho (Patinhas).

João Cerqueira de Santana Filho (Patinhas) foi meu aluno no curso de Jornalismo da UFBA, onde já demonstrava seu espírito brilhante e questionador. Depois de passar por vários jornais baianos e por sucursais de veículos do sul do país, passou a se envolver em campanhas políticas, tendo exercido o cargo de Secretário de Comunicação do então Prefeito Mário de Melo Kertész. Ao trabalhar em campanhas políticas deve ter descoberto a sua verdadeira vocação e tendência para o marketing político. Trabalhou com Duda Mendonça, de quem foi sócio, na campanha do presidente Lula e depois foi o responsável direto pela campanha da reeleição de Lula e da eleição da presidente Dilma Rousseff.

João Santana deixou de ser jornalista e abraçou o marketing político definitivamente, mas antes disso protagonizou importante papel nas mudanças políticas ocorridas no Brasil, quando como repórter da revista *Isto É* , em 1992, foi um dos responsáveis pela entrevista com o motorista Eriberto França, que resultou no *impeachment* de Fernando Collor. Pelo trabalho, ele recebeu o Prêmio Esso de Reportagem daquele ano.

***

Como não aceitei o convite do governador sergipano, retornei para minha trincheira que era a UFBA, onde iria dar "um tempo" para então retornar ao jornalismo, como de fato ocorreu com o meu reingresso no jornal *A Tarde*, no ano de 1985. Foi nesse mesmo ano que a Franco Produções Editora, de meu amigo e jornalista Tasso Franco, publicou novo livro de poemas de minha au-

toria, *Lançados ao Mar*, em concorrida noite de autógrafos na área da piscina do Hotel da Bahia, ao som de samba de roda. Com esse lançamento eu estava retornando à vida pública e social, assumindo inclusive um novo relacionamento com a pedagoga Heloísa Dias Lima Soares, com quem vivi um período de descobertas e de intensa produção intelectual, pontuada com muitas viagens até finais de 1994, quando nos separamos. O filho dela, Alessandro Soares, foi o único de todos os meus enteados que se interessou pela comunicação, tendo cursado Jornalismo na UFBA e viajado para os Estados Unidos, onde realizou mestrado e se dedica ao cinema, sua grande paixão.

***

O interessante é que, ao assumir o governo da Bahia, após o período de Waldir Pires/Nilo Coelho, Antonio Carlos Magalhães voltou a me contatar quando estava formando sua equipe. Ofereceu-me a direção do IRDEB e, como eu tinha ficado muito magoado com a situação ocorrida durante o governo Durval Carneiro, coloquei-me à disposição dele para ocupar qualquer cargo e desenvolver qualquer trabalho, disse-lhe que não gostaria de retornar ao IRDEB. Ele me disse que ia ver e, a partir daí, nunca mais me convidou para nada. Ele não gostava de receber negativas às suas propostas. ACM havia nomeado o meu amigo e colega de jornalismo Fernando Vita como diretor da Empresa Gráfica da Bahia e durante os quatro anos de governo ele não nomeou ninguém para o IRDEB. O diretor da EGBA ficou acumulando as duas funções. O convite que rejeitei pode ter representado outra oportunidade que perdi na minha carreira pública, mas se tivesse aceitado, eu não teria conduzido uma série de outras experiências e contribuições positivas que prestei à comunidade baiana por meio do jornalismo e de minha atuação como educador.

Analisando o ocorrido, sob o prisma de hoje, constato que a minha demissão do IRDEB passou a ser um fato pequeno diante do que consegui fazer à frente daquela instituição em pouco mais de ano, dando-lhe status e visibilidade, o que não existia antes, além de ter deixado aprovados todos os projetos, de engenharia, arquitetônico, técnico e o projeto orçamentário para implantação da televisão. Como se pode dizer no popular, deixei a mesa posta para o meu sucessor, pois, dias depois de minha saída, os recursos do orçamento, que deixei publicados no *Diário Oficial,* foram liberados e as obras de implantação da TVE foram iniciadas.

***

Vale registrar que o estopim de minha demissão foi aceso a partir da publicação do plano orçamentário para a instalação da TV Educativa no *Diário Oficial*. Dias após a publicação dos projetos da TVE e do Plano Orçamentário, recebi um telefonema do então diretor do Consórcio Rodoviário, Jonival Lucas, que, em menos de 24 horas, me detonou do cargo porque eu não acatei suas propostas para contratar uma lista de 350 pessoas para a TVE, que ainda não existia, transformando a fundação num cabide de empregos. No momento em que os projetos da televisão, inclusive o quadro de pessoal com as possíveis remunerações, foram publicados no *DO*, ele me telefonou comunicando que tinha uma relação de 350 pessoas a serem contratadas pelo IRDEB, no quadro da TVE, "todas de interesse político", afirmava ele.

Quando o informei que não podia contratá-las porque, em primeiro lugar, a televisão ainda não existia fisicamente e que mesmo que existisse eu não poderia fazer aquilo porque a quantidade de pessoas que ele queria contratar extrapolava em três vezes o total de pessoas que deveríamos contratar na primeira etapa que seria de apenas 112 funcionários (do porteiro ao locutor, apresentadores e técnicos específicos etc.). Ele não aceitou as justificativas e me perguntou se eu gostava de ser diretor do IRDEB. Respondi afirmativamente e ele, de imediato, disse que então eu devia contratar aquelas pessoas. Retruquei afirmando que, enquanto fosse diretor, não contrataria, porque tal atitude seria uma imoralidade. Ele bateu o telefone e tratou, politicamente, de articular minha saída, o que conseguiu em menos de 24 horas, além de indicar o meu substituto.

Registrei a demissão em um poema, intitulado "Sonho Desfeito" o que eu senti em relação à demissão:

No fundo do peito
vivi o idealismo técnico
de um sonho a realizar.
Refletidos no sonho desfeito
estavam a confiança no ofício
e a vontade de trabalhar.
Apesar da alucinante traição,
o ideal de agora
é o mesmo de outrora:
Em meu coração
lugar não há para omissão,
submissão e corrupção
(1984)

***

O próprio João Durval, depois de ter deixado o governo, em conversa reservada comigo, em Feira de Santana, se revelou arrependido do ato que levou à minha demissão, que ele atribuiu à falta de informações corretas e honestas do que estava acontecendo. Vale destacar que meu sucessor no IRDEB, que era assessor no Consórcio Rodoviário, no mesmo ano, contratou não apenas os 350 da lista de Jonival. Ele contratou mais do que o dobro, inchando uma instituição que era enxuta e tinha sido projetada para continuar enxuta mesmo com a TV funcionando. Posteriormente, o meu substituto, Carlos Alberto Simões, se elegeu deputado estadual. Observe-se que a articulação política de Jonival Lucas foi rápida e eficiente, não permitindo que o então Secretário da Educação fosse consultado, nem deixando oportunidades para o Secretário de Comunicação Social também pudesse interferir na indicação do meu sucessor. A minha demissão e a nomeação do sucessor ocorreram no mesmo dia em atos publicados no *Diário Oficial da Bahia*.

Vale registrar que, na época, logo após a minha demissão, passei a ser evitado por algumas pessoas que temiam comprometer-se por estarem conversando ou compartilhando de minha amizade. Só não fiquei desempregado porque retornei ao ensino na UFBA, de onde não havia me afastado e enquanto no IRDEB continuei dando aulas. Isso só mudou depois de meu retorno ao jornalismo diário e ao trabalho de destaque que passei a desenvolver, levando-me em 1985 a publicar o livro *Lançados ao Mar*, promovendo uma festa de chamar a atenção de todos e que foi muito prestigiada por intelectuais, membros da Academia de Letras da Bahia e do Conselho de Cultura, por jornalistas e amigos.

***

Essas idas e vindas, altos e baixos de minha vida, nesse momento de resgate e avaliação, me levam a refletir sobre a condição de invejado, que experimentei em várias etapas da vida e aos riscos aos quais me expus, motivado simplesmente pelo sonho, ou pelo egoísmo, e pelo desejo de ser admirado pelo trabalho realizado. Muitas pedras me foram atiradas e eu sempre encontrei guarida e explicações para a situação vivida nos provérbios populares, tais como: "Não se atira pedras em árvores que não dão frutos", "É melhor ser invejado do que ser apiedado". Sobre a inveja, o baiano Joaci Góes escreveu um tratado,

o livro *A inveja nossa de cada dia – Como lidar com ela*[8], do qual extrai o parágrafo abaixo:

> *Se a inveja é um sentimento inelutável que se desenvolve independentemente da vontade das pessoas, o gosto em despertar admiração nos outros é socialmente adquirido. Este gosto, contrariamente à perversidade inerente à inveja, é construtivo na medida em que motiva as pessoas a fazerem coisas que as elevem na admiração dos seus semelhantes, seja fazendo melhor o que os outros fazem, seja fazendo algo de novo. Tanto através da melhoria da qualidade quanto pela inovação, o indivíduo se projeta em seu meio. Esta motivação é axiologicamente neutra: pode produzir um Al Capone como uma Irmã Dulce. Pouco importando que, em lugar da admiração perseguida, o que se consegue, no mais das vezes, é ser invejado, realimentando, desse modo, o ciclo da inveja. É por esse motivo que pensadores como John Locke, Bernard de Mandeville (1670-1733), Adam Smith e Ayn Rand (1905-1982) atribuíram importância máxima à busca da satisfação do egoísmo no progresso material do Homem.*

[8] GÓES, Joaci. *A inveja nossa de cada dia*: como lidar com ela. Rio de Janeiro: Topbooks; Lauro de Freitas: Polifucs, 2001.

Arquivo

Durval livra-se de quem não faz publicidade política

Durval demite jornalista

SALVADOR
AGÊNCIA ESTADO

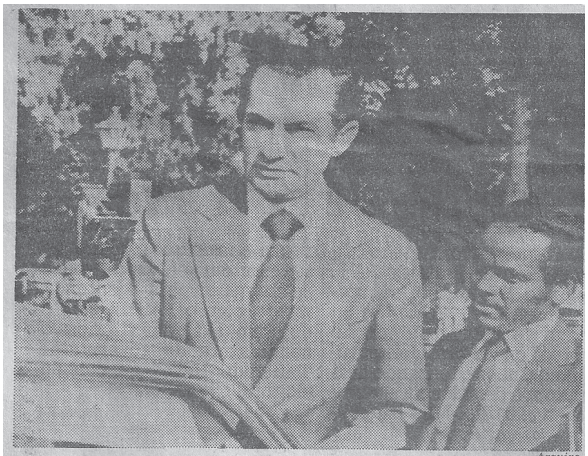
Por se recusar a fazer das emissoras que integram o Instituto de Rádio Difusão do Estado da Bahia (Irdeb) veículos de propaganda política do governo baiano e, principalmente, do PDS, o diretor do órgão, professor e jornalista Sérgio Mattos, foi exonerado ontem em Salvador do cargo, por decisão do governador João Durval Carneiro. O governador baiano ficou irritado com a insistência de Mattos de que os objetivos das emissoras do Irdeb são exclusivamente educativos.

Sérgio Mattos, que é professor da Escola de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia e especialista na área de comunicação — com curso de pós-graduação nos Estados Unidos —, vinha tendo uma série de problemas com o caráter político que o governador queria dar ao órgão desde o início de sua gestão, inclusive em relação à contratação dos afilhados do PDS. Políticos do partido do governo chegaram a se queixar várias vezes ao governador de que Sérgio Mattos não empregava no Irdeb todos os nomes que constavam das listas que eram remetidas ao órgão com determinação do próprio governador para serem atendidas.

Quem mais pressionou o governador para a exoneração do diretor, entretanto, foi o secretário de Comunicação do governo, o radialista Alberval Figueiredo, que transformou a sua Secretaria num comitê político do PDS e que ficava contrariado pelo fato de só o Irdeb ficar "de fora do esquema". Alberval tinha também se irritado com a não-contratação de todos os seus "afilhados".

De acordo com o **Diário Oficial** de ontem, que publicou a exoneração de Sérgio Mattos, o governador João Durval Carneiro nomeou para o seu lugar o publicitário Carlos Alberto Simões, que exercia as funções de assessor num órgão do segundo escalão, onde foi empregado depois do "bom trabalho" desenvolvido durante a última campanha eleitoral do PDS na Bahia.

[67.] *O Estado de S. Paulo* deu ampla divulgação à demissão e aos protestos feito por jornalistas. Recorte do jornal *O Estado de S. Paulo* de 20 de julho de 1984.



Arquivo

Fenaj acusa Durval de usar a TV Educativa

Os jornalistas protestam contra demissão na BA

SALVADOR
AGÊNCIA ESTADO

A Federação Nacional dos Jornalistas distribuiu ontem, em Salvador, nota oficial de repúdio à exoneração do professor e jornalista Sérgio Mattos da direção do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (Irdeb), por ter-se recusado a transformar as emissoras que integram o órgão em veículos de propaganda política do governo baiano e, principalmente, do PDS, uma exigência do governador João Durval Carneiro.

A nota, assinada pelo diretor da federação, Anísio Félix, diz o seguinte:

"A Federação Nacional dos Jornalistas estranha a demissão do jornalista Sérgio Mattos da direção do Irdeb e protesta, principalmente, pelas razões que motivaram a decisão do governo do Estado, objetivando transformar aquela entidade em mero veículo de propaganda política. O afastamento do jornalista Sérgio Mattos tem, ainda, um outro aspecto condenável: ser substituído por um cidadão (o publicitário Carlos Alberto Simões) estranho à classe jornalística, sem qualquer formação ou tradição na área de radiodifusão e televisão educativas".

A exoneração do jornalista Sérgio Mattos pelo governador João Durval Carneiro teve forte repercussão em Salvador, e o conservador vespertino **A Tarde** — o mais importante e de maior circulação no Estado —, na sua coluna "Tempo Presente" (onde sempre sai a opinião do jornal) publicou a nota com o título "Foi ele", onde denuncia:

"Sabe-se que quem pediu a demissão do jornalista Sérgio Mattos da direção do Irdeb — Instituto de Radiodifusão da Bahia — foi o animador de comício Alberval Figueiredo, secretário da Comunicação Social do governo. Sabe-se o motivo: o ex-diretor demitira os funcionários corruptos do órgão. Sabe-se quem o substituiu: um assessor do senhor Jonival Lucas, do Consórcio Rodoviário Municipal, e dono de uma empresa que presta serviços ao senhor Alberval.

Da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado sabe-se, também, que se constitui no mais próspero 'Panamá' de quantos se tem notícia desde que o Brasil foi descoberto."

TV EDUCATIVA

Uma fonte ligada ao PDS baiano informou ontem que a exoneração do jornalista Sérgio Mattos foi feita principalmente em razão da inauguração da **TV Educativa**, integrante do sistema do Irdeb e que tem implantação prevista para março de 1985."Sérgio Mattos é um profissional competente, mas estava destoando do espírito que o governador João Durval Carneiro quer dar ao Irdeb, situação que se agravaria quando da implantação da **TV Educativa**. Então, o melhor era que ele saísse agora." A fonte, que não quis se identificar-se porque o governador João Durval Carneiro proibiu seus subordinados de comentar o assunto, explicou que "não haverá nenhum problema com Carlos Alberto Simões, que inclusive é proprietário de uma empresa de publicidade que já faz os filmes de propaganda política para a Secretaria de Comunicação do Governo do Estado, havendo assim um perfeito entrosamento".

[68.]

Minha demissão repercutiu também nos jornais do sul do Brasil. Recorte do Jornal *O Estado de S. Paulo* de 21 de julho de 1984.

[69.]

Com o lançamento do livro *Lançados ao mar* eu dei a volta por cima, demonstrando prestígio. Ao lançamento compareceram inúmeros intelectuais, jornalistas e personalidades da vida baiana. Na foto, sendo cumprimentado por Jorge Calmon sob olhar de Wilson Lins, então presidente do Conselho de Cultura do Estado.

[70.]

Para divulgação do livro utilizei o outdoor, tendo sido um dos pioneiros a usar esta mídia para promover lançamentos de livros.

SEM PERDER O ENTUSIASMO

A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio.

Martin Heidegger

Minha gestão à frente do IRDEB de pouco mais que um ano, no período de 25 de maio de 1983 a 19 de julho de 1984, foi suficiente para introduzir mudanças fundamentais na instituição e transformar a então autarquia em regime especial numa Fundação, dando-lhe maior visibilidade. Assumi a administração com dez missões/objetivos essenciais para dinamizar o IRDEB:

1) Transformar o Instituto em Fundação foi de fundamental importância para criar alternativas para captação de recursos. O governo do Estado da Bahia, através da Lei Delegada número 65/83 de 1/6/1983, de cuja elaboração eu também participei no sentido de garantir o critério educativo, autorizou a criação da Fundação IRDEB com a finalidade de: "programar, experimentar, promover e coordenar a utilização de tecnologias educacionais no âmbito estadual, visando participar do processo de integração da população no seu desenvolvimento econômico e sócio-cultural, para o que utilizará, com exclusividade, **para fins estritamente educativos**, todos os meios de comunicação de massa, aí compreendidos: rádio, televisão, correspondência, material impresso autoinstrutivo, computador, audiovisão e outros".

Após a publicação da Lei Delegada, iniciei, de imediato, com o apoio de uma equipe da própria instituição e mais a assessoria de técnicos da Secretaria de Educação, a elaboração do Estatuto da Fundação que foi aprovado por meio do Decreto nº 30.145, de 6 de dezembro de 1983 e publicado no *Diário Oficial* de 7 de dezembro de 1983. O registro da Fundação ocorreu no dia 30 de dezembro do mesmo ano. Vale ressaltar que, para a elaboração dos trabalhos, considerei duas linhas políticas como básicas para gerar e conduzir todo sistema que estávamos implantando na constituição da Fundação IRDEB: a) A valorização dos recursos humanos existentes na instituição por meio da estimulação de suas potencialidades e utilização plena de sua base de experiências, e b) a reestrutu-

ração administrativa da instituição de maneira a assegurar o cumprimento de sua finalidade educativa.

Apesar de oficialmente a Fundação só ter sido implantada definitivamente em 30 de dezembro, desde o dia 22 de junho de 1983, fomos autorizados, pelo secretário da Educação[9], a funcionar, em caráter experimental com a nova estrutura organizacional durante o período de transição de órgão da administração centralizada para Fundação. Tudo foi feito em tempo recorde e já iniciamos o ano de 1984 funcionando como Fundação, com o que passamos a ter maior flexibilidade de funcionamento, permitindo-nos firmar convênios com outros governos e continuar o trabalho de assessoria técnica que prestávamos a Moçambique por indicação do Ministério das Relações Exteriores, além de termos melhores condições para captação de recursos. Com o status de Fundação implantamos um plano de cargos e salários, beneficiando diretamente todos os funcionários que passaram a ter um ganho real nos salários equivalente a cinco vezes mais do que o que recebiam até então.

Para funcionarmos como Fundação, tive que promover uma reestruturação organizacional e administrativa no IRDEB com o objetivo de dinamizar as ações da entidade no contexto educativo-cultural do Estado. Partimos da ideia básica de organização em centros de produção das tecnologias educacionais disponíveis. Dessa forma, conseguimos implantar o Centro de Rádio, o Centro de Televisão, o Centro de Material Impresso e o Laboratório de Experimentação de Tecnologias Educacionais, que foi o primeiro a ser instalado no país com o objetivo de identificar alternativas para problemas educacionais passíveis de solução por meio do uso de tecnologias educacionais. Além dos Centros, para executarmos o nosso trabalho, a Diretoria Executiva, subordinada a um Conselho Administrativo e de Fiscalização, contava com duas assessorias específicas: a Jurídica e a Técnica.

Com isto adotamos também uma série de medidas administrativas e financeiras corretivas para eliminar os vícios anteriores, adequando o funcionamento da Fundação a uma nova concepção, onde devíamos produzir mais para a comunidade na qual a instituição estava inserida, uma vez que passamos a remunerar melhor os funcionários, a capacitá-los e passamos a exigir uma pro-

[9] Por meio do oficio nº508, de 22 de junho de 1983, o secretário da Educação e Cultura, Dr. Edivaldo Machado Boaventura, autorizou o IRDEB a implantar e funcionar com a nova estrutura organizacional da Fundação em caráter experimental.

dução de melhor qualidade e em um novo ritmo de trabalho. Naturalmente, ao passarmos a exigir mais em relação à produção de cada um e exigindo uma melhor qualidade nos produtos, passamos a incomodar e houve reações contrárias à implantação deste sistema de controle e avaliação.

Devo esclarecer que, ao assumir o IRDEB, o governo passava por uma fase de reestruturação e não estava autorizando contratação de ninguém salvo para cargos comissionados. Portanto, não me foi permitido indicar nenhum pessoa de fora do sistema para ocupar cargos e funções dentro da instituição. Assim, identifiquei as pessoas mais comprometidas e interessadas em desenvolver um trabalho com uma nova filosofia e nomeei os coordenadores, gerentes e chefias aproveitando o pessoal do próprio quadro de pessoal da instituição. Dentre as pessoas que ocuparam as chefias sob a minha liderança estão: Heloísa Helena Dias Lima Soares (Assessora-chefe), Sydnéia Teixeira Lima (Coordenadora do Centro de Rádio), Maria Lídia Mattos de Freitas (Coordenadora do Centro de Material Impresso), Aída Varela Varela (Coordenadora do Laboratório), Reynaldo Rocha Gonzaga (gerente de Artes Gráficas), Helena Magalhães Humbert (gerente de Produção de Material Impresso), Arthur de Andrade Leal (gerente de Programação e Emissão)[10].

Graças ao comprometimento e a seriedade de muitos desses servidores foi que conseguimos dinamizar a instituição e aproveito este momento para agradecer o apoio que me deram. Agradeço aqui a todos, inclusive aos que depois foram cooptados pelo Secretário de Comunicação para fazer oposição interna, com o objetivo de desestabilizar minha administração.

* * *

[10] Ocuparam também cargos de chefia (função gratificada) em minha administração os seguintes servidores: Cleomar Ribeiro Brandi, Paulo César Guimarães Cerqueira, Arthur de Andrade Leal, Antônio Luiz Almada de Melo, Sydnéa Teixeira Lima, Delanise Coelho Costa, Paulo Sérgio Santos Silva, Josete Sarraf Barreto Sandes, Francisco Xavier Bastos, Elza Correa Lima Ramos, Ana Maria Liberato de Matos Carvalho, Vanja Maria Alvares Maia, Perfelino Eugênio Ferreira Neto, Maria Auxiliadora Silva Araújo, Maria Leonor Lage Soares. Luís Cláudio Santos Garrido, Reinaldo Rocha Gonzaga, Edson Rodrigues Calhau, Maria Lídia Mattos de Freitas, Aída Varela Varela, Helena Magalhães Humbert, Suely Soares da Cunha, Newton Dias Pereira, Maria Virgínia Dias Pereira, José Bonfim Alves de Oliveira, Frederico José de Souza Castro, Maurísia Lice Gomes Barbosa e muitos outros. Exerceram também a função comissionada de assessor da diretoria os seguintes servidores: Heloísa Helena Dias Lima Soares (assessora-chefe), Wanda Marília Machado Cafezeiro, Helena Amaral Costa, Maria Margarida Cafezeiro Fonseca, Raimundo de Oliveira Menezes, Luiz Humberto Castro de Freitas,

2) Implantar a Televisão Educativa na Bahia. Imediatamente após a minha posse, começamos a desenvolver todos os estudos e projetos (de engenharia, de arquitetura, de hidráulica e elétrica, além dos projetos de acústica, técnicos e orçamentários) visando à implantação da televisão. Os projetos foram aprovados e publicados no *Diário Oficial* e quando faltava nada menos que um mês para serem liberados os recursos financeiros para o início das obras físicas e posterior licitação e compra de equipamentos, deixei a direção da Fundação IRDEB. O projeto técnico da TVE que deixei pronto foi elaborado pelo Dr. Eugênio Gáudio, um dos mais respeitáveis engenheiros eletrônicos do Brasil que pouco tempo depois passou a exercer a função de diretor da Embratel. Fui substituído na direção por Carlos Alberto Simões que encontrou tudo, todos os projetos prontos e finalizados, encaminhados e aprovados e, sem nenhum esforço extra, começou a obra pouco tempo depois de sua posse, pois o planejamento orçamentário para a sua execução também deixei pronto e publicado no *Diário Oficial do Estado da Bahia*. A inauguração da TVE ocorreu no dia 9 de novembro de 1985.

Para chegar à definição de como seria a TVE muitas viagens, reuniões e palestras foram feitas, inclusive no Conselho de Cultura do Estado da Bahia, onde estive duas vezes, tudo isso visando à definição de seu formato e a aquisição de equipamentos e treinamento de pessoal. O maior problema que tive foi a definição do formato de televisão que queríamos, se seria uma TV Escola, TV Cultura ou TV Educativa (cultura mais educação). Acabamos por ficar com o modelo que seguia o formato da FUNTEVÊ (Roquete Pinto do Rio de Janeiro), o que foi reformulado posteriormente durante as administrações de Fernando Vita e de Paolo Marconi, que adotaram o formato mais cultural da TV Cultura de São Paulo.

Outro grande problema levado em consideração foi o custo da televisão, o que levou inicialmente a se pensar em vários formatos mais simples e de menor custo, que funcionaria quase como simples retransmissora de programas, mas conseguimos emplacar o modelo mais amplo com estúdios próprios que nos permitiria também gravar, produzir e transmitir conteúdos regionais.

Mantivemos contato com uma missão de técnicos franceses, quando discutimos a possibilidade da instalação da televisão educativa ser implantada com ajuda técnica e financeira da França. Juntamente com o então Secretário da Educação e Cultura, Edivaldo Boaventura, fiz uma viagem oficial ao Canadá,

a convite do Governo da Província de Quebec, com o objetivo de promover e divulgar o IRDEB, bem como obter novas fontes de recursos e viabilizar uma cooperação técnica entre aquele país e a Secretaria de Educação da Bahia.

No Canadá, mantive contatos com a Universidade de Laval, Universidade do Quebec, com a Teleuniversité de Quebec e com a Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional. O conhecimento da realidade quebequense, visando à seleção de experiências e projetos possíveis de serem adaptados à realidade baiana, bem como a solicitação de uma cooperação técnica para treinamento de recursos humanos e financiamento para a implantação do sistema de Televisão Educativa da Bahia foram os aspectos mais importantes dessa visita.

Na oportunidade avaliei também como o Canadá usa a televisão na promoção do ensino a distância, que é um dos mais perfeitos do mundo, mas, para esse caso específico, eles só nos dariam apoio ao projeto de ensino a distância via televisão, se adotássemos todo o modelo canadense, o que não nos interessava, por ser um pacote pronto, fechado, sem alternativas de modificações e adaptações à realidade local.

Para a implantação da televisão educativa no estado era necessário também esclarecer à população e aos órgãos oficiais, a exemplo do Conselho de Cultura do Estado, onde compareci a convite do então presidente Wilson Lins para falar sobre a Televisão Educativa, durante a 12ª sessão[11] daquele Conselho, realizada no dia 20 de março de 1984. Antes de comparecer à sessão plenária do Conselho, já havia sido convidado pela Comissão Editorial do Conselho de Cultura, presidida por Renato Berbert de Castro, para falar especificamente sobre a televisão educativa. Na época, o jornal *A Tarde*, do dia 20 de fevereiro de 1984, registrou, em matéria intitulada "Tecnologia apoia, não substitui o professor", o debate que tive com os membros da Comissão Editorial do Conselho de Cultura:

> *Quanto à eficácia da TVE ou do papel que ela pode vir a exercer nos campos da educação formal, assegurou Sérgio Mattos, lembrando Wilbur*

[11] Sob a presidência do escritor Wilson Lins, estiveram presentes à palestra proferida por Sérgio Mattos, no salão de reuniões do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, 17 dos 19 conselheiros: James Amado, Geraldo Machado, Germano Machado, Carlos Eduardo da Rocha, Godofredo Filho, Thales de Azevedo, Ary Guimarães, Jorge Novis, Hélio Simões, Remy de Souza, Renato Berbert de Castro, Nelson Sampaio, João Eurico Matta, Cláudio Veiga, Nathan Coutinho e José Luís de Carvalho Filho.

Schramm, que "crianças e adultos aprendem da TV da mesma forma que de outras experiências relevantes para eles", acrescentando que a eficácia da televisão já foi demonstrada em mais de 100 experimentos e centenas de comparações em quase todo o mundo, em países desenvolvidos ou não, em todos os níveis de escolaridade e nas mais variadas áreas de ensino.

Ao contrário do que pensam alguns céticos, o emprego de novas tecnologias – a TV, o videocassete e o computador – na educação não traz resultados negativos à formação do aluno, nem virá substituir o professor. "O uso de tecnologias eletrônicas servirá como apoio e/ou reforço ao melhor desempenho docente", enfatizou. Revelou que, na Bahia, a Televisão Educativa poderá participar com intensidade, do processo de informação e difusão cultural, estimulando e preservando os valores regionais e servindo também como centro produtor de programas instrucionais relativos à educação formal e não-formal.

Nas regiões baianas onde o sinal da TVE não for recebido – em 116 dos nossos 336 municípios – garantiu que a SERC, com o apoio das superintendências regionais de Educação e Cultura, poderá se utilizar de videocassetes, difundindo os programas produzidos e gravados pela emissora do IRDEB. "Assim", disse, "as transmissões tipicamente educativas virão a ser captadas diretamente ou reproduzidas nas escolas, cooperativas e associações, na capital e no interior, através dos tão conhecidos grupos de recepção dirigida".

Ressaltando que a televisão reúne em si mesma quase todos os outros meios instrucionais, o diretor executivo do IRDEB, jornalista Sérgio Mattos, entende, entretanto, que não se deve ter em mente só a produção e transmissão de programas. "Devemos sempre procurar avaliar o produzido, a fim de corrigirmos os defeitos de forma e de conteúdo, para que se encontre a condição ideal, na qual o meio eletrônico seja empregado corretamente, pois apenas o uso da tecnologia não implica na obtenção de bons resultados", concluiu.

Era necessário estar frisando a importância do compromisso dos veículos de comunicação do IRDEB para com a educação, denunciando sempre que possível as tentativas de utilização desses veículos para fins políticos. E exatamente por isso nunca perdi oportunidades para esclarecer e falar do assunto, assinando artigos nos jornais e por meio de palestras. Conforme registro publicado pelo *Diário Oficial do Estado da Bahia* do dia 27/4/1984, destaco a seguir alguns trechos abaixo da notícia veiculada sobre a palestra proferida durante a 12ª sessão do Conselho de Cultura, sob a presidência de o escritor Wilson Lins:

O Dr. Sérgio Mattos disse que o IRDEB, Fundação vinculada à SEC,

é um órgão de tecnologias educacionais e, como tal, em condições de apoiar as ações educativas, inclusive as de ensino a distância, como também participar de atividades culturais, promovendo, divulgando e, consequentemente, preservando os valores culturais do nosso Estado. Acentuou que a oportunidade lhe permitia colocar em termos simples e diretos o trabalho elaborado no sentido de dotar o IRDEB, com uma estrutura capaz de atuar na comunidade, utilizando-se de todo o seu potencial, visando ao enriquecimento cultural e à promoção da educação nas regiões mais carentes e distantes do Estado da Bahia. Sua exposição constou de três momentos: no primeiro, deu uma visão sistemática de funcionamento da organização, quando sublinhou a utilização, isolada ou integral, do rádio e material impresso, e a possibilidade de acrescentar, num futuro próximo, outras tecnologias educacionais, como a televisão, com a implantação da TV Educativa e o computador. No segundo, apresentou a perspectiva do IRDEB para o quadriênio 1984/1987, destacando entre outras coisas, a implantação do sistema de Televisão Educativa do Estado da Bahia, a ampliação do Sistema de rádio educativo e do Centro de Material Impresso, a estruturação e a implantação de um Laboratório das Experimentações de Tecnologias Educacionais, utilização do computador na educação, e o apoio às ações da área de saúde, agricultura e pecuária, desde que comprometidos com a educação. No terceiro, mostrou parte do IRDEB "amostras do resultado final da nossa ação", conforme destacou, reproduzindo vinhetas de abertura e encerramento e programação da Rádio Educadora da Bahia, em OC e em FM. Ao final da exposição, ressaltou os esforços feitos pelo Governador João Durval Carneiro e pelo secretario Edivaldo Boaventura para a implantação da TVE na Bahia, além de responder às perguntas dos conselheiros: Renato Berbert de Castro, Geraldo Machado e Carlos Eduardo da Rocha. Concluindo, disse sentir-se feliz por poder partilhar seus planos e ideias com um Conselho em condições de influenciar nas ações educativas e culturais do IRDEB, como também capaz de ajudá-lo na manutenção dos objetivos e compromissos que a radiodifusão educativa tem para com a educação e com a preservação da cultura regional e nacional. O Presidente [do Conselho de Cultura, Wilson Lins] agradeceu ao Dr. Sérgio Mattos a sua aquiescência ao seu convite, dizendo não ser o IRDEB neste Conselho apenas uma caixa de ressonância, mas um aliado permanente, pois todos reconhecem o papel que a Rádio Educativa vem exercendo, tanto no campo cultural como no educacional.

***

3) Reativar o convênio com o Canadá – O importante da viagem ao Canadá foi que, apesar de não fecharmos negócios efetivos com a parte francesa do Canadá, conseguimos resgatar e direcionar o saldo de convênios anteriores,

assinados com a parte inglesa daquele país, por meio da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional (CIDA) e da British Columbia University para treinamento e capacitação de recursos humanos com a execução de vários cursos específicos e de curta duração. Para finalizar, o convênio foi negociado e instalado, no dia 18 de junho de 1984, o curso de "Especialização de Recursos Humanos para o Ensino a Distância", em nível de pós-graduação. As aulas foram iniciadas no dia 3 de julho de 1984 para 29 profissionais de nível superior do IRDEB. O curso com um total de 450 horas de aula capacitou técnicos na preparação de material para os programas educativos de rádio, material impresso e televisão. Na instalação do curso, fiz um discurso-depoimento, no qual resgato a história do Convênio assinado entre o governo canadense e o IRDEB. A integra do texto está no **Anexo 7.**

***

4) Transformar a Rádio Educadora numa emissora que tivesse audiência, saindo do traço de audiência das pesquisas do IBOPE. Inicialmente detectamos vários problemas técnicos nas emissoras de rádio. Alguns deles estavam, inclusive, comprometendo o funcionamento técnico uma vez que se prendiam à inexistência dos transmissores de reserva e ao desgaste das válvulas que contribuía para uma redução na potência e área de abrangência de nossas transmissões. Para solucionar tais problemas, mantive contatos com a FUNTEVÊ – Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa –, visando à captação de recursos que nos permitiram a aquisição de dois transmissores de reserva e de uma válvula de cerâmica nova, necessária à manutenção da potência de transmissão da Rádio Educadora FM. Solucionado o problema técnico, investimos na qualidade e aperfeiçoamento da produção, o que possibilitou a modernização e o equilíbrio de programação em termos de conteúdo (instrução/cultura/informação), hora/radio e duração.

Alguns dos resultados alcançados estão registrados nos relatórios do IBOPE. Em maio de 1983, quando assumi a direção do IRDEB, a Rádio Educadora FM tinha um percentual de 0,56% da audiência entre as emissoras FMs de Salvador, enquanto, três meses após minha posse, ou seja, nos últimos quatro meses do ano, a emissora chegou a oscilar entre o 3º e o 4º lugar, mesmo não sendo o nosso objetivo o de concorrer com as emissoras comerciais. Isto ocorreu porque passamos a oferecer uma programação de qualidade, educando o público e levando-o a fazer opção pelo melhor. Por decisão pessoal, passamos

a transmitir apenas músicas brasileiras, provando às demais emissoras da cidade que música brasileira também dava e tem audiência cativa. Durante minha gestão, adotei a política de nacionalizar totalmente a programação e passamos a transmitir apenas músicas brasileiras, de autores e intérpretes brasileiros. Passamos a valorizar ainda mais a Música Popular Brasileira e a fazer uma programação diferenciada das demais emissoras comerciais da Bahia.

Durante minha gestão, a Rádio Educadora FM passou a oscilar entre o terceiro e o quarto lugar em audiência nas pesquisas do IBOPE. A proposta tanto deu certo que meu sucessor promoveu até uma campanha publicitária que utilizou o slogan de que na Educadora "Só dá Brasil". Entre as programações da época que influenciaram as demais emissoras a aumentar o percentual de música brasileira transmitidas, encontram-se duas que se destacavam nas diretrizes culturais que adotamos, ou seja, os programas "Música Erudita" e "Instrumentistas Brasileiros". Para os que tinham dúvidas quanto às decisões tomadas, a audiência que passamos a ter foi gratificante para todos. O papel educativo e cultural exercido pelo IRDEB foi cumprido e apreciado por todos, influenciando outras emissoras a produzirem programas especiais de música e artistas brasileiros. Além da reforma na grade, estimulamos e incrementamos o Departamento de Radiojornalismo da Educadora que passou a ter vários programas noticiosos e flashes com notícias de última hora.

O sucesso, no entanto, vem sempre acompanhado de problemas, ciúmes e inveja. Por conta do IBOPE positivo que estávamos obtendo, na condição de diretor responsável na época, sofri pressões de algumas emissoras comerciais que foram se queixar ao governador João Durval de que a emissora oficial estava competindo com as emissoras comerciais roubando audiência e aquilo não era justo. Várias foram às vezes que tive que ir ao Palácio do Governo para contra-argumentar e defender a programação que fazíamos e mantivemos a postura adotada desde o início.

Não competíamos com as emissoras comerciais, fazíamos uma rádio que tinha um diferencial na programação e que agradava ao público. Soube, após minha saída, que meu sucessor também sofreu algumas pressões no mesmo sentido e que reformulou a programação da emissora para atender às pressões políticas, o que considero inaceitável. Durante todo o período de minha administração, sofri pressões e o secretário da Educação também. Na verdade, os empresários das emissoras de rádio comerciais, na maioria, proprietários

também de emissoras de televisão, estavam temendo mesmo era a possibilidade da TV Educativa, já anunciada, vir a concorrer também com eles em audiência.

Em relação ao papel do rádio na educação, durante o IV Encontro de Radiodifusores Baianos, realizado no auditório do IRDEB fui o responsável por uma palestra que teve ampla repercussão e que expressava a linha de meu pensamento no que diz respeito ao papel do rádio na educação. Dando cobertura ao evento, o jornal *Correio da Bahia* do dia 15 de novembro de 1983, sob o título de "Mattos ressalta o papel do rádio" publicou a matéria a seguir:

> *Lembrando que, por força da Lei 4.117, de 1962, todas as empresas de radiodifusão, sejam elas comerciais ou não, têm compromissos educativos e culturais, o jornalista Sérgio Mattos, diretor-executivo do IRDEB, proferiu conferência no IV Encontro da Associação Baiana de Emissoras de Rádio e Televisão (ABART) sobre "A importância do Rádio-Televisão Educativo na Comunidade".*
>
> *A palestra foi ilustrada com vinhetas de utilidade pública e partes de programas educacionais, produzidos e veiculados pelo IRDEB, além de dados estatísticos que comprovam a importância e a penetração do rádio no Estado da Bahia. O jornalista ressaltou, na oportunidade, que a participação de emissoras educativas na comunidade se faz não apenas através de noticiários, mas também com campanhas de utilidade pública, promovendo novos valores e preservando os valores culturais, regionais e nacionais.*
>
> *Sérgio Mattos esclareceu sobre o papel das emissoras educativas do estado da Bahia e o que o IRDEB, órgão vinculado à Secretaria de Educação e Cultura, tem feito neste setor. "Com criatividade e força de vontade", disse, "podemos produzir programas radiofônicos educativos, que possam atuar nas comunidades rurais como agentes de mudanças comportamentais, através da introdução de novos hábitos alimentares e de higiene, ou como veículo de educação complementar".*
>
> *O diretor do IRDEB revelou ainda que a rádio educativa pode e deve atuar na comunidade de todas as maneiras possíveis, explicando, entretanto, que a sua missão principal é servir de apoio, como órgão-meio, ao setor da educação do estado, através da programação de cursos supletivos para alunos de primeiro e segundo graus e como veículo de treinamento ou reciclagem para professores de regiões carentes do estado da Bahia.*
>
> *Finalizando, conclamou a todos a preservarem os valores culturais brasileiros, através dos órgãos de radiodifusão, que tem um compromisso com a educação e com os interesses nacionais. Ao término da palestra, seguiu-se um debate no qual o jornalista respondeu a várias perguntas*

esclarecendo dúvidas sobre a atuação das emissoras educativas do estado da Bahia.

Anos mais tarde, em 2003, durante o governo de Paulo Souto, que tinha como diretor-geral do IRDEB o jornalista João Paulo de Araújo Costa[12], fui convidado para participar do Primeiro Seminário de Políticas Públicas de Rádio e Televisão da Bahia, quando apresentei o trabalho intitulado "O papel social do rádio: a mão dupla da comunicação". O seminário, em comemoração aos 25 anos de fundação da Rádio Educadora da Bahia, contou também com a participação dos seguintes conferencistas: Beth Carmona, Ethevaldo Siqueira, Fernando Barbosa Lima, Heródoto Barbeiro e Sérgio Mattos. Reproduzo a seguir trechos do meu pensamento sobre o papel das emissoras educativas, que tornei públicas durante o seminário:

> *[...] Diante da concentração da mídia em mãos de uns poucos grupos e da abertura da mídia brasileira ao capital estrangeiro, compete às emissoras educativas, mais do que nunca, estar atentas para trabalhar no sentido de evitar a padronização de forma e conteúdo das emissoras comerciais. Devem sempre levar em consideração as condições sociais locais onde os programas são assistidos, pois esta é a única forma de contribuir para a abertura do universo cultural de nosso povo.*
>
> *Devem lutar para que exista uma regulamentação específica de conteúdo na mídia brasileira, pois, devido ao alinhamento das políticas econômicas e sociais ao neoliberalismo aceitando o status quo, estarão apenas contribuindo para enfraquecer a nossa identidade cultural.*
>
> *As emissoras de rádio e televisão educativas não devem se preocupar com os princípios e índices de audiência que norteiam as emissoras comerciais, mas, sim, em prestar um serviço de interesse público de qualidade à população, oferecendo programas educativos e culturais. As emissoras educativas devem produzir e veicular também programas que tenham a finalidade específica de educar.*
>
> *As emissoras educativas de rádio e televisão, através do IRDEB, devem intensificar a produção de programas locais, aumentando assim o total de horas na grade de programação diária com produções próprias regionais que valorizem e resgatem a memória cultual da Bahia. [...] O radiojornalismo deve ser considerado como um dos programas mais importantes*

[12] O jornalista e ex-diretor do IRDEB, João Paulo de Araújo Costa, foi meu aluno na FACOM/UFBA. Também o diretor do IRDEB, durante a administração de Jaques Wagner, Pola Ribeiro, também foi meu aluno na FACOM.

das emissoras educativas, pois elas podem se impor como o principal canal de informação imparcial da população.

As emissoras educativas devem prestar serviços às comunidades sem a preocupação de concorrer com as comerciais. Devem fornecer informações que contribuam para o exercício da cidadania, ajudando a população a conhecer seus direitos e deveres, ensinando e esclarecendo, por exemplo, sobre leis e como e onde obter assistência previdenciária, judiciária e hospitalar.[13]

***

5) **Ampliar a gráfica do IRDEB**, criando um sistema único de publicações educativas dentro do sistema da própria Secretaria de Educação para produção de livros de ensino a distância e outros, além de permitir a execução de serviços gráficos para outros departamentos e diretorias do Sistema da Secretaria de Educação, fazendo com que a verba da Educação permanecesse dentro do próprio âmbito educacional. Para atender as necessidades do Centro de Material Impresso, encontramos uma pequena gráfica instalada e o nosso papel era ampliá-la para que pudéssemos imprimir os materiais instrucionais que produzíamos.

Para ampliar a gráfica, primeiro localizei, em vários órgãos e departamentos da própria Secretaria da Educação, máquinas impressoras subutilizadas, algumas ainda encaixotadas. Até mesmo em escolas de primeiro e segundo graus localizei máquinas que não estavam sendo utilizadas. Em seguida, consegui transferi-las para o IRDEB, em regime de comodato, formando assim, sem gastar um tostão, um Parque Gráfico de Médio Porte, que passou a atender às necessidades internas da própria Secretaria e, principalmente, às necessidades da Diretoria de Ensino a Distância, da SEC, que passou a imprimir seus livros no IRDEB. Com o que se arrecadava com a gráfica, financiamos e realizamos muitas coisas internamente.

Quando saí da administração deixei o IRDEB como sendo o único Órgão de Tecnologias Educacionais do país dotado de uma estrutura gráfica de porte médio que integrava o Centro de Material Impresso. Isso possibilitava a instituição a cumprir as competências que lhe foram outorgadas de promover a edição e coedição de materiais e, com isso, assegurar à Secretaria da Educação

[13] Os textos de minha palestra e a dos demais conferencistas do Seminário foram reunidos em um livro, *Rádio e TV como instrumento de cidadania,* publicado em 2003 pelo IRDEB.

e Cultura o atendimento às orientações do MEC relativas ao livro didático no que tange à regionalização da produção.

A produção e edição de livros para atender ao sistema de ensino a distância e aos do Curso de Madureza (Projeto Minerva) eram tão grandes que, ao ser demitido da direção do órgão, deixei prontos (diagramados e revisados), faltando apenas imprimir, vários produtos, que o meu sucessor pode colocar no mercado de imediato, pois a parte mais difícil (elaboração, edição e diagramação) já estava pronta. Lamentavelmente, a ficha técnica dos livros que deixamos prontos para impressão não foram publicados com os nomes dos responsáveis por eles na época em que foram preparados. Os livros foram impressos com uma nova ficha técnica, que substituiu a anterior, tributando à nova administração a elaboração dos conteúdos, edição etc. de cada um dos livros, passando a falsa ideia de que a nova administração chegou com muito mais capacidade produtiva do que a anterior.

Como o próprio Carlos Alberto Simões disse, de maneira aética e mentirosa, em uma entrevista concedida ao *Jornal da Cidade*, em resposta à pergunta de como ele tinha encontrado o IRDEB, respondeu:

> *Encontrei uma empresa desmotivada, com a maioria de seus projetos engavetados, principalmente na área de material impresso, onde o IRDEB produz livros, material didático para os órgãos da Secretaria da Educação, pré-escolar e 1º grau, e de educação rural e supletiva.*

No entanto, o que mais lamento em relação ao Parque Gráfico que deixei montado no IRDEB, sem que para isso tivesse gasto um só centavo, foi o destino dado a ela pela administração do prof. Acácio Ferreira, no governo de Waldir Pires, que vendeu as máquinas impressoras em leilão por uma ninharia. Possivelmente, eles não resistiram às pressões das gráficas privadas, incluindo-se também aqui a EGBA, que se queixavam de mim ao governador e ao Secretário da Educação, com o argumento de que eu estava competindo com eles na produção gráfica, retirando do mercado uma fatia razoável de recursos destinados à produção de livros didáticos.

* * *

6) Dar sequência à produção dos programas de Teleducação do Projeto Minerva (Portaria 408/70), que estabelecia a obrigatoriedade da transmissão por parte das rádios comerciais de cinco horas semanais de programas educati-

vos. O IRDEB era responsável pela produção dos programas/aulas radiofônicas que eram transmitidas por 35 emissoras de rádio em todo o Estado. Nosso objetivo era melhorar a qualidade dos programas/aulas tanto em relação ao conteúdo como em relação à gravação. Isto porque as aulas pelo rádio eram elaboradas e gravadas em fitas cassetes nos estúdios do IRDEB e depois enviadas pelo correio para as emissoras baianas obrigadas a retransmiti-las. Observe-se que a Rádio Educadora em Ondas Curtas também transmitia estes mesmos programas e outros de caráter eminentemente educativos.

Assim, o IRDEB também tinha esses e outros compromissos radiofônicos puramente educativos. Era de nossa competência, por delegação da FUNTEVÊ, coordenar e controlar, no Estado da Bahia, a Portaria Interministerial, MEC/MINICOM nº 568/80, que regulamentava o tempo obrigatório e gratuito que as emissoras comerciais, com exceção das que operavam em frequência modulada, deviam destinar à transmissão de programas educacionais correspondente a cinco horas semanais[14]. Era de nossa responsabilidade a produção e distribuição dessa programação educativa. Em 1983 o IRDEB foi responsável por 325 minutos semanais da programação de 35 emissoras comerciais que operavam no Estado.

Consciente da importância dos programas educacionais, reformulei também a programação da emissora de Ondas Curtas, adaptando-a às novas diretrizes traçadas, cuidando da qualidade dos programas até então veiculados, que estavam carecendo de um acompanhamento técnico-pedagógico mais próximo, pois, nos últimos anos, estavam praticamente sendo produzidos a critério de cada produtor sem seguir uma linha previamente discutida e aprovada que viesse a obter melhores frutos. Os produtores passaram a trabalhar internamente na instituição, o que facilitou o acompanhamento de cada produção, cuidando assim de sua qualidade, eficácia e eficiência. Antes, os produtores trabalhavam em casa, onde preparavam os roteiros do programa e só apareciam na instituição no dia da gravação. Esta distorção foi corrigida, mas sofri muita pressão e protestos por conta disso.

Passei a monitorar as duas emissoras por meio de aparelho de rádio instalado no gabinete e consegui identificar verdadeiros absurdos que eram transmitidos pela emissora de Ondas Curtas, que ninguém ouvia em Salvador. Com o

[14] As cinco horas semanais de programas educacionais estavam assim distribuídas: trinta minutos diários, de segunda a sexta, e setenta e cinco minutos, aos sábados e domingos.

tempo passei a retirar do ar alguns desses programas causando reboliço político e protestos entre os produtores. Mexi em casa de maribondo, desagradando os protegidos, familiares e eleitores de políticos. A título de exemplo, cito dois dos programas retirados do ar: um que ensinava "como fazer uma noite de queijos e vinhos" direcionada para o público do sertão baiano; e o outro, de educação sexual, que definia o orgasmo como sendo um desmaio!

***

7) **Ampliar a biblioteca**, transformando-a em um espaço adequado com o objetivo inclusive de preservar a memória dos programas radiofônicos existentes, pois parte do material produzido já estava perdido pela reutilização das fitas devido à carência de verbas específicas. Além disso, a biblioteca deveria ser atualizada para servir de apoio à produção dos conteúdos tanto dos programas radiofônicos como do material impresso.

***

8) **Capacitação de recursos humanos –** visando ao aperfeiçoamento de pessoal e, em consequência, propiciando uma melhor adaptação funcional e um bom desempenho profissional na e para a instituição, promovi, ao longo da minha administração, conferências, palestras, mesas-redondas, seminários internos e treinamentos. O programa de capacitação e desenvolvimento de recursos humanos culminou com o curso de pós-graduação em convênio com a British Columbia University, do Canadá, que formou os 29 primeiros especialistas em ensino a distância da Bahia. Não foram medidos esforços no sentido de enviar nossos técnicos para participar de cursos e treinamentos fora do nosso Estado, desde que fossem eventos relacionados com Ensino a Distância, Tecnologia Educacional, Design Instrucional, Técnicas de Planejamento e Produção de Material Instrucional Impresso e Audiovisual, entre tantos outros, sem contar com os estágios promovidos para reciclagem do pessoal técnico das emissoras de rádio. Aos técnicos de nível médio também foram oferecidos cursos e treinamento específicos.

Além disso, a instituição como um todo participou e promoveu vários encontros e seminários em Salvador, pois, particularmente, eu considerava importante a presença do IRDEB em eventos devido à troca de experiências e contatos com as novas concepções que são apresentadas nestas ocasiões, proporcionando um maior amadurecimento de ideias e técnicas a serem aplicadas

no setor educacional. Destaco a participação da instituição no IV Encontro da ABART – Associação Baiana de Emissoras de Rádio e Televisão – quando tive a oportunidade de falar sobre "A importância do Rádio e Televisão Educativa na Comunidade", salientando o papel das emissoras educativas como veículo de educação complementar e agente capaz de suscitar mudanças comportamentais, promovendo novos valores e preservando valores culturais e locais.

Ao participar desses encontros, acabei tendo a oportunidade de acomapnhar dois eventos historicamente importantes para o setor das emissoras educativas em nível nacional. O primeiro realizado em Brasília, de 9 a 12 de agosto de 1983, quando estive envolvido, juntamente com outros dirigentes de emissoras educativas, na organização, estruturação e regulamentação do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa – SINRED, criado pela Portaria Interministerial 162/80. O segundo encontro, realizado em São Luís, Maranhão, no período de 22 a 25 de novembro de 1983, dedicado à operacionalização do Sistema, com a montagem do esquema de distribuição e veiculação da programação do SINRED, via rádio. A partir de então passamos a ter as produções do IRDEB veiculadas nacionalmente, como também passamos a veicular as produções de outras emissoras educativas. Passamos a trabalhar em sistema de rede, de forma colaborativa, o que significava também barateamento dos custos de produção para todas as emissoras.

Como resultado direto da participação do IV Encontro da ABART realizado no auditório do IRDEB, fui convidado pelo então presidente da ABERT – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, Sr. Joaquim Mendonça, a integrar o Conselho de Ética da ABERT, a partir de novembro de 1983.

***

9) Aquisição e transferência de "know-how" – Dei sequência e fortaleci o programa de cooperação técnica mantido entre o IRDEB e o Ministério das Relações Exteriores, Secretaria de Cooperação Econômica e Técnica Internacional da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, quando passamos a manter um relacionamento com os seguintes países: República Popular de Moçambique, Haiti e Canadá.

Durante o meu período de gestão 1983-1984 procurei dar ênfase na transferência e aquisição de "know-how". Mantive contato com o Governo Canadense por meio da Embaixada, tendo obtido êxito no sentido de utilizar saldo

dos recursos do Projeto de Radiovisão para treinamento de pessoal. Propomos e foi aceito a realização de um treinamento em "Design Instrucional", com a devida fundamentação nas modernas teorias de aprendizagem da época. O treinamento foi dirigido aos técnicos do Centro de Material Impresso. A Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional – CIDA, por meio da professora Paz Buttedahl, PhD em Educação de Adultos e Desenvolvimento Internacional da Educação, foi a responsável pelo treinamento.

No mesmo período, executamos também um treinamento sobre planejamento instrucional para o meio rádio, destinado aos produtores do Centro de Rádio. Como produto final desse trabalho, foi elaborado um fluxo integrado de planejamento/avaliação, o que possibilitaria um trabalho mais eficiente e eficaz da produção destinada ao rádio. Promovemos também um curso sobre avaliação, cujos participantes foram os técnicos da Assessoria Técnica, do Centro de Material Impresso, do Centro de Rádio e do Laboratório de Experimentação de Tecnologias Educacionais. O produto deste curso foi a definição e elaboração de uma sistemática de planejamento/avaliação de programas/projetos e da instituição como um todo. Tanto para a realização do curso sobre planejamento instrucional como para o de avaliação, contratamos a Dra. Thereza Penna Firme, considerada na época a maior autoridade do tema no país.

* * *

10) Ampliar a participação nos programas de desenvolvimento socioeconômico e cultural – Pela própria natureza e finalidade, o compromisso principal do IRDEB era servir de apoio, como órgão-meio, ao setor educativo-cultural do Estado por meio de: *programação instrucional* viabilizada mediante promoção de cursos, reciclagens, treinamento, além de programas dirigidos a clientelas específicas; *programação informativa* e divulgação intensiva das ações do governo com o objetivo de educar e modificar comportamentos; *programação cultural* com o objetivo de promover e divulgar os valores regionais.

Essas ações foram ampliadas mediante a utilização dos meios rádio, devido sua penetrabilidade e fácil acesso, e material impresso, como alternativa de suprir as clientelas mais carentes dos materiais didáticos específicos e necessários ao seu crescimento. Durante minha gestão, o efetivo trabalho do IRDEB na comunidade foi evidenciado por meio de campanhas de utilidade pública, promoção de novos valores e preservação dos valores culturais nacionais e regionais independente da emissão constante de notícias, comentando e analisando

os fatos. O Departamento de Jornalismo da Rádio Educadora foi fortalecido e estruturado para tal missão.

Preocupado com a preservação e promoção dos valores culturais, à frente do IRDEB promovi a organização de um acervo por meio de gravações de depoimentos de pessoas consagradas no cenário da música, literatura e folclore baiano. Realizamos inúmeras gravações ao vivo de eventos como festas populares, fatos pitorescos e espetáculos variados que tinham como cenário próprio o Estado da Bahia. Essa prática teve continuidade em outras administrações, tendo sido também incorporada pela televisão. Foram criados programas específicos de apoio à agricultura, colaborando com a política do governo para fixação da população rural, evitando o movimento migratório interno. Também foram criados programas direcionados à saúde. A ação do IRDEB nesta área foi voltada para a educação e esclarecimento da população por meio de programas especiais destinados à formação de hábitos de higiene e saúde, e do fortalecimento de noções sobre medicina preventiva, puericultura e nutrição. Inúmeros programas radiofônicos, campanhas, vinhetas e spots foram veiculados nas emissoras FM e OC do IRDEB e também nas emissoras comerciais da capital e interior, transmitidas nos horários da Portaria 568/80.

***

Em síntese, procurei fazer uma administração dinâmica e segura, direcionada para cumprir com os compromissos e metas planejadas, encontrando como obstáculos principais as pressões políticas de fora e de dentro do próprio governo. O IRDEB passou a ser notícia, a ter visibilidade e estava ocupando espaços que incomodava a muita gente. Na época, entusiasmado com os resultados que estávamos obtendo, não me preocupei muito com os pedidos políticos de contratação de pessoal até porque não tínhamos vagas, o que servia de justificativa direta e honesta.

Mesmo assim recebi inúmeras solicitações e pessoas que compareciam com autorização do próprio governador, como foi o caso de um cidadão feirense que compareceu pessoalmente ao meu gabinete, se apresentou como filho de um grande financiador da campanha de João Durval e que estava ali, naquele momento, para assumir uma função que lhe desse direito a carro com motorista. Parece piada, mas não é. Quando lhe comuniquei que não podíamos contratar nenhuma pessoa, pois o próprio governador baixara ordem nesse sentido, devido à reformulação administrativa que estava processando, e que o órgão

só tinha dois carros, um atendendo ao gabinete e outro aos serviços da instituição, o cidadão ficou indignado e não acreditou. Saiu do gabinete aborrecido e provavelmente deve ter ido se queixar em outras instâncias.

Quase que diariamente recebia telefonemas e/ou a visita de deputados, inclusive da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa que foi ao meu gabinete para conhecer os planos de implantação da Televisão Educativa e outros projetos. Recebia também dezenas de cartões de políticos, recomendando nomes de pessoas a serem aproveitadas na instituição, o que infelizmente eu não podia atender. No entanto, nunca deixei de receber pessoalmente os indicados, apresentando justificativas e que ficaria com o nome e telefone e endereço para contatos futuros. A quantidade de cartões era tão grande que passei também a telefonar para os deputados para explicar a situação e o que eu ouvia do outro lado era:

– Eu sei disso, mas o meu eleitor vem aqui e tenho que atendê-lo e encaminhá-lo para algum lugar. Se der certo ótimo, caso contrário, uma pena, mas fiz o que devia, ou seja, atendi ao eleitor encaminhando o pedido dele. Provavelmente, ele vai voltar novamente e farei novo cartão encaminhando ele para outra secretaria. – Foi o que disse um deles, tranquilizando-me.

***

Por outro lado, se eu não podia contratar, o secretário de Comunicação podia e ele contratou vários amigos dele pela SECOM e os colocava à disposição do IRDEB via Secretaria de Educação. Recebi várias pessoas que passaram a trabalhar no IRDEB, mas recebendo pela folha da Secretaria de origem. Aliás, eu também me aproveitei da possibilidade de levar para o IRDEB, à disposição, alguns funcionário públicos que eu conhecia e que trabalhavam em outros órgãos do governo e isto foi o que salvou a situação, pois, em alguns setores, precisávamos de técnicos específicos, como na gráfica e na contabilidade, por exemplo. Especificamente, convidei duas pessoas com quem eu já havia trabalhado em *A Tarde*: Dionée Costa, que era da EGBA e tinha trabalhado comigo do *Jornal de Utilidades*, e Everaldo Rocha, antigo diagramador do jornal que também trabalhou comigo, mas que era contador de profissão e pertencia aos quadros da Secretaria da Justiça. Os dois foram para o IRDEB à disposição.

Para administrar a instituição no primeiro momento foi muito difícil, mas, ao identificar pessoas comprometidas, começamos a inovar, delegando e

transferindo responsabilidades, e acompanhando de perto o desenvolvimento de cada setor e tomando as decisões necessárias. Surpreendeu-me, nos primeiros dias, constatar que o mato tomava conta dos jardins que estavam abandonados e, ao falar com o responsável, fui informado de que não havia verba para aquele tipo de serviço.

Coincidentemente, o pessoal da Limpeza Pública de Salvador estava solicitando o empréstimo gratuito do nosso auditório para realização de um evento e negociei que cederia desde que limpassem os jardins e áreas internas. Imediatamente, um batalhão de homens da Limpeza Pública chegou e limpou tudo, o que nos facilitou a manutenção. Com isso mostrei ao pessoal que podíamos ser criativos e encontrar soluções para as necessidades mais prementes mesmo sem ter recursos necessários.

Comecei a implantar uma cultura diferente na instituição, visitando todos os setores, conversando com os funcionários, sabendo como as coisas estavam andando e o que estava emperrando o funcionamento de cada setor. Conseguimos com isto motivar as pessoas que passaram a se envolver mais com o trabalho. Não fui um diretor de gabinete. Como eu era técnico e dominava a produção tanto de material impresso como de rádio, televisão, pude contribuir diretamente para que algumas modificações fossem realizadas. Sentava com os técnicos-produtores e dizia o que podia ser feito para melhorar e aos poucos, acredito, fui ganhando a confiança deles, pois até então consideravam o cargo de diretor como uma posição político-administrativa e que não se envolvia na produção dos materiais educacionais. Comigo foi diferente, pelo menos enquanto estive lá.

Promovia reuniões coletivas, com todos os coordenadores e gerentes, chefes dos núcleos, tomando as decisões de maneira colegiada, com a concordância de todos. Sabia ouvir e depois apontar soluções e sugestões. Tudo passou a funcionar e, à medida que os resultados começaram a aparecer, cresceu o comprometimento da maioria, pois sempre existem os que remam contra a correnteza, criando problemas e fazendo oposição, principalmente numa instituição como aquela, onde praticamente todos os funcionários eram ligados a algum político, quando não eram parentes deles. Assim, posso dizer que fiz o que foi possível fazer e não tenho arrependimentos em relação a ter ajudado e promovido inclusive alguns que ficaram contra mim. Num primeiro momento, fiquei deveras magoado, depois compreendi as idiossincrasias individuais e con-

tinuei de cabeça em pé, consciente de que cumpri com meu dever. Como disse Dalai Lama:

> *É engraçado como depositamos tanta confiança e tanto sentimento nas pessoas. Em pessoas que achávamos conhecer, mas, que no fim, só mostraram ser iguais a todos. E por esperar demais, sonhar demais, criar expectativas demais, sempre acabamos nos decepcionando e nos machucando cada vez mais.*

***

A minha saída do IRDEB acabou contribuindo também para o fim de meu casamento que estava se desgastando desde o final do doutorado nos Estados Unidos. Houve um processo judicial de separação consensual, apesar dos traumas que todo rompimento provoca e acaba atingindo, direta e indiretamente, aos filhos. Procurei compensar de todas as maneiras possíveis, mas tenho consciência de não ter atingido o meu objetivo. A partir da separação e da saída da instituição, algumas servidoras técnicas que trabalhavam em funções chaves em minha administração foram transferidas para outros órgãos da Secretaria da Educação com prejuízos, o que me deixou preocupado com a situação e passamos a nos reunir constantemente em busca de encontrarmos uma solução financeira para elas. Foi aí que começou o meu namoro com Heloísa e, como ambos estavam desimpedidos, depois de algum tempo morando sozinho num pequeno apartamento, no Jardim Apipema, passamos a conviver sob o mesmo teto, numa relação de amor e amizade que durou nove anos. Juntos, desenvolvemos vários trabalhos ligados à educação a distância

***

Foi durante o período em que eu dirigia o IRDEB que fui procurado pela primeira vez por Simon Hartog, da produtora independente inglesa Large Door, em 1983, que conhecia e tinha lido minha tese de mestrado sobre a televisão brasileira e queria produzir um documentário sobre a Rede Globo de Televisão, já àquela época considerada como a quarta maior rede de TV do mundo. Simon me escrevia constantemente como também me visitava em Salvador pelo menos duas ou três vezes por ano. Indiquei uma extensa bibliografia e relacionei pessoas com as quais ele deveria conversar. Quando o roteiro de *Muito Além do Cidadão Kane* ficou decidido, pude constatar que poucas foram as pessoas que ele ouviu que não tinham sido indicadas por mim.

Ele contratou uma produtora no Brasil, mas, na Bahia, queria que eu coordenasse a produção local, além de dar uma entrevista para o documentário, que foi dada. Na Bahia, além de marcar a entrevista que ele fez com Antonio Carlos Magalhães, ainda indiquei o professor Washington Souza Filho, meu amigo e então colega no Departamento de Jornalismo da UFBA, por quem tenho admiração e confiança, para coordenar a produção, as gravações e contratar o pessoal técnico necessário, tendo minha sugestão sido aceita por ambos.

Mesmo depois que saí do IRDEB, Simon Hartog continuou mantendo contatos comigo quando eu já estava novamente no jornal *A Tarde*. Em uma de suas correspondências, via fax, ele me solicitou novas informações e um texto que traçasse um perfil da televisão na Bahia, no que foi atendido prontamente. O original de um dos últimos faxes que Simon Hartog me enviou para o jornal *A Tarde*, um dos poucos que guardei, está reproduzido neste livro como documento comprobatório, e o texto traduzido é o que se segue:

LARGE DOOR LTD
41 & 45 BEAK STREET , LONDON W1R 3LE
Tel:. (071) 439 1301 Fax (071) 439 0849 TLX: 94013376
Para: Sergio Mattos, A TARDE
De: Simon Hartog
Data: 1 de março de 1991.

Caro Sérgio

Suponho que você tenha falado com Chantal Marmor, minha coordenadora de produção no Brasil, e que você está disposto a ser o nosso contato local para a produção em Salvador, bem como dar-nos uma entrevista para o programa.

O trabalho do "contato local" geralmente envolve pesquisa, organização e babá. Neste caso, a babá será mínimo. Chantal e eu chegaremos na noite de sábado, 6 de abril, de São Paulo. Vamos ficar na Bahia de 17 a 26 de março e você pode me encontrar no Leblon Inn, no Rio no telefone (021) 259-9030, e do dia 26 a 6 abril no Boulevard Eldorado, em São Paulo (011) 256-8833. Você, Chantal e eu teremos o domingo e a segunda-feira para finalizar a organização da gravação sessão, que terá lugar na terça-feira (9), quarta-feira (10) e quinta-feira (11) em Salvador e entorno.

No que diz respeito ao trabalho de organização, em colaboração com Chantal, você terá de marcar entrevistas com ACM (o mais importante) e Jorge Amado (não absolutamente essencial) antes de chegar-

mos, bem como providenciar o transporte local para as filmagens. Em relação a ACM, estamos fazendo um documentário sobre a televisão brasileira para a televisão britânica Channel 4 e queremos entrevistá-lo sobre a television na Bahia, como governador com "interesses" da mídia e como ex-ministro das Comunicações do Brasil. Aliás, vamos reembolsar todas as chamadas telefônicas e faxes que você precisar fazer de Salvador contra a apresentação de qualquer tipo de recibo.

Em a relação à pesquisa, eu preciso de um perfil "de TV em Salvador (e Bahia)", em cinco páginas no máximo, em Português. Eu também preciso saber: se existe, não muito longe de Salvador (apenas a algumas horas de carro) uma vila com um único aparelho de televisão pública e que tenha uma audiência significativa na praça; Se existe disponível material de TV (imagens em movimento), a partir dos primeiros anos de produção local; se existem notícias disponiveis de ACM como governador e como ministro das Comunicações (de preferência, produzidas pela emissora dele), bem como propaganda política de quando era governador e de quando ele foi um candidato, no ano passado; se existe algum caso claro de influência política na administração da emissora educativa local, além da nomeação política dos diretores.

Se qualquer emissora local tem imagens em movimento do almoço realizado em Brasília entre ACM, Roberto Marinho e Tancredo no dia em que Tancredo foi eleito (ou fotos de jornais locais); Chantal vai telefonar para saber se você recebeu este fax, se estava legível e compreensível e discutir o seu preço para este trabalho.

Cumprimentos
Simon Hartog

Entre o primeiro contato que tive com Simon até o vídeo documentário ficar pronto e vir a ser exibido em 10 de maio de 1993, no Channel 4 da BBC, se passaram dez anos. O vídeo, muito polêmico, e no qual apareço dando depoimento também, fez muito sucesso no Brasil em exibições alternativas nas faculdades, igrejas e sindicatos, pois estava proibido aqui. Antes mesmo de ser exibido pela BBC, a Globo tentou bloquear sua exibição na justiça inglesa. Perdeu, mas no Brasil conseguiu mantê-lo fora do circuito oficial, o que acabou transformando esse documentário em um verdadeiro *best seller* alternativo com milhares de cópias piratas, sendo produzidas e espalhadas por todo o país. O sucesso foi total porque era proibido, mas depois, por ironia, a própria Globo foi utilizada para a transmissão de alguns trechos do vídeo, reproduzidos com peça de campanha partidária, nos horários políticos do PT e do PDT. Ainda

hoje, em 2014, alunos dos cursos de comunicação continuam baixando o vídeo do You Tube.

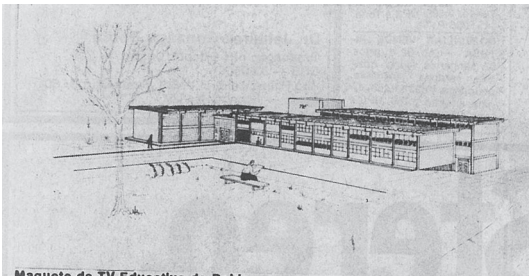
Um dos maiores promotores do vídeo no Brasil foi Geraldo Anhaia Mello um dos primeiros a exibir o documentário no país, em maio de 1993, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo, onde dirigia o setor de TV e vídeo. Ao ser proibido, pelo Palácio dos Bandeirantes, de continuar promovendo exibições oficiais no MIS, Geraldo Anhaia Mello confessa em livro, versão escrita do documentário, ter reproduzido centenas de cópias da fita e distribuído por todo o país:

> *Brazil Beyond Citizen Kane virou o Je vous salue Marie dos anos 90. Tirei centenas de cópias da fita em minha casa, que parecia um "aparelho", dos tempos do movimento estudantil. Dulce Muniz, do Sindicato dos Radialistas; Lígia de Paula Souza, do Sindicato dos Artistas; e Marçal, do Sindicato dos Bancários – ligado ao Deputado Luís Gushiken – cuidaram de ajudar na dublagem e distribuição de minhas cópias. Espalhamos o vídeo por centenas de sindicatos, escolas, igrejas e até comunidades indígenas. O momento maior foi a exibição com dublagem em um telão no Vale do Anhangabaú. Ou seja, graças a uma proibição mesquinha e covarde, Ricardo Ohtake [então Secretário de Cultura do Governo de São Paulo] propiciou ao vídeo Brazil Beyond Citizen Kane uma magnífica publicidade. O autor daquele documentário, Simon Hartog, teria ficado satisfeitíssimo.*[15]

Lamentavelmente, quando o vídeo foi exibido pela primeira vez em Londres, Simon Hartog, que chegou inclusive a morar alguns anos no país, não estava mais vivo para acompanhar o sucesso de público e de número de exibições no Brasil. *Beyond Citizen Kane* (Muito Além do Cidadão Kane) traça a história da televisão brasileira, mas o faz dedicando um bloco inteiro à manipulação de informação feita pela Rede Globo de Televisão na eleição presidencial de 1989, além de evidenciar o poder exercido por Roberto Marinho.

Quando o documentário foi exibido em Salvador, na Faculdade de Comunicação, da UFBA, alguns colegas professores e alunos ficaram surpresos com a minha participação no vídeo que estava sendo exibido como exemplo de luta e de denúncia contra o sistema.

[15] MELLO, Geraldo Anhaia. *Muito além do Cidadão Kane*. São Paulo: Página Aberta Ltda, 1994.



Maquete da TV Educativa da Bahia

Torre da TV Educativa será construída nos próximos meses

A TV Educativa baiana ainda não tem data determinada para sua inauguração, afirmou Sérgio Mattos, diretor executivo do IRDEB, embora seu projeto técnico já tenha sido aprovado e o projeto arquitetônico se encontre elaborado. De qualquer forma, nos proximos meses deverá ter inicio as obras de construção da torre de TV para a qual já foram liberados recursos.

O diretor do IRDEB ressalta que as medidas preliminares para a implantação da TV Educativa já foram tomadas, contando com uma estrutura de funcionamento esquematizada e a realização de contatos tanto para aquisição de equipamentos como contatos coma TV Educativa do Rio de Janeiro e a TV Cultura de São Paulo.

OBJETIVO — O Objetivo do Centro de Televisão do IRDEB não é competir com as Tvs comerciais, mas sim preencher as lacunas existentes criando alternativas para o público espectador e realizando pesquisas. A TV Educativa poderá experimentar inovações que outras emissoras não ousam devido ao grande compromisso entre elas e a audiência. Sérgio Mattos cita como exemplo realizações deste tipo na Rádio Educadora quando reservou um horário para divulgação de música erudita o que inicialmente causou grande queda em índices de audiência e depois tornou-se um programa de grande número de ouvintes, o que fez com que outras incluissem também a música erudita em sua programação.

O papel da tevê Educativa é estimular o surgimento de novos valores na comunidade local e estadual em termos de literatura, música, cinema, pintura e artes de maneira geral, mostrando o que está sendo feito na Bahia.

PRESERVAR — Para Sérgio Mattos, o que se vê na tv brasileira é a imposição de uma realidade urbana de Rio e São Paulo em termos de Brasil, no mais completo desrespeito às culturas regionais. Aí entram as tvs educativas que têm por obrigação preservar essa cultura regional estimulando e descobrindo grandes valores e, ao mesmo tempo, servindo de meio de apoio à educação no Estado.

Embora não exista ainda previsão para o início das transmissões da TV Educativa, o diretor executivo da IRDEB já conseguiu que as TVs Educativa do Rio e a Cultura de São Paulo colocassem à disposição seu acervo. Inicialmente a programação não contará com grandes produções locais, exceção feita ao telejornalismo, esportes e mesas-redondas que não exigem grandes recursos técnicos. Gradativamente, afirma Sérgio Mattos, a tv Educativa deverá se firmar como veículo de informação e difusão cultural, atingindo uma programação onde 80 por cento seja produção local e apenas 20 por cento de produção nacional proveniente de outras tvs educativas.

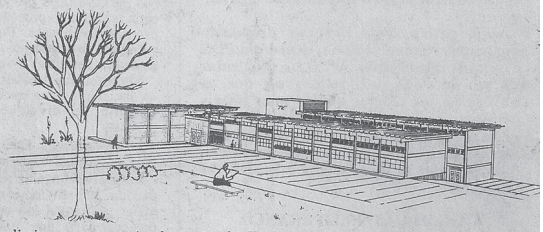
[71], [72] Muito tempo antes de minha demissão da direção do IRDEB, os jornais já haviam publicado notícias sobre os projetos em andamento para a instalação da Televisão Educativa da Bahia, inclusive com a maquete do prédio pronta.

[72.]

Começam as obras da TVE

"O objetivo da Televisão Educativa é preencher as lacunas existentes, criando alternativas para o telespectador" afirmou, ontem, o jornalista Sergio Mattos, diretor-executivo do Instituto de Radiodifusão do Estado da Bahia, fundação vinculada à Secretaria de Educação e Cultura entusiasmado com o início da construção da torre da TVE, prevista ainda para este semestre.

Esclarecendo que o projeto técnico da televisão se encontra aprovado e que o projeto arquitetônico está pronto, Sérgio ressaltou ainda que, embora sem data fixada para sua inauguração "já tomamos todas as providências preliminares para a implantação da TV Educativa na Bahia montando inclusive sua estrutura de funcionamento".

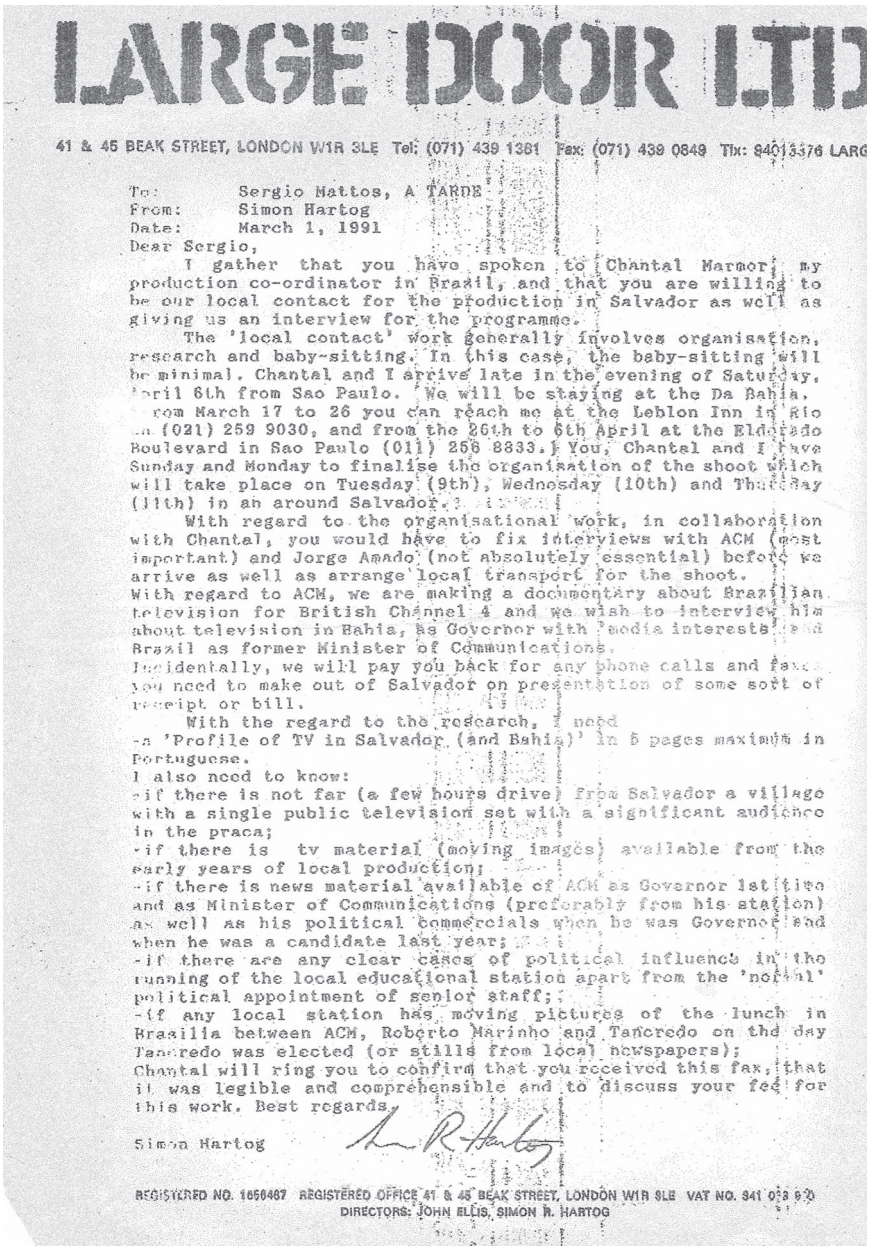


[73.]

Com o objetivo de divulgar projetos, compareci ao Conselho de Cultura fazendo uma exposição sobre a futura Televisão Educativa da Bahia.

[74.]

A meu convite, Comissão de Educação da Assembléia Legislativa da época também foi ao IRDEB para dar apoio e melhor se inteirar do que seria a televisão Educativa. Na foto, em sentido horário: Sérgio Mattos e os deputados Plínio Carneiro, José Rocha, Horácio de Matos, Murilo Leite, Vilobaldo Freitas e Gilberto Miranda.



LARGE DOOR LTD

41 & 45 BEAK STREET, LONDON W1R 3LE Tel: (071) 439 1381 Fax: (071) 439 0849 Tlx: 8401376 LARG

To: Sergio Mattos, A TARDE
From: Simon Hartog
Date: March 1, 1991

Dear Sergio,

I gather that you have spoken to Chantal Marmor, my production co-ordinator in Brazil, and that you are willing to be our local contact for the production in Salvador as well as giving us an interview for the programme.

The 'local contact' work generally involves organisation, research and baby-sitting. In this case, the baby-sitting will be minimal. Chantal and I arrive late in the evening of Saturday, April 6th from Sao Paulo. We will be staying at the Da Bahia. From March 17 to 26 you can reach me at the Leblon Inn in Rio on (021) 259 9030, and from the 26th to 6th April at the Eldorado Boulevard in Sao Paulo (011) 256 8833. You, Chantal and I have Sunday and Monday to finalise the organisation of the shoot which will take place on Tuesday (9th), Wednesday (10th) and Thursday (11th) in an around Salvador.

With regard to the organisational work, in collaboration with Chantal, you would have to fix interviews with ACM (most important) and Jorge Amado (not absolutely essential) before we arrive as well as arrange local transport for the shoot.
With regard to ACM, we are making a documentary about Brazilian television for British Channel 4 and we wish to interview him about television in Bahia, as Governor with 'media interests' and Brazil as former Minister of Communications.
Incidentally, we will pay you back for any phone calls and fax you need to make out of Salvador on presentation of some sort of receipt or bill.

With the regard to the research, I need
-a 'Profile of TV in Salvador (and Bahia)' in 5 pages maximum in Portuguese.
I also need to know:
-if there is not far (a few hours drive) from Salvador a village with a single public television set with a significant audience in the praca;
-if there is tv material (moving images) available from the early years of local production;
-if there is news material available of ACM as Governor 1st time and as Minister of Communications (preferably from his station) as well as his political commercials when he was Governor and when he was a candidate last year;
-if there are any clear cases of political influence in the running of the local educational station apart from the 'normal' political appointment of senior staff;
-if any local station has moving pictures of the lunch in Brasilia between ACM, Roberto Marinho and Tancredo on the day Tancredo was elected (or stills from local newspapers);
Chantal will ring you to confirm that you received this fax, that it was legible and comprehensible and to discuss your fee for this work. Best regards,

Simon Hartog

REGISTERED NO. 1656467 REGISTERED OFFICE 41 & 45 BEAK STREET, LONDON W1R 3LE VAT NO. 341 0[illegible]
DIRECTORS: JOHN ELLIS, SIMON R. HARTOG

[75.]

Facsimile do fax que Simon Hartog me encaminhou para a produção do documentário *Muito além do cidadão Kane*.

ROTULADO, QUALIFICADO E DESQUALIFICADO

Aquele que não conhece a verdade é simplesmente um ignorante, mas aquele que a conhece e diz que é mentira, este sim é um criminoso.

Bertold Brecht

Começo este capítulo com citações de dois ex-presidentes brasileiros, tidos como sendo um de esquerda e o outro de direita, embora o meu amigo, professor e sociólogo Ricardo Líper, afirme que "no Brasil não existe direita e esquerda, existem acordos". O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso diz que "de nada adianta buscar culpado nem guardar ressentimentos e menos ainda discutir lealdades. O melhor cimento das lealdades é a vitória". Já o ex-presidente Emílio Garrastazu Médici dizia que "em vez de jogar pedras no passado, vamos aproveitar todas as pedras disponíveis para construir o futuro".

Foi durante o período, após o retorno dos Estados Unidos, que experimentei e senti na pele o poder do processo de patrulhamento, de tudo quanto é ordem: cultural, ideológico, intelectual, político e social. Eram rótulos que procuravam me enquadrar ou desqualificar de acordo com o sabor dos interesses e do momento de quem partia as rotulações que me eram impostas. Foi um período que se estendeu por muito tempo, dentro da Universidade e nos meios jornalísticos, aumentando quando fui candidato a Reitor e estendendo-se até a aposentadoria da UFBA em 1997.

Certa feita, referindo-se aos invejosos e rotuladores de plantão, Mário de Andrade afirmou de maneira irônica que detestava "fazer acareação de desafetos que brigaram pelo majestoso cargo de secretário geral do coro. As pessoas não debatem conteúdos, apenas os rótulos. Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos, quero a essência, minha alma tem pressa". Mais especificamente, referindo-se aos invejosos e aos medíocres, ele desabafou: "Já não tenho tempo para lidar com mediocridades. Não quero estar em reuniões onde desfilam egos inflados. Inquieto-me com invejosos tentando destruir quem eles admiram, cobiçando seus lugares, talentos e sorte".

Faço minhas as palavras de Mário de Andrade.

***

Apesar de nunca ter me filiado a nenhum partido político, quando do interesse de alguns, para me ter como aliado ou para me desqualificar perante outros, costumavam me rotular, de posições até mesmo antagônicas. Simultaneamente, fui rotulado como: comunista, esquerdista, americanizado, direitista, reacionário, quadrado, e de "estar assim" com os milicos, diziam juntando os dedos indicadores para atribuir uma possível aproximação minha com os militares.

Curiosamente, o fato de terem dito que eu estava ou era ligado aos militares se deu quando por indicação do jornal *A Tarde*, leia-se Arthur Couto e Jorge Calmon, proferi duas palestras durante o V e o VI Ciclos de Estudos de Estratégia da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), respectivamente no dia 3 de junho de 1991 e 18 de maio de 1992, no Rio de Janeiro. No ano de 1991, apresentei um trabalho abordando os impedimentos existentes para a liberdade de comunicação em época de conflitos, aproveitando como gancho a primeira invasão do Iraque pelos Estados Unidos.

O texto que apresentei serviu de base para a publicação do livro *Censura de Guerra – Da Crimeia ao Golfo Pérsico*, que foi lançado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia (SINJORBA). Apesar de estar denunciando o processo de censura aplicado pelos Estados Unidos a toda a imprensa mundial, na Universidade, fui, na surdina, discriminado e criticado por colegas que apontavam, baseado na minha ida à ECEME, possíveis "vínculos com os militares", passando a ser uma pessoa classificada como "perigosa" nos conceitos do patrulhamento ideológico em vigor.

No ano seguinte, 1992, a direção da ECEME solicitou novamente ao jornal a minha participação. Tendo sido liberado, comecei a pensar sobre o tema a ser abordado, tendo em vista que não podia repetir a mesma palestra. Considerando que a censura policial exercida pelo regime de exceção se caracterizava como conflito para o exercício da liberdade de expressão, adotei como tema os conflitos vividos pela imprensa durante o período do Regime Militar, de 1964 a 1985.

Li o texto de minha palestra durante cerca de 30 minutos e no grande auditório da ECEME fez-se um silêncio sepulcral. Ao descer do púlpito, quando me sentei ao lado do jornalista Boris Casoy, outro palestrante convidado do dia, ele me disse:

– Teje preso, professor!

Mas nada disso ocorreu e continuei sendo tratado cordialmente pelos oficiais presentes e pela direção da Escola. Talvez eles tenham se sentido agredidos pelo tema, o que não foi minha intenção, mas também não comentaram. A única evidencia de insatisfação registrada foi o silêncio sepulcral.

À minha fala, seguiu-se um amplo debate no qual pude expressar melhor os meus pontos de vista. No entanto, a partir daquela intervenção, nunca mais fui convidado a retornar à ECEME, e mais uma vez fiquei sob fogo cruzado. Se foi ingenuidade ou ousadia de minha parte, levar um tema tão delicado para tratar na Escola dos futuros generais, continuo em dúvida, pois entendo que, como estávamos num ambiente de estudo e vivendo o início de reconstrução democrática e não mais de conflitos ideológicos, o assunto tratado devia ser visto como fato histórico e motivo de estudos a serem desenvolvidos pela própria ECEME.

A partir dos livros *Censura de Guerra (1991), O Controle dos Meios de Comunicação* (1996), e nos textos apresentados na ECEME, ampliei minhas observações e análises sobre as relações entre o Estado e os meios de comunicação, resultando na publicação de um novo livro intitulado *Mídia Controlada – a história da censura no Brasil e no mundo*, publicado pela Editora Paulus, de São Paulo, no ano de 2005. Nesse livro, descrevo e contextualizo a história da censura, além de analisar a censura exercida em períodos de conflitos armados. Além disso, procuro pontuar as novas formas sutis de censura que estão sendo impostas aos veículos de comunicação em particular e à sociedade em geral, destacando que a indiferença é uma forma de censura aplicada ao cidadão tão eficaz quanto o assassinato. E a censura da indiferença tem sido utilizada por todos, pelos colegas em seus ambientes de trabalho e de convivência, pelos meios de comunicação e pelo Estado.

***

Fui também por muito tempo classificado como Carlista (seguidor de ACM), sem, no entanto, nunca ter trabalhado diretamente com ele ou ocupado cargos de primeiro ou segundo escalão de seus governos como alguns integrantes do grupo da patrulha ideológica fizeram, apesar de serem assumidamente de "esquerda", mas nunca deixaram de se beneficiar das oportunidades oferecidas por Antonio Carlos Magalhães. Durante o primeiro governo de ACM, prestei

serviço como jornalista, atuando como assessor de imprensa da Secretaria de Agricultura.

Politicamente, sempre assumi a posição do bom senso, aprovando propostas e dando o meu apoio às decisões e atitudes que me pareceram como certas, equilibradas, ponderadas e em benefício da coletividade. Dentro do contexto político brasileiro e do contexto regional, esta foi e é uma posição que pode ser considerada como uma atitude ingênua ou romântica, como dizem outros, mas foi a que abracei e não me arrependo disso.

Sempre procurei manter uma posição independente, liberal e democrática, sem ser covarde, assumindo posições em defesa de valores, princípios e pontos de vistas, mesmo contrariando a amigos e colaboradores. Sempre fui leal com os amigos, respeitando-lhes as ideias, independente de suas posições ideológicas, de credo, raça ou de opções sexuais. Graças a esta atitude consegui dialogar com os contrários, desenvolvendo e mantendo amizades com profissionais dos mais variados grupos político-ideológicos, sejam da direita, do centro ou da esquerda.

Aliás, na contemporaneidade e com a atuação política partidária brasileira em voga, torna-se difícil identificar o que venha a ser uma posição de direita ou de esquerda. Como sarcasticamente define o poeta Ferreira Gulart: "Quando ser de esquerda dava cadeia, ninguém era. Agora que dá prêmio [indenização], todo mundo é".

***

Durante minha vida profissional sempre estive exercendo cargos, funções ou a liderança de algum grupo ou movimento. Nunca pisei nos subalternos, nunca persegui ninguém e dentro do possível sempre procurei ajudar as pessoas sem nunca cobrar algo em troca, nem mesmo gratidão ou reconhecimento. Aliás, como disse Demóstenes, "a inveja é uma doença, enquanto a gratidão tem um lugar entre os deuses". Quando ajudei a muitos, ajudei porque podia e porque quis. Nunca precisei lembrar a ninguém sobre quem era o chefe, pois acredito que liderança se conquista naturalmente se você entende do ofício e as pessoas respeitam o seu saber.

Quando no exercício de qualquer chefia, nos jornais, nos cursos universitários onde desempenhei funções ou à frente de instituições culturais, sempre procurei uma atitude democrática firme na condução dos trabalhos, tomando

decisões colegiadas, assumindo os erros da equipe e compartilhando os sucessos, pois sei, para usar um chavão, que errar é humano, mas se aprende com os erros. Em todas as atividades que exerci, o maior problema que sempre encontrei foram as tramas urdidas pelos invejosos, no sentido de solapar o meu caminho e o trabalho desenvolvido.

Apesar disso, trilhei e continuo trilhando o meu caminho. Afinal de contas, conhecimento e experiência são as únicas coisas que ninguém pode tirar da gente, exatamente por isso nunca tive medo de perder cargos e funções, pois, como disse Confúcio, "a nossa maior glória não reside no fato de nunca cairmos, mas sim em levantarmo-nos sempre depois de cada queda".

E isso, apesar do sofrimento e da angústia, eu sempre soube fazer: dar a volta por cima, tanto na vida íntima quanto na vida profissional.

***

Quanto à minha capacidade de gerenciamento, liderança e inteligência, já fui rotulado de inúmeros títulos a depender de quem teve os interesses pessoais contrariados ou beneficiados, direta ou indiretamente, nas mais diversas situações em que estive com poder de mando em minhas mãos. Já fui considerado e rotulado de burro, sujeito limitado, incompetente ou competente no que fazia, ditador, ardiloso, mentiroso, "Caxias", carrasco, arrogante, disciplinado, organizado e até mesmo de sujeito "muito inteligente e capaz, mas intransigente". Em contra partida, nunca fui chamado de ladrão ou de corrupto. Fiquei sabendo que alguns poucos andaram investigando minha vida profissional nada encontrando para me imputar acusações desse tipo, pois nunca aceitei qualquer situação que fosse ao encontro dos meus princípios ou que faltasse com a ética e à moral profissional ou pessoal. Como jornalista, ganhei credibilidade e a confiança das fontes, procurando sempre ouvir a todos e todas as versões, sempre em busca da verdade e nunca deixei de dar espaço para o direito de reposta.

***

Nunca fui nem quero ser o dono da verdade, sempre procurei entender as limitações e a genialidade das pessoas ao meu redor. Prestigiando os abnegados, os capazes e os protegendo, compreendo os que não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive na vida. Mas não vejam esta afirmativa e atitude como as

de um santo, pois não o sou. Pelo contrário. Tenho muitos defeitos, fraquezas e, como o Papa Francisco, também sou um pecador.

Procuro superar as minhas deficiências por meio da disciplina e da dedicação ao trabalho. Sempre procurei me dedicar, de corpo e alma, a tudo em que estive envolvido para superar meus defeitos, mas nem sempre obtive êxito total. Procurei sempre confiar em boas ideias, desde que bem fundamentadas, e conservar a autoestima, tendo em vista a força e a verdade contidas no pensamento de Nathaniel Branden, ao afirmar que "as pessoas com autoestima elevada certamente podem ser derrubadas por um excesso de problemas, mas são rápidas em recuperar-se".

Mesmo assim, já fui rotulado, entre muitas outras coisas, também como: astuto, calculista, conciliador, corajoso, escorregadio, escroto, desconfiado, frio, frouxo, bom caráter, mau caráter, matreiro, ousado, poderoso e, completando o quadro, de conquistador.

Partindo do ponto de vista de cada um, como diria o poeta Pablo Neruda, é possível que todos eles tenham um pouco de razão e também um pouco de falta de razão em seus julgamentos. Por ser paciente, por saber ouvir e escutar, sempre fui procurado para aconselhamento. Já ajudei a muitos com esta atitude, muitas vezes mal interpretada, outras vezes bem aceita. No entanto, no imaginário popular, quando no trato com o sexo oposto, mesmo sem qualquer interesse, envolvimento ou relacionamento mais estreito, fui identificado como um grande conquistador.

É claro que, como homem, namorei, me apaixonei e me casei com mulheres marcantes, mas nunca cheguei nem perto das conquistas que me são ou foram atribuídas. Nunca fui um conquistador, tipo don Juan ou paquerador inconsequente, pois neste campo, apesar de não parecer, sou tímido e procuro não magoar e nem ser magoado à toa. O que foi um objetivo nem sempre alcançado.

Confesso, no entanto, que talvez por vaidade masculina, nunca me preocupei em confirmar ou negar essa fama de conquistador, adquirida não sei nem como. Quando comentada em minha presença, limitava-me a sorrir. Talvez essa seja uma das minhas maiores fraquezas, tendo em vista que de certa forma a fama de conquistador atrapalhou e criou vários problemas nos meus relacionamentos afetivos, estimulando ciúmes e suas consequências, deixando marcas

nas pessoas. Sobre as marcas do amor, escrevi um poema intitulado simplesmente "Marcas":

O amor deixa marcas
na alma, no corpo
e nas lembranças.

As marcas deixadas
são nossas vivências,
ansiedades e experiências,
nem sempre reveladas.

Não sei
por onde andam as mulheres
que um dia tanto amei.

Não sei se marcas lhes deixei.
– Espero que boas cicatrizes
porque, como ator e atrizes,
teremos que um dia senti-las
com todos os seus matizes.
(1994)

* * *

Ao longo da vida adotei alguns lemas que procuro seguir. Além dos já citados, acrescentaria também o pensamento de Charles Chaplin ao dizer: "Lute com determinação, abrace a vida com paixão, perca com classe e vença com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito curta para ser insignificante."

* * *

Nos círculos intelectuais fui e ainda sou classificado por muitos como sendo um "poeta menor", intelectual limitado, vaidoso, orgulhoso, simples e humilde, e de me aproveitar da influência do jornal onde trabalhava para vender livros e para construir a fama de realizador e de agitador cultural. Imagine-se que, para o desespero e inveja de alguns, no período de onze anos após ter deixado o jornal *A Tarde*, de 2003 a 2014, publiquei um total de 20 livros, sendo onze ensaios acadêmicos e oito livros na área literária, incluindo livros de poemas, novelas, romance e três biografias.

Sempre vendi bem meus livros porque sempre soube trabalhá-los, nunca deixando de atender aos convites para palestras e lançamentos independente da quantidade de livros a serem vendidos ou do tamanho da plateia. Sempre procurei respeitar os que procuravam me ouvir e ler o que eu escrevia.

Foi assim *ralando* muito, viajando por todo o interior da Bahia e cidades do país, de carro, ônibus e avião, principalmente da região Nordeste, que construí um nome, sacrificando a convivência com a família e meus dias de folga e feriados para cumprir compromissos culturais, proferindo palestras e promovendo lançamentos de livros. É bom relembrar, como já foi dito em capítulos anteriores que, desde o meu primeiro livro individual, em 1973, que passei a circular pelas cidades baianas, conhecendo escritores, suas associações, academias e os jornalistas regionais. Soube criar boas amizades e tenho certeza de que parte do sucesso obtido nessas aventuras deve-se à amizade, à confiança e à lealdade dos amigos.

Na área acadêmica, também sofri algumas restrições, mas consegui superá-las, pois meus trabalhos são reconhecidos no resto do país e no exterior, o que me gratifica, e muito. Como disse o professor doutor José Marques de Melo, no prefácio do meu livro *O Contexto Midiático*:

> *Por mérito próprio e reconhecimento coletivo, Sérgio Mattos ocupa, hoje, o posto de historiador principal de nossa televisão. Seu percurso inicial é demarcado pela tese de mestrado sobre o impacto do golpe militar de 1964 em nossa televisão (1980). Publicado em inglês, esse trabalho foi considerado por Emile McAnany um "modelo para a pesquisa em comunicação no futuro" antevisto como "intensamente internacionalizado".*
>
> *[...] cearense de nascimento, mas baiano por opção, Sérgio Mattos poderia ser, como tantos acadêmicos de sua geração, um pensador provinciano. Ao contrário, ele se tornou um intelectual que cultua a cidadania global, transitando com desenvoltura entre os espaços nacionais e os ambientes internacionais [...] onde frequentemente tem dialogado com pensadores das mais variadas procedências.*

SEXTA PARTE
(1985-1999)

EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Há homens que lutam um dia e são bons. Há outros que lutam um ano e são melhores. Há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e esses são imprescindíveis.

Bertolt Brecht

8

DESCOBERTAS, SUCESSO E PERDAS

A obra memorialista marca uma confluência entre os fatos históricos e os fatos de caráter pessoal. Demarcado um espaço de rememoração, ela transita no tempo e o eu narrador narra não só os acontecimentos vividos, experienciados, mas os fatos narrados por outros, inclusive os registrados na e pela história. História e memória estão imbricadas.

Carla Quadros de Araújo

Segundo os conceitos de Philippe Artiéres[1], publicados na *Revista Estudos Históricos*, ao registrarmos nossa história pessoal, "fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens". De certa forma, ele está certo no que tange à omissão, pois seria impossível reproduzir todas as passagens de uma história de vida, mas corretíssimo quando afirma que o narrador destaca e valoriza fatos que foram importantes na construção do sucesso ou fracasso de sua própria vida. Discordo quando Artiéres generaliza afirmando que para relatar a própria vida o autor manipula, rasura e elimina aspectos de sua existência.

É possível que alguns o façam, mas este não foi e não é o meu propósito. Algumas passagens foram deixadas de lado, como outras ainda o serão daqui para frente, porque as considero como passageiras ou porque são recortes de vida que envolvem particularidades afetivas de outras pessoas que não gostariam de torná-las públicas. Assim, os namoros, as paixões, platônicas e reais, as aventuras, as conquistas e decepções sexuais que tive ao longo de minha vida não serão relatadas aqui em respeito à privacidade dessas pessoas. Porém, posso registrar que todos os envolvimentos, cada um ao seu modo, deixaram marcas indeléveis em minhas memórias, algumas gratificantes com sabor de tranquili-

[1] Cf. ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida In: *Revista Estudos Históricos.* Vol. 11, n. 21. 1998.

dade, ainda que passageira, outras frustrantes com sentimento de intranquilidade e insegurança, porque foram vividas intensamente no contexto do momento enquanto durou a chama do amor-paixão ou do espírito de aventura. Só serão nominadas as três mulheres, cada uma à sua maneira e com características diferentes, com as quais mantive um relacionamento de convivência duradouro e consistente, ou seja, a mãe de meus filhos Paula e Rafael, a jornalista Maria Helena, com quem estive casado durante 14 anos; Heloísa, que é pedagoga, professora e funcionária pública, com quem vivi um relacionamento estável por nove anos ao lado dos enteados, Gustavo e Alessandro; e a cirurgiã-dentista Denise com a qual estou casado desde 1995 e meus três enteados Rafael, Thaís e Marcelo, tendo oficializado a união com o casamento civil realizado em 2003.

Três mulheres determinadas, desconfiadas, possuidoras de personalidades fortes, de raciocínio rápido, de estilos e hábitos diferentes, mas que, sob o meu ponto de vista, têm em comum o fato de sempre terem uma resposta pronta e imediata para as ocasiões em que se sentem confrontadas ou ameaçadas e que nunca levam desaforo para casa.

* * *

Deixo de revelar os casos do coração, no entanto, não deixo de contrariar certos interesses, públicos ou privados, revelando dados, sem rasurá-los, que tenham interferido no meu processo de vida. Quando examino documentos relacionados à minha trajetória, percebo uma quantidade imensa de rupturas, de mudanças marcantes que contribuíram para eu vir a ser esta pessoa que sou, muitas vezes considerada, por terceiros, como chata, simpática, antipática, alegre e carrancudo, promíscuo, arrogante, egoísta, manipulador, mentiroso, narcisista, oportunista, prepotente, vaidoso e pragmático, entre outras classificações que já foram abordadas, no capítulo que trata dos rótulos que já me foram atribuídos.

* * *

Assim, esta fase de busca de novos caminhos começa depois de duas rupturas: uma pessoal, a separação da mãe de meus filhos, e outra, de caráter profissional, a demissão da Fundação IRDEB. Esta foi a fase da maturidade, vivida intensamente, entre os meus 37 e 51 anos de idade, quando obtive resultados positivos nos trabalhos realizados e comecei a receber o reconhecimento público pelos atos praticados e devido à minha participação efetiva na comuni-

dade. Um desses reconhecimentos mais marcantes foi a festa dos meus 50 anos, organizada por dois amigos: Sônia Araujo, ex-aluna da FACOM, e por Eliézer Varjão, um dos jornalistas de minha turma do Curso de Jornalismo da UFBA, ambos colegas no jornal *A Tarde*. Nesse jantar de adesão, eles conseguiram reunir, em um dos salões do belíssimo prédio da Casa do Comércio, inúmeros amigos meus, de todos os ramos de atividade, e pude, já ao lado de Denise, desfrutar da simpatia de todos. Um momento registrado em dezenas de fotografias que guardo como uma das recordações mais valiosas, sem qualquer ranço de pieguice, pois nelas estão registrados laços de amizade e de companheirismo livres de outros interesses.

***

Coincidentemente, nessa fase de minha vida, a situação política do país também estava mudando com a instalação da Nova República, após 21 anos de regime de exceção. Essas rupturas mudaram o direcionamento de minha vida novamente, com uma nova história de amor, vivida intensamente por nove anos ao lado de Heloísa, de 1985 a 1994. Essa fase marca também, em 1985, o meu retorno ao jornal *A Tarde*, onde desenvolvi vários projetos, destacando-se o de *A Tarde Municípios*, que tanto sucesso fez.

Foi ao longo desta fase, cheia de descobertas, de sucessos profissionais, de viagens, nacionais e internacionais, de um maior envolvimento com o esoterismo, que sofri abalos pessoais como a morte prematura de minha mãe, em 1993, seguida de uma nova separação, de Heloísa, em 1994, e o início de outra história de amor ao lado de Denise. A morte de minha mãe, que comandava o cenário familiar, reunindo todos os filhos, noras, genros e netos foi um choque. A família jamais foi a mesma depois de sua partida sofrida e lenta por causa do câncer no pulmão adquirido com o cigarro. O trabalho que ela desempenhava para resolver e contornar os problemas familiares a transformava numa verdadeira artista, um poço cheio de arte, jogo de cintura, alegrias e sofrimentos, compartilhados com o sucesso e o fracasso de seus herdeiros. Para ela, quando de sua morte, comecei a tecer um poema que só terminei anos depois intitulado "Artista":

Como uma vela que arde,
destemida, iluminastes a vida.
Sem alarde, partistes numa tarde

adormecida em sonhos de suicida.
Sentidos e gemidos foram banidos.
Deixastes, no entanto, valorizada arte,
perdida em galerias consentidas,
reconhecidas, no geral e em parte.
Que importa se estás morta?
Lento, perdi meu pensamento
e o coração fechou a porta.
Mistério há no cemitério:
Lamento, alento e tormento,
conforto e silêncio de monastério.

***

Foi nessa fase que consolidei minha atuação como agitador cultural e como pesquisador acadêmico com o lançamento de livros na área de comunicação, fui eleito presidente – fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro (1990) – e presidente-fundador da ALAS – Academia de Letras e Artes do Salvador (1999), o mesmo ano em que lancei a revista de arte e cultura *NEON*. Em 1987, fui candidato a reitor da UFBA, de onde me aposentei proporcionalmente em 1997. Realizei muitas viagens nesse período sempre buscando raízes culturais e satisfazendo minha curiosidade em relação à evolução dos meios de comunicação nos países visitados.

Acredito piamente no que disse Alfhonse de Lamartine sobre o homem e a necessidade dele de viajar, de conhecer e de se completar: "Não há homem completo que não tenha viajado muito, que não tenha mudado vinte vezes de vida e de maneira de pensar". Foi por isso que ao longo dessa fase procurei, de todas as maneiras, empreender viagens, fossem elas intermunicipais, dentro do próprio Estado da Bahia, fossem elas nacionais ou internacionais. Viajei a trabalho, fazendo pesquisas ou como simples turista, mas aproveitei o tempo, tendo inclusive escrito sobre muitas de minhas viagens e contatos que mantive.

Desde minha primeira viagem internacional, em 1976, quando conheci mais de 20 cidades da Inglaterra, além de visitar outras da Escócia, França e Suí-ça, não desisti da ideia de conhecer e estudar fora do país. Em 1978, fui estudar nos Estados Unidos, tendo retornado a esse país várias vezes como turista ou como pesquisador, para apresentar trabalhos na área da Comunicação. Como turista voltei à Inglaterra e à França duas vezes, além de ter visitado a Bélgica,

Espanha e a Suécia no continente europeu, enquanto na América do Sul visitei a Argentina, Paraguai e o Uruguai. Dos 21 países que compõem o Caribe visitei: Aruba, Bahamas, Barbados, Cuba, Curacao, Granada, Santa Lucia, São Vicente, Trinidad-Tobago. Ao México, fui duas vezes, uma como turista, outra como pesquisador engajado num programa de estudos binacional, Brasil-México, patrocinado pelo CNPq e realizado pela INTERCOM. Pelo CNPq também estive na África do Sul, integrando uma missão científica chefiada pelo Dr. Elias Machado e em companhia de outros doutores: Antonio Hohlfeldt, Carlos Franciscato e Marcos Palácios. Na oportunidade, apresentei dois trabalhos, um sobre o ensino do jornalismo e da comunicação no Brasil e outro sobre a Censura no Brasil.

Como jornalista, a trabalho, visitei e escrevi sobre a Alemanha, Argentina, Bélgica, Cuba e Suécia. No jornal *A Tarde,* publiquei vários artigos e reportagens como fruto dessas viagens. A viagem a Cuba resultou em vários artigos e reportagens com minhas impressões sobre a Ilha. Os artigos foram reunidos, posteriormente, como um livro de viagens, intitulado *Abre-te, Cuba!,* lançado em 2009, aproveitando a deixa dos 50 anos da Revolução Cubana. Estive na Alemanha, logo após a queda do Muro de Berlim a convite do governo alemão, tendo percorrido o país de norte a sul, de leste a oeste, de barco, trem, carro e avião. Foi a época da unificação da Alemanha e eles queriam mostrar as diferenças de desenvolvimento existente entre as duas partes e, assim, a viagem foi muito instrutiva, mas com sabor de propaganda ocidental. Quando do meu retorno escrevi vários textos publicados no *A Tarde*, mostrando as semelhanças e diferenças entre o desenvolvimento alcançado pelas duas Alemanhas (Ocidental e Oriental), que foram unificadas. Um livro contendo minhas impressões dessa viagem foi um dos projetos que não consegui realizar.

Ressalto aqui que, dentre todos os países que já visitei, a Alemanha foi o que mais me impressionou como capacidade de reestruturação, pela disponibilização da tecnologia ao alcance de todos os cidadãos e não apenas para os mais abastados e pela valorização da cultura e preservação do patrimônio arquitetônico, onde o velho e o moderno se complementam. O sistema de cooperativa alemão é dos mais antigos e perfeitos do mundo, e países como Brasil deviam seguir o modelo. Escrevi sobre a história e o papel das cooperativas na Alemanha e fiquei sabendo depois que, tanto na Faculdade de Agronomia como na de Ciências Econômicas da UFBA, meu texto, publicado no *A Tarde,* era usado em salas de aulas. A preocupação da Alemanha com o meio ambiente foi um dos

pontos que mais despertaram minha atenção. Em um dos textos[2] que publiquei sobre a viagem, registrei:

> *Num país altamente industrializado como a Alemanha, a defesa do meio ambiente, além de se constituir numa atitude de sensatez ecológica é, também, uma necessidade econômica. Isto porque, preservando a atmosfera, as águas e o solo, os alemães estão protegendo as bases produtivas da economia do país [...].*
>
> *[...] O Programa de Proteção ao Meio Ambiente na Alemanha está montado nos mesmos moldes dos grandes programas das Nações Unidas e da Comunidade Europeia. Entretanto, na Alemanha existe o consenso de que os problemas de poluição ambiental só podem ser resolvidos de uma maneira conjunta e profissional por parte de todos os países e através da consciência ecológica que deve ser desenvolvida e estimulada em cada cidadão.*
>
> *Este sentido de cooperação e de consciência são necessários porque os problemas do meio ambiente desconhecem fronteiras físicas, raciais ou econômicas. As contaminações do ar e da água não podem ser solucionadas se não houver uma cooperação bi ou multinacional voltada para a preservação do meio ambiente, visando melhorar a qualidade de vida do presente e assegurar a do futuro. Uma prova de que a poluição não respeita fronteiras é a constatação de que metade da poluição com óxido sulforoso na Alemanha vem do exterior, enquanto metade do óxido sulforoso liberado na Alemanha é levado pelo vento para outros países. Exatamente por isso é que se conclui que o combate á poluição do ar é uma tarefa internacional.*

Apesar de muito complexa, a política de defesa ambiental na Alemanha concentra-se, basicamente, no combate à poluição atmosférica, proteção às águas e mares, ecologia e paisagismo, poluição sonora e lixo. Em relação aos cuidados de proteção contra a poluição das águas, fiz o seguinte registro:

> *Através da construção de estações depuradoras e sistemas de esgotos, bem como da lei de taxas de esgotos, o governo conseguiu diminuir os poluentes nas águas servidas e pretende, no futuro, eliminá-los, totalmente, já na fonte. Para tanto, a engenharia alemã vem aperfeiçoando as técnicas de*

[2] Estive na Alemanha no início do ano de 1991, a convite oficial do governo, através da Inter Nationes, quando tive a oportunidade também de visitar os setores de produção agroindustriais. O texto do qual os parágrafos acima foram extraídos foi publicado no suplemento A Tarde Rural, do qual eu era editor, nas páginas 6 e 7, do dia 26 de abril de 1991 sob o seguinte título: "Economia alemã mantém níveis sem prejudicar o meio ambiente".

contenção e depuração e continua desenvolvendo os processos de tratamento de água, preservando, assim, as suas reservas naturais.

Durante uma visita que fizemos a um matadouro-modelo, "Sudvieh Hmbd/Sudfleisch Gmbh", na localidade de Waldkraiburg, na Baviera, tivemos oportunidade de verificar todo o processo de depuração das águas servidas pela própria empresa que, não podendo lançá-las no sistema público ou nos rios da região, é obrigada, por lei, a tratá-la e reutilizá-la. Para tanto, paralelo ao imenso matadouro com capacidade para abater 1500 cabeças de gado por dia, foi instalado um sistema de tratamento de água a um biodigestor para aproveitamento dos resíduos e produção de biogás.

Existe uma consciência em formação entre os agricultores alemães, com quem tivemos oportunidade de contatar, de que se a poluição não for controlada na terra, ela acabará nos rios e nos oceanos. Isto porque os poluentes são levados pelos rios e pelo ar e inúmeros tipos diferentes de detritos acabam sendo lançados no mar. O índice de poluição dos rios alemães ainda é considerado alto, mas a situação tem melhorado muito nos últimos anos. Por exemplo, o teor de oxigênio do Rio Reno, nos trechos mais afetados, subiu, nos últimos 10 anos, de 4 para 9mg/litro, o que já é considerado um índice normal.

Para atingir estes índices, os agricultores alemães estão sofrendo limitações no que concerne a utilização de fertilizantes, até mesmo os de origem animal, nas terras próximas a lençóis freáticos ou de reservatórios de águas. São medidas que visam a evitar a contaminação das reservas potáveis através de produtos químicos (agrotóxicos e fertilizantes) que não são facilmente elimináveis e podem ser filtrados através da terra. Com estas medidas o governo tem conseguido diminuir a poluição dos rios e já está adotando outras, que visam proibir, a partir deste ano [1991], todos os despejos e depósitos de detritos próximos às águas dos rios e em regiões marinhas, buscando defender também o Mar do Norte da poluição.

Como o aproveitamento do solo nas áreas urbanas, seja par construção de prédios seja de estradas, acaba prejudicando também a estrutura e a reserva de águas freáticas, todo e qualquer planejamento paisagístico na Alemanha deve levar em consideração a Lei Federal de Defesa Natural. Esta lei obriga a qualquer construtor compensar as intervenções consideradas inevitáveis no meio ambiente. As compensações acabam sendo a criação de áreas de defesa natural e paisagística.

***

Fui a Bruxelas, na Bélgica, a convite do Mercado Comum Europeu, mantendo contatos com várias autoridades do parlamento e com empresários

e produtores privados para entender melhor o funcionamento do sistema e das expectativas que tinham em relação ao Brasil e, principalmente, em relação aos Estados Unidos e Japão que competiam entre si, desde meados dos anos 1980, para penetrar no mercado consumidor europeu. Junto às entidades dos produtores rurais senti uma reação muito forte contra os produtos brasileiros que estavam competindo e entrando com facilidade no mercado europeu. Na época, não muito diferente de agora, defendiam medidas protecionistas contra os produtos dos países emergentes. Ao visitar o parlamento europeu, no qual se fala todas as línguas dos países membros, me senti como se estivesse visitando a Torre de Babel, no sentido da mistura das línguas, que, apesar de diferentes todos os participantes, trabalham com um objetivo comum.

Como jornalista convidado pelo Mercado Comum Europeu eu poderia também visitar outro país da comunidade e como não conhecia ainda nenhum país escandinavo, escolhi a Suécia, mais precisamente Estocolmo, a capital do país que detém o mais alto nível de qualidade de vida do mundo e na qual a seleção brasileira de futebol sagrou-se Campeã do Mundo em 1958. Escolhi Estocolmo devido à minha curiosidade em conhecer a terra dos vikings, visitar os famosos museus, palácios, teatros e navegar por meio dos inúmeros canais que separam as centenas de ilhas e ilhotas que forma o arquipélago chamado Estocolmo. Tive oportunidade de visitar em Estocolmo, eleita no ano de 1998 como a capital Europeia da Cultura, dois palácios considerados pela UNESCO como Patrimônio Culturais da Humanidade: o Palácio Drottningholm e o Palácio Skogskygarden. Além da parte turística, mantive contatos oficiais com várias autoridades locais, vinculadas ao Mercado Comum Europeu, visitando também centros de pesquisa de ciências políticas e sociais.

* * *

Confesso que Vivi, título do livro do poeta chileno Pablo Neruda se aplicaria bem a esta fase de minha vida, atribulada pela busca de novos espaços, de me tornar um cidadão prestante, consciente de minha participação e contribuindo, à minha maneira, para tornar este país um pouco melhor. Como diz o poeta Neruda:

> *Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não encontra graça em si mesmo...*
> *Morre lentamente quem se torna escravo do hábito, repetindo todos os dias os mesmos trajetos, quem não muda de marca, não arrisca vestir*

uma nova cor, quem não conversa com quem não conhece...
Morre lentamente quem não vira a mesa quando está infeliz com seu trabalho ou amor, quem não arrisca o certo pelo incerto para ir atrás de um sonho, quem não permite, pelo menos uma vez na vida, fugir dos conselhos sensatos...

E assim, como se estivesse ouvindo o conselho de Neruda. Virei a mesa, ou como os baianos costumam dizer, chutei o pau da barraca, e mudei minha vida. Ao sair do IRDEB, e depois de me separar de Maria Helena passei a viver uma nova história de amor com Heloísa Helena Dias Lima Soares, que já tinha dois filhos Alessandro e Gustavo. Heloísa cativou a simpatia de meus pais e meus filhos, Paula e Rafael, que sempre se deram muito bem com ela. De todos os filhos e enteados, apenas Alessandro Soares interessou-se pela área da Comunicação, tendo se diplomado em Jornalismo na FACOM/UFBA, mas seu interesse maior sempre foi o Cinema. Aproximei-o de André Setaro, professor e crítico de cinema meu amigo, e a partir daí o encantamento dele pelo cinema cresceu, levando-o a cursar um mestrado em Cinema, nos Estados Unidos, onde permanece até hoje trabalhando na área.

Heloísa é uma mulher inteligente, com uma invejável capacidade de trabalho produtivo. Viciada em leitura, estava sempre bem informada, além de ter uma memória extraordinária e de ser dona de olhos lindos a quem dediquei um poema intitulado "Olhar Transparente":

Seus olhos, como estrelas,
brilharam, demonstrando
toda a segurança
de quem vê a transparência
da vida, sua nudez e inocência.

Aquele olhar puro
que a tudo matiza
aquele olhar-sorriso,
foi o olhar de Heloísa,
que neste poema se cristaliza.
(1989)

* * *

Conheci Denise Orrico e Araújo em 1991, durante a festa de encerramento de um curso de Baralho Cigano. Minha curiosidade pelo esoterismo me levou a fazer um curso de Tarô Cigano, durante um período de greve da UFBA.

O Tarô Cigano e a Cachoeira da Pancada Grande me aproximaram de Denise e, então, algum tempo depois, o namoro foi inevitável. Depois da morte de minha mãe e da separação de Heloísa, a partir de 1994, o relacionamento ficou mais sério e acabamos por decidir a convivência a dois. Nosso relacionamento tornou-se público em 1995, quando do lançamento de *Asas Para Amar*, na Galeria NR, que minha amiga e colunista social July, mantinha no Shopping Iguatemi.

Com Denise tenho aprendido muitas coisas, inclusive a cozinhar, uma atividade que se constitui numa ótima terapia, principalmente quando cozinhamos a quatro mãos, entre goles de Campari, uísque ou cerveja e muitas gargalhadas. Na verdade, Denise é como um farol, uma referência, uma pessoa doce que sabe pontuar e indicar caminhos a serem trilhados, mas também pode ser amarga, dura nas críticas, quando exerce o poder de protetora do espaço dela e das pessoas que ela gosta e que mantém ao seu redor.

Depois de um longo período convivendo numa relação estável, no ano de 2003, após ter rompido meu vínculo empregatício com o jornal *A Tarde*, e no dia do meu aniversário, nos casamos no Civil, no Fórum Rui Barbosa, rodeado por parentes e muitos amigos. Casamos no dia de meu aniversário porque começamos a namorar no dia do aniversário dela. E assim de alguma forma estamos sempre comemorando uma data de maneira dobrada.

Denise Orrico de Araújo Mattos, cirurgiã-dentista é uma mulher dedicada, determinada e empreendedora, mas seu maior empreendimento e patrimônio são os seus três filhos, pelos quais é capaz de matar ou morrer. Tem o maior orgulho dos filhos e da maneira como foram criados, independentes, sem vícios, honestos e trabalhadores. Como padrasto, só me resta elogiar o comportamento de meus enteados: Rafael, coincidentemente tem o mesmo nome de meu filho, é engenheiro agrônomo; Thaís, além de odontóloga como a mãe, é diplomada também em Administração com Mestrado na área de saúde pública numa Universidade Norueguesa; e Marcelo o caçula, é advogado com cursos de especialização.

Denise se sente gratificada pelos desafios vencidos na vida, muitos deles devido à teimosia em querer realizar e conquistar novos espaços, o que a transformou numa pessoa vitoriosa e com ampla visão das perspectivas futuras. Possuidora de uma vontade de ferro, ninguém consegue demovê-la de seus projetos quando abarca uma causa.

Ela é carinhosa, atenciosa e como leonina nata, sabe como ninguém defender seu território e proteger os que se encontram ao seu redor. É uma pessoa dócil e de fácil trato e, quando gosta de uma pessoa, ela procura ajudá-la independente de ter sido solicitada a fazê-lo ou não. No entanto, quando rompe com alguém, ela "passa a régua", ou seja, tira a carta do baralho e continua em frente. Apesar de possuir uma estatura pequena, um metro e cinquenta e sete centímetros, ela se agiganta de tal forma quando envolvida em alguma coisa, que todos, inclusive eu, quando a encontramos nessas situações, ela aparenta ser maior do que é na realidade, pois suas forças, física e mental, crescem de maneira inimaginável. É uma pessoa que, em qualquer ambiente, desperta interesse e chama atenção de todos. Nunca passa despercebida.

Quando se decide a fazer alguma coisa, ela a faz, passando por cima de pau e pedra, à sua maneira e com muita agilidade. Ninguém consegue segurá-la. Transforma-se em um verdadeiro furacão. Denise tem um espírito de liderança e capacidade de remover montanhas quando está dedicada em uma missão a ser cumprida. Líder nata, determinada e dinâmica, ela sabe enfrentar desafios com tenacidade, demonstrando solidariedade, companheirismo e consciência comunitária.

Sempre esteve engajada em ações sociais comunitárias, tendo participado e até liderado alguns movimentos no sentido de ajudar a melhorar a qualidade de vida, seja em defesa do meio ambiente como a favor dos menos favorecidos. Foi por causa da determinação dela em lutar pela preservação da Cachoeira da Pancada Grande, no município de Ituberá-BA, que de certa forma nos aproximamos e começamos a namorar. Foi ela quem me convenceu a fazer uma campanha, nas páginas do suplemento *A Tarde Municípios*, pela preservação da Cachoeira que estava fadada a ser transformada em uma mini-usina elétrica.

No início foi difícil, pois lutávamos contra o poder econômico e o próprio governo do estado que pretendia, na época construir mini-usinas para resolver os problemas de falta de energia. Solicitei a um amigo, ecologista, coordenador do então Programa de Estudo e Preservação da Fauna da CETREL, Pedro Cerqueira Lima, do qual eu sempre estava a publicar artigos no jornal e, posteriormente, também na revista *NEON*, que fizesse uma pesquisa *in loco* para descobrir se tinha alguma espécie em extinção naquela área que pudéssemos usar como argumento para a proteção da cachoeira.

Providenciei a cobertura das despesas dele na região e depois de alguns dias de acampamento na área da Cachoeira da Pancada Grande, ele localizou um andorinhão, que estava ameaçado de extinção. Então, todo o trabalho foi de divulgação e pressão no sentido de que tanto o andorinhão como a cachoeira tinham que ser preservados. A campanha que fiz em defesa da preservação da Cachoeira da Pancada Grande, no município de Ituberá, levou o então prefeito Kleber Tunes a criar uma APA (Área de Proteção Ambiental) que chegou a receber prêmios da UNESCO.

Com isso, a Secretaria de Minas e Energia do Estado, a Coelba e os empresários da região acabaram por desistir dos planos de usina elétrica e a cachoeira vem sendo preservada e hoje é um dos principais pontos de atração turística na região. E tudo isso devido aos pedidos de Denise e ao trabalho que desenvolvi em *A Tarde Municípios*.

Registrei o início de nosso compromisso amoroso em um poema dedicado à Pancada Grande, transformado também em poema cartaz:

Refúgio de andorinhas
a cachoeira da Pancada Grande,
como um véu sagrado,
protegeu o casal enamorado,
selando um compromisso
mágico, colorido, acalorado.
Sob a força da água corrente
ouvi as três pancadas
da cachoeira marcando o compasso
das batidas dos corações.

Batidas aceleradas,
cheias de vida e ação,
buscando preencher os espaços,
físico e espiritual,
num verdadeiro ritual,
criando elos de aço
que não podem ser rompidos
nem corrompidos.

– O elo une amizade, sentimentos,
alegrias, sofrimentos
e experiências de vidas passadas.

***

Em síntese, Denise costuma realizar tarefas difíceis e importantes como se fossem fáceis e simples, além de assumir a liderança nas atividades que desempenha. Sabe compartilhar seus ideais, manter seus compromissos com a família e a ética, com uma conduta sempre solidária. Nunca deixou de se engajar em movimentos éticos e de valorização profissional, pois sabe ser verdadeira, autêntica e está sempre disposta a ajudar e a lutar por uma boa causa. Independente disso, mesmo sem conhecer as pessoas e não ser da minha área, Denise sempre me acompanhou em minhas viagens para congressos, lançamentos de livros e de palestras pelo interior da Bahia.

Em uma dessas viagens, recordo fato hilariante que nos aconteceu. Certa feita, indo para a cidade de Santo Antônio de Jesus, onde lançaria um livro e proferiria uma palestra, desci do apartamento onde morávamos rumo à garagem, com as malas e meu paletó. Coloquei as malas no chão, atrás do carro enquanto nele entrei com o paletó e aguardei Denise chegar. Após ela se acomodar, ansioso e apressado, pois estávamos atrasados, dei partida e seguimos pela BR. À altura da Barragem Pedra do Cavalo, em Cachoeira-BA, me deu um estalo. Parei o carro no acostamento, desci e fui verificar o porta-malas, constatando o que meu subconsciente tinha acabado de me alertar: Esqueci de colocar as malas no carro. Tinham ficado no chão da garagem. Retornei ao carro transtornado, soltando alguns palavrões e Denise perguntou o que havia acontecido. Ao relatar, ela caiu numa gargalhada que não conseguia parar, levando-me também a sorrir da situação. Minha raiva passou enquanto ela com tranquilidade e segurança disse:

– Isto não é problema! Quando chegarmos a Santo Antonio de Jesus, vamos ao shopping e compramos o que for necessário para o evento.

Tratamos imediatamente de telefonar para os meninos para informar do fato inusitado. Thaís atendeu ao chamado sorrindo, pois o porteiro do prédio já havia levado as malas para o nosso apartamento e as crianças estavam se divertindo com o ocorrido.

Eu ainda tinha o paletó no carro, mas ela estava apenas com a roupa do corpo, adequada para viajar. E assim compramos tudo, do sapato à roupa, da bolsa aos apetrechos de maquiagem e escovas para dente e cabelo, além de secador portátil. Na festa, Denise estava deslumbrante e despertando a atenção de todos. Até hoje, rimos muito da situação ocorrida. Aprendi com ela a não me desesperar em relação ao tempo e ao cumprimento de horários, pois em todas

as situações em que ela esteve comigo, tudo aconteceu conforme o planejado e nunca perdemos horário de aviões, nem chegamos atrasados em nenhum evento, tudo correu bem.

Além de dentista talentosa, Denise é dona de um senso de humor apurado e de uma gargalhada gostosa que me encantou e prendeu desde o primeiro momento. Além de tudo, é cronista nata, já tendo publicado várias crônicas na imprensa local, apesar de se recusar a reuni-las sob o formato de um livro, que, em se publicando, em minha opinião, faria sucesso. Espero que um dia ela dê vazão a este talento.

A Denise dediquei vários poemas inclusive o que se segue, intitulado "Amada", que foi musicado e gravado por meu parceiro musical Nilson Aquino:

Tua pele é tão alva
como a luz da lua.
Teus cabelos dourados
como os raios do sol.
Teu sorriso é um convite ao amor,
tua voz, uma canção murmurada,
teu olhar, o brilho das estrelas.
Tua respiração é ardente
e teu desejo é tão quente,
que me faz voar como ser alado.
A vida ao teu lado
é quase o sonho sonhado,
um filme de amor,
o perfume de uma flor.
(1997)

[76.]

Sérgio Mattos, Maria Helena, Paula e Rafael em momento de lazer, Texas, 1979.

[77.]

Em 1982, ainda em aeroporto americano, embarcando para a viagem de retorno ao Brasil após conclusão do curso de doutoramento: Maria Helena, Sérgio Mattos, Paula e Rafael na ponta, com a mão na cabeça.

[78.]

Sérgio Mattos e Heloisa Soares quando do lançamento do livro *Censura de Guerra,* 1991.

[79.]

Na festa comemorativa dos meus 50 anos de vida contei com o carinho e a presença de inúmeros amigos. .

[80.]

[79.] Os casais Elieser e Ana Varjão, Sérgio e Denise Mattos e Genésio Ramos.

[80.] O cantor e compositor Moacy Mendes, Sérgio e Denise Mattos.

[81.]

[81.] Aparecem na foto Paolo Marconi, Sérgio e Denise Mattos.

[82.] Em sentido horário, Denise e Sérgio Mattos, Fernando Carvalho, Carlos Olimpio e Jabes Ribeiro.

[82.]

ATUANDO COMO AGITADOR CULTURAL

No plano individual, a participação em mundos diferenciados e o desempenho de múltiplos papéis levam ao desenvolvimento de um potencial de metamorfose particularmente rico.

Gilberto Velho

Foi a partir da década de 1970 que comecei a me envolver mais efetivamente com a cultura popular, com a música e a literatura em particular, chegando a participar, na condição de jurado, de programas de auditório na TV Itapoan, comandados por Luís Vieira e por César de Alencar, que alcançaram muito sucesso na época. Desde então passei a ser um conferencista convidado a falar em inúmeros eventos sobre os temas mais diversos, apesar de estarem relacionados com a literatura e a comunicação, além de lançar livros. Passei a ser convidado e a integrar bancas de avaliação acadêmica, de concursos e de comissões as mais distintas possíveis, como, por exemplo, ser jurado na seleção de misses ou de participar da comissão da escolha do Hino de Santo Amaro, sob a presidência de Adroaldo Ribeiro Costa. Sobre a comissão do Hino de Santo Amaro, em sua coluna diária, publicada no dia 17 de abril de 1975, Adroaldo registrou:

> *A Comissão que se reuniu à tarde de segunda-feira última no Teatro Castro Alves estava assim constituída: Prof. Aurélio Laborda, renomado maestro, homem de vasta cultura humanística; Prof. Godofredo de Figueiredo Filho, poeta de fino lavor, uma das mais altas expressões culturais da atualidade baiana; Prof. Sérgio Mattos, da Escola de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, poeta já vitorioso e consagrado pela crítica.*

Nessa época, cheio de ideias, eu queria contribuir e promover intervenções urbanas para melhorar a vida da cidade e nunca deixava de dar minhas contribuições e de registrar também as sugestões dos leitores, estabelecendo canais de comunicação entre o governo, a imprensa e o povo. Uma de minhas sugestões foi destacada também por Adroaldo Ribeiro Costa, na coluna do dia 20 de maio de 1975:

> *A ideia do Sérgio Mattos, que veiculei por estas colunas, de reviver os bondes como solução para o tráfego no centro da Cida-*

de, alcançou uma repercussão que até certo ponto nos surpreendeu. Imaginem que até do Rio de Janeiro recebi carta, assinada por um baiano lá residente e que não deixa de ler A Tarde (sobre os demais assuntos tratados na carta conversarei em outra oportunidade), aplaudindo a sugestão e comunicando-me que a enviou ao Sr. Celso Furtado. Enquanto isto, várias pessoas por aqui, algumas inclusive ligadas aos círculos governamentais, discutiram o assunto com o Sérgio, em termos que nos conduzem à conclusão de que, pelo menos em principio, a ideia é perfeitamente válida.

Houve também os que reclamaram contra o fato de que deixei o plano incompleto, porque não disse qual o trajeto que deveriam ter os bondes redivivos, e os que levantaram questões como esta: e o que aconteceria aos edifícios-garagens já construídos?

De fato, fui omisso naquela parte alegada e aqui venho hoje corrigi-la. Quer o Sérgio que os bondes façam o trajeto Sé-Campo Grande, percorrendo os seguintes trechos: Misericórdia, Praça Tomé de Sousa, Rua Chile, Praça Castro Alves, Avenida Sete, Forte de São Pedro.

Como se vê, ficariam liberados para o tráfego de veículos movidos a motor de explosão os seguintes trechos: Rua Carlos Gomes, Faísca, Viaduto da Aclamação, num sentido e Politeama, São Raimundo, Piedade (pelo lado da Secretaria de Segurança Pública) Avenida Joana Angélica. Não seriam, portanto, inutilizados aqueles edifícios aludidos.

O assunto continua em pauta naturalmente receberemos como muito agrado sugestões e crítica que nos queiram enviar.

***

Interrompi com minhas participações e ideias de intervenções culturais e urbanas, quando viajei para os Estados Unidos. Depois de meu retorno e após minha saída do IRDEB, eu precisava ocupar meu espaço na comunidade, retornando à minha vida de jornalista profissional. Então, retornei à prática do jornalismo diário, quando desenvolvi o projeto *de A Tarde Municípios*, que começou a circular no dia 26 de abril de 1985, o que me deu novo ânimo.

***

Desde o ano de 1978, quando viajei para os Estados Unidos que eu não promovia um lançamento de livro em Salvador e precisava fazê-lo, expondo minha arte à comunidade. Mais uma vez o destino foi cúmplice do sucesso,

devido ao novo clima de romantismo e de realização profissional. De imediato providenciei a confecção de um novo livro para lançar, em alto estilo, na pérgula da piscina do Hotel da Bahia, ao som do samba de roda. Dei a volta por cima, reunindo, em alto estilo a sociedade, intelectuais e amigos numa memorável noite de autógrafos.

Se o lançamento de *O Vigia do Tempo*, em 1977, foi marcado por anúncios publicitários e peças de marketing, o de *Lançados ao Mar*, em 1985, foi marcado por placas de outdoor espalhados por toda a cidade. O livro *Lançados ao Mar* se constitui numa coletânea de poemas já publicados e outros até então inéditos, editado pela Franco Produções, de meu amigo Tasso Franco. O lançamento foi um sucesso de público. Com esse livro inovei na divulgação por meio de placas de outdoor, espalhadas por todas as principais avenidas de Salvador. Não me constam registros de que alguém tenha anunciado lançamento de livros no Brasil por meio de outdoor até àquela época. Acredito que tenha sido o primeiro a fazê-lo, abrindo o campo para outros autores que depois de mim também lançaram mão desse veículo de divulgação.

Após o sucesso de lançamento em Salvador, saí, numa verdadeira maratona, pelas cidades baianas, Feira, Juazeiro, Senhor do Bonfim, Porto Seguro, Jequié, Ipiaú, Conquista, Itabuna, Ilhéus e muitas outras realizando tardes e noites de autógrafos com *Lançados ao Mar*. Heloísa e as crianças me acompanharam em alguns desses lançamentos, que eram verdadeiras festas com direito a apresentações de corais e de grupos de dança e de coreografias das respectivas cidades.

A partir de então busquei todas as formas de divulgação para a poesia, por meio de poemas-cartazes, promovendo também os lançamentos públicos desses cartazes. Sempre acreditei que a poesia tinha que sair das páginas dos livros e ocupar outros espaços, nas paredes como poema-cartaz, como obra de arte, e até mesmo nos muros da cidade como uma forma de intervenção urbana da arte nos espaços públicos. Também cheguei a ter poemas transcritos nos muros da cidade, mas não por minha iniciativa. Outros artistas de rua, com suas intervenções urbanas utilizaram meus poemas com essa finalidade. Apesar da pichação de muros com poemas seja uma intervenção de curta duração, trata-se de um meio válido de tornar público, de compartilhar a arte, o poema e de transmitir mensagens.

* * *

O poeta Damário Dacruz, que foi meu aluno no Curso de Jornalismo da UFBA, todas as vezes que me encontrava fazia questão de dizer que ele tinha sido o primeiro a lançar um poema-cartaz aqui, na Bahia, acentuando que tinha feito isso antes de mim. Não tenho o registro de datas, para confirmar quem lançou primeiro, mas todos os que produzi, seguidos de lançamentos públicos foram registrados pela imprensa. Não sei se Damário tinha algum registro dos lançamentos dele, mas isto pouco importa, o importante é que o poema-cartaz é um veículo forte para a divulgação da poesia, da mesma forma que o livro, que o CD com poemas declamados ou musicados, além de performances teatrais.

O importante é que Damário, que já não se encontra entre nós, foi também um dos primeiros. O fato relevante é que ele também estava buscando, na mesma época, outras formas de fazer a poesia circular mais, se aproximando do público, dizendo para que veio e conquistando novos espaços. Os poetas, como todo e qualquer artista, têm obrigação de expor suas obras, torná-las públicas e para isso devem utilizar de todas as formas possíveis, como, por meio da Internet, o mais novo espaço que vem sendo invadido pela poesia, independente da qualidade e do conteúdo. O importante é compartilhar. E também compartilhei por meio da Internet, quando fui dos primeiros autores baianos a criar uma Home Page e disponibilizar livros inteiros para os interessados. O domínio do site (www.sergiomattos.com.br) foi registrado em 24 de abril de 1998, mas o conteúdo da página, precisando de atualização, está fora do ar desde 2014.

Nas décadas de 1980 e 1990, lancei inúmeros poemas-cartazes que culminou com a reunião deles numa exposição na Galeria de Arte do Goethe-Institut/ Salvador (Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA), sob o título de Artesanato Poético, cujo coquetel de abertura foi realizado no dia 19 de março de 1996. A "Exposição e Performance Artesanato Poético", previsto para ser encerrada no dia 29 do mesmo mês, permaneceu ainda aberta por vários outros dias, despertando curiosidade dos que a visitavam. O convite para o evento reproduzia dois dos poemas-cartazes, com trabalhos de Floriano Teixeira. Internamente, em um pequeno texto eu registrei:

> *Reunir poemas em livros ou promover recitais já não é suficiente. A poesia precisa de novos espaços. Integrá-la com todas as formas de manifestações culturais é um dos objetivos desta exposição, que reúne artistas plásticos de várias escolas, credos e tendências, ilustrando versos a partir da visão e sensibilidade de cada um. Colocar versos ilustrados nas pare-*

des, como obra de arte, é abrir um novo espaço para a poesia que ganha, assim, também uma forma visual. O poema musicado e quando declamado, nos palcos, os atores, como suas interpretações, dão a ênfase que o poeta desejou transmitir. Com a exposição visual dos poemas, a performance de atores e a música , este Artesanato Poético visa interagir com o publico em todos os sentidos. Sérgio Mattos

Com a Exposição do Artesanato Poético inovei novamente. Até então nenhum poeta tinha exposto seus trabalhos numa galeria de arte com poemas--cartazes. Consegui reunir na exposição 45 poemas cartazes produzidos por 21 artistas plásticos consagrados: Floriano Teixeira, Fernando Freitas Pinto, Juarez Paraíso, J. Arthur, Edsoleda Santos, Roberval Marinho, Sérgio Rabinovitz, Reinaldo Gonzaga, Núbia Cerqueira, Paulo Soares, Guache, Márcia Magno, Malinovsky, César Rasec, Jorge Silva, Carlos França, Menandro Ramos, David Bernardo, Ruy Carvalho e Ademar Galvão.

A vernissage foi uma festa na galeria de arte do ICBA com direito a performance dirigida pelo diretor teatro Deolindo Checcucci e seus atores, que encantaram a audiência interpretando meus versos. O Artesanato Poético, posteriormente, se transformou em exposição itinerante, percorrendo os shoppings da cidade e visitando várias cidade do interior. A última exposição aconteceu no Centro Cultural Dannemann, onde se realizava a Bienal do Recôncavo, no município de São Felix, onde permaneceu aberta à visitação pública por vários meses.

***

Minha participação como agitador cultural não se limitava a promover lançamentos, exposições e proferir palestras. Passava também pelo envolvimento em movimentos coletivos para a criação de instituições culturais, a exemplo do Instituto Baiano do Livro (IBL) e da Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS), criação de cursos e pelo planejamento de eventos e o ato de pensar políticas culturais para a Bahia, tais como a que vou relatar a seguir.

O diretor de Redação do jornal *A Tarde,* jornalista Jorge Calmon, sempre exerceu uma influência muito grande nos setores culturais da Bahia. A um pesquisador atento não escapará a observação de sua participação, direta e indireta, em todas as instituições culturais da Bahia, fossem elas públicas ou privadas. No ano de 1994, quando Paulo Ganem Souto foi eleito pela primeira vez governador da Bahia, Jorge Calmon vislumbrou a possibilidade de que a Secretaria de

Cultura viesse a ser recriada novamente e passou a manter contatos com ACM e com Paulo Souto nesse sentido.

Enquanto isso, internamente, no jornal *A Tarde*, ele me pediu que esboçasse uma proposta para a área cultural a ser submetida ao candidato oficial do governo. Desconheço se Jorge Calmon fez a mesma solicitação a outros profissionais do jornal. O certo é que preparei uma proposta enxuta baseada em três grupos de ações contidas em cinco laudas: 1) Ações de Infraestrutura; 2) Ações de Preservação da Cultura; e 3) Ações de Estímulo ao Desenvolvimento da Cultura. Se Jorge Calmon acrescentou novas propostas ou não, antes de encaminhar as sugestões, também desconheço, mas que uma proposta foi entregue ao governador ACM e ao então candidato Paulo Souto, isto sim, é verdadeiro.

Analisando as propostas do governo de Paulo Souto para a Cultura durante a campanha eleitoral de 1994, identifiquei algumas de minhas sugestões. O resultado foi que o governo Paulo Souto usou alguns itens de minha proposta, que entreguei a Jorge Calmon, durante sua campanha e, como foi eleito, durante o seu mandato de 1995 a 1998, ele implantou a Secretaria de Cultura e Turismo, que havia sido extinta, além de ter seguido a tendência nacional do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso de promover a cultura por meio de leis de incentivo fiscal. Enquanto FHC, no plano nacional, homologou a Lei do Audiovisual e a Lei Rouanet, na Bahia, Paulo Souto aprovou, em 1996, a Lei nº 7.015/96 destinada ao Programa de Incentivo à Cultura, conhecido pela sigla FazCultura, entre outras medidas.

Como mantenho em meus arquivos o texto original, contendo minhas sugestões, encaminhado por meio de Jorge Calmon, creio ser importante incluí-las aqui, como prova de meu envolvimento com a cultura baiana livre de qualquer interesse que não fosse o de contribuir para melhorar a cultura em nosso Estado. Assim, transcrevo abaixo minhas sugestões para o setor cultural da Bahia, na época:

PROPOSTAS PARA A ÁREA CULTURAL

1– AÇÕES DE INFRAESTRUTURA

- *Criar a Secretaria de Cultura do Estado, incluindo aí todos os órgãos que já lidam com a área cultural, a exemplo de: Fundação Cultural, Bibliotecas, EGBA, Teatros, Centros e Espaços Culturais, IRDEB, Conselho de Cultura do Estado, Turismo e outros.*

- *Redefinir a atuação cultural do Estado.*
- *Modernizar a estrutura cultural do Estado, racionalizando e melhorando as estruturas já existentes.*
- *Articular e agregar os vários órgãos e programas voltados para a área cultural – instituições públicas e privadas – visando concentrar ações devido a atual dispersão de esforços e recursos.*
- *Articular com órgãos federais, estaduais e municipais que atuam na área de cultura, com o fim de realizar o inventário e o cadastramento dos elementos culturais baianos e considerando suas programações culturais.*
- *Incentivar os instrumentos de editoração já existentes no Estado, estimulando diretamente o mercado editorial baiano.*
- *Investir na infraestrutura de apoio à cultura, priorizando o apoio direto a novos projetos, visando fortalecer a base cultural/folclórica e a descoberta de novos valores.*
- *Fortalecer os pólos culturais a partir das sedes das microrregiões do Estado, através da implantação de Centros Culturais.*
- *Firmar convênios para equipar as bibliotecas municipais com um acervo atualizado de autores baianos e outros.*
- *Criar infraestrutura que permita a exploração nacional de recursos ociosos (casas de espetáculos, auditórios, galpões etc.) onde eventualmente possam ser instaladas oficinas culturais, teatros etc.*
- *Estimular a identificação de espaços culturais alternativos tais como praças, coretos, etc.*
- *Criar um Centro de Documentação com a função de pesquisar, identificar, classificar e registrar todas as formas populares de cultura por regiões do Estado. Compete ainda a este Centro levantar as entidades que atuam na área de apoio e produção das atividades culturais em todos os níveis sociais e regiões urbanas e rurais.*
- *Interiorizar todos os serviços culturais.*
- *Desenvolver um projeto de implantação de Bibliotecas Comunitárias e um Programa de Estimulo à Leitura e de Valorização dos autores baianos.*
- *Promover medidas de suporte às ações culturais no meio rural.*
- *Criar Centros Culturais específicos em áreas estratégicas (sedes das microrregiões) de modo a suprir a carência existente e servir de suporte também ao setor educacional.*

2 – AÇÕES DE PRESERVAÇÃO DA CULTURA

- *Consolidar e ampliar os programas destinados a resgatar e promover as culturas regionais.*
- *Identificar as verdadeiras aspirações comunitárias na área da cultura, comprometendo-se com isso o governo a uma significativa dimensão de sua tarefa essencial de atendimento aos reais interesses da comunidade.*
- *Estimular a preservação da memória cultural baiana na sua maior abrangência, diversidade e riqueza.*
- *Execução de amplo programa de recuperação, modernização e expansão da rede de bibliotecas, teatros e espaços culturais do estado.*
- *Desenvolver Projeto de Melhoria das Bibliotecas existentes no estado, além de implantar Bibliotecas Comunitárias e desenvolver um Programa de Estimulo à Leitura e de valorização do livro dos autores baianos.*
- *Criar grupos de pesquisa para um trabalho de campo nos municípios, visando um levantamento da situação comunitária no que diz respeito à existência e disponibilidade de livrarias, bibliotecas, buscando conhecer regime de funcionamento, acervo, frequência e demanda;*
- *Inventariar os grêmios, associações literárias, academias, clube de leituras, grupos de teatro, de produção literária, jornais, cordel e outras formas de produção das culturas regionais.*
- *Estimular a preservação da memória cultural baiana na sua maior abrangência, diversidade e riqueza.*
- *Reconhecer e cadastrar todos os segmentos e grupos de manifestação culturais em todo o Estado.*
- *Criar grupos de pesquisa para um trabalho de campo nos municípios, visando a um levantamento da situação comunitária no que diz respeito à existência e disponibilidade de livrarias, bibliotecas, buscando conhecer regime de funcionamento, acervo, frequência e demanda; inventariar os grêmios, associações literárias, clubes de leitura, grupos de teatro, de produção literária, jornais, cordel e outras formas de produção popular.*
- *Criar um programa de estímulo ao livro de autor baiano ou produzido na Bahia, para que os mesmos sejam adotados nas escolas publicas.*
- *Transformar os Centros Culturais regionais/municipais, em um local de lazer para a comunidade.*
- *Promover ações que visem a uma maior integração entre os grupos culturais regionais e intermunicipais visando maior interação urbana e rural.*
- *Criar um programa de editoração oficial visando preservar e revalorizar textos de autores baianos ou sobre a cultura baiana.*

- *Consolidar e ampliar os programas destinados a resgatar e promover as culturas regionais.*

3 – AÇÕES DE ESTÍMULO AO DESENVOLVIMENTO E DISSEMINAÇÃO DA CULTURA

- *Criar um programa cultural através do qual a administração pública exerça também um papel igualmente criativo, e não meramente financiador da cultura, com a polarização e captação do potencial cultural de todas as regiões do Estado, objetivando a identificação e o atendimento dos interesses culturais da comunidade.*
- *Promover seminários de cultura nos municípios com o objetivo de congregar as forças vivas da cultura local, na tarefa comum de subsidiar a elaboração de um projeto cultural para as microrregiões do Estado ou cidades.*
- *Reativar os coretos das praças criando pauta semanal de apresentações de grupos locais/regionais.*
- *Voltar a editar a Revista de Cultura da Bahia*
- *Estudar e viabilizar a efetivação de Festivais de Dança/Teatro/Música/ etc. nos Centros Culturais Regionais e incentivar os festivais já existentes, tais como o de música de Piritiba, de Juazeiro e Itabuna e o Festival de Inverno de Vitória da Conquista.*
- *Apoiar e incentivar os produtores de bens culturais.*
- *Agilizar a circulação e o consumo destes bens culturais.*
- *Incentivar e estimular a descoberta de novos valores através da criação de concursos e prêmios para a* **área** *cultural, abrangendo todos os seus diversos níveis.*
- *Estimular a descentralização, fortalecendo a cultura regional.*
- *Melhorar o sistema de informação e divulgação das culturas regionais.*
- *Promover a adoção de medidas que objetivem a valorização da mão-de-obra dedicada às áreas e atividades culturais.*
- *Incrementar a articulação entre os grupos culturais intermunicipais.*
- *Promover e reforçar a articulação entre os organismos do setor cultural estadual e os organismos federais e municipais similares.*
- *Incentivar, considerando que a Bahia é um celeiro cultural, os investimentos de natureza cultural que venham a atender a expansão do setor fonográfico e editorial baiano, no sentido de atrair a instalação, na Bahia, das indústrias fonográfica e editorial para que possamos produzir discos e livros de qualidade no próprio Estado e termos distribuição nacional.*

- *Retomar a prática de publicações de livros através da EGBA/Fundação Cultural e Conselho de Cultura do Estado.*
- *Desenvolver um projeto de aproveitamento dos recursos humanos e do potencial de criação existente dentro de cada município, através da possibilidade de se fazer de cada casa de espetáculo regional, um pequeno centro ou núcleo de atividades culturais comunitárias que teriam os espetáculos, shows musicais, teatrais, de dança, palestras e lançamentos de livros como principal objetivo.*
- *Dar aos produtores e artistas condições mais condizentes com a importância que deve ter para a comunidade a atividade teatral, favorecendo também a sua organização e o seu redimensionamento como homens e como artistas, dentro de sua própria comunidade.*
- *Apoiar financeiramente, por doações ou adiantamentos, os grupos culturais constituídos desde que apresentem projetos de prestação de serviços à área de cultura.*
- *Promover anualmente, ou de dois em dois anos, um Evento de Arte, Cultura e Editoração da Bahia, com uma grande feira de livros como gancho.*

***

É fácil identificar inúmeras dessas propostas que foram aproveitadas ou adaptadas pelo programa do primeiro governo de Paulo Souto. Naturalmente, devemos descontar as propostas óbvias, pois, provavelmente, também foram objeto de atenção e de sugest**ões feitas por** outras pessoas. O importante aqui é constatar o que ainda não foi feito e que precisa ser realizado, tendo em vista que estas propostas foram sugeridas em 1994 e algumas ainda não foram realizadas.

***

No ano de 1994, quando a UFBA estava condicionando vagas para docentes, nos departamentos, à produção intelectual dos professores, como chefe do Departamento de Jornalismo eu não conseguia que a congregação da faculdade encaminhasse solicitação de contratação de professor porque alegavam que meu departamento não tinha produção acadêmica e científica. Aliás, esta é uma visão tecnocrática e burocrática que se alastrou nas Universidades estimuladas pelos órgãos de fomento à pesquisa. É necessário que se faça hoje uma avaliação desse conceito que restringe a produção acadêmica à publicação de artigos e livros, tendo em vista que o desempenho dos docentes envolve tam-

bém atividades de extensão, de ensino e de gestão. Reconheço que a produção acadêmica e a circulação do conhecimento produzido pelas Universidades são importantes, mas é preciso termos consciência de que não é apenas por meio da quantificação da produção científica que se faz uma universidade de excelência. A pluralidade da Universidade e a diversidade das áreas na forma de produzir conhecimento devem ser consideradas quando das avaliações dos cursos e dos docentes.

Àquela época [1994], o Departamento de Jornalismo da FACOM contava com apenas quatro professores em regime de dedicação exclusiva, quatro em regime de 40 horas e seis em regime de 20 horas, ou seja, dos 14 docentes 10 exerciam atividades no mercado de trabalho e não estavam preocupados em preencher os relatórios de produção que a UFBA estava exigindo, por acharem os relatórios "uma chatice burocrática".

Para superar o problema realizei um levantamento da produção indivi-dual de cada professor com o objetivo de provar que o departamento tinha produção a fim de nos candidatarmos às contratações de novos professores. Muitos professores que não tinham os dados de suas respectivas produções organizados passaram a contar a partir de então com uma base inicial e puderam dar continuidade processando atualizações constantes. O resultado de meu trabalho nesse levantamento resultou na publicação do livro *Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo (produção científica, literária e artística)*, em 1994, que banquei com recursos próprios, com o qual obtive novas contratações para o Curso de Jornalismo, pois provamos que tínhamos produção coletiva, mas que a maioria dos professores não se preocupava em registrá-las como tal. A UFBA publicava anualmente um relatório imenso com as produções dos docentes. Não havia o Curriculum Lattes como o conhecemos hoje, pois, no início dos anos 1990, os pesquisadores tinham que preencher formulários eletrônicos, gravá-los em disquete e enviá-los para o CNPq que lançava os dados. Só depois da disseminação da informática nas Universidades foi que o CNPq lançou e padronizou, em agosto de 1999, o Currículo Lattes como sendo o formulário de currículo a ser utilizado pelos pesquisadores brasileiros.

Sobre o levantamento que fiz, escrevi uma justificava, a título de introdução, da qual transcrevo trechos:

> *Organizar e publicar a Produção Científica, Literária e Artística do corpo docente do departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação*

> *da Universidade Federal da Bahia é o objetivo deste relatório. A publicação deste material é importante por dois motivos: 1) para se conhecer o perfil dos professores do Departamento, 2) para se demonstrar o esforço realizado pelos docentes que têm exercido uma forte participação na comunidade, através de suas respectivas produções intelectuais.*
>
> *O Departamento de Jornalismo é um departamento de habilitação, apresentando disciplinas com especificidades bem definidas (jornalismo impresso, radiofônico, televisivo, fotografia, além de processos gráficos e programação visual). Isto exige um corpo docente especializado e que sempre esteja produzindo um volume expressivo de trabalhos, sejam eles fruto de um esforço teórico de reflexão (pesquisa científica ou de criação artística-literária) ou da prática profissional. Apesar desta farta produção, o departamento não tinha tido ainda a oportunidade de demonstrar esta efetiva e relevante contribuição. Foi a partir desta constatação que resolvemos desenvolver este levantamento, visando mapear e tipificar esta produção que se encontrava dispersa e sem qualquer registro sistemático.*
>
> *Assim sendo, este trabalho teve, desde o seu início, o objetivo de identificar, sistematizar e publicar, além da Bibliografia dos Docentes do departamento, toda a sua produção, tanto como professores, quanto como cidadãos atuantes na comunidade. [...] A publicação deste relatório possibilita a valorização de trabalho que todos desempenham. Esta publicação, apesar de simples e de circulação restrita, visa se constituir num resgate histórico dos integrantes do Departamento de Jornalismo, servindo para demonstrar a sua participação dentro da UFBA e na comunidade a partir da sua produção intelectual.*

A publicação deste livro-relatório atingiu os objetivos a que nos tínhamos programado. O professor Edivaldo M. Boaventura, registrou o livro na coluna de Educação, que ele assinava no jornal *A Tarde*, do dia 29 de abril de 1994, como sendo uma contribuição "para o estabelecimento de bibliografias de docentes". [...] o resultado da pesquisa de Sérgio Mattos é coletivo, departamental e exaustivo da produção literária, científica e artística dos seus pares". E disse mais:

> *Sérgio procurou cobrir todas as formas de expressão manifestadas pelos colegas professores – teses, monografias, livros, artigos, resenhas – que são também de profissionais que produzem reportagens, filmes, vídeos, fitas, fotografias, anúncios e publicidades. Vai muito além do estritamento acadêmico.*
>
> *Para avaliação do desempenho, o trabalho de Sérgio Mattos traz uma magnífica contribuição já registrada. Para os demais departamentos, a Bibliografia resultante da pesquisa é uma metodologia a ser seguida. [...]*

O relatório de pesquisa de Sérgio é uma projeção de um grupo que faz a Academia, mas trabalha também no jornal, na televisão e na publicidade. Os colegas do departamento de Jornalismo da FACOM/UFBA têm na Bibliografia um instrumento de promoção universitária.

Nessa época, para conseguir professores para o Departamento de Jornalismo, consegui convencer Flávia Garcia Rosa e Maria Cândida Maiffre, ex-alunas, que estavam trabalhando na Gráfica da Universidade como servidoras técnicas, a darem aulas no curso, contribuindo assim para que as duas, depois, fossem enquadradas como docentes. Pouco tempo depois mudaram para a Escola de Belas Artes e deram continuidade ao exercício do magistério. Nesse mesmo período, o professor Robério Marcelo Ribeiro, em outro curso da Universidade, mas, como jornalista diplomado e doutor em comunicação, também passou a ministrar aulas no Departamento de Jornalismo a meu convite. Em contrapartida fui ajudá-lo na implantação do Mestrado em Belas Artes, participando do colegiado que ele dirigia. Com estes artifícios fui renovando o quadro até que depois da publicação do livro, provando que os docentes de Jornalismo tinham produção, obtive a autorização de novas contratações. Sofríamos na época a guerra fria entre a teoria e a prática existente nos cursos de Comunicação.

***

Um pouco antes, no ano de 1991, considerando que os jornalistas diplomados pelo único Curso de Jornalismo existente na Bahia até então, o da FACOM/UFBA, estavam exercendo funções de redator publicitário em agências de publicidade de médio e grande portes e executando tarefas nas áreas de marketing e relações públicas em empresas públicas e privadas, tentei, juntamente com outros colegas, aprovar a implantação do curso de Publicidade e Propaganda na UFBA, mas fomos votos vencidos e o novo curso implantado acabou sendo o de Produção Cultural. No entanto, já que eu ensinava, revezando com Fernando Passos, a disciplina de Publicidade e Propaganda, no Curso de Jornalismo, acabei me envolvendo na implantação do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica do Salvador (UCSal), quando eu e o professor Robério Marcelo Ribeiro fizemos a proposta ao Cardeal Moreira Neves que deu prosseguimento ao assunto. Sobre essa participação direta fiz um relato no livro *Panorama da Comunicação das Telecomunicações no Brasil 2012/2013*, publicado pelo IPEA. O registro foi o seguinte:

> *Foi a partir do início da década de 1970 que os jornais baianos passaram a procurar profissionais egressos do curso de jornalismo. A partir de então, ex-alunos do curso de jornalismo da UFBA passaram a exercer as mais variadas atividades nas redações dos jornais e emissoras de rádio e televisão, na Bahia e em outros estados. Os jornalistas formados por esta universidade também passaram a exercer função de redator-publicitário, em agências de publicidade de médio e grande portes, e executar ainda tarefas nas áreas de marketing e relações publicas nas grandes empresas publicas e privadas, tendo em vista não existirem cursos de publicidade e de relações públicas no estado.*
>
> *Considerando que a Faculdade de Comunicação (Facom) da UFBA não tinha interesse pelo curso de publicidade e considerando também que havia uma demanda muito grande por profissionais desta área, os professores doutores Sérgio Augusto Soares Mattos e Robério Marcelo Ribeiro marcaram, em 1991, uma audiência com o então chanceler da Universidade Católica do Salvador (UCSal), o cardeal Dom Frei Lucas Moreira Neves, que se mostrou receptivo à proposta de se criar o curso na UCSal, acionando de imediato o reitor José Carlos Almeida. O resultado da audiência foi que o primeiro vestibular para o curso de publicidade, com cem vagas, teve mais de mil candidatos inscritos. Após a decisão política do chanceler, aceita pelo reitor, inúmeros contatos foram mantidos, ouvindo-se representantes do mercado, dos veículos e da Associação Baiana de Agências de Publicidade (ABAP), os quais ajudaram a pensar o curso. O primeiro curso de publicidade na Bahia foi disponibilizado em 1992 pela UCSal, e o primeiro curso de relações públicas foi implantado pela Universidade do estado da Bahia (UNEB) em 1986.*[3]

Depois de aceita a proposta pelo Cardeal e pelo Reitor da UCSal, o mercado local foi acionado para concretizá-la. Muitos pais e muitas mães da ideia surgiram a partir de então. Arthur Luís Couto, meu amigo, se envolveu por meio do jornal *A Tarde* e teve uma grande participação no processo e, naturalmente, a Associação Baiana das Agências de Publicidade (ABAP), da qual os publicitários Sidney Rezende e Fernando Passos (que também ensinava na FACOM) eram diretores, entre outros, tiveram participação definitiva.

No entanto, como dito acima, quem levou e propôs a ideia ao Cardeal fomos nós, eu e Robério. Não se pode negar, entretanto, a participação das agências de publicidade e dos veículos (leia-se *A Tarde* na pessoa de Arthur Couto)

[3] MATTOS, Sérgio. O ensino e a pesquisa em comunicação na Bahia. In: LIMA, João Cláudio Garcia R.; MARQUES DE MELO, José (Orgs.), *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2012/2013.* Memória Vol. 4. Brasília, IPEA, 2013, p. 139-152.

que foram de fundamental importância para a definição do projeto, dando todo o suporte necessário e tirando as possíveis dúvidas que o reitor da UCSal tinha para a implantação do curso.

Quando, inteligentemente, o reitor José Carlos Almeida, convocou o mercado para discutir a proposta obteve a resposta esperada e não bateu prego em estopa, pois era tudo o que as agências, na época, em grande desenvolvimento, desejavam. Muitos publicitários, inclusive Arthur Couto, então diretor administrativo do *A Tarde*, queriam até exercer o magistério no curso a ser criado. Na verdade, quando escreverem a história do curso, com certeza, não haverá o registro do detalhe, que coube a mim e a Robério a sugestão da criação do curso. A história vai registrar somente aqueles que se movimentaram no segundo tempo e carregaram o piano.

Vale salientar mais uma vez que a proposta de criação do curso de publicidade originalmente foi apresentada na FACOM/UFBA, mas fomos votos vencidos, pois o segundo curso de graduação aprovado, sob a liderança do professor Albino Rubim, foi o de Produção Cultural, que ainda hoje se bate para que os diplomados achem o próprio espaço no mercado. Por outro lado, como Robério é cabeça dura e insistente, ele conseguiu criar, no ano de 2013, com o meu apoio e de outros professores da UFRB o primeiro curso de publicidade numa faculdade pública do Brasil. O professor Robério Marcelo Ribeiro, atualmente na UFRB, como eu (ambos aposentados da UFBA), foi o responsável pela instalação do Curso de Publicidade da UFRB, na cidade de Santo Amaro. Passei a integrar também o Colegiado do Curso de Publicidade desde então.

[83.]

A partir do livro *Lançados ao mar*, meus livros e exposição contaram com divulgação em busdoor (acima) e placas de outdoor em suas respectivas campanhas de lançamento.

[84.]

Sérgio e Denise em reunião com membros da Academia de Letras do Senhor do Bonfim, em novembro de 1997, quando de um dos lançamentos que realizou naquela cidade.

[85.]

Assinatura do convênio A Tarde (A Tarde Municípios) com a secretaria da Fazenda (ESAF - Escola de Administração Fazendária) para a produção conjunta e veiculação no suplemento do curso a distância "conheça Melhor a Bahia". Na foto em sentido horário: dois assessores da secretaria (de costas), Benito Gama (secretário da fazenda), Arthur Luis d´Almeida Couto (diretor administrativo do jornal A Tarde), Ângelo Leite Oliva (diretor da ESAF) e Sérgio Mattos (editor de A Tarde Muncípios).

[86.]

Registro fotográfico da reunião que o presidente da Alemanha, Roman Herzog, manteve a portas fechadas no ICBA, no dia 20 de novembro de 1995, com um seleto grupo de intelectuais baianos. Na foto, Sérgio Mattos é o segundo à esquerda.

[87.]

Devido à minha atuação nos movimentos culturais fui convidado a integrar um seleto grupo de intelectuais numa reunião com a presidente da Alemanha, em visita à Bahia no dia 20 de novembro de 1995. A reunião ocorreu no ICBA. Na foto da solenidade, que antecedeu a reunião em sala fechada, aparecem em primeiro plano Sérgio Mattos, Jorge Amado, Zélia Gattai e Roman Herzog, então presidente da Alemanha.

UM PROJETO DE INTEGRAÇÃO
(*A Tarde Municípios*)

A única coisa sagrada é a insatisfação do homem consigo mesmo e o esforço que faz para ser melhor do que é.

Gorki

Após minha saída do IRDEB, continuei dando aulas na UFBA e aos poucos fui retornando ao jornalismo diário. O quadro de editores do jornal *A Tarde* estava completo, como me disse Jorge Calmon, que me queria ter de volta, mas não podia substituir, naquele momento nenhum dos editores para me colocar no lugar. Então, recomecei tirando as férias de alguns editores, editando suplementos especiais, além de desenvolver e colocar em prática uma ideia de Sílvio Simões: a criação da página "Universidade & Comunidade", da qual fui editor. Aos poucos percebi que precisava criar meu próprio espaço no jornal para que pudesse ser novamente contratado.

E assim, meu segundo projeto de sucesso no jornal *A Tarde* foi a elaboração e implantação do suplemento *A Tarde Municípios*, lançado oficialmente no dia 26 de abril de 1985. Trata-se de uma experiência jornalística regional, pioneira no Brasil, totalmente voltado para as comunidades do interior do Estado, tendo servido para abrir novas perspectivas mercadológicas para a empresa. Ressalte-se ainda o papel desse suplemento na consolidação do jornal entre os maiores jornais do país e o maior do Norte e Nordeste, posições perdidas, coincidentemente depois que os netos-herdeiros de Simões Filho, a terceira geração, resolveram terminar com o projeto em 2003, seguido de minha demissão daquela empresa. Eles queriam renovar o quadro de pessoal e demitiram inúmeros profissionais, começando pelos que tinham mais de 30 anos de casa ou que recebiam os maiores salários, perdendo, com isso, parte da memória do jornal.

A partir de seu lançamento em 26 de abril de 1985 a fevereiro de 2003, o projeto *A Tarde Municípios* foi um empreendimento vitorioso, obtendo tanto reconhecimento do público leitor, como do setor publicitário local, uma vez que criou novos mercados, além de ganhar destaque por dois motivos específicos: a) por ser um projeto regional, fora do eixo Rio-São Paulo, que passou a ser modelo até mesmo para jornais de porte nacional; b) por se tratar de uma

experiência onde se pode constatar como um órgão de imprensa pode exercer suas funções socais, contribuindo para a promoção do desenvolvimento regional por meio da integração intermunicipal, além de exercer o papel de porta-voz de comunidades menos favorecidas, debatendo e divulgando alternativas encontradas em cada município. O suplemento passou a ser um instrumento de divulgação a serviço das comunidades interioranas da Bahia e o sucesso dele foi conquistado pela capacidade e a presteza com que colaborava no processo de melhorar a qualidade de vida das comunidades, servindo de porta-voz de suas respectivas reivindicações.

***

Desenvolvi o projeto de *A Tarde Municípios* a partir da necessidade que o jornal constatou de se ampliar o espaço destinado às notícias provenientes dos municípios do Estado. *A Tarde* era o único jornal entre os quatro diários de Salvador, até 1985, a destinar pelos menos uma página diária às notícias do interior. Os demais mantinham colunas regionais. Mas o espaço era insuficiente para a quantidade de texto produzida pelos correspondentes, escritórios e representações comerciais já instaladas em microrregiões de importância política, tais como: Feira de Santana, Itabuna e Juazeiro.

Partindo da reivindicação inicial dessas representações, no sentido de que a empresa poderia produzir cadernos, tamanho tabloide, para circularem, com exclusividade, semanalmente, em dias diferenciados, em cada uma destas microrregiões, encartados na edição normal do jornal, acabei sendo contratado, em fevereiro de 1985, para desenvolver o projeto e assumir a responsabilidade de sua execução.

O projeto que Arthur Luís d'Almeida Couto, meu amigo, me encomendou era a produção de cinco cadernos tabloides destinados a atender cada uma das microrregiões onde *A Tarde* tinha implantado representações comerciais que passaram a ser denominadas de sucursais, com a contratação de uma mini-equipe de redação (repórter e fotógrafo), respectivamente em Feira de Santana, Itabuna, Jequié, Juazeiro e Vitória da Conquista. Os suplementos seriam limitados, pois, só circulariam nas regiões específicas, basicamente nas cidades onde estavam sediadas as sucursais, atendendo ao interesse do público de cada região, concorrendo diretamente com os jornais locais, disputando, inclusive, uma fatia do bolo publicitário regional a preços compatíveis com cada mercado.

A princípio a idéia de Arthur parecia ótima, uma vez que aumentaria a receita e a circulação do jornal em cada microrregião, além de demonstrar a preocupação de *A Tarde* em prestigiar aqueles municípios. O consumo de papel para a confecção daqueles tabloides também não seria representativo. Tudo levava a crer que o projeto seria deslanchado, até o momento em que levantei inconveniências e deficiências em relação à qualidade e quantidade da produção jornalística de cada região. Seria necessária a contratação de profissionais, tanto nas sucursais como na sede do jornal, onde os suplementos deveriam passar por todos os passos do processo de edição e fechamento de um caderno por dia. O problema cresceu ainda mais quando constatei que não havia profissionais habilitados na maioria das regiões, o que significava trabalhar com uma produção jornalisticamente deficitária.

***

Em fins de 1999 e início do ano 2000, a então gerente de marketing da empresa, Kátia Marques, convenceu Sílvio Simões da necessidade da empresa realizar nova tentativa de implantar cadernos regionais em formato tabloide, que seriam controlados pelo Marketing, dando margem à prática perigosa da picaretagem que havíamos abolido com a proposta de *A Tarde Municípios*, onde matéria redacional era independente de qualquer pressão comercial e as matérias pagas eram devidamente identificadas como Informes Publicitários. Apesar de Editor de Municípios e ser contra a proposta do Marketing, os cadernos chegaram a circular, por pouco tempo, pois, como eu havia alertado, a experiência não frutificaria.

Isso foi o bastante para que internamente eu passasse a ser boicotado pela gerente do Marketing e pelo coordenador-comercial das sucursais, Júlio Mendonça, que me viam como um inimigo, como obstáculo às pretensões pessoais que tinham em relação à empresa no interior. Passaram a trabalhar propostas junto aos gerentes das sucursais, cooptando o apoio deles contra mim. Ignorei as ameaças, pois consolidei meu nome em cima de uma referência ética e técnica profissional e não tinha e não tenho "rabo de foguete", "nem rabo preso", para me preocupar com ele.

Protegi o projeto inicial e os interesses da empresa contra as atitudes daquele grupo do Marketing que desconhecia a natureza do veículo e do produto jornalístico que pretendia modificar. Prova de que minhas propostas estavam

corretas foram as quedas sucessivas da circulação e da penetração do jornal depois que o projeto de *A Tarde Municípios* foi encerrado por sugestão de uma consultoria contratada junto à Universidade de Navarra, à qual comentaremos mais adiante.

* * *

Considerando as dificuldades identificadas e, também, a firme decisão político-administrativa da empresa (Arthur Luís Couto com o apoio direto de Renato Simões) de realizar, de qualquer maneira, algo que viesse a consolidar o processo de interiorização do jornal, acabei elaborando outro projeto como alternativa ao solicitado. O projeto foi apresentado inicialmente à diretoria do jornal.

Quando comecei, senti a irritação de meu amigo Arthur que esperava outra coisa, ou seja, os projetos dos tabloides, mas apresentei o projeto de *A Tarde Municípios*, que nem ele, nem tão pouco Jorge Calmon, conheciam até aquele momento. De maneira inteligente, Arthur não deixou transparecer o fato, mas promoveu uma verdadeira sabatina sob o ponto de vista comercial e editorial. Respondi a todos os questionamentos, não deixando qualquer dúvida. Ao final, todos os presentes à reunião entenderam a inviabilidade dos cinco tabloides originalmente idealizados e o meu projeto de um suplemento único, tamanho standard, *A Tarde Municípios*, foi aceito e aprovado pela diretoria da empresa.

Em seguida, Arthur convocou todos os representantes das regiões, além da agência de publicidade que atendia à conta do jornal para a apresentação do projeto. Todos também entenderam as vantagens do meu projeto contra a proposta dos tabloides, que seriam limitados, enquanto *A Tarde Municípios* teria uma abrangência maior, atingindo a todos os municípios do Estado, passando a levar o jornal a ser o "Jornal de toda a Bahia", como diz um de seus slogans.

* * *

Abro aqui um parênteses para apontar características pessoais de como Arthur Luís Couto e Jorge Calmon costumavam agir em relação às ideias e projetos. Arthur Luís Couto tinha uma percepção aguçada para propostas que davam certo. Como se dizia, ele tinha "faro" para bons negócios. A confiança profissional era básica e assim quando apresentávamos alguma proposta de realização de algum projeto especial, na capital ou no interior, muitas vezes ele aprovava a ideia só com o enunciado do projeto, sem a necessidade da apre-

sentação dos detalhes e o projeto podia ser executado que ele cuidaria da parte dele. Em outras oportunidades, ao saber do tema que lhe era proposto, ele recusava de imediato. Nunca entendi muito bem como ele tomava estas atitudes de aprovar ou não projetos, por isso os amigos mais chegados diziam que ele tinha "faro" e não adiantava insistir que o posicionamento dele seria o mesmo.

Ele adorava convocar membros de sua equipe ou até mesmo da redação para acompanhá-lo em suas embaixadas, "incertas", que fazia nas sucursais, ou para as reuniões de negócios que eram feitas com clientes e agências de publicidade, muitas vezes aos sábados, no então mais prestigiado restaurante de Salvador, o Baby-Beef do Hiper, de Mamede Paes Mendonça. Muitos negócios e campanhas foram fechados entre o jornal, agências de publicidade e clientes naquele restaurante. Acordos selados, umedecidos por talagadas de chopinhos dourados, bem gelados e de colarinho branco. Essas reuniões começavam em torno do meio dia e se arrastavam até à noite.

Por sua vez, Jorge Calmon fazia um caminho diferente, quando convocava seus editores para uma reunião ele já chegava com o prato pronto, apresentava um projeto-ideia e distribuía tarefas para que fossem amadurecidas e ou executadas. Sempre eram projetos voltados para cadernos especiais comemorativos de datas especiais, centenários, ou dedicados a campanhas editoriais mais específicas. Em outras ocasiões, quando saía pelas mesas dos editores perguntando o que achávamos sobre isso ou aquilo, não adiantava apontarmos qualquer senão, pois todas as vezes que ele vinha perguntar era porque a ideia que ele estava apresentando já estava previamente aprovada por ele mesmo e seria feita daquela forma. Às vezes, ele nos antecipava a oportunidade de ler editoriais ou notas críticas, como se estivesse nos consultando sobre a viabilidade de publicá-los ou não, mas a decisão já estava tomada.

Quando ele queria realmente a nossa colaboração ele dava tarefas ou pedia para que analisássemos o material enviado e déssemos uma resposta o mais breve possível. Na verdade, Jorge Calmon, com sua maneira elegante de ser, um gentleman, era um tanto quanto intransigente, seus pedidos eram para ser entendidos como ordens. Quando ele nos mandava um bilhetinho, por exemplo, perguntando se havia espaço para a publicação da matéria que acompanhava seu bilhete, era praticamente uma ordem para colocá-la na página sugerida e com destaque.

Quando gostava do trabalho que qualquer membro da redação, indistintamente, realizava, ele aumentava as tarefas daquela pessoa que passava a assumir mais responsabilidades. Aos repórteres preferidos, ou admirados, ele sempre arranjava algum tema a ser mais trabalhado e que ele mesmo orientava e que acabava sendo tema ou campanha principal do jornal por alguns dias e geralmente o repórter acabava sendo premiado nos concursos de reportagem promovidos na cidade. Cruz Rios também tinha esta mesma característica de eleger repórteres para trabalhar temas que ele selecionava.

Aos editores, Jorge Calmon também cobrava tarefas novas e quando recusadas por algum motivo de ordem pessoal ele simplesmente dizia: "então indique uma pessoa que possa substituí-lo e que tenha o mesmo nível. Caso não o encontre, será você mesmo quem vai executá-la". E não deixava margens para respostas, pois dava meia-volta e saía do ambiente, deixando o interlocutor falando sozinho, quando a conversa se dava na redação. Quando em seu gabinete, ele simplesmente retomava o trabalho que estava fazendo sem dizer mais nada. Geralmente girava sua cadeira para a máquina de escrever e praticamente ficava de lado ou de costas para o interlocutor que entendia a mensagem e deixava o gabinete com a tarefa a ser feita. Por falar em gabinete, é bom que se diga, salvo quando em alguma reunião, que a secretaria nos avisava, podíamos entrar sem se fazer anunciar, simplesmente abríamos a porta e conversávamos, tirando dúvidas ou comunicando alguma coisa.

Jorge Calmon também tinha "faro" para boas pautas. Uma experiência possivelmente obtida com a convivência com Simões Filho, pois ele sempre se referia ao estilo próprio do ser jornalístico do fundador de *A Tarde*. Aliás, por falar em "faro", devo destacar também o de Dona Regina Simões de Melo Leitão. Jorge Calmon dizia que não adiantava contestá-la, quando ela queria uma coisa, pois tudo o que ela pensava para o jornal, dava certo. Foi assim com a edição dominical. Ela chegou ao jornal no início da semana e disse para Jorge que, a partir do domingo, eu quero *A Tarde* circulando também aos domingos. Para tal, precisávamos aumentar a equipe, distribuir tarefas e outras providências de caráter técnico-administrativas no setor comercial e industrial da empresa. Ao ser chamado por ele, quando me comunicou a decisão dela, perguntei:

– Mas, Dr. Jorge, vamos começar uma operação desse nível sem fazer uma pesquisa de mercado?

– Sim – respondeu ele – Quando Regina decide uma coisa ela deve ser feita como ela quer. Até porque ela tem um "faro" infalível. Tudo o que ela já propôs deu certo e o argumento dela foi que *O Globo*, o *Jornal do Brasil*, a *Folha* e o *Estadão* tinham edição dominical e ela queria também que o jornal dela tivesse e ponto final.

E nada mais foi discutido e todos trabalharam no sentido de colocar em circulação a edição dominical que sempre foi, desde o primeiro momento, a edição de maior tiragem e faturamento do jornal.

***

O projeto de *A Tarde Municípios* começou a circular com uma proposta que mudou radicalmente as ideias originais no dia 26 de abril de 1985. Esta mudança ia de encontro às reivindicações e à visão individualista de cada sucursal, uma vez que se propôs um caderno tamanho standard, que circulasse em todo o Estado, com notícias de todos os municípios, exercendo o papel de veículo de integração municipal, contribuindo também para aumentar a interiorização do jornal de forma geral e não apenas em certas regiões.

O caderno foi projetado para funcionar não como um suplemento, mas como se fosse outro jornal, encartado em *A Tarde*, e que, a depender de seu crescimento e aceitação, poderia, no futuro, vir a ser um segundo título publicado pela empresa. Vale dizer que convenci Arthur Luís, então diretor-administrativo, a registrar *A Tarde Municípios* como um novo título do jornal, o que foi feito e, partir do ano de 2000, o registro não foi mais renovado como devia. Já naquela época me preocupava com o modelo de negócio a ser desenvolvido pela empresa jornalística, uma proposta que só na primeira década deste século os principais jornais brasileiros passaram a adotar, criando novos títulos que lhes garanta a manutenção e conquista de novos leitores, assegurando a sobrevivência/sustentabilidade do modelo de negócio na plataforma impressa frente à concorrência de outras mídias digitais.

Inicialmente, *A Tarde Municípios* circulava apenas às sextas-feiras, com distribuição dirigida para o interior. Na capital, só os assinantes a recebiam, pois não era vendido nas bancas. Com este artifício, idealizado no projeto, foi possível criar uma tabela de preços especial para o caderno, com subsídios da ordem de 50% em relação ao preço da tabela comum do jornal, facilitando, assim, a participação de inúmeros pequenos anunciantes do interior, que estavam

fora do meio jornal devido aos altos preços de tabela. Anunciar em *A Tarde Municípios* passou a ser tão barato quanto nos jornais locais, com a vantagem do anúncio poder ser visto em todo o Estado.

Ao firmar-se no interior, o sucesso de público extrapolou para a capital e, devido às constantes solicitações, a direção da empresa decidiu pela circulação global, o que incluiu as bancas da capital, e autorizou o aumento da periodicidade do suplemento para dois dias na semana. A partir do dia 22 de julho de 1986, *A Tarde Municípios* passou a circular com duas edições semanais, às terças e sextas-feiras. A partir de 26 de abril de 2000 a circulação passou a ser diária, comprovando o sucesso da notícia regional e local junto ao público leitor.

Quando *A Tarde Municípios* começou a circular, o Estado da Bahia contava com 336 municípios em 1985, número ampliado para 417 no ano de 2001. Informações provenientes desses municípios eram divulgados por esse suplemento que circulava com um mínimo de oito páginas por edição, embora possua em sua história o registro recorde de edições com 32 páginas.

***

No entanto, para a efetivação e implantação do projeto tivemos de enfrentar inúmeros obstáculos. O primeiro deles foi constituir um grupo redacional independente fisicamente da redação principal do jornal do jornal. Funcionávamos como se fôssemos outro jornal: tínhamos espaço próprio, equipe própria (repórter, fotógrafo e copidesques), além de carro e motorista para as viagens pelo interior.

Tendo em vista as deficiências na produção de textos provenientes dos mais variados municípios, montamos uma equipe de reescrevedores (copidesques), com o mesmo número de copidesques que a editoria local do jornal mantinha, só para dar forma jornalística às informações que chegavam à nossa mini-redação.

A equipe inicial de reescrevedores de *A Tarde Municípios* era constituída pelos jornalistas Arievaldo Teixeira Donato, Margarida Cardoso, Luís Eduardo Dórea e, posteriormente, também por Gilberto Santos.

Dentre inúmeros jornalistas que exerceram a função de repórter de *A Tarde Municípios*, na capital, estão Alex Ferraz, Mônica Bandeira, Rosane Santana, Péricles Diniz (transferido depois para gerenciar a Sucursal de Santo Antônio de Jesus), Rodrigo Vieira Júnior, Leila Tourinho, Adelmo Borges (que depois

passou a ser copy), Fátima Cardoso, entre outros lotados nas sucursais ou como correspondentes.[4]

Dentre os que trabalharam comigo na diagramação dos suplementos de Municípios e Rural, por um tempo maior, estão: Heloísa Sampaio, Jailson Castro, Benedito Oliveira (Bené).

Entretanto, nos primeiros dias, as informações chegavam com até duas semanas após o acontecimento. Diminuir o tempo entre a apuração dos fatos e a chegada da informação à sede do jornal era um problema a ser resolvido. Com a instalação de telefones, telex e fax nas sucursais e representações, o problema das grandes distâncias do Estado começou a ser vencido, embora não em todo o Estado, pois ainda havia distritos que dispunham apenas de um posto dos Correios e Telégrafos e um posto telefônico comunitário. Recordo que a instalação do fax nas sucursais foi uma revolução em termos de ganho de tempo e de velocidade. As notícias passaram a chegar à redação no mesmo dia e quase logo depois dos fatos apurados. O aparelho de fax assim exerceu na época o mesmo papel revolucionário que a Internet viria a exercer, com mais flexibilidade e qualidade, na transmissão das informações alguns anos depois

Outro problema que enfrentamos, inicialmente, foi a falta de documentação fotográfica dos municípios, no arquivo do jornal. Para suprir essa deficiência, foi necessário construir um arquivo fotográfico próprio, que permitisse a prática de uma diagramação moderna e arejada, utilizando espacejamento

[4] Lotados nas sucursais trabalharam diretamente comigo em épocas diferentes os seguintes profissionais: **Sucursal Sul da Bahia**: Vily Costa Modesto, Ana Cristina Oliveira, Kleber Torres, Luís Conceição, José Antônio Alves Santos; **Sucursal Feira de Santana**: Antônio José Laranjeiras, Oydema Torres Ferreira, Édson Felloni Borges, Zadir Porto, Reginaldo Pereira Batista, Jailton Batista; **Sucursal Oeste-Barreiras**: Jessé Olímpio, Sérgio Fonseca, Antônio Brito Cunha, Míriam Hermes, **Sucursal Jequié**: Marilu Lélis, Wilson Novaes Júnior, Souza Andrade, Ari Moura, Renato Ferreira, Josenilton Meira; **Sucursal Norte/Juazeiro**: Moacir Mesquita, Moacir Alexandrino, Luís Manoel Guimarães, Severino (fotógrafo). **Sucursal Recôncavo/Santo Antônio de Jesus**: Péricles Diniz, Abmael Santos, Cristina Apulto, Alzira Costa; **Sucursal Sudoeste/Conquista**: Cadete, Sérgio Fonseca, Jeremias Macário, Juscelino Novais Souza, José Bezerra Filho; **Sucursal Extremo Sul/ Itamaraju, Teixeira de Freitas , Eunápolis:** Evandro Lima Alves, José Anchieta, Carla Fialho, Marlene Abade; além de uma série de correspondentes espalhados pelo Estado, sendo que, dentre os mais ativos, estavam: José Américo Castro (**Ipiaú**), José Joaquim de Santana (**Santo Amaro**); Pedro Oliveira (**região do sisal**); Clementino Heitor de Carvalho, na região de **Paulo Afonso**; Roberto Perazzo (**Lençóis**); Antonio Romano Alberghini (**Porto Seguro**), Nilo Carvalho (**Alagoinhas**), Antenor Simões Júnior (**Santa Luz**); Carlos Alberto Souza (**Esplanada**), e Dayse Costa (**Irecê),** entre outros.

maior entre os cinco blocos de composição, com uma arrojada aplicação de tipologia e melhor aproveitamento gráfico das fotografias.

Para tanto, equipes de repórteres e fotógrafos passaram a cruzar todas as estradas possíveis, atravessando rios em jangadas, mapeando locais, fotografando e identificando as principais autoridades municipais (o prefeito, o juiz, o delegado e o padre), além de registrar as principais paisagens, monumentos geográficos e históricos: grutas, cavernas, morros e serras, praças e prédios importantes de cada município. Invariavelmente, a construção mais importante, em 90% dos casos, era sempre a igreja da localidade, em torno da qual o desenvolvimento foi iniciado. Muitas dessas viagens, que duravam de uma a duas semanas, foram realizadas inicialmente pelo jornalista Alex Ferraz, que também havia sido meu aluno no Curso de Jornalismo da UFBA.

Quando retornava das viagens passava praticamente uma semana escrevendo os textos e identificando as fotografias, antes de partir para nova região. Assim construímos o primeiro banco de dados e um arquivo dos municípios baianos. Falando dessa verdadeira aventura, pode parecer aos leitores que estamos tratando de uma coisa muito antiga, mas não é tão velha assim, pois ocorreu durante as duas últimas décadas do século passado, até que as comunicações no país evoluíram e a Internet começou a ser implantada, aumentando a velocidade da transmissão de dados e diminuindo as distâncias cada vez mais. No entanto, os avanços tecnológicos têm contribuído para mudar o jornalismo e as práticas de apuração jornalísticas, que passaram a ser mais frias, sem o elemento do sentido de estar presente no local onde o fato realmente ocorre. Como já dizia Alceu Amoroso Lima:

> *O grande jornalista é aquele que escreve depressa, em face do acontecimento do dia, com precisão e no menor número de palavras, levando uma informação exata ao leitor e formando honestamente a opinião pública. [...] Ideia claras, dissemos ainda, é outra exigência do estilo jornalístico. Clareza de raciocínio, de modo a separar no fato objetivo o que é essencial do que é acidental, fazer o comentário justo e fazer com que o leitor compreenda bem os fatos e os comentários. [...] O sentimento, a objetividade, a especulação filosófica, evidentemente, não podem estar ausentes, pois afinal o homem é sempre um todo. Mas, no jornalismo, o que deve dominar é a inteligência. Jornalismo é uma arte da inteligência, antes de ser da emoção. O jornalista, que for acima de tudo emotivo, precisa cultivar a sua inteligência e procurar que ela domine o sentimento, antes*

> *de se entregar à sua arte. Sob pena de ficar no romanesco, no teatral, no poético, mas fora do jornalístico.*[5]

Nos três primeiros anos de circulação do suplemento, foi difícil não sair publicada, na capa de cada edição, uma fotografia de igreja, a ponto de tal fato ser comentado com humor sarcástico por jornalistas de outras editorias do jornal que, além de identificarem a equipe de municípios como sendo "o pessoal da roça", ainda comentavam que o grupo deveria estar fazendo assessoria de imprensa da Arquidiocese. Em contrapartida, a editoria de municípios recebia uma quantidade imensa de cartas de leitores e telefonemas, cobrando a publicação de outra igreja, capela ou matriz de um município que ainda não havia sido contemplado. Muitas vezes os leitores enviavam fotografias das igrejas para assegurar a participação do município deles. Isso se deve ao fato de que todas as cidade baianas nasceram em torno e a partir de uma Igreja que invariavelmente era também o principal e mais destacado prédio da cidade.

Os arquivos fotográficos e de texto foram construídos com muita dificuldade, inclusive com a compra de fotografias aéreas de várias regiões do Estado. Com o arquivo funcionando satisfatoriamente, a empresa decidiu equipar as sucursais até com laboratórios fotográficos, quando ainda trabalhávamos com a revelação de filmes, hoje considerados como uma coisa da idade da pedra devido às facilidades das tecnologias digitais. A providência seguinte foi a abertura de novas sucursais, contratação de novos correspondentes e credenciamento de pessoas responsáveis pela remessa de materiais ou transmissão de informações para a nossa redação.

A partir do ano 2000 as sucursais começaram a ser informatizadas e os textos e fotografias produzidos no interior passaram a ser enviados à editoria de municípios via Internet, via e-mail. Antes da informatização, o aparelho de fax instalado em todas as sucursais foi responsável também por uma verdadeira revolução, pois passamos a publicar os fatos ocorridos nas cidades no outro dia, encurtando as distâncias e nos aproximando mais ainda dos leitores interioranos.

Os problemas decorrentes da falta de profissionais habilitados no interior foram contornados aos poucos. Inicialmente, todos os repórteres das sucursais e os correspondentes credenciados receberam um documento contendo as nor-

[5] LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como gênero literário*. São Paulo: EDUSP, 1990.

mas de redação adotados por *A Tarde Municípios*. Em seguida, passamos a dar cursos de reciclagem, tendo como professores eu e Heloísa Sampaio, que também ensinava no curso de Jornalismo da UFBA. O passo seguinte foi possibilitar, em períodos preestabelecidos, que esses profissionais realizassem estágios na sede do jornal. Outra medida na qual me envolvi diretamente foi o processo de convencer Arthur Couto de que o jornal deveria contratar jornalistas diplomados, que eu me incumbiria de selecionar e indicar desde que estivessem disponíveis para trabalhar no interior. Foi assim que vários gerentes de sucursais foram nomeados e alguns jornalistas foram transferidos ou contratados para trabalhar no interior.

Foi assim que Jeremias Macário, que era de Vitória da Conquista e queria voltar para a região, foi nomeado gerente da sucursal da região Sudoeste. Luís Manoel Guimarães, que havia sido também meu aluno no curso de Jornalismo, da mesma turma de Arievaldo Donato, foi transferido para chefiar a redação da sucursal de Juazeiro, Regional Norte, pois aquela sucursal já tinha um gerente-comercial, Moacir Mesquita. Para a sucursal de Santo Antônio de Jesus, Sucursal Recôncavo, que tínhamos acabado de criar, indiquei o então repórter de municípios Péricles Diniz, também ex-aluno, que foi transferido e assumiu a gerência da sucursal. Para a Sucursal do Oeste, em Barreiras, também recém criada indiquei outro ex-aluno que era da região, Jessé Olympio, que substituiu Antônio Brito Cunha, velho companheiro da redação que não se adaptou bem na região. Brito Cunha morreu em 11 de janeiro de 2015.

E assim, aos poucos, fomos nomeando para os cargos de chefia das sucursais jornalistas diplomados e, em sua maioria, ex-alunos foram ocupando as chefias das sucursais. Os únicos gerentes jornalistas que não tive participação na indicação foram Vily Modesto, da Sucursal Sul da Bahia, em Itabuna, e Antonio Larangeiras, da Sucursal Feira de Santana, pois já exerciam essa função antes surgimento de *A Tarde Municípios*. Tal medida contribuiu para melhorar o nível da produção jornalística naquelas sucursais, além de influenciar diretamente na orientação profissional de cada mercado regional.

A partir de então, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia (SINJORBA) por meio de Heloísa Gerbasi Sampaio, passou também a desenvolver um trabalho no interior, abrindo delegacias regionais, através das quais cursos de reciclagem passaram a ser oferecidos com mais frequência, tendo eu mesmo participado de inúmeros desses cursos para os profissionais não

diplomados e que exerciam o jornalismo no interior. A Associação Baiana de Imprensa (ABI) também ofereceu vários desses cursos. A ação do SINJORBA na época foi estimulada também pela instalação, de inúmeras emissoras de rádio e de televisão no interior baiano a partir dos anos 1990.

Contudo, para o sucesso do processo de interiorização do jornal, era necessário que a empresa tivesse também um excelente setor de distribuição para o interior e, à época da criação de *A Tarde Municípios*, esse setor apresentava deficiências. Imagine-se que, em cidades da importância do eixo Itabuna/Ilhéus (a 400 km da Salvador), o jornal *A Tarde*, com distribuição por terra, chegava depois dos jornais do sul do país, que iam de avião. A partir de então, passou a ser possível se adquirir o jornal *A Tarde* em qualquer banca de revistas e jornais de Ilhéus e Itabuna entre 8 e 9 horas da manhã. Até então o jornal chegava à noite e os nativos o liam, às vezes, no dia seguinte.

Para consolidação da interiorização, portanto, foi necessário agilizar a distribuição e isto foi feito com rigor, a ponto de o jornal chegar a todos os recantos do Estado, os mais longínquos, no mesmo dia, seja a Barreiras, no Extremo Oeste, que dista 854,7 km de Salvador, seja a Mucuri, no Extremo Sul do Estado, que dista 904 km de Salvador, seja em Remanso, no Norte, que dista 699,6 km da capital.

Para conseguirmos atingir essa meta, Arthur Couto desdobrou o Departamento de Circulação em dois: um, para a capital; e outro, só para o interior. Esta prática depois foi desativada, mas, enquanto funcionou, obtivemos bons resultados tanto na venda avulsa, nas campanhas de assinaturas como na participação do bolo publicitário. Tudo estava funcionando como se *A Tarde Municípios* fosse outro título independente, circulando encartado no jornal *A Tarde*.

Essa independência tanto editorial como administrativa e comercial, que tanto incomodava a alguns, foi o que estimulou a ambos, Jorge Calmon, diretor-geral e redator-chefe, e Joaquim Alves da Cruz Rios, secretário de redação, anos depois, quando da informatização do jornal, a incorporar *A Tarde Municípios*, acabando com a nossa infraestrutura física independente da redação. Tínhamos espaço próprio, veículo, motorista e fotógrafos que só trabalhavam para a editoria de municípios.

O processo de informatização da redação do jornal aconteceu simultâneo ao enfraquecimento do prestígio e força de Arthur Couto devido a problemas

de saúde que culminaram com sua morte prematura. Assim, Dr. Jorge Calmon transferiu a equipe de *A Tarde Municípios*, colocando-nos diretamente sob sua área de influência e dentro da redação junto com todas as demais editorias do jornal, o que não impediu aos avanços do caderno, que teve sua circulação aumentada de duas vezes por semana para circulação diária com o apoio de Sílvio Simões. *A Tarde Municípios* circulou diariamente até 2003, quando o projeto começou a ser desmontado, já sob o assessoramento dos consultores de Navarra, que culminou com a passagem relâmpago de Ricardo Noblat como redator chefe do jornal *A Tarde*.

***

Apesar da editoria de Municípios nos primeiros anos funcionar em outro espaço, sempre estivemos ligados à redação, seguindo as orientações da linha editorial traçada por Jorge Calmon, mas éramos também muito ligados à administração, mais precisamente a Arthur Luís Couto e tínhamos o apoio direto de Dr. Renato Simões. Aliás, a influência de Arthur na redação era crescente e politicamente, com muita habilidade, Jorge soube contornar a situação, definindo e protegendo sua área de influência e poder. Afinal de contas a administração era para ser o suporte da atividade-fim da empresa, o jornal.

Arthur, por sua vez, sabia como atrair para seu círculo de influência vários jornalistas da redação e, de certa forma, se infiltrar no terreno editorial, o que não passava despercebido nem a Jorge nem a Cruz Rios. As duas áreas tinham também outro divisor hierárquico, pois Regina Simões, a presidente da empresa, era mais ligada a Jorge, enquanto Renato Simões, o Superintendente, tinha maior ligação com Arthur. Mas essa disputa interna de poder é outra história que nada tem a ver com o meu projeto. Possivelmente, quem vier a escrever a história de *A Tarde* poderá um dia, quem sabe, desvendar esse território cheio de disse-me-disse, de vaidades e outras coisas mais. Voltemos, portanto ao suplemento *A Tarde Municípios*.

***

O suplemento *A Tarde Municípios*, que foi projetado com o objetivo de vir a circular como um segundo título da empresa, começou com o propósito de promover a integração intermunicipal, defendendo a causa municipalista, abrindo espaços para todas as correntes partidárias e ideológicas, divulgando todo o potencial socioeconômico, cultural e turístico dos municípios entre si,

promovendo um intercâmbio de fundamental importância para a valorização da cultura regional, destacando costumes e manifestações de cada município. Em síntese, esta era a linha editorial adotada.

Esse trabalho de integração permitia que um leitor em Chorrochó, no Extremo Norte do Estado, tivesse acesso a informações atualizadas, de atividades culturais, sociais, econômicas ou políticas que estivessem acontecendo, por exemplo, em Ibirapuã, no Extremo Sul, ou em Candiba, no Sudoeste, ou ainda em Ibipetuba, no Noroeste do Estado da Bahia.

Durante o período de abril de 1985 a fevereiro de 2003, o principal objetivo que consegui implantar na editoria foi o de divulgar o dia-a-dia de todas as regiões do Estado. Isto porque tinha como princípio que a realização de festas em tradicionais clubes da capital ou um show no Teatro Castro Alves era tão importante para a população de Salvador como um baile de debutantes no município de Carinhanha ou a apresentação de uma peça no Teatro Municipal de Ilhéus era significativa para a população dessas duas cidades.

Outro princípio estabelecido foi a assunção de uma postura jornalística ético-profissional, separando o que fosse notícia das matérias pagas, que passaram a levar a identificação de "Informe Publicitário", prática esta que foi introduzida na imprensa baiana através deste suplemento. Isto porque, até então, os grandes jornais só produziam, sobre o interior, cadernos especiais cujos espaços eram totalmente vendidos. Com o surgimento de *A Tarde Municípios*, tal prática mudou, pois o interior passou a ser trabalhado como notícia enquanto o departamento de publicidade do jornal e das sucursais passaram a trabalhar os anúncios como publicidade.

***

Vale salientar que, no ano de 2001, uma das recomendações da Associação Nacional dos Jornais (ANJ) e da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), reunidas em Fortaleza, foi de que a imprensa adotasse esta prática de identificar as matérias pagas como "informe publicitário" como norma, inclusive ética, para que o leitor possa distinguir claramente a matéria editorial da publicidade. *A Tarde Municípios* já praticava essa norma desde o seu início, em 1985. Até os textos de matérias pagas eram apresentados com corpos e fontes tipográficas diferentes daquelas que usávamos para o conteúdo jornalístico, para que o leitor sentisse a diferença do que era notícia e o que era publicidade.

Lamentavelmente, a partir de 2003, quando o projeto foi desativado e eu deixei os quadros da empresa, o título de "A Tarde Municípios" passou a ser utilizado apenas quando o jornal produz cadernos especiais, objetivando o faturamento em determinadas regiões, havendo, portanto, um retrocesso editorial e ético, pois não avisam aos leitores que todo o material redacional ali contido é constituído de matérias pagas. Poderíamos até, numa análise mais crítica, apontar certas práticas que voltaram a ser adotadas depois de eliminadas, como alguns dos fatores que contribuíram para a queda de importância e de circulação daquele que já foi o maior jornal do Norte e Nordeste do Brasil devido a insensibilidade gerencial.

***

Com uma série de medidas editoriais simples e objetivas que adotamos na política editorial do suplemento, tanto o jornalismo da capital como o do interior saiu ganhando, pois passaram a ter *A Tarde Municípios* como padrão. Isto determinou uma influência, inclusive na linguagem dos jornais municipais, que perderam características provincianas e, apesar de pequenos, passaram a se impor regionalmente. Vale ressaltar que o suplemento não concorria diretamente com eles, apesar de ocupar cada vez mais espaço em todo o Estado. Outra influência positiva causada por *A Tarde Municípios* foi o aparecimento, nos demais jornais diários de Salvador de, pelo menos, uma página dedicada às notícias do interior.

Outra meta que tínhamos era escrever a história dos municípios, pois nada havia registrado sobre isso. As coleções desse suplemento passaram a se constituir em verdadeiros documentos sobre os municípios baianos. Nas escolas do interior baiano, as fotos das igrejas e dos prédios públicos, bem como os registros da história, da fundação das vilas à emancipação de cada município, publicados nas páginas de *A Tarde Municípios*, passaram a ser recortadas e coladas como ilustrações em trabalhos escolares. Vale destacar que vários municípios passaram a comemorar suas datas de emancipação política depois que esse suplemento começou a divulgá-las.

Desde o seu início, a linha editorial do suplemento sempre esteve atenta às necessidades educacionais do Estado e, procurando cumprir com suas funções sociais, foi que, em convênio assinado com a então Escola de Administração Fazendária, da Secretaria da Fazenda do Estado, passou a veicular um curso a distância intitulado "Conheça Melhor a Bahia". Através das páginas de

A Tarde Municípios, semanalmente, foram divulgados módulos do curso, na forma de estudo dirigido, onde o leitor tomava conhecimento de informações variadas sobre os municípios baianos.

***

Esta experiência só foi possível porque Ângelo Leite Oliva, meu colega de São Bento, do Central e do GATEB, era, na época, o diretor da Escola de Administração Fazendária (ESAF) que acolheu a pedagoga Heloísa Helena Dias Lima Soares, que havia desempenhado a função de Assessora-chefe no IRDEB, durante minha gestão e estava deslocada de suas funções no Conselho de Cultura do Estado. A transferência dela do Conselho para a ESAF foi feita com a anuência de Benito Gama, então Secretário da Fazenda. Formando dupla com Rosário Magalhães, esposa de ACM Júnior e mãe de ACM Neto, atual prefeito de Salvador, conseguimos implantar o curso a distância publicado em *A Tarde Município*s por meio de convênio assinado por Arthur Couto, representando *A Tarde*, e Benito Gama, como Secretário da Fazenda. Eu e Ângelo fomos os responsáveis pela execução do convênio. Dessa forma, eu e Heloisa dávamos continuidade a um projeto de educação a distância que tínhamos iniciado no IRDEB. Além disso, ela desenvolveu um projeto de *Jornal Escola*, a ser executado pela minha editoria, que acabou sendo modificado e realizado com outra equipe e com outros objetivos. Posteriormente, Heloísa foi nomeada, no governo de Paulo Souto, como diretora-geral da FUNDESP, Fundação Escola de Serviço Público, vinculada à Secretaria de Administração do Governo do Estado.

***

Abro aqui outro parêntesis para apresentar uma proposta, que fiz à diretoria do jornal *A Tarde*, com objetivo de aproximar o veículo das escolas no sentido de estimular novos leitores. Isto porque corria a boca miúda, nos meios jornalísticos, a interpretação de que *A Tarde* vinha perdendo audiência porque seus velhos leitores estavam morrendo e que não havia renovação entre eles. Na época, muito antes de se pensar no projeto Jornal Escola, sugeri que a empresa mantivesse, nos principais colégios de segundo grau, públicos e privados, em todas as salas de aula, cavaletes com a coleção mensal do jornal, que seria renovada a cada mês. A proposta era a de mandar confeccionar e ceder às escolas os cavaletes de madeira, do tipo dos que são encontrados nas redações de todos os jornais e a empresa ficaria responsável pela remessa diária dos jornais para que os alunos e professores pudessem fazer consultas e trabalhos utilizando o

jornal ali disponibilizado. O investimento mínimo da empresa seria a confecção dos cavaletes e a entrega dos exemplares no dia seguinte ao de sua circulação, aproveitando a infusa, ou seja, os exemplares que não haviam sido vendidos nas bancas, pois o destino deles seria a reciclagem como papel velho. Dessa forma, daríamos um melhor aproveitamento à infusa, investindo no hábito da leitura e cultivando novos leitores para o *A Tarde*. Para a viabilização do projeto, bastava a simples assinatura de um acordo com a direção das escolas que se responsabilizariam pela colocação dos exemplares diariamente nos cavaletes e um compromisso dos professores para que estimulassem a consulta nos exemplares disponibilizados.

A ideia/proposta nunca foi considerada nem executada como válida. Continuo acreditando, principalmente nos dias de hoje, quando estamos vivendo a Era Digital, que essa proposta ainda pode ser viabilizada por qualquer veículo impresso em qualquer canto do país, no sentido de prestar serviços à comunidade, formando novos leitores e contribuindo para a o pleno exercício da cidadania. Não se pode imaginar, a curto prazo, os resultados benéficos para todos com a efetivação de uma proposta como essa.

***

Como o público-alvo de *A Tarde Municípios* estava no interior, houve também a preocupação direta com o homem do campo, e uma de suas páginas passou a ser totalmente dedicada a temas agropecuários. Repeti, assim, no suplemento *A Tarde Municípios,* o que já havia feito no *JU*. Foi a partir dessa página semanal que a editoria de municípios criou o tabloide de doze páginas, *A Tarde Rural*, que começou a circular em dezembro de 1988 também às sextas-feiras, formando ao lado de *A Tarde Municípios*, o que a campanha de lançamento do novo projeto editorial denominou de "A Dupla Caipira de *A Tarde*" e "Um Sucesso Puxa Outro". A campanha de lançamento foi criada e executada pela Engenho Novo, agência de publicidade de Fernando Passos e Carlos Sarno. *A Tarde Rural* circulava encartada no *A Tarde Municípios*, engordando assim o projeto que seria o segundo título independente da empresa *A Tarde*. A partir de 1991, por motivos técnicos industriais, o suplemento rural passou a circular às quintas-feiras. A partir de 1997, pelos mesmos motivos técnicos, passou a circular às segundas-feiras.

O lançamento de *A Tarde Rural* ocorreu com a instalação da I FENAGRO, em 1988 – e nos primeiros anos esteve vinculada direto a esta e a outras

feiras agropecuárias realizadas na Bahia. Vale salientar que FENAGRO foi uma marca registrada pelo jornal *A Tarde*, numa época em que o marketing[6], conduzido por Nelson Varón Cadena realmente funcionava e o jornal desenvolvia uma série de promoções e atividades marcantes na vida da população baiana, tais como o "Arraiá da Capitá" e a transformação da "Travessia Mar-Grande Salvador" em competição internacional. Posteriormente, o jornal desistiu da marca Fenagro, cedendo-a as instituições competentes da área.

***

Foi por meio de *A Tarde Rural* que promovemos e realizamos inúmeras campanhas para o cacau, sisal e outros produtos baianos, além de debater os problemas da fome e da habitação, da luta pela recuperação da BR-101 no Sul do Estado. Para a realização da "Mesa-Redonda – Cacau: Perspectivas de Desenvolvimento", que coordenei no dia 5 de fevereiro de 1993, mantive vários contatos com Paulo Souto, a fim de definirmos o texto básico que orientaria os debates, quem iria participar, bem como alguns temas a serem tratados, tendo em vista que o governo do estado iria participar e ser cobrado principalmente pelos produtores que estavam atravessando uma das piores crises da lavoura cacaueira dos últimos anos devido a vassoura-de-bruxa.

Com o objetivo de debater a situação da economia cacaueira, a Mesa-Redonda contou com os seguintes participantes: Jorge Calmon, diretor redator-chefe de *A Tarde*, Sérgio Mattos (editor de *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural* e coordenador do evento), Antonio Carlos Magalhães (governador), Paulo Souto (vice-governador e secretário da indústria e comércio), Walter Baptista (secretário da Agricultura) Joaquim Cardoso Filho (secretário-executivo da Ceplac), Jorge Ribeiro Carrilho (presidente do Conselho Nacional e Produtores do Cacau), Marcus Alban Suarez (presidente da Fundação CPE), Salomão Mafuz (presidente do Fundecau), Carlos Baiardi (presidente da ABC), Ângelo Mário Carvalho e Silva (presidente da FAEB), Ebiezel Nascimento Filho (chefe do Cenex/Ceplac), Thomas Hartmann (produtor e colunista de *A Tarde Rural*), Geraldino Silva (superintendente do Banco do Brasil), Ângelo Calmon de Sá (produtor e presidente do Conselho do Banco Econômico), Luiz Fernando Brandão

[6] Na época em que o Departamento de Marketing era dirigido por Nelson Varón Cadena, promovíamos também nos municípios, nos quais o jornal mantinha sucursais, grandes eventos, a exemplo, do promovido na data do aniversário da cidade de Jequié, com a exibição da Orquestra Sinfônica da UFBA, na Praça da Catedral, transformando-se num evento muito comentado.

(presidente da Comcauba), Maurício Maciel Monteiro (diretor-secretário do CNPC), Jabes Ribeiro (deputado federal pela região cacaueira), Nilo Simões Pedreira (vice-presidente da ABC), José Alexandre Menezes (assessor da FAEB), Urs Joho (presidente-superintendente da Chadler) e Elmer Mussner Pereira (vice-presidente da Concauba.

Todos estes deram depoimentos e sugestões que foram transcritos e publicados em *A Tarde Rural*, número especial do dia 11 de fevereiro de 1993. Além destes, uma ampla plateia de técnicos e produtores ouviram os debates realizados na sede do jornal *A Tarde*.

Na abertura da Mesa-Redonda, Jorge Calmon fez um pronunciamento, do qual reproduzo os dois últimos parágrafos:

> *Tendo concordado em preparar esta mesa-redonda, obtivemos, de logo, o apoio do Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Antonio Carlos Magalhães, que aqui nos distingue com sua presença e que, ao ser convidado, aplaudiu a ideia deste fórum, como uma oportunidade para ouvir as vozes autorizadas do setor cacaueiro, permutar opiniões e dizer do pensamento e dos propósitos do seu governo.*
>
> *O Exmo. Sr. Vice-Governador e secretário da Indústria e Comércio, Dr. Paulo Souto, aquiesceu em orientar a elaboração do documento de trabalho que servirá de base às explanações e discussões, enquanto os Exmos. Srs. Secretários de Estado, aqui presentes, também atenderam ao convite para trazerem subsídios aos debates, no que se refira às suas áreas de competência. Poderão conferir seus pontos de vista com as lideranças da economia cacaueira e os dirigentes de entidades, cujo comparecimento tanto qualifica este encontro, que tem como coordenador o jornalista Dr. Sérgio Mattos, editor do caderno A Tarde Rural e dos cadernos de municípios, portanto um conhecedor dos assuntos que vão ser apreciados.*

A solenidade de encerramento da Mesa-Redonda foi presidida pelo governador Antonio Carlos Magalhães que disse:

> *Estou convencido de que nós não vamos resolver, com esta reunião, os problemas do cacau, mas que nós demos passos importantes para encontrar soluções para essa difícil conjuntura em que o cacau se encontra. [...] O Estado sofre também as consequências dessa crise, mas com grande esforço estamos vencendo obstáculos que se nos antepõe, mas como lhes disse, estamos empenhados em encontrar caminhos e quero me dispor a lutar junto à esfera federal, com desassombro e coragem, exigindo uma posição que a cacauicultura bem merece no conceito da economia bra-*

sileira. [...] O governo não vai fazer benesse com os senhores, mas entra com recursos, nessa primeira fase, para bancar o que for necessário, nesse combate, neste ano e no próximo. Falou-se aqui numa quantia em torno de US$ 1 milhão neste ano e US$ 500 mil no outro. Vamos fazer um esforço, mas de qualquer sorte o governo entra com recursos para isso. [...] Essas são as palavras e essa é a contribuição que concretamente trago neste momento. Não será a única, mas é a primeira e importante do meu governo.

A nossa intenção em promover e realizar a Mesa-Redonda, proposta imediatamente aceita por Jorge Calmon, foi a de levantar e constatar a convergência de ideias do governo e das entidades e dos produtores, gerando ao final um documento com todas as propostas e isso foi plenamente alcançado, tendo em vista que a edição de *A Tarde Rural,* do dia 11 de fevereiro de 1993, um tabloide com 24 páginas, se constitui num documento valiosíssimo sobre o cacau, devido ao manancial de informações que ela contem sobre essa lavoura que tanto contribuiu para o desenvolvimento econômico da Bahia. Por recomendação de Jorge Calmon, cuidei pessoalmente de enviar a edição documento de *A Tarde Rural*, como separata, por via postal a todas as autoridades federais e outras estaduais que não participaram do evento.

***

Ao lado das edições de *A Tarde Municípios*, o caderno rural desenvolveu um trabalho de orientação ao pequeno, médio e grande produtor, com informações técnicas e utilidades voltadas para as diversas regiões.

O desenvolvimento e fortalecimento de uma consciência ecológica, por meio das reportagens voltadas para a proteção do meio ambiente, foram uma constante nas páginas de *A Tarde Municípios*, que sempre estava a denunciar problemas causados pelo desmatamento criminoso das reservas florestais baianas. O resultado foi uma tomada de posição enérgica dos órgãos responsáveis como também a maior participação das comunidades que passaram também a denunciar, por meio desse caderno, e a fiscalizar de perto as providências.

A Tarde Municípios divulgava também o trabalho das autoridades fiscalizadoras das administrações municipais, publicando orientações, resultados e pareceres apresentados pelos órgãos de fiscalização, tais como tribunais de contas, de justiça e de comissões parlamentares de inquérito.

Da sua implantação até fevereiro de 2003, *A Tarde Municípios* divulgava todos os aspectos culturais, econômicos, políticos e turísticos de vilas, distritos e povoados, sempre valorizando o dia-a-dia do interior, sem a conotação de estar escrevendo da capital para as pequenas cidades e províncias. Na editoria de *A Tarde Municípios,* havia o cuidado de nunca colocar Salvador como ponto de referência dos municípios, nem mesmo quanto à distância para o município noticiado.

Assim o leitor encontrava verdadeiras campanhas jornalísticas em defesa dos interesses das regiões. Exemplo disso foram as reportagens pautadas pela editoria e enviadas pelas sucursais e correspondentes de *A Tarde* sobre a situação em que se encontrava as populações de mais da metade do sertão baiano, vitimadas pela seca que marcou os anos de 1987 e 1993. Outro exemplo foram as pesquisas feitas nos municípios do Sul e Sudoeste quando os debates na Constituinte vislumbraram uma possível divisão da Bahia para a criação do Estado de Santa Cruz. Embora posicionando-se contra a medida, *A Tarde Municípios* abriu espaço para todas as partes interessadas na divisão, podendo, assim, concluir quanto ao descontentamento da maioria dos baianos em relação à divisão. Ao fazermos isso, estávamos abrindo canais de comunicação, possibilitando um diálogo mais transparente entre o governo estadual e as populações dos municípios que registravam suas respectivas reivindicações e descontentamento com as ações, atitudes e omissões governamentais.

As dificuldades enfrentadas pelos prefeitos para resolverem problemas de saúde, educação e segurança na maioria dos municípios sempre foram abordadas por *A Tarde Municípios*, que, enquanto circulou, se constituiu como verdadeiro porta-voz das reivindicações municipalistas. Foi, por exemplo, a partir das dificuldades e das queixas dos prefeitos, veiculadas nesse caderno, que o governo passou a divulgar o rateio das cotas de ICMS, IPI e IPVA repassadas às prefeituras. *A Tarde Municípios*, sempre que o espaço permitia, divulgava mensalmente esses repasses ao lado das cotas do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), permitindo que a população fiscalizasse as ações dos governos estadual, federal e dos prefeitos no que diz respeito à aplicação dos recursos públicos.

A Tarde Municípios foi uma experiência jornalística vitoriosa devido à essa postura e visão editorial. Gostaria de lembrar o fato de que, em abril de 1989, o então prefeito José Fernandes de Santana, do município de São Desi-

dério, no Extremo Oeste da Bahia, publicou um anúncio para marcar o quarto aniversário de *A Tarde Municípios*, onde dizia que se não fosse o jornal as outras regiões do Estado jamais saberiam que em São Desidério os postos de saúde estavam necessitando de reformas. Um ano depois, em 1990, as reformas ainda não tinham sido feitas e ele deu a seguinte declaração à imprensa:

> *Não cabe à imprensa construir pontes, reformar prédios públicos, pagar salários de servidores ou cuidar de doentes. Isso é papel do Estado, dos homens públicos, que se candidataram a isso. Cabe à imprensa noticiar os fatos, denunciar irregularidades administrativas, faltas cometidas contra o cidadão e encaminhar as reivindicações da população*.

E isso tudo era exatamente o que *A Tarde Municípios* fez durante o período entre 1985 e 2003, exercendo assim as funções sociais básicas dos meios de comunicação de massa: educar, informar, divertir e fiscalizar.

Sobre o papel municipalista que desenvolvi à frente de *A Tarde Municípios*, o jornalista Arievaldo Teixeira Donato, que me substituía em meus impedimentos como editor interino, fez publicar um artigo no jornal *Bahia Norte*, de Esplanada, na edição de novembro de 1997, intitulado "Jornalista Sérgio Mattos, um municipalista", do qual transcrevo abaixo alguns trechos:

> *Conheci Sérgio Mattos em 1975, na sala de aula do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação a Universidade Federal da Bahia, atual Faculdade de Comunicação. Anos mais tarde, em 1985, reencontrei-o na redação de A Tarde, quando convidou-me para trabalhar ao seu lado, na edição de A Tarde Municípios, um projeto que ele estava iniciando, com apoio da direção do jornal, e que viria a colocar em prática em seguida.*
>
> *Eu entrara para a Redação de A Tarde dez anos antes, em novembro de 1976, e aprendera muito com os profissionais do jornal. Mas, o contato com o professor e jornalista Sérgio Mattos na Redação de A Tarde Municípios foi fundamental para minha formação profissional. [...] a cada edição, o professor Sérgio Mattos fazia uma avaliação do trabalho, mostrando falhas e corrigindo. Eram aulas diárias de jornalismo, de ética e de profissionalismo. [...] Todo o trabalho é acompanhado de perto por Sérgio Mattos, que não deixa de lado sua condição de professor PhD em Comunicação, pronto a prestar a orientação necessária.*
>
> *[...] Trabalhando ao lado do jornalista Sérgio Mattos e tendo a honra de substituí-lo na editoria de Municípios de A Tarde, na condição de subeditor, aprendi que o jornalismo somente tem razão de ser se estiver a ser-*

viço da comunidade, na defesa dos direitos do cidadão. O jornalismo, diz Sérgio Mattos, é uma atividade de natureza social e de utilidade pública.

***

Vale registrar que a União das Prefeituras da Bahia, UPB, em reconhecimento ao trabalho de interesse público que desenvolvia em benefício das comunidades interioranas e da valorização da diversidade cultural de cada região, me agraciou três vezes com a Medalha do Mérito Municipalista. A primeira, durante o I Congresso Baiano de Municípios, no dia 22 de setembro de 1989, juntamente com Lomanto Junior, Paulo Souto, Jorge Khoury e Prisco Viana, em solenidade realizada no Teatro da Casa do Comércio, durante a gestão de Severiano Alves, depois eleito deputado federal. A segunda vez que a UPB me distinguiu com a Medalha do Mérito Municipalista foi no ano de 1994 durante a gestão de Ariston Andrade, como presidente da entidade. A terceira ocorreu em 2014 na gestão de Maria Quitéria, quando das comemorações do Jubileu de Ouro da UPB - 50 anos de Municipalismos.

Foi também graças a esse trabalho voltado para o municipalismo, no qual marquei minha participação jornalística, que, direta e indiretamente, fui contemplado com nove títulos de Cidadão Honorário dos seguintes municípios baianos: Cachoeira (1999), Cruz das Almas (1998), Feira de Santana (1999), Ilhéus (2002), Itabuna (1993), Juazeiro (1995), São Felipe, Santo Antonio de Jesus (1997) e Piritiba (1996). O interessante é que as propostas para a outorga dos títulos de Cidadão foram feitas por vereadores de partidos políticos completamente diferentes. O título de Cidadão Baiano me foi conferido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, no dia 25 de setembro de 1997, quando na presidência encontrava-se o deputado Clovis Ferraz e sob proposta do deputado José Ronaldo, atual prefeito de Feira de Santana.

Ao agradecer o título de Cidadania Baiana, em meu discurso fiz o link entre o Jornalismo e o Municipalismo, desenvolvendo alguns conceitos. Em certo trecho eu disse:

Uma verdadeira revolução está se processando, neste fim de século, em todos os setores da atividade humana. A década de 1990 está sendo identificada como a década das transformações geopolíticas e socioeconômicas e da reestruturação institucional dos valores culturais, ideológicos e religiosos. Os conceitos de Nação, de Estado, de controle social e de liberdade também estão sob transformação. Apesar de continuarem

existindo, as fronteiras já não fazem sentido para as empresas, bancos e homens de negócios. O planeta está se tornando um só por conta desta revolução irreversível, um fenômeno a que se dá nome de globalização. [...] É exatamente por isso que o jornalismo busca novos horizontes na época da globalização. E com a globalização a busca pelo regional, a valorização do regionalismo, o resgate dos valores regionais e da nossa cultura se constituem na grande oportunidade para o futuro da imprensa. Ao leitor local mais interessa saber o que se passa em sua comunidade do que o que está acontecendo com a moeda japonesa, por exemplo. O desenvolvimento de um jornalismo regional, voltado para as comunidades locais, assumindo cada vez mais o compromisso com a cidadania, com o municipalismo, com o associativismo, é um dever que a imprensa vai ter que assumir cada vez mais para continuar mantendo a credibilidade que conseguiu nos últimos anos junto à população brasileira.

Aliás, este é um compromisso profissional pessoal, que me esforço para transferir para o suplemento do qual sou editor, procurando transformá-lo em uma bandeira a ser seguida, pela equipe que comigo trabalha. Isto porque tenho consciência de que o terceiro milênio nos aponta para um jornalismo mais participativo, promovendo uma verdadeira interação com o público leitor, buscando, cada vez mais, os aspectos locais e regionais, além de valorizar o homem, sua qualidade de vida e lutar pela preservação da espécie humana e do meio ambiente que ele ocupa.

***

Minha participação no jornal *A Tarde* ia além das funções de editor, pois sempre estava analisando o jornal como um todo, apresentando sugestões tanto na área administrativa como redacional. Funcionava como se fosse um ombudsman, criticando, elogiando e sugerindo editoriais, matérias especiais, campanhas e práticas administrativas que via em outros veículos, sempre com o objetivo de melhorar o nosso produto. Fui, por algum tempo, o representante de *A Tarde*, substituindo Jorge Calmon, nas reuniões que os redatores-chefes e secretários de redação dos principais jornais do país faziam para discutir novas práticas jornalísticas sob a orientação da Associação Nacional dos Jornais (ANJ). As reuniões eram realizadas nas sedes dos grandes jornais do sul do país.

Sempre que voltava das reuniões, às quais estavam presentes entre outros, Rosental Calmon Alves (*Jornal do Brasil*), Merval Pereira (*O Globo*), Luciano Martins (*Estadão*), Carlos Eduardo Lins da Silva (*Folha*), sempre trazia novidades que compartilhava na redação e principalmente com Dr. Jorge Calmon, a quem cabia a adoção das sugestões ou não. A estas reuniões eu estava sempre

na condição de ouvinte e de aprendiz, pois ali se reunia a fina flor do jornalismo brasileiro e eu era o único nordestino no grupo. Ouvia e aprendia para transmitir. Vale dizer que o que era simples, foi implantado, mas outras sugestões foram esquecidas nas gavetas porque não interessavam à empresa naquele momento.

Posteriormente, fui substituído por outros colegas na representação do jornal nessas reuniões de editores dos jornais afiliados à ANJ, mas nunca deixei de dar meus palpites e sugestões quando via algo que podia melhorar. Entre as inúmeras sugestões que apresentava, sempre por escrito, destaco um comentário que fiz, dirigido a Dr. Jorge Calmon em relação aos editoriais do jornal. Em uma dessas intervenções, que transcrevo abaixo, no dia 20 de julho de 1991, enviei uma comunicação interna a Dr. Jorge com o seguinte teor:

> *É gratificante ler um editorial como o publicado na edição de hoje, intitulado "Os sete não são grandes amigos". Precisamos defender os interesses nacionais. Na terceira parte do editorial abordamos, apesar de superficialmente, as declarações do general Antenor de Santa Cruz, que advertiu sobre os riscos do interesse dos países ricos sobre a Amazônia. Usando a bandeira ecológica estão, na verdade, justificando uma possível e futura intervenção na área.*
>
> *Recentemente, quando estive no Rio, para proferir conferência na ECEME – Escola de Comando do Estado Maior do Exército, tive oportunidade de trocar opiniões com o general Casales sobre o risco de uma intervenção estrangeira na Amazônia. Se verificarmos, com atenção, que as tropas americanas estão atuando na Colômbia, Peru e Bolívia – sob a desculpa de dar combate ao narcotráfico – poderemos, desde já, inferir uma concentração de tropas norte-americanas em nossa fronteira amazônica.*
>
> *Os americanos estão tentando envolver os militares brasileiros nesta operação, o que automaticamente facilitaria o ingresso de tropas americanas em nosso território. Sobre este possível envolvimento, os militares brasileiros estão muito conscientes, pois acham que o narcotráfico é um problema da Polícia Federal e não uma ação a ser desenvolvida pelo exército.*
>
> *Pergunta-se: Até quando o exército e o governo brasileiros resistirão às pressões americanas?*
>
> *Devemos, como imprensa, estar alertas e denunciar os riscos que corremos com todo este interesse americano na Amazônia.*
>
> *Como leitor e funcionário deste jornal, além de parabenizá-lo pelo editorial de hoje, ficaria imensamente agradecido se meus votos fossem comunicados ao autor do mesmo. Gostaria também de sugerir à equipe editorialista que o tema "Ecologia-narcotráfico-Amazônia" voltasse a ser*

enfocado, pois devemos continuar a denunciar esta "sempre renovada pretensão" estrangeira de intervir na Amazônia. Atenciosamente,

Sérgio Mattos.

***

Necessário se faz abrir parênteses aqui sobre a atuação de Jorge Calmon em relação a mim. Em dezembro de 1988, ele estava querendo melhorar a estrutura da redação, pretendendo preencher o cargo de Secretário-executivo do jornal, previsto na reforma que fizemos quando da implantação do offset e da mudança da Praça Castro Alves para a Avenida Tancredo Neves e que nunca foi ocupado. Assim, além das figuras do Diretor Redator-Chefe ocupada por ele, Jorge Calmon, e a do Secretário-geral, ocupada por Joaquim Alves da Cruz Rios, ele queria me nomear Secretário-executivo, cuja função seria acompanhar o jornal como um todo.

No dia 8 de dezembro, ele formalizou o convite e começamos a conversar em reuniões específicas para esclarecer alguns pontos quanto às responsabilidades do novo cargo. Nesse período, ele passou a me encaminhar todas as reclamações e sugestões dos outros editores, principalmente as de Raimundo Marinho, então Editor Local, recomendando que eu lesse e guardasse para quando assumisse a nova função.

No dia 13, quando discutimos alguns pontos em detalhes, senti certa reação por parte dele que não via necessidade de estabelecer por escrito certas coisas que eu estava solicitando. Para ele bastava a designação e que eu assumisse a função, pois o resto iria se adaptando de acordo com o desenvolvimento do trabalho. Mas, para assumir a função, eu queria que ficassem bem claras, de preferência por escrito (pois conhecia bem os meus colegas de redação, principalmente os mais velhos), quais eram as minhas atribuições em relação à administração superior, com a delegação de competências e de responsabilidades e participação direta na discussão de tudo o que envolvesse o processo de produção do jornal.

Em relação à equipe de redação, solicitei também que estabelecêssemos estratégias de ação que viabilizassem o alcance dos objetivos desejados, contendo a delimitação de competências e responsabilidades em relação à toda equipe e uma definição dos fluxos de ação. Nessa reunião, entreguei a ele um documento proposta, incluindo algumas reflexões sobre como eu via o jornal,

no contexto daquele momento, com comentários e sugestões técnicas para melhorar o visual gráfico do jornal, além de enumerar uma série de medidas que deveriam ser tomadas para remover os problemas detectados naquele documento-proposta que serviria de base para a construção de uma análise diagnóstica mais profunda que eu estava me propondo a desenvolver.

A reunião do dia 13 foi encerrada com ele colocando os pontos de vista dele e apresentando uma proposta da remuneração para que eu pensasse, além de dizer que ia ler minhas sugestões. No dia 16 de dezembro de 1988 encaminhei a Jorge Calmon uma correspondência formal sobre o assunto discutido, contendo minha contraproposta, que transcrevo a seguir por se tratar de documento histórico comprobatório:

Ilmº Sr.

Dr. Jorge Calmon

MD Redator Chefe de A Tarde

Nesta

Dr. Jorge:

Dando prosseguimento às conversações preliminares iniciadas no dia 8 deste, quando V. Sa. formalizou o convite para que eu viesse a exercer a função de Secretário-executivo deste jornal e da reunião que mantivemos, no dia 13, à tarde, quando discutimos uma série de itens necessários (Pauta da reunião em anexo) ao efetivo desempenho da função, volto ao assunto, conforme combinamos, com a minha contraproposta:

1. *Considerando que a função tem um caráter executivo de coordenação e orientação do produto final, discordo da proposta de horário fixo apresentada por V. Sa. Volto, portanto, a insistir que para melhor eficiência profissional, o horário deve ser flexível, permitindo a quem o desempenhe um acesso fácil a todos os turnos e setores no qual a produção do jornal é processada. O horário fixo traria uma burocratização à função que não contribuiria em nada para os contatos internos, em todos os níveis, necessários e inerentes à função.*
2. *Considerando a função de Secretário-executivo como sendo a terceira em ordem de importância dentro do organograma da redação, proponho um salário efetivo de 80 por cento do que recebe o Redator-Secretário, Dr. Cruz Rios. Tal proposta, além de ser mais realista, criando um salário fechado compatível com a função e com o quadro salarial da empresa, se equivale em valores quase que absolutos à proposta de uma base fixa mais horas extras apresentadas por V. Sa.*

3. *Assim sendo, só resta esperar sua decisão, a designação oficial acompanhada das normas estabelecendo as competências da função, para que se possa dar início à proposta de trabalho apresentada na reunião do dia 13, partindo então para a avaliação diagnóstica da redação, apresentando um relatório conclusivo e estabelecendo um planejamento com os objetivos e metas a serem atingidas. Atenciosamente, Sérgio Mattos.*

A partir de então, Dr. Jorge silenciou e nunca mais tratou do assunto nem tão pouco nomeou nenhuma pessoa para aquela função. Não encontrei, em meus arquivos, a cópia do documento original (minha proposta de trabalho) que entreguei a ele contendo sugestões práticas, alguns conceitos e reflexões sobre o jornal. Além da carta acima, do dia 16, e da pauta da reunião do dia 13, encontrei um calhamaço de anotações manuscritas que deram origem ao documento-proposta de trabalho. Lendo minhas reflexões e sugestões, nas quais encontrei várias críticas ao funcionamento do jornal naquele tempo, fiquei imaginando o porquê de Jorge Calmon ter recuado nos seus planos. Será que fui insolente e arrogante, ou pretensioso, e que com minhas sugestões eu passei a ideia de que estava indo com muita sede ao pote? Não sei o que responder, pois o meu propósito na época era dar uma contribuição maior ao jornal e exatamente por isso escrevi aquele documento.

No entanto, aproveito para transcrever a seguir trechos de alguns itens do manuscrito, só para registro histórico de como eu pretendia intervir na linha editorial, na produção de conteúdo do jornal e na administração da redação, caso fossem aceitas minhas propostas e efetivamente eu fosse nomeado. Assim sendo, eis alguns trechos:

Política editorial – *A política editorial de um jornal é composta da experiência, do conhecimento e do caráter dos profissionais que compõem o seu quadro atual e por aqueles que já fizeram parte integrante do mesmo. Existe qualquer coisa de especial em todo e qualquer jornal que marca sua presença através da maneira como ele manuseia as notícias, o modo como registra um evento etc. [...] Precisamos cultuar as nossas características e tradições que fizeram sucesso até hoje. [...] Um jornal que tem impresso suas orientações editoriais, com seus princípios claramente estabelecidos, contribui para obter reações e atitudes positivas de seus profissionais [...], que se sentem ligados àquelas políticas que são claramente definidas e afinadas.*

Cooperação entre editorias e outros departamentos – *estreita cooperação entre editorias é um fator essencial no sucesso de um jornal. Mas esta co-*

operação só é alcançada quando os funcionários são capazes de visualizar e de entender a empresa como um todo [...] e a relação direta que eles têm na construção deste sucesso. Cooperação na rotina diária pode ser melhorada e uma cooperação mais precisa pode ser desenvolvida quando o editor/diretor supervisiona pessoalmente e planeja alcançar e realizar isso. [...] Devemos envolver tantas pessoas quantas possíveis no desenvolvimento do programa total do jornal. Esta é uma prática que já vem sendo utilizada pelos editores executivos em grandes centros. [...] Estimular o desenvolvimento de pequenos grupos ou editorias fechadas, como verdadeiros "feudos" , como os que podem com facilidade ser identificados neste jornal, é o mesmo que estar incentivando problemas. Precisamos acabar com esta prática, tomando a iniciativa de prevenir qualquer "crise de identidade" que pode ser construída dentro da redação do jornal. Para tanto é importante que todos os envolvidos na confecção do jornal, cada um deles, possa sentir sua própria importância e a dos outros no processo total, identificando-os e responsabilizando-os diretamente também com a reputação que goza o jornal, como também com seus objetivos e realizações. Precisamos fazer o grupo vestir e suar a camisa. Estimular um senso de dedicação e criatividade, estimulada e gratificada.[...] Podemos desenvolver devoção e estabilidade dentro da organização através de um processo de seleção dos jornalistas que melhor se enquadrem às políticas traçadas pelo jornal, treinando-os para as nossas rotinas, orientando-os e atendendo suas necessidades.

Interpretar as notícias oriundas de agências nacionais e internacionais – *O jornal pode ajudar a interpretar as notícias provenientes de Brasília ou de Washington para os nossos leitores, enfatizando o relacionamento existente entre elas e o desenvolvimento de nosso país e os governos locais (Estadual e Municipais).*

Humanizar mais as notícias locais – *A maior parte dos leitores está sempre interessada em itens sobre eles mesmos e suas famílias, em artigos que eles tenham escrito ou para os quais contribuíram com informações ou entrevista. A prática de convidar escritores/colaboradores (em sistema de rodízio) entre as pessoas qualificadas da cidade é um excelente meio de induzir a participação dos leitores. O jornal pode ser transformado em um amigo de seus leitores estabelecendo um contato direto com eles. Em geral, eles apreciam as coisas naturais que os outros fazem e produzindo reportagens sobre tais interesses humanos ajuda ao jornal a estabelecer um melhor entendimento entre os leitores e entre eles e o jornal. Nós não temos dado suficiente atenção às notícias locais, sobre a nossa cidade, o nosso estado.*

Apoiar grupos locais – *o jornal pode dar espaço para notícias e apoiar efetivamente através de tópicos editoriais as organizações comunitárias legalmente constituídas, estabelecendo uma relação de trabalho mais di-*

reta. Nenhuma Câmara de Comércio, Clube de Serviço, Grupos de jovens ou religiosos ou qualquer tipo pode progredir e levar seus programas adiante sem o apoio de um jornal. Precisamos estreitar nossos laços com estes grupos. Este comportamento beneficiará não apenas o jornal como também à comunidade na qual está inserida. Isto porque o jornal também anuncia o que acontece na comunidade para o mundo que existe fora dela. Os exemplares que atravessam as nossas fronteiras a cada dia levam a impressão da cidade na qual o jornal é impresso. Se o jornal é progressista, a comunidade é considerada progressista. Se o jornal é péssimo, muito provavelmente a comunidade também será considerada assim, não obstante a aparência geral que ela possa transmitir. Se o jornal tem uma aparência atrativa através de suas páginas, sendo justo em suas colunas editoriais, a cidade também será considerada atrativa e legal.

Prestação de serviço – *O jornal pode ganhar a lealdade do leitor escrevendo sobre organizações as quais os assinantes/leitores ou seus filhos pertençam. Uma reportagem sobre um grupo de jovens, informando suas atividades e listando seus membros, faz crescer o interesse pelo jornal, cativando ainda mais seus leitores e abrindo o campo para atrair novos. Temas como história da comunidade, instituições e organizações, melhoramentos públicos e sobre as personalidades e autoridades da cidade, identificando-as com fotografias, com certeza pode aumentar o impacto da notícia. É necessário que o jornal estabeleça uma linha de credibilidade. Não se pode continuar ouvindo pessoas (fontes) sem credibilidade.*

Pesquisa – *Um jornal que se beneficia regularmente dos serviços de pesquisas pode tirar um grande partido das informações que recebe. Por que não se contrata uma pesquisa para sabermos o que o leitor pensa do jornal ? O que ele não gosta? Que sugestões indicam para melhorar o jornal? Isto porque nem sempre o que gostamos é o que leitor gosta. A competição tem se transformado numa coisa concreta e que envolve riscos financeiros para continuarmos dependendo inteiramente de nosso "sexto sentido". Precisamos fazer uso das técnicas e instrumentos das agências de pesquisas à nossa disposição. Precisamos contratar pesquisas que nos ajudem a minimizar os riscos de má interpretação de informações ou continuarmos a tomar decisões baseadas em adivinhações.*

[88.]

Reprodução de cinco capas de *A Tarde Municípios:* a de lançamento, a do primeiro e do segundo ano de circulação e mais duas que marcaram época.

[89.]

O quinto aniversário do suplemento foi comemorado com um bolo em nossa redação, contando com a presença, em sentido horário, de Silvio Simões, Sérgio Mattos, Ari Donato, Cruz Rios, Jorge Calmon, Dona Regina Simões de Melo Leitão e do gerente de publicidade Benito Rocha.

[90.]

No quinto aniversário do *A Tarde Municípios*, a equipe continuava enxuta, mas um pouco maior: Mônica Bandeira (repórter), Luis Eduardo Dórea (agachado - redator), Gilberto Santos (redator), Sérgio Mattos (editor), Antônio José (que estava tirando férias de Margarida Cardoso (redator), Ari Donato (redator), Rodrigo Vieira Júnior (repórter) e Jailson Castro (diagramador). Registro feito no dia 27 de abril de 1990.

[91.]

Reunião de apresentação do projeto *A Tarde Municípios* para os chefes de sucursais, gerente dos departamentos de Marketing e de Publicidade do jornal, além da presença da agência que executou a campanha de lançamento do produto. Sérgio Mattos na cabeceira da mesa, usando camisa de listras. Esta reunião foi realizada em março e o suplemento circulou a primeira vez em 26 de abril de 1985.

A TARDE
Rural
BAHIA, 11 DE FEVEREIRO DE 1993, ANO V, N: 217

MESA-REDONDA
Cacau: perspectivas de desenvolvimento
A TARDE

Do cacau se aproveitam as amêndoas, para fazer chocolate, a polpa, para suco, e a casca, para adubo

Soluções para a crise do cacau

Nesta edição de A TARDE Rural publicamos todo o material apresentado durante a mesa-redonda intitulada "Cacau: perspectivas de desenvolvimento", que promovemos na última sexta-feira, dia 5, com a presença de representantes do governo do estado e de todas as entidades vinculadas à cacauicultura. Inúmeras foram as propostas apresentadas para solucionar os problemas da dívida dos produtores, para combater a vassoura-de-bruxa e para elevar a produtividade da região cacaueira, onde a crise já desempregou mais de 250 mil trabalhadores e está contribuindo para aumentar os problemas sociais. Pela qualidade dos depoimentos apresentados, que publicamos em síntese, esta edição de A TARDE Rural é um verdadeiro *documento* sobre o cacau, devido ao manancial de informações que ela contem sobre esta lavoura que tanto já contribuiu para o desenvolvimento econômico de nosso estado e que, no momento, atravessa uma de suas piores crises.

[92.]

O tablóide *A Tarde Rural* circulou inicialmente como suplemento do *A Tarde Municípios*. Formavam a "Dupla Caipira A Tarde", slogan da campanha criada pela Agência de Publicidade Engenho Novo, de Fernando Passos e Carlos Sarno. O suplemento rural foi lançado em dezembro de 1988, durante a primeira FENAGRO.

[93.]

[93.], [94.] Duas, dentre outras, Mesas Redondas que coordenei no *A Tarde:* "Desenvolvimento do Oeste Baiano (11.12.1992) e "Cacau: Perspectivas de Desenvolvimento" (05.02.1993). Nas duas fotos, em sentido horário: Paulo Souto, Antônio Carlos Magalhães, Jorge Calmon e Sérgio Mattos.

[94.]

CANDIDATO A REITOR

O sentimento da democracia faz parte da nossa natureza: não se é democrata por ser de esquerda, centro ou direita, a democracia não se condiciona a um posicionamento político, é condição e exercício de cada pessoa.

Jorge Amado[7]

A eleição de Tancredo Neves e José Sarney no dia 15 de janeiro de 1985 pelo Colégio Eleitoral é considerada como o marco da redemocratização do Brasil. Com o fim do ciclo de governos militares, em 1985, começou a Nova República. Com a morte de Tancredo, os acordos que ele havia fechado com as elites para uma transição negociada e tranquila, praticamente desapareceram e o país entrou numa crise política sem precedentes, criando inúmeros obstáculos e dificuldades de governabilidade. As dificuldades e oscilações econômicas afetaram o governo Sarney que teve também que formar novas alianças.

Durante o período da Assembleia Constituinte, as classes dominantes pressionavam no sentido de ocupar espaços como sendo os verdadeiros representantes da sociedade civil e a legitimidade disso estava baseada na luta mantida contra o autoritarismo militar. Como resultado dessa situação de acomodação dos interesses políticos acabou sendo criado um grupo, formado pela maioria conservadora fisiológica que passou a ser identificada como Centrão, uma aliança política de políticos suprapartidária. O Centrão contava com representantes de sete partidos (PMDB, PFL, PDS, PTB, PL, PDT e PDC) dos 12 existentes. O PFL comandava a segunda maior bancada da Assembleia Nacional Constituinte e, exatamente por isso, os principais líderes do bloco pluripartidário, o Centrão, eram provenientes desse partido.

Como superministro do governo de José Sarney, Antonio Carlos Magalhães foi o principal articulador da política de aproximação do governo com o Centrão que, segundo os analistas políticos, foi formado durante a Constituinte como uma ação coligada contra as bancadas dos partidos de esquerda. Foi durante esse período de articulação que o deputado Luís Eduardo Magalhães,

[7] Trecho de uma carta de Jorge Amado dirigida a Antonio Carlos Magalhães publicada no jornal *O Globo* e republicada pelo *Correio da Bahia* em 13/12/1999.

filho de ACM, começou a se destacar no cenário político nacional. Por sua vez, além de controlar a bancada baiana do PFL na Câmara, ACM construiu um Centrão baiano, integrado por ele, Carlos Correia Menezes Santana, Luís Humberto Prisco Viana, Milton João Soares Barbosa e Jorge Viana Dias da Silva.

***

No ano de 1987, ano da instalação da Assembleia Nacional Constituinte, concorri à Reitoria da UFBA, participando de um processo eleitoral, que se realizou pela primeira vez na Universidade, por meio de uma consulta ampla para candidatos a reitor, com a participação de todos os segmentos da comunidade (corpos discente e docente e servidores técnico-administrativos). O processo eleitoral na UFBA ocorreu nos dias 20 e 21 de outubro de 1987. Como resultado, integrei a lista sêxtupla da qual o reitor José Rogério da Costa Vargens, o quinto na lista, foi escolhido, confirmando a tradição de que, até então, o reitor nomeado sempre vinha de uma das três mais influentes e poderosas faculdades: Direito, Engenharia e Medicina.

Participaram do processo de consulta à comunidade para a escolha dos integrantes da lista sêxtupla os seguintes professores: Eliane Elisa de Souza e Azevedo, Suzana Alice Marcelino Cardoso, Joaquim Batista Neves, Sérgio Augusto Soares Mattos, José Rogério da Costa Vargens, Kleyde Mendes Lopes Ramos e Luís Henrique Dias Tavares.

Hoje [2015], quando se comemora os 28 anos da primeira consulta para constituição da lista para Reitor da UFBA, posso avaliar que minha participação nessa consulta foi importante para a consolidação do processo democrático, além de ter contribuído, direta e indiretamente, para que a Faculdade de Comunicação – FACOM – passasse a ser vista, a ter visibilidade dentro da própria UFBA. A decisão de participar do processo eleitoral foi um tanto quanto quixotesca, pois tinha plena consciência das resistências a enfrentar devido à minha vinculação com um campo emergente do conhecimento como é a Comunicação e das disputas político-partidárias que incendiavam o ambiente universitário.

A participação da FACOM na vida universitária, nos conselhos de coordenação superiores, passou a ser mais ativa a partir de então e o curso passou a ter mais credibilidade e a ser mais respeitado dentro e fora da UFBA. Naturalmente, não quero dizer que este tenha sido o único fato responsável pela transformação, pois as contingências e mudanças políticas que estavam ocorrendo

no país, que vivia o espírito da Constituinte[8], tiveram também forte influência, mas a minha candidatura pode ser considerada como um marco, pois, a partir daí, tudo passou a ser diferente. Durante a campanha, defendi a necessidade de realização de uma "Estatuinte" na UFBA, considerando que o Estatuto em vigor datava de 1968 e estava defasado.

Um ano depois da consulta ampla que levou à escolha de Rogério Vargens, aproveitando o fato de que poucos dias antes a nossa nova Constituição havia sido aprovada, publiquei artigo no jornal *A Tarde*, cobrando a reforma dos Estatutos da UFBA, pois todos os candidatos da época a desejavam e o novo Reitor ainda não havia feito nada nesse sentido. O artigo demonstra a minha preocupação, como jornalista atento e como educador, com os destinos da UFBA. Reproduzo abaixo os dois últimos parágrafos do artigo:

> *E é tomando a dianteira que a Universidade Federal da Bahia deve buscar promover a modernização e atualização do seu Estatuto e regimentos internos. O Estatuto da UFBA data de fevereiro de 1968. Duas décadas transcorreram desde então. Durante esse período, mudaram os jovens que ingressaram na Universidade; mudaram os profissionais que constituem o corpo docente; mudaram as exigências sociais; evoluíram a ciência e a tecnologia, mudou a Constituição, mudou o Brasil. A Universidade, portanto, precisa se adaptar, para se integrar e acompanhar o desenvolvimento e os anseios da comunidade na qual está inserida.*
>
> *O documento básico da UFBA – o seu estatuto – está completamente defasado. Precisa, pois, ser reformulado de maneira a facilitar à Universidade o atendimento às reivindicações da sociedade. E para que seu texto final possa refletir o espírito democrático que deve permear todas as ações da UFBA, o processo de elaboração indica a convocação de uma Estatuinte com representação e envolvimento de todos os segmentos da comunidade universitária. É, pois, chegada a hora de nossa Estatuinte![9]*

* * *

Durante a campanha defendi o ponto de vista de que uma Universidade só é digna desse nome se souber valorizar a comunidade a que serve, preservando seus valores e patrimônio, além de estar comprometida com a geração de tec-

[8] A Assembleia Nacional Constituinte foi instalada pelo Supremo Tribunal Federal no dia primeiro de fevereiro de 1987. No dia 5 de outubro de 1988 a nova Constituição brasileira entrou em vigor.

[9] Artigo publicado na página 6 do primeiro caderno do jornal *A Tarde*, na edição do dia 9 de outubro de 1988.

nologias e identificação de formas alternativas de solução para os problemas do desenvolvimento regional. E exatamente por isso afirmava que era necessário, que a dignidade universitária fosse ratificada pelo crescimento da sua credibilidade junto à comunidade.

Para tanto, a Universidade devia reforçar sua função de promotora do desenvolvimento científico, artístico e cultural, abandonando a condição de quase imobilismo em que se encontrava, na medida em que se acomodara em ser mera transmissora de conhecimento. Por isso, preguei que era necessário estimular e promover ações na área da pesquisa para que, gerando conhecimento próprio, a UFBA pudesse se impor perante outras universidades brasileiras como um centro de excelência. Logicamente, isso implicava, como ainda hoje implica, na busca das condições materiais e técnicas necessárias ao desenvolvimento das pesquisas, além de investimentos na formação e qualificação dos quadros docente, técnico e administrativo.

Além de defender a autonomia universitária e o ensino de qualidade e gratuito, como também o fizeram todos os candidatos, particularmente, defendi o pluralismo dentro da Universidade. Isto porque o pluralismo ideológico e a liberdade de convicção são princípios que devem ser preservados dentro de qualquer ambiente universitário. Tais princípios só se consolidam com a manutenção do respeito a todos os posicionamentos e uma reflexão crítica permanente que conduzam o ensino, a pesquisa e a extensão a se constituírem em um polo de reflexão crítica. Para tanto, durante a campanha, defendi que devia ser desenvolvido um processo constante de autoavaliação que assegurasse o compromisso de toda e qualquer comunidade universitária com a identificação de formas alternativas de desenvolvimento e respeito às diferentes ideologias.

***

Meu amigo e poeta premiado Carlos Verçosa, que era dono de uma pequena Agência de publicidade, a Asabranca, me ajudou na produção de algumas peças distribuídas durante a campanha, como cartazes, adesivos, faixas etc. Dentre as peças de campanha que foram produzidas está um cordel, de autoria de Bule Bule (Antonio Ribeiro da Conceição), de setembro de 1987, no qual o cantor popular descrevia meu currículo e enaltecia minha pessoa com seu cordel intitulado "Universidade de Verdade", slogan de minha campanha:

[...]

Não é conchavo político
Sua meta de trabalho
Uma lauda é sua safra
Uma caneta é seu malho
A escola é sua árvore
A poesia é seu galho.

Sérgio Mattos bem merece
Mostrar lá na Reitoria
Sua vasta experiência
Ganha no seu dia-a-dia
De pesquisa e de estudo
Lutando em prol da Bahia

Cumpridor de seus deveres
Sérgio Mattos foi e é
Defende a área ecológica
Ajuda Abaeté
E não se divide a Bahia
Lutou muito e botou fé

[...]

Se eu votasse daria
Meu voto de confiança
Mesmo assim peço a quem vota
Que lhe dê liderança
Pois ele na Reitoria
a cultura tem bonança.

A UFBA será um dia
Com Sérgio na direção
Uma fonte cultural

Orgulho desta nação
nivelando com a Bahia
Em valor e tradição

[...]

Estamos com Sérgio Mattos
Por saber de seu valor
Respeitar seu dom poético
E ver que este doutor
Tem capacidade e pode
Sem dúvida ser um Reitor. [...]

* * *

Após a escolha dos seis nomes mais votados e escolhidos pela comunidade foi marcada a data da eleição no Colégio Eleitoral da UFBA que ratificou a lista sêxtupla, obedecendo a seguinte ordem: 1º) Eliane Azevedo, 2º) Suzana Alice Cardoso, 3º) Joaquim Batista Neves, 4º) Sérgio Mattos, 5º) Rogério Vargens, e 6º) Kleyde Mendes Lopes Ramos[10]. O Colégio Eleitoral da UFBA foi integrado pelo Conselho Universitário, Conselho de Coordenadores e Conselho de Curadores. A lista sêxtupla então foi submetida e encaminhada a Brasília para a nomeação de um dos seis integrantes conforme as normas da época, resultando na escolha do quinto colocado na lista. O terceiro lugar na lista, com dois candidatos com total de votos idêntico, foi decidido pelo critério de idade. Todos os candidatos sabiam das regras e assinaram um termo de compromisso de que assumiria o cargo, se escolhido, independente da posição que estivesse na lista sêxtupla. Quem disser que não sabia disso e que não assinou o documento, estará faltando com a verdade.

Assim sendo, independente do resultado da consulta à comunidade acadêmica, o Ministério da Educação tinha a autonomia para nomear qualquer um dos candidatos que estivesse na lista sêxtupla. A última vez que aconteceu essa intervenção direta do MEC foi no pleito de 1987. Na ocasião o professor Rogério Vargens foi nomeado Reitor permanecendo no cargo até 1991. Nos anos seguintes, as consultas foram homologadas pelo MEC que passou a respeitar a escolha da comunidade indicando o mais votado.

Politicamente, o que ocorreu foi que as forças partidárias instaladas dentro da Universidade escolheram seus candidatos: o Partido dos Trabalhadores que, em agosto de 1987, lançou o nome de Luiz Inácio Lula da Silva como candidato à presidência do Brasil, fechou com Suzana Alice Cardoso. O PCB apoiou o nome de Eliane Azevedo, enquanto a faculdade de Filosofia apoiou integralmente o professor Batista Neves que contava também com o apoio político de Waldir Pires.

Na reta final, Rogério Vargens contou com o apoio político dos depu-

[10] A Doutora Kleyde Mendes Lopes Ramos faz parte da Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS), da qual fui o presidente fundador em 1999. No início de 2014 indiquei o nome dela para a presidência da ALAS e meus confrades e confreiras concordaram, elegendo-a para o biênio 2014-2015. Sua posse ocorreu no dia 26 de maio de 2014, no ano em que a ALAS comemora 15 anos de existência.

tados federais Carlos Santana e Jorge Viana. Os outros quatro candidatos, eu, Kleyde e o professor Luís Henrique e o próprio Rogério, não tivemos o apoio de grupos político partidários durante a campanha, contamos apenas com o apoio de alguns colegas e professores em algumas unidades. A título de exemplo, na Faculdade de Medicina, contei com o apoio do Dr. José Maria Peixoto Magalhães; e na de Arquitetura, com o apoio do professor Francisco Soares Sena, que depois foi aproveitado na administração de Rogério Vargens.

Registre-se que fazíamos campanha como professores e não como candidatos políticos. Nenhuma charanga e torcida organizada nos acompanhavam durante os debates para bater palmas e vaiar os oponentes, como faziam os torcedores dos candidatos que polarizaram as eleições: Eliane Azevedo e Suzana Alice Cardoso. Não revelo isso como demérito para as professoras nem tão pouco para manifestar alguma ponta de inveja, pois o clima político no Brasil da época era propício a essas formas de manifestações e também porque de certa forma aquela movimentação dos partidos políticos, em apoio aos seus candidatos, contribuiu para dar um colorido diferente à campanha, durante a consulta à comunidade da UFBA.

Tenho satisfação de ter participado daquela eleição pioneira da Universidade, que entrou para a história da UFBA, como sendo o mais jovem dentre os candidatos[11] e por ter representado uma Faculdade que procurava ocupar espaço e dizer para o que veio. Recordo que, nos dias da votação, os candidatos mais populares mantinham fiscais e faziam boca de urna, utilizando inclusive pessoas estranhas ao ambiente universitário. A organização era tal que essas pessoas receberam inclusive quentinhas com o almoço, e lanches também foram servidos para que não deixassem o ambiente universitário onde estava sendo processada a consulta.

Na época, o professor Fernando da Rocha Peres exercia a direção do Centro de Estudos Baianos e solicitou dos candidatos todas as peças e impres-

[11] Os candidatos a reitor precisavam ter no mínimo cinco anos no exercício e serem professores adjuntos do quadro permanente da UFBA. Não se exigiu a titulação de doutor. Usando o critério da data de nascimento, na ordem do mais velho para o mais jovem, os candidatos que disputaram as eleições para Reitor da UFBA em 1987 foram: 1) Joaquim Batista Neves que nasceu em 10 de agosto de 1924; 2) Luís Henrique Dias Tavares, de 25 de janeiro de 1926; 3) Eliane Elisa de Souza e Azevedo, de 12 de março de 1936; 4) Suzana Alice Marcelino Cardoso, de 9 de novembro de 1937; 5) Kleyde Mendes Lopes Ramos, de 18 de abril de 1939; 6) José Rogério da Costa Vargens, de 15 de julho de 1942, e 7) Sérgio Augusto Soares Mattos que nasceu em primeiro de julho de 1948.

sos feitos durante a campanha para guardá-los como parte da memória/história da UFBA. O Centro de Estudos Baianos, que também havia sido dirigido pela professora Consuelo Pondé de Sena, acabou, mas o material doado deve ter sido incorporado pelo acervo da Biblioteca Central Macedo Costa, da UFBA.

***

Após a eleição do Colégio Eleitoral da UFBA, que ratificou o resultado da consulta, alguns candidatos começaram a manter contatos com políticos em Brasília, em busca de apoio para a indicação de seus respectivos nomes. Confesso que não fui a Brasília em nenhum momento, nem tão pouco procurei contatar com qualquer político para solicitar apoio. Esta minha atitude foi interpretada na época pelo meu ex-professor Ary Guimarães como uma atitude ingênua, como ele mesmo me disse, pois a nomeação só sairia pelos meios políticos. Ao conversar, com ele esclareci que desde o primeiro momento a minha posição foi a de não permitir e de não misturar a Universidade com política partidária e, exatamente por isso, não seria coerente de minha parte, a partir daquele momento, mudar minha posição. Fui ingênuo, porém coerente, pois continuo vendo a Universidade como um ambiente democrático e plural, no qual as diversidades, cultural e ideológica, devem estar presentes.

Ao me encontrar com o então deputado federal Benito Gama, na redação do jornal *A Tarde*, ele também cobrou a minha presença em Brasília, como os outros candidatos estavam fazendo, sendo que alguns chegaram a montar até escritório lá, me revelou. Da mesma forma expliquei a Benito, na época, a minha posição. Além de ter acrescentado que todos os políticos baianos como ele mesmo, independente de filiação partidária, me conheciam, pois eu era um jornalista militante, e se houvesse a necessidade de interferência política para decidir quem seria o escolhido eles poderiam se posicionar e opinar sem que eu tivesse que ir lá para pedir.

Se minha posição foi arrogante, burra, ingênua, orgulhosa, ou como queiram classificá-la, pouco importa. Na verdade, eu estava apenas sendo coerente comigo mesmo e não me arrependo disso. Benito Gama entendeu meu ponto de vista, mas ficou achando, como várias outras pessoas, que eu tinha entrado na disputa para lançar meu nome visando a me candidatar nas próximas eleições para deputado estadual, o que nunca me ocorreu e eu nunca, pelo menos até o presente momento, pensei em me candidatar.

Dizem que Deus escreve com linhas tortas e como eu acredito que tudo só ocorre no seu devido tempo, mesmo sem ir a Brasília, um político estava acompanhando o que acontecia na UFBA. Apesar de não querer se envolver, pois para ele os professores que já tinham contado, anteriormente, com o apoio dele para serem nomeados reitor da Universidade, sempre o traíram, resolveu procurar o jornal *A Tarde*, onde eu também trabalhava como editor, para saber se o jornal tinha interesse que eu fosse nomeado Reitor da UFBA. O político foi o então todo poderoso ACM que ligou para Jorge Calmon e o consultou:

– Jorge, *A Tarde* tem interesse que Sérgio Mattos seja o Reitor da UFBA – perguntou ACM.

– De forma alguma, pois perderíamos um grande colaborador – respondeu Jorge Calmon.

Esse telefonema me foi confidenciado pelo próprio Antonio Carlos Magalhães quando nos encontramos em um evento realizado na época e ratificado por Cruz Rios, Secretário-geral do jornal, com quem ACM comentou o diálogo. É uma pena que os três envolvidos já estejam mortos e não possam confirmar o fato. De certa forma não fui reitor da UFBA porque meu amigo Jorge Calmon não quis. Nunca falamos sobre isso, mas sempre interpretei em minha vida que quando me fecham uma porta, pelo menos duas outras me são abertas e nunca parei ou andei para trás, muito pelo contrário, sempre soube encontrar novos caminhos e continuei seguindo em frente. Afinal de contas, como disse Ruy Barbosa: "As aspirações caminham para o ideal; as ambições para o interesse. As primeiras moralizam e sublimam o homem. As segundas o corrompem e degradam."

* * *

Analisando o processo de nomeação do reitor e o que aconteceu posteriormente, na verdade, pulei uma fogueira devido à interferência de Jorge Calmon. Se lhe competia interferir no meu processo de vida ou não, pouco importa neste momento, mas se eu tivesse assumido a Reitoria naquele ano, a história de minha vida teria sido diferente e, hoje, estou satisfeito com o que fiz e o que ocorreu comigo ao longo dos anos após aquele episódio.

Com relação ainda a Jorge Calmon é interessante lembrar o fato de que discordávamos muito em relação às minhas atitudes e produções multifacetadas. Ele estava sempre me dizendo que eu não deveria abrir tantas frentes.

Deveria me concentrar numa atividade e manter o foco do interesse em um único tema. Talvez eu ainda esteja errado, mas nunca segui sua recomendação e continuo teimosamente sempre abrindo novas frentes, com novos projetos e novos sonhos. Talvez tenha sido por isso que José Marques de Melo, no prefácio que escreveu para o meu livro intitulado *O Contexto Midiático* tenha sido tão enfático ao afirmar:

> *Por mérito próprio e reconhecimento coletivo, Sérgio Mattos ocupa hoje, o posto de historiador principal da nossa televisão. [...] Entretanto, seu interesse pelos fenômenos comunicacionais é bem mais amplo, fértil e variado, como bem o demonstra neste livro, onde analisa questões que assumem perfil teórico-metodológico nitidamente sintonizado com o modo de pensar na escola latino-americana.*
>
> *[...] Cearense de nascimento, mas baiano por opção, Sérgio Mattos poderia ser, como tantos acadêmicos da sua geração, um pensador provinciano. Ao contrário, ele se tornou um intelectual que cultiva a cidadania global, transitando com desenvoltura entre os espaços nacionais e os ambientes internacionais.*

Como um bom baiano, por opção e de papel passado, posso dizer que meu Santo é forte e sempre me protege de possíveis problemas.

* * *

A partir da falta de interesse do jornal em minha nomeação, ou mais especificamente de Jorge Calmon, que tinha outros planos para mim no *A Tarde*, ACM lavou as mãos não se envolvendo no processo, e Carlos Santana[12] então se articulou com os demais deputados do Centrão baiano (Luís Prisco Viana, Milton Barbosa, Jorge Viana) e obteve a nomeação de Rogério Vargens. Mesmo não tendo tido qualquer participação no processo, ACM foi acusado de ter sido o responsável pela nomeação do reitor e um movimento de protesto aconteceu na UFBA, tentando impedir a entrada do novo reitor, que tomou posse e começou a dirigir a Universidade a partir da sede do DEMEC, Delegacia do MEC na Bahia, que funcionava no Largo Dois de Julho, até que os ânimos serenaram e ele pode finalmente ocupar o gabinete da Reitoria.

[12] Carlos Correia Menezes Santana era deputado constituinte e durante o governo de José Sarney interrompeu seu mandato parlamentar duas vezes para ocupar dois ministérios. Ele foi ministro da Saúde no período de 15 de março de 1985 a 13 de fevereiro de 1986 e Ministro da Educação no período de 16 de janeiro de 1989 a 14 de março de 1990, quando pode apoiar diretamente as iniciativas de Rogério Vargens na UFBA.

Vale dizer que até antes da nomeação de Rogério mantivemos vários encontros no sentido de apoio mútuo caso um dos dois viesse a ser nomeado, isso porque, de acordo com as análises políticas e prognósticos feitos na época, por exclusão, os candidatos apoiados pelo PT, PCB, PC do B, que não integravam a base de apoio do governo Sarney, estavam fora de cogitação. O professor Batista Neves, por ter o apoio do adversário político de ACM, Waldir Pires também estava de fora. Por exclusão, qualquer um dos três últimos nomes da lista sêxtupla poderia ser o escolhido, como de fato ocorreu, de forma política, com a interferência do deputado federal Carlos Santana.

Foi a partir desses contatos e encontros com Rogério Vargens que pude inclusive interferir junto a ele na nomeação dos novos diretores eleitos na FACOM, que estava sob intervenção e que lhe fazia cerrada oposição, com o professor Ailton Sampaio exercendo a função de diretor *pro tempore*. Rogério temia possível radicalismo e oposição dos novos diretores à sua administração, mas lhe dei garantia da seriedade e compromisso acadêmico dos dois. E assim, Ruy Espinheira Filho e Sônia Serra foram finalmente nomeados diretor e vice da FACOM respectivamente.

* * *

Sempre procurei atender e resolver problemas das pessoas sem cobrar nada em troca. Todos aqueles a quem ajudei ao longo de minha vida ajudei porque quis e pude ajudar e o faria novamente sem desejar nada em troca, sem pedidos ou cobranças. Muitas vezes as pessoas beneficiadas nem ficaram sabendo de minha interferência. Gratifica-me, no entanto, quando há o reconhecimento e a gratidão, desde que espontâneos.

* * *

No cenário educacional nacional, eu vinha atuando como consultor *ad hoc* do CNPq e como avaliador (do INEP/MEC e do Conselho de Educação do Estado da Bahia) de instituições de educação superior ou integrando comissões específicas. Coincidência ou não, quando parecerista do CNPq aconteceu uma coisa *sui generis*. Recebi, no ano de 1990, um projeto intitulado "Imagens Holográficas como fusão de artesanato e tecnologia", de autoria do professor Arlindo Ribeiro Machado Neto, que já havia sido recusado duas vezes e submetido o trabalho novamente, depois de atender a todas as recomendações anteriores. O projeto na época era ambicioso e caro, talvez um dos entraves para a sua aprovação. Analisei várias vezes o projeto, constatando que estava redondo,

ou seja, sem qualquer palavra a ser acrescentada ou retirada. Como resultado, emiti um parecer positivo e conclusivo de "Recomendado", juntamente com um texto justificando minha decisão, o que parece não ter sido bem aceito pelos dirigentes do órgão na época, pois, a partir de então, nunca mais fui procurado ou recebi qualquer projeto para dar parecer. Foi como se tivesse sido cortado da lista dos consultores *Ad hoc*.

O projeto tinha como objetivo realizar um estudo das transformações perceptivas, culturais e epistemológicas provocadas pelas imagens holográficas. Visava ainda implantar, no programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, um centro de Estudos de Holografia, vinculado ao Núcleo de Linguagens Visuais, o que por si só já lhe daria respaldo para aprovação, uma vez que complementaria um projeto financiado pelo FINEP e que já estava em pleno funcionamento. Considerando isso e o caráter de interdisciplinaridade do projeto, dei parecer conclusivo, recomendando o deferimento. Assinei o parecer do processo nº 40.3191/90.4 no dia 30 de agosto de 1990. Não sei até hoje se a solicitação do professor Arlindo foi ou não atendida.

***

Vim a conhecer o professor Arlindo Machado anos depois durante um dos congressos da INTERCOM, mas nunca fiz a relação do nome dele com o parecer dado, pois não o conhecia. Qual não foi minha surpresa quando ao mexer em antigos documentos para escrever este livro, me deparei com o parecer dado ao projeto e só agora, em 2013 fiquei com a curiosidade de saber se o projeto dele foi contemplado ou não. Ainda vou procurá-lo para saber.

[95.]

Dentre as peças de campanhas a Reitor, foram distribuídos cartazes, faixas, adesivos, o cordel criado por Blue Blue e um folheto contendo minhas propostas.

Proposta de trabalho para a Universidade

(1988-1992)

SERGIO MATTOS

Candidato a Reitor da UFBa.

SETEMBRO DE 1987

PRESIDINDO INSTITUIÇÕES CULTURAIS (IBL/ALAS)

A consciência e a valorização de individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva, mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro desta trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais estes poderão ser atingidos. [...] Assim, o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade.

Gilberto Velho

Durante essa fase, de 1985 a 1999, exerci a cidadania voltando minha área de interesse no sentido de também beneficiar à comunidade baiana ao integrar grupos de trabalho coletivo voltados para a criação de duas instituições das quais, além de membro fundador, fui também o primeiro presidente: O Instituto Baiano do Livro (IBL), criado em 25 de outubro de 1991, durante o II Encontro de Editoração da Bahia, no salão Elmano Castro, do Grande Hotel da Bahia, em Salvador; e a Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS), instalada oficialmente no dia 20 de dezembro de 1999, em solenidade marcante no Teatro da Casa do Comércio em Salvador.

O INSTITUTO BAIANO DO LIVRO (IBL)

No Estatuto do IBL, em seu artigo 1º, estava explicito: "O Instituto Baiano do Livro é sociedade civil, de produtores editoriais de livro, sem fins lucrativos". Dentre os dez objetivos do IBL destacavam-se: os de congregar produtores editoriais de livros, escritores, artistas gráficos, livreiros e demais profissionais com interesses relacionados com o livro; lutar pela implantação

e pelo desenvolvimento da política e da indústria editorial na Bahia; promover campanhas de estimulo à leitura e o de colaborar com programas e projetos voltados para possibilitar às camadas sociais mais carentes o acesso ao livro.

A primeira diretoria do IBL foi eleita e empossada no dia 5 de novembro de 1991 e ficou constituída assim: Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos; 1º Vice: Flávia Garcia Rosa; 2º Vice: Cidélia Argolo; Secretária: Cândida Maiffre; Tesoureiro: Luís Guilherme Pontes Tavares; Conselho de Administração: Matilde Schnitman, Esmeraldo Coelho, Germano Machado, João Carlos Teixeira Gomes e Eliete Correia; Conselho Fiscal: (efetivos) Nelson Cerqueira, Pinras Ely Abrahaim e Paulo Maltez; (suplentes) Raimundo Luiz de Oliveira Lopes e Adinoel Mota Maia.

Exerci a presidência do IBL[13] por três vezes, tendo sido eleito pela terceira vez em fins de 1999, que foi também a última gestão do Instituto que já havia cumprido com sua finalidade e nada mais justificava sua existência e decidimos por encerrar as atividades da instituição em Assembleia Geral realizada no dia 3 de agosto de 2001. Foi durante os meus dois primeiros mandatos, no período de 1991 a 1995, que realizamos quase 40 eventos, além de termos publicados vários livros[14] e documentos técnicos como resultados dos Encontros de Editoração que promovíamos, capacitando profissionais na área de editoração de livros, com cursos e oficinas as mais variadas que acabaram resultando na instalação não de uma grande editora, mas de várias pequenas editoras na Bahia, principalmente em Salvador.

[13] A diretoria eleita para o segundo mandato do IBL para o período de 1993-1995 ficou assim constituída: Presidente: Sérgio Mattos; 1º Vice-Presidente: Flávia Garcia Rosa; 2º Vice-Presidente: Aramis Ribeiro Costa; Tesoureiro: Luís Guilherme Pontes Tavares; Secretária: Regina Célia Zobiack. Conselho de Administração: Ângela Garcia Rosa, Fátima de Almeida Nery, Maria Cândida Maiffre, Nídia Lubisco e Germano Dias Machado; Conselho Fiscal: Pinras Ely Abrahaim, Nelson Cerqueira e Esmeraldo Coelho; Suplentes: Cidélia Albuquerque Argolo, Matilde Schnitman e Adinoel Mota Maia.

[14] Como resultados dos Encontros de Editoração que o IBL promovia, publicamos vários livros e documentos: *A Aventura editorial de Pinto de Aguiar*, Salvador: IBL/ALBA, 1993. – patrocinado pela Assembleia como parte das homenagens ao deputado estadual constituinte de 1935, Manuel Pinto de Aguiar; *Anais do 3º Encontro de Editoração da Bahia*. Salvador: IBL, 1993; *Anais do 4º Encontro de Editoração da Bahia: Hábito de Leitura no Brasil*. Salvador: IBL, 1994; Anais do 5º Encontro de Editoração na Bahia: *O futuro do livro na Bahia; Arézio, mestre baiano das Artes Gráficas e Editoração*; e *Ato de amor ao livro* (número da série "Conversa de Editor"). Os documentos: "Técnicas de artes gráficas aplicadas ao desktop publishing"; "I Mesa-redonda sobre Editoração na Bahia"; "II Mesa-redonda sobre Editoração na Bahia"; "Editoras baianas – levantamento preliminar" e "Bibliografia de Editoração & Artes e Gráficas".

Além dos Encontros de Editoração anuais, promovíamos cursos e oficinas, dentre os quais gostaria aqui de destacar dois cursos de técnicas de artes gráficas aplicadas ao Desktop Publishing, ministrados por Nazareth Darakdjean, instrutor da Gutenberg, São Paulo, introduzindo aos profissionais baianos o uso do computador como ferramenta de editoração. Destaco também, como eventos merecedores de registro, a I Mostra de Design Gráfico Editorial da Bahia, organizada então por Luís Guilherme Pontes Tavares, da diretoria do IBL, nos salões de entrada do prédio do Desenbanco. Na abertura do evento, contamos com uma palestra de um dos maiores designers brasileiro, Victor Burton. O outro evento foi a Exposição dos Livros Latino-Americanos, na Biblioteca Central da UFBA. Ao final mais de mil volumes foram doados à Universidade. Essa exposição e a doação só foi realizada porque o IBL intermediou a realização dessa exposição na Bahia junto à Câmara Brasileira do Livro (CBL).

De acordo com um levantamento preliminar realizado pelo IBL[15], em junho de 1992, por Flávia Garcia Rosa e Regina Zobiack, membros da diretoria do Instituto, com o objetivo de identificar o número de editoras existentes na Bahia, àquela época, constatou-se que existiam apenas 19 editoras, das quais 12 eram privadas e sete delas vinculadas a órgãos públicos, inclusive universidades.

Trabalhávamos com afinco não apenas na capacitação de mão-de-obra especializada, mas também no estímulo à leitura, a ponto de dedicarmos um encontro ao tema e a publicação de um livro sobre o qual. Da apresentação da obra, destaco um trecho que escrevi:

> *Hábito de Leitura no Brasil foi o tema central das quatro palestras proferidas no encerramento do IV Encontro de Editoração da Bahia, evento que transcorreu no período de 19 a 22 de outubro de 1993, no Pavilhão de Aulas da Federação (UFBA). Este evento ofereceu também um Curso de Preparação de Texto, ministrado pela professora Mitsue Morissawa, e uma Oficina de Criação em Editoração e Artes Gráficas, coordenada pelo professor Ricardo Amadeo.*

[15] Exerceram as funções de presidente e primeiro vice-presidente do IBL – Instituto Baiano do Livro as seguintes pessoas e respectivos mandatos: No período de 1991-1993 e 1993-1995: Presidente: Sérgio Mattos, 1º vice-presidente Flávia Garcia Rosa. No período de 1995-1997 Gustavo Falcón foi o presidente e Claudius Portugal o 1º vice-presidente. No período de 1997-1999, Luís Guilherme Pontes Tavares foi presidente e Sérgio Mattos 1º vice-presidente. No período de 1999-2001, Sérgio Mattos foi eleito presidente e Luís Guilherme Pontes Tavares ficou como 1º vice-presidente.

> *Neste volume, os Anais do IV Encontro, o IBL registra alguns dos principais obstáculos ao desenvolvimento e expansão da indústria editorial. Dentre os elementos dificultadores destacam-se os baixos índices de leitura e de consumo de livros registrados no País. O Brasil tem um consumo médio de apenas 1,2 livro per capita/ano, enquanto na Europa e nos Estados Unidos este total chega a ser de 8 a 10 livros per capita/ano. Entretanto, a indústria editorial já é considerada como um segmento de importância econômica devido aos grandes valores que movimenta (em 1991, por exemplo, o Brasil vendeu 289 milhões de exemplares obtendo um faturamento de US$ 1,4 bilhão) e de já ter uma Câmara Setorial do Livro, onde os problemas relacionados ao setor são analisados em busca de soluções.*
>
> *Objetivando dar uma contribuição efetiva no sentido de encontrar caminhos/soluções para aumentar o índice de leitura foi que o IBL promoveu, dentro da programação do IV Encontro, um espaço de tempo específico com palestras centradas em torno do tema Hábito de Leitura no Brasil. O IBL acredita que este volume é um documento importante pelas contribuições lúcidas apresentadas por Élio Régis, superintendente da Bahia Sul Celulose; por Francisco Gregório Filho, coordenador do Proler - Programa Nacional de Incentivo à Leitura; por Adinoel Mota Maia, autor e jornalista; por Elizabeth Naves e Marta Pensin, economistas e pesquisadoras da Fundação João Pinheiro, de Minas Gerais; e por Ziraldo, escritor e ilustrador de livros infantis e juvenis. As palestras, abordando as várias facetas que limitam o hábito de leitura e que cerceiam o desenvolvimento da indústria editorial, bem como as sempre ricas intervenções, dos debatedores e participantes do IV Encontro, fazem deste volume um documento importante para estudiosos, curiosos e profissionais da área que atuam no Brasil. Vale ressaltar que o Brasil é um país onde, só em 1992, foram editados 15 mil títulos, que atingiram uma tiragem de 250 a 300 milhões de exemplares.*

Foi ainda durante minha gestão que o V Encontro de Editoração da Bahia foi realizado em novembro de 1994, mas a publicação dos *Anais* só foi viabilizada durante a gestão de Gustavo Falcón, no ano de 1996. Fiz a apresentação do livro *O Futuro do Livro na Bahia*, na qual cobrei do Estado uma política cultural voltada para contemplar todos os segmentos culturais, como no trecho que transcrevo a seguir:

> *Não basta o governo instalar uma Secretaria de Cultura ou criar selos editoriais para publicação de alguns livros: não basta o IBL promover cursos, encontros e demonstrar que o mercado local existe; é necessário vontade política que envolva todos os segmentos da sociedade, pois abrir editoras, sem distribuidoras; publicar livros sem que as escolas e universi-*

dades os adotem; publicar sem que seja desenvolvido o hábito de leitura em nossa população é remar contra a correnteza.

[...] O mercado baiano para o livro existe. Durante os últimos quatro anos, o trabalho desenvolvido pelo IBL contribuiu pelo menos para deixar isso transparente. Na realização de quase 40 eventos voltados para a promoção editorial, valorização do livro, conscientização do empresariado e formação de mão-de-obra especializada, não conseguimos instalar na Bahia uma grande editora – nosso objetivo –, mas vimos surgir, ao longo dos dois últimos anos (1994-1995), como resultado direto e indireto das ações do IBL, várias editoras de porte médio e alguns selos editorais, responsáveis pelo lançamento de dezenas de títulos novos.

Entre as mais novas destacam-se a Casa da Qualidade, EBDA, SarahLetras, Edições Olodum e a implantação da EDUFBA – Editora da Universidade federal da Bahia –, cujo editor-diretor, Gustavo Falcón, é o atual presidente do IBL, garantindo a essa instituição a continuidade de seu trabalho voltado para a valorização de profissionalização do mercado editorial da Bahia.

Com a publicação deste volume, o IBL edita o seu quinto livro, destacando-se que tudo o que temos publicado na Bahia sobre editoração, praticamente foi produzido por esta instituição, sem fins lucrativos, fruto do trabalho abnegado de seus diretores e associados.

***

Sobre o IBL, o jornalista, crítico literário e doutor em Literatura, Cid Seixas Fraga Filho deu o seguinte depoimento em sua coluna, "Leitura Crítica", publicada no jornal *A Tarde* do dia 24 de abril de 1995:

> Mas, ao falar de Sérgio Mattos, não se pode deixar de registrar a personalidade multifacetada do intelectual sempre na vida cultural da cidade. E aqui, permita o leitor, dou ao texto um tom pessoal. Venho acompanhando o seu trajeto desde 1968, quando ele publicou com outros jovens iniciantes a revista Experimental. Depois fomos duplamente colegas, no curso de jornalismo da UFBA e na atividade diária que exercíamos na imprensa. Hoje, ambos somos professores da mesma universidade. Sérgio continua exercendo o jornalismo diário, do qual me afastei, mas continuei ligado ao velho colega.
>
> Acompanhei os seus lançamentos anteriores, tanto na poesia quanto no ensaio. Lembre-se de que como professor de jornalismo Sérgio Mattos tem contribuído para o enriquecimento da bibliografia brasileira com títulos oportunos e adequados às diversas circunstâncias. Doutor em Comunicação nos Estados Unidos, Sérgio dividiu seu tempo americano entre

a análise da imprensa escrita e televisiva, sem se esquecer da atividade poética. Lá publicou dois livros como testemunho da importância que ele mesmo atribui à sua produção literária: *Time's Sentinel*, em 1979, e *I No Longer Sing, I Cry*, em 1980.

É esta fidelidade de Sérgio Mattos à literatura que fez dele um profissional inteiramente comprometido com a causa do livro. Fundador e presidente do Instituto Baiano do Livro, sociedade sem fins lucrativos destinada a implementar uma política editorial na Bahia. O IBL vem anualmente promovendo encontros de editoração e procurando despertar uma consciência crítica em relação ao livro. Pode-se mesmo dizer que a instituição de direito privado dirigida por Sérgio Mattos vem fazendo aquilo que os órgãos oficiais de cultura deveriam fazer.

Como o IBL não dispõe de recursos e verbas para assegurar o fomento da atividade editorial na Bahia, ele vem tentando despertar o interesse de empresários e autoridades. Vem agindo em dupla frente: de um lado, fornecendo subsídios e dados capazes de incutir nos empresários o interesse pela implantação de uma indústria editorial no estado. Por outro lado, vem orientando atividades que caberiam a um Instituto Estadual do Livro ou a um departamento dos órgãos oficiais de cultura. Tudo isso a custo zero para o poder público.

A Bahia é seguramente o único dos grandes estados brasileiros que não tem uma política editorial acompanhada pelo Estado. Do mesmo modo que não tem uma indústria editorial. Salvador, em termos de livros e de editoras, não é diferente das muitas cidades interioranas do país. Somos a terceira maior cidade, mas estamos muito distantes de Porto Alegre, de Belo Horizonte e de outras capitais, quanto à produção e à circulação do livro.

***

Na condição de presidente do IBL tive a oportunidade de participar de vários encontros nacionais da Câmara Brasileira do Livro – CBL, sendo que em um dos quais participei diretamente como um dos signatários da criação da ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos, criada durante o Encontro da CBL realizado em Contagem, Minas Gerais, no ano de 1992. Ao retornar publiquei um texto de página inteira no jornal *A Tarde*, intitulada "Livros ao alcance de todos", na edição do dia 21 de junho de 1992, do qual reproduzo a seguir o trecho inicial:

A fundação da Associação Brasileira de Direitos Reprográficos - ABDR foi o principal resultado do XXIII Encontro de Editores e Livreiros, realizado no período de 3 a 6 deste mês em Contagem, Minas Gerais.

Promovido pela Câmara Brasileira do Livro - CBL, o encontro reuniu 75 participantes (editores, livreiros e alguns autores) que concentraram suas discussões no sentido de reposicionar o livro como produto cultural diferenciado.

Para tanto, os participantes debateram a organização e layout de livrarias, a informatização na produção e comercialização do livro e os problemas e soluções para os mercados regionais. Analisaram o futuro do livro didático e refletiram sobre a importância econômica da indústria do livro e os meios pelos quais os autores, editores e livreiros podem acionar a imprensa na sua divulgação. As relações entre o Ministério da Economia e a indústria do livro, a economia política do livro e a política nacional traçada para o desenvolvimento da leitura também foram objeto de reflexões e debates específicos.

O encontro poderia ser dividido em duas vertentes: as questões da área privada e as questões da área pública. Na área pública ocorreram as intervenções da Secretária Nacional de Economia e dos representantes da Fundação Biblioteca Nacional, com sugestões, propostas e informações do que estão realizando para dinamizar a leitura. Na área privada, as apresentações de livreiros, editores e especialistas convidados que apresentaram temas de interesses específicos.

* * *

Apesar de ter sido aclamado primeiro presidente do IBL por meus pares é bom frisar que sua criação se deve ao empenho de alguns profissionais da área, a exemplo de Luís Guilherme Pontes Tavares, Flávia Garcia Rosa, Cândida Maiffre, Matilde Schnitman (ex-alunos na FACOM/UFBA), Regina Zobiack, Aparecida Ferraz, Nelson Cerqueira, entre outros, que já tinham realizado, juntamente com a UFBA, o Primeiro Encontro de Editoração da Bahia. A proposta de criação do Instituto Baiano do Livro foi feita pelo jornalista e professor Nelson Cerqueira quando do encerramento do I Encontro de Editoração da Bahia realizado em 1990, no auditório da Fundação Pedro Calmon.

No ano seguinte, o IBL foi criado durante o segundo encontro, do qual participei como palestrante convidado. Na oportunidade, tracei considerações sobre se valia a pena investir em livros. Transcrevo a seguir trechos da primeira parte de minha palestra/depoimento, proferida no dia 24 de outubro de 1991, ou seja, na véspera da criação do IBL. As reflexões contidas aqui são válidas para os dias atuais, pois continuamos a enfrentar os mesmos problemas da época. Confira no texto:

É com satisfação que participo deste II Encontro de Editoração da Bahia. É através de eventos como este e da integração entre autores, distribuidores, editores e livreiros que surgem boas ideias, como a da criação do Instituto Baiano do Livro, que poderá encontrar novos espaços para promover o livro, objeto maior da atenção deste simpósio, e estimular o hábito da leitura em nossa comunidade.

Ao ser convidado para falar neste encontro, um tema me foi sugerido: "Vale a pena investir em livros?". Para abordar um tema tão complexo e que envolve tantas nuanças e interesses diversos, optei, como autor, pela perspectiva de prestar um depoimento baseado na observação e experiência pessoal. Ao longo dos últimos 23 anos venho batalhando para concretizar o ideal de colocar minhas produções, literárias e acadêmicas, no mercado, contribuindo para gerar, acumular e preservar conhecimento. Vale destacar que esta batalha tem sido desempenhada com a consciência de quem sabe que o livro tem um papel fundamental na preservação do saber e que, como negócio editorial, exige dedicação, pois sua principal característica é que seus frutos só serão colhidos a longo prazo.

Este depoimento será apresentado em dois momentos. No primeiro, traçaremos um breve panorama sobre a situação atual, apresentando algumas sugestões. No segundo momento, exibiremos alguns slides registrando nossa experiência pessoal, destacando os problemas enfrentados na editoração, comercialização e distribuição de livros e como resolvemos alguns deles.

SITUAÇÃO ATUAL

Apesar de possuir uma indústria editorial bastante desenvolvida, sendo a segunda nas Américas, este setor produtivo brasileiro continua atravessando um período de crise, iniciada na década de 1970 e causada pelo aumento constante dos custos de produção e redução progressiva do mercado consumidor devido à recessão econômica, sempre acompanhada da inflação.

Ironicamente, apesar da crise, dos altos custos do papel, do preço das gráficas, da má distribuição, do reduzido número de livrarias existentes no país, nunca se publicou tanto quanto agora. A indústria editorial tem conseguido manter, nos últimos anos, uma produção média de 2 a 3 livros para cada habitante por ano. Os grandes editores tem constatado que, apesar da crise econômica, a cada ano se lê mais e compram-se mais livros no Brasil.

Segundo eles há um aumento convincente na venda de livros, mas nós não temos acesso a informações que comprovem que cada livro vendido é um livro lido. No Brasil existe um pouco mais que 400 editoras (entre pequenas e grandes), trabalhando, em sua maioria, com esquemas de comercia-

lização, distribuição e promoção do produto, já totalmente ultrapassados. As livrarias, por sua vez, ainda não desenvolveram um método para se aproximar ou atrair o consumidor. O pessoal que trabalha no ramo, em geral, não conhece o produto que vende, nem tão pouco é preparado para desempenhar a função. Tais fatos podem estar contribuindo para limitar o desenvolvimento da nossa indústria editorial.

Em linhas gerais este é o panorama nacional. Na Bahia, carecemos de grandes editoras e de distribuidores eficientes apesar de já possuirmos algumas livrarias bem equipadas. Em Salvador, existe cerca de uma dúzia de pequenas editoras funcionando heroicamente dentro de um contexto deficiente e sem estrutura profissional. Isto é lamentável quando sabemos que durante as décadas de 1950 e 1960, Pinto de Aguiar, através de sua Livraria Progresso Editora, instalada na Praça da Sé, publicou quase 500 títulos na Bahia.

Entre os inúmeros obstáculos que limitam a produção, distribuição e comercialização de livros regionais, podemos destacar três deles:

1- As editoras regionais, com raras exceções, não possuem parque gráfico próprio, não possuem capital de giro e, geralmente, produzem edições com tiragens bem limitadas, impossibilitando que a obra saia da região onde foi produzida;

2- A editoração regional apresenta inúmeros problemas de ordem técnica, pois os padrões de qualidade gráfica não são observados, da composição à montagem do texto, da fotolitagem à escolha do papel de impressão;

3- A falta de distribuidores qualificados impede que a obra circule nas livrarias ou outros pontos de venda credenciados, obrigando muitas vezes o próprio autor a desempenhar as funções de distribuidor e a lidar diretamente com as livrarias. Estas, por sua vez, não colaboram na colocação dos exemplares em locais visíveis, só aceitam a obra sob consignação e ainda por cima atrasam na prestação de contas.

Diante deste quadro, o investimento na editoração de livros regionais torna-se difícil. Mesmo assim podemos identificar quem investe ou pode investir em livros atualmente. Não necessariamente nesta ordem podemos listar:

a) O governo, através de seus órgãos culturais específicos, através de suas agências financiadoras, empresas gráficas, imprensas oficiais e editoras universitárias;

b) Empresas estruturadas especificamente para atuar na área de editoração, ou sejam, as conhecidas editoras;

c) Os próprios autores, através de produções independentes, apesar do forte preconceito que cerca obras autofinanciadas;

d) Cooperativas formadas por autores que se cotizam e publicam suas obras, sob um determinado selo registrado, em regime de rodízio até que todos os associados tenham publicado seus respectivos livros;

e) Empresas ou escritórios que se especializaram na publicação de livros, apesar de não serem registradas oficialmente como editoras. Trata-se de pessoas que cobram honorários pelo serviço de editoração, encarregando-se de todos os detalhes. O autor-cliente já recebe a obra pronta, paga pelos serviços prestados e marca o lançamento. Geralmente, estes escritórios possuem um selo editorial, através do qual editam estas obras que podem ser individuais ou coletivas.

f) Em algumas cidades, grandes empresas costumam também editar obras para distribuir, entre os clientes, como brinde de fim de ano, durante os festejos natalinos.

Diante do exposto, conclui-se que tendo em vista as dificuldades e limitações da indústria editorial local e nacional, quem milita no setor – autores, editores, distribuidores e livreiros – tem que encontrar meios alternativos e criativos para democratizar o livro e estimular o hábito da leitura.

Para tanto precisamos identificar os meios que permitam as editoras diminuir seus custos financeiros, adquirindo, por exemplo, papel a preços reduzidos e/ou subsidiados, obtendo isenções de impostos específicos e financiamentos a juros mais baixos do que os praticados no mercado.

Precisamos desmistificar o fato de que o livro tem que apresentar um tipo de composição do mais alto nível tecnológico e ser impresso em papel de boa qualidade. O que importa é o conteúdo, mesmo que impresso em papel jornal e datilografado com máquina elétrica.

Estes recursos diminuiriam os custos, facilitando que uma parcela significativa da população que não tem acesso ao livro, devido ao alto custo, passasse a tê-lo.

Precisamos também lutar para que o livro seja distribuído também através de bancas de revistas, supermercados, farmácias, e incentivar, cada vez mais, a utilização da mala direta e do reembolso postal. Divulgar o autor e sua obra, criando novos espaços e estimulando o hábito da leitura, principalmente nas escolas, pode ser uma saída para aumentar a venda de livros no país.

Sabemos que toda e qualquer obra editada, cada autor, como todo e qualquer gênero literário, tem seu próprio público que pode ser trabalhado coletiva ou individualmente. O que precisamos fazer, portanto, é buscar aumentar oportunidades e alternativas para democratizar cada vez mais o acesso ao livro.

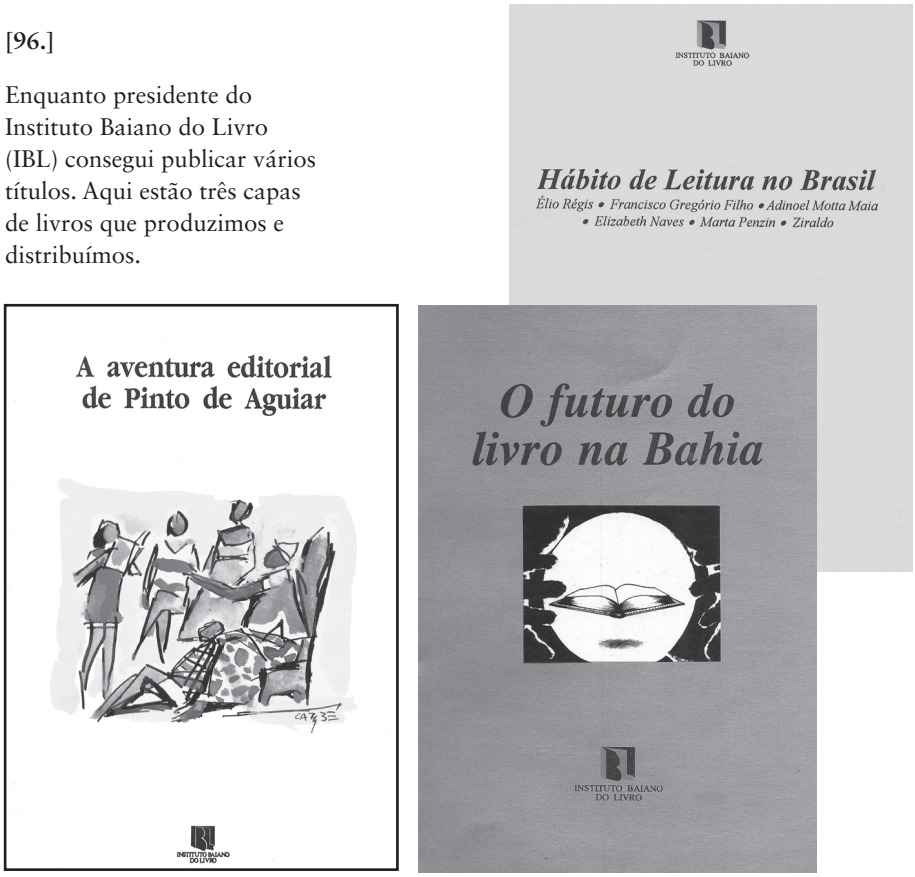
* * *

Sobre o IBL, vale destacar um registro que o professor doutor Luís Guilherme Pontes Tavares, uma cabeça pensante e idealizadora de eventos criativos, fez, em um de seus artigos, publicado na imprensa local, quando identificou o Instituto como responsável indireto pela realização do primeiro Curso de Especialização em Produção Editorial da Bahia. Segundo seu relato "foi num evento do IBL que a professora Heloísa Soares localizou os três consultores que a FUNDESP contratou, em 1994, para organizar e supervisionar o Curso de Especialização em Produção Editorial, a primeira pós-graduação em Editoração oferecida no Brasil".

Ao completar dez anos de atividades vitoriosas, tendo cumprido os objetivos a que se propôs, o IBL foi extinto durante a Assembleia Geral realizada no auditório da Livraria Grandes Autores, na Ondina, no dia 3 de agosto de 2001.

[96.]

Enquanto presidente do Instituto Baiano do Livro (IBL) consegui publicar vários títulos. Aqui estão três capas de livros que produzimos e distribuímos.



[97.]

Uma das missões do IBL era promover anualmente os encontros de editoração. As fotos acima ilustram dois destes eventos o III e o IV encontro de Editoração na Bahia.

[98.]

Flagrante da I Mostra de Design Gráfico da Bahia que o IBL promoveu no hall de entrada do prédio do então Desenbanco (foto de Pedro Alves).

ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DO SALVADOR – ALAS

Fazer parte de uma Academia é o sonho de todo escritor. Não nego que também sonhei por este momento. E assim comecei a participar de algumas academias: em 5 de julho de 1997 tomei posse como sócio benemérito da Academia de Letras de Santo Amaro. Na oportunidade, falei sobre o papel da Academia no sentido de resgatar a memória e os valores culturais do município e a responsabilidade dos acadêmicos na preservação e promoção da cultura, além de estimular o hábito pela leitura e de lutar pela valorização do livro e de seus autores, promovendo cursos, campanhas e intercâmbio com outras academias, visando à troca de experiências e principalmente uma maior integração dos nossos escritores com a literatura regional.

Em 24 de outubro de 1997 fui empossado como membro efetivo da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana (ALAFS), na cadeira que tem como patrono Pedro Calmon Moniz de Bittencourt. Em meu discurso, além de destacar a figura de Pedro Calmon, meu patrono, desenvolvi algumas ideias sobre o que penso sobre o papel dos acadêmicos:

> *[...] Quem integra uma academia tem de assumir o compromisso acadêmico, cultural, educativo e social perante a comunidade à qual pertence. Pertencer a uma instituição acadêmica é fazer parte de um grupo seleto. Um grupo composto por expoentes de cada uma das atividades aqui representadas, que devem ser dignificadas. E o meio que cada acadêmico tem para tornar seu trabalho digno de pertencer a um quadro tão especial e dar tudo de si no que diz respeito à luta pela preservação dos nossos valores culturais, pela elevação do nível da educação, pela promoção das artes, da cultura popular e valorização da literatura, procurando estimular, cada vez mais, o hábito da leitura.*
>
> *E para tanto, é necessário levar o livro às comunidades, estimulando a criação de bibliotecas, promovendo o livro através de palestras, recitais e de shows artísticos literários. Compete a todo aquele que é acadêmico se envolver de corpo e alma neste processo, além de prestar consultoria às autoridades, explicando que só construir belos prédios, chamados de bibliotecas, não significa estar contribuindo para o desenvolvimento cultural, pois uma biblioteca sem livros é como uma Igreja sem fiéis.*
>
> *Compete ao acadêmico o papel de ensinar aos jovens o quanto eles podem aprender sobre a vida e sobre o nosso planeta com a leitura de um bom livro. Precisamos mostrar à juventude, consumidora de programas de televisão e dos produtos da indústria cinematográfica que, por trás de um bom filme ou de uma boa telenovela, sempre existe um escritor que escreveu o romance adaptado ou o roteiro encenado. É necessário que cada um de nós passe a usar o livro como se fosse uma bíblia, levando-o a todos os recantos, para que as pessoas descubram que ele é uma janela que se abre para o mundo, seja o mundo real ou mundo dos sonhos. É preciso que todos descubram que sonhar é bom e que é sonhando que os grandes inventores realizam e que os grandes escritores criam. Tudo isto é da competência dos acadêmicos, que devem assumir o papel e a missão de serem verdadeiros semeadores culturais.*
>
> *[...] Compete também, a cada um de nós, lutar pela manutenção das liberdades de opinião e de expressão. Devemos aprender a defender e a respeitar o direito que cada cidadão tem de ter opinião própria e de procurar receber e transmitir informações e ideias sem sofrer restrições ou interferências. Compete ao cidadão acadêmico uma responsabilidade maior na*

propagação dos direitos universais do homem e no empenho pelo cumprimento efetivo das liberdades apregoadas na Constituição Nacional.

Na oportunidade fui saudado pelo professor Josué da Silva Mello, ex-reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana. Que em certo trecho de sua saudação destacou:

Diz Sérgio Mattos que o poeta é vigia do tempo. Ele é um poeta vigia. Vigia do tempo, do homem, do seu meio. Um poeta vigia do que se faz do homem e do que se faz na sociedade dos homens. Um poeta que revigora o sentido do novo. Um novo que às vezes inquieta e assusta, porque é livre, criativo. Um novo que é o verso, o outro lado, o adiante, o além, nunca, porém, o mesmo. Por isso pode ser analisado como poeta da esperança. Não interpreta o mundo pelas teias do sofrimento, embora o descreva com realismo, preferindo, porém, senti-lo pleno de fé e confiança. Ama a vida e sabe cantá-la com profundo amor. Como Thiago de Melo ele pode exprimir: "Faz escuro, mas eu canto, porque o amanhã há de chegar". Faz brilho sentir, na poesia de Sérgio Mattos, a influência popular, a sintonia maior dos grandes poetas. Em verdade, se é o povo que faz a história, não existe obra de arte dessincronizada do espírito popular. Sentimento retratado no teatro de Gil Vicente, nos Lusíadas, de Camões, na poesia do sesquicentenário Castro Alves, nos Cem Anos de Solidão e no Amor nos Tempos de Cólera, de Garcia Marques, entre tantos. Ninguém, entretanto, conseguiu exprimir, com tanta força e beleza, a importância do povo do que Sérgio Mattos em seus versos:

"Não quero sentir a solidão
e a distância de meu povo.
Não quero sentir medo nem ver
o medo que o povo sente.
Quero sentir o povo unido.
Quero vê-lo de mãos dadas,
construindo um mundo sem fome,
sem guerras e cheio de rosas.
Quero o ver o povo sendo povo.
Que aqueles que vivem da ilusão,
ouvindo o seu próprio eco,
desçam dos tronos porque a alegria
dos reis, imperadores e ditadores
só existe na fantasia.
– Que todos sejam apenas povo"

***

Durante o ano de 1999 meu nome foi lembrado duas vezes para ingressar na Academia de Letras da Bahia. A primeira delas, registrado na coluna Tempo Presente, do jornal *A Tarde*, possivelmente com a interferência ou aquiescência de Jorge Calmon, anunciou em 22 de janeiro de 1999:

> *A sucessão de Itazil Benicio dos Santos na Academia de Letras da Bahia parecia tranquila. Entretanto, além de Aramis Ribeiro Costa, cogitam-se também os nomes de Consuelo Pondé de Sena (revelação de administração cultural à frente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) do poeta Rui Espinheira Filho e do jornalista e poeta Sérgio Mattos (sobretudo depois do sucesso de "Trilha Poética").*

No entanto, não cheguei nem a ser indicado para concorrer, tendo sido eleito Aramis Ribeiro Costa, que passou a ocupar a cadeira de nº 12, sucedendo a Itazil Benicio dos Santos. Interessante registrar que todos os nomes contidos na nota acima, com exceção do meu, já integram a Academia de Letras da Bahia. Em 6 de outubro de 1999 outra nota, publicada na mesma coluna, destacava meu nome mais uma vez:

> *A Academia de Letras da Bahia realizou uma reunião na última segunda-feira, visando a indicação dos candidatos à vaga do acadêmico Renato Berbert de Castro. O professor, poeta e jornalista, Sérgio Mattos, um dos editores deste jornal, foi indicado como candidato e vai concorrer na eleição que ocorrerá no próximo dia 3 de novembro.*

Fui indicado pela saudosa amiga Consuelo Novaes Sampaio e Jorge Calmon. Concorri com meu amigo Francisco Soares Senna, que, na oportunidade, ocupava o cargo de presidente da Fundação Gregório de Mattos e acabou sendo eleito para a cadeira de nº 24, sucedendo a Renato Berbert de Castro. Logo depois surgiu outra vaga, deixada por meu amigo e prefaciador de meu primeiro livro, o poeta Carlos Eduardo da Rocha. Tudo indicava que aquela seria a minha vez, mas o destino novamente se apresentou, pois fui procurado por alguns acadêmicos, pedindo para que eu não aceitasse ser candidato àquela vaga, pois queriam que Ruy Espinheira Filho fosse candidato único para não haver problemas com sua eleição. Aceitei a solicitação sem titubear, pois reconhecia valor na obra e no candidato. Ruy era companheiro velho da *Tribuna da Bahia* e da UFBA. Ele havia sido derrotado anteriormente por Joaquim Alves da Cruz Rios e teria ficado magoado, me disseram.

Falei, então, com Jorge Calmon que atendendo pedido do professor Luís Henrique Dias Tavares, um dos acadêmicos que me procurou nesse sentido, eu não aceitaria a indicação daquela vez. Jorge concordou, mas não deixou de frisar que eu estava perdendo a oportunidade. Ruy Espinheira foi eleito e empossado na cadeira nº 17, que tem como patrono Antonio Ferrão Moniz, no dia 15 de setembro do ano 2000. Meu nome só foi ventilado novamente como possível candidato à Academia de Letras da Bahia, no ano de 2012, para a cadeira de nº 35, na vaga deixada pelo jornalista João Falcão. Quem indicou meu nome desta feita foi Consuelo Pondé de Sena. Concorri com o poeta Luiz Antonio Cajazeiras Ramos, que foi eleito no dia 21 de março de 2012.

Pelo que se comenta nos bastidores, alguns poetas da Academia de Letras da Bahia, liderados por Fernando da Rocha Peres, não me consideram poeta e há até quem diga que "enquanto aqui eu estiver, ele [Sérgio Mattos] não entra", ou ainda, "ele já criou uma academia para ele [referindo-se a ALAS] e não precisa entrar na Academia de Letras da Bahia". Por outro lado, os que apoiam meu nome contestam dizendo que sou autor reconhecido com inúmeros trabalhos publicados na área da comunicação com nome não apenas local, mas de projeção nacional e internacional. Inúmeras pessoas me perguntam por que ainda não estou na Academia e a todos respondo que não depende de mim e que também desconheço os motivos de ordem pessoal que estão sendo usados contra mim, pois nunca atrapalhei nenhum deles, muito pelo contrário já ajudei a muitos, partilhando trabalhos conjuntos e divulgando seus respectivos trabalhos tanto no jornal *A Tarde* como na revista *NEON*.

A propósito, Fernando da Rocha Peres publicou artigo[16] no jornal *A Tarde*, motivado pela criação da ALAS, dando vazão à sua ironia e de certa forma desaprovação pelo surgimento da mesma. Eis o que escreveu num trecho:

> *[...] A nossa, a nossa ALB, nas últimas vagas (termo para designar vacante, vazia, e não "temporal" de ondas) tem passado por embates recentes de entradas e bandeiras.*
>
> *Tanto é assim o assédio ao grupo de risco que lá está, o gosto da imortalidade, desejo vão, que fundaram uma nova, um sodalício com meio fardão e tudo, uma Academia que estão denominando, solenemente, dos Inesquecíveis, mais que "imortais", pois estes, de fato vão para o beleléu. No ano que findou, nos 450 anos de Salvador, surge a ALAS (já houve, em décadas passadas, um movimento com letras, revista e tudo, com este*

[16] PERES, Fernando da Rocha. *Academicus est*. Salvador: *A Tarde*, 25 jan.2000, p. 6.

> *nome), onde estão congregados poetas, escritores e empreendedores. Sucesso é o que desejamos! Dizem até que os pertencentes de uma Academia não podem ser da outra; logo, ser de ALAS é impedimento para ser da ALB e vice-versa, fato este que deixará no futuro, poetas e letrados, quem sabe, embaraçados, aqueles que gostariam de assegurar a dupla condição: imortais e inesquecíveis.*

Apesar de afirmar que seu artigo era "um escrito ameno, sem carapuça em ninguém", indiretamente ele estava se referindo a mim, pois naquele ano de 1999 meu nome tinha sido cogitado duas vezes e concorri, em uma delas, a uma das vagas da ALB, não obtendo sucesso. Além do mais a instalação da ALAS ocorreu em dezembro do mesmo ano, tendo eu sido aclamado por meus pares como primeiro presidente fundador da Academia de Letras e Artes do Salvador. Engana-se o meu ex-professor sobre a existência de normas que impeçam a participação de candidatos simultaneamente na ALAS e na ALB. Imagine-se que três membros da ALB integram o quadro de ALAS: Edivaldo Machado Boaventura (ex-presidente da ALB no período de 2007 a 2011), Aramis Ribeiro (ex-presidente, 2011-2014) e Joaci Góes. Aliás, Aramis tomou posse na Academia de Letras da Bahia no mês de novembro e em dezembro do mesmo ano foi empossado na ALAS. Além disso, nossas reuniões sempre foram prestigiadas pela presença de acadêmicos da ALB.

Certa feita, o poeta Pablo Neruda declarou: "Alguns me creem um poeta surrealista, outros um realista e outras ainda não me creem poeta. Todos eles têm um pouco de razão e um pouco de falta de razão". Acredito que Neruda tenha completa razão e o que ele disse pode ser aplicado a mim. No entanto, em relação à situação que vivi, fiz um poema intitulado "Rejeição" que foi publicado nos livros *Fio Condutor* e *Essência Poética – Poesia de toda a vida*:

Não me querem poeta no espaço
da sutileza e da inventividade.
Continuarei escrevendo sem cansaço.
Terei do tempo a cumplicidade.
Estou cheio de "normatividade".
Colherei palavras nas valas e ruas,
nas vilas e vielas da cidade,
criando poemas e mensagens puras.
Intoxicado pela ambiguidade,
o poeta, de vivência urbana,
suportará, com criatividade,
o estranhamento desumano,

combatendo toda falsidade
e preconceitos com humanidade.

***

O curioso é que no ano de 1999, Assis Brasil organizou o livro intitulado *A Poesia Baiana no Século XX*, no qual fui publicado ao lado de 65 outros poetas baianos, incluindo os poetas que hoje, 2014, integram a Academia de Letras da Bahia, a exemplo de Florisvaldo Mattos, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando da Rocha Peres, Myriam Fraga, Ruy Espinheira Filho, Antonio Brasileiro, Luís Antonio Cajazeira Ramos e Aleilton Fonseca. Quando lançado, o livro, editado pela Imago Editora com patrocínio do Governo da Bahia e da Fundação Cultural, gerou uma polêmica pela ausência inadmissível de vários poetas baianos. Chegaram até a comentar nos bastidores que como eu era cearense de nascimento deveria ter sido incluído na antologia do Ceará e não na antologia da Bahia. Muita gente ficou com dor de cotovelo pela inclusão de meu nome que aconteceu de maneira natural pela atuação que desempenhava como agitador cultural e pelos livros lançados.

No entanto, acredito que, de certa forma, minha participação contou com a ajuda do poeta Ildásio Tavares que colaborou diretamente com Assis Brasil na seleção dos poemas e dos poetas baianos. Um dos poemas de minha autoria, "Retrospectiva do mundo virgem", dedicado a Burle Marx, incluído nessa antologia, chegou a ser utilizado numa prova de Processo Seletivo de Vagas Residuais da UFBA, no ano de 2004:

Vivo numa terra-mundo violada,
poluída e estraçalhada.
O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada.

O mundo das flores
foi despetalado
no tempo de espinhos.
– O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada – .

A infância pura
cheia de figuras e liberdade
invade-me a lembrança:

O ar despoluído e céu brilhante
daquela época foram despojados
deste tempo.

Vivo numa terra-mundo violada
poluída e estraçalhada.

– O verde findo chora orvalho
neste tempo de palhaçada.[17]

E na sequencia do poema a questão submetida aos candidatos: "Baseando-se nas ideias dos textos acima, escreva um texto argumentativo que discuta a ideia de que a ecologia, numa realidade em constantes e rápidas mudanças, adquire uma nova dimensão, exigindo do homem uma alteração de sua perspectiva em face da vida e do mundo".

* * *

O interessante é que foi exatamente em abril do ano de 1999 que demos início à construção e instalação da Academia de Letras e Artes do Salvador – ALAS[18], cujos patronos contemplam todas as áreas do conhecimento e produção cultural: arqueologia, arquitetura, artes plásticas, cinema, direito, educação, engenharia, história, jornalismo, literatura (conto, poesia e romance), medicina, música, política, rádio, religião, televisão, e urbanismo. Em meu discurso de posse como membro e primeiro presidente da ALAS, pronunciado em 20 de

17 MATTOS, Sérgio. In: BRASIL, Assis. Org. A poesia baiana no século XX. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Imago , 1999, p. 217.

18 Os 40 membros da ALAS empossados no dia 20 de dezembro de 1999 com o nomes de seus respectivos patronos entre parênteses foram: Adalberto da Costa Dorea (Patrono: Adroaldo Ribeiro Costa), Ângela Cristina Tenório (Mãe Menininha), Antônio Ivo de Almeida (Guillard Muniz), Antonio Oscar de Santana (Glauber Rocha), Aramis Ribeiro Costa (Vasconcelos Maia), Aurélio Pires (Carlos Coqueijo Costa), Benjamin Batista Filho (Arlindo Fragoso), Cícero Vilas-Boas Pinto (Ariovaldo Matos), Djalma dos Santos Gomes (Adonias Filho), Edilson Gregório Vieira Brito (Raimundo de Oliveira), Eliane Quadros de Castro (Catarina Paraguassu), Emilton Moreira Rosa (Irmã Dulce), Frederico Meireles Dantas (Anísio Teixeira), Germano Dias Machado (Edgard Santos), Hélio Rocha (Machado Neto), Hugo Luna Freire Sobrinho (Jair Ribeiro Brito), Humberto Araújo (Estácio de Lima), Itaberaba Lyra (Raul Seixas), Ivan Dórea Soares (Valentin Calderón), José Dionísio Nóbrega (Pedro Calmon), Padre José Gilberto de Luna (Dom Augusto A. da Silva), José Jorge Randam (Odorico Tavares), Kleyde Mendes Lopes (Magalhães Neto), Lamartine de Andrade Lima (Raimundo Nina Rodrigues), Lia Vianna de Queiroz (Luís Vianna Filho), Luciano Jatobá da Silva (Simões Filho), Luiz Cláudio Guimarães (Octavio Mangabeira), Manoel Ferreira Canário (Ubaldo Câncio de Carvalho), Marcio César de Mello Brandão (Genaro de Carvalho), Mário Câmera de Oliveira (Orlando Gomes), Nilson Joau e Silva (Luiz Dias), Oleone Coelho Fontes (Afrânio Peixoto), Paulo Segundo da Costa (Mário Leal Ferreira), Raimundo Magaldi (Aliomar Baleeiro), Remy Pompílio de Souza (Rômulo Galvão), Rizodalvo Menezes (Castro Alves), Rozendo Ferreira Neto (Aristides Maltez), Ruy Andrade (Presciliano Silva) e Sérgio Mattos (Ranulfo Oliveira).

dezembro de 1999, do qual transcrevo alguns trechos abaixo, abordo compromissos, conceitos e objetivos da ALAS:

> *[...] Foi assim que, em abril deste 1999, ano em que se comemora os 450 anos de fundação da cidade de Salvador, eu e os confrades Benjamin Batista, Rozendo Ferreira Neto e Luciano Jatobá, realizamos uma reunião na qual plantamos uma semente. Após um período de quase nove meses de gestação, aquela semente-sonho desabrocha hoje, concretamente, com o nome de ALAS – Academia de Letras e Artes do Salvador. Com seus 40 rebentos, de cores e saberes diferentes, com ideais e vivências próprias, com atuações nos mais variados campos das artes e da cultura baiana, esta Academia passa a se constituir, a partir deste momento histórico, de sua instalação oficial, numa força intelectual digna de representar e de lutar pelo desenvolvimento e preservação do patrimônio artístico e cultural desta nossa Bahia.*
>
> *Por acreditar no potencial de cada um de nós e no que juntos podemos criar, fazer e realizar, conclamo todos os membros hoje empossados para desenvolvermos um trabalho de união, independente de nossas próprias concepções ideológicas, em favor do desenvolvimento e do enaltecimento da cultura baiana. Assumindo, assim, o compromisso público de que esta instituição não será omissa no cumprimento de seus deveres, estando sempre alerta no sentido de propor, tanto aos órgãos públicos como privados, ações, recomendações e sugestões que contribuam para estimular o desenvolvimento artístico-cultural da cidade do Salvador e da nação baiana.*
>
> *Esta Academia deve funcionar como uma caixa de ressonância em relação a tudo que estiver vinculado com a cultura e que diga respeito à implementação de ações nesta área. ALAS chega para somar, congregar e manter, junto a outras instituições culturais e academias existentes, a função de ampliar o círculo dos participantes de todos os segmentos das artes e da cultura, além de ter a missão de ser uma instituição geradora de conhecimento, uma instituição de reflexão.*
>
> *[...] Assim sendo, meus confrades e minhas confreiras, meus senhores e minhas senhoras, é necessário que desde agora passemos a refletir sobre a acusação que o romancista francês Michel Tournier fez contra os intelectuais ocidentais. Ele nos acusa de termos nos tornado "menos honestos e fiéis" em nossos esforços para retratar o mundo do que seríamos se não existissem tantos prêmios e recompensas. Tournier afirma que "os prêmios literários, as academias, os cargos oficiais e, ainda mais significativas, a confiança e a lealdade de um público leitor específico" são elementos de pressão e que podem funcionar para cercear a liberdade de pensamento.*

A partir dessa denúncia, podemos inferir que na busca de obter sucesso na vida social normal, os artistas, escritores, jornalistas, músicos e pintores, sob as mais variadas formas de pressão, podem ser levados a praticar a autocensura a fim de atender às regras ditadas pelas normas políticas, econômicas e sociais do momento, seja num país de regime democrático ou totalitário.

Precisamos estar conscientes de que o desenvolvimento tecnológico e o fortalecimento das estruturas burocráticas governamentais podem também contribuir para o surgimento de novos métodos de controle e de censura, bem como para estimular a autocensura, de aspecto hipócrita, que sem contar com a repressão policial, pode envolver todos os tipos de pressões e constrangimentos possíveis. Estes podem ser métodos muito mais eficazes no controle da livre expressão do pensamento, pois se trata de uma censura muito mais sutil e complexa.

* * *

Ao longo de minha vida profissional como jornalista, pesquisador da história da mídia e professor universitário, tenho participado de outras instituições culturais e profissionais e exercido funções e cargos eletivos, nos quais continuo exercendo, de maneira abnegada sem qualquer remuneração, a minha cidadania, prestando minha contribuição para a preservação dos valores culturais da Bahia. No Instituto Geográfico Histórico da Bahia (IGHB), do qual sou associado desde a década de 1970, já ocupei as funções de Secretário Geral, com direito a quadro pintado a óleo na Galeria dos ex-Secretários. Nessa galeria figuro ao lado de grandes personalidades e historiadores que ocuparam a função de Secretário Geral do IGHB[19], a exemplo de Bernardino Souza, responsável pela construção do belo prédio da instituição, e do professor Hermano Machado, dentre outros. No IGHB também já exerci a função de Diretor Financeiro Adjunto e de Diretor de Publicações, responsável pela Revista do IGHB, além de ter sido membro de várias comissões.

Na Associação Bahiana de Imprensa (ABI), da qual sou associado também desde a década de 1970, já ocupei funções, tais como: diretor cultural, presidente da Assembleia Geral (dois mandatos) e 2º vice-presidente executivo (dois mandatos), além de ter também participado de comissões diversas, tais como a que elaborou os Estatutos da ABI, no ano de 1986.

[19] Dois outros membros da Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS), antes de mim, também exerceram a função de Secretário Geral do IGHB: Lamartine de Andrade Lima e Nilson Joau e Silva.

[99.]

Posse como membro da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana. Na foto Denise, minha esposa, colocando o medalhão de membro da ALASF, em 1997, em solenidade realizada na Câmara Municipal de Feira.

[100.]

Como primeiro presidente da Academia de Letras e Artes da Bahia (ALAS) falando no dia de instalação oficial no dia 20 de dezembro de 1999, em solenidade realizada no teatro da Casa do Comércio.

[101.]

Alguns dos 40 membros da ALAS, empossados em dezembro de 1999, ao lado primeiro presidente.

[102.]

Sérgio Mattos presidindo sessão especial da ALAS em homenagem a Luis Viana Filho, que contou com a presença de vários membros de outras academias.

SÉTIMA PARTE
(2000-2014)

CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO

A biografia possibilita – isso é importante – perceber as margens de liberdade e de coação nas quais os indivíduos em condições próprias e conforme seus laços sociais se movem, geram e produzem representações, assimilações, embates e confrontos. Parece ser nessa direção que a biografia – se aberta aos seus próprios dilemas – pode vir a colaborar na ampliação da democracia e no debate da sua extensão, na preservação do livre território investigativo, pois ela constitui mais um lugar eficaz de observação e de crítica. E mais compreendida, se instigada pela tensão inconclusa diante do seu valor de fonte e de problema, talvez consiga se tornar como um memorial de registro sobre a experiência única daquilo que foi e não foi o vivido, também histórico e coletivo.

Maria Guerra de Andrade

9

NOVOS PROJETOS EDITORIAIS E MUSICAIS

Os grandes espíritos sempre encontrarão violenta oposição por parte dos medíocres. Estes últimos não podem entender quando um homem não sucumbe impensadamente a prejuízos hereditários senão quando, honestamente e com coragem, usa sua inteligência.

Albert Einstein

No início do terceiro milênio, cheio de esperanças e de mudanças, minha vida estava repleta de novos projetos e de reconhecimento público, ao mesmo tempo em que, de certa forma, encontrava mais obstáculos a serem vencidos. Foi entre 1999 e 2000 que muitos projetos se concretizaram: lancei a revista de arte e cultura *NEON*, enveredei pela música, buscando maior espaço para a poesia, fui eleito para o último mandato à frente do Instituto Baiano do Livro, tendo o amigo Luís Guilherme Pontes Tavares como meu primeiro vice-presidente, além de ter fundado e sido empossado presidente da Academia de Letras e Artes do Salvador.

Na virada do século, as comemorações dos 450 anos de Salvador foram determinantes não apenas como fonte de inspiração, mas também de energização para muitos, inclusive para mim. Novos projetos lançados, sonhos realizados e a participação, direta e indireta, em inúmeras atividades culturais. Meus poemas foram utilizados, em 1999, pelo Projeto Pinte Salvador, coordenado pelo artista plástico Leonel Mattos, que queria transformar Salvador numa obra de arte, pintando os muros da cidade. Segundo as declarações dele publicadas nos jornais baianos, sintetiza o alcance do projeto: "queremos entrar no ano 2000 rompendo as barreiras e levando a arte onde o povo está".

E assim, durante o ano de 1999, Salvador ganhou um presente feito a cores, com trabalhos de Leonel Mattos, Juraci Dórea, Tatau, Jaime Figura, Padre Pinto, Adriano Castro, Gaio, Henrique Dantas, Adauto Costa e Jonny. Nos

muros da cidade, lado a lado com as pinturas, foram colocados versos de poetas como Ferreira Gullar, Sérgio Mattos, Lago Jr., Edna Dias, Antonio Brasileiro, Márcia Gil e Iza Calbo. Mais uma vez minha poesia estava se popularizando, chegando cada vez mais próximo da população, o que talvez tenha contribuído também para que aqueles que não conseguem deixar as Torres de Marfim se voltassem contra o meu estilo poético e da abordagem que faço de ir ao encontro do público leitor, em vez de ficar sentado, de braços cruzados, à espera da fama e do reconhecimento.

Nesse período muitas pedras foram lançadas, mas sobre isso prefiro assumir, como minhas, as palavras da poetisa Cora Coralina: "Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça. Digo o que penso, com esperança. Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor. Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende. Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir".

* * *

Ao registrar o sucesso de alguns projetos e atividades, eu poderia estar passando uma falsa ideia do sucesso de uma carreira completa e finalizada, como ela se apresenta na cabeça e no olhar de muitos, quando na verdade, minha carreira ainda está em formação. Devido ao meu espírito multifacetado, que pode ser bom para algumas coisas, mas é péssimo para outras, não posso dizer que tenha conseguido atingir o ápice em nenhuma de minhas facetas, pois abri muitas frentes simultaneamente e isso não me permitiu concentrar esforços e atenção especial a nenhuma de minhas tendências artísticas e profissionais. Sei e reconheço isso, pois ainda tenho inúmeros projetos em andamento, outros ainda nem iniciados e alguns que se perderam no tempo.

Relembro aqui o fato de que Jorge Calmon certa feita me aconselhou a concentrar esforços numa única atividade, o que nunca aceitei e por conta de minha teimosia é que continuo trilhando esse caminho multifacetado. Faz parte de minha natureza ser empreendedor, agitador cultural, criador etc. e, por conta disso, sofro as consequências de não me dedicar apenas a um segmento, seja ao jornalismo, à educação, à poesia e à música, entre outros. Mas não estou arrependido de ser assim, pois apesar de não ter obtido o sucesso e o reconhecimento geral estou plenamente gratificado, satisfeito com o que tenho feito e com a

contribuição que tenho prestado à comunidade. A música e a poesia caminham juntas e o jornalismo é o pano de fundo para as duas. O jornalismo sempre esteve presente também no magistério, pois durante todo o meu período como professor universitário, sempre fui professor de Jornalismo/Comunicação.

Foi nessa fase de vida que dois dos mais importantes projetos que idealizei acabaram. O primeiro, o suplemento *A Tarde Municípios*, descontinuado com a minha saída do jornal em 2003, e o segundo, a revista de arte e cultura *NEON*, cuja última edição, a de nº 47, foi publicada em dezembro de 2004, tendo na capa o decano dos jornalistas baianos: Jorge Calmon.

Como bem expressa o título desta parte, "Construção e Desconstrução", esta fase realmente foi rica na concretização de sonhos pessoais e coletivos, na construção de projetos, mas também uma época marcada por transformações globais, geradas a partir do fim do comunismo na Europa, em 1989. Com o fim do confronto político-ideológico entre capitalismo e socialismo, vieram à tona tendências radicais, de caráter *étnic*o, racial e religioso que se espalharam por todos os continentes.

Uma nova ordem política e a globalização da economia passaram a ocupar espaços, durante a última década do século passado e nos primeiros anos do terceiro milênio, quando novas forças desestabilizadoras, como o terrorismo internacional se estabeleceu chegando ao ápice com a destruição das Torres Gêmeas, em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001 e, em consequência, uma nova invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Em termos pessoais, foi também em 2001 que meu pai morreu, aos 78 anos de idade, no dia em que estaria participando de um debate sobre a televisão brasileira e aproveitando para relançar o livro *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política*, na FACOM/UFBA, tendo o evento sido cancelado.

Tendo todas essas transformações globais como pano de fundo, eu tinha que continuar minha caminhada, sem esmorecer, dando minha contribuição, mesmo tendo plena consciência de que os valores estavam mudando numa clara demonstração de que nada é para sempre, salvo o que se constrói em benef*í*cio da humanidade. O fator cultural, a produção intelectual e a reprodução das culturas tinham que ser valorizados nas práticas sociais. Foi assim que continuei investindo minha atenção na promoção e preservação da cultura nesta Nova Era caracterizada pela diversidade cultural, pela segmentação, pluralidade de ofertas e da popularização da internet, que possibilitou o crescimento das redes

sociais, e está rompendo com todos as fronteiras, abrindo perspectivas antes impensáveis.

Assim é que, neste capítulo, concentro atenção na minha atuação na produção musical e acadêmico-literária, além de abordar minha saída do jornal A *Tarde*, que resultou na descontinuidade do suplemento *A Tarde Municípios* e no fechamento da revista *NEON*, produtos jornalísticos e culturais que construí e foram desconstruídos devido às novas tendências políticas, econômicas, sociais e culturais que foram se implantando e transformando empresas ou simplesmente fazendo-as desaparecer como num passe de mágica. Novos paradigmas e lideranças surgiram. Muitas mudanças aconteceram e ainda estão acontecendo dentro do contexto do neoliberalismo econômico, que também já está se adaptando aos novos tempos de clamor social, do exercício da cidadania e da chama da liberdade que se espalha por todo o mundo.

Foi também nessa fase, em 2003, que oficializei minha união com Denise, quando no dia de meu aniversário, nos casamos no Fórum Rui Barbosa, reunindo os amigos e parentes numa festa singela. Se em fevereiro de 2003 houve o desenlace com o jornal *A Tarde*, julho marcou o início de uma nova fase de construção, de reflexão e maturidade ao lado de Denise, que de um modo muito especial sempre está pontuando novas possibilidades e planos para futuro.

Ao longo dessa fase de construção e desconstrução, participei de vários projetos, como debatedor, como conferencista, como articulador e proponente de ideias. Participei, na condição de expositor convidado, da Etapa Baiana da 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Painel Meios de Produção e Distribuição de Conteúdos) ao lado do então deputado federal Walter Pinheiro, hoje senador, além de ter sido responsável pela palestra de abertura da I Confecom/MS, em Campo Grande. A minha participação na Confecom baiana ocorreu em 14 de novembro de 2009 e a de Mato Grosso do Sul no dia 20 de novembro de 2009.

Minha participação na Confecom da Bahia aconteceu por indicação de uma ex-aluna da FACOM/UFBA, Vera Rocha, proprietária da Rocha Propaganda & Marketing. Coincidentemente também, foi Vera Rocha quem me contratou, logo após a eleição do governador Jacques Wagner em 2006, para elaborar o Projeto de Comunicação do Governo, que todas as agências de publicidade, que iriam participar da concorrência pública pela conta publicitária, deveriam entregar, independente de terem sido a escolhida no resultado do edital públi-

co ou não. De maneira inteligente, o então futuro secretário de Comunicação de Wagner, Robinson Almeida, acabou recebendo, "de mão beijada", inúmeros Planos de Comunicação a serem utilizados, podendo, a seu dispor, mesclar as sugestões e implantar uma política de comunicação sem qualquer despesa extra. Depois que o governo Wagner começou em 2007 deu para identificar várias de minhas sugestões contidas no Plano de Comunicação apresentado pela Rocha Marketing, apesar da agência não ter sido a escolhida na época.

O Plano de Comunicação que elaborei estava dividido em quatro lotes, conforme o *briefing* distribuído às agências. O Planejamento de Comunicação priorizava, portanto, a Saúde, o Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, o Meio Ambiente e a Geração de Trabalho e Renda. Em minhas propostas, acabei desenvolvendo alguns conceitos e análise sobre os veículos de massa e a comunicação social, dos quais reproduzo a seguir apenas os parágrafos iniciais referentes a cada um dos lotes. Observe-se que aqui não transcrevo as estratégias, a estrutura comunicacional e as ações propostas a serem desenvolvidas. Assim sendo:

Lote 1 - Saúde

A burocracia funcional ainda é grande e exatamente por isso inadequada às mudanças e aos novos desafios, além de fortalecer as bases do corporativismo existente na máquina administrativa. Como resultado desse quadro, as pesadas estruturas e serviços prestados acabam alimentando denúncias divulgadas na mídia, com repercussão negativa junto a opinião pública. A visibilidade negativa atinge o conceito e a imagem até mesmo de serviços que são considerados importantes para a sociedade. As disputas e querelas internas envolvendo grupos e facções partidárias sempre acabam prejudicando a funcionalidade das operações e as equipes responsáveis pelas mesmas. Este conjunto de distorções é fruto da incapacidade de controlar resultados, do fisiologismo e do mandonismo regional.

Sob o aspecto de sua missão fundamental a imagem da instituição Pública ainda é muito tênue, pois os aspectos superficiais (rotineiros e secundários) tomam o lugar do principal, tendo em vista que o detalhe está sempre em evidência e a essência em segundo plano. A correção dessa distorção só se torna possível por meio de um Planejamento Estratégico de Comunicação que trabalhe a identidade, o eixo principal dos programas, concentrando atenção especial para o discurso, a essência e o conteúdo das mensagens que têm o objetivo de divulgar e promover as ações de transversalidade a serem adotadas pelo governo.

Preservar a imagem do Poder Executivo depende diretamente do aperfeiçoamento dos padrões de desempenho, bem como da eficiência e eficácia

da Assessoria de Comunicação Social (AGECOM). A credibilidade e a boa imagem das ações governamentais serão obtidas como consequência e resultado do bom desempenho e do cumprimento das metas da comunicação. Para atingir essas metas e objetivos os programas e ações que estão sendo implementados têm o objetivo de implantar uma nova política de desenvolvimento social com equidade nos 417 municípios da Bahia, priorizando Saúde e Educação para todos, valorizando a cidadania, a diversidade racial, a inclusão social, além de garantir a geração de trabalho e renda para combater a pobreza.

Um Planejamento de Comunicação para o setor público deve considerar a lição de Celso Furtado de que "governar é prever", pois só assim um governo será capaz de executar consistentemente qualquer política que tenha sido planejada para preservar a sua imagem. Por sua vez, Wilbur Schramm afirma que "as políticas básicas de comunicação são políticas sociais" e que a comunicação é um "processo fundamental da sociedade". Considerando estas afirmativas, este Planejamento de Comunicação objetiva preservar a imagem do Poder Executivo, evitando que as distorções projetem-se também sobre a imagem do governador.

Lote 2 - Meio Ambiente

A precariedade dos serviços públicos não permite que consigam atender as demandas sociais em expansão. Contaminados pelo arcaísmo das estruturas, a administração torna-se lenta, inerte e com tendência à acomodação. A burocracia funcional é grande e inadequada às mudanças e aos novos desafios. Este conjunto de distorções é fruto da acomodação, do fisiologismo e do clientelismo.

A preservação da imagem do Poder Executivo, enquanto instituição, depende diretamente do aperfeiçoamento dos padrões de desempenho. Um Planejamento de Comunicação adequado preservará a imagem do Poder Executivo, evitando que as distorções projetem-se também sobre a imagem do governador.

A Comunicação na Administração Pública, tanto na Bahia como em todo o país e em todos os níveis (Federal, Estadual e Municipal), tem, erroneamente, privilegiado pessoas e não os fatos, praticando uma assessoria de louvação, prejudicando a Respeitabilidade e a Credibilidade da fonte emissora da mensagem pública. Esta prática, além de condenada, carece de conceitos, de interpretação e de sentido explicativo e acaba fragmentando a imagem da instituição.

A nova característica da Comunicação Social da Bahia, Terra de Todos Nós, é a de estar vinculada aos objetivos da valorização da cidadania, diversidade racial e com o compromisso de defender a transparências das ações oficiais, garantindo o acesso do cidadão às informações de interesse

público, além de pretender exercer o papel educativo e informativo de orientação social, pois só assim o Governo poderá atender às demandas dos mais diversos segmentos sociais, reforçando os direitos e divulgando os serviços prestados pelo Estado ao cidadão.

Este Plano de Comunicação tem como objetivos: gerar, implantar e coordenar estratégias para campanhas de preservação do meio ambiente; promover oportunidades econômicas e atrair novos investimentos na área ambiental. Este Plano de Comunicação pretende também, além de contribuir para a consolidação da marca do governo, dar unidade às ações que visam fortalecer a gestão e a legislação ambiental; divulgar e promover o desenvolvimento territorial com bases no ambientalismo sustentável (agroecologia); mobilizar e sensibilizar a população para as questões ambientais, consolidando os espaços protegidos (APAS); divulgar ações de revitalização das bacias hidrográficas; conscientizar a população em relação à proteção das matas ciliares e da mata atlântica, além de promover o reflorestamento e aumentar a consciência das comunidades sobre a proteção da biodiversidade e o acesso à água potável. Por meio da Comunicação Social do Governo serão divulgadas as ações de transversalidade que atendam aos interesses sociais no que dizem respeito à educação ambiental, saúde, geração de emprego e renda a partir do meio ambiente, além de fortalecer a cidadania, promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social com equidade.

Lote 3 – Desenvolvimento Social e Combate à pobreza

O panorama socioeconômico da Bahia é injusto, principalmente, para os 68,7% da população que está sediada no semiárido que concentra 132 dos nossos municípios, gerando apenas 5% do PIB estadual. Em 2006, o PIB/BA cresceu 3%, acima da média nacional, como resultado ainda dos grandes investimentos industriais realizados nos últimos quatro anos no Estado. Apesar do crescimento positivo do PIB, o Estado não foi capaz de promover um desenvolvimento diversificado por todo o território baiano, pois houve uma forte concentração setorial e espacial na indústria de transformação, principalmente na região metropolitana, que contribui com mais de 53% do PIB. Estes dados demonstram que as estratégias utilizadas foram insuficientes para melhorar as condições de vida da população. A Bahia, apesar de ocupar o sexto lugar no ranking nacional de desempenho econômico, situa-se na 22ª posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH; apresentando, entre outros indicadores negativos, uma taxa de analfabetismo de 16,9% na população acima de 10 anos de idade; uma taxa de 30,3 de mortalidade infantil; além de registrar uma taxa de 10,5% de desemprego.

Romper com este modelo de crescimento econômico, diversificando investimentos e reorientando a economia baiana são alguns dos objetivos

da atual administração que pretende, por meio de ações de transversalidade, promover um novo modelo de desenvolvimento social, mais justo e homogêneo. O modelo de desenvolvimento da Bahia, Terra de Todos Nós, pretende combater a pobreza, gerando trabalho e renda, saúde e educação para todos e, ao mesmo tempo, estabelecer meios de crescimento social e econômico sustentável, preservando o meio ambiente e concentrando especial atenção à região do Semiarido, que abrange dois terços do território baiano, com aproximadamente seis milhões de habitantes. Foi com o objetivo de transformar a Bahia na Terra do Desenvolvimento Social que o governo realizou plenárias para a construção do "PPA Participativo", quando o cidadão baiano, representado por mais de 8 mil representantes da sociedade civil organizada, apresentou sugestões indicando áreas e regiões onde os investimentos públicos do Estado serão feitos nos próximos anos. Foram priorizadas, de forma participava pelos baianos, as áreas da educação, saúde, agricultura e desenvolvimento rural. Cabe à AGECOM, por todos os meios que lhe são disponibilizados, divulgar com transparência, todos os esforços no sentido de transformar a Bahia também na Terra da Participação e Mobilização Social, onde o desenvolvimento beneficia a todos.

Para dar visibilidade e transparência aos programas e ações de desenvolvimento social e combate à pobreza, a Política de Comunicação Social do Governo terá um papel fundamental no processo de estimular e agregar a participação das comunidades, ouvir seus pleitos e divulgar todas as ações, garantindo a todos o acesso às informações. Valorizando a cidadania, a diversidade racial, cultural, além de assegurar o desenvolvimento com equidade, comunicando a geração de empregos e renda, melhorando a qualidade de vida.

Para tanto, a AGECOM deve por em prática o Plano de Comunicação a seguir, que vai priorizar a Identidade Institucional atual, que agrupa valores e princípios necessários a mudança e ruptura com métodos do passado. A AGECOM deve participar ativamente do processo de divulgação de todos os programas e ações a fim de ajustar o foco de sua atuação, adequar suas estruturas, alinhar a linguagem e promover a racionalização de suas operações, exercendo o papel educativo e informativo de orientação social, pois só assim o Governo poderá atender às demandas dos mais diversos segmentos sociais, reforçando os direitos e divulgando os serviços prestados pelo Estado ao cidadão.

Este Plano de Comunicação é um processo administrativo sistemático que tem como objetivos: 1) consolidar a imagem institucional, preservar a credibilidade, incentivar a relação com os públicos-alvo e fortalecer a linha de comunicação do governo da Bahia, Terra de Todos Nós, observando os princípios norteadores de que "é direito da população ser informada e dever do governo de informar"; 2) dar visibilidade aos programas, ações

e projetos do Governo, além de promover a Bahia nos cenários nacional e internacional; disseminar informações de interesse sociais, estimulando a sociedade a participar do debate e definição de políticas públicas, que contribuam para promover o desenvolvimento socioeconômico da Bahia; eliminar as desigualdades, promovendo uma melhor distribuição de renda, além de proporcionar serviços de qualidade à população principalmente na área da educação e da saúde; 3) estimular a participação e melhorar o relacionamento entre o Estado e a sociedade; disseminar ideias e melhorias na prestação dos serviços públicos e despertar o interesse e a participação popular.

Lote 4 – Geração de Trabalho e Renda

Um erro histórico da Comunicação Pública é se preocupar, principalmente, com a imagem do mandatário, em torno do qual é montado todo um aparato de assessoria de imprensa. Esta distorção só é corrigida quando, por meio de um Planejamento de Comunicação, é trabalhada a identidade dos programas, concentrando atenção especial para o discurso, a essência e o conteúdo, restaurando a Respeitabilidade e a Credibilidade da fonte emissora da mensagem pública.

A distribuição de uma grande quantidade de notícias não vai corrigir esta distorção, até porque o excesso de informação não é consumido totalmente pelos públicos-alvo. Para corrigir este erro deve-se priorizar a Identidade institucional atual, que agrupa os seguintes conceitos-chave, valores e princípios: Bahia, Terra de Todos Nós, que envolve de maneira geral: mudança, coragem, ruptura com métodos do passado, reorganização, modernização e desenvolvimento; e, de maneira específica: a valorização da cidadania, da diversidade racial, ética, transparência e inclusão social.

Para dar visibilidade ao novo modelo de desenvolvimento, aos programas e ações de transversalidade, projetos sociais e econômicos, justifica-se a implantação de um Plano de Comunicação com o objetivo de conferir identidade e credibilidade institucional, unidade de conteúdo e transparência ao Poder Executivo. Este Plano de Comunicação tem como objetivos: a) gerar, implantar, coordenar ações, estratégias e campanhas promocionais de programas sociais voltados para a Geração de Trabalho e melhor distribuição de Renda, visando combater a pobreza, além de reforçar os direitos do cidadão e divulgar os serviços prestados pelo Estado; b) promover oportunidades econômicas que o Estado oferece para atrair novos investimentos; c) contribuir para a consolidação da marca do governo, dando sustentação à divulgação dos programas de interesse público; d) contribuir para dinamizar e fortalecer a cidadania, a participação popular e promover o desenvolvimento com a geração de novas oportunidades de trabalho.

COMO FUI ENVOLVIDO PELA MÚSICA

Bem aventurado o que, tendo aprendido a triunfar sobre todas as paixões, emprega a sua energia na realização de tarefas que a vida impõe sem se preocupar com o resultado.

Ludwig von Beethoven

Sempre sonhei em fazer música devido à comunicação direta que ela proporciona, atingindo os sentimentos, transmitindo alegria, tristeza, paz e pelo poder que ela tem de nos transportar no tempo. Acredito que todo ser humano se deleita com música. Há músicas que nos transportam para outro patamar espiritual, de calma e de profunda alegria. Há aquelas de caráter sentimental que nos levam a reviver momentos passados, apaixonantes, nos induzindo até a sentir o perfume das coisas, dos locais e das pessoas que amamos. Tem música que nos agita, interferindo diretamente no nosso humor, que nos leva a querer dançar e a entrar no ritmo, da mesma forma que tem aquelas que relaxam interferindo no ambiente coletivo.

Sou um apaixonado pela música, apesar de não tocar instrumento algum. Tive apenas uma breve iniciação de órgão e violão e de teoria musical. No entanto, interajo com a música desde que nasci. Quando criança eu fiz parte de corais da Igreja do bairro, de bandinhas da escola, usando instrumentos de percussão. Quando no colégio interno tive aulas de música e canto orfeônico, participei de coral e comecei a aprender a tocar órgão, mas fiquei apenas na iniciação, o que também ocorreu com o violão, do qual consigo obter alguns acordes e dedilhar trechos de músicas conhecidas. O fato de não dominar e tocar um instrumento é uma das minhas frustrações.

***

Minha aproximação com os bastidores do mundo musical, o contato com os produtores, se deu pela poesia, durante minha juventude, devido aos ambientes que frequentava, partilhando mesas e cervejas com outros artistas, inclusive cantores e compositores. Não existe um momento específico para isso. Porém, a minha primeira composição, em parceria, aconteceu no ano de 1979, nos Estados Unidos, quando lá eu estava cumprindo programa de pós-graduação. Minha primeira música foi em parceria com Antonio João Leite. Depois

disso simplesmente aconteceu e aproveitei os momentos propícios e, hoje, tenho algumas dezenas de músicas gravadas e outras ainda inéditas.

Eu sentia que a música poderia dar uma nova vida aos versos, mas sabia também que nem todos poderiam ser utilizados como letras de música, o que posteriormente me levou a produzir letras específicas que pudessem intensificar ainda mais a comunicação com as pessoas.

Assim, comecei a me envolver com a produção musical e a me aproximar de compositores e cantores a partir da década de 1960, mas a minha primeira música data de 1979, um poema de minha autoria foi musicado por Antônio João Leite. A partir daí, na condição de poeta e de jornalista, me envolvi com a música, com estúdios e fiz belas amizades com compositores que são meus amigos e parceiros. Mas, nas parcerias, fique bem claro, sou apenas o letrista. Foi durante a década de 1990 que passei a ter músicas gravadas por vários intérpretes individuais e por bandas. Destaquem-se Quininho de Valente, Bule Bule[1], Adelmário Coelho, Carlos Pita, Luiz Caldas, Hugo Luna, Nilson Aquino, Alcymar Monteiro, Edil Pacheco, Zelito Miranda, Kareka, Caciques do Nordeste, entre muitos outros.

Minhas músicas despertavam atenção e apesar de não t*ê-las* ainda reunido em um CD, a Rádio Educadora FM, dedicou o "Especial das Seis" do dia 22 de junho de 1999 às minhas músicas juninas. A programação aconteceu graças à visão e decisão de Nívea Almeida, então coordenadora da Rádio Educadora. Sem ser cantor, apenas letrista, tive um programa inteiro com minhas músicas. Esta experiência foi repetida por várias emissoras do interior. O especial da Educadora foi um sucesso de audiência e os comentários sobre minhas músicas em parcerias me estimularam a começar a pensar em produzir um CD com parte delas.

Muita gente tem interesse em saber como é que produzo tanto e como separo as atividades de sobrevivência, das do diletantismo e até mesmo entre os meus produtos acadêmicos, literários e musicais. Para mim, tudo é muito simples: para fugir da rotina, procuro trabalhar com vários projetos simultaneamente. Quando me canso de um, vou para o outro e assim sucessivamente as coisas vão acontecendo e os projetos vão sendo finalizados quase ao mesmo tempo. Só me concentro em apenas um, no momento da finalização total. Ti-

[1] O repentista, escritor e cordelista baiano Antonio Ribeiro da Conceição adotou o nome artístico de Bule Bule para se apresentar e divulgar sua arte.

rando as tarefas dedicadas ao ganha-pão, todo o meu tempo livre é dedicado às coisas que gosto: leitura, pesquisa, poesia, música, etc. Diria que a música faz parte do meu dia-a-dia de certa forma, pois tudo que faço, o faço com fundo musical, ouvindo rádio ou CDs. Não há um momento diário dedicado à produção musical porque não vivo exatamente disso, mas não perco os contatos com os parceiros e amigos do ramo. Ultimamente, como passei a trabalhar no interior, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, meus contatos com os parceiros musicais têm acontecido com menor intensidade, mas não impede que esteja presente nos momentos de confraternização, como aconteceu, por exemplo, quando Zelito Miranda recebeu o título de Cidadão Soteropolitano e me indicou como a pessoa que deveria saudá-lo. Na oportunidade pronunciei um longo discurso[2] de sete laudas, das quais transcrevo um pequeno trecho sobre o amigo:

> *[...] Zelito Miranda está à frente de seu tempo e nunca se cansa de dedilhar acordes, cantar e fazer shows, que é o palco de sua vida. Seu raciocínio rápido é como sua própria vida, sempre em alta velocidade, sempre encontrando soluções, sempre demonstrando seu potencial criativo e empreendedor.*
>
> *[...] Zelito tem demonstrado ser um grande articulador, que lança mão de todos os recursos possíveis, revelando a força e consistência de todas as suas experiências e saberes adquiridos ao longo da vida, uma espécie de autoconhecimento. Ele é um cidadão que sabe compartilhar suas experiências, suas alegrias e tristezas, vitórias e derrotas.*
>
> *A vida de Zelito tem sido tecida com um fio doce e forte, cheio de humor, que mistura seus projetos de vida e de trabalho, dentro de um contexto real do passado que se projeta para o futuro. É fácil perceber, acompanhando sua história, como ele soube aproveitar as oportunidades e os momentos certos, estando sempre preparado para novos desafios. Ele soube dizer sim, quando outros, na dúvida e diante do desconhecido, diriam não. Com atitudes proativas, Zelito sempre esteve sintonizado com as tendências, com as oportunidades artísticas, culturais e políticas, criando novas amizades e parcerias profissionais que deram consistência a seus projetos.*
>
> *[...] Zelito Miranda sempre foi fiel às autênticas raízes do forró. Este serrinhense, fértil e criativo, agora também cidadão soteropolitano, mantém-se na busca obstinada dos limites da poesia e da sonoridade. [...] Seu par-*

[2] Discurso proferido pelo poeta e jornalista Sérgio Mattos, na Câmara Municipal de Salvador, no dia 05 de junho de 2013, por ocasião da entrega do Título de Cidadania Soteropolitana ao músico Zelito Miranda.

> *ceiro mais frequente tem sido o compositor e publicitário Rafael Júnior, mas declaro aqui que também tenho a honra de ter Zelito Miranda como amigo e como parceiro, destacando entre as músicas que produzimos a que se intitula "É Tempo de Se Amar". [...] Zelito Miranda, o Menino Danadinho de Serrinha, integrou com galhardia o movimento de resistência do forró, enfrentando todos os demais ritmos comerciais e, graças a ele e a outros, tais como Carlos Pitta, Edil Pacheco, Adelmário Coelho, Quininho de Valente, Targino Gondim, a Bahia foi transformada no maior mercado de forró do Brasil.*

Assumo aqui também, sem falsa modéstia, o importante papel que desempenhei no jornal *A Tarde*, abrindo espaços para a valorização do forró, como música nordestina autêntica, em contraponto ao Axé-Music que dominava o setor, além de promover vários artistas locais. Graças ao trabalho que desempenhei no jornal em favor desse ritmo, o forró voltou a ocupar espaços na mídia da Bahia, voltando a ser tocado nas emissoras de rádio durante todo o ano e não mais só no período dos festejos juninos.

* * *

Apesar de não viver de produção musical – os direitos autorais destinados ao compositor-letrista são um verdadeiro engodo –, tenho três CDs individuais, reunindo 48 músicas, e um de poemas declamados com trilha sonora original composta para cada poema individualmente. Na verdade, esses CDs de músicas funcionam como amostra de minha produção, pois todos são classificados como "produção alternativa" com tiragem de três mil cópias cada um deles, o que quando em comparação com os CDs comerciais é a mesma coisa que dizer que minhas músicas e CDs continuam praticamente inéditos.

Dentre as músicas, três fizeram sucesso e foram muito tocadas nas emissoras de rádios: "Quinhentos anos de Brasil", com Adelmário Coelho e João Caetano, e "Esquentando o Terreirão", com Edil Pacheco. A terceira música que fez muito sucesso, tendo sido gravada por cantores de destaque a exemplo de Alcymar Monteiro, Zelito Miranda, Del Feliz, dentre outros, foi "Forró de Botas". Como se pode ver, os meus maiores sucessos musicais foram músicas juninas, com ritmos nordestinos eternizados por Luiz Gonzaga, tais como forró, baião, xote e galope, entre outros. O que não quer dizer que não tenha entre minhas composições outros ritmos.

No período junino do ano 2000, Geraldo Pita lançou um CD intitulado Forró da Lua com as 18 melhores músicas de forró baiano, consegui emplacar

uma faixa, ou seja, a música "Quinhentos anos de Brasil", em parceria com Adelmário Coelho e João Caetano. A música estourou nacionalmente sendo muito interpretada por várias bandas e cantores

No meu primeiro CD, *Movimento – Sérgio Mattos & amigos*, lançado no ano 2000, quando desempenhei a função de produtor fonográfico, estão reunidos em 20 músicas, vários ritmos: samba, samba-canção, reggae, axé, blues, bolero, samba de roda, baião, xote, galope, salsa, entre outros. Nesse CD, o fato inédito é o letrista ter sido o elo de ligação entre os vários estilos musicais. O CD foi produzido em Salvador e gravado pela Sony Music com uma tiragem inicial de três mil cópias. Com essa iniciativa revelava para o grande público o meu lado compositor até então desconhecido.

No CD "*Movimento – Sérgio Mattos & Amigos*" consegui reunir 20 nomes de expressão da música na Bahia: Luiz Caldas, Alcymar Monteiro, Dado Brasaville, Adelmário Coelho, Paulinho Boca de Cantor, Jeanne Lee, Virgílio, Lui Muritiba, Novinho da Paraíba, Zelito Miranda, Missinho, Bira Paim, Edu Casanova, Edil Pacheco, Bule Bule, Visec, Quininho de Valente , a dupla Rony-Raney, Chiquinho da Banda Café Pilado e Kareka. Alguns apenas no papel de intérprete e outros como intérpretes e parceiros de composições.

Em 2001 lancei dois CDs, *Trilha Poética* e *Poesia Nossa de Cada Dia*. O CD intitulado *Trilha Poética*, em parceria com Nilson Aquino, contém poemas musicados e, exatamente por isso, leva o mesmo título do livro, lançado pelas Edições GRD, em 1998. Por isso digo que nada é mais gratificante para o poeta que sentir os nossos poemas ganhando o mundo, interagindo com outras artes, comunicando e vencendo os obstáculos.

Sobre minha ousadia em lançar CDs, o jornalista e também compositor Luís Lasserre, ex-aluno no Curso de Jornalismo da UFBA, escreveu, no Caderno 2 de *A Tarde* (25/12/2000) :

> *Sérgio Mattos é um daqueles sujeitos que, quando colocam uma ideia na cabeça, não há quem a tire. Além da bibliografia acadêmica (professor universitário, já lançou inúmeras obras teóricas), ele é autor de diversos livros de poemas, além de letrista de músicas, muitas gravadas por cantores e grupos de forró. Nos últimos tempos, no entanto, Mattos resolveu investir na produção de discos exclusivamente com seus poemas musicados e conseguiu um feito que muitos artistas profissionais não realizam: em pouco mais de um ano, já produziu dois CDs.*

Primeiro, foi Movimento, lançado em setembro do ano passado, uma espécie de celebração da sua obra, com a participação de Luiz Caldas, Edil Pacheco, Lui Muritiba, Zelito Miranda, Missinho, Edu Casanova e outros, em nada menos que 20 faixas. Agora, chega ao mercado Trilha Poética, uma dobradinha com o violonista e cantor Nilson Aquino.

O novo trabalho traz 14 poesias de Sérgio sobre os mais diversos temas (romance, pensamentos, natureza, literatura...), musicadas por Nilson Aquino em um leque variado de estilos (samba, reggae, balada, xote, etc.

***

Entusiasmado com o sucesso dos CDs de músicas, decidi também gravar um CD/livro com poemas declamados a exemplo de outros poetas. Como havia participado, em 1998, do projeto intitulado *Música Erudita & Poesia Nossa de Todo Dia*, realizado todas as segundas-feiras à noite, no período de 21 de setembro a 28 de dezembro de 1998, no jardim da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, sob a coordenação do poeta Geraldo Maia, reuni o material apresentado, um depoimento sobre o meu processo de criação e uma seleta de poemas e resolvi gravá-los.

Sobre este CD, na sessão "Audioliteratura", do então prestigioso caderno *A Tarde Cultural* de 29/12/2001, editado por Florisvaldo Mattos, saiu o seguinte comentário crítico sem assinatura:

Livros, peças, poemas-cartazes, Internet. O jornalista, editor, professor universitário e estudioso de temas ligados à televisão Sérgio Mattos, um dos autores baianos que mais se têm empenhado em popularizar suas produções, pode ser encontrado, agora, também em CD. Recentemente lançado, Poesia Nossa de Cada Dia, não chega a ser uma mídia inteiramente nova para ele compositor com dezenas de músicas gravadas. Na atual versão, ele aparece à vontade, assumindo o microfone. Dispensou atores. Vale pela autenticidade. Para quem rejeita as "igrejinhas" literárias, a poesia hermética e assimilada por poucos, o CD funciona muito mais do que um meio de declamar poemas antigos e inéditos. Chama a atenção o seu depoimento. Durante cerca de 10 minutos, ele descreve o seu processo de criação e, antecipando-se à crítica, exerce o papel de juiz de si próprio. Rebate quem tacha os seus escritos como prosa em forma de poesia e não-engajados, sem citar nomes. O autor de Estandarte e Asas Para Amar tenta criar uma cumplicidade com o leitor/ouvinte. O discurso é, porém, longo. O título do CD, Poesia Nossa de Cada Dia, está de acordo com a temática escolhida pelo poeta, que trata do amor, do cotidiano, da natureza e dos conflitos humanos.

O depoimento[3] que dou no CD, *Poesia Nossa de Cada Dia*, acabou atingindo algumas pessoas que assumiram a carapuça, apesar de em nenhum momento eu haver citado nomes. O depoimento sobre minha poesia, penso, é sincero e despojado. Além de corajoso, me dispo de vaidades, procurando colocar os pés no chão, revelando o método de criação e minhas fraquezas dentro do contexto no qual vivi. Transcrevo a seguir pequenos trechos do meu pensamento:

> *Vivo numa época na qual quem tem ousadia, quem corre riscos pode dar certo. Vivo numa época em que as oportunidades são múltiplas e os valores incertos. Tudo pode depender da simpatia de um grupo ideologicamente afinado que pode endeusar ou destruir um artista seja ela da palavra, dos pincéis ou das notas musicais. Com a mesma facilidade, também, podem incensar quem às vezes, não merece.*
>
> *[...] Acredito que a poesia tem de ter um caráter universal para permanecer. Ela deve estar acima da política e das ideologias. Ela tem de apresentar os valores comuns a todos os homens, independente de época.[...] O poeta é o artista/criador capaz de captar a poesia presente no andar de uma mulher, no voo de um pássaro, nos elementos da natureza e transmitir toda a felicidade e a beleza que a vida nos oferece.*
>
> *[...] O poeta deve registrar seu tempo e realizar a busca incessante da verdade sem ter de transigir ideologicamente. O poema é o instrumento de que o poeta se utiliza no seu papel de conquista da realidade. [...] Acredito que o poema deve procurar atingir o leitor, despertando nele associações e lembranças, permitindo-lhe navegar nas entrelinhas (ou entre versos), recriando suas próprias situações e vivências, fechando um circulo de comunicação entre o poeta e o leitor.*

Esse CD, é necessário fazer este registro, acabou se constituindo, historicamente, no primeiro CD totalmente produzido em Salvador: foi gravado no Estúdio Corsário, de Zelito Miranda, e multiplicado pela Reproduz, de Telma Miranda, durante o ano de 2001. Vale ressaltar que a trilha sonora de cada poema declamado foi composta especificamente para cada um deles por Altair Leonardo. Sobre esse CD, a escritora e crítica literária Gerana Damulakis fez um longo registro em sua coluna na revista de arte e cultura *NEON*, edição nov./dez. 2001, da qual transcrevo o trecho abaixo:

[3] O depoimento sobre minha poesia, que gravei no início do CD *Poesia Nossa de Cada Dia,* em 2001, foi reutilizado, dessa vez impresso, como introdução-apresentação do livro *Essência Poética – poesia de toda a vida*, editado pelas Edições GRD, de São Paulo, no ano de 2011. Neste livro estão reunidos 45 anos de minha produção poética.

Sérgio Mattos retirou os textos de seus sete livros de poemas, resultando uma excelente antologia. Antes de iniciar a recitação de suas peças poéticas, o autor faz um depoimento de peso, quando abarca questões importantes quanto a inúmeros aspectos, seja sobre a exigência de alguns, que clamam pelo engajamento sócio-político da poesia, seja sobre a questão das "panelinhas" literárias que não guardam relação direta com a qualidade da arte, antes a escolha ocorre por motivos os mais distanciados desta mesma arte.

Na parte em que o depoimento faz fronteira com a confissão do artista, Sérgio expõe seu processo de criação, o pendor que o leva a lapidar os poemas até a exaustão, sua mania de datar as peças, acompanhá-las durante seu amadurecimento, muitas vezes ocorrido já na letra impressa, livro a livro, e, por fim, lista seis poetas preferidos e cita colocações com as quais concorda. O poeta deixa claro que não quer sua poesia hermética, busca sempre a palavra simples, não abusa da metáfora, cria o canto livre, contanto que seus versos cheguem ao leitor, estabeleçam com ele uma ponte pronta para ser atravessada.

* * *

Já o CD intitulado *O Sertão e Suas Nuances* tem uma história específica e intrigante: em 1977, criei um poema, no qual registrei facetas do sertão. O poema foi ilustrado por artistas plásticos e deixou as páginas dos livros para ornamentar paredes, na forma de poster-poema. Em 1979, esse poema ganhou vida e ritmo novos quando Antônio João Leite o musicou, produzindo a primeira das muitas melodias que viria a ter. Em meados da década de 1980 do século passado, o poema inspirou outro artista, Carlos Pitta, que lhe deu uma nova musicalidade. E, quando de sua republicação no livro Estandarte (1995), várias outras melodias foram surgindo e apresentando releituras do sertão de acordo com a sensibilidade de cada um.

A qualidade e a riqueza dessas melodias estão reunidas no CD, de proposta pioneira e original, que foi lançado no ano de 2002, quando das homenagens ao Centenário do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o primeiro que sentiu o sertão e o sertanejo encontrando as verdadeiras raízes do Brasil. À medida que os compositores iam musicando o meu poema "O Sertão", eu ia recebendo cópias das melodias.

Um dia mostrei 13 das mais de 25 melodias produzidas para este poema ao maestro Altair Leonardo, meu amigo, que se entusiasmou com o projeto de reuni-las em um único CD. Muitos dos compositores/parceiros só conheceram

as melodias dos demais participantes do CD quando este foi lançado. São várias leituras e melodias diferentes de um mesmo poema. O CD tem sido muito badalado pela originalidade e pioneirismo. O CD, *O Sertão e Suas Nuances*, foi lançado no dia 13 de novembro de 2002, na então prestigiada Livraria Grandes Autores, no bairro da Ondina, de meu amigo Pinras Ely Abenhaim, com direito a uma apresentação surpresa do grupo musical "Virado no Mói de Coentro", que passou a circular entre os presentes executando músicas a partir de suas flautas de pífano. Foi um momento extremamente agradável e uma oportunidade para o grupo se apresentar, tendo em vista que tinha acabado de ser constituído, em meados de 2001, com a proposta de fazer uma releitura da música nordestina.

Tenho algumas dezenas de músicas inéditas (sem gravar) e o interesse também de produzir novos CDs, mas os custos de produção estão muito altos o que inviabiliza a produção. O que tenho feito é distribuir músicas entre cantores que as estão gravando quando possível. Este é um mercado muito competitivo e como não produzo músicas comerciais, voltadas para o mercado e o consumo imediato, fica mais difícil a colocação. Mesmo assim continuo a produzir, devagar, mas produzindo sempre que possível alguma coisa nova e tentando também disponibilizar as músicas no formato MP3 na Internet, que é um meio capaz de quebrar as barreiras comerciais para a divulgação das músicas. Dentre os meus parceiros mais frequentes estão Kareka, Zelito Miranda e Nilson Aquino.

Sempre estão a me perguntar como aconteceu minha aproximação com os profissionais da música e eu sempre tento explicar que os contatos surgiram devido à poesia e ao jornalismo. Todo artista que briga por ocupar espaços procura os jornais para divulgar suas obras e seus shows. Muitos deles eu conheci e comecei a amizade nos jornais em que trabalhei ou por meio dos ambientes artísticos, exposições de artes plásticas, teatro, museus, academias, seminários, bibliotecas e também em mesas de bares, que já não frequento como antes.

Quanto à temporalidade da música, penso que algum ritmo ou melodia específica pode fazer moda/sucesso ou estar em evidência por algum tempo, mas a música é eterna, é inerente ao seu humano e haverá de permanecer. Acho delicioso apreciar a criatividade dos compositores que, com apenas sete notas, conseguem criar melodias diferentes, interagir com ambientes e sentimentos, produzindo sensações de alegria ou tristeza. A musicalidade, o som, é vida. A musicalidade marca presença nos poemas, na fala, nos sotaques das línguas fa-

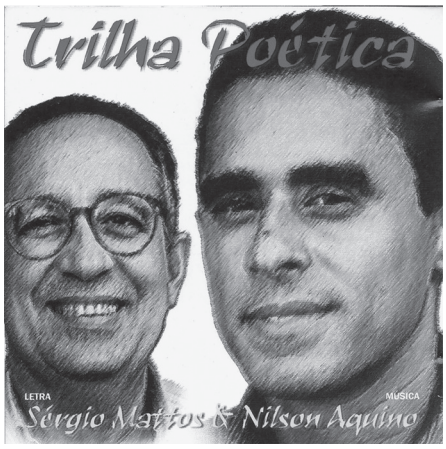
ladas nas mais diferentes regiões do planeta. Assim, a musicalidade está presente em tudo, nos sons da própria natureza e até mesmo no gingado do andar das musas que inspiram poetas e músicos.

Como não canto nem toco nenhum instrumento, encontrei uma forma ousada de lançar meus CDs. Quando não fiz os lançamentos deles em livrarias, promovi palestras sobre como as músicas foram ou são compostas em parcerias, falando sobre algumas delas e reproduzindo algumas faixas do CDs. Já tive oportunidade de promover encontros assim em Irecê e outras cidade da Chapada Diamantina e continuo proferindo estas palestras-musicais em várias cidades sempre que encontro disponibilidade para tal.

* * *

Da ensaísta, crítica literária e professora de Teoria da Literatura, aposentada da USP, Nelly Novaes Coelho, autora de obras de referência como o Dicionário de Escritoras Brasileiras (2002), recebi, no dia 26 de novembro de 2006, uma amável carta, que transcrevo abaixo, falando sobre os meus CDs:

> *Caro poeta,*
>
> *Aproveito a "pausa" deste fim de semana para ouvir os CDs que teve a gentileza de me oferecer. Mundo de encanto puro! Para mim, paulistaníssima (flor do cimento, do asfalto) sertão continua a pertencer ao mundo da magia da literatura... Mesmo depois que comecei a percorrer o Brasil todo e vi o Sertão... conheci a caatinga...mas não adiantou, – todo esse Brasil primitivo, Natureza pura, continua pertencendo ao mundo mágico da ficção e da poesia.*
>
> *Adorei o seu "falar poesia", mas o Sertão e suas nuances é, realmente, "impar", como você disse. Que beleza! E que extraordinário poder de metamorfose tem a música, para transformar continuamente o seu poema, multiplicando-o em novas e novas formas de cantá-lo.*
>
> *Grande abraço a todos os artistas que participam do CD! Com seus instrumentos, ritmos, harmonias construíram um Todo Mágico! Parabéns.*
>
> *O "Sertão-2" [segunda faixa] me tocou especialmente... talvez o ritmo! Não sei! Lembrou-me o tempo em que eu adorava dançar... Abração pra você, que foi o "motor" desta Beleza!*

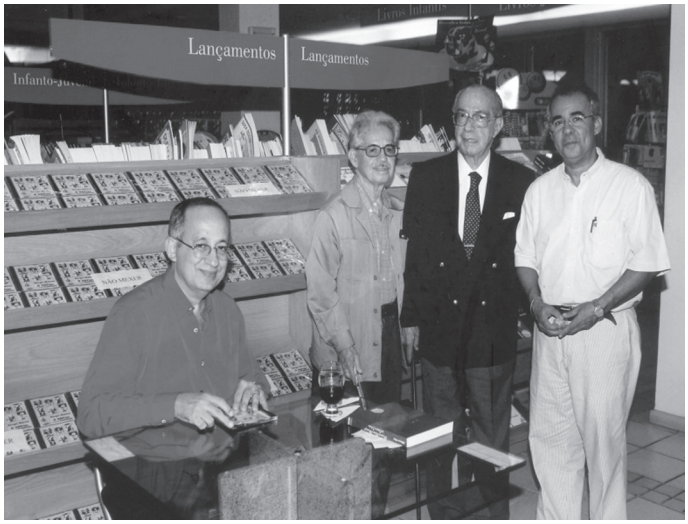


[103.]

Reprodução das capas dos quatro CDs, sendo um deles de poemas declamados com trilha sonora original.

[104.]

Aspecto do lançamento do CD "O Sertão e suas nuances", na Livraria Grandes Autores, ao som da banda de pífanos Virado no Mói de Coentro.



[105.]

Ao lançamento do CD "O Sertão e suas nuances" compareceram vários cantores, compositores, escritores e jornalistas. Na foto, em sentido horário, estão Sérgio Mattos, Luis Henrique Dias Tavares, Jorge Calmon e Luis Guilherme Pontes Tavares

ATIVIDADES ACADÊMICAS E A INTERCOM

Por vezes sentimos que aquilo que fizemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

Ao retornar dos Estados Unidos em 1982, após o doutoramento, estreitei meus contatos com José Marques de Melo, fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, passando a frequentar os congressos anuais promovidos pela instituição. Fui um dos primeiros sócios, haja vista que meu registro de inscrição na entidade leva o número 031. De lá para cá, minha participação nos congressos tem sido constante. Em 1988, Marques de Melo me instigou a fazer o inventário crítico da televisão brasileira, levando em consideração o fato de que minhas duas teses, Mestrado e Doutorado, abordavam o tema. Aceitei o desafio e a partir de então minhas pesquisas e trabalhos publicados passaram a enfocar com mais intensidade a história da televisão no Brasil.

Como resultado do convite, acabei produzindo um livro referencial, *Um Perfil da TV Brasileira – 40 anos de história*, editado em 1990, pela Associação Brasileira de Agências de Propaganda – Capítulo Bahia (ABAP) e pelo jornal *A Tarde*, o que garantiu ao livro uma primorosa divulgação em todos os veículos, graças a Sydney G. de Rezende, então presidente da ABAP, e ao empenho de Arthur Luís d'Almeida Couto, no jornal. Anúncios belíssimos, de meia página, para a mídia impressa, spots para rádio, filmes para televisão, placas de outdoor e cartazes foram produzidas pela agência de Sydney e veiculadas na mídia local gratuitamente. Na oportunidade, realizamos inúmeros lançamentos por várias cidades baianas, sempre na companhia de Sydney Rezende e de Arthur Couto, os padrinhos do produto. O livro teve boa receptividade da crítica nacional, tendo sido resenhado por praticamente quase todos os grandes jornais do país e, em Salvador, por vários colegas e professores. Jorge Calmon, diretor redator-chefe de *A Tarde* foi quem escreveu o prefácio, no qual afirmou:

> *[...] trabalho que representa uma contribuição notável para o estudo da televisão em nosso país, sendo um balanço, enxuto e equilibrado, da ação desse veículo no decurso dos seus quarenta anos de existência entre nós,*

> *assim como uma fonte preciosa de informações e de orientação para os estudiosos. [...] Não hesito em dizer que este livro [Um perfil da TV brasileira – 40 anos de história] vem situar Sérgio Mattos entre os autores mais qualificados no campo das investigações voltadas para a televisão e sua múltipla influência. Oxalá sua contribuição venha a concorrer para redirecionar realmente em benefício da sociedade o poderoso veículo de comunicação, uma das maravilhas do nosso século, e também um dos mais forte agentes de mudança de comportamento.*

O professor Thales de Azevedo, membro da Academia de Letras da Bahia, escreveu um longo artigo sobre televisão, no qual deu atenção especial ao meu livro. Em seu artigo[4], do qual extrai o trecho abaixo, ele diz:

> *O mais orgânico e ordenado dessas notas surge na Bahia, da observação, do exame, da ponderação de diferentes aspectos, da condição jurídica e legal, do contexto organizacional. É o livro em que o jornalista baiano Sérgio Mattos percorre metodicamente, com objetividade e segurança, os 40 anos do desenvolvimento desse meio de comunicação em nosso amplo contexto. Fixa, desenha e caracteriza quatro fases processo com segurança de dados e de juízos, valendo-se de materiais históricos, das opiniões e pontos de vista de outros pesquisadores, com independência de modos de ver e convincente argumentação. Aprecia os estudos até agora aparecidos, dando a conhecer aspectos de importância, gerais, institucionais, sociológicos. Nesse Um Perfil da TV Brasileira(40 anos de história: 1950-1990), traça um quadro de sua autorizada concepção, original, provocante à continuação e alargamento: nenhum novo estudo pode dispensar-se dessa contribuição. Aspectos políticos, econômicos, artísticos, jornalísticos compõem essa sugestiva imagem, que o estudioso da comunicação completa com atualizada bibliografia. O essencial desse livro é que inaugura, com riqueza de elementos e bom aproveitamento de dados, a história e a socioeconomia do tema.*

Esse livro foi resultado do levantamento realizado como parte do estudo comparativo entre os sistemas de comunicação do Brasil e do México, que me possibilitou visitar aquele país pela segunda vez. De lá para cá, converti este objeto numa linha de pesquisa, da qual muitos outros livros, ensaios e artigos foram publicados, no entanto, tudo começou com minhas teses defendidas nos Estados Unidos. Mas o meu interesse na pesquisa acadêmica não está restrito à televisão, como o próprio José Marques de Melo disse ao prefaciar livro de minha autoria:

[4] AZEVEDO, Thales. Televisão, a grande realização brasileira. Salvador: *A Tarde* / suplemento Cultural, 6 maio 1991.

> *Entretanto, seu interesse pelos fenômenos comunicacionais é bem mais amplo, fértil e variado, como bem o demonstra neste livro O Contexto Midiático, onde analisa questões que assumem perfil teórico-metodológico nitidamente sintonizado com o modo de pensar da escola latino-americana. Em certo sentido, o autor retoma, nesta obra plural, o estilo caleidoscópico que está evidente na singela publicação de estreia. Trata-se da coletânea Estudos de Comunicação (Salvador, Arco-Íris, 1975), fundamentada basicamente em autores brasileiros (Beltrão, Dines, Amaral, etc.). O diálogo entre pensadores nativos e forâneos ele faria com perspicácia nas obras subsequentes, publicadas em inglês, durante o período de estudos pós-graduados na Universidade do Texas. Entre aquele livro juvenil e esta obra de maturidade, estão situadas outras incursões valiosas pelas sendas do jornalismo e da publicidade, sem esquecer o filão da censura e o segmento pedagógico. Certamente sua polivalência intelectual, a criatividade temática e a seriedade acadêmica, claramente perceptíveis, motivaram o júri da INTERCOM a lhe outorgar, no ano 2000, o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, pelo conjunto da obra publicada.*

Então, no primeiro semestre do ano 2000 fui informado de que havia sido o vencedor do Prêmio de Comunicação Luís Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de quinhentos pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luís Beltrão de Ciências da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Receber esse prêmio, concedido em função da atuação e da obra do outorgado, considerado como em fim de carreira, eu tinha me aposentado da UFBA, significou o aumento de minhas responsabilidades na área de Comunicação. Em vez de me levar a deitar nos loiros e cruzar os braços aquela premiação funcionou como uma recarga no meu ritmo de trabalho, levando-me a produzir novos livros, acadêmicos e literários, além de enveredar na área da música, formando parcerias com vários amigos, produzindo CDs de música, de poemas musicados e tendo gravado inúmeras melodias.

No ano 2000, lancei o livro *A Televisão no Brasil – 50 Anos de História*, um dos mais importantes que já produzi, devido sua amplitude. Além de fazer um resgate histórico sobre a implantação e desenvolvimento da TV no Brasil, com destaque para o papel da publicidade neste processo, realizei um amplo levantamento de tudo o que se tinha escrito até então sobre a nossa televisão, incluindo, além de livros consagrados, monografias, teses, dissertações e textos apresentados em congressos e artigos publicados em periódicos científicos, classificando e descrevendo todos os trabalhos existentes até então por temáticas e recortes de suas respectivas abordagens.

Este livro é uma espécie de estado da arte do conhecimento produzido sobre esse meio de comunicação. Em síntese, nele apresento uma análise do desenvolvimento da TV brasileira considerando as condições socioeconômicas e políticas do país e ainda a forma como a indústria da publicidade instalada no Brasil, de certo modo, reproduz o modelo de desenvolvimento dependente. Em resenha sobre ele, publicada na Revista da TV, do jornal *A Tarde*, em 25 de novembro de 2011, Valério Cruz Brittos disse:

> *A contribuição do livro de Sérgio Mattos é essencial para os pesquisadores da área, no sentido de que apresenta uma original periodização da história da televisão no Brasil. [...] O raciocínio de Mattos, que o leva a esta periodização, baseia-se na evolução da TV brasileira, em sua "coerência e semelhança" com o desenvolvimento do país no período, levando m conta principalmente as mudanças das políticas nacionais. [...] O texto é encadeado a partir das características principais do período e das mudanças promovidas pelas entidades governamentais. Nesse sentido, acaba traçando um importante quadro do que foi e é o Brasil, na dinâmica que estabeleceu e estabelece com sua mais importante mídia. [...] Dessa forma, considera-se que a maior contribuição de Sérgio Mattos envolve a periodização da trajetória da TV brasileira, um tema polêmico e de muitos outros estudos. [...] Antes de tudo, acredita-se que a abordagem de Mattos, fortemente marcada por variáveis político-econômicas, é construída a partir de uma compatibilidade interna, remetendo os cortes precipuamente a determinações político-institucionais e manifestações da própria tecnologia, em sua relação com os agentes regulamentadores, o publico, o anunciante e suas próprias decisões internas. Além do mais, a periodização em voga pode ser coadunada com análises centradas diretamente na Economia Política da Comunicação, como os de Bolaño e deste professor. Por tudo isso, o livro de Mattos reúne elementos para leitura, debate e futuras pesquisas sobre a televisão no Brasil.*

Estou sempre a comentar com meus alunos e com outros pesquisadores, quando dialogando nos congressos, que o caso do Brasil nos leva a repensar as suposições e hipóteses de inúmeras teorias que vêm estudando o desenvolvimento dos meios de comunicação, principalmente a televisão, nos países periféricos e em especial no Brasil. Exatamente por isso acredito que estudos de caso podem ter maior utilidade para se compreender o desenvolvimento da mídia no Brasil.

Continuei pesquisando e publicando livros sobre a TV, lançados com sucesso, inclusive a quinta edição, revista e ampliada, de *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política* (Vozes, 2010). Entre o ano 2000 e 2013 produzi 13 livros acadêmicos e oito livros de cunho literário. Em dezembro de 2013 já se computava um total de 47 livros publicados ao todo. O ano mais produtivo foi o de 2008, quando lancei cinco títulos sendo dois de comunicação e três literários (um romance e duas novelas): *Memória da imprensa contemporânea da Bahia*; *Relicário comunicacional e literário*; *As confissões sexuais de Maria Francisca*; *Amadeu, um bandido nordestino*; e *Os funerais de Dona Camila*.

Estava, então, me aventurando na prosa literária mais densa, pois minha única publicação na área, até então, foi a publicação de crônicas infanto-juvenis com o livro *A Batalha de Natal*, publicado na década de 1970. Para promover o lançamento das duas novelas, com excelentes capas produzidas por meu amigo Cedraz, criador e roteirista de HQs, lancei mão, pela primeira vez do "busdoor", placas de anúncios colocadas na parte traseira dos ônibus que rodavam em Salvador, obtendo assim uma boa visibilidade para os meus personagens: Amadeu e Camila. Aliás, sobre estes dois livros recebi carta, datada de março de 2008, de Gerana Damulakis, escritora e crítica literária que teceu o seguinte comentário:

> *Adorei receber os dois livros, Amadeu – um bandido nordestino e Os funerais de dona Camila. Gostei mais de Os Funerais, muito bom! Ambos estão exemplares em suas estruturas narrativas. Não posso dizer que você me surpreendeu porque, afinal, quem é um excelente jornalista como você, obviamente é também um excelente narrador. Assim sendo, resta dizer que a novidade está em mostrar sua capacidade ficcional. Notável!*

Por sua vez, meu amigo, poeta e escritor Ivan Dórea Soares no livro que escreveu sobre mim, (*Caminhando pelo Tempo – Comentário histórico literário sobre a obra de Sérgio Mattos*, 2009*)* recebeu as minhas investidas ficcionais com certa reserva:

> *[...] Li, com bastante calma e prudência, as três novelas de Sérgio: Amadeu, um bandido nordestino, Os funerais de dona Camila e As confissões sexuais de Maria Francisca. Explico o porquê da calma e da prudência: é um universo novo na literatura de Sérgio, são estradas nunca antes percorridas por ele. Pergunto-me: gostei? A minha resposta é uma certeza contraditoriamente carregada de dúvidas. Sim ou não?... Acho que gostei... de alguns pedaços soltos, esparsos...mas, prefiro as belas poesia (a maioria), prefiro a excelência dos estudos jornalísticos, tal qual Imparcialidade é Mito e Mídia Controlada.*
>
> *Não sei o que o futuro vai fazer com Amadeu, com Dona Camila e com Maria Francisca. Não consigo imaginar. Gostaria de ser vidente, de ter o sentido da premonição. Torço por eles. O Caminhar dos três, nas entrelinhas – independentes um dos outros – não me parece estar sendo nada fácil... Entretanto, qual sentido Maria Francisca dará à sua vida depois da longa confissão com o Padre?... Queria, verdadeiramente, perscrutar os tempos que virão. A vida se incumbirá de responder...*

***

Como autor acadêmico, identifico um senão em minha produção. Isto porque minha área de pesquisa/ interesse dentro da comunicação tem um defeito, cobre muitos setores devido a minha ânsia em produzir, mas meus trabalhos enfocam principalmente a televisão, sobre a qual tenho publicado vários livros e artigos. Partindo dessa autoanálise, posso considerar que a minha maior contribuição para a pesquisa em Comunicação está na investigação e na difusão do conhecimento produzido sobre a Televisão, principal meio de informação e entretenimento para a maioria da população brasileira. Outro tema que tem dominado minha atenção é a censura aos meios de comunicação sobre cuja temática já publiquei três livros (*Censura de Guerra – Da Criméia ao Golfo Pérsico*; *Controle dos Meios de Comunicação*; e *Mídia Controlada – a história da censura no Brasil e no mundo*) e inúmeros artigos e capítulos de livros. Destacaria ainda o resgate da história do jornalismo que venho fazendo e expondo meus pensamentos sobre a prática jornalística. Sobre o livro Mídia Controlada, em um de seus artigos semanais, publicado no jornal *A Tarde*, edição de 25/10/2005, Jorge Calmon fez o seguinte comentário:

> *Lendo o novo livro de Sérgio Mattos, intitulado "Mídia Controlada", tratando da censura à imprensa, ocorreu-me uma forma de controle que se poderia chamar de autocensura, da qual, em verdade, pouco se ocupam os estudiosos que têm tratado do assunto. O próprio Sérgio poderia desenvolver esse outro tema, pois tem todas as condições para fazê-lo. Sua*

> *abordagem (com escusas pelo galicismo) carece de prudência ao ser feita, a fim de evitar a ideia de admissão da censura, que a liberdade de imprensa repele, seja qual for a forma de limitação.*
>
> *O ensaio de Sérgio, agora publicado, é notável pela acuidade com que ele analisa o tema, relativo às formas de coação ao exercício do jornalismo, particularmente as que ocorreram no Brasil, nas épocas de ditadura, quando o jornalismo esteve sujeito ao arbítrio dos governantes respaldados pelo poder militar. Este jornal mesmo não escapou à prepotência dos tiranetes de ocasião, a despeito do manifesto respeito que impunha aos próprios censores, cientes do respaldo com que ele sempre contou entre os baianos.*
>
> *Não foram muitas, em verdade, as ocasiões em que A Tarde esteve sujeita aos caprichos da censura. Numa delas, ocorreram até situações divertidas, como o embaraço do censor, aliás um civil, ao se ver levado a ler, de fio a pavio, o caderno de classificados, com as dezenas de anúncios populares que apresentamos ao seu exame. Cumpriu a obrigação, porém, finda a leitura, despediu-se cortesmente, para não mais voltar...*

Como professor doutor, muitos acham que eu deveria ter orientado muito mais doutorandos e mestrandos do que orientei na realidade. No cômputo da produção e da avaliação dos docentes, pelas agências avaliadoras e de fomento oficiais, vale muito a quantidade de teses e dissertações orientadas, sem que se avalie a qualidade das mesmas. Concordo que no geral orientei muito pouco na pós-graduação, mas isto se deve a uma opção que fiz para me dedicar mais ao ensino da graduação que é a base para uma boa pós-graduação.

O problema é que a maioria dos doutores não gosta da graduação, preferindo se dedicar à pós-graduação, esquecendo-se da necessidade de que precisamos melhorar o nível da graduação, ensinando aos alunos o gosto pela leitura, pela pesquisa e o valor da extensão e das práticas laboratoriais, essenciais para o exercício de suas respectivas profissões independe de seguirem a carreira acadêmica ou não. Sei que meus livros são utilizados tanto na graduação como na pós, a julgar pelo número de citações em monografias, dissertações, teses e trabalhos publicados. Tenho dado também minha contribuição à pós-graduação ao participar desde 1982, aos dias atuais, de inúmeras bancas examinadoras, o que exige do examinador, além de conhecimento do tema, fazer uma análise crítica do trabalho, pontuando possíveis falhas e lacunas com o objetivo de melhorar o produto final.

Participar de uma banca examinadora de doutorado, por exemplo, é uma oportunidade de reciclagem, de aprendizagem e não um palco onde os avaliadores podem exibir seus próprios conhecimentos, dando vazão às suas vaidades, idiossincrasias e recalques pessoais. É necessário que os examinadores doutores tenham humildade, pois nenhum deles é dono da verdade, muito pelo contrário, quanto mais estudamos e nos especializamos, mais constatamos que não sabemos quase nada sobre aquilo que outros pensam que você sabe tudo. Os doutores não podem se deixar levar pelo imaginário popular de que são detentores de todo o conhecimento da área, pois correm o risco de passarem a ser identificados como pavão. E, como dizia Laje, o cartunista da *Tribuna da Bahia*, "hoje pavão, amanhã um mero espanador!"

***

Minhas relações com o ensino da Comunicação começaram em março de 1975, quando na condição de professor colaborador comecei a ensinar no Curso de Jornalismo da UFBA. Em 1976, após aprovação em concurso público, permaneci na instituição até me aposentar, em 1997. Durante os anos em que fui professor na FACOM/UFBA, acumulei uma série de outras atribuições. Na gestão acadêmica, atuei várias vezes como coordenador do Colegiado e chefe do Departamento de Jornalismo. Dei minha contribuição também na editoração de livros universitários como chefe do Núcleo de Publicações e coordenador-substituto do Centro Editorial e Didático da UFBA.

Na Universidade Federal da Bahia estava sempre promovendo atividades de extensão e, a título de exemplo, fui um dos responsáveis pela coordenação do Seminário Cultura e Política e Política Cultural na Televisão do Brasil e da Alemanha, em conjunto com o Dr. Roland Schaffner, diretor do Instituto Cultural Brasil e Alemanha (ICBA). Durante uma semana, de 9 a 14 de maio de 1994, foram realizadas 25 horas de exposições, depoimentos de profissionais brasileiros e alemães, seguidos de debates e exibição de vídeos exemplificativos. Com o evento buscou-se conhecer e comparar os sistemas televisivos do Brasil e da Alemanha. Os resultados do Seminário foram publicados no livro Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha, que eu organizei e que foi lançado pelas Edições GRD, em 1997.

No campo da pós-graduação em Comunicação, como um dos primeiros doutores da UFBA, me tornei pioneiro na história do doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea da instituição, já que foi um de meus

orientandos, José Moura Pinheiro, o primeiro doutor formado pela FACOM. A tese, intitulada "Setor Jornalístico do Brasil: História, Evolução, Tecnológica e Desempenho Empresarial", foi defendida em 1998, logo após a publicação de minha aposentadoria, em dezembro de 1997. Mesmo aposentado continuei atuando como orientador de alunos do mestrado e do doutorado da FACOM, sem qualquer vínculo empregatício ou remuneração, até dezembro de 2001, quando ocorreu a defesa da tese de doutoramento de Valério Cruz Brittos: "Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional". Valério, que morreu precocemente em julho de 2012, aos 48 anos de idade, foi um dos mais brilhantes pesquisadores da área e fundador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade – CEPOS. Ele nos deixou um grande legado acadêmico.

Numa homenagem que lhe foi prestada pela Intercom, em 2012, tive a oportunidade de falar sobre ele como orientando, quando aproveitei para transmitir aos presentes alguns conceitos sobre a orientação acadêmica e o que penso sobre como deve ser o papel do orientador de monografias, dissertações e teses:

> *Valério nunca faltou aos encontros formais de orientação, nem tampouco aos outros que promovíamos informalmente, fora do ambiente da Universidade, até porque eu procurava tratá-lo como sempre tratei todos os meus orientandos, ou seja, da mesma maneira como fui tratado por meu orientador na Universidade do Texas, prof. Dr. Emile McAnany, sem qualquer atitude ou posicionamentos autocráticos tão em voga nas relações entre orientador e orientando. Acredito que atitudes como essa, por parte do orientador, provoca no orientando sentimento de segurança, e outros aspectos positivos que vão influenciar no processo da construção da dissertação ou tese.*
>
> *Mas o papel do orientador não se limita a isso, pois tem o dever de realizar leituras críticas, apontando incoerências ou a necessidade de uma maior fundamentação teórica ou de argumentos mais claros. Em nossos encontros formais, discutíamos os textos, indicávamos caminhos a serem seguidos ou os pontos que precisavam ser mais detalhados. Valério e eu dialogávamos, trocávamos ideias em busca de melhor esclarecer os pontos de vista dele. Como resultado desses diálogos ele construiu e defendeu uma excelente tese de doutorado que naturalmente recebeu a influência de inúmeros outros leitores e colegas, pois sempre, como orientador, adotei a posição de que o trabalho é do orientando, uma tese ou dissertação, não é um trabalho em parceira com o orientador nem tampouco uma extensão das pesquisas dele.*

E exatamente por isso meus orientandos [...] sempre foram instruídos a falar e a expor suas ideias e projetos, o máximo possível, para outras pessoas, com o objetivo de trocar ideias, trocar experiências e amadurecer os próprios argumentos, para não ficar limitado apenas à opinião crítica ou cordata do orientador. [...] sem perder de vista que os Programas de Pós-Graduação têm prazos definidos e que o orientando tem que cumpri-los, cabendo ao orientador o papel de não deixá-los querer abarcar o mundo com dois braços, focando nos objetivos propostos pelo trabalho do orientando.

[...] devo também esclarecer aqui que não existe um modelo de orientação a ser adotado coletivamente, pois cada caso, cada orientando é uma pessoa diferente que precisa ser tratado de acordo com suas qualidades ou carências e dentro do projeto proposto. Digo isto porque no processo de orientação temos procedimentos e normas a serem cumpridos, mas a maneira como efetivamente orientamos vai depender da qualidade e do conhecimento técnico de cada orientando e do grau de dificuldade de execução de cada projeto. Nenhuma orientação ou orientando pode ser comparado a outro. Cada um deve ser tratado como peça especial e única. O papel do orientador é o de aconselhar, direcionar o pensamento do orientando de maneira a permitir o crescimento e o amadurecimento dele, sem imposições autocráticas.

[Enfim...] o orientador se gratifica com o trabalho final de seu orientando e com os laços do Colégio Invisível construído ao longo dos estudos de pós-graduação e que permanecem para toda a vida. O orientador se gratifica quando seus ex-orientandos começam a brilhar e a realizar proezas no mundo acadêmico, se destacando como o fez Valério, considerado como um dos pesquisadores mais produtivos do país e pelas ações e projetos que construiu e executou. E, nesse caso, tenho a honra de dizer que foi muita sorte de minha parte ter tido Valério Cruz Brittos como meu orientando.

* * *

Meu interesse como pesquisador da Televisão brasileira vem desde a década de 1970 e aumentou a partir do momento em que fiquei, durante a década de 1990, como coordenador-fundador do Grupo de Trabalho de Televisão (GT-TV) desde sua criação, em 1994, até 2000, quando houve uma mudança na forma de organização dos pesquisadores nos congressos da instituição, agora reunidos em Núcleos de Pesquisa. Nesse período foram apresentados no Grupo de Televisão um total de 56 trabalhos acadêmicos, tendo sido o organizador e responsável pela publicação dos primeiros livros produzidos por um GT da entidade: *A Televisão e as políticas regionais de comunicação* – Coleção GTs

Intercom nº 06 (1997) e *A televisão na era da globalização* – Coleção GTs Intercom nº 09 (1999).

Na introdução da obra, fiz um breve histórico do Grupo de Trabalho e apresentei os artigos ou capítulos: dois relacionados à TV no Mercosul, duas reflexões sobre emissoras regionais do interior de São Paulo, um sobre o videoclipe como experiência estética, outro sobre a Igreja Universal na TV e finalmente um artigo sobre a parceria entre esporte e televisão. Na apresentação do primeiro, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, então na presidência da INTERCOM , escreveu:

> *Neste ano de 1997, quando a INTERCOM comemora os vinte e cinco anos de sua existência, a Coleção GTs da Intercom chega ao seu sexto volume, produzido pelo GT de Televisão, através de seu coordenador, Prof. Dr. Sérgio Mattos, da Universidade Federal da Bahia.*
>
> *Desde que foram criados em 1990 no XIII Congresso, no Rio de Janeiro, auspiciosa coincidência, era "40 anos de televisão no Brasil", os GTs da Intercom vêm impulsionando a produção e a reflexão científica em Comunicação, de modo a caracterizar-se hoje como um dos, senão o mais reconhecido e representativo fórum de debates da comunidade brasileira de Ciências da Comunicação.*
>
> *O GT de Televisão é indubitavelmente um dos mais produtivos e dinâmicos GTs que se reúnem anualmente nos congressos da Intercom. Por isso, o seu aparecimento em forma de livro era bastante aguardado. Realiza assim um dos seus mais importantes objetivos, qual seja, o de dar visibilidade a trabalhos de pesquisadores que se dedicam ao estudo do principal veículos de comunicação das sociedades contemporâneas.*
>
> *[...] Agradecemos, sobretudo, a competência e a dedicação do Prof. Sérgio Mattos, coordenador-fundador do GT de Televisão, a cujo esforço devemos a publicação deste trabalho.*

A segunda publicação do GT-TV, *A Televisão na Era da Globalização*, foi o resultado dos oito trabalhos apresentados no Congresso de Santos, em 1997. Por considerar que o meu texto de introdução continua atual para os dias de hoje, transcrevo a seguir alguns trechos da reflexão que fiz:

> *Uma verdadeira revolução está se processando, neste fim de século, em todos os setores da atividade humana. A década de noventa está sendo identificada como a década das transformações geopolíticas e socioeconômicas e da reestruturação institucional dos valores culturais, ideológi-*

cos e religiosos. Os conceitos de nação, de estado, de controle social e de liberdade também estão sob transformação.

É difícil definir a globalização, e a literatura existente é, às vezes, até contraditória. [...] Historicamente, o debate sobre a globalização está vinculado a utópicos pontos de vista sobre sistemas de comunicação. Tal debate começou a partir da invenção do telégrafo e, nos anos sessenta, se tornou mais popular como conceito de aldeia global, de McLuhan. [...] Muitos estudiosos da globalização estão preocupados em mapear o mundo como um sistema único, um único lugar ou uma única sociedade mundial. [...] É inegável que o acesso a informações através da mídia pode influenciar no nosso modo de viver. [...] A globalização é avassaladora e pode provocar padronização cultural. [...] Ironicamente, ao mesmo tempo em que a globalização nos conduz a uma aparente padronização, ela também abre perspectivas para outras culturas. Essa contradição é uma das características da globalização, que precisa manter as individualidades porque essa é uma das formas de assegurar mercado consumidor para seus produtos industriais ou culturais.

Assim, pode-se dizer que a globalização não deve comportar julgamentos de valor. [...] Exatamente por isso defendemos também que, para estudar as causas e efeitos deste processo, precisamos construir uma teoria crítica e social da globalização que passe por cima das teorias de direita e ou de esquerda, responsáveis por enorme lista de estruturas teóricas (desenvolvimentistas, terceiro-mundistas e outras mais reformistas ou menos radicais) usadas nos últimos trinta anos para entender o fluxo da informação e os processos de interação socioculturais entre as nações. [...] Por isso, qualquer estudo sobre a globalização deve ser feito sem negar, rejeitar ou ignorar modelos anteriores, uma vez que o mundo ainda está cheio de evidências que comprovam aquelas teorias.

* * *

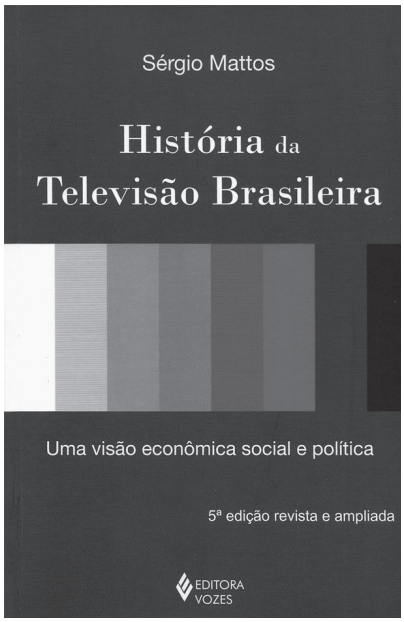
Anos mais tarde, em 2002, quando da realização do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Salvador, quando eu integrava a diretoria da INTERCOM, usei de todas as formas o prestígio que tinha como jornalista para apoiar os organizadores locais. Conseguimos que o governador Otto Alencar autorizasse, sem qualquer custo para a INTERCOM, a abertura de pauta no Centro de Convenções da Bahia para a realização do XXV Congresso, um dos mais badalados e frequentados da história, devido a dois motivos: o primeiro, da realização do evento ser em Salvador, a Meca turística da época, e, em segundo lugar, devido ao *boom* das escolas privadas de comunicação que se multiplicavam por todo o país, inclusive em Salvador, o que levou muito mais estudantes a comparecerem ao Congresso do que as previsões dos

organizadores e o que o ambiente permitia. Mais de 10 mil pessoas circularam diariamente durante o evento, disputando lugar para assistir palestras e debates.

A coordenadora do evento local foi a professora Maria Aparecida Ferraz, da UNEB, que tinha como reitora a professora Ivete Sacramento. Meu amigo Luís Guilherme Pontes Tavares, companheiro de muitas lutas, teve também um papel de articulação muito grande para assegurar o sucesso do congresso em Salvador. Além dos contatos com o governador, meu apoio ao sucesso do congresso foi obter do jornal *A Tarde* a garantia de uma ampla cobertura, antes e durante o evento. A partir desse congresso as normas de participação/inscrição no evento mudaram. Como tem acontecido com certa frequência, desde a década de 1990, no congresso realizado em Salvador, também presidi a Assembleia Geral da INTERCOM.

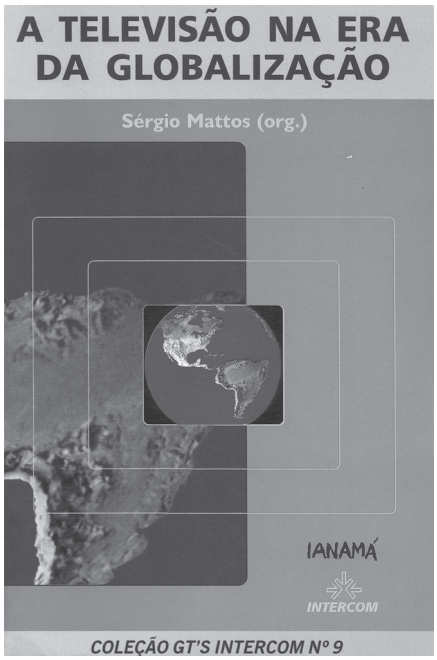
[106.]

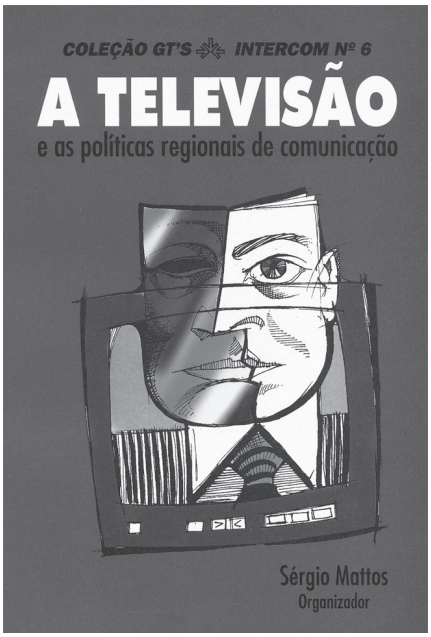
Anúncio de lançamento do livro *Um perfil da Tv Brasileira (40 anos de história: 1959-1990)*, produzido pela agência de Sidney Rezende, com o apoio da ABAP e do jornal *A Tarde* e que foi veiculado pela imprensa baiana.



[107.]

Três capas de livros sobre a televisão brasileira em três momentos: quando completou 40 anos, 50 anos e a quinta edição do livro publicado pela Editora Vozes, incluindo na análise também o período do governo Lula.





[108.]

Três capas de livros que organizei, numa época em que organizar livros ainda era importante para as agências de fomento. Hoje, a organização de livros perdeu a importância que teve nos anos 1980 e 1990 do século passado.

O DESENLACE DE UM PROJETO JORNALÍSTICO

Assim como não há retrato que nos possa oferecer a verdade em toda a extensão da palavra, também não há história que esteja nesse caso; mas sempre serão os melhores retratos e as melhores narrativas aquelas nas quais certas partes da verdade se nos apresentem de tal modo que produzam da melhor maneira o efeito do conjunto.

Macaulay

A maior parte de minha vida de jornalista profissional esteve vinculada ao jornal *A Tarde*, no qual trabalhei por mais de 30 anos (1972-2003) sem contar o período anterior, na década de 1960, quando apenas colaborava com o jornal de Simões Filho, que era considerado como sendo um patrimônio da Bahia, uma instituição baiana, e não apenas como mais uma empresa de comunicação que visava ao lucro. E isto se deve basicamente aos compromissos sociais assumidos ao longo de toda a sua existência. *A Tarde* sempre foi um jornal combativo, um jornal empreendedor que sempre participou de todas as questões vitais da Bahia e em defesa dos interesses baianos, interagindo ativamente com os mais variados grupos sociais visando ajudar na resolução dos problemas comunitários, além de promover atividades sócio-culturais, esportivas, dentre outras.

Esta posição histórica começou a ser enfraquecida, depois da morte de Arthur Luís Couto e da saída de Jorge Calmon[5] do comando direto da empresa. No entanto, vale registrar que, em 1992, houve uma cisão interna, quando o herdeiro Sílvio Simões, desejando "democratizar o jornal", mudou a manchete do *A Tarde* sem o consentimento do diretor-redator-chefe, o que levou Jorge Calmon a renunciar ao cargo ao qual retornou após negociações com os proprietários. A partir daí o clima de unidade interna começou a mudar com mais intensidade com os herdeiros procurando ocupar mais espaço no chão que legalmente lhes pertencia também. Na oportunidade, os jornalistas que integra-

[5] Jorge Calmon se desligou oficialmente do comando da Redação de *A Tarde* no ano de 1996, passando a assinar uma coluna semanal e a integrar o Conselho Administrativo e Editorial da empresa. No mesmo ano, o jornalista Joaquim Alves da Cruz Rios o sucedeu no jornal como diretor de Redação, enquanto o professor Edivaldo Boaventura entrou na empresa como Diretor Geral.

vam a redação do jornal assinaram uma Moção de Solidariedade a Jorge Calmon que ajudou no processo de seu retorno, com Regina Simões de Melo Leitão concedendo-lhe toda a força. Reproduzo o abaixo assinado, um dos poucos que assinei, por ser documento da história do jornal e também de certa forma inédito, pois não circulou fora do ambiente da empresa.

Moção de Solidariedade

Tomando conhecimento do inusitado fato que levou o nosso querido colega e respeitado diretor Dr. Jorge Calmon a afastar-se, com justa razão de sua parte, da Chefia da redação de A Tarde, resolvemos, num gesto de companheirismo, procedimento ético e admirado à sua competência profissional, hipotecar ao mestre de várias gerações e discípulo dos mais queridos do saudoso e sempre lembrado Dr. Ernesto Simões Filho, a nossa completa e irrestrita solidariedade.

Esta solidariedade é decorrente de uma convivência harmoniosa entre a chefia redacional do jornalista Jorge Calmon e os seus colegas desta casa, que sempre colheram os frutos dos seus construtivos exemplos de equilíbrio, ponderação, respeito à criatura humana, defesa das liberdades públicas e individuais e do fortalecimento de A Tarde como um veículo de comunicação sempre atualizado e independente, dentro da filosofia pregada pelo fundador deste jornal.

Para que todo e qualquer órgão de imprensa seja livre e forte, faz-se necessário que a orientação da chefia da Redação seja respeitada, que a autoridade do seu titular seja acatada, que a sua hierarquia esteja acima de interesses e/ou condições meramente circunstanciais. Vale ressaltar que a liberdade e o conceito de um jornal dependem, de igual modo, da maneira profissional de proceder , de bem proceder, é óbvio, do seu dirigente, não filiado a nenhum partido político, não vinculado a qualquer grupo econômico, sempre atento aos preceitos éticos e à consolidação do conceito de A Tarde junto aos seus leitores.

Ao apresentar esta oportuna e justa moção de solidariedade, ao Dr. Jorge Calmon, expressamos a nossa confiança que os proprietários de A Tarde, que nele sempre tiveram um leal amigo, encontrem, urgentemente, uma fórmula adequada para a solução de tão desagradável acontecimento, inclusive evitando, de forma definitiva, a quebra de autoridade, o que, quando lamentavelmente acontece, atinge dura e negativamente a própria empresa.

Solicitamos, nesta oportunidade, que o jornalista Junot Silveira, eventualmente respondendo pela chefia de Redação, encaminhe cópias desta moção à ilustríssima senhora Regina Simões de Melo Leitão, Presidente

da Empresa Editora A Tarde S. A. e ao ilustre Dr. Renato Simões, Superintendente da mesma empresa.

Salvador, 17 de novembro de 1992 (seguem-se as assinaturas de 50 repórteres, editores, fotógrafos, diagramadores, ilustradores e arquivistas).

***

Posso também atribuir o enfraquecimento à desmotivação de alguns e às novas posições e decisões relacionadas à política editorial implantadas na passagem do século, que contribuíram para uma perda da força e da penetração que o jornal tinha. Apesar de enfraquecido, tanto por motivos internos como externos, o jornal ainda era o maior da Bahia. Entretanto, para manter a posição de liderança e voltar a reconquistar leitores e os espaços perdidos, era necessário, além de resgatar tudo o que era dito nas reuniões dos editores, com a direção e os consultores contratados, identificar e valorizar o que se tinha dentro da empresa e que fazia a diferença. Mas os consultores desprezaram o diferencial que a empresa tinha em todas as áreas quando comparadas com os concorrentes locais.

Muitos eram os diferenciais, mas vou me limitar a comentar um deles ao qual estive diretamente ligado e, acredito, era um dos grandes diferenciais de *A Tarde*, mas que para os consultores de Navarra foi desconsiderado como se nada representasse dentro da estrutura global. Estou me referindo ao papel do interior no processo global da empresa. Vou dedicar minha análise neste ponto refletindo sobre as causas do desaparecimento dos suplementos que criei. Alguns podem estar se perguntando qual a importância disso? Para mim, especificamente, faz parte de minha história de vida, para alguns pode representar uma parte da história de um dos maiores veículos de comunicação da Bahia, fundado por Ernesto Simões Filho e que, no ano de 2012, completou 100 anos de circulação. Para outros, principalmente os estudiosos da área da comunicação e historiadores de plantão, o relato a seguir pode representar um depoimento sobre possíveis causas que levam uma empresa de comunicação a perder espaço quando mal administrada.

Começo o depoimento tratando de um assunto básico da sobrevivência de um veículo impresso que é a distribuição do produto.

No caso específico de *A Tarde*, o departamento de circulação do jornal jamais aumentou a tiragem do jornal dirigida ao interior do Estado de maneira

global, ou seja, só aumentava o repasse para uma ou outra cidade quando de interesse da mesma ou por solicitação dos representantes quando havia notícias de interesse local. Mesmo assim, de modo insignificante. Antes da existência do suplemento *A Tarde Municípios* não havia interesse porque o chefe da circulação do jornal só ganhava comissão em cima da vendagem da capital e perdia ganhos com a "infusa", os exemplares não vendidos. Como o interior não tinha um controle próximo e rígido, sempre foi desconsiderado. Chegamos a propor, nos anos 1990, a criação de um Departamento de Circulação diferenciado para valorizar apenas o interior. Foi criado e depois extinto sem qualquer explicação ou análise dos custos e benefícios.

Na verdade, o Departamento de Circulação/Marketing (ou outros departamentos da empresa) nunca se esforçou para promover nenhuma campanha visando ao aumento da venda avulsa nos municípios baianos, nem realizou uma pesquisa de opinião para saber o que o leitor do interior tinha a dizer. Havia, sim, uma preocupação em vender assinaturas, mas sem montar o esquema de entrega das mesmas, o que aumentava o descrédito em relação ao jornal.

O que eu constatava sempre em minhas viagens, por conta própria, pelos municípios, era a reivindicação constante e crescente, em todas as regiões, para que o jornal desse mais espaço às notícias do interior. Queriam ainda mais além do suplemento que já era oferecido. Na condição de editor de municípios sempre procurei contemplar editorialmente todas as regiões e cidades, nem que fosse com pequenas notas do que por lá acontecia, pois reconheço que a publicação de uma notinha sobre determinada localidade contribui para a venda de jornais ou das cópias xerográficas de sua reprodução e distribuição com as pessoas. Isto ajuda na alavancagem de vendas não só do jornal como do aumento do índice de leitura.

Aliás, parecia que a empresa tinha medo de saber o que as pesquisas iriam pontuar, com os dados coletados. Digo isto baseado numa única tentativa de pesquisa feita usando leitores do interior que apresentou dados tão fortes que alguns setores da empresa simplesmente desconsideraram, alegando que não podia ser verdade que uma coluna do interior tivesse, por exemplo, mais leitores do que a coluna política publicada no primeiro caderno. Não se podia acreditar que um caderno rural pudesse ter mais leitores do que, por exemplo, o caderno de Televisão, apesar de circular em dias com quase a metade da tiragem dominical. E assim por diante.

Quem tem medo do interior? Por que não pesquisamos os nossos mercados conquistados e em potencial para termos uma visão real do que pensam os nossos leitores? Eram perguntas que eu fazia constantemente, provocando os diretores e consultores, tentando mostrar o diferencial que a empresa tinha e para onde poderia crescer ainda mais. O resultado de uma pesquisa direcionada aos leitores nas principais cidades poderia apontar resultados/respostas/sugestões incríveis, podendo o jornal decidir sobre o que valorizar e investir mais.

No entanto, as decisões passaram a ser tomadas na base do "achismo": eu acho isso ou acho aquilo e a decisão era tomada. Lembro que em uma determinada época, Jorge Calmon encomendou uma pesquisa com o objetivo de acabar com algumas colunas que o jornal publicava. O resultado foi inesperado: a pesquisa constatou que os leitores liam as colunas e não liam as reportagens que eram manchetes das páginas. Como resultado, todas as colunas foram mantidas. Na virada do século, já se ouvia novamente o propósito de se acabar com as colunas e, de fato, algumas foram eliminadas, sem que para tanto tenha havido qualquer pesquisa de opinião. O "achismo" novamente se impôs e novos erros foram cometidos porque achavam que as colunas só davam prestígio ao colunista que tiravam proveitos disso em detrimento do jornal.

Na época alertei, por escrito, inclusive a Ricardo Noblat, que teve passagem relâmpago e irresponsável[6] pelo jornal, que, com aquelas atitudes, só teríamos a lamentar depois, como muitos estão fazendo agora, em relação a tudo o que o jornal deixou de publicar e que está sendo identificado como elementos

[6] Digo que a passagem de Noblat pelo jornal *A Tarde* foi irresponsável porque ele chegou em um dia e, no outro, mudou a apresentação gráfica do jornal totalmente, que ficou parecido com o *Correio Brasiliense*, do qual ele foi editor, remanejando colunas e redistribuindo-as por outras páginas. Tal atitude, sem prévio aviso, causou reação dos tradicionais leitores. Jornais tradicionais quando fazem mudanças, vão introduzindo-as aos poucos para não desagradar aos leitores que, no caso de *A Tarde* passaram a reclamar das mudanças radicais por telefone, carta e e-mail, protestando pelo fato de que já não encontravam as colunas nas páginas a que estavam habituados a ler e aos poucos foram deixando de comprar o jornal nas bancas e a cancelar assinaturas ou não renovando as que estavam vencendo. Além disso, mantinha uma postura arrogante de superior, como se estivesse chegando num veículo no qual ele sabia mais do que qualquer dos profissionais que lá se encontravam, de certa forma menosprezando as opiniões dos editores que ele já sabia que a empresa iria demitir e que ele estava lá para fazer a limpeza geral. Naturalmente que o projeto dos Consultores de Navarra era do seu conhecimento, pois eram as mesmas pessoas que haviam mudado o *Correio Brasilense*. Eles falavam a mesma linguagem, mas não consideraram a realidade local, cometendo o erro de avaliação ao classificar o jornal *A Tarde* e a Bahia como semelhantes ao *Correio Brasilense* e ao Distrito Federal respectivamente.

que antes serviam de elo de aproximação com o leitor do jornal. Faltou reflexão nas decisões tomadas em relação aos leitores. O leitor baiano é muito tradicionalista. A Bahia tem um perfil diferenciado de outros Estados e a mesma medida que deu certo em outra cidade poderá não dar aqui. E este foi o grande erro da Consultoria de Navarra prestada ao jornal.

Eles confundiram o sucesso obtido com o *Correio Brasiliense*, um jornal com política editorial de caráter nacional, mas de circulação urbana, com circulação no Distrito Federal com o tamanho do Estado da Bahia e propuseram o mesmo, redundando num erro grave: *A Tarde* **nunca** poderia ser mais um jornal entre outros, com característica editorial nacional e de circulação limitada à região metropolitana de Salvador.

Eles esqueceram que *A Tarde* era um jornal regional, da Bahia, um Estado grande com 417 municípios, e que tinha características próprias, como seus próprios leitores, e que a cultura baiana era diferente dos outros Estados e que precisava ser cuidada, observada, de maneira especial. Os consultores se esqueceram de contextualizar a empresa quanto aos fatores locais e culturais e simplesmente generalizaram as observações como se o que valesse e desse certo em Brasília, valeria e daria certo também na Bahia.

Com isso demonstraram desconhecimento da realidade local e não se preocuparam em adequar suas teorias globais à realidade local. Por sua vez, os dirigentes desconsideraram a prata da casa, que sempre deu certo, e contrataram a peso de ouro especialistas estrangeiros para resolver problemas que poderiam ter sido resolvidos de maneira mais simples e objetiva desde que dessem ouvidos ao maior capital que possuíam, constituído pelos recursos humanos que a empresa detinha. Enfim, com as mudanças o jornal perdeu muitas coisas, além do essencial, que Jorge Amado identificava como sendo "a baianidade". Esqueceram ou não tomaram conhecimento de que na Bahia como dizia João Ubaldo Ribeiro:

> *Não somos brancos, negros ou índios; somos baianos. Não pertencemos, no maior rigor da palavra, a nenhuma religião, nem mesmo somos ateus; somos baianos. Não pretendemos ser melhores do que ninguém. Mas somos baianos.*[7]

[7] Trecho do discurso de posse de João Ubaldo na cadeira de nº 9, da Academia de Letras da Bahia.

Como os consultores esqueceram as singularidades, o jornal acabou perdendo espaços preciosos.

***

Durante o período em que os consultores de Navarra estavam atuando na empresa insisti várias vezes, junto aos diretores, por meio de e-mail e de memorandos internos que a empresa precisava contratar uma pesquisa para que os consumidores do jornal, principalmente os do interior, dissessem/revelassem aos donos o que eles pensavam, pois até então nunca as comunidades interioranas foram pesquisadas neste sentido. Aliás, o mercado do interior sempre foi visto como uma fonte para se arrancar dinheiro (publicidade) sem que se considerasse o que o jornal estaria dando em troca. Com a implantação dos projetos *A Tarde Municípios* e de *A Tarde Rural* esta relação passou a ser viabilizada, mesmo com as limitações que lhes eram impostas pela empresa.

Quando a circulação e o prestígio do jornal começaram a cair, verificamos e chamamos a atenção dos diretores sobre o que estava ocorrendo. A diminuição da vendagem do jornal foi mais acentuada na capital e insignificante no interior em relação ao número de jornais remetidos. Nas bancas interioranas o jornal era vendido para clientes cativos quase como se fosse uma assinatura. Uma banca em Irecê, por exemplo, que recebia 100 exemplares há mais de 15 anos, continuava a receber os mesmos 100 exemplares que eram entregues aos leitores cativos, clientes do dono da banca de jornais e revistas. Se alguém chegasse à cidade e tentasse comprar um exemplar a banca não o venderia, pois o jornal já estava reservado: "é de fulano de tal". Hoje, não sabemos nem se essa banca continua a receber os exemplares que recebia.

Diante disso, eu perguntava: por que uma cidade que recebe 100 exemplares há mais de 15 anos não recebe nenhum exemplar a mais para tentar vender? Como se pode aumentar a venda avulsa se a circulação não se interessa em aumentar o envio dos jornais? O exemplo de Irecê podia ser constatado também em Porto Seguro ou em qualquer outra cidade baiana. Observe-se que mesmo com as limitações os suplementos dirigidos ao interior faziam sucesso e eram disputados. Houve um caso em que na cidade de Paulo Afonso, uma notícia publicada foi recortada e xerografada pelo revendedor que passou a cobrar dez vezes mais pela cópia da notícia do que o valor do jornal inteiro e isso porque o setor de circulação contemplava aquele município com uma quantidade pouco maior do que 25 exemplares por dia.

Por falar em distribuição no interior, vale destacar que até o ano 2000 o jornal costumava chegar às bancas das nossas principais cidades antes das 9 horas, pois tínhamos um serviço expresso de distribuição, agora, em algumas das principais cidades do estado, o jornal está chegando depois dos concorrentes e muitas vezes só no turno vespertino, porque decidiu-se acabar com a frota própria de distribuição, retornando as práticas da décadas de 1960 e 1970 quando jornal era distribuído pelas empresas de ônibus intermunicipais. Como aumentar as vendas se a empresa regredia no processo de distribuição? No início do século, o jornal *A Tarde* voltava à situação que tinha até o início da década de 1980, quando os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo chegavam às bancas de jornais, de Ilhéus e Itabuna, por exemplo, antes do *A Tarde*. Esta distorção havia sido corrigida e, no início do terceiro milênio, retornou-se àquela mesma situação. Em Barreiras, no Oeste baiano, o jornal passou a chegar no turno vespertino, quando chega. Com isto dificulta-se inclusive a venda de espaço publicitário e de assinaturas no interior.

A criação de sucursais nas principais regiões do Estado foi estratégica, tanto no processo de distribuição/circulação e cobertura jornalística de todo o Estado. Quando se abriu sucursais em Juazeiro e Barreiras, por exemplo, sabia-se que as regiões Norte e Oeste do Estado eram essencialmente agrícolas e de baixo potencial publicitário, pois quem plantava frutas e soja, não precisava anunciar, mas o valor agregado a partir daí com o desenvolvimento das regiões transformariam as mesmas, a médio e longo prazos em potencial região publicitária com a chegada do comércio e das indústrias.

Inicialmente, como o jornal se propunha a ser, como expresso no slogan, "O jornal de toda a Bahia", tínhamos que ocupar espaços estratégicos no Oeste, onde os baianos torciam por times de futebol de Brasília, que é mais perto do que Salvador. Se não bastasse o fato de que a cultura baiana estava sendo substituída pelas culturas dos gaúchos e paranaenses que invadiam as terras do oeste baiano para plantar soja. *A Tarde Municípios* tentava cumprir este papel, preenchendo até lacunas oficiais que levavam muitos políticos a defenderem políticas separatistas. Por meio do suplemento promovíamos a integração dos municípios baianos, valorizando a nossa cultura e a nossa história.

No caso da sucursal de Juazeiro, sofríamos as influências da maior cidade de Pernambuco, Petrolina, separada de Juazeiro apenas pelo rio São Francisco. O centro cultural e comercial da região era Petrolina que já estava exercendo

uma influência muito forte e conseguimos reverter a situação política e cultural atraindo também para lá, a partir das nossas denúncias e matérias, uma maior atenção dos órgãos governamentais e da iniciativa privada que para lá se dirigiram e hoje a região conta com jornais e emissoras de rádio e televisão, garantindo a unidade baiana pelo menos no que diz respeito à nossa cultura, que passou a ser mais valorizada.

No extremo sul aconteceu o mesmo processo, Itamarajú, penúltima cidade baiana na região, sediou uma das sucursais do jornal, no sentido não apenas de impedir a invasão da mídia capixaba, mas também para garantir a circulação do jornal na região. Os novos diretores decidiram recuar a sucursal para Eunápolis, mais próxima de Porto Seguro, por sugestão do marketing, e praticamente entregamos o ouro ao bandido. Em 2003, ano em que deixei a empresa, *A Gazeta do Espírito Santo* já estava vendendo mais jornais, diariamente, naquela região, do que o jornal *A Tarde*.

As razões foram praticamente as mesmas já analisadas acima. Todas as sucursais do jornal haviam sido montadas de acordo com estratégias econômicas e também culturais, que contribuíram para transformar *A Tarde* no jornal mais lido do Norte e Nordeste do país, além de ser o maior jornal da Bahia. Com as mudanças introduzidas, desconstruindo o que havia sido montado, o jornal perdeu espaço e pagou um preço alto, perdendo inclusive a liderança no Estado

O índice de leitura do jornal *A Tarde* no interior chegava ao cúmulo de, em algumas cidades, cada exemplar ser lido por mais de 50 pessoas. As notícias eram reproduzidas xerograficamente e vendidas pelo dobro do preço do jornal, pois poucos exemplares chegavam às cidades. Na verdade, para dar um exemplo, apenas três exemplares de assinaturas da Prefeitura de Candeal chegavam à cidade e eram lidos por todos que se interessam pelas notícias publicadas no jornal. Em Paulo Afonso, por exemplo, os baianos vão estudar em Recife, leem os jornais pernambucanos porque Salvador é longe e o jornal só chegava muito tarde. Em síntese, o jornal *A Tarde* não vendia mais no interior porque não era remetido em quantidades suficientes às necessidades de cada um dos municípios.

Nos três primeiros anos deste século, apesar de termos crescido o espaço gráfico para notícias do interior, estávamos publicando menos notícias (quantidade) do que antes devido ao novo padrão gráfico adotado, cujos "templates" (páginas pré-diagramadas) valorizavam o grafismo em detrimento do texto/con-

teúdo. Apesar disso, observe–se que o índice de venda do jornal no interior não sofreu o mesmo impacto (redução) sofrido na capital, onde também residem muitas pessoas de origem interiorana que liam nos suplementos as notícias de suas respectivas regiões.

O interior continuava sendo um forte diferencial do *A Tarde* em relação aos concorrentes, até que em fevereiro de 2003 eu fui afastado da empresa e o suplemento *A Tarde Municípios* deixou de circular como fazia. Logo depois o suplemento *A Tarde Rural* também deixou de circular. Isso foi o golpe de misericórdia, fazendo com que a circulação do jornal realmente começasse a despencar juntamente com a credibilidade que tinha até então. O título do suplemento de municípios passou a ser utilizado apenas quando da venda de cadernos especiais destinados a arrecadar publicidade, ou seja, a empresa voltou a praticar um modelo de negócio que já havia sido abolido anteriormente, retrocedendo tanto comercialmente como editorialmente nos seus objetivos.

***

O maior concorrente do jornal até então, no interior, eram as emissoras de televisão que se instalaram exatamente nas mesmas cidades e regiões nas quais, pioneiramente, a empresa instalou sucursais, o que demonstra o acerto das medidas. O jornal passou a perder espaço publicitário para as tevês, o que demandava uma revisão na tabela de preço. Apresentei e defendi uma proposta para sanar o problema, sem obter sucesso, em inúmeras reuniões com a diretoria.

Desde o início de *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural*, produtos da Editoria de Municípios, sempre defendi a criação de tabelas diferenciadas a serem trabalhadas no interior. Inicialmente conseguimos uma tabela única para o interior e outra para a capital. Com o desenvolvimento das regiões propomos que fossem praticados preços de tabela diferenciados para as regiões, o que também não foi aceito. Posteriormente, devido à concorrência das televisões, propomos que criássemos tabelas diferenciadas para cada um dos 417 municípios baianos, levando-se em conta a renda per capita, Fundos de Participação dos Municípios e outras rendas, mas esta proposta que parecia ser a solução, não foi aceita sob a alegação de que aumentaria o trabalho de controle de determinados setores (comercial e financeiro).

Parece loucura, mas isto não é difícil de ser feito desde que contando com a ajuda de computadores e a facilidade e flexibilidade que os programas apresentam, poderíamos fazer quantas tabelas fossem necessárias para atrair

novos anunciantes em cada um dos 417 municípios, de acordo com o potencial e capacidade de investimento de cada um deles. Vale dizer que as emissoras de televisão passaram a adotar esta prática apesar de nossa proposta ser anterior à praticada pelas emissoras.

A justificativa é de fácil entendimento, praticaríamos a lógica da economia de escala. Todos anunciariam, por preços convidativos, o jornal ganharia em escala devido à quantidade de novos anunciantes. Quando uma cidade não anunciasse teríamos outras anunciando sempre. É melhor ganharmos de cem pequenos clientes do que termos apenas um grande que represente menos 10% do que poderíamos captar dos cem. Era uma questão de querer ganhar ou não. Um anunciante de Candeal, a 50 quilômetros de Feira de Santana, com apenas 10 mil habitantes, não podia continuar tendo que pagar o mesmo preço de tabela aplicado na região de Feira de Santana, na qual Candeal está inserida. Era uma questão de lógica, mas meus pontos de vista foram vencidos pelos novos donos do marketing da empresa, então chefiado por Kátia Marques.

À nossa proposta, recebemos sempre comentários distorcidos de que se tal prática fosse adotada, um anunciante estaria pagando menos que outro e seu anúncio circulando em todo o Estado indevidamente. Pergunto: E daí? O importante, no meu modo de ver, era aproveitar a oportunidade de gerar novos negócios. O importante era capitalizar de acordo com o potencial de cada município. Dessa forma, sempre teríamos anúncios de uma região quando a outra não pudesse anunciar, rentabilizando o caderno *A Tarde Municípios* em particular e o *A Tarde* como um todo. O fato de publicarmos um anúncio de uma cidade em um exemplar do jornal, que circulasse em outros municípios, serviria para estimular novos anunciantes: "se fulano pode anunciar eu também posso"... e assim por diante.

Outra questão comercial: alegava-se muitas vezes que o interior não rendia tanto anúncio quanto a capital. Isto era e continua sendo nos dias atuais uma falácia. Imagine-se um só exemplo: No Extremo Sul do Estado tínhamos dois grandes investimentos: A Bahia Sul Celulose e a Veracel, que juntos representavam em termos de investimentos mais do que o Polo Petroquímico de Camaçari. Pois bem, as notícias das ações de exportação, extração/produção de papel, ações sociais destas empresas na região, eram publicadas nas páginas do interior em 90% dos casos. Já os anúncios destas empresas, inclusive seus respectivos balanços de inúmeras páginas de jornal, no entanto, eram e continuam

sendo publicados nos cadernos principais do jornal que recebem a publicidade via agências de publicidade de Salvador ou do Sul do país, não configurando, no entender dos burocratas do jornal, como anúncio gerado no/ou pelo interior onde suas fábricas estão instaladas. Esta distorção do que o interior produz e o que o jornal ganha a partir da divulgação e circulação no interior nunca foi bem analisada e considerada pelos setores competentes (ou seriam incompetentes?) do jornal.

Havia – e acredito que continua existindo – uma cegueira em relação ao potencial que o interior representa para a empresa, tendo em vista que, por exemplo, novamente, este tipo de anúncio não é considerado como proveniente do interior. Muitos outros anúncios de prefeituras e outras empresas também são publicados em outros espaços mais nobres no jornal e não contabilizados como produzidos/gerados ou de origem interiorana. Portanto, o interior também continua sendo um grande diferencial para o jornal. O que se vende e circula no interior forma uma audiência cativa do jornal, contabilizado pelo IVC para justificar inclusive os preços de tabela praticados na capital.

Em vez de ampliar os investimentos no interior, os Consultores de Navarra aconselharam a descontinuidade dos suplementos e um enxugamento da redação juntamente com o fechamento ou transformação das sucursais em meros escritórios de representação, limitando inclusive o deslocamento de repórteres nos municípios das regiões onde a representação estava instalada. Antes cobríamos as regiões de cada sucursal. A partir da consultoria contratada o jornal passou a se limitar praticamente a publicar notícias da cidade onde a sucursal estava instalada devido aos custos (!?).

O jornal em vez de ser distribuído com a frota própria passou a ser enviada para a maioria das cidades por meio de transporte coletivo, via ônibus intermunicipal, de maneira irregular e que prejudicava a sua distribuição junto ao consumidor final. O malote da empresa, que era a ligação entre a sede e as sucursais, usado também para a remessa de fotografias e reportagens, cartas dos leitores da região e outras coisas mais, foi suspenso por questões de economia. Em algumas sucursais, o quadro, antes já restrito de pessoal (fotógrafo e repórter) foi reduzido mais ainda com a dispensa de alguns profissionais substituídos pela contratação avulsa para coberturas quando necessário (provavelmente, em algumas regiões, a contratação de freelancer esteja saindo mais cara do que antes).

A Editoria de Municípios, quando de seu início, em abril de 1985, contava com carro próprio, repórter e fotógrafo próprios que viajavam constantemente, cobrindo regiões onde não tínhamos correspondente/representante/ou/sucursal. Por falar em correspondentes, a maioria dos que realizavam este serviço remunerado pela produção de laudas de texto e/ou fotografias publicadas, foram dispensados. Perdeu o jornal a colaboração de vários "correspondentes" e colaboradores avulsos.

* * *

Algumas empresas jornalísticas brasileiras, a exemplo do jornal *Folha de S. Paulo*, já tinham promovido cortes de pessoal, alguns anos antes, começando pelos profissionais mais antigos na empresa. Na época, pensava-se que com uma equipe mais jovem e com um custo operacional menor fosse a solução para os problemas financeiros vividos pelas empresas do setor das comunicações numa determinada época. O jornal *A Tarde* também se propôs a seguir o exemplo anos depois, mesmo tendo o conhecimento de que a prática do downsizing[8] nas empresas jornalísticas não tinha dado certo, em cem por cento, e que alguns jornais estavam recontratando pessoas demitidas antes, devido a experiência profissional, que, em jornal, sempre fez a diferença.

Recordo que em várias reuniões de editores, Sílvio Simões, um dos herdeiros, comentava os planos que tinha para rejuvenescer a redação do jornal que para ele estava envelhecida, viciada e que colaborava para que o jornal tivesse vários feudos. Dizia que gostaria de ter uma equipe cuja idade nunca fosse superior à idade de Cristo, ou seja, 33 anos. Nós editores, olhávamos uns para os outros e sentíamos uma verdade: estávamos todos na marca do pênalti, pois o mais jovem dos editores tinha mais de 40 anos.

Foi a partir de 1999 que este plano começou a ser esboçado e todos começaram a se precaver. Eu mesmo, que tinha me aposentado da UFBA com a intenção de só trabalhar no jornal para dedicar o outro turno à produção literária e às

[8] Downsizing é uma das técnicas da administração contemporânea que tem entre seus objetivos o achatamento ou diminuição do tamanho do quadro de pessoal da empresa. Esta prática corporativa virou moda a partir no final da década de 1980. Segundo os teóricos da área trata-se de um projeto de racionalização planejado em todas as etapas do negócio com o objetivo geral de tornar a estrutura da empresa mais eficiente, por meio do enxugamento de pessoal. A curto-prazo envolve demissões, redução de custos e racionalização. A longo-prazo espera-se com isso que a empresa seja revitalizada, fazendo-a expandir-se no mercado, apesar de mantê-la com um quadro de pessoal enxuto e com menos burocracia.

pesquisas históricas da mídia baiana e brasileira, voltei a ensinar, me colocando de imediato no mercado, trabalhando nas faculdades privadas que começaram a surgir e precisavam de pessoas qualificadas, quer dizer, que possuíssem títulos acadêmicos de mestrado e de doutorado para facilitar a autorização de funcionamento e posterior reconhecimento dos cursos.

Por três anos vivi no jornal, ao lado de outros companheiros, o dilema da espera dos cortes que só começaram em 2003, sob o aconselhamento da consultoria da Universidade de Navarra. De janeiro a junho daquele ano, a empresa se descartou de mais de 70 por cento do quadro de seus editores, ou seja, da memória viva do jornal, e a partir daí acelerou o seu processo de queda de circulação que já acontecia a olhos vistos de uma semana para outra, devido às decisões administrativas e editoriais equivocadas. O meu desligamento ocorreu em fevereiro de 2003 no dia em que voltei de férias e me foi comunicado pessoalmente por Sílvio Simões, que inclusive manifestou o interesse de que eu continuasse colaborando com o jornal, assinando artigos semanais. De imediato comuniquei que aquilo seria impossível, pois colocaria o jornal na Justiça do Trabalho para receber os direitos trabalhistas devido aos cortes das comissões sobre o faturamento dos cadernos, vantagens que já estavam incorporadas ao meu salário.

Um dos argumentos usados para meu desligamento, além da redução dos custos com os profissionais mais caros (eu recebia um dos maiores salários da redação devido à participação percentual no faturamento bruto do suplemento a título de complementação salarial e mais 50% do salário fixo para editar o caderno Rural) e da necessidade de se fazer um enxugamento e renovação na redação, foi o fato de que eu era proprietário de um veículo impresso concorrente do jornal, a revista *NEON*, e que aquela situação não poderia ser permitida. Lamentei, pois a revista *NEON* tinha prestígio pela qualidade do conteúdo editorial e não pelo faturamento que obtinha.

A propósito, eu tinha conhecimento que Renato Simões, o superintendente, sempre desejou fazer uma revista para circular encartada no jornal. Ele sempre comentava comigo a possibilidade de que eu viesse a produzi-la tendo em vista a experiência com a minha revista. Ele nunca viu a *NEON* como concorrente. Pelo contrário. Admirava o produto cultural que fazíamos. No entanto, não pude satisfazer a vontade dele, pois, na época, nem a empresa tinha condições de imprimi-la nem tão pouco as gráficas baianas, como ainda

hoje não há, de se manter a periodicidade de uma revista semanal. Anos depois o sonho dele se concretizou com a criação e lançamento da revista *Muito*, que é impressa fora da Bahia e encartada no *A Tarde*. A revista *Muito* foi lançada em 6 de abril de 2008 e circula encartada nas edições dominicais.

***

Abro aqui um parêntesis para fazer justiça a Dr. Renato Simões que sempre apoiou meus projetos e, de certa forma, manifestava o desejo de que um dia eu viesse a ser o sucessor de Jorge Calmon, como Arthur Couto sempre me dizia. Conversávamos sempre que vinha a Salvador sobre o mercado da mídia e sobre literatura. Ele é uma pessoa culta e que lê muito. Estava sempre procurando pessoas de nível para conversar na redação. Com meu antigo colega de seminário e amigo Máximo Cruz, que sucedeu a Arthur na gerência administrativa do jornal, Dr. Renato levava horas e horas trocando conhecimento, comentando o mais recente livro lido e tirando dúvidas de latim e de grego. Máximo ficou no Seminário mais anos do que eu e foi aluno de Monsenhor Ápio Silva, tendo tido aulas regulares de grego também.

Dr. Renato sempre foi extremamente cortês com os funcionários e quando necessário mostrava também seu lado irônico. Recordo de que certa feita eu, Eliéser Varjão e Reynivaldo Brito integrávamos uma comissão, indicada pelos colegas da redação, para negociarmos um aumento salarial com ele e que já tinha sido discutida com Arthur Couto. Iniciamos a conversa em seu gabinete e ele, sempre atento, observou que um de nós estava usando uma caneta Mont Blanc, enquanto ele usava uma esferográfica Bic e não deixou passar o momento em branco, comentando que, diante daquilo, nós não precisávamos de aumento, até porque o pátio do jornal também estava cheio de carros novos, sinal de que todos estavam ganhando muito bem. Renato Simões, a exemplo de Cruz Rios, gostava também de fazer comentários venenosos, como o que relato a seguir, feito durante a mesma reunião, mas não exatamente com estas palavras:

– Não sei porque vocês me procuram para discutir aumento, quando a redação não sabe nem meu nome correto... – Naquele momento não entendemos a que ele se referia, mas logo ficamos sabendo que por aqueles dias o jornal havia publicado uma notícia citando que ele havia comparecido ou participado de algum evento e o nome dele saiu publicado como sendo Renato Simões de Melo Leitão, ou seja, com o sobrenome do marido da irmã dele, Regina Simões de Melo Leitão. Aquilo teria sido uma tragédia se tivesse acontecido com outra

pessoa, mas ele entendeu como erro de redação, de pressa, de desconhecimento e passou por cima do ocorrido. Nem ao menos procurou saber quem tinha sido o responsável, mas ficou marcado em suas lembranças. Ao final, ele concedeu o aumento que pleiteávamos e fechamos tudo com Arthur Luís Couto, diretor-administrativo com o aval de Renato Simões.

Por ocasião das festividades dos 100 anos do jornal *A Tarde* ele teve o trabalho de solicitar à secretária que telefonasse pessoalmente, em nome dele, para todos os ex-editores do jornal, que haviam sido demitidos por conta da consultoria de Navarra, para que pudéssemos estar juntos, tendo em vista que tínhamos trabalhado na empresa pelo menos um terço dos cem anos que estavam sendo comemorados e que fazíamos parte da história do veículo. Um gesto simpático e acolhido por alguns.

Dr. Renato me disse pessoalmente que não concordou, na época, com a minha demissão nem com a dos demais editores, mas que foi voto vencido. Enfim, ele manifestou alegria de nos ver novamente no ambiente do jornal.

Lamento que o jornal tenha perdido as características do bom relacionamento interno, implantadas por Ernesto Simões Filho, conservadas por seus filhos e mantida por Jorge Calmon e Cruz Rios, como uma política de pessoal: todos os funcionários eram tratados de forma a se sentirem como parte de uma grande família, a "Família de *A Tarde*". Naturalmente, por trás dessa visão paternalista estavam objetivos capitalistas empresariais e toda uma cultura gerencial familiar própria. Para explicar as representações sociais acerca das relações entre patrões e empregados dentro de uma empresa familiar e suas práticas contraditórias já existem vários estudos sobre a temática e não nos cabe aqui tecer maiores comentários.

***

PROMOVENDO A CULTURA BAIANA (Revista de Arte e Cultura *NEON*)

Há sonhos que devem ser ressonhados, projetos que não podem ser esquecidos.

Hilda Hilst

Antes de falar sobre a revista *NEON,* um sonho profissional, é necessário que se faça uma contextualização do cenário das revistas regionais, que serve de pano de fundo para explicar porque as revistas são lançadas e desaparecem na Bahia. Para tanto, vou retroceder ao já longínquo ano de 1968, quando a Bahia vivia um movimento cultural intenso com o surgimento de inúmeras revistas de cunho literário, a exemplo de *Experimental*, *Serial* e *Conclave*. Tal ambiente fortaleceu o interesse pela leitura, ocasionando o surgimento de várias mídias alternativas. Nesse período, surgiram revistas como a *Bahia Agora*, de Álvaro Meira, Gumercindo Rocha Dórea, Omar Barros e Hélio Vieira Santana, proprietário das Artes Gráficas, uma das maiores gráficas privadas de Salvador na época. Mesmo tendo uma gráfica para dar suporte a *Bahia Agora* não ultrapassou o quarto número.

A EDISA, do empresário Elmano Castro, que estava montando o jornal *Tribuna da Bahia*, lançado em 1969, e, em paralelo, implantando também um parque gráfico para prestação de serviços, idealizou e lançou uma revista, a *Tribuna Econômica*, devido ao contexto de desenvolvimento comercial e industrial da Bahia que apontava para a necessidade de uma mídia especializada. Apesar de ter um grupo econômico forte por detrás, a revista *Tribuna Econômica*, mesmo usando toda a infraestrutura, inclusive os profissionais que estavam sendo treinados para o jornal, também não passou do terceiro número.

No mesmo período, o jornalista e publicitário Hélio Teixeira de Freitas com uma estrutura bem simples, limitada a uma sala, com secretária e uma redação composta por quatro jornalistas trabalhando no esquema freelancer, lançou a revista *Liderança*, de circulação dirigida e gratuita, na qual trabalhei como redator e repórter. Os exemplares, impressos em offset, eram distribuídos na área comercial, industrial, bancária, turística e publicitária de Salvador, obtendo retorno positivo, pois conseguiu emplacar mais de vinte números mantendo uma circulação regular. No final, o seu proprietário tinha comprado uma

gráfica e a revista passou a ser impressa sem a mesma qualidade até desaparecer no início dos anos 1970. A *Viver Bahia*, criada e subsidiada pelo Governo do Estado também circulou por mais de 20 números, apesar de ter tido uma circulação irregular, com grandes interrupções.

***

Trinta anos depois daquele movimento cultural, em 1998 a Bahia estava experimentando outra época de pujança econômica, a cultura baiana estava em alta, a música da Bahia e o Axé Music tinham estourado. Tudo estava dando certo, as bandas e os artistas baianos ocupavam espaços na mídia nacional e vendiam mais de um milhão de cópias de discos. O carnaval da Bahia estava no auge. Todas as tendências econômicas, comerciais e as novas aspirações do nosso público empurravam para a necessidade de uma revista baiana. Afinal de contas, em todos os Estados brasileiros circulavam revistas, só na Bahia nenhuma delas conseguia sobreviver ou ultrapassar a barreira do terceiro número. Esse era um tabu a ser vencido.

A situação econômica do país e a explosão cultural da Bahia eram favoráveis à criação de uma revista totalmente voltada para a cultura da Bahia. Afinal de contas, 5% do PIB baiano era constituído basicamente dos produtos culturais, ou seja, a cultura estava oferecendo empregos diretos e indiretos, principalmente o setor musical. O mercado cultural da Bahia era grande e tinha condições de sustentar uma revista do nível da *NEON*.

Foi nesse contexto que a *NEON*[9] começou a ser pensada em 1998 e apareceu nas bancas de revistas em janeiro de 1999 tendo desaparecido em dezembro de 2004. Foi assim que decidimos fazer uma revista de arte, cultura e entretenimento, abrangendo todas as vertentes culturais. Apesar de valorizar, preservar e resgatar a cultura local, mostrando aos baianos e aos brasileiros os valores da Bahia, não conseguiu sobreviver, tendo publicado 47 números, que hoje integram coleções particulares e de muitas bibliotecas como fonte de consulta. Quem desejar pesquisar a história e a cultura da Bahia forçosamente terá que pesquisar nas páginas da *NEON*.

[9] A partir de abril de 1998, Sérgio Mattos (jornalista), Paulo Maltez (empresário), Alberto Afonso (publicitário) e Newton Ângelo Pereira (contabilista) passamos a nos reunir diariamente até que todo o projeto gráfico e editorial, definição de nome, do registro e constituição da empresa estivessem prontos para lançarmos, em janeiro de 1999 o primeiro número da *NEON*, tendo Ivete Sangalo na capa.

Quando de seu lançamento muitos vaticinaram que não passaríamos do terceiro número. Muitas foram as críticas, principalmente dos colegas jornalistas, que achavam que deveríamos ter mais fotografias e menos textos ou textos mais curtos, como está em moda na imprensa escrita hoje. O problema é que eu acreditava que podia oferecer uma revista mais densa, com artigos e matérias de maior profundidade, que representavam o nosso diferencial, pois como a revista era mensal, os leitores poderiam guardá-la e consumi-la aos poucos. E foi exatamente isso que aconteceu, pois quem conheceu a *NEON* possui exemplares dela guardados até hoje devido à importância do conteúdo que oferecíamos. Não estava em meus planos produzir uma revista efêmera e frívola com fins meramente comerciais.

Em abril de 1998 começamos a elaborar o projeto gráfico e editorial com o objetivo de levar ao público leitor, por meio de uma revista mensal, fatos, informações e comentários relativos à arte, à cultura e ao entretenimento na Bahia. Foi nesse período que definimos o nome da revista e o registramos. O primeiro número da *NEON* foi lançado em janeiro de 1999, tendo Ivete Sangalo na capa. A expectativa de sucesso estava baseada em tendências que apontavam a indústria do entretenimento como o grande negócio que se podia vislumbrar para o século XXI.

Além desse indicador, dois fatos de repercussão histórica, artística e cultural iriam ocorrer logo após o lançamento da revista *NEON*: a celebração dos 450 anos de fundação da cidade do Salvador e as comemorações dos 500 anos do "achamento" do Brasil. Visto sob todos estes aspectos, a revista *NEON* nasceu numa época propícia e de grandes expectativas nas áreas da cultura, das artes e do entretenimento na Bahia, vindo a preencher o vazio existente no setor editorial relativo a esses segmentos. Vendíamos a *NEON* como o meio ideal para atingir os consumidores da área de entretenimento, possibilitando retorno ao investimento que viesse a ser feito, fundamentado em dados de pesquisa.

O projeto gráfico-editorial estava bem definido. Artigos e reportagens investigativas, abordando temas atuais ligados à arte, à cultura, ao entretenimento e à história da Bahia eram a base do conteúdo da revista. Colunas especializadas e assinadas por nomes de destaque na sociedade baiana também eram um forte chamariz de leitores. A *NEON* circulou com um mínimo de 66 a 98 páginas nos dois primeiros anos, fazendo cumprir a periodicidade. As nossas capas eram uma atração à parte e apresentava sempre um close de uma personalidade

de qualquer campo da atividade humana que estivesse em destaque no período de cada edição. Até mesmo quando o nosso principal assunto foi o Rio São Francisco, quando também se comemorou os 500 anos de seu "achamento", usamos o maior símbolo do Rio, uma Carranca, como foto de capa para não perdermos nossa característica. Quando não podíamos produzir a foto da capa, procurávamos os desenhistas e caricaturistas baianos amigos que produziram belíssimas capas[10] para a *NEON* – todas as nossas matérias eram ilustradas e coloridas.

O lançamento da *NEON* foi um sucesso de venda e de público. A revista caiu no gosto dos leitores e passou a ser adotada pelas escolas que a utilizavam como material paradidático, tendo em vista o peso dos conteúdos veiculados e dos nomes dos colaboradores da revista. A *NEON* não era apenas uma revista ilustrada como as outras, nem tão pouco uma revista efêmera. A *NEON* reunia fatos, fotos, história, música, teatro, cultura, culinária, literatura e turismo, formando um balaio cultural baiano de peso. Produzíamos, portanto, uma revista para ser guardada, colecionada e para ser usada como fonte de consulta, uma referência sobre a arte, a cultura e a música da Bahia. Mesmo tendo deixado de circular em 2004, a revista continua sendo lembrada pelas pessoas e citada como referência em artigos, monografias, dissertações e teses.

Dentre nossos colaboradores figuravam professores, historiadores, pesquisadores, escritores e jornalistas de peso: Aramis Ribeiro Costa, Cid Teixeira, Consuelo Pondé de Sena, Deolindo Checcucci, Francisco Sena, Gerana Damulakis, Luís Henrique Dias Tavares, Ivan Dórea Soares, Nadja Soares, Myriam Fraga, Ubiratan Castro, Waldir Freitas Oliveiras, Denise Mattos, Eduardo Carvalho, André Orrico, entre outros. Além dos jornalistas Adelmo Borges, Ari Donato, Cesar Rasec, Clécio Max, Fátima Cardoso, Gilson Nogueira, Guten-

[10] O critério de seleção das capas *da NEON* era simples, direto e relacionado com a época da publicação. Considerando que a Bahia é muito rica em personalidades, a escolha das capas não era difícil. Um dos critérios era identificar os valores de cada uma das áreas culturais e assim, entre outras, publicamos capas dedicadas a: destaques musicais, no carnaval ou na época dos festejos juninos (Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Carlinhos Brown, Zelito Miranda, Adelmário Coelho, Targino Gondim); destaque no teatro (Nilda Spencer), destaque da história da Bahia (Tomé de Sousa, Maria Quitéria, Rui Barbosa), destaque nas artes plásticas (Calazans Neto, Carlos Bastos), destaque na literatura (Jorge Amado, Zélia Gattai), destaque como historiador/jornalista (Cid Teixeira, Pedro Calmon, Waldir Freitas de Oliveira), ou, como na última capa, destaque no jornalismo (Jorge Calmon). Os nossos principais capistas/caricaturistas foram Gentil, Reinaldo Gonzaga e Setúbal, *a quem muito devemos pela qualidade das capas produzidas*. O fotógrafo que mais produziu fotos de capas para NEON foi Osmar Gama.

berg Cruz, Helô Sampaio, Jessé Olímpio, José Augusto Berbert de Castro, Luís Guilherme Pontes Tavares, Luís Eduardo Dórea, Maurício Sotto Maior, Nelson Varón Cadena, Nívea Almeida, Pedro Oliveira, Reynivaldo Brito, Rosane Santana, Samuel Celestino, Sérgio Mattos e outros que acreditavam na experiência. Contávamos também com a colaboração de excelentes fotógrafos baianos a exemplo de Alceu Elias, Abmael Silva, Carlos Amilton, Denise Araújo, Guiga Santana, Jorge Cordeiro, Jotafreitas, Osmar Gama e Valter Pontes, além de ilustradores e cartunistas como Cedraz, Gentil, Reinaldo, Rui Carvalho, dentre outros a quem agradecemos as colaborações e a força dada para tentarmos manter uma revista totalmente voltada para a Bahia.

Nossa tiragem era de 20 mil exemplares, da qual colocávamos uma pequena parte nas bancas e distribuíamos todo o resto da edição gratuitamente. Nossa intenção era fazer o veículo circular, tornando-se conhecido, pois não tivemos recursos para a campanha de lançamento, limitando-nos à divulgação nos jornais, rádio e televisão da cidade. E assim a distribuíamos em escolas, em consultórios médicos e odontológicos, em escritórios de advocacia e de negócios. Distribuíamos também exemplares em agências de turismo, além de enviá-la para todas as 417 prefeituras do Estado e colocá-la nas salas de espera de todas as autoridades estaduais, municipais e federais existentes em Salvador. Uma parte da tiragem era distribuída nos aviões que partiam de Salvador para todos os cantos do Brasil.

O nosso público, portanto, estava indo além dos baianos, estávamos fazendo uma revista local que virou global, sem termos uma infraestrutura adequada para tal. Funcionávamos numa sala, com dois computadores e uma mesa de reunião. Eu editava matérias, produzia textos e colunas, assinando várias delas com outros nomes, fazendo entrevistas e convidando colaboradores a escrever sobre os temas programados para cada número. Era uma espécie de faz tudo, atirando a flechas e indo eu mesmo buscá-las. Cuidava dos textos e da programação de cada edição, além de providenciar os anúncios da revista. Alberto Afonso, o publicitário da área de criação, cuidava da diagramação e do aspecto visual da revista. Enquanto Newton Ângelo era o responsável pelas contas, pela parte financeira juntamente com Paulo Maltez.

Vale ressaltar que Alberto Affonso fazia milagres na editoração eletrônica, pois ninguém acreditava que fosse possível fazer uma revista como aquela trabalhando com o *corel draw*, um programa bom para produção de anúncios

publicitários, mas extremamente limitado para editorar uma revista. Não tínhamos os recursos necessários para adquirir programas e computadores mais potentes e adequados, pois o nosso maior problema era a falta de capital de giro. O que tínhamos era capital-trabalho, muita disposição e vontade de realizar um sonho: produzir uma revista inteiramente baiana em tudo e voltada para a nossa cultura e para os nossos valores. Além disso, os anunciantes tinham 60 dias para pagar o anúncio veiculado enquanto nós tínhamos apenas 30 dias de prazo para pagar as faturas das gráficas que imprimiam a revista. A nossa estratégia publicitária também foi errada, pois nos concentramos nos grandes anunciantes, que compravam páginas inteiras, páginas duplas, capas e contracapas, deixando de lado os possíveis pequenos anunciantes que poderiam ter diluído nossa dependência nos poucos e grandes e nos fortalecido mais com a diversificação de fontes de faturamento.

A dificuldade financeira da revista começou aí e não houve meio de contorná-la, até porque, para agravar a situação, algumas prefeituras, que nunca tinham anunciado na *NEON* e que estavam sendo administradas por prefeitos recém eleitos, nos procuraram e contrataram várias páginas de anúncios que nunca foram pagos. Para piorar a situação tínhamos que recolher os impostos nos primeiros dias do mês subsequente ao da emissão das notas fiscais que só receberíamos 60 dias depois de emitidas, quando recebíamos. Com o agravamento da situação começamos a cortar despesas vinculadas à produção de conteúdo, além de reduzir o número de páginas de cada edição, além de perdermos a periodicidade mensal.

No último ano de existência da *NEON*, 2004, voltamos a concentrar esforços no sentido de que a revista voltasse a ser mensal, mesmo que com uma tiragem menor (cinco mil exemplares) e com uma quantidade de páginas reduzidas a 36 por edição. No último ano de sua existência a composição da diretoria mudou, sendo constituída por mim e pelos meus três enteados Rafael, Marcelo e Thais Ferraz, tendo ainda a colaboração efetiva de Denise Orrico de Araújo Mattos, minha esposa, que, além de escrever crônicas ainda colaborava com fotografias. São delas, por exemplo, as fotografias das capas com Nilda Spencer e Waldir Freitas Oliveiras.

O conteúdo da revista também foi adaptado em função das tendências comerciais. Passamos a incluir assuntos destinados a novos segmentos, tais como seções sobre agronegócios, economia, seguros, entre outros, além de preservar a

parte cultural da proposta inicial. As condições não permitiram a continuidade do empreendimento, mas o sonho não foi uma desilusão, pois a *NEON,* além de fazer parte da história da imprensa da Bahia deu uma importante contribuição à cultura baiana e por isso eu estaria disposto a correr todos os riscos novamente. Sabia desde o início que a caminhada seria espinhosa e ainda por cima cercada pela inveja, pois, na visão de muitos, estávamos ganhando muito dinheiro, quando na verdade estávamos enterrando o pouco que tínhamos para alimentar o sonho cultural. Quando lamento o fracasso da *NEON* faço analogias com o que disse Darcy Ribeiro:

> *Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se automaticamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.*

No período de 1999 a 2004 a *NEON* se constituiu como sendo a única revista mensal da Bahia que só abordava assuntos baianos e/ou de interesse da Bahia. Em dezembro de 2004, circulou o último número da revista *NEON*, cuja capa foi dedicada ao professor e jornalista Jorge Calmon, o decano do jornalismo baiano, que, no ano seguinte, 2005, completou 90 anos de idade e vários eventos estavam sendo preparados para comemorar o fato. A revista parou de circular, mas deixou um legado: demonstrou que a Bahia tinha condições, a exemplo de outros Estados, de ter também uma revista, contribuindo, portanto, para inspirar outras pessoas e grupos empresariais a lançarem novos produtos. A experiência da *NEON* contribuiu, direta e indiretamente, para o surgimento de inúmeros títulos de revistas segmentadas que hoje estão em circulação na Bahia.

Em síntese, a *NEON* era considerada como mídia alternativa, mas essa classificação é controversa, tendo em vista que se tratava de um produto da Editora PAS, registrada na Junta Comercial, com título registrado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, com inscrições municipal, estadual e federal (CNPJ). A *NEON* possuía tabela de preço, tinha periodicidade e era produzida por jornalistas profissionais e colaboradores reconhecidos. Além disso, tinha endereço e pagava suas contas e impostos. No início tinha sala alugada, depois passou a ter como endereço um escritório virtual, pois no último ano passou a ser feita em minha residência. Apesar de não contar com os serviços de uma empresa Distribuidora estabelecida, a revista nunca deixou de chegar às bancas

graças à dedicação do editor e de seus sócios. O grande esforço para mantê-la era recompensado pela alegria do sonho realizado e de estar fazendo a coisa certa. A maior tristeza foi tirar a *NEON* de circulação e começar o calvário para dar baixa na empresa constituída. A legislação brasileira na área é insensata, pois é fácil abrir e constituir um negócio, mas para fechá-lo é um sacrifício que se arrasta por anos de muita burocracia, perda de tempo, de dinheiro e de paciência.

***

Quatro anos depois do desaparecimento da *NEON*, que demonstrou que a Bahia tinha mercado para a circulação de revistas locais, no dia 6 de abril de 2008, surgiu a revista *Muito*[11], a única revista semanal da Bahia, que circula encartada nas edições dominicais do jornal *A Tarde*. Também surgiram títulos destinados a nichos sociais como as revistas *Licia,* a *Revista do Yacht e a* Exclusiva, além de outras extremamente segmentadas como *Nosso Bairro*, *Revista B+*, e a revista *Metro Quadrado*. Estes são apenas alguns dos títulos que estavam em circulação em Salvador no ano de 2014 e que talvez seja de completo desconhecimento da maioria dos baianos, mas esta informação demonstra que vários títulos estão circulando na cidade. Sem citar as revistas destinadas a produtos químicos, as vinculadas a determinados segmentos profissionais, como a revista dos supermercados, do pólo petroquímico e muitos outros exemplos com tiragens limitadas e distribuição dirigida.

Nos principais municípios da Bahia também surgiram e desapareceram várias revistas a exemplo das revistas *Panorama*, de Feira de Santana, *Bahia em Foco*, de Jequié, e outras que circularam e continuam circulando de maneira irregular em várias regiões do Estado, principalmente na região cacaueira. Seria impossível enumerar todas, mas, nos últimos anos, inúmeros títulos de revistas foram lançados inspirados na revista *NEON*, o que me deixa com a satisfação de saber que meu sonho não foi em vão.

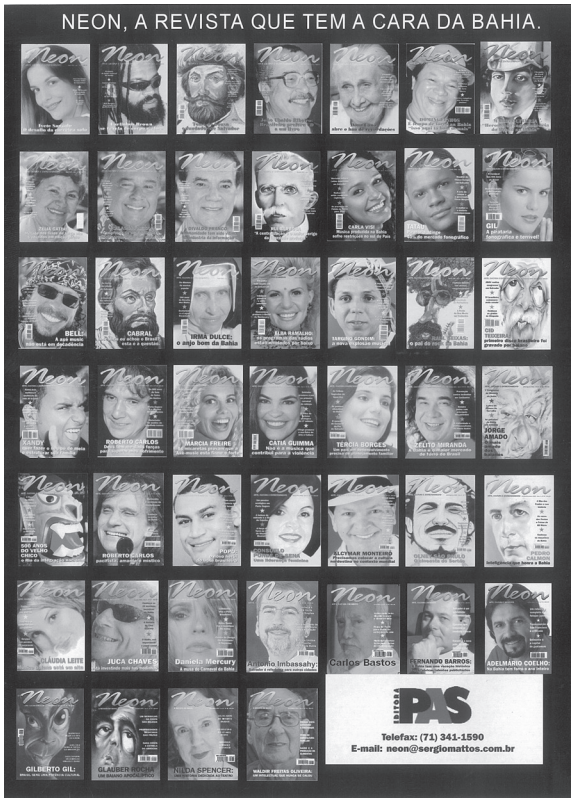
Como agitador cultural tinha e tenho consciência de que para ser empreendedor, temos que executar projetos, temos que saber correr riscos, pois vitórias e derrotas fazem parte do jogo da vida. Tenho plena consciência de que vivo numa época na qual quem tem ousadia, quem corre riscos pode dar certo.

[11] A revista *Muito*, lançada em 6 de abril de 2008, circula encartada nas edições dominicais do jornal *A Tarde*, sem ônus para o consumidor. Trata-se da primeira revista semanal da Bahia. Está também disponibilizada na web.

Vivo numa época em que as oportunidades são múltiplas e os valores incertos. A verdade é que tenho corrido os riscos de meu tempo de vida, sobrecarregado pela necessidade de ser um cidadão produtivo para garantir a sobrevivência.

É exatamente por isso que concordo plenamente com o que disse Theodore Roosevelt: "É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota".

ABUSO DO PODER POLÍTICO



[108.]

As capas da revista *Neon* sempre foram muito bem recebidas, principalmente aquelas que eram desenhadas ou caricaturadas pelos artistas plásticos baianos, a exemplo de Gentil, Setúbal e Reinaldo. Nesta compilação de capas está faltando a última, que foi dedicada ao jornalista Jorge Calmon.

Em tempo de embustes universais, dizer a verdade se torna um ato revolucionário.

George Orwell

É do conhecimento geral que o uso dos meios de comunicação social para influenciar resultados e decisões é também uma forma de abuso duplo, de poder econômico e de poder político, graças ao fato de a mídia ter grande poder de influência sobre a opinião pública.

Como já mencionado, logo após a concretização de meu desligamento do jornal *A Tarde*, dei entrada numa queixa trabalhista que se prolongou por quase sete anos, e que só foi encerrada devido a um acordo que poderia ter sido feito desde o primeiro momento, mas que os novos diretores, ao que tudo indica, não tinham interesse. Nesse período, eu que já havia sentido o peso da ação do Estado sobre um cidadão, caso do IRDEB, voltei a sentir na pele o peso do poder econômico e da mídia que foi usado contra a minha pessoa.

Durante todo o período da causa trabalhista meu nome esteve vetado no jornal que não noticiava absolutamente nada em relação aos produtos que eu continuei lançando, principalmente livros. Caso não tivesse uma recomendação escrita nesse sentido, os editores se autocensuravam para evitar problemas internos, mas de uma forma ou de outra o veto existiu. Recordo de uma passagem quando telefonei para o antigo professor e companheiro Florisvaldo Mattos, que se encontrava como redator-chefe, para comunicar que gostaria de entregar um exemplar do meu mais recente livro. Ele comentou que não poderia publicar nada porque eu estava em litígio com o jornal. De imediato, informei que se tratava de um livro sobre censura, *Mídia Controlada – a história da censura no Brasil e no mundo*, publicado pela Editora Paulus, de São Paulo, no ano de 2005, e ele então pediu que mandasse o exemplar que o jornal faria a divulgação. Caso o jornal não o tivesse feito caracterizaria um ato de censura. A divulgação do lançamento no *A Tarde* foi tímida mais foi publicada com nota na coluna política de Samuel Celestino, nas páginas de roteiros do jornal, no Caderno 2, e posteriormente Jorge Calmon o comentou no artigo semanal que escrevia.

Em contrapartida, o jornal *Folha de S. Paulo*, publicou longo artigo[12]

[12] LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Livro acende o necessário debate em torno da censura. São

assinado pelo jornalista e professor doutor Carlos Eduardo Lins da Silva, ex-secretário geral e ex-ombudsman daquele jornal. De cuja resenha transcrevo trechos a seguir:

> *[...] O jornalista e professor Sérgio Mattos acaba de lançar um livro de extrema utilidade para a preservação dessa prerrogativa. Com extraordinário poder de concisão, ele traça em "Mídia Controlada" um histórico abrangente da censura no Brasil e no mundo. Para demonstrar como é atual e necessário esse tipo de debate, Mattos abre o seu trabalho com exemplos muito recentes de tentativas de atentar contra a liberdade de expressão neste país por parte de instrumentos de Estado.*
>
> *[...] Mattos se restringe em seu livro à ação do Estado no cerceamento (ou tentativa de) à liberdade de expressão. [...] É legítimo, porém, o objetivo do autor de se ater apenas à relação entre Estado e meios de comunicação. Afinal, é ele quem tem o monopólio do poder de censura formal e é dele que, com frequência, emanam os principais atentados à liberdade de expressão. O problema principal desse tema deriva do fato constatável e bastante humano de que todos são a favor da liberdade de expressão quando fazem o papel de estilingue, mas se sentem tentados a impedi-la quando passam à condição de vidraça.*
>
> *[...]Manter, expandir e garantir a liberdade de expressão é uma das tarefas mais fundamentais para tanto. Livros como o de Sérgio Mattos, capazes de motivar e ampliar o debate sobre esse tema, são instrumentos importantes para que isso ocorra.*

* * *

Mas, voltando ao tópico desta parte, que é o abuso do poder político e a pressão econômica, vou relatar o que sucedeu comigo em 2006, quando fui convidado, nomeado, desconvidado e "desnomeado" como Secretário de Comunicação Social da Prefeitura de Salvador, no período de primeiro a 17 de fevereiro de 2006. Alguns detalhes do relato são de difícil comprovação, tendo em vista que nada ficou escrito, tudo foi articulado e decidido nos bastidores, e a imprensa local tanto quanto as instituições de classe se omitiram totalmente, com exceção da Rádio Metrópole, sob o comando vibrante de Mário Kertész que, sem papos na língua, denunciou o que estava acontecendo dando nomes aos bois. Registre-se também que dois jornais alternativos, *Notícias da Bahia*, um suplemento do *Jornal Pátria Latina*, do jornalista Valter Xéu, e o *Jornal*

Paulo: *Folha de S. Paulo/Ilustrada*, 2 jan. 2006.

Laboratório da FACOM/UFBA, então, sob coordenação editorial do professor doutor e jornalista Fernando Conceição, registraram o fato posteriormente, em detalhes, tentando resgatar o que teria acontecido na verdade, ouvindo os principais envolvidos na questão. É difícil provar, mas diante do relato a seguir, o leitor poderá tirar suas próprias conclusões.

***

No ano 2006, encontrava-me como diretor de Campus I e, ao mesmo tempo, como Coordenador dos Cursos de Jornalismo e de Relações Públicas da UNIBAHIA, quando fui procurado por emissários do Prefeito João Henrique Barradas Carneiro, filho de João Durval Carneiro, ex-governador, que queria ter uma conversa comigo para oficializar o convite para que eu assumisse a Secretaria de Comunicação da Prefeitura. Marcamos um dia e ele me convidou falando da urgência com que ele estava precisando de meus serviços e que eu me desligasse o mais rápido possível da UNIBAHIA para assumir a função. Saímos do gabinete dele direto para o plenário da Câmara Municipal onde ele fez um pronunciamento, tendo encontrado, na solenidade, com a mãe dele, Dona Ieda, as tias e o irmão-vereador Sérgio Carneiro, que vieram falar comigo. Dona Ieda me confidenciou que o meu nome tinha sido uma escolha da família e que ela agradecia muito o fato de eu ter aceitado o convite do filho que precisava contar com minha experiência.

Naquele momento, recordando o ocorrido anos passados, durante o governo de João Durval Carneiro, pai de João Henrique, pensei que com aquele convite a família estivesse redimindo do erro cometido em 1984. Fiquei tranquilo e aceitei as circunstâncias até porque não sou de guardar mágoas. No dia seguinte conversei com Fabrício Vasconcelos Soares, meu amigo e mantenedor da UNIBAHIA, sobre o convite e ele não criou qualquer obstáculo, liberando-me de imediato. Telefonei para o prefeito João Henrique e comuniquei a notícia que ele queria ouvir. De imediato, ele assinou e baixou portaria de minha nomeação, publicada no *Diário Oficial do Município*, do dia 1º de fevereiro de 2006 e toda a mídia baiana divulgou notícias de minha nomeação marcando a posse para dali a dois dias, conforme convite divulgado pelo cerimonial da prefeitura. O anúncio de meu nome obteve uma boa receptividade junto aos coleguinhas.

Diante da nomeação alguns passaram a levantar suposições de que eu estava usando o nome e o prestígio do jornal onde eu trabalhara para conse-

guir ser nomeado e alardeassem que eu não integrava mais o corpo redacional da empresa. Aliás, todo mundo sabia, pois quando me desliguei do jornal, em 2003, a primeira coisa que fiz foi enviar um ofício para todas as autoridades da Bahia, os 417 prefeitos, os deputados estaduais e federais, senadores, secretários de Estado e o governador, comunicando meu desligamento do jornal.

A partir da publicação do *Diário Oficial* passei a ir diariamente para a Prefeitura, ocupando um espaço na sala que me seria destinada, ao tempo em que ia tomando pé da situação, pois não havia tomado posse ainda. Acompanhei o prefeito em todas as suas andanças e, informalmente, dei orientações sobre a cobertura dos eventos e nada da posse acontecer. Nesse período, começaram a circular alguns questionamentos sobre o porquê do adiamento da posse, enquanto outros especulavam e denunciavam, como a Rádio Metrópole, que o prefeito estava recebendo pressões políticas, de um veículo de comunicação que estaria usando também vários deputados da base aliada para forçar o prefeito a atender ao pedido "de *A Tarde* e de Sílvio Simões" como estava sendo divulgado.

Diante dos fatos e da não marcação do dia da posse, me utilizei de uma carta para cobrar uma definição do prefeito. A carta protocolada no dia 13 de fevereiro de 2006, tinha o seguinte teor:

> *Exmº Sr. João Henrique Barradas Carneiro*
>
> *MD Prefeito Municipal de Salvador*
>
> *Prezado amigo João Henrique,*
>
> *Tendo livre trânsito nos setores da imprensa e da política, tenho certeza de que fui CONVIDADO para integrar sua equipe de trabalho, como Secretário de Comunicação Social, por possuir as qualidades técnicas e morais, além de ter credibilidade baseada numa vida profissional digna, com 39 anos de experiência, uma produção intelectual atestada nos 27 livros publicados e em três diplomas universitários: de Jornalismo, Mestrado em Comunicação e Doutorado em Comunicação.*
>
> *ACEITEI o convite como um novo desafio e com o objetivo de reestruturar a SECOM; criar bases para que pudéssemos funcionar dentro dos mais modernos conceitos e técnicas de comunicação estratégica; desenvolver um planejamento e gerenciamento de projetos, com diretrizes de comunicação de acordo com as necessidades da Prefeitura; buscar soluções para a ampliação da imagem positiva do executivo, trabalhando-a, simultaneamente, junto aos públicos interno e externo, com ética e transparência; além de apoiar e dar treinamento aos secretários e diretores nas*

relações com a imprensa, entre outros itens que seriam desenvolvidos a partir de um Planejamento Estratégico de Comunicação, após o levantamento de dados e diagnóstico da situação atual.

Considerando que, apesar de NOMEADO por decreto publicado no Diário Oficial do Município no dia 1º de fevereiro, sem até hoje, dia 13, ter sido empossado no cargo – segundo especulações divulgadas na imprensa local – devido às PRESSÕES, inexplicáveis, exercidas por um veículo de comunicação baiano, que teria vetado meu nome, um precedente perigoso. Apesar de NÃO ACREDITAR na possibilidade de serem verdadeiras as especulações de que um veículo de comunicação esteja querendo exercer o poder de veto (leia-se censura) contra um profissional de imprensa, o que seria uma grande incoerência e, considerando que esta situação está causando desconforto tanto à sua administração como à minha dignidade e integridade profissional, venho por meio desta lhe deixar a cavalheiro no sentido de que o amigo possa tomar a decisão que melhor lhe convier: marcar a posse ou tornar sem efeito a minha nomeação.

Atenciosamente,

Sérgio Mattos

Professor Doutor em Comunicação

Então, o prefeito solicitou que João Cavalcante, Chefe da Casa civil, conversasse comigo, me oferecendo outras situações na prefeitura, mas que eu não poderia ser o Secretário de Comunicação porque *A Tarde* estava pressionando nesse sentido e que eu poderia, por exemplo, ocupar um cargo na representação da Prefeitura, em Brasília, até que os ânimos serenassem. Ouvi as colocações que me foram feitas e retornando para casa, com o rádio ligado na Metrópole, fiquei surpreso ao saber que teor da conversa com João Cavalcante já estava no ar, tinha vazado. Como? Não sei, mas Mário Kertész, sempre muito bem informado botou a boca no mundo, denunciando as pressões para evitar minha posse, dando detalhes das propostas que Cavalcante havia feito.

Imediatamente, liguei para João Cavalcante e comentei que o teor de nossa conversa tinha vazado e estava sendo divulgada pela Metrópole antes mesmo de eu ter me manifestado a respeito. Aproveitei para comunicar que como eu havia sido convidado pessoalmente pelo prefeito só aceitaria ser desconvidado por ele mesmo. Então, uma reunião foi marcada para o dia 16 de fevereiro e quando lá compareci encontrei outros secretários que ouviram a conversa e depois fui, eu e João Henrique, para um reservado, onde ele me confidenciou as pressões que estava sofrendo e que não daria para continuar com a oposição

ostensiva do maior jornal da Bahia. Na oportunidade, eu disse a ele que tudo bem, mas que a oposição sistemática do jornal, com a publicação de páginas de denúncias, poderia ser suspensa com minha saída, mas que voltaria a qualquer momento como de fato aconteceu até o final do mandato dele. Ele cedeu às pressões e não sabia o que fazer comigo. Naturalmente, eu não aceitei nenhuma proposta camuflada e ele me disse que eu teria que me demitir ao que retruquei que não poderia fazer aquilo, pois nunca cheguei a ser empossado e, ao mesmo tempo, lhe dei a solução que estava na cara e ninguém via: basta que você publique no *Diário Oficial* de amanhã um ato tornando o outro, no qual me nomeava, sem efeito. Ele sentiu um alívio e assim procedeu, mas quem ficou na saudade fui eu: desempregado por quase três meses, além de ter que me recompor psicologicamente daquele enfrentamento desnecessário, um abuso de poder.

Eu não podia retornar ao meu antigo posto na UNIBAHIA que já havia sido ocupado, mas Fabrício Soares, sua esposa Ana Maria, diretores, e Maria Cândida Maiffre, que ocupava a coordenação acadêmica da instituição, me convidaram para chefiar a Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação (COEPP), para promover uma reestruturação no setor, pois eles queriam fazê-lo deslanchar e eu imediatamente aceitei e aos poucos fui reconstruindo minha situação financeira. Permaneci na UNIBAHIA até fins de 2007, quando achei que deveria seguir outros caminhos, tendo em vista que já havia dado minha contribuição e honrado o convite do amigo para a implantação dos cursos no início do século.

* * *

Sabia-se, nos bastidores, nas conversas em "off" da época, que quem pressionou o prefeito foi Sílvio Simões, mas isso não poderia ser dito ou afirmado por mim que estava em litígio com o jornal. No entanto, notícias e reportagens publicadas em jornais e o que foi divulgado por Mário Kertész, na rádio Metrópole, tornaram público uma versão que até então estava e continua sendo negada peremptoriamente pelos agentes envolvidos, deixando transparecer o outro lado da moeda. Depois de passado tanto tempo esses fatos não são importantes, pois todos sobreviveram, mas vale o registro para que tenhamos a ideia real de que na vida nem tudo é o que parece ou acontece como foi dito pelos vitoriosos.

Coincidentemente, o ato de minha nomeação foi publicado mais ou menos na mesma época em que o acórdão do Tribunal do Trabalho me dava ganho de causa no litígio contra o jornal *A Tarde*, negando os embargos que o advo-

gado da empresa havia interposto contra o julgamento. Acredito que isto tenha contribuído para acirrar os ânimos, apesar de Sílvio Simões, taxativamente negar o fato, como foi publicado nos jornais alternativos a que me referi acima, pois a grande mídia silenciou.

Ironicamente, se Sílvio admitisse que foi ele mesmo quem impediu minha nomeação, hoje, eu só teria que lhe agradecer por ter me protegido indiretamente do envolvimento com o escândalo de corrupção e desvio de verbas que estourou, poucos dias depois, na Secretaria de Comunicação e que certamente seria um problema a ser resolvido durante minha pretensa gestão. De qualquer maneira, mesmo sem admitir, fica registrado aqui o meu agradecimento. Mais uma vez o destino, o meu anjo da guarda forte, me salvava de situações nebulosas. Como já disse, quando me fecham uma porta outras se abrem com melhores perspectivas.

* * *

Não me abalei com o fato, mas fui durante todo o tempo procurado por coleguinhas que queriam massacrar o prefeito pela "frouxidão" dele ou denunciar a pressão de um veículo de comunicação contra um cidadão, um ex-funcionário. Apesar de constrangido pela situação e por estar desempregado, procurei manter a calma e me mostrar evasivo quando procurado, lamentei o fato de não ter sido empossado, mas, ao mesmo tempo, reconhecia que isso acontece e que faz parte do processo político, pois ninguém é dono de cargo algum na administração pública, principalmente quando prevalecem decisões baseadas em acordos políticos firmados na base dos partidos aliados, que acabam contribuindo para a descontinuidade administrativa, pois são os partidos que indicam os nomes para os cargos. Imagine-se que, a partir daí, João Henrique teve cinco secretários de comunicação, além de ter trocado vários outros secretários, no total de 18, ao longo de seu segundo mandato, evidenciando também a instabilidade dele na condução política como gestor da Prefeitura de Salvador.

Recordo que, logo após a publicação de minha nomeação, durante um evento no gabinete do Prefeito, Domingos Leonelli, que ocupava uma das Secretarias na Prefeitura, me procurou para saber qual tinha sido o grupo ou partido político que havia me indicado e eu lhe disse que nenhum, que havia sido convidado diretamente pelo prefeito. Coincidência ou não, Leonelli é do PSB (Partido Socialista Brasileiro), mesmo partido ao qual Sílvio Simões é filiado. Como eu não havia sido indicado por nenhum grupo político, eu tinha sido "escolhido

pela família", que na hora "H" ficou do lado do parente, eu não tinha quem lutasse pela minha permanência na função que não cheguei a desempenhar apesar de um convite de posse ter sido expedido pelo cerimonial da prefeitura e adiado sem explicações convincentes. Foi a partir daí que a mídia começou a querer saber a causa do adiamento sem motivos aparentes. Alguns amigos chegaram a comparecer à prefeitura para minha posse que foi adiada em cima da hora.

Para dar esse disse-me-disse por encerrado, transcrevo a seguir trecho da reportagem publicada no dia 10 de maio de 2006, no *Jornal Laboratório da FACOM* / UFBA, assinada por Diego Mascarenhas, que ouviu Sílvio Simões, Samuel Celestino e o prefeito:

> *Procurado pela reportagem em meados de março, Sérgio Mattos declarou que João Henrique "não teve pulso" para manter o seu nome à frente da Secretaria. "Isso pode ser ruim para ele quando precisar tomar uma decisão importante", disse o jornalista, poeta e autor de vários livros sobre mídia no Brasil.*
>
> *Mattos diz ter informações de que o secretário de Governo de João Henrique, João Cavalcanti, esteve na sede do jornal A Tarde para conversar com o diretor daquele jornal, Sílvio Simões, sobre a sua indicação. Segundo o professor, havia suspeita de que A Tarde, líder de vendas na Bahia, estaria disposta a publicar matérias negativas sobre a Prefeitura até que João Henrique desistisse de torná-lo secretário.*
>
> *O provável motivo que teria levado A Tarde a "vetar" o nome de Mattos seria uma ação trabalhista que o mesmo tem contra o jornal na Justiça do Trabalho. [...] O professor acredita também que o veto teria "motivação político-partidária." Silvio Simões teria "reclamado" com o prefeito porque este teria oferecido o cargo a pessoa desvinculada de partido político. Simões é filiado ao PSB (Partido Socialista Brasileiro) desde 1996, legenda que faz parte da base aliada que dá sustentação à administração de João Henrique.*
>
> *À reportagem, Sílvio Simões negou as acusações e disse que não tem "o direito constitucional de interferir na administração pública municipal e jamais admitiria que qualquer pessoa ligada ao jornal tentasse influenciar as decisões municipais". Ele asseverou que "jamais iria retaliar um ex-funcionário do jornal". A demissão do antigo funcionário, disse, obedeceu a critérios de gestão empresarial: "A empresa estava passando por um processo de reformulação e precisou fazer um empréstimo muito alto junto ao banco Bradesco, daí necessitou cortar pessoal".*
>
> *Após ter negado o "veto", Simões disse que ouviu comentários sobre a*

> *possível indicação de Sérgio Mattos pelo colunista político de A Tarde, jornalista Samuel Celestino. O mesmo teria sugerido o nome do professor através de seu irmão, Reub Celestino, que é Secretário Municipal da Fazenda. "Mesmo que eu tivesse a certeza de que Celestino indicou Mattos, eu jamais pressionaria o prefeito a mudar sua decisão", concluiu Simões.*
>
> *Celestino, que também é presidente da Associação Bahiana de Imprensa, declarou à reportagem que "ouviu comentários" sobre a interferência de A Tarde na decisão do prefeito, mas afirmou não ter "nenhuma relação com esse assunto". Quando questionado se foi mesmo ele quem sugeriu ao prefeito o nome de Mattos, explicou: "Em um almoço com o prefeito, ele me apresentou quatro nomes e me perguntou qual deles teria o melhor currículo na área de comunicação. Eram eles: Antonio Matos, Lenilde Pacheco, André Curvelo e Sérgio Mattos. Disse ao prefeito que, disparadamente, Sérgio Mattos era o mais preparado".*
>
> *[...] A reportagem procurou os secretários Reub Celestino e João Cavalcanti, mas eles não quiseram se pronunciar sobre o assunto. João Henrique, através de nota enviada à reportagem por Jair Mendonça, afirmou que "em face de questões pessoais, Sérgio Mattos decidiu em comum acordo com a Prefeitura desistir da sua posse". Mattos nega ter feito acordo nesse sentido. Um funcionário da Prefeitura que não quis ter seu nome divulgado afirmou que "a versão de Mattos é a verdadeira".*

No jornal mensal *Notícias da Bahia* (de 15 de abril a 14 de maio de 2006) foi publicada também uma matéria de página inteira sob o Título: "Caso Sérgio Mattos – Venceram os mais fortes", assinada por Chico Bruno. Da matéria transcrevo pequeno trecho opinativo:

> *O Diário Oficial do Município de Salvador, publicou, no dia 17/2[2006], na página 5, o decreto do prefeito João Henrique tornando sem efeito a nomeação do jornalista Sérgio Mattos como Secretário de Comunicação da Prefeitura Municipal de Salvador, mas nenhum veículo divulgou o fato que foi registrado apenas por Mário Kertész, em programa veiculado na Rádio Metrópole.*
>
> *Em carta de três parágrafos, protocolada no dia 13 último [13/2/2006] o jornalista Sérgio Mattos solicitou uma definição em relação à sua posse ou não no cargo. [...] No dia 16/2, Sérgio Mattos foi recebido pelo prefeito quando ficou decidido a publicação do decreto tornando sem efeito a nomeação.*
>
> *O inacreditável é que Sérgio Mattos foi censurado e recentemente lançou um livro sobre censura: "Mídia Controlada: a história da Censura no Brasil e no mundo", editado pela Editora Paulus, de São Paulo, que foi bem recebido pela imprensa do sul, como a resenha publicada pela Folha*

de S. Paulo no início deste ano. No último dia 10/02 Sérgio Mattos foi paraninfo da turma de Jornalismo das Faculdades Integradas Ipitanga, mantidas pela UNIBAHIA, quando proferiu um discurso no qual traça o perfil ético profissional que o jornalista deve ter e o papel que tem a desempenhar na sociedade. Neste mesmo discurso, Sérgio alerta também aos proprietários de veículos de comunicação sobre os perigos existentes para a credibilidade dos mesmos quando utilizam o poder da imprensa para exercer pressões políticas com objetivos escusos.

NOVOS DESAFIOS EDUCACIONAIS

A Tarde pressiona, João Henrique volta atrás

Sérgio Mattos, que processa jornal, ficou sem a pasta da C

Caso Sérgio Matos

Venceram os mais fortes

[109.]

Reprodução das páginas dos dois únicos jornais que registraram o abuso do poder político: *Notícias da Bahia e Jornal Laboratório*, da Faculdade de Comunicação da UFBA.

(Universidades privada e pública)

O que ensinei aos estudantes? Ensinei-lhes a boa arte do ceticismo: a duvidar de tudo, a tudo interrogar adequadamente com conhecimento de causa.

Benedito Nunes

Como teria dito Julio Camargo, "a vida é uma viagem a três estações: ação, experiência e recordação". Acredito ter passado pelas duas primeiras e no momento estou na transição da última estação de minha caminhada, durante a qual procurei semear para no fim poder colher os melhores frutos. Tive que fazer escolhas, romper obstáculos, esquecer e perdoar traições, assumir novos compromissos, lutar pela verdade e pela sobrevivência, sempre enfrentando dificuldades sem, no entanto, esmorecer. Dediquei-me à vida acadêmica, à pesquisa, à produção de livros e à prática jornalística e ao ensino do Jornalismo, que estão diretamente relacionados com a defesa de uma cidadania plena no Brasil. Se tivesse que recomeçar novamente não hesitaria em escolher a mesma profissão, o Jornalismo, e a me dedicar ao ensino, pois um dos compromissos que tenho comigo mesmo é o de procurar fazer o que gosto, mas principalmente, gostar do que faço independente do que os outros achem.

* * *

Minha participação em instituições de ensino superior privado começou em fins de 1999 quando da implantação dos cursos de Publicidade e Comunicação e Marketing da POLIFUCS, de Luís Cayres e Ricardo Pessoa, e dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da UNIBAHIA, de Fabrício Vasconcelos Soares, no início do ano 2000. Exerci a coordenação dos cursos nas duas instituições que dividiam o mesmo espaço, inicialmente, e depois me afastei da POLIFUCS, logo após ela ter sido vendida a Joaci Góes, pela impossibilidade de atender bem a duas instituições ao mesmo tempo. Dediquei-me, então, aos cursos das Faculdades Integradas Ipitanga, mantidas pela UNIBAHIA, ajudando em todo o processo de autorização e posterior reconhecimento dos dois cursos.

O curso de Jornalismo da UNIBAHIA, sob minha coordenação, participou do último "Provão" promovido pelo MEC e ficou, de acordo com análise dos resultados e levantamento realizado pela revista *Veja*, entre os dez melhores

cursos de Jornalismo do país. Depois deixei a coordenação dos cursos de graduação e a direção do Campus I para assumir a coordenação de pós-graduação e extensão da UNIBAHIA onde permaneci até agosto de 2007. Entre janeiro e agosto de 2008 coordenei o curso de Jornalismo da Faculdade da Cidade do Salvador, ajudando no processo de seu reconhecimento. Por seis meses, atuei também no curso da FTC, em Salvador, que pertencia ao mesmo grupo da Faculdade da Cidade, e que estava deixando de oferecer vagas para Jornalismo.

Quando ainda na UNIBAHIA ajudei a implantar o Mestrado em Gestão Integrada de Organização, em parceria com a UNEB, e de vários cursos de especialização, tendo orientado algumas dissertações e trabalhos de especialização. Entre as dissertações que orientei estão as de Matilde Eugênia Schnitman e de Maria Cândida Maiffre, que também foram minhas alunas de graduação no curso de Jornalismo da UFBA. Como coordenador dos cursos de Jornalismo e de Relações Públicas selecionei, convidei e dei oportunidade a vários profissionais que se iniciavam na prática docente e que hoje brilham e dão suas respectivas contribuições ao ensino superior na Bahia.

Na condição de coordenador do curso da UNIBAHIA, a Turma de 2005 me indicou como paraninfo e aos formandos dediquei um discurso em forma de mensagem no qual expresso o que sinto e penso sobre o jornalismo. A seguir trechos do discurso[13]:

> *Antes de tudo, gostaria de agradecer aos formandos do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Ipitanga/Unibahia pelo convite para ser Paraninfo da turma. Foi com alegria que recebi o convite de vocês não apenas pelo reconhecimento ao trabalho desenvolvido como coordenador do curso, mas também pelo deferimento da escolha ter recaído sobre um profissional da área que, sem falsa modéstia, tem se pautado com profissionalismo, lisura, seriedade e ética em todas as situações, contribuindo durante toda a vida profissional com um trabalho dedicado ao crescimento do conhecimento da área de comunicação e da valorização do jornalismo, além de lutar com ênfase contra toda e qualquer forma de censura, seja ela praticada por instituições econômicas, políticas, policiais e até mesmo pela própria mídia ou jornalistas, com suas posições distorcidas de donos da verdade, que manipulam as informações e usam o poder do veículo com objetivos escusos para atender a interesses pessoais.*
>
> *[...] Vocês são vencedores na corrida de obstáculos que é a vida profissio-*

[13] A íntegra do discurso proferido como paraninfo da turma de Jornalismo da UNIBAHIA de 2005 está disponível na edição nº 368, do dia 13/2/2006, do Observatório da Imprensa.

nal. Venceram o primeiro obstáculo com a formação universitária. A cerimônia de diplomação que se realiza hoje é a confirmação pública do ideal e da determinação com que escolheram a profissão do sonho de cada um de vocês. Na condição de Paraninfo, coloco-me ao lado de cada um para testemunhar que vocês possuem as qualidades que reivindicam possuir e que estão aptos a desempenhar a profissão de jornalista.

O segundo obstáculo a ser vencido é o de se estabelecer profissionalmente e exercer a cidadania e a missão jornalística com ética, transparência, segurança e credibilidade. O diploma, hoje obtido, não lhes garante automaticamente um lugar no mercado de trabalho, mas permite que possam competir em condições de igualdade com qualquer outro profissional. Vocês sabem do que são capazes, portanto, usem todo o aprendizado, capacidade e determinação para ocupar os espaços e exercer com dignidade as quatro funções sociais do jornalismo: informar, educar, fiscalizar e entreter. Cumprindo as funções sociais do jornalismo conseguiremos dar a nossa contribuição na construção de um país melhor.

Não importa o cargo ou função que estejam desempenhando ou venham a desempenhar, o mais importante desta profissão é estar sempre consciente do compromisso ético do jornalismo e que esta profissão se caracteriza essencialmente pela prestação de serviço público e pela busca incessante da verdade. Ser jornalista é saber comunicar os fatos, contar a verdade com isenção. A imparcialidade é um mito, mas a isenção é uma meta e obrigação a ser perseguida.

Assim, meus caros afilhados e afilhadas, tenham consciência disso, pois os cientistas políticos geralmente restringem a importância da mídia, enquanto alguns comunicólogos tendem a exagerá-la, julgando, por exemplo, que a política está totalmente dominada pela lógica dos meios de comunicação, tornando-se um mero espetáculo. Estejam conscientes de que a realidade não pode nunca ser superada pelo entretenimento e que o jornalismo não é uma simples reprodução da realidade. Isto porque os jornalistas contribuem para a construção social da realidade, além de exercer um papel de mediação social.

Por isso, devemos estar cientes de que o trabalho jornalístico exerce um papel fundamental na vida política, pois amplifica os discursos políticos, possibilitando que os mesmos sejam expostos ao julgamento da população. Lamentavelmente, a cobertura jornalística da política nacional está reduzida a reproduzir a disputa pelo poder, não permitindo o espaço necessário para que se possa debater os projetos da sociedade. Apesar de ser a principal fonte de informação da população, os veículos de comunicação – mídia impressa e mídia eletrônica –, continuam reproduzindo de maneira incorreta ou insuficiente a nossa diversidade cultural, social e política, prejudicando, direta e indiretamente, o exercício da democracia, que, antes de qualquer coisa, é a convivência com os contrários, o respeito

pela cidadania, a garantia da liberdade de expressão e de acesso a informação. Precisamos, pois, como jornalistas lutar para ampliar, na mídia, o espaço para que todos os segmentos da sociedade possam participar do processo de desenvolvimento cultural, econômico, político e social do país.

Meus caros formandos, gostaria ainda de alertá-los de que a mídia não é dona do jornalismo e nem pode usá-lo a seu bel-prazer. Como também os proprietários de veículos precisam entender que o senso crítico deve começar dentro de casa, pois, quando uma empresa de comunicação funciona como grupo de interesse econômico e de pressão política, apenas contribui para a queda na qualidade das informações divulgadas, abalando a credibilidade e confiabilidade do público no veículo e no jornalismo por ele praticado.

[...] *Espero que a ética, a transparência e o compromisso com a verdade estejam sempre com vocês no desempenho do jornalismo profissional. Espero que tenham êxito na profissão escolhida e que sejam felizes.*

* * *

Além de ter coordenado os cursos de Jornalismo e Relações Públicas da UNIBAHIA, também fui diretor do Campus I, diretor da COEPP – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Gradação. Fui também o primeiro presidente da CPA – Comissão Própria de Avaliação, sendo o responsável pela elaboração do projeto de Autoavaliação das Faculdades Integradas Ipitanga, mantidas pela UNIBAHIA – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão. O projeto que elaborei foi encaminhado e aprovado pelo CONAES – Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior, então sob a presidência do professor Hélcio Trindade, em dezembro de 2004. Para exercer a função de presidente da CPA recebi treinamento específico ministrado pelo CONAES/INEP[14], em Brasília, no mês de setembro do mesmo ano.

Em 2006, quando os critérios de avaliação e reconhecimento de cursos foram reformulados, recebi novo treinamento e fui designado pela Portaria nº 751, de 27 de outubro de 2006, assinada pelo ministro da Educação Tarso Genro, como Avaliador de Instituição de Educação Superior, selecionado pela Comissão Técnica de Acompanhamento da Avaliação – CTAA, passando a integrar o Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação de Educação Superior. Pouco tempo depois, devido a outros compromissos fui deixando de

[14] INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

me colocar à disposição para avaliação de cursos, abrindo espaço para os mais jovens e dispostos a esta tarefa digna, mas extremamente cansativa.

***

Durante esta fase integrei também grupos nacionais constituídos por jornalistas, tais como o Grupo de Mídia e Sociedade, do Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), instalado oficialmente no dia 29 de junho de 2004, na sede do Instituto (à Rua Formosa, 367 – 6º andar), sob coordenação do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o superintendente executivo do iFHC, Sérgio Fausto, se fizeram presentes. No primeiro encontro foram estabelecidos os métodos e cronograma de trabalho e definidos os primeiros assuntos nos quais o grupo focou atenção. Entre os pontos destacavam-se: 1) Relação entre a imprensa e o Ministério Público no Brasil contemporâneo; 2) Jornalismo e entretenimento; 3) Crise nos veículos de comunicação brasileiros e auxílio do Estado via BNDES; 4) Declarações "off the record"; 5) O futuro do jornal diário impresso.

O primeiro encontro foi registrado pelo coordenador do grupo, Carlos Eduardo Lins da Silva:

> *Pareceu-me haver certa concordância de que o núcleo das preocupações para nortear o nosso trabalho deve ser a questão da credibilidade dos meios de comunicação de massa diante de seu publico e, em decorrência disso, da capacidade que eles têm de influir de modo positivo na sociedade. Tudo indica que essa credibilidade anda em baixa internacionalmente em especial no Brasil e creio que todos concordamos que ela precisa ser de algum modo regatada porque a informação é elemento essencial para a constituição de uma opinião pública vigorosa e saudável.*
>
> *Desse tronco temático, saem pelo menos três ramos de assuntos que podem entrar na pauta para nossos próximos encontros: a crise na "cadeia produtiva" da comunicação (problemas como concentração de propriedade, diminuição do número de consumidores dos produtos tradicionais, curto-circuito da veiculação publicitária convencional, estrangulamento do mercado de trabalho, endividamento das empresas, regionalização da mídia) e a participação da audiência como fonte ou produtor de informação via Internet e outros meios mais recentes de comunicação.*
>
> *Daí, tanto podem derivar reuniões ente nós quanto seminários com a presença de mais pessoas para tratar desses temas ou de assuntos mais específicos, como aqueles por mim sugeridos inicialmente. Creio que poderíamos definir tudo isso no nosso próximo encontro. [...] Agradeço novamente a todos por terem aceitado o convite de participar do grupo.*

Acho que temos condições de oferecer uma contribuição relevante para o debate.

Os encontros foram realizados mensalmente, por quase dois anos, sempre reunindo, nos debates, a maioria dos jornalistas integrantes o Grupo de Mídia e Sociedade do iFHC, tais como: Caio Túlio Costa, Carlos Castilho, Carlos Eduardo Lins da Silva (coordenador), Esther Hamburger, Luís Milanesi, Luís Weis, Mário Vítor Santos, Maurício Tuffani, Oliveiros Ferreira, Sérgio Mattos e Sidney Basile. Além destes integrantes, Sérgio Fausto, na condição de executivo do iFHC, compareceu a todas as reuniões que sempre tinha um palestrante convidado e debates, além de intenso correio eletrônico com a troca de artigos e de dados para subsidiar as reuniões. Eu, particularmente, não perdi nenhuma das reuniões, que foram extremamente proveitosas, enquanto o Grupo se manteve em atividade.

***

Outro grupo de caráter nacional de jornalistas que integrei, entre 2005 e 2009, foi o Comitê Consultivo da Rede Ethos de Jornalistas, instalado no dia 8 de junho de 2005, formado pelos seguintes jornalistas: Alberto Dines (*Observatório da Imprensa*); Ana Márcia Diógenes Paiva Lima (UNICEF/CE); Clóvis Rossi (jornal *Folha de S. Paulo*), Geraldinho Vieira (Fundação Avina/DF), Núbia Silveira (TVE/RS), Sérgio Mattos (UNIBAHIA) e Wilson da Costa Bueno (Eca/USP e Comtexto Comunicação e Pesquisa). Os membros do comitê participaram da Primeira Conferência Internacional Empresas e Responsabilidade Social, realizado no período de 7 a 10 de junho de 2005, no Hotel Transamérica São Paulo, que teve como tema "Parcerias para uma Sociedade Sustentável".

De acordo com ata da reunião do Comitê Consultivo, do dia 8 de junho de 2005, estiveram presentes do Comitê Consultivo: Ana Márcia, Sérgio Mattos, Núbia Silveira, Patrícia Saito (coordenadora da Rede Ethos de Jornalistas), Leno Silva (gerente de Comunicação), Paulo Itacarambi (diretor-executivo), Oded Grajew (presidente do Instituto) e Ricardo Young (presidente do UniEthos). Na oportunidade, sugeri a possibilidade do Ethos fazer parcerias com universidade para a promoção de cursos de responsabilidade social empresarial e de debates regionais com a participação de jornalistas e dos proprietários dos veículos. Foi aprovada também na reunião a inclusão de novos nomes no Comitê Consultivo, decidindo-se aumentá-lo de 7 (sete) para 12 (doze) o número de conselheiros do Comitê Consultivo que tivesse representantes de todas as

regiões do pais. Nossa proposta se efetivou no ano de 2008 com a inclusão de mais cinco profissionais: Bruno Machado (jornal *O Popular*) Carlos Eduardo Lins da Silva (Patri), Manoel Dutra (UNAMA), Maria José Coelho (Instituto Primeiro Plano) e Neide Duarte (TV Globo).

Como resultado direto das propostas aprovadas, no dia 5 de dezembro de 2007, a Rede Ethos de Jornalistas promoveu um debate em Salvador, uma discussão regional – no Nordeste – sobre a incorporação da sustentabilidade de maneira transversal na pauta jornalística e também na gestão das empresas de comunicação. Na oportunidade, ocorreu também o lançamento da publicação *RSE na Mídia: Pauta e Gestão da Sustentabilidade*. O evento, realizado no auditório da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), foi mediado por mim, Sérgio Mattos, como membro local do Comitê Consultivo da Rede Ethos de Jornalistas, e teve como debatedores Ivanildo Sampaio, diretor de redação do *Jornal do Commercio* (Recife/PE), Marcos Tardin, diretor de Jornalismo da TV O Povo (Fortaleza/CE), Ranulfo Bocayuva, diretor-executivo do jornal *A Tarde* (Salvador/BA), Renata Purri, editora-chefe do telejornal BATV, da TV Bahia, e Paulo Itacarambi, diretor-executivo do Instituto Ethos que funcionou como relator do evento. Entre 2007 e 2008 três debates regionais foram realizados. Além do da região Nordeste, em Salvador, foram realizados debates em Goiânia, reunindo as regiões Norte e Centro-Oeste, e outro em Florianópolis, reunindo a regiões Sul e Sudeste.

* * *

Em 2009 integrei a Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação por meio da Portaria nº 203, de 12 de fevereiro de 2009, para formular as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo. A Comissão, empossada em Brasília, no dia 19 de fevereiro de 2009 foi constituída pelos seguintes professores: José Marques de Melo (presidente), Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Lúcia Araújo, Sérgio Mattos e Sônia Virgínia Moreira. Depois de ser submetida ao crivo do Conselho Nacional de Educação as novas Diretrizes só foram aprovadas e homologadas pelo Ministro da Educação, no final do ano de 2013.

Como ex-membro da comissão, concedi várias entrevistas e fui convidado a participar de inúmeros debates e a proferir palestras sobre as mudanças que estavam sendo propostas. É importante esclarecer que a Comissão de Especialistas foi nomeada para rever e atualizar especificamente as diretrizes

curriculares do Curso de Jornalismo, dentro da área da Comunicação Social, concentrando-se em dois aspectos fundamentais: o perfil do jornalista e suas competências profissionais. Saliente-se que o nosso desafio principal foi o da qualidade do curso e a formação humanística. Para formular a proposta, a comissão teve como base a consulta pública pela Internet e três audiências públicas que contaram com a participação da comunidade acadêmica, empresas representadas pelas associações especificas (ANJ, ANER, ABERT, ABRACM) e profissionais do setor, e representantes da sociedade civil (OAB, ABI, CNBB, ABONG, dentre outras).

Dentre as alterações contidas nas diretrizes aprovadas destacam-se, como exemplos, a valorização, especificidade e maior identidade dos cursos de Jornalismo, considerando que o diplomado no curso será Bacharel em Jornalismo e não mais diplomado em Comunicação com Habilitação em Jornalismo. As novas diretrizes propõem uma maior interdisciplinaridade e maior integração entre teoria e prática e a regulamentação do estágio supervisionado de 200 horas. Destacaria também o fato de que a partir de agora a carga horária dos Cursos de Jornalismo aumentou de 2.700 horas para 3.000 horas. Nas diretrizes aprovadas, a inclusão do estágio obrigatório talvez se constitua no maior impacto para a adequação dos cursos às novas diretrizes.

Em entrevista concedida à revista *IHU On-Line*, em janeiro de 2014, respondendo ao questionamento se a proposição das novas diretrizes para o Curso de Jornalismo foi uma iniciativa essencialmente do governo federal, ou se foi fruto de um movimento mais amplo, dei a seguinte explicação:

> *Constitucionalmente, compete ao Ministério da Educação a regulação e supervisão da educação superior no país, além de manter atualizadas as diretrizes que norteiam todos os cursos de graduação, incluindo-se aí também o de Jornalismo. Considerando que, na última década, várias profissões passaram por mudanças, principalmente o Jornalismo, fazia-se necessário a revisão das diretrizes curriculares, como já havia ocorrido com outros cursos também, buscando o aprimoramento do processo de formação do jornalista. Não se pode negar, no entanto, que, além do governo federal, o FNPJ, a FENAJ, ENECOS e SBPJor, entre outras instituições, vinham já há algum tempo apontando a necessidade da melhoria da qualidade do ensino superior de jornalismo e definição de critérios para normatizar a abertura, credenciamento, renovação e avaliação de novos cursos de Jornalismo. E assim, uma comissão de especialistas da área, sob a presidência do professor José Marques de Melo, foi constituída pela Secretaria de Educação Superior (SESU) para subsidiar o MEC na*

> *revisão das diretrizes que depois de várias audiências públicas e reuniões teve o texto final das propostas das novas diretrizes, síntese do consenso, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e homologadas pelo ministro da Educação, em 2013. A partir da homologação, os cursos de graduação em Comunicação com Habilitação em Jornalismo e os de Jornalismo passam a ser regidos pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, bacharelado.*

As Novas Diretrizes Curriculares propostas pela comissão de especialistas e aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e homologadas pelo Ministro da Educação estão sendo criticadas por não se "pronunciar sobre como se configura o sistema empresarial, oligopólico, firmado sobre a propriedade cruzada de diferentes meios de comunicação, que dá as cartas na mídia e no jornalismo brasileiro". Dentro deste contexto, a revista *IHU On-line* me perguntou: A formação acadêmica deve ser pautada pelas demandas do mercado? E minha resposta foi a seguinte:

> *Este é um tema polêmico, pois há aqueles que defendem que sim e outros que não. Tanto um grupo como o outro possuem argumentos fortes e têm certa razão. No entanto, sob o meu ponto de vista as universidades devem formar cidadãos em várias carreiras profissionais para atuar na sociedade. No caso do Jornalismo, devemos formar jornalistas que vão atuar no mercado, ou como empreendedores, mas com o foco voltado para o interesse público e a defesa dos direitos humanos. A formação acadêmica deve confirmar o compromisso do Jornalismo com a liberdade de expressão. De certa forma, a Universidade, a academia, na área da comunicação, tem estado muito distante do mercado e precisamos dialogar um pouco mais, nos aproximar um pouco mais, quebrando algumas barreiras para que haja uma melhor sintonia entre a academia e o mercado. Não vejo obstáculos ao diálogo no sentido de melhorarmos os produtos, os conteúdos e a formação do próprio jornalista, tendo em vista a necessidade de se prestar um melhor serviço à comunidade. Digo isto porque o Jornalismo, como espaço público de debates, tem que cumprir um papel cada vez mais importante nos processos sociais atuando como suporte na construção da democracia. As Universidades devem seguir um modelo mais aberto e menos engessado, se abrindo mais e interagindo com as comunidades onde seus formandos vão atuar, exercendo a cidadania, cada qual num ramo, numa especialização, numa carreira definida, que pode ser a medicina, a engenharia ou o jornalismo. Por que se questiona a formação do jornalista em relação ao mercado e não se questiona esta relação com nenhuma outra profissão? Por acaso quando um médico ou engenheiro é diplomado andam perguntando se a formação acadêmica deles deve ser pautada pelo mercado ou não? Quantos cursos de Enge-*

nharia são abertos e totalmente voltados para o mercado, para a indústria automotiva, para a metalurgia, polo petroquímico etc.? Acredito que se a Universidade oferecer uma boa formação acadêmica, ela pode contribuir para melhorar os serviços públicos prestados pelo jornalismo e o jornalista vai poder exercer melhor sua cidadania.

A preocupação geral é saber se os cursos de Jornalismo contemplam a complexidade das relações que permeiam a comunicação na sociedade atual e se as redes sociais e a Internet estão causando impactos na produção do conteúdo jornalístico. Exatamente por isso, para atender às novas tendências é que as diretrizes estão mudando, pois estamos vivendo uma verdadeira revolução tecnológica que está impondo e modificando uma nova ordem nas relações humanas e a formação oferecida nos cursos de Jornalismo deve se adaptar aos novos tempos. A passagem do sistema analógico para o digital provocou transformações no campo da comunicação e na prática da produção jornalística.

A tecnologia digital contribuiu diretamente para que a informação pudesse ser processada automaticamente e em larga escala, com alto grau de precisão, além de ter influenciado no processo de armazenamento e recuperação de informações, reduzindo inclusive os custos de produção dos veículos. Com a tecnologia digital, que integra processo de produção e difusão da notícia, sistemas e redes interativas, surgiu uma linguagem capaz de integrar transmitir numa mesma mensagem áudio, texto, fotos, vídeos e gráficos interativos pelo mesmo método, facilitando o sistema de busca da informação.

Na produção jornalística, a tecnologia digital agilizou também a apuração de pautas devido ao acesso a informação provenientes de múltiplas fontes. Da mesma forma que a prática jornalística vem sendo atingida pelas tecnologias digitais, devido as possibilidades de interatividade e participação dos cidadãos, o ensino do jornalismo também já começa a sentir os efeitos, apontando para a necessidade dos cursos de jornalismo repensarem a forma como devem habilitar seus alunos dentro desse novo contexto. Um contexto no qual o profissional de jornalismo já está trabalhando em redações híbridas, graças à convergência midiática, produzindo conteúdos, simultaneamente, para vários veículos e em diferentes plataformas.

* * *

Sou de uma geração que estudou em colégio e universidade públicos (Central e UFBA) onde tinha liberdade e responsabilidades, pois como os do-

centes diziam: "professor não é babá de aluno, se vire!" Constatava este comportamento também na Faculdade de Comunicação, já na condição de professor, mas, particularmente, sempre procurei orientar meus alunos, identificando quando estavam com dificuldades que atrapalhassem o aproveitamento escolar. Sempre fui um bom ouvido, apontando soluções, atitude que me aproximou muito dos alunos.

Como diretor de Campus e coordenador de cursos de Faculdades privadas, conheci o outro lado da moeda, onde o aluno é considerado como cliente. Sempre reagi a essa situação, mostrando-lhes que eles podiam ser clientes da mantenedora, mas, em sala de aula, eles eram alunos e como tal tinham que se portar. Certa feita, um aluno que também era militar tentou me intimidar por ser da Polícia Militar e prontamente o enquadrei, dizendo-lhe que ele podia ser militar e oficial, mas, no quartel dele, porque ali ele era aluno igual aos outros e deveria seguir as normas e a disciplina estabelecida pela instituição. Depois disso, nunca mais me causou qualquer tipo de problema, pois deve ter percebido que estava misturando as coisas.

Senti também, em contato com os pais dos alunos, o quanto as escolas e faculdades passaram a exercer o papel complementar da educação doméstica dos jovens. Isto porque com a mudança dos tempos e das conquistas femininas, os pais passaram a trabalhar fora e a educação básica que antes era transmitida em casa, de pai para filho, passou a ser também uma tarefa das instituições de ensino, pelo menos no entendimento dos pais, que pagavam caro pela formação dos filhos. E isto é cobrado pelos pais que desejam que os professores e coordenadores monitorem a vida dos alunos também fora da sala de aula. Dentre inúmeros vividos, vou relatar dois casos de comportamento, envolvendo pais, alunos e professores, sem citar nomes, por motivos óbvios, que foram parar em minha mesa, para que se tenha uma ideia dos problemas que os coordenadores passaram a enfrentar e serem questionados a resolver nas faculdades privadas.

***

Certa noite, eu estava em meu gabinete quando a secretária comunicou que os pais de uma aluna queriam falar comigo, fazendo-os entrar imediatamente. Sentamos e quando lhes perguntei em que poderia ajudá-los o pai me interpelou, responsabilizando a Faculdade pela gravidez da filha dele que era mantida sob vigilância constante e que ele a deixava todos os dias na porta da

Faculdade e a pegava no encerramento das aulas e que, portanto, o fato só poderia ter ocorrido dentro da Faculdade.

Diante tal absurdo, expliquei que o fato relatado seria praticamente impossível de acontecer dentro de nossas dependências, que não possuía áreas isoladas, mas que poderíamos fazer uma apuração e que deveríamos começar pela frequência da aluna, uma vez que o pai afirmava que ela esteve presente todos os dias. Solicitei as cadernetas e juntos verificamos que, infelizmente, naquele semestre a aluna já estava reprovada por faltas, não tendo frequentado nenhuma aula das disciplinas em que se encontrava matriculada. Ela só havia frequentado as primeiras semanas do semestre. E foi assim que descobrimos que logo após o pai deixá-la, ela fingia entrar e retornava à porta de entrada da Faculdade para se encontrar com o namorado, seguindo para outro local, provavelmente um motel, retornando antes do horário da última aula, quando o pai pontualmente ia buscá-la.

Situação constrangedora e lamentável, mas deixa uma lição aos professores sobre a importância indireta do registro da frequência dos alunos. Aliás, de maneira hilária, contam que um conhecido professor baiano diz que faz chamada individual em todas as suas aulas para não deixar brechas para que qualquer aluno que por acaso venha a cometer alguma infração social, durante o horário da aula, em outro local fora da escola, aproveite-se da displicência do professor em registrar as frequências na caderneta e acabe usando a escola como álibi. Assim, se o infrator não estiver presente, o álibi dele cairá por terra.

Em outra circunstância, certa noite, uma jovem e bonita professora entrou em meu gabinete com uma sacola e, depois dos cumprimentos normais, despejou o conteúdo da mesma em cima de minha mesa. Tomei um susto e perguntei o que aquilo significava, ouvindo o relato, cheio de emoção e sentimento de revolta, da docente, não necessariamente com as mesmas palavras que tento reproduzir abaixo:

– São os presentes que uma aluna daqui tem deixado para mim na secretaria nos dias de minhas aulas. Primeiro me elogiando, depois ficando mais agressiva, passando a me mandar junto às lembrancinhas recados insinuando seu amor por mim. Isso é assédio! E meu marido recomendou que viesse até você para resolver o problema, pois ela descobriu o número de meu celular e passou a mandar mensagens amorosas que foram vistas inclusive por ele [o marido]...

Perguntei se ela conhecia a aluna e fui informado que não, mas que com a ajuda do pessoal da secretaria, que recebia os presentinhos, conseguiu identificá-la como sendo uma aluna de 17 anos, de um dos cursos que oferecíamos naquele Campus. A garota não era nem aluna da professora, mas se apaixonou por ela. A professora queria que eu, como diretor do Campus, e a instituição tomássemos providências, chamando a aluna para uma conversa. Expliquei que aquela situação era *sui generis*, mas que o bom senso recomendava, por ser adulta e responsável, que competia à própria professora a tarefa de procurar a aluna e, de maneira franca e amistosa, comunicar, sem qualquer ponta de preconceito, que respeitava os sentimentos dela, mas que ela não estava interessada e ponto final. Além disso, deveria romper com qualquer possibilidade de alimentar os sonhos dela, pois, de certa forma, ao receber os presentes e não se manifestar, ela estaria alimentando o projeto estratégico de aproximação da jovem, levando-a a ser mais ousada, mesmo sem se apresentar, quando passou a enviar mensagens pelo celular.

A professora reagiu dizendo que, de maneira nenhuma, faria aquilo, pois a responsabilidade era da faculdade e eu como diretor do campus tinha que resolver a questão. Argumentei que o caso era muito delicado, pois se chamasse a aluna, automaticamente, eu o estaria fazendo em nome da faculdade e que poderia ser interpretado como se estivéssemos acusando de homossexual uma menor de idade, numa atitude preconceituosa e que poderia gerar processos, contra a UNIBAHIA e à minha pessoa, movidos pelos pais dela. A professora começou a entender que a situação poderia se agravar, mas não se deu por satisfeita. Não aceitou a recomendação de conversar pessoalmente com a garota e de cortar todos os possíveis laços que pudessem estar alimentando os sonhos da jovem. Ela preferiu se demitir da faculdade.

***

Várias foram as situações que tive que enfrentar, extra minhas responsabilidades de diretor e coordenador de cursos, envolvendo a sexualidade dos alunos, preconceitos sexuais, casos de gravidez, brigas de namorados, entre outros, durante minha permanência na UNIBAHIA. Brincando, muitas vezes dizia que meu gabinete havia se transformado em um confessionário e que parecia que me viam como conselheiro sentimental. Ouvia os problemas e, quando possível aconselhava, orientando aqueles que me procuravam no sentido de retornarem ao clima de normalidade sem prejuízos para a continuidade de seus estudos.

Tenho a consciência tranquila de que orientei e ajudei no que pude a todos que me procuraram, encontrando palavras de apoio e tentando resolver seus respectivos problemas, dentro e fora da sala de aula. Sabedores do que eu fazia, alguns colegas, professores, chegaram até, pejorativamente, a me chamar de "fiscal de xoxota", porque até os pais queriam que a faculdade cuidasse de suas filhas, evitando que tivessem outros envolvimentos ou viessem a ter gravidez indesejada.

Faço estes relatos para mostrar que cada vez mais os alunos estão chegando à universidade mais cedo, ainda na adolescência, a partir dos 16 anos de idade, e para registrar que os professores das instituições de ensino superior não estão preparados para enfrentar certas situações, respeitar e aceitar a diversidade de valores e opções relativos à sexualidade. É obvio que não compete aos professores universitários fazer julgamentos preconceituosos, mas também é uma verdade que precisamos enfrentar a situação com os pés no chão, enfrentando a realidade que o país atravessa nesse sentido, de transformações e mudanças de comportamento social, de inclusão social e de luta contra a homofobia. Sei dos problemas enfrentados por homossexuais porque tenho vários amigos que são assumidamente gays e que relatam as discriminações sofridas.

Foi a partir de meados da primeira década deste século que os parâmetros curriculares nacionais sobre orientação sexual começaram a ser debatidos e introduzidos em escolas de primeiro e segundo graus. No entanto, os docentes universitários não estão preparados para enfrentar estas situações, complexas e polêmicas, que precisam ser mais debatidas, indo além dos limites impostos pelos preconceitos, pois cada dia que passa reivindica-se, com mais vigor, a inclusão da categoria gênero nos estudos dos fenômenos sociais, com o objetivo claro de garantir a equidade como princípio, combatendo-se, assim, as discriminações. Precisamos refletir com mais intensidade na Universidade o princípio da equidade entre os gêneros e valorizar a dignidade e individualidade dos seres humanos.

***

Estava desempenhando minhas funções de coordenador dos cursos de Jornalismo da Faculdade da Cidade e da FTC quando um velho amigo, Robério Marcelo, me telefonou para informar que a UFRB estava lançando um edital para seleção de professor e que talvez eu me interessasse pelo concurso, tendo em vista a crise que começava a se abater sobre as faculdades privadas. Não deu outra. Candidatei-me e prestei o concurso público no qual fui aprovado em

primeiro lugar e, no dia 4 de agosto de 2008, fui empossado como professor Adjunto da UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, passando a integrar o quadro docente do Curso de Jornalismo da IES, recomeçando novamente a carreira docente em uma Universidade Federal e, pela primeira vez, em regime de dedicação exclusiva.

Na UFRB reencontrei vários colegas e amigos de profissão, além de ex-alunos da graduação que agora, com mestrados e doutorados concluídos, estão exercendo também a função de educadores. Compõem o colegiado de Comunicação/Jornalismo da UFRB os seguintes professores: Alene Lins, Carlos de Jesus Ribeiro, Hérica Lene, Jorge Cardoso, Juciara Nogueira, Juliano Mascarenhas, Jussara Maia, Leila Nogueira, Luiz Nova, Márcia Rocha, Maria de Fátima Ferreira, Péricles Diniz, Rachel Severo, Renata Pitombo, Robério Marcelo Ribeiro e Sérgio Mattos. Desses, sete foram meus alunos de graduação no Curso de Jornalismo da FACOM/UFBA.

Trata-se de um grupo heterogêneo, rico de experiências profissionais práticas e teóricas, expressadas na produção acadêmica, literária e na prática da extensão universitária. O grupo também está mesclado por professores mais velhos, como eu e Robério, com os de meia idade e os professores mais jovens, cheio de gás e de ideias que vão, com toda a certeza, garantir e contribuir para o crescimento do curso e da própria Universidade. O importante é que as ideias e as disputas pela aprovação das mesmas sejam feitas num clima democrático, onde as divergências de pensamento podem entrar em conflito, mas que estes nunca sejam transformados em questões de ordem pessoal, gerando inimizades. O respeito às ideias e pensamentos divergentes devem ser mantidos para que o bom clima de amizade do grupo favoreça ao crescimento do coletivo e que a Universidade cumpra o seu papel como instituição plural e não entre na mediocridade do pensamento único.

O meu entusiasmo com o ensino do Jornalismo continua sendo o mesmo dos primeiros anos na década de 1970 quando na UFBA. A minha dedicação e a vontade de transmitir aos alunos o pouco que sei, retornaram sob a forma de homenagem: fui patrono e paraninfo das duas primeiras turmas de Jornalismo da UFRB. No ano de 2010, quando estava completando 45 anos de jornalismo fui escolhido como patrono da segunda turma de Jornalismo da UFRB. Na

oportunidade fiz, no discurso[15] de agradecimento, algumas reflexões das quais transcrevo alguns trechos:

> *Neste ano [2010] completo 45 anos de jornalismo, contando o tempo a partir do momento em que comecei a publicar meus primeiros textos em jornais. Confesso que continuo acreditando, como quando me iniciei na mais dinâmica de todas as profissões, nos compromissos do jornalista com a verdade e de servir à sociedade com ética.*
>
> *Todos sabem que ao longo desse tempo o mundo mudou. O fazer jornalismo se transformou com os avanços tecnológicos. Ser jornalista no mundo competitivo de hoje não é fácil. Mas sabemos também que o jornalismo permanece como uma das melhores profissões do mundo, uma profissão dinâmica, uma profissão que não vai torná-los milionários, mas que pode gratificar, a cada um, pela sensação do dever cumprido.*
>
> *Jornalismo é uma profissão para realizadores; para pessoas que não são acomodadas; para pessoas que não estão preocupadas apenas com o próprio ego. Aliás, todos esperam que o jornalista faça coisas úteis e que pense na coletividade, antes de pensar em si mesmo.*
>
> *A partir de hoje, como portadores de diploma de nível superior, como bacharéis em Jornalismo, não pensem que logo estarão ocupando importantes cargos na imprensa nacional. Antes, procurem, mais do que durante os quatro anos de Universidade, se aperfeiçoar no que sabem fazer. Procurem executar suas tarefas com perfeição, da melhor forma possível.*
>
> *Dediquem-se com paixão às suas missões jornalísticas independente da importância ou tipo de veículo e da região onde estejam trabalhando. Saibam aproveitar as oportunidades, com profissionalismo e respeitando as questões éticas, cumprindo seus deveres antes de bradar por seus direitos. Procurem aprender com os próprios erros, pois só assim alcançarão o sucesso almejado.*
>
> *Meus caros formandos, confesso a vocês, sem resquícios de romantismo ou pieguice, que se tivesse hoje que recomeçar a vida profissional, escolhendo uma profissão de nível universitário, podem ter certeza, não hesitaria, escolheria ser jornalista, apesar de tudo o que se tem feito para desvalorizar esta profissão cujo maior compromisso é com a verdade e com a sociedade.*
>
> *As funções sociais básicas do jornalismo são informar, educar e fiscalizar. Para exercê-las, é necessário SER JORNALISTA com letras maiúsculas, como se fossem para compor a manchete da primeira página do jornal. Portanto, pretendo, agora, passar para vocês o que penso sobre o que é ser jornalista e espero que internalizem essas reflexões para cumprir com o*

[15] A integra do discurso foi publicada no dia 15/2/2011 na edição 629 do *Observatório da Imprensa*.

dever profissional, sem temer as ameaças e sem se deixar envolver em situações espúrias.

Ser jornalista é não perder a capacidade de sonhar, de acreditar num mundo melhor e de ousar. É estar em constante processo de atualização e sempre atento às questões éticas.

Ser jornalista é saber ouvir e dar voz a quem não tem. Ser jornalista é saber respeitar a opinião dos outros.

Ser jornalista é não servir de instrumento a interesses econômicos e político-partidários.

Ser jornalista é ter consciência de que o papel da imprensa é fiscalizar os poderes, público e privado, e denunciar o que tem de errado, sem omitir o que está acontecendo de bom. Ser jornalista é ter consciência de que seu papel é investigar antes, para denunciar depois.

Ser jornalista é saber educar por meio da informação. É saber a diferença entre opinião e informação.

Ser jornalista é buscar a simplicidade, é ter certeza de que não é o dono da verdade, é lutar contra a arrogância que tanto tem contribuído para esvaziar a credibilidade do jornalismo.

Ser jornalista é saber que a credibilidade é fundamental para a profissão. É ter consciência de que para se construir credibilidade se leva muito tempo, mas, para destruí-la, bastam apenas alguns segundos. Ser jornalista é lutar contra todo tipo de cerceamento às liberdades fundamentais do homem, preservando o direito de acesso às informações e o direito à privacidade dos cidadãos.

***

Na UFRB, durante a administração do Reitor Paulo Gabriel Soledade Nacif, fui designado para elaborar o projeto e implantar a editora da UFRB, cujos primeiros livros começaram a ser publicados no final do ano de 2012. Com a implantação da editora da UFRB dei sequência a uma das minhas atividades preferidas e perseguidas ao longo de toda a minha história de vida: construir e editar livros, multiplicando o conhecimento. De certa forma, com a implantação da editora da UFRB deixo também uma marca pessoal na história desta nova instituição de ensino, a segunda Universidade Federal a ser implantada na Bahia e que, pelo seu perfil, de instituição multicampi, atuando em todo o Recôncavo da Bahia, tem tudo para se transformar numa das maiores Universidades da Bahia, pois já nasceu com um corpo docente qualificado, cheia de doutores nas mais diversas linhas do conhecimento.

***

No ano de 2014, quando o Golpe Militar de 1964, que tanto marcou minha geração, completou 50 anos, passou-se a discutir em todos os níveis, principalmente nas Universidades as consequências do regime de exceção, os impactos sobre o nosso desenvolvimento e principalmente sobre a mídia que vem sendo cobrada devido ao comprometimento da mesma com a ditadura militar. No dia 31 de março de 2014, fui convidado a proferir a Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, compondo a mesa em companhia dos doutores Sônia Aguiar Lopes e César Ricardo Bolaño, que funcionaram como debatedores. O tema discutido foi "Herança do Golpe Militar de 1964 no sistema midiático brasileiro", um assunto sobre o qual venho estudando há mais 30 anos, publicando artigos e livros.

Destaquei os aspectos positivos e negativos do regime na construção na infraestrutura necessária e do financiamento oficial para o desenvolvimento da mídia brasileira, ao mesmo tempo em que mostrei como a mídia ficou financeira e economicamente dependente do sistema, favorecendo a que se tornasse submissa para obter benesses ou censurada quando tentasse reagir às normas vigentes.

Tentei passar para os presentes o princípio de que para entendermos o que aconteceu e como aconteceu, é necessário que se analise o contexto histórico que vivíamos na época. Um contexto de Guerra Fria, quando o mundo estava dividido em dois blocos e tudo era feito no sentido de defender os valores que cada um dos grupos achava que era o certo. A partir daí, discutimos o como e o porquê a mídia brasileira, de modo geral, compactuou com o Golpe nos primeiros anos, mesmo diante da violenta repressão e suspensão dos direitos individuais e coletivos, com a prisão de jornalistas, escritores e cassação de políticos. A mídia só começou (com exceção da imprensa alternativa) a denunciar o sistema a partir do Ato Institucional nº 5, que radicalizou o movimento atingindo os interesses de grupos econômicos, políticos e dos veículos de comunicação.

Historicamente, a mídia brasileira, os grandes jornais de opinião, vinha conspirando a favor do pensamento político norte-americano desde o após guerra, tendo esta tendência se intensificado durante a década de 1950, chegando ao ápice em 1964. Agora, estamos assistindo ao *Mea Culpa* e a pedidos de desculpas à sociedade por terem compactuado com o Golpe. Com a história se

aprende muito, pois, apesar de estarmos agora vivendo um período de liberdade democrática, a mídia brasileira continua sofrendo, não mais a censura policial-militar do regime de exceção, mas um tipo de censura muito pior e hipócrita, que é a censura econômica.

Apesar de a censura oficial, formal e regimental ter acabado com a promulgação da Constituição de 1988, continuam a existir variadas e novas formas e instrumentos que visam o controle do fluxo da informação e de conteúdo por meio da manipulação sutil da informação, quando a imprensa perde a capacidade de estabelecer diferenças e passa a trabalhar os fatos, baseando-se em generalizações, por meio do constrangimento, da omissão e da indiferença. Atualmente, um dos principais problemas de censura enfrentados pela imprensa brasileira refere-se às decisões e interpretações da justiça.

Os debates em torno dos malefícios do Golpe, um regime de exceção que durou 21 anos, são positivos no sentido de que todos possam internalizar o sentimento de que nenhum regime ditatorial, seja ele de direita ou de esquerda, é bom. Tendo consciência disso podemos firmar bases sólidas para a construção de uma democracia forte, onde os direitos da cidadania estejam em primeiro plano, desde que saibamos combater a corrupção e valorizar os direitos individuais e a liberdade de imprensa no mundo de hoje, onde as tecnologias digitais estão acabando com as fronteiras e o cidadão está cada vez mais participante. A construção da democracia se faz com o respeito à diversidade de opiniões, com bom senso, entendimento e acordos entre as partes.

***

Em relação aos meus atos, aos meus empreendimentos e projetos, posso afirmar que NÃO me arrependo do que fiz, do que construí, nem de ter me arriscado, de ter tentado, de ter participado, de ter ocupado espaços e de ter contribuído, como cidadão, na construção de um mundo melhor. Arrependo-me, porém, do que NÃO fiz e que poderia ter feito, do que foi adiado e não concretizado. Arrependo-me de ter, de alguma forma, machucado os sentimentos de algumas pessoas, com meus atos ou com o que eu disse ou deixei de dizer, quando precisei tomar decisões de ordem pessoal ou profissional, sem ter premeditado ou ter tido a intenção, mas que acabei ferindo. Arrependo-me da maneira egoísta de como tenho usado o meu tempo e de não ter dedicado maior atenção aos filhos, netos, amigos e, principalmente, a minha mulher, pelas horas passadas no gabinete, trabalhando, construindo livros e desenvolvendo pensa-

mentos e ideias. Reconheço minha culpa e peço perdão pela falta de atenção, na esperança de que possa me corrigir no tempo futuro que me resta.

Acredito na vida e tenho esperanças de um mundo cada vez melhor, sem desigualdades e sem violência, pois, como diz o ditado, "o futuro pertence a quem acredita na beleza de seus sonhos". De certa forma me desnudei ao longo desta narrativa da história de minha vida. Em 2011, no livro Essência Poética publiquei um poema intitulado "Esfinge" que tem muito a ver com essa história:

Fantástico!
Sou enigmático
e sarcástico.
Sou poeta emblemático
ou apenas problemático?
Na fantasia provinciana
sou o que não fui.
Pareço ser o que não sou:
Amante ardiloso
e profissional poderoso...
Na corrida enlouquecida da vida
tenho sido clandestino.
Tenho sido combatido,
mas abro caminhos, no destino,
para outros saírem da mediocridade
e vencerem suas fragilidades. (2010)

De certa forma, concordo com Mário Quintana quando disse que "minha biografia são meus poemas, meus poemas são eu mesmo. Nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão". Enfim, na soma do todo, fiquei com um saldo positivo, porque soube puxar o fio da meada e construir o agasalho adequado para enfrentar os altos e baixo da vida, sempre procurando manter em harmonia o que penso, o que digo e o que faço.

O ano 2014 terminou com a chegada de mais um neto, filho de Rafael e de Alice, Henrique Girwood Mattos, que nasceu no dia 28 de dezembro, abrindo-me novos caminhos e possibilidades de assumir o meu papel de avô, de marido e de amigo, dedicando mais atenção a todos eles. Como disse Rachel de Queiroz: "Netos são como heranças: você ganha sem merecer".

A chegada de mais um neto significa, para mim, um novo começo, um novo descortinar da vida.

[110.]

Integraram a Comissão de Especialistas do MEC, que formulou propostas para as Novas Diretrizes de Jornalismo, em sentido horário, os seguintes professores doutores: Carlos Chaparro, José Marques de Melo (presidente), Alfredo Vizeu, Lúcia Araújo, Sônia Virgínia Moreira, Luiz Gonzaga Mota, Sérgio Mattos e Eduardo Meditsch.

Foto: Juciara Nogueira

[111.]

Em 2012, quando completei 30 anos da conclusão do meu doutorado, o Centro de Artes, Letras e Humanidades (CAHL), da UFRB, me distinguiu com uma placa comemorativa. Na foto, a diretora do CAHL, Geogina Gonçalves, me entregando a placa. Outro homenageado, pelo mesmo motivo, no evento, com direito a depoimento dos homenageados e de professores e alunos, foi Robério Marcelo Ribeiro.

ANEXOS

ANEXO 1

ESBOÇO DA GENEALOGIA DA FAMÍLIA PATERNA

Aqui pretendo apresentar um esboço da árvore genealógica da família paterna. O nome de família de meu pai, Mattos, tem origem em uma série de casamentos entre membros de famílias tradicionais do Ceará tais como Brasil, Mattos, Castro e Ramos. Por uma questão lógica, começo a explicar as origens dos Mattos, de meu avô, e, em seguida, as origens dos Castro de minha avó paterna.

OS MATTOS, família de meu avô paterno

De acordo com a pesquisadora Glacy Weber Ruiz,[1] a origem do sobrenome Mattos é toponímica, tendo sido adotado de um lugar que tinha essa designação, na Comarca de Lamego, em Portugal. Segundo a pesquisadora, o sobrenome Mattos provém de D. Egas Hermigas, bisneto de D. Ramiro II, Rei de Leão. Segundo ela, D. Egas teria fundado o convento do Freixo e a Quinta Mattos. O filho e herdeiro dele, D. Hermigio de Matos, seguiu a linhagem. Há documentos que indicam que D. Hermigio de Matos era senhor daquela quinta e que ainda possuía outras por sua honra.

Segundo alguns genealogistas cearenses, a primeira referência que se tem do nome do ramo familiar identificado como **Brasil de Mattos**, no Estado do Ceará, está relacionada a uma sepultura, no município de Aquiraz, onde se encontram os restos mortais de Alcides Montano Brasil de Mattos, que morreu vítima de uma epidemia de cólera que dizimou parte da população da então Vila de Aquiraz, por volta de 1865. Por analogia, este cidadão possivelmente foi meu pentavô, mas não consegui obter registros que me dessem esta confirmação. Digo que por analogia porque um dos filhos de meu tataravô foi batizado com

---

1 RUIZ, Glacy Weber. Origem do sobrenome Mattos, disponível em: www.familiasilvamattos.com.br/mattos.html.

o mesmo nome, na íntegra, como era costume quando se pretendia homenagear o amigo ou parente morto.

E assim, outro cidadão também chamado **Alcides Brasil de Mattos** (1835-1908), casado com **Benvinda Brasil de Mattos** (1836-1898), meus **tataravós**, tiveram seis filhos: 1)Alcides Montano Brasil de Mattos, nascido em 30 de setembro de 1868, casado com Maria Joaquina da Câmara Mattos (1865-1961), com quem teve uma filha, Marta Brasil de Mattos que por sua vez casou com Raimundo Lopes Teles e não teve filhos; 2) **Joaquim Brasil de Mattos**, casado com **Adelaide Porto de Lima**, meus bisavós, 3) Benvindo Brasil de Mattos; 4) Benvinda Brasil de Mattos; 5) Anna de Mattos Oliveira, casada com Francisco Ibyapina Rodrigues de Oliveira, que tiveram um filho Francisco Ibyapina de Mattos Oliveira, nascido em 1889; e, 6) Jovita Brasil Façanha (1860-1946), filha natural de Alcides, casada com Antonio Gualberto Façanha, com quem teve um filho Pedro Brasil Façanha.

Joaquim Brasil de Mattos e Adelaide Porto Lima de Mattos, meus bisavós, tiveram quatro filhos: **Amarílio Brasil de Mattos** (1884-1941) casado com **Clarice de Castro Mattos** (1886-1982), **meus avós paternos**; Benvindo Lima Brasil, José Alcides Brasil de Mattos e Joaquim Achiles Brasil de Mattos (1892-1971). O irmão caçula de meu avô, Joaquim Achiles Brasil de Mattos, casado com Maria José da Cruz Mattos, gerou dez filhos: Francisco da Cruz Mattos, Paulo da Cruz Matos, Benvindo da Cruz Matos, Adelaide da Cruz Matos, Edite da Cruz Matos, Francisco de Assis Matos, Amarílio da Cruz Matos, Wilson da Cruz Matos e Eunice da Cruz Matos.

Amarílio Brasil de Mattos e **Clarice de Castro Mattos** (**meus avós**) se casaram no dia 26 de junho de 1915, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Fortaleza. Dessa união nasceram oito filhos:

1. **Alcides de Castro Mattos** (21/6/1916-2010) casado Elsa Latine de Mattos, com quem teve duas filhas: Rose Latine de Mattos e Ilizabeth Latine de Mattos.
2. **Alípio de Castro de Mattos** (1919-??), casado com Rita Pires, já falecida, com quem teve um filho, o arquiteto Carlos Alberto Pires de Mattos, casado com Eliane Mattos, em primeiras núpcias, teve dois filhos; além de terem adotado uma criança negra de nome; **Leila Pires de Mattos**, já falecida;

3. **Adelaide Mattos Carvalhedo** (26/3/1919 – 31/01/2013) casada com Walmir Barbosa Carvalhedo, militar já falecido que chegou à patente de general do exército. Tiveram seis filhos: a) Francisco de Assis Mattos Carvalhedo, militar reformado; b) José Edilson Mattos Carvalhedo, engenheiro mecânico, casado com Lenir Pereira Carvalhedo, com quem teve dois filhos: Patrícia Carvalhedo (mãe de Kin e Gael) e Mônica Carvalhedo (mãe de Enzo); c) Maria Imaculada Mattos Carvalhedo Studart, casada com João Osvaldo Studart, com quem teve três filhos: Jeferson, Julia e João Osvaldo. Jeferson Carvalhedo Studart é casado com Renata Bohré, com quem teve três filhos: Clarice, Lucas e Mateus; João Osvaldo Carvalhedo Studart é casado com Paola Targino, com quem teve dois filhos: João e Luiza; Julia Carvalhedo Studart é casada com Olimpio Galdino Neto, com quem teve três filhos Gabriela Studart Galdino (mãe de Beatriz), Camila Studart Galdino e Olimpio Studart Galdino; d) Ana Maria Mattos Carvalhedo Reis, artista plástica, casada com Sérgio Dias dos Reis, com quem teve quatro filhos: Andréia, produtora de eventos, que foi casada com Cid Gomes com quem teve um filho: Rodrigo Dias Filho; Sérgio Ricardo Dias dos Reis (pai de Mateus); Alexandre Carvalhedo Dias Reis e Ariane Carvalhedo Reis, doutora em turismo, casada com Pedro Lira com quem teve uma filha: Clara Carvalhedo Lira; e) Maria Luíza Mattos Carvalhedo, engenheira civil, casada em primeiras núpcias com Francisco Torquilho, engenheiro e professor universitário, com quem teve quatro filhos: Karine, Igor, Natalie e Nicole. Karine é casada com Sergio Barbosa Catão, com quem teve um filho: Gabriel; Igor Carvalhedo Torquilho é casado com Lívia Barros Lins Torquilho; Natalie Carvalhedo Torquilho (solteira) é médica; Nicole Carvalhedo Torquilho (solteira) é odontóloga; f) Virgínia Mattos Carvalhedo, engenheira mecânica, casada em primeiras núpcias com Sérgio Mota, com quem teve três filhos: Sergio Augusto, Alex e Leo. Sergio Augusto Carvalhedo Mota é casado com Sabrina; Alex Carvalhedo Mota é casado com Iza Sales Mota com que tem um filho: Guilherme Sales Mota; Leo Carvalhedo Mota é solteiro.

4. **Áurea de Castro Mattos**, nascida em 1920, tendo morrido com oito meses de idade.

5. **Geraldo de Castro Mattos** (3/8/1921-??), casado com Lourdes Pires, que tiveram três filhos:a) Sônia Maria Pires de Matos, arquiteta, casada em

primeiras núpcias com Marco Aurélio com quem teve dois filhos Alexandre e Adriana; b) Lúcia Maria Pires de Matos, arquiteta, viúva sem filhos; e c) Geraldo Pires de Matos, engenheiro, casado com Lucimar, com quem teve dois filhos.

6. **José de Castro Mattos** (4/5/1923 - Fortaleza - 4/7/2001 - Salvador; casado com **Maria Helena Soares Mattos** (15/4/1929-30/1/1993) **meus pais**, tiveram sete filhos: a) Sérgio Augusto Soares Mattos (1/7/1948), jornalista e doutor em comunicação, casado em primeiras núpcias com Maria Helena de Medeiros Chaves Mattos, jornalista, com quem teve dois filhos: a psicóloga Paula de Medeiros Chaves Mattos(25/1/1973), solteira sem filhos, e o advogado Rafael de Medeiros Chaves Mattos (9/1/1977) casado com Alice Helena Girwood Mattos (01/01/1979), mãe de Giovana Girwood de Lacerda (10/7/1998), Sofia Girwood Mattos (26/6/2002) e de Henrique Girwood Mattos (28/12/2014). Sérgio casou-se novamente com Denise Orrico de Araújo Mattos no ano de 2003, tendo antes mantido uma união estável consensual, por quase dez anos, com a pedagoga Heloísa Helena Dias Lima Soares. Não tendo novos filhos, apenas enteados; b) **Amarílio Aderson Soares Mattos** (17/2/1951) administrador, casado com Edileusa Brandão Matos, com quem teve dois filhos: o médico veterinário Leonardo Brandão Mattos (10/12/1979) casado com Joyara Menezes Freitas Matos (5/10/1992), pais de Ana Maria Menezes Freitas Matos (03/1/2013), e a jornalista e publicitária Rebeca Brandão Matos e Souza (21/1/1983) casada com Paulo de Tarso Ribeiro e Souza (4/8/1980), pais de Theo Brandão Mattos de Souza (4/8/2014); c) **Mauro César Soares Mattos** (13/9/1952), casado com Ana Lúcia Souza Mattos (28/07/1957) adotaram Gabriel Souza Mattos (6/11/1985), que casou e se separou de Acça Jaena Leite Maia, com quem teve as gêmeas Mariana Leite Mattos e Luana Leite Mattos, nascidas em 15 de abril de 2008; d) **Maria da Penha Soares Mattos Cavalcante** (12/2/1958), economista, casada com Jorge Farias Cavalcante (1949-2006) com quem teve três filhos: Erika Mattos Cavalcante (15/06/1981), Alexandre Mattos Cavalcante (30/07/1983) e Bruna Mattos Cavalcante (27/03/1986); e) **Cláudio Soares Mattos** (11/11/1960), casado em primeiras núpcias com Deise Maria de Matos Mutti, com quem teve dois filhos: Marília Mutti Mattos (7/4/1994) e Victor Mutti Mattos (8/9/1995). Depois da separação da primeira esposa, vive, em união estável com Cláudia Oliveira Del Rei f)

Lúcia Helena Soares Mattos (18/4/1964) que é mãe de Pedro Henrique Soares Mattos (19/12/1992); e g) Daniel Soares Mattos (3/11/1966), casado com Maria José Teixeira Mattos (16/5/1966) com quem teve três filhas: Alice Teixeira Mattos (16/4/1997), e as gêmeas Hannah Teixeira Mattos e Luma Teixeira Mattos (23/7/2002).

7. **Maria José Mattos Alexandrino** (15/5/1925), casada com João Menezes Alexandrino, militar de carreira, já falecido, com quem teve um filho: Carlos Frederico Menezes Alexandrino, casado em primeiras núpcias com Niedja Maria Melo Luna com quem teve João Menezes Alexandrino Neto. Em uma segunda relação com Elaine Pereira Freitas teve uma filha chamada Erica Pereira Alexandrino e, numa terceira união, com Suzy Mary Cavalcante Rolin, teve mais três filhos: Michelle Rolin Alexandrino, Carlos Frederico Menezes Alexandrino Filho e Emily Rolin Alexandrino.

8. **Gracilia Mattos Mascarenhas** (8/2/1933), casada com Jurandir Mascarenhas, com que teve dois filhos: a) Paulo César Mattos Mascarenhas (12/4/1958), engenheiro civil e advogado, casado com Ângela Alves Julião, médica e servidora pública da Receita Federal, com quem teve dois filhos: Arthur Julião Mascarenhas (nascido a 7/12/1989) e César Julião Mascarenhas (nascido a 21/6/1994); eb) Maria Cristina Mattos Mascarenhas (9/10/1959), arquiteta, casada com João Batista Lima, comerciante, com quem teve dois filhos: Andre Henrique Mascarenhas Lima (12/12/1989) e Ana Paula Mascarenhas Lima (03/06/1993).

OS CASTRO, família de minha avó paterna

Castro é um sobrenome de origem geográfica, ou seja da vila de Castro Xeres. Castro vem do latim *Castrum*, que significa um lugar fortificado. Conta a história que o proprietário da Vila de Castro Xeres, D. Rui Fernandes de Castro, Rei de Castela, em 1123, teria sido a primeira pessoa a usar esse sobrenome. O primeiro a usar o sobrenome em Portugal foi D. Pedro Fernandes de Castro, no tempo de D. Afonso IV, rei de Portugal, em 1325. No Brasil, inúmeras foram as famílias que adotaram o sobrenome em diversas regiões do país. Exatamente por isso e considerando também que o sobrenome foi adotado pelos judeus

a partir do batismo forçado à religião Cristã, os Marranos[2], a partir de 1497 para fugir da ex-comunhão e da perseguição da Santa Inquisição, não se pode afirmar que todos os Castro são de origem judaica, de judeu convertido, ou de nobres português e espanhóis.

Tendo como base os arquivos inquisitoriais da Torre do Tombo, a professora e pesquisadora da USP, Anita Novinsky[3], chegou a várias conclusões. Entre outras, ela concluiu que a maioria dos sobrenomes marranos, no Brasil, reflete as cidades ou aldeias de onde vieram; a maioria dos sobrenomes marranos foi copiada de antigas famílias da aristocracia portuguesa; praticamente todos os sobrenomes marranos repetem os sobrenomes de famílias portuguesas que têm brasões de armas.

Outro pesquisador brasileiro, Flávio Mendes de Carvalho, no livro intitulado *As Raízes judaicas no Brasil*, apresenta uma longa lista com os sobrenomes de cristão-novos, brasileiros ou residentes no Brasil, que foram condenados pela Inquisição nos séculos XVII e XVIII. A relação dos sobrenomes está nos arquivos da Torre do Tombo em Lisboa. Dentre os nomes da lista constam os sobrenomes relacionados ao de minha família paterna: **Castro, Ramos e Mattos**. No entanto, isso não quer dizer que sejamos descendentes dos cristãos-novos ou dos cristãos-velhos. Também não se pode afirmar que todas as pessoas que carregam o sobrenome Castro, nas diversas regiões do país, sejam parentes porque inúmeras famílias adotaram esse sobrenome devido à origem geográfica.

Muitas são as fontes e as origens dos Castros no Ceará. No entanto quem melhor descreve a origem do sobrenome Castro é o autor do livro *Castro-Tesouro de família*, Samuel Castro. Segundo ele,

> *a geração mais antiga [dos Castro] inicia-se no ano de 418 com os reis visigodos que habitavam a região situada entre os montes Cárpatos e o Vale do Rio Danúbio, onde atualmente está a Hungria. Nossos ancestrais visigodos, saindo da região de origem, invadiram Atenas em 395 e, poste-*

[2] Marrano, palavra de origem hebraica, significa "transformado/convertido à força". O termo foi adotado para se referir aos judeus que haviam sido transformados à força em cristão nos séculos XV, XVI e XVII. Os Marranos portugueses estão entre os primeiros a chegarem ao Brasil, fugindo das perseguições do "Santo Oficio". Segundo registros históricos, a primeira inquisição foi realizada no Brasil no ano de 1591.

[3] NOVINSKY, Anita. O mito dos nomes marranos. In: Revue des Études Juives, Tome 165 Juillet 2006-décembre, Fascículo 3-4, p. 445-456. Disponível: http://dc391.4shared.com/doc/gbcD8_r0/preview.html Acesso em 28/4/2012.

> *riormente, se instalaram na Galícia Ocidental, onde fundaram seu reino em Toullouse. Expulsos em 507 transferiram-se para Toledo, na Espanha, onde o reino perdurou até 711. Posteriormente, ainda na Espanha, membros da família instalaram-se no castelo da cidade de Castrojeriz (Castela), local onde surgiu o sobrenome Castro, que deriva de fortalezas ou castelos construídos em terrenos elevados. Por volta de 1350, parte da família deslocou-se para o sul, fixando-se em Tuy, divisa com Portugal. Depois se transferiram para o outro lado da fronteira, em Monção, região norte de Portugal. Por volta de 1765 Joaquim Pereira de Castro veio para o Brasil, tendo se instalado na cidade de Livramento na Bahia. Dali seus descendentes espalharam-se para todo o país e o exterior (CASTRO, 2004).*[4]

Segundo pesquisa de Pedro de Albuquerque, os Castro são originários da Galícia e chegaram ao Brasil na segunda metade do século XVII,

> *por ocasião da ocupação da Companhia das Índias; com as levas do filantropo, Nehemis Mendes de Castro, bisneto do agente financeiro Manuel Mendes de Castro de Flandres: Bélgica e Antuérpia. Íntimo de Henrique IV de Inglaterra. Aliás, Henrique de Lancaster. Vale o registro que os ingleses Lancaster são os mesmos portugueses Alencastro. Henrique IV de Lancaster. O fenótipo assevera as suas origens marranas. Cumprindo acrescentar que Afonso de Albuquerque era tio e pai adotivo de Izabel Castro casada com Pedro Álvares Cabral; daí os Cabral de Melo do Brasil. Valendo ainda anotar que Alencastro ou Lancaster, isto é, além Castro. Quer na verdade quer dizer os Castro de lá, ou seja: os Castro de além-mar. Vale este parênteses para bem esclarecer de como os Castro chegaram ao Brasil para, originalmente, fixarem-se no Nordeste sob dominação dos Holandeses. Mais precisamente no Rio Grande do Norte, São Paulo e Rio de Janeiro. Dometila de Castro, a Marquesa de Santos, amante de dom Pedro I, era deste mesmo grupo familiar. Assim como o são os Castro de Cuba (ALBUQUERQUE,2010)*[5].

A colonização do Ceará começou pelo litoral entre os limites atuais de Fortaleza e de Aracati, incluindo Aquiraz[6]. Aracati, que fica a 150 km de Fortaleza, é considerado o berço cearense dos Castro descendentes diretos de José de Castro e Silva, um dos primeiros colonizadores do Ceará. José de Castro e Silva

[4] CASTRO, Samuel de. *Castro – Tesouro de Família*. Disponível em HTTP://capitaodomingos.worpress.com/z-o-livro-doscastro/. Acesso em novembro de 2011.

[5] ALBUQUERQUE, Pedro. A origem dos Castros. Disponível em HTTP://www.pedroalbuquerque.wordpress.com/2010/07 . Acesso em dezembro 2011.

[6] Aquiraz foi a primeira capital do Ceará e seu nome em Tupi significa "água logo adiante".

nasceu na Ilha de São Miguel, Açores, em 1709. Ele chegou a Aracati em 1748 onde se fixou, entrelaçando-se com a família Silva Cruz.

Em 4 de agosto de 1776 nasceu em Aracati José de Castro e Silva, filho de José de Castro e Silva Segundo, Capitão-Mor de Aracati, e de Joana Maria Bezerra, sendo o terceiro na sucessão de família. Foi Capitão-mor, como seu pai, secretário e membro do governo provisório, conselheiro do governo, deputado provincial e chegou a assumir por um ano a província do Ceará, na qualidade de primeiro vice-presidente, em 8 de julho de 1830.

A origem dos Castro do Ceará também está ligada ao então Capitão-mor Bernardo Freire de Castro. Pouco se sabe sobre ele, salvo o fato de que era senhor do Engenho Tamantaduba, na Capitania do Rio Grande do Norte, que, no dia 11 de janeiro de 1701, saiu da tutela da Capitania da Bahia para ficar subordinada à Capitania de Pernambuco e que a sua independência administrativa só ocorreu com a carta régia de 12 de dezembro de 1770. A origem dos Castro do Ceará está vinculada a Bernardo Freire de Castro porque um de seus filhos, o Sargento-mor Leandro Custódio de Oliveira Castro, foi para o sertão do Ceará onde se casou, em 1789, com Eufrásia Alves Feitosa com quem teve dez filhos. Eufrásia era irmã do Capitão-mor José Alves Feitosa e bisneta do Coronel Alves Feitosa.

Lourenço Alves Feitosa de Castro, neto de Leandro Custódio de Oliveira Castro, foi deputado do segundo congresso constituinte do Ceará eleito em 10 de abril de 1892, tendo participado da Constituição do Ceará, contribuindo para a consolidação do regime republicano naquele Estado. Lourenço Alves Feitosa de Castro era filho do Coronel Lourenço Alves de Castro e Luiza Alves Feitosa e Vale, filha do major José do Vale Pedrosa (STUDART, 1913) [7].

Como se pode notar pelo menos dois nomes do ramo familiar foram parar no Ceará e se fizeram por lá: José de Castro e Silva, no ano de 1748, e Leandro Custódio de Oliveira Castro, no ano de 1770. Não consegui identificar se algum descendente de Joaquim Pereira de Castro, que se instalou no interior da Bahia em 1748, também chegou ao Ceará. O importante é que descendentes dos dois primeiros fizeram nome e participaram ativamente da ocupação e desenvolvimento daquele estado. A família Castro teve importante papel no campo de atuação da política, do comércio e da vida social de Aquiraz.

[7] STUDART, Barão. *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, 2º volume, 1913.

Amarílio Brasil de Mattos (meu avô paterno) nasceu no dia 25 de março de 1884 e morreu em 1º de junho de 1941 vítimado por uma "congestão pulmonar", de acordo com o diagnóstico da época. Ele se casou com **Clarice de Castro Mattos (minha avó paterna)**, filha de Afonso Martins de Castro e de Benvinda Ramos de Castro (meus bisavós) . Ela nasceu em 18 de março de 1886 e morreu no dia 14 de março de 1982. Minha avó Clarice teve um irmão, José Ramos de Castro (falecido quando ainda criança) e duas irmãs Evangelina Ramos de Castro e Maria Ramos de Castro. Evangelina casou duas vezes, com dois primos, Casuqué, apelido, e, quando esse morreu, casou-se com Pery Ramos, mas não teve filhos. Pery era irmão do escritor Edgar Ramos de Alencar radicado no Rio de Janeiro. Já Maria Ramos de Castro casou com João Braga e teve dois filhos: Miguel (morto quando ainda criança) e Luiz de Castro Braga que se casou com Rocilda Braga, vindo a ter dois filhos: Luciano, que foi vitimado pela paralisia infantil, e Vera Lúcia. Luiz de Castro Braga, sobrinho de minha avó, ficou como responsável pela administração dos bens dela, após a morte de meu avô, em 1941.

ANEXO 2

ESBOÇO DE GENEALOGIA DA FAMÍLIA MATERNA

É a visão do passado que nos empurra à conquista do porvir.

Miguel de Unamuno

O padre José da Frota Gentil escreveu um livro de 880 páginas intitulado *Os Frotas*, que ele classifica como sendo um Esboço de Genealogia. Trata-se de um trabalho de fôlego no qual ele mapeou o crescimento da família Frota, um sobrenome que serviu de base para inúmeros outros ramos familiares. A reconstrução da árvore genealógica se estendeu até meados da década de 1960. Com um registro minucioso dos casamentos consanguíneos e a manutenção do sobrenome mais forte até a terceira ou quarta geração, padre Gentil conseguiu traçar a evolução e a prosperidade dos Frotas no Ceará de maneira irretocável. Citando o livro *Índice Heráldico nº LXXIII*, de Sanches de Baema, ele fez também o levantamento de como o nome Frota surgiu em Portugal e apresenta detalhes do brasão da família. No trecho transcrito a seguir conservei a grafia original da época, também mantida por padre Gentil. Segundo ele:

> *FROTA – procede esta família de um cavaleiro dos que foram em uma frota do Norte da Europa pelejar contra os mouros, na tomada de Alcácer do Sal (24 de junho de 1158) o qual ficando em Portugal, foi alcunhada o da Frota que depois ficou por apelido. Com Baema concorda a Enciclopédia Portugueza Illustrada, publicada sob a direção de Maximiano Lemos, no volume V, à folha 67: "Frota – família descendente dum cavaleiro dos que vieram em uma frota e pelejaram em Alcácer, o qual ficando em Portugal, foi chamada o 'da Frota'. Teve por armas escudo cortado em faixa; a primeira de ouro e a segunda de vermelho com um leão entrecambado destes esmaltes; timbre, um leão de ouro nascente armado de vermelho" [...]. Confirmando o que diz em livros impressos, alguns dos quais citamos acima, acodem-nos ainda dois preciosos manuscritos da Tôrre do Tombo de Lisboa, que sua conservadora, a ilustre Dra. Emília Félix, nos dá a conhecer no seu explicito teor: "Frotas. A Villa de Palmella e Setubal tem pessoas deste apelido; e no Archivo daquelle Convento há memórias*

> *que os deste apelido viera servir na guerra contra Mouros. Tem por Armas Escudo partido em faxa de ouro vermelho , e sobre tudo hum Leam rompente entresachado do mesmo, Timbre Meyo Leam de Ouro armado de vermelho" [...]. "Noutra letra: Descendem de hum cavaleiro dos que viera em hua frota do Norte a pelejar contra os Mouros na tomada de Alcácer do Sal e ficando estalebecida em Portugal foy chamado o da frota, e este alcunho lhe ficou servindo de apelido. O escudo mostra a nobreza e valor de seu ascendente no ouro e na cor vermelha do escudo e Leão e este deve ser entrecambado co termo na aste da Armaria significa que metade do Leão que fica sobre a cor vermelha deve ser de ouro e a que fica sobre o... de ouro, vermelha. Livro da Armaria que se conserva na Torre do Tombo (Torre do Tombo, MS. Nº 1652, fls.159 v.)" . [...] O primeiro Frota do Norte é Vitoriano Gomes da Frota que aparece casado em Natal, Rio Grande do Norte, no ano de 1740, com Maria Gomes de Sá. [...] O fato de aparecer este primeiro Frota no Norte, quase contemporaneamente com Antonio Rodrigues da Frota em Goiás, leva-nos a supor que ambos teriam vindo na galera "Madre de Deus e Senhor dos Perdões", pois naqueles tempos as travessias do oceano não eram tão frequentes. É provável também que fossem parentes próximos, primos ou mesmo irmãos. [...] Se irmão de Antonio Rodrigues da Frota, seria como ele, do Barreiro, termo de Lisboa, na margem esquerda do Tejo, para onde tinham vindo os antigos Frotas, subindo, pouco a pouco, das proximidades do Alcácer do Sal, para Setúbal, e onde já vimos instituído um morgado (fins do sec. XV ou começos do XVI) por Pedro d'Horta fidalgo da Casa Real casado com Catarina Lourença Gomes da Frota. É para notar o apelido Gomes da Frota, usado por Vitoriano, comum aos seus parentes de dois séculos atraz. A ser Vitoriano mais do norte de Portugal seria dos Frotas que ficaram pelos arredores de Coimbra, onde Álvaro Pires d'Horta, irmão de Pedro acima citado, casado com Margarida Gomes da Frota, sua cunhada, instituíra também outro morgado. Seja como for o que nos consta é que Vitoriano ficou preso às suas terras, em Regomoleiro, arredores de Natal, [...] enquanto o filho Felipe, o único que lhe conhecemos, seguiu para o Ceará (GENTIL, 1967:9-24).*

Minha mãe, portanto, descende dessa família tradicional: Os Frotas, que prosperaram no Ceará e no resto do Brasil. Dos vários ramos da família, entrelaçados entre si muitas vezes, por meio de casamentos consanguíneos, descendem, por exemplo, as famílias Frota Aguiar, Soares Frota, Frota Gentil, Frota Matos, Frota Menezes e inúmeras outras.

A história dos Frotas, no Ceará, começa com a chegada de Felipe Gomes da Frota (1744-12/8/1805), filho de Vitoriano Gomes da Frota e de Maria Gomes de Sá, no ano de 1758. Ele se casou com sua prima, na cidade de Sobral,

Josefa Maria de Jesus Linhares, em 11 de agosto de 1771. Josefa era filha do Capitão-mor português Domingos da Cunha Linhares. Desse casamento surgem os nomes responsáveis pela expansão da família: Inácio Gomes da Frota (1779-1859), José Gomes da Frota, Manuel Vitoriano da Frota, Antonio Gomes da Frota, Maria da Conceição da Frota e Caetana Gomes da Frota.

É de **Inácio Gomes da Frota** que descendem **meus avós maternos**. Inácio prosperou como fazendeiro, conseguindo posição invejável. Sua influência era tal que seu nome figura no "Termo de Instalação do colégio eleitoral da província do Ceará, para eleição dos deputados que devem compor o governo salvador: Aos 28 de agosto do ano de N. S. Jesus Cristo 1824, e primeiro da liberdade e confederação das províncias unidas do equador, nesta cidade do Ceará...". A ata, assinada por todos, traz a assinatura de Inácio na página 311 (Confederação do Equador, art. Na Revista do Instituto do Ceará, 1911) e na página 308 consta também a assinatura de seu irmão José Gomes da Frota, capitão da Guarda Nacional de Sobral. Junto com outros, Inácio Gomes da Frota instituiu o Partido Liberal.

Em 20 de dezembro de 1806, Inácio Gomes da Frota se casou com Ana Joaquina de Jesus Vasconcelos Uchoa, filha do Capitão-mor Manoel Francisco de Vasconcelos. O casal gerou vinte filhos, dentre os quais Alexandre de Maria da Frota Vasconcelos, o quinto dos filhos, e Francisca Maria da Conceição Gomes da Frota, a 14ª dos 20 filhos. Os dois são **meus pentavós**, pois de Francisca Maria descende minha avó **Maria Athayde Aguiar** (nome de solteira) e de Alexandre de Maria descende meu avô **Alexandre Aderson Soares Frota**. Dos filhos de Inácio Gomes da Frota e Ana Joaquina, meus **hexavós**, treze se casaram e deixaram cerca de dez mil descendentes.

Alexandre de Maria da Frota Vasconcelos (1822-1878) casou-se duas vezes, mas foi do primeiro casamento com Ana do Carmo Florinda de Souza (1825-1851) que nasceram três filhos: Francisca Laurinda da Frota, José Inácio de Souza Vasconcelos e Maria Isabel da Frota, **avó de meu avô**. Maria Isabel da Frota (1850-1921) casou-se com Antonio Teodoro Soares (1837-1886) e tiveram sete filhos, sendo o primogênito **José Teodoro Soares, meu bisavô,** Alexandre Teodoro Soares, Messias Teodoro Soares e Antonio Teodoro Soares.

Meu bisavô José Teodoro Soares casou com sua tia Maria Cleonice Frota, filha de seu avô Alexandre Soares, em segundas núpcias com Ana Luzia Soares. José Teodoro e Maria Cleonice casaram-se em 8 de janeiro de 1890

e tiveram Antonio Teodoro Soares, Francisca Nair Soares, **Alexandre Aderson Soares Frota** (**meu avô materno**) e Maria Palmira Soares.

Francisca Maria da Conceição Gomes da Frota, filha de Inácio Gomes da Frota e de Ana Joaquina, casou-se com João Ferreira Gomes com o qual teve cinco filhos. A quarta filha era Ana Benigna Ferreira Gomes da Frota que se casou com Manoel Benicio de Vasconcelos com quem teve nove filhos, sendo o segundo deles Vicente Benicio de Vasconcelos, que se casou com Maria Luiza Rocha com a qual teve duas filhas gêmeas Maria Marfisa Frota Vasconcelos e Maria Athayde Frota Vasconcelos. Maria Luiza morreu do parto em abril de 1887.

Maria Marfisa Frota Vasconcelos (1887-1933) se casou em 1905 com Antonio Rodrigues Aguiar (1875-1965), que são os pais de minha **avó materna Maria Athayde Aguiar Soares** (1910-1984), que se casou com **Alexandre Aderson Soares Frota** (1904-1973), **meu avô.**

Em resumo, meus avós maternos, Alexandre Aderson Soares Frota e Maria Athayde Aguiar, geraram: José Harildes Aguiar Soares Frota, Maria Helena Aguiar Soares (minha mãe), Maria Ione Aguiar Soares Frota, Neuman Maria Aguiar Soares, José Wevergthon Aguiar Soares e Marcelo Renato Aguiar Soares.

José Harildes Aguiar Soares Frota (nasceu 5/5/1927 e morreu em 10/8/1995), casado com Maria Mamede Cysne (21/11/1928). Tiveram oito filhos: 1) Regina célia Cysne Frota Loureiro (16/1/1948 – 21/5/1982), casada com Arley Moreira Loureiro com quem teve um filho: Agnus Frota Loureiro nascido em 24/7/1979; 2) Fernando Antonio Cysne Frota (29/7/1949) casado com Sheila Silva Frota (24/6/1952) com quem teve quatro filhos: a) Ana Cláudia Silva Cysne Frota (22/4/1970), casada com Carlos Roberto Dainez, com que teve dois filhos: Carlos Roberto Júnior (6/12/1996) e Isabela Daimez (12/6/2002); b) Andrea Cysne Frota Maia (16/10/1971) que se casou com Samaroni Maia (3/2/1969) com que teve dois filhos: Luisa (25/4/2000) e Matheus (8/2/2002); c) Fernando Antonio Cysne Frota Júnior (6/6/1975), que se casou com Patrícia Barbosa Cysne Frota (15/4/1978) e tiveram dois filhos: Leonardo Barbosa Cysne Frota (3/10/2007) e Fernanda Barbosa Cysne Frota (25/12/2010); d) Lucas Silva Cysne Frota (4/3/1983); 3) Maria das Graças Cysne Frota Abreu (22/6/1950) casada com Francisco César de Oliveira Abreu (12/6/1951), com quem teve cinco filhos: a) Anelyssa Cysne Frota d'Abreu (23/11/1974) que foi casada com Marcos Jardim com quem três filhos: Bruno d'Abreu Jardim (8/7/2000), Caio d'Abreu

Jardim (29/3/2002) e Sofia d'Abreu Jardim (26/10/2006); b) Myrelle Cysne Frota d'Abreu (19/1/1976) casada com Salih Mirasyedi (16/6/1974) com quem teve dois filhos: Filipe Mirasyedi (20/7/2004) e Daniel Mirasyedi (22/5/2006); c) Rochelle d'Abreu Milovic (23/11/1977) com quem teve duas filhas: Heloísa Abreu de Lima (19/5/1996) e Lia Cysne Milovic (08/12/2006); d) Eric Cysne Frota d'Abreu (31/12/1979) e e) Lylla Cysne Frota d'Abreu (20/2/1981);4) Neuman Luíza Cysne Frota (26/5/1952 – 6/8/2007) casou com Joachim Bielfeldt, sem filhos; 5) George Newton Cysne Frota (2/12/1958) casado com Maria Neuza Saraiva Cysne Frota (12/8/1953) com quem teve três filhos: a) Georgia Saraiva Cysne Frota de Oliveira (8/5/1983) casada com Rodrigo Adil de Oliveira, com quem teve um filho: Lucas Adil Cysne Frota de Oliveira (16/6/2012); b) George Newton Cysne Frota Junior (8/9/1985); c) Cristina Saraiva Cysne Frota (11/10/1989); 6) Ricardo Wagner Cysne Frota (3/5/1964) casou com Carmem Maria Holanda Cysne Frota (31/5/1966); 7) Thereza Wilma Cysne Frota de Oliveira (30/8/1968) casada com Fernando Araújo de Oliveira (30/9/1964) com quem teve cinco filhos: a) Alexandre Cysne Frota de Oliveira (16/10/1996); b) Eduardo Cysne Frota de Oliveira (1/7/2002); c) Henrique Cysne Frota de Oliveira (17/7/2007); d) Guilherme Cysne Frota de Oliveira (23/5/2009), e Carolina Cysne Frota de Oliveira (12/3/2012).

Maria Helena Soares Mattos (15/4/1929- Fortaleza – 30/1/1993- Salvador), **minha mãe**, casou com José de Castro Mattos (4/5/1923 – Fortaleza – 4/7/2001 – Salvador), e tiveram sete filhos: 1) Sérgio Augusto Soares Matos (1/7/1948), jornalista e doutor em comunicação, casado em primeiras núpcias com Maria Helena de Medeiros Chaves Mattos, jornalista, com quem teve dois filhos: a psicóloga Paula de Medeiros Chaves Mattos (25/1/1973), solteira sem filhos, e o advogado Rafael de Medeiros Chaves Mattos (9/1/1977) casado com Alice Helena Girwood Mattos (1/1/1979), mãe de Giovana Girwood de Lacerda (10/7/1998), Sofia Girwood Mattos (26/6/2002) e de Henrique Girwood Mattos (28/12/2014). Em 2003, Sérgio Mattos casou com Denise Orrico de Araújo Mattos, sendo que antes desse segundo casamento oficial, manteve uma relação estável por quase dez anos com a pedagoga Heloísa Helena Dias Lima Soares; 2) **Amarílio Aderson Soares Mattos** (17/2/1951) administrador, casado com Edileusa Brandão Matos, com quem teve dois filhos: o médico veterinário Leonardo Brandão Mattos (10/12/1979) casado com Joyara Menezes Freitas Matos (5/10/1992), pais de Ana Maria Menezes Freitas Mattos (3/1/2013) e a jornalista e publicitária Rebeca Brandão Matos e Souza (21/1/1983) casada

com Paulo Tarso Ribeiro de Souza (4/8/1980), pais de Theo Brandão Mattos de Souza; 3) **Mauro César Soares Mattos** (13/9/1952), casado com Ana Lúcia Souza Mattos (28/7/1957) que adotaram Gabriel Souza Mattos (6/11/1985), que casou e se separou de Acça Jaena Leite Maia, com quem teve as gêmeas Mariana Leite Mattos e Luana Leite Mattos, nascidas em 15 de abril de 2008; 4) **Maria da Penha Mattos Cavalcante** (12/2/1958), economista, casada com Jorge Farias Cavalcante (1949-2006) com quem teve três filhos: Erika Mattos Cavalcante (15/6/1981), Alexandre Mattos Cavalcante (30/7/1983) e Bruna Mattos Cavalcante (27/3/1986); 5) **Cláudio Soares Mattos** (11/11/1960), administrador, casado em primeiras núpcias com Deise Maria de Matos Mutti, com quem teve dois filhos: Marília Mutti Mattos (7/4/1994) e Victor Mutti Mattos (8/9/1995). Depois da separação da primeira esposa, vive, em união estável com Claudia Oliveira Del Rei; 6) **Lúcia Helena Soares Mattos** (18/4/1964) que é mãe de Pedro Henrique Soares Mattos (19/12/1992); e 7) **Daniel Soares Mattos** (3/11/1966), casado com Maria José Teixeira Mattos (16/5/1966) com quem teve três filhas: Alice Teixeira Mattos (16/4/1997), e as gêmeas Hannah Teixeira Mattos e Luma Teixeira Mattos (23/7/2002).

Maria Ione Frota Correia Lima (22/11/1934, casada com Kleber Correa Lima (29/09/1930), teve cinco filhos: 1) Valéria Correia Lima Nogueira (29/6/1957), economista e professora, casou com José Ivamar Nogueira Braga (17/4/1955), engenheiro civil, e tiveram um filho: Robsom Correia Lima Nogueira (24-06-1987); 2) Fátima Frota Correia Lima Sampaio (11/5/1959), pedagoga e professora, casou com Williams Vidal Sampaio (20/7/1963), engenheiro elétrico, e tiveram dois filhos: Davi Frota Correia Lima Sampaio (8/3/1989) e Clarissa Frota Correia Lima Sampaio; 3) Kleber Correia Lima Filho (27/5/1960), engenheiro civil, casou com Maria das Graças Holanda Correia Lima (1/5/1964) e tiveram dois filhos: Judá Holanda Correia Lima (1/7/1992) e Lucas Holanda Correia Lima (9/7/1994); 4) Eduardo Frota Correia Lima (30/1/1965), arquiteto, casado em primeiras núpcias com Gardênia Oliveira, com a qual teve um filho: Levi Oliveira Frota (30/7/1991). Casou em segundas núpcias com Alecsandra Moreira Sousa Frota, professora, e tiveram dois filhos: Rafael Moreira Frota (8/11/1999) e Maria Letícia Moreira Frota (3/7/2004); 5) Cecília Frota Correia Lima Luna (8/9/1968), psicológica, casou com Marco Felipe Luna Rodriguez (18/12/1963), professor, e tiveram uma filha: Rebeca Alexandra Frota Luna.

Neuman Maria Soares de Resende (28/5/1936), casada com Gerardo Magela de Resende (11/09/1939), tiveram quatro filhos: 1) Neuman Fernanda de Resende Mattos (20/7/1956), economista, casada (30/1/1981) com Francisco José Lima Matos (16/4/1947), economista e tiveram dois filhos: Bruno de Resende Matos (24/2/1983), psicólogo, e Arthur de Resende Matos (19/3/1985) arquiteto; 2) Neuman Solange de Resende (1/10/1958), engenheira química, casada (6/9/1986) com Luiz Cláudio Moreira Paschoal (09/7/1960), engenheiro químico, com quem teve três filhas: Bárbara de Resende Paschoal (17/08/1989), Beatriz Resende Paschoal (25/2/1997) e Sofia Resende Paschoal (14/7/2004); 3) Gerardo Wilson de Resende (7/6/1960) economista, casou (30/5/1986) com Mônica Sampaio Rezende (30/12/1960), enfermeira, tiveram dois filhos: Rafael Sampaio Rezende (26/11/1989) e Natália Sampaio de Rezende (13/10/1992); e, 4) Gerado Sérgio de Resende (23/1/1969) engenheiro agrônomo, casou (3/5/1997) com Emília Buarque Resende (1/10/1972) turismóloga, tiveram dois filhos: Amanda Buarque Resende (12/3/2007) e André Buarque Resende (22/5/2009).

José Wevergthon Aguiar Soares (19/08/1938), geólogo, casado com Nerilma Maria Néry Soares (8/1/1941), que adotaram: 1) Viviane Nery Aguiar Soares (13/8/1977) que teve uma filha com Nertan de Aguiar Ferreira: Ana Victoria Nery de Aguiar (06/10/2005), 2) Luís Gustavo Aguiar Soares (11/7/1979) casado em primeiras núpcias com Maria Solange Gonçalves com quem teve um filho: Luís Gustavo Nery Soares Filho (12/4/1999). No segundo relacionamento, com Ana Vanessa Pereira Teixeira teve duas filhas: Ana Valentina Pereira Soares (17/8/2009) e Ana Luisa Pereira Soares (20/7/2011).

Marcelo Renato Aguiar Soares (2/1/1943 e morreu em 3/2/2011 casado em primeiras núpcias em 19/02/1965, com Maria Elizabete Lima Aguiar (20/9/1941) e tiveram seis filhos: 1) Francisco Marcelo Lima Aguiar (5/10/1965), empresário, casou em 20/9/1986 com Eliene Mendonça (22/4/1965), médica veterinária, e tiveram um filho: Francisco Marcelo Lima Aguiar Júnior (12/5/1990). Num outro relacionamento com Ana Vera Gomes Castelo teve uma filha: Renata Castelo Aguiar (26/8/1994). Casou-se novamente em 27/9/2009 com Kátia Rocha Cunha Lima, advogada, e tiveram uma filha: Luana Cunha Lima Aguiar (3/1/2008); 2) Ana Cristina Lima Aguiar (23/10/1966), paisagista, que se casou com Francisco Célio Barbosa Gomes e teve uma filha Zizi Aguiar Gomes (27/9/1990). Depois casou com Álvaro de Araújo Ferreira Lima Filho (29/2/1972) Militar do Exercito, com quem teve mais dois filhos:

Álvaro de Araújo Ferreira Lima Neto (2/7/1999) e Catarina Aguiar Ferreira Lima (1/11/2000); 3) Luíza Helena Lima Aguiar (9/5/1968), Administradora, casou com José Enéas de Mesquita Cury (3/9/1977) e tiveram uma filha: Gabriela Aguiar Cury (10/4/2001); 4) Regina Cl´~audia Lima Aguiar (7/4/1970), administradora, solteira sem filhos; 5) Alexandre Aderson Soares Frota Neto (3/4/1973), diretor de Tecnologia, casou em 14/4/2006 com Eveline Costa Alves (14/5/1981), proprietária de escola infantil, e tiveram uma filha: Grace Elizabete Costa Alves Soares Frota(21/8/2011); 6) André Lima Aguiar (23/5/1974), sócio Empresa de Informática, casou em 2/2/2007 com Analy Rodrigues de Oliveira (5/10/1977), médica otorrino, e tiveram dois filhos: Sérgio Rodrigues Aguiar (11/6/2008) e Marcelo Rodrigues Aguiar (11/8/2010).

ANEXO 3

BREVE PERFIL DE COSME DE FARIAS[8]

– O senhor aceita um cafezinho?

– Aceito sim, meu filho. Quanto é que custa?

Assim, estranhando que o cafezinho oferecido pelo boy da Assembleia Legislativa fosse de graça, o major Cosme de Farias fez a sua primeira intervenção, como deputado mais velho do mundo, pedindo ao prefeito da cidade do Salvador maior empenho para a reabertura do Elevador do Pilar.

Foi no dia primeiro de abril de 1971, véspera de completar 96 anos de idade, que o major Cosme de Farias sentiu, no plenário da Assembleia, o peso de uma experiência parlamentar que ultrapassa meio século e que equivale à soma dos mandatos anteriores de todos os demais deputados, se somando também o tempo em que atuou como vereador. Na Assembleia, o velho rábula, que defende os pobres desde a mocidade, vive a sua quinta legislatura.

As outras quatro foram vividas entre os anos de 1914 e 1922, elegendo-se como candidato avulso para os mandatos de dois anos. "Não sendo, na época, do governo ou da oposição, mas independente, eu já torcia muito pela oposição" – disse o deputado.

Este ano, acompanhado de velhos amigos, o deputado Cosme de Farias foi à Catedral Basílica para assistir missa mandada celebrar pela Liga Baiana Contra o Analfabetismo em comemoração ao seu aniversário. Após a missa, o deputado recebeu uma caneta de presente, que será oferecida, por ele, no fim do ano, ao melhor aluno do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia.

Naquele dia, o major estava tão cansado que não pôde comparecer ao já tradicional almoço que, todos os anos, lhe é oferecido no Bar Brasília, onde saboreava boas batidas com seus amigos. Quando seus amigos souberam que o deputado Cosme de Faias não iria comer a galinha ao molho pardo, no Bar do "bigodinho", ninguém apareceu. O proprietário do Bar Brasília, um português boa praça, conhecido por "bigodinho", mas que agora está sem bigode, é amigo do major há mais de 30 anos.

---

[8] Este perfil de Cosme de Farias foi publicado parcialmente na *Tribuna da Bahia* no dia 2/4/1970.

Apesar do trovador Clodoaldo Duarte se admirar que o "major Cosme ainda toma batida, uma vez por outra, mas sem abusar, devagar e sempre", o deputado Cosme de Farias, frisando sempre "fui repórter por mais de 48 anos", diz que "deixei de tomar cachaça, agora só cerveja".

Há alguns anos atrás, recorda o velho Cosme, era com determinação que dizia nunca ter ido ao médico. Mas teve que ir a um oculista porque seus óculos "já não me ofereciam uma visão tão boa". Hoje, ele mesmo brinca com seu aspecto: "sem dente e sem parente" e com vaidade afirma: "sou o último sócio-fundador vivo do Clube Carnavalesco Inocentes do Progresso". Ele afirma que já brincou muito carnaval, mas hoje se limita a assistir.

Recordando ainda, ele desabafa com uma voz quase sussurrante: "Tenho saudades dos velhos tempos porque agora já estou de pernas fracas e não posso mais comer mocotó, lombo, e não tenho mais nenhum dente". Há dois anos, seu aperitivo preferido era vermute com cachaça. No almoço costumava tomar vinho "Clarete" e à tarde bebia qualquer marca de cerveja, que ainda hoje tem que ter casco escuro e estar natural. Cosme, que costumava tomar um aperitivo de manhã cedo, dizia sempre: "Quem não toma abrideira (cachaça) não vive por muito tempo. Uma cachacinha de manhã é coisa boa, especialmente se está chovendo".

O deputado Cosme de Farias não tem medo da morte. Àqueles que se preocupam com a morte, ele diz: "Atualmente vivo a vida de Cosme, pode ser que depois dos 100 anos passe a viver a vida de Damião". Demonstrando disposição para o trabalho, afirma que "como deputado pretendo trabalhar pela coletividade, principalmente pela Educação popular, pelo futuro da Pátria".

Provando que não tem medo da morte, Cosme conta que há uns quatro anos atrás começou a cuidar dela. Assim, deu ao Colégio dos Órfãos de São Joaquim a quantia de CR$10,00, para serem pagos ao corneteiro que tocar "Silêncio", junto à sua cova, no momento em que for enterrado. Ele autorizou o seu procurador-secretário, Sr. Antônio Pinto, com quem reside atualmente, caso ao morrer o custo de vida tenha desvalorizado a moeda, que seja entregue mais CR$10,00 ao corneteiro, para quem já fez até uma quadrinha:

"Quando eu morrer corneteiro
Alma piedosa e nova
Toca, por favor, "Silêncio"
juntinho da minha cova"

Interrogado sobre como adquiriu o título de major, que recebeu no dia 14 de novembro de 1909, o deputado Cosme de Farias explicou:

– Foi Pedro Celestino Brandão, empregado da Câmara de deputados, quem promoveu o movimento para me oferecer a patente de major da Guarda Nacional, encabeçando ainda a subscrição popular e preparando-me uma manifestação em sua residência.

Naquela época, o major era um simples repórter do *Diário de Notícias*, recebendo cerca de 200 mil réis de ordenado. Já atuava como rábula, direito outorgado depois que conseguiu absolver um ladrão no Fórum local, colocando-se na defesa dos pobres, como ainda hoje continua fazendo.

O deputado Cosme de Farias, figura das mais tradicionais de Salvador, usa com orgulho o colarinho branco, alto e engomado, e exerce a advocacia há mais de 65 anos, "sempre defendendo, jamais acusando. Certa feira, a Ordem dos Advogados tentou impedir-me de advogar, mas isto foi logo ao ser criada. Felizmente, terminei vencendo a questão e fui aclamado pelo povo e alguns juízes como o advogado dos pobres".

– Já defendi muita gente e tenho encontrado casos curiosos como o daquele indivíduo que roubou a Igreja do Bonfim e foi preso. Fui seu advogado e muita gente protestou, pedindo até a minha excomunhão. Defendi o sujeito e disse: Se o Senhor do Bonfim precisar de mim para defendê-lo, também o defenderei, porque sou e serei advogado de defesa.

O seu escritório de rábula está instalado no corredor de uma das mais antigas Igrejas de Salvador, a de São Domingos dos Clérigos, que está sendo restaurada pelo Patrimônio Histórico Nacional. Esta Igreja fica no Terreiro de Jesus, bem em frente à Catedral Basílica. Apesar de simples, uma mesa e cadeira, o escritório é frequentado por dezenas de pessoas, que o procuram em troca de uma defesa.

Depois que sua mulher morreu, em 1964, com 90 anos, o deputado Cosme diz que "minha casa perdeu muito da atmosfera de um lar e viu-se invadida pelo clima que reina no escritório da Igreja. Aliás, seu escritório sempre funcionou em lugares modestos. Há 12 anos, ele atendia as pessoas na Rua do Saldanha, no horário das 9 às 17 horas. Hoje, ele atende apenas pela manhã e, devido ao cansaço, não está aparecendo todos os dias porque guarda as energias para poder comparecer à Assembleia Legislativa, onde ainda não falou uma só vez.

Seu escritório teve vários apelidos, alguns até curiosos, tais como "Quitanda da Liberdade" e "Purgatório", entre outros. O velho rábula atende uma média de 10 a 15 pessoas por dia e como todos são pobres, ele faz questão de frisar: "Não dou preço dos meus trabalhos de solicitador a ninguém, cada um paga o que quer e quem não pode pagar, não paga".

O major deputado Cosme de farias ingressou na política há mais de 55 anos, combatendo Ruy Barbosa e apoiando José Joaquim Seabra, os dois homens que disputavam a preferência dos baianos. O velho Cosme acredita ter sido o primeiro legislador brasileiro a apresentar proposição para aumentar o salário do funcionalismo público. O seu projeto, datado de 1916, mandava dar 30% de aumento ao funcionalismo estadual. Segundo ele, na época:

– Foi uma bomba. Um Deus nos acuda. Só não me chamaram de subversivo, e isto, talvez, porque a palavra, na época, não estava em moda.

Depois de 1922, o major Cosme só retornou à Câmara em 1951, como suplente. Atualmente ele diz que é do MDB "porque a Arena é o partido dos grandes e eu sempre estive do lado dos miúdos". Em 1967, quando, suplente de deputado, ia tomar posse porque um deputado havia morrido, quiseram lhe impedir, alegando falta de condições. Mesmo assim, o major Cosme fez, para a imprensa, um resumo do que pensava:

> *Sou 100 por cento oposição, mas contra a anarquia. A democracia é o único regime que serve ao povo. O povo da Bahia está morrendo de fome, precisa de ajuda. Continuo a ser o que José Joaquim Seabra me ensinou a ser: um civilista. Mil vezes já me perguntaram por que vivo tanto. Respondo sempre: porque acredito em Deus e não na morte.*

O que ele disse em 1967, endossa novamente e acrescenta: "Pretendo trabalhar e construir hospitais, asilos e escolas". O major Cosme de Farias que já escreveu três livros: *Lama e Sangue*, *O Político* e *Trovas e Quadras*, revertendo todo o lucro dessas edições em benefícios dos pobres e de Casas Pias. Aliás, a preocupação do velho Cosme para com os pobres é constante. No dia 15 de abril, num despretensioso requerimento apresentado à Assembleia, o major Cosme de farias pediu que a Casa fizesse um apelo ao governador Antonio Carlos Magalhães, para que sejam construídos na Bahia, 336 "patronatos agrícolas para menores desvalidos" e 336 abrigos "para os velhos e as velhas desamparados", num total, portanto, de 672 a serem instalados nos municípios do Estado.

Para construir e fazer funcionar os patronatos, onde os menores desvalidos "serão preparados aos fulgores da carta de ABC" e os abrigos, o major Cosme quer que o governador entre em entendimento com todos os prefeitos dos municípios baianos, que são 336, para que cada um deles construa o seu patronato e o seu abrigo de velhinhos.

Depois de apresentar o seu requerimento, o deputado Cosme de Farias continuou sentado em sua cadeira, na primeira fila do plenário, como se nada houvesse acontecido.

Sabe-se que poucos dias após a diplomação dos deputados da atual legislatura, como se fosse o destino, o presidente do diretório do MDB baiano, Sr. Francisco Bastos, que nas últimas eleições conseguiu apenas se colocar como segundo suplente, armou uma trama para afastar o major Cosme de Farias, alegando, como alegaram em 1967, falta de condições físicas, a fim de que pudesse assumir o mandato.

O presidente do MDB baiano queria conceder um título de deputado honorário ao deputado mais velho do mundo, o major Cosme de Faria, com direito a uma pensão. Com isto ele pretendia afastar o major, alegando falta de condições físicas. Caso o golpe se consumasse, no lugar de Cosme assumiria o primeiro suplente, enquanto ele passaria a primeiro suplente. Como era esperado que o governo atual convidasse um deputado do MDB para exercer um cargo no executivo, ele, Francisco Bastos, automaticamente assumiria o lugar deste deputado.

Apesar de grande publicidade, a trama do presidente do diretório do MDB baiano caiu por terras e o major Cosme de Farias continua a fazer requerimentos como que o que fez em sua segunda intervenção nos trabalhos da Assembleia. Este requerimento foi destinado também ao prefeito:

> *Requeiro que seja feito um apelo ao Excelentíssimo Senhor Dr. Clériston Andrade, esforçadíssimo prefeito desta cidade, para que sua Excelência instale um albergue noturno pelas imediações da Estação da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, situada na zona da Calçada, para as pessoas pobres que procedem do interior deste Estado e que por falta de recursos financeiros ficam dormindo por ali ao abandono, apresentando, assim, um espetáculo tristíssimo, doloso, deprimente e vergonhoso".*

O major Cosme de Farias, que é o deputado mais velho do mundo, acorda diariamente às 5 horas, quando toma "café puro com umas bolachinhas",

foi o fundador da Liga Baiana Contra o Analfabetismo e ainda é o seu principal promotor de campanhas.

Vosmecê que sente n'alma
o borbulhar do civismo,
Ajude também a luta
Contra o analfabetismo.

Suas quadras clamam contra o analfabetismo e conclamam o apoio de todos. Elas são publicadas nos jornais locais e sempre o velho Cosme envia algum bilhete ou carta,. Manda também uma quadrinha. Os seus envelopes são carimbados, sem exceção, com as palavras: "Abaixo o Analfabetismo".

Com estas quadras ele conseguiu o diploma de Trovador nº 1 da Bahia, que lhe foi conferido pelo Grêmio Brasileiro dos Trovadores. A liga Baiana Contra o Analfabetismo já instalou mais de 200 escolas que receberam os nomes dos professores e amigos do major, que gosta de dizer o que costuma fazer:

– Duas vezes por ano faço a minha romaria à estátua de Castro Alves nos dias 14 de março e 6 de julho, levando flores ao Poeta dos Escravos. No dia 21 de agosto também, data natalícia de Seabra, vou ao Campo Santo reverenciar o grande amigo desaparecido.

Hoje Cosme de farias, o mais velho deputado do mundo, possui 96 anos, mas sua carteira de identidade assim o descrevia há 40 anos: Cabelos grisalhos, bigodes grisalhos e sobrancelhas grisalhas. Atualmente, Cosme mudou um pouco: o que era grisalho ficou branco, os dentes que tinha caíram. O que fazia há tempos, continua a fazê-lo, mas de modo controlado e ainda usa o mesmo tipo de roupa de linho, com a camisa de colarinho alto e engomado.

ANEXO 4

RELATÓRIO DO ENCONTRO JORNALÍSTICO DE VITÓRIA-ES.[9]
(De primeiro a quatro de junho de 1973)

Durante a convenção de executivos de empresas jornalísticas, realizado em Vitória, espírito Santo, no período de 1 a 4 de junho, sob o patrocínio do jornal A Gazeta, tive oportunidade, extra debates, de colher várias informações e experiências diversas, que se aplicadas no jornal *A Tarde*, principalmente no novo prédio, quando da implantação do sistema offset, passaremos a ter um jornal assentado em bases estruturais redacionais mais modernas.

Observamos de início que havia uma preocupação comum entre os executivos presentes: buscar novas experiências, tanto no campo industrial e comercial, como no redacional. Uma tentativa de enquadrar seus jornais como verdadeiras empresas, voltadas para uma expansão crescente e tentando realizar um investimento seguro.

No campo redacional – no qual vamos nos prender –, a preocupação é grande. Partindo do problema-chave que é a mão-de-obra qualificada, os jornais presentes, em sua maioria – conforme constatei em conversas informais –, têm procurado aperfeiçoar o pessoal de que dispõem, oferecendo cursos e estágios em centros mais avançados, a exemplo de Rio de Janeiro e São Paulo. É obvio, que, para não perderem esta mão-de-obra aperfeiçoada, na qual a empresa está investindo, outro investimento se faz necessário: a melhoria dos níveis salariais.

A melhoria dos salários vem se processando através classificação do pessoal (Plano de Cargos e Salários). Os editores e secretários, além dos salários, percebem comissões pelos cargos ocupados, que variam também de acordo com a importância de cada editoria.

---

[9] Relatório apresentado por Sérgio Mattos a Renato Simões, superintendente do jornal *A Tarde*; com cópias para Jorge Calmon, diretor-redator-chefe e Arthur Luis d'Almeida Couto, gerente-administrativo. Ao relatório foi anexado amplo material informativo sobre os jornais que participaram do Primeiro Encontro Jornalístico de Vitória, além de formulários de controle e de apresentação visual da papelada de cada empresa, incluindo exemplo de laudas para uso dos jornalistas na redação.

A classificação do pessoal é realizada sempre em conjunto. Os chefes imediatos fornecem as listas dos que podem ser promovidos. Observe-se que o regime de classificação é feito independentemente do aumento concedido através dos acordos patronais com os sindicatos.

Os resultados obtidos com esta política, segundo testemunho dos que a vem aplicando, tem sido dos melhores, pois evita o comodismo, desperta o profissionalismo sério e comprometido com as funções sociais, além de elevar o nível do produto (o jornal) que é oferecido ao consumidor, que se torna cada vez mais exigente.

A necessidade de qualificar o pessoal de redação, e de outros setores, se torna imperativo devido à concorrência e também porque serve para desenvolver uma nova mentalidade profissional que contribui para eliminar as falhas existentes, combater a "picaretagem" e os baixos salários dos jornalistas.

Foi assunto de debates a participação dos jornalistas em corretagem e o resultado, que fazemos questão de destacar, foi de que "o jornalista é jornalista e por isso não deve atuar como corretor de publicidade em nenhum caso, visando a valorização profissional do homem".

Se o jornalista passa a praticar a corretagem de anúncios, automaticamente esta pratica vai perturbar e influenciar no seu trabalho, desviando-o de seus objetivos. Além do mais, isto impede a especialização e dificulta o bom desempenho do jornalismo. A prática da corretagem de anúncios e os baixos salários são os principais motivos para a picaretagem e o não aperfeiçoamento técnico do profissional de imprensa.

Observamos nos jornais presentes à convenção a tendência de contratarem profissionais sob regime de tempo integral, o que em parte serviria para eliminar que o tempo ocioso seja empregado em "bicos", que comprometem o tempo que deveria ser utilizado para o aperfeiçoamento profissional.

À primeira vista, o exposto parece utópico, mas não é uma vez que empresas, tais como a revista *Veja*, *Jornal do Brasil* e *O Globo,* já vêm pondo em prática vários pontos aqui citados. Observe-se que muitos dos melhores profissionais de nosso Estado estão trabalhando nas sucursais desses veículos que, além de pagarem melhores salários, oferecem melhores condições de trabalho para o bom desempenho profissional.

A busca de uma mão de obra qualificada – o profissional de imprensa consciente – não representa um investimento financeiro muito alto, uma vez que ela (a mão-de-obra) pode substituir pelo menos três semi-qualificados ou acomodados e resultar numa produção "N" vezes maior e com uma finalização mais objetiva, resultando num produto de melhor qualidade e conteúdo.

O funcionamento operacional das diversas redações é variável. Porém, tirando um pouco da experiência de cada um poderemos montar um esquema, que se não é perfeito, pelo menos oferece inúmeras vantagens. Entre elas, a de controlar o jornal no dia a dia, desde o momento em que ele começa a ser planejado. Este controle, se seguido à risca, facilitará a identificação dos erros e atrasos que o jornal venha a sofrer. Isto é de fundamental importância, principalmente quando já se sabe que quanto mais cedo o jornal circular mais longe ele chega e maior número de exemplares serão vendidos.

Os repórteres são controlados em todas as missões pelo Chefe de Reportagem que acompanha, orienta e cronometra a entrega do material sem prejudicar ou interferir na qualidade. Para que isto se concretize, tanto a chefia da reportagem como os editores deveriam exercer suas funções em regime de tempo integral e contar com a ajuda direta de sub-chefes e/ou pauteiros. A Chefia de reportagem controlaria produção e qualidade de seus repórteres e anotaria em boletins gerais diários. Isto facilitaria inclusive a avaliação de cada um dos comandados, além de ajudar na alimentação da secretaria com matérias dentro dos prazos previstos. Sugere-se que os repórteres também sejam contratados com tempo integral e com salários condizentes.

Cópias da pauta seriam enviadas ao redator-chefe, secretários e editores que, conjuntamente, programariam as páginas do jornal com assuntos pré-selecionados. Observamos alguns itens básicos para um bom andamento da redação:

1. Todo o material chegado à redação por telex ou teletipo é automaticamente selecionado por origem (local, estadual, nacional e internacional) e afixados em prendedores dispostos ao longo da redação. Cada editor recolhe o seu material específico e passa a selecionar o que será publicado. Aqui se observa ganho de tempo.
2. Não existem diagramadores específicos para página A, B, C ou D. Os diagramadores são colocados em uma única bancada e o editor ou

secretário utiliza o que estiver disponível. Todos trabalham para o jornal e não apenas para determinadas páginas/editorias.

3. Um mapa geral constando das páginas referentes a cada edição é colocado próximo à bancada dos diagramadores e nele vai sendo marcado as páginas prontas, com os respectivos horários em que foram encaminhadas para as oficinas, que têm tempo estipulado para fechar cada página. Com isto, a qualquer momento se pode ter ideia da posição do fechamento do jornal e acompanhar o seu adiantamento ou atraso até em minutos. Este dado é de fundamental importância, pois sabemos que a circulação de uma edição está na razão direta do atraso ou adiantamento do fechamento do jornal.

Este controle evitaria os atropelos, as sobrecargas e a acusação de que este ou aquele departamento é o responsável pelo atraso do jornal. Além de se estabelecer condições para eliminar horas-extras pagas por mau funcionamento das várias etapas do jornal.

Em relação à fundamentação das notícias, observamos ser uma tendência natural a utilização cada vez maior do arquivo e departamento de pesquisas, que devem funcionar com precisão, fornecendo os dados necessários à complementação das matérias de peso a serem publicadas. Quando da distribuição das pautas, automaticamente a Chefia de Reportagem encaminha ao Departamento de Pesquisa uma solicitação dos temas a serem pesquisados para aquela edição.

Com referência a suplementos – a tendência geral é a de oferecer o maior número de informações possíveis aos leitores numa variedade tal que venha agradar a todos os segmentos dos consumidores. Todos os jornais presentes ao encontro de Vitória apresentam suplementos ou cadernos especiais de forma regular. Normalmente, como é o nosso caso, os suplementos são empregados e preparados com antecipação e se atêm a assuntos especializados tais como literatura, turismo, artes, modas, curiosidades, etc.

Os jornais que participaram do Encontro possuem cadernos semanais a exemplo dos maiores jornais do país sobre assuntos agropecuários e infantis. Segundo testemunhos colhidos, ambos são de grande receptividade e por isso facilitam o faturamento. Os suplementos também são úteis no apoio de divulgação das promoções realizadas e que se convertem em prestígio para o veículo.

Promoções – A tendência, principalmente nos jornais mais antigos, é a busca de novos leitores através de promoções que visam as classes estudantis, níveis médio e universitário. Teremos, se for o caso, alguns exemplos a citar a fim de aproveitarmos as ideias que estão sendo utilizadas com sucesso em outros Estados.

CONCLUSÕES

Sugerimos a Curto Prazo:

1. a criação de uma escolinha para melhor formação de nossa mão-de-obra;
2. elaboração de normas redacionais para o jornal, para que tenhamos uniformidade de texto, modernização de linguagem, eliminação de chavões e vícios entre outros itens;
3. elaboração de um termo de convênio com outros jornais para oferecermos estágio e treinamento para o pessoal;
4. implantação do sistema de classificação do pessoal (Plano de Cargos e salários);
5. criação de um Departamento de Promoções e Marketing;
6. implantação do serviço fotográfico e arquivamento através de contatos (isto já visando a implantação do offset);
7. levantamento do tempo gasto no fechamento de páginas por setores: redação, composição, revisão, calandragem, visando a implantação do sistema de controle em segunda etapa;
8. levantamento do pessoal disponível na redação com respectivas funções visando um melhor aproveitamento, redistribuição entre as editorias, contribuindo para reduzir custos e planejar possíveis aumentos salariais.

Médio Prazo:

1. funcionamento da escolinha e automaticamente a utilização das normas redacionais;

2. estudo de organograma de funcionamento da redação, com melhor aproveitamento de todo o pessoal, destacando-se em item à parte os diagramadores;
3. elaboração de projeto e planejamento dos controles de produção de qualidade, além do esquema de funcionamento redacional, inclusive com a criação de uma editoria de cidade;
4. funcionamento do Departamento de Promoções e Marketing em caráter de urgência;
5. criação de um sistema de observação (avaliação) constante dos serviços implantados visando o aperfeiçoamento cada vez maior do jornal como um todo.

Salvador, junho de 1973
Sérgio Mattos
Editor de Suplementos do jornal A Tarde

ANEXO 5

RELATÓRIO DO I ENCONTRO DE JORNALISTAS E REPÓRTERES DE SALVADOR[10] Promovido pela Arquidiocese do Salvador no dia 17 de agosto de 1974

No dia 17 de agosto de 1974 a Arquidiocese do Salvador promoveu o "I Encontro de Jornalistas e Repórteres", realizado no Centro de Treinamento de Líderes de Itapuã, sob a coordenação do Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, com o objetivo de se debater "A Informação a Serviço da Verdade".

Participaram do encontro cerca de 30 profissionais de imprensa, destacando-se a presença de jornalistas qualificados, tais como o presidente do Sindicato dos Jornalistas, o chefe da sucursal de *O Globo*, o chefe da sucursal do *Jornal do Brasil*, o editorialista do *Diário de Notícias*, o sub-editor geral da *Tribuna da Bahia*, entre outros profissionais. Ao encontro estiveram presentes também o diretor de *A Semana*, jornal da Arquidiocese, o chefe do Departamento de Opinião Publica da Arquidiocese, além de cinco freiras, dois padres e dois professores da Escola de Comunicação da UFBA.

Com raras exceções, todos os órgãos de comunicação de Salvador estiveram presentes: *A Tarde*, *Jornal da Bahia*, *Tribuna da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Semana*, TV Aratu, Rádio Cultura e Rádio Bahia, além de representantes das sucursais de *O Globo*, *Jornal do Brasil* e da revista *Veja*.

O "I Encontro de Jornalistas e Repórteres" foi dividido em dois turnos. Pela manhã, Dom Timóteo Anastácio, do Mosteiro de São Bento, fez uma conferência abordando as implicações da informação e da verdade. A esta palestra seguiu-se os debates em grupos. À tarde, após uma conferência do professor Othon Jambeiro, houve debate em assembleia e a elaboração de um documento

[10] Participei do "I Encontro de Jornalistas e Repórteres", promovido pela Arquidiocese do Salvador, no dia 17 de agosto de 1974, realizado no Centro de Treinamento de Líderes de Itapuã, como representante do redator-chefe *A Tarde*, Jorge Calmon, que neste sentido enviou carta ao Cardeal Dom Avelar, coordenador do evento, e do gerente-administrativo, Arthur Couto, que também não poderia estar presente.

sobre as conclusões do encontro que foi encerrado com uma missa celebrada pela Cardeal Vilela.

Primeiro Turno

"A Informação a Serviço da Verdade" foi o objetivo do Encontro. Como se pode observar pelo assunto-tema o encontro teria que viver momentos polêmicos e de posicionamentos políticos inseridos nas manifestações. E realmente foi o que aconteceu:

1. Inicialmente, foram debatidos os problemas da informação a serviço da verdade, concluindo-se que várias implicações (censura, interesses econômicos e despreparo profissional, entre outras), de uma maneira geral prejudicam o desempenho da imprensa que fica impedida de cumprir o seu papel de bem informar e orientar livremente os seus leitores.
2. Foram discutidos os problemas que o jornalista encontra no dia a dia, concluindo-se que as fontes de notícias, em sua maioria, têm medo das "deturpações" e se retraem. Concluiu-se também que o jornalista só "deturpa" uma informação quando não está preparado suficientemente para executar a missão. Como principal causa para o baixo nível profissional encontrado nos veículos locais foi apontado os baixos salários pagos aos profissionais de imprensa em Salvador. Devido aos baixos salários, as empresas encontram dificuldades na contratação e seleção profissionais mais qualificados, que estão sempre em busca de uma melhor remuneração. Concluiu-se, que o jornalismo baiano vive num círculo vicioso, o que vem contribuindo, às vezes, para que até alguns bons profissionais deixem de seguir os princípios éticos, entrando na picaretagem da corretagem de anúncios em troca de um melhor padrão de vida.
3. Debateu-se o comprometimento econômico e político das empresas de comunicação e dos profissionais. Concluiu-se que, quando um jornalista, com poder de decisão dentro de um veículo de comunicação, se compromete de maneira política e/ou econômica, ele acaba por comprometer sua empresa, que fica com a fama.

4. Debateu-se com maior intensidade o relacionamento entre a Igreja e a Imprensa, quando ficou decidido que, para um melhor aproveitamento dos boletins noticiosos distribuídos pelo Departamento de Opinião Pública, um jornalista será contratado a fim de redigi-lo tecnicamente, bem como para facilitar os repórteres que fazem a cobertura do setor. O encontro semanal com o Cardeal também foi solicitado e será restabelecido.

Em síntese, estes foram os assuntos debatidos na parte da manhã.

Segundo turno

A segunda parte do Encontro foi iniciada com uma conferência do professor Othon Jambeiro, da Escola de Comunicação, que falou sobre as tendências e a evolução do jornalismo. Apresentou dados de uma de suas pesquisas, ao longo dos últimos três anos, com informações curiosas. Caso o jornal A Tarde leve-as em consideração poderá tirar proveito no sentido de atender a tendência dos leitores aumentando sua circulação paga.

Entre as curiosidades da pesquisa realizada junto a fazendeiros, destaco o fato de ter sido constatado que as notícias políticas, nacionais e internacionais são as mais procuradas, ao contrário, portanto, da tradição que, inclusive, nos levava a crer que os assuntos policiais e esportivos ainda são os responsáveis pela venda de jornais. Diante dessa constatação, seria prudente que o jornal contratasse a realização de uma pesquisa mais ampla, cobrindo todas as classes sociais, para ficarmos sabendo realmente o que nossos leitores gostam e os que não gostam de ler, para direcionarmos de maneira mais pragmática as decisões editoriais.

Após a conferência do professor Othon Jambeiro houve um debate sobre as tendências do jornalismo baiano e brasileiro, tendo os participantes trocado inúmeras opiniões. Em seguida, uma comissão foi encarregada de redigir um documento, cuja primeira redação, considerada, pela maioria, como "muito forte", foi condenada logo de início.

Enquanto era celebrada a missa de encerramento do encontro, outro grupo foi destacado para redigir/reescrever um documento "que fosse publicável". Este documento foi sintetizado o máximo possível, colocando-se todos os pontos debatidos, com a preocupação da escolha de palavras, a fim de não se criar áreas de atrito com quem quer que fosse, inclusive com a censura, uma vez que os presentes não queriam comprometer a Igreja que estava patrocinando aquele encontro que foi louvado e elogiado por todos. O documento foi aprovado em assembleia, logo após a missa, com

D. Avelar fazendo restrições ao termo "momento histórico em que vivemos", mas por ser voto vencido, a frase permaneceu.

Apesar desta preocupação, pessoalmente, não acredito, que algum órgão venha a publicá-lo considerando que hoje, dia 19, segunda-feira, nenhum jornal o publicou. Mesmo que os resultados do encontro não sejam publicados, eles foram válidos, principalmente para nós, de A Tarde, pois só assim ficamos sabendo que realmente estamos no caminho certo, tendo em vista que já estamos cuidando de todos os pontos falhos que foram apontados na imprensa baiana, muitos dos quais nos dizem respeito. Estamos pensando, creio, a título de exemplo, numa reformulação salarial que contribuirá para uma melhor seleção de profissionais, além de podermos acabar com a picaretagem e com a figura dos jornalistas-corretores.

Eis aí, portanto, um resumo do ocorrido em Itapuã. Fico à disposição dos senhores para maiores esclarecimentos.

Salvador, 19 de agosto de 1974.

Sérgio Mattos

Editor de suplementos.

P.S.: Anexo o texto Conclusões do Encontro.

ANEXO 6

CONCLUSÕES DO ENCONTRO DE JORNALISTAS E REPÓRTERES

Promovido pelo Secretariado Arquidiocesano de Pastoral

Arquidiocese de São Salvador Bahia

Tema Central: COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VERDADE

Presidência: D. Avelar Brandão Vilela, Cardeal Arcebispo Primaz

Coordenação: Comissão Arquidiocesana de Opinião Publica

Local: Centro de Treinamento de Líderes de Itapuã

Data: 17 de agosto de 1974

Os jornalistas profissionais que participaram do Encontro promovido pelo Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, realizado no Centro de Treinamento de Líderes de Itapuã, depois dos debates e conferências sobre o tema Comunicação a Serviço da Verdade, entendem que:

O Jornalismo brasileiro em geral, e o baiano, em particular, vivem no momento uma série de contradições que impedem a realização plena de suas funções como instrumento de formação e informação da comunidade onde atua. Essas dificuldades são tanto de ordem institucional e econômicas – fruto do momento histórico que vivemos – quanto de ordem técnica e profissional.

Segundo o consenso geral, verificado nos debates, a inexistência de uma liberdade plena de informações é o obstáculo maior contra o qual se debate o profissional de imprensa. Essa falta de liberdade é decorrente não apenas da conjuntura, mas também de motivos de ordem setorial ligados aos interesses econômicos da empresa à qual serve. Assim o jornalista hoje se vê diante de um duplo dilema: dificuldade de acesso à plena informação e, uma vez conseguindo-a, defronta-se com injunções empresariais e interesses de toda ordem que impedem ou mutilam a informação, fazendo-a chegar ao seu objetivo – a comunidade – esvaziada dos elementos fundamentais da VERDADE.

Por outro lado, reconhecem o nível insatisfatório de parte considerável de profissionais da comunicação, fruto das deficiências na sua formação e da baixa remuneração que não corresponde a elevada responsabilidade social de seu trabalho.

Consideram, também, da maior validade, iniciativas como a assumida agora pela Arquidiocese, promovendo o debate amplo e livre dessas questões, o que só poderá render frutos positivos para o futuro. Esperam que, inspirados nesse exemplo, outras entidades com a mesma parcela de responsabilidade perante a sociedade, realizem encontros tão oportunos e necessários quanto o que tivemos hoje. Ao mesmo tempo, confiam em que a Arquidiocese não interrompa aqui uma prática salutar não só para ela como também para os profissionais de imprensa e, principalmente, para a comunidade a que ambos servem.

Itapuã, 17 de agosto de 1974.

Assinaram a Nota os jornalistas que participaram do evento como representantes do Jornal da Bahia, Tribuna da Bahia, Diário de Notícias, A Tarde, A Semana,O Globo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, e das revistas Manchete, Veja, Cultura, Bahia e da TV Aratu.

ANEXO 7

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO IRDEB

(Discurso pronunciado por Sérgio Mattos, Diretor-Executivo do IRDEB, na instalação oficial do curso de "Especialização de Recursos Humanos para o Ensino a Distância", em nível de pós-graduação, no dia 18/6/1984. As aulas foram iniciadas no dia 3 de julho de 1984 para 29 técnicos de nível superior do IRDEB. O curso com um total de 450 horas de aula capacitou técnicos na preparação de material para os programa educativos de radio, material impresso e TV).

A educação deve ser vista como um fator essencial de mobilidade social e como chave para o progresso. Consciente da responsabilidade social que o IRDEB tem perante a comunidade, assumimos sua direção como um desafio, sobretudo porque estamos dispostos a trabalhar no sentido de utilizar todo o potencial que este órgão nos oferece, contribuindo desta forma para uma maior valorização do projeto educacional que o Governo João Durval Carneiro, através do Secretário da Educação, Dr. Edivaldo Boaventura, vem implementando na Bahia.

Em maio de 1983, ao assumirmos a direção do IRDEB este foi o início de nossa fala-compromisso. Fala-compromisso porque nossa intenção no momento não era fazer "um discurso de posse" e sim aproveitar a oportunidade para deixar claros nosso posicionamento e nossos propósitos.

Hoje, desejamos nos valer da oportunidade para ratificar nossos propósitos, especificando-os, porém.

Cabe à Fundação IRDEB a responsabilidade de participar do processo de integração da população no seu desenvolvimento econômico e sócio-cultural como Fundação vinculada à Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Esta participação se viabiliza através da utilização das tecnologias educacionais cujo potencial nos indica as possibilidades de:

Primeiro, contribuir para o aumento das oportunidades educacionais, considerando-se não apenas a diversidade e especificidades de clientelas, mas também a quantidade de cada uma delas;

Em segundo lugar, participar dos esforços referentes à melhoria da qualidade do ensino. Tal possibilidade se concretiza inicialmente permitindo a capacitação e reciclagem de docentes independente da localização geográfica, uma vez que os meios de comunicação de massa, quando utilizados como tecnologia educacional, diminuem, anulam mesmo, as distâncias.

Ainda em relação à qualidade do ensino, não podemos deixar de salientar todas as alternativas que as tecnologias educacionais oferecem no sentido da produção de materiais diversificados para diferentes meios, o que assegura o atendimento aos alunos em que pesem suas características individuais de ritmo e estilo de aprendizagem, além dos interesses típicos de sua etapa evolutiva.

Em terceiro lugar, utilizar a informação numa perspectiva não apenas de transmissão de notícias, mas como elemento de promoção e educação de um povo. Em quarto lugar, participar do processo de preservação da cultura e a difusão dos valores regionais de maneira a participar do processo de conscientização das populações como elemento integrante e promotor da história.

Estamos conscientes de nossa responsabilidade como participantes da equipe do Excelentíssimo Senhor Secretário da Educação e Cultura, Dr. Edivaldo Boaventura. Responsabilidade esta que se torna maior na medida em que as expectativas em relação a sua administração são imensas dada sua reconhecida experiência em educação e seu notório saber como homem de letras.

Estamos também conscientes, de outra parte, da nossa responsabilidade ante a comunidade baiana.

Para corresponder às expectativas e responsabilidades necessitamos com urgência, diminuir a distância entre a situação existente no IRDEB e seus compromissos.

O desenvolvimento dos recursos humanos da Fundação IRDEB torna-se prioritário, portanto.

O governo do Canadá, através da CIDA – Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional – apoiou nossa solicitação. Acreditamos ser necessário voltar um pouco no tempo.

O Canadá desenvolveu com o Brasil um Projeto de Radiovisão, tendo como beneficiário direto o IRDEB.

Quando da avaliação final das atividades do Projeto, foi identificada a existência de um saldo de recursos financeiros, destinado originalmente à produção, pelos canadenses, de materiais instrucionais com o objetivo de reciclar recursos humanos. Entretanto, a nova estrutura do IRDEB e seus novos compromissos necessitavam de outro tipo de apoio.

A Embaixada do Canadá através do seu primeiro Secretário e representante da CIDA no Brasil, Sr. Gilles Bernier, juntamente com a Dra. Paz Buttedahl, integrante do Grupo de Avaliação, acolheram nossos argumentos de que a necessidade do IRDEB já não era reciclar seus recursos humanos em uma técnica, no caso, Radiovisão, mas, sim, permitir a seus técnicos uma retomada de seu referencial teórico agora direcionado às tecnologias educacionais de forma mais profunda e abrangente.

A Universidade da Columbia Britânica (British Columbia University) conheceu o potencial do IRDEB e sua proposta de trabalho através da Dra. Paz Buttedahl. Sensibilizada, a UBC acolheu a proposta de fazer realizar na Bahia um de seus cursos de pós-graduação, o qual viria corresponder as necessidade e expectativas desta Fundação.

Nosso agradecimento ao governo canadense, na pessoa do Sr. Gilles Bernier e, em especial, a UBC, na pessoa do Diretor da Faculdade de Educação, Dr. Daniel Birch, cuja presença nos honra neste evento e cuja participação no Seminário de Planejamento, ocorrido nos dias 15, 16 e 17 passados muito enriqueceu os trabalhos e estimulou a produtividade dos participantes.

Gostaríamos, ainda, de nos dirigirmos aos técnicos do IRDEB selecionados para este Curso e agora já matriculados na UBC:

O potencial do IRDEB é o potencial de vocês; a responsabilidade do IRDEB ante a comunidade é codividida com vocês.

Assim, podemos concluir afirmando que nós acreditamos no potencial de cada um de vocês bem como no futuro que se descortina para o IRDEB e para o trabalho de apoio que todos nós, que integramos esta Fundação, poderemos prestar à comunidade atuando como órgão meio da Secretaria da Educação e Cultura. Antes de qualquer coisa, precisamos nos preparar para atuarmos como suporte da educação e este "Curso de Especialização de Recursos Humanos

para o Ensino a Distância" representa, exatamente, um dos passos que estamos dando no sentido de estarmos aptos a oferecer um produto, cada vez mais, de melhor qualidade à Bahia e assim cumprirmos com as diretrizes do governo João Durval Carneiro.

Este livro foi impresso em papel pólen 85g, com impressão fotográfica em P&B, na fonte Sabon LT, na Halley Gráfica e Editora, com tiragem de 700 exemplares, no ano de 2015, para Quarteto Editora.